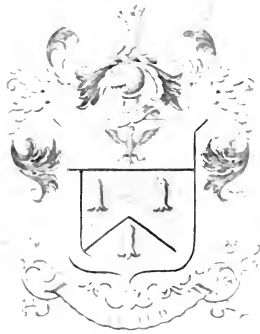


DOM LOURENCO  
DE LIMA.

F. 72.  
N. 995



John Carter Brown  
Library  
Brown University

308.

314.

Mxii

G. 57

E. B. M. O. R. S.

AND  
DAY

THE  
OF

THE  
OF

ERM O E N S

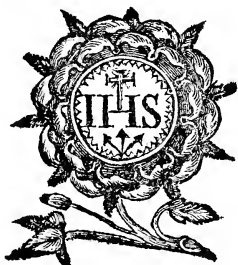
D O

ANTONIO VIEIRA,  
DA COMPANHIA DE

J E S U,

Prègador de Sua Magestade.

U A R T A P A R T E.



EM LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES.  
custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

---

M. DC. LXXXV.

*Com todas as licenças, & Privilegio Real.*

Faint, illegible text at the top of the page, possibly a header or introductory paragraph.

Second block of faint, illegible text, appearing to be a list or series of entries.

Third block of faint, illegible text, continuing the list or series of entries.

Fourth block of faint, illegible text, possibly a section separator or a new entry.

Fifth block of faint, illegible text, continuing the list or series of entries.

Sixth block of faint, illegible text, possibly a section separator or a new entry.

Final block of faint, illegible text at the bottom of the page, possibly a footer or concluding paragraph.

do M. R. P. M. Frey Thomè da Conceyção ; da Sagrada Or-  
dem do Carmo , Qualificador do Santo Officio.

Illustrissimo Senhor.

r mandado do Concelho Géral do Santo Officio vi esta  
arta Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieyra , da  
a Religiaõ da Companhia de Jesu , & dignissimo Prégador  
Magestade. Todos li com o cuidado , que pude , & pede a  
çam de Qualificador de tam recto Tribunal. Confesso ,  
os Sermoens deste grande Talento , & admiravel Prégador  
m que censurar a attençaõ mais critica , & escrupulosa ; pois  
o Autor tam sutil na elevaçam dos pensamentos , tam claro ,  
ante nas palavras , com que os exprime , tam persuassivo ,  
régando , como escrevendo , tam defentranhador da verda-  
Escrituras , & dos Santos Padres , acho , que em nada dif-  
da pureza de nossa Santa Fé , & que tudo , quanto diz , enca-  
à reformaçãõ dos costumes. Só huma censura se pòde dar  
Autor , nam pelos Sermoens , com que fae a luz , mas porque  
em saido a luz com todos os seus Sermoens ; pois promet-  
no Prologo do Primeiro Tomo , doze , se achão impressos  
ómente , & agora he este ainda o Quarto. E serà lastima , que  
lilaçãõ do tempo se sepultem no esquecimento , Obras que  
cem eternizadas em caracteres de ouro. Podendo dizerse do  
r nestes Sermoens , o que do grande Jeronymo disse *Cassiod.*  
*im. l. 1. cap. 21. Pianus , doctus , dulcis , parata copia Sermo-*  
*id quamcumque partem convertit ingenium : totum explicans ,*  
*in excornans , & per diversa disertus , semper aqualis incedens.*  
o dizendo , que o Autor em nenhum dos seus Sermoens tem  
ra de mais , nem de menos , & nam soube dizer n. encs , por-  
que

que em tudo diz tudo o que se pôde dizer. Este he o me-  
cer. Carmo de Lisboa em 11. de Fevreyro de 1684.

*Frey Thomè da Conceyção.*

*Censura do M. R. P. M. Frey Manoel de Santiago, da  
ca Ordem de São Francisco, Qualificador do S. Offi*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

**V**este Livro, que se intitula Quarta Parte dos Ser-  
mões de R. P. M. Antonio Vieyra, Religiofo da Sagrada  
Escrítura de Iesu, Prêgador em tudo Regio. Em cada qual  
se acha grande sustancia, mais espiritualizada a allegoria, fir-  
me methodo, efficaz, pura, & ajustada a doutrina, com que illu-  
strou a Fé na America, reprehendêo os costumes na Europa, & ac-  
tualmente a Nação Portugueza na Italia. No primeiro do Peccador  
pede a nunca mais peccar, que o Author pede, que com mai-  
or paciencia se veja, assim agrada, como se se abtiver  
reprehender, & assim reprehende, como se procuràra nam a  
E em todos com a doçura da linguagem suaviza o amargo  
reprehenção: & com a efficacia da doutrina se livra de toda  
fura de lizonja. Porque huma, & outra cousa faz com libe-  
rdade, eloquencia, modestia, & futiliza. A liberdade nam se opo-  
se a modestia, nem a modestia cede a liberdade. Nesta Obra  
se encontram Oradores, os Theologos, os Prêgadores, & os Estadistas,  
se entreter, & de que se aproveitar, sem que tenhaõ mais  
zejar os Doutos, nem que censurar os maldizentes intrem-  
perantes. E ultimamente, por serem estes Sermoes  
conformes a intelligencia dos Santos Padres, e  
pureza de nossa Santa Fé, & uteis para a reformação dos  
costumes, me parecem dignissimos da licença, que se pede  
Illustrissima, para os dar à estampa, & de que sejaõ de ouro a  
da Imprenta. Lisboa. São Francisco da Cidade em 14. de  
Fevreyro de 1684.

*Frey Manoel de Santiago.*



ra do M. R. P. M. Frey Ioseph de Iesus Maria, Religio:  
so Capucho da Provincia da Arrabida.

SENHOR.

Andoume Vossa Magestade, que visse esta Quarta Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieyra, da Sagrada Reda Companhia de Jesu, dignissimo Pregador de Vossa Magestade. E por esta commissão conheço, que me fez Vossa Magestade substituto do Arcebispo da Bahia na approvaçãõ deste Livro. E avaliando o meu agradecimento esta honra, peço que já fez aquelle grande Prelado, digo, que he muito mais, do que a que elle logra, com huma ventagem muyto mais: porque se a elle deu Vossa Magestade no seu Arcebispado uma Mitra, a mim neste Livro me deu huma Coroa: que reconhece a minha estimaçãõ: *Coronam mihi.* ( *Iob. cap. 31.* ) Depois que o Padre Antonio Vieyra poz de assento na sua casa, seu Engenho, vem incomparavelmente mais ricas as Fructuallas, e de elle Eitado; porque todas atègora por carga de mayor valia, & preciozidade, trazem hum Volume seu, que sendo de tanta sabidoria como este, se acaço se cativàra na Alfandega, e de haver de tirar por despacho, não se podèrã resgatar por todo o mundo. Porque esta foy a tayxa, que na Mesa do Rey lhe poz o Rey mais entendido: *Quoniam omne aurum in natione illius arenã est.* ( *Sapient. cap. 7. v. 8.* ) Neste Volume do quarto, acho eu ( ainda que em distancia infinita ) huma semelhança, que espero seja profecia. Para illustrar o que diz a Escritura sagrada, que foy feito ao quarto dia o Sol: o Padre Antonio Vieyra obrar em edificaçãõ, & admirar o mundo, & em mayor gloria de Deos, lançou este Volume do Sol, e Salamaõ ao quarto dia. O que faz o Sol, disse Salamaõ, & o Salamaõ deste nosso seculo ha de fazer o que faz o Sol, e de seu Livro: *Lustrans universa incircuitu.* ( *Eccles. 1. 6.* ) e ha de fazer mais, com o favor Divino: porque ha de fa-

tisfazer pontualmente o Instituto da sua sagrada Companhia, sendo repetir muitas vezes a empreza gloriosa do seu grande Patriarcha. O Instituto em chegar com a viveza das suas palavras até os confins da terra. Onde tem chegado já com grande força, o harmonioso das suas vozes, que he a occupação com os Filhos da sua Religião sagrada : *Et in fines orbis terrarum* : ( *Psal. 18.* ) & a empreza gloriosa , porque ha de ir a todos , que lerem este seu Livro , a que dem muitos louvores a Deos , por haver criado hum tam singular Ministro do Evangelho na sua Igreja. E he o que o seu Santo Patriarcha por tudo , & tudo continuamente repetia : *Ad maiorem Dei gloriam.* O primeiro Sermaõ está disposto com hum espirito tam elevado de doutrinas , com hum dezejo tam efficaç na melhora das consciencias , com hum zelo tam empenhado na conversão das Almas , nelle nos poz o Autor em pratica tudo o que no do primeiro volume nos deixou por advertencia. Naquelle disse com I ( *Isai. 6.8.* ) que os Prêgadores havião de ser Nuvens , de que sem Relampagos , Trovoens , & Rayos. E tudo he , & faz neste primeiro Sermaõ. Despede Relampagos , que aluzam aos peccadores as cegueiras : Trovoens , que lhe atemorizem as consciencias : & Rayos , que lhe matem as culpas. Grande , tremendo , admiravel Sermaõ ! E tam admiravel , que sendo por primeira vez neste Quarto Volume , bem se poderá dizer por elle , que como a Aguia de Ezechiel , a sy , & aos tres excede com grãde prudencia : *Facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor.* ( *Ezech. 1. 10.* ) não fora este meu parecer muito culpavel ( se a sua igualdade fora tam conhecida ) porque he o Autor tam unico , que só elle mesmo podia ser excedido. Nos dous Mandatos , me pareceu perder a aposta hum grande Cortezaõ , & Ouvinte , que atendo a ambos , lhe pareceu melhor o da manhã : fundando o seu recio na razaõ de outro Entendido , que atrevendose a a frente que havia nesta Corte quem prégava melhor que o Padre Antonio Vieira , acudio logo dizendo , que era o mesmo Padre , e do prégava segunda vez. E eu tenho por impossivel , que por ver juizo , que o faça na differença , onde os mayores juizos s

suspensão. Mas para concordar os pareceres ; conservando  
dito ao Autor, digo, que todos os Sermoens são grandes ;  
e todos são seus : que como he tam rica de erudição a Mi-  
nde nasce m estes doutissimos partos , nam deixa aos segun-  
que vivaõ de alimentos dos primeiros ; porque todos são  
dos conservando o excellente apellido do seu insigne Ora-  
que por remorços de consciencia nos restitue no espirito dos  
critos a falta, que nos fazia a sua voz nos Pulpitos: observã-  
esta substituição tudo o que advertio Seneca , ponderan-  
scritos de Valerio Maximo : *Tribus modis homines aggre-  
penetrando aures , demulcendo oculos , & animos invadendo.*  
Douto , & Entendido applica a sy os ouvidos para ensinar  
clareza : com o Politico , & Discreto atrahe a sy os olhos pa-  
ertir com doutrina: com o Doutrinal , & Catholico penetra  
ações para converter com efficacia : sendo admiravel em  
na futiliza do seu engenho , na fineza do seu discurso , no  
ente do seu estylo , no pezo das suas razoens , na proprieda-  
pureza das suas palavras. Porque com as espirituas enleva,  
as discretas agrada, com as compassivas enternece, com as  
bas atrahe , com as temerosas compunge , & com todas per-  
maravilhoso em tudo sobre os hiperboles de toda a admira-  
E assim espero , que sejam os seus Livros , brevemente , em  
os idiomas da Europa traduzidos , & em todas as suas lin-  
mpressos ( como o andaõ já muitos dos seus Sermoens em  
s. ) E dirã m com Cassiodoro em hum , & outro sentido : *Ha-  
ec distributa praeconium , conjuncta miraculum.* Não se acha  
Livro cousa alguma, que encontre o serviço Real, tendo mui-  
ue acreditam o Reyno. Pelo que a licença , que pede , he de  
pontualidade com que tem obedecido ao que Vossa Ma-  
de lhe mandou. E tenho por sem duvida , que Vossa Mage-  
lha ha de conceder , por conhecer como Rey tam ajustado ,  
e as petições de graça tem só da Regalia toda a sua depen-  
a ; nos requerimentos de justiça , parece que não tem a Ma-  
de Regalia. Isto he o que me parece. Vossa Magestade man-  
o que for servido. Convento da Boa Viagem em 27. de Fe-  
vro de 1684. Frey Ioseph de Iesu Maria. LI.



# LICENÇAS.

Da Religião.

**E**U Antonio de Oliveyra, da Companhia de Jesu, Provedor da Provincia do Brasil, por especial concessão que me foy dada de nosso M. R. P. Carolo de Noyelle, Prepositoral, dou licençã, para que se imprima este Livro, Quarta Parte de Sermoens do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, e de seu Legador de Sua Alteza, depois de ser examinado, & approvado por as Pessoas doutas, & graves da mesma Companhia. E por ver dei esta, assinada com meu final, & sellada com o Sello de meu officio. Dada na Bahia aos 6. de Julho de 1683.

*Antonio de Oliveyra.*

---

Do Santo Officio.

**V**istas as informaçoes, pôde-se imprimir a Quarta Parte de Sermoens do Padre Antonio Vieira, de que esta petição é menção. E depois de impressa, tornará para se conferir, & dar licençã, que corra: & sem ella não correrá. Lisboa 16. de Fevereiro de 1684.

*Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel,  
Ieronymo Soares. Ioão da Costa Pimenta,  
Bento de Beja de Noronha.*

Do Ordinario.

Ode se imprimir a Quarta Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieira. E depois tornará para se conferir, & dar licença correr: & sem ella não correrá. Lisboa 17. de Fevereiro 1684.  
*Serraõ.*

---

Do Paço.

Ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. E depois de impresso tornará à Mesa, para se conferir, & conferir. E sem isso não correrá. Lisboa 13. de Março 1684.

*Roxas. Noronha. Marchaõ. Azevedo.*

Isto estar conforme com o seu Original, pôde correr este Livro. Lisboa 23. de Janeiro de 1685.

*Joel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel. Caymo Soares. João da Costa Pimenta. Bento de Beja de Noronha.*

Ode Correr. Lisboa 25. de Janeiro de 1685.  
*Serraõ.*

Aixaõ este Livro em doze Toftoens. Lisboa 23. de Janeiro de 1685.

*Lampreda. Marchaõ. Azevedo.*



# SERMOENS,

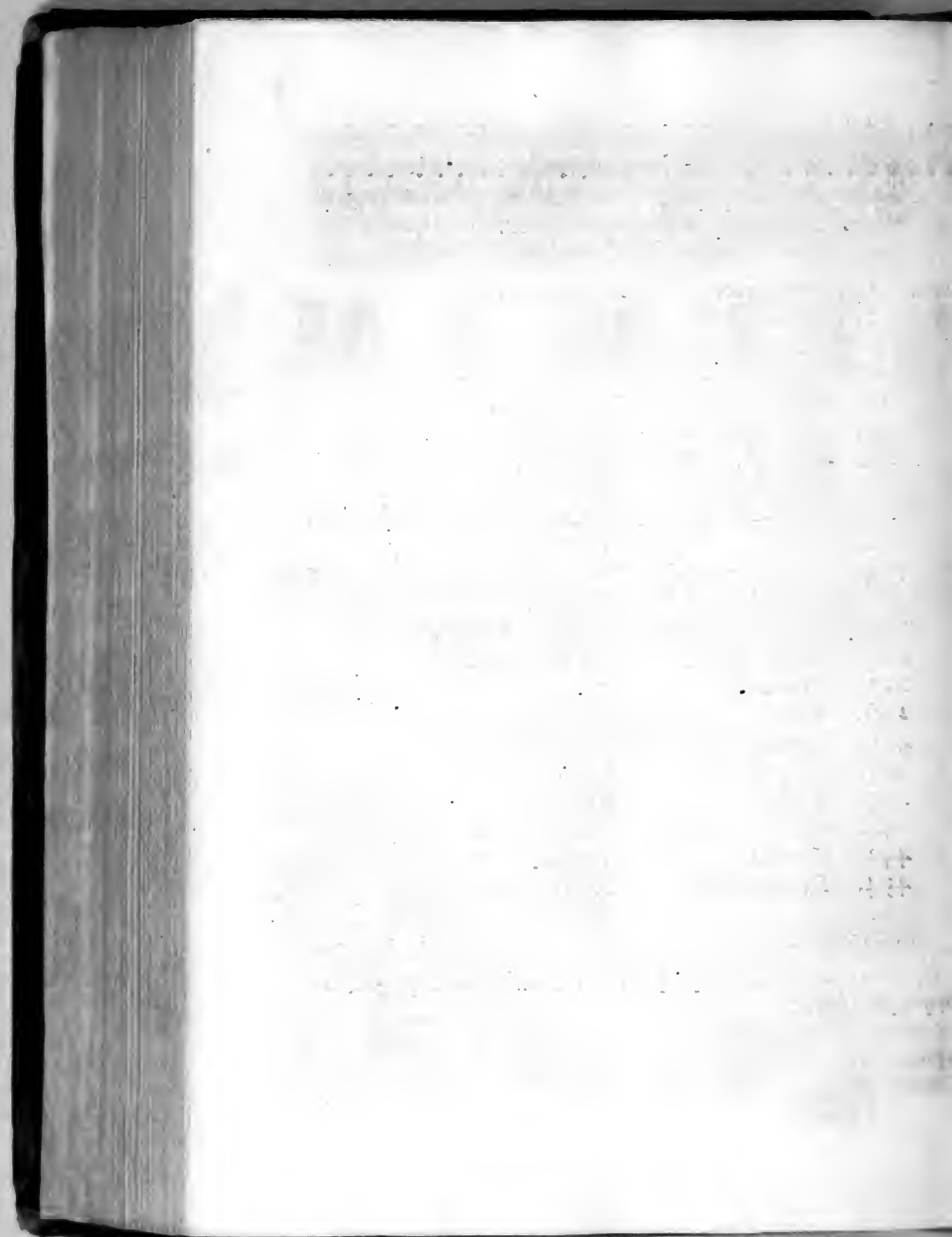
Que contêm este Quarta Parte.

- |       |  |    |
|-------|--|----|
| I.    | <b>S</b> ermaõ do Quarto Sabbado da Quaresma.                        | Pa |
| II.   | Sermaõ de Nossa Senhora do O.  |    |
| III.  | Sermaõ da Primeira Sexta feira da Quaresma no Conu<br>de Odirvellas. |    |
| IV.   | Sermaõ das Cadeas de S. Pedro.                                       | 1  |
| U.    | Sermaõ de Todos os Santos.   | 1  |
| VI.   | Sermaõ da Segunda Dominga da Quaresma.                               | 1  |
| VII.  | Sermaõ da Primeira Sextafeira da Quaresma na Cap<br>Real.            | 2  |
| VIII. | Sermaõ de Santa Theresa.   | 2  |
| IX.   | Sermaõ da Quinta Dominga da Quaresma.                                | 2  |
| X.    | Sermaõ do Mandato na Misericordia.                                   | 3  |
| XI.   | Sermaõ do Mandato no mesmo dia na Capella Real.                      | 3  |
| XII.  | Sermaõ da Primeira Oitava do Paschoa.                                | 3  |
| XIII. | Sermaõ nas Exequias da Senhora <u>Dona Maria de</u><br>de.           | 4  |
| XIÜ.  | Sermaõ de Sam Roque.   | 4  |
| XU.   | Sermaõ da Epiphania.   | 4  |

*Erratas desta Quarta Parte.*

nas.	2.	Inrerprete.	Interprete.
	2.	Abosolutos.	Absoitos.
	6.	Porque se Deos.	Porque Deos.
	6.	Os homens.	Se os homens.
	6.	Naõ seriaõ.	Naõ fosseim.
	23.	Absoluto.	Absolto.
	36.	Modum.	Modium.
	50.	Minimo.	Minino.
	85.	Impendére, rependére.	Impénde re, repéndere.
	92.	Tererê.	Terem.
	134.	Mundi corde.	Mundo corde.
	152.	Dunida.	Duvida.
	187.	Repartidamente,	Repetidamente.
	195.	Ao Profetas.	Aos Profetas.
	222.	Aindo .	Ainda.
	236.	Volúpe.	Vólupe.
	416.	Simitar.	Similiter.
	423.	Afrescentaõ.	Acréscentaõ.
	439.	Religio.	Relogio.
	440.	Alañamos.	Alcañamos.
	442.	Rachal.	Rachel.
	494.	Evangelista.	Evangelista.

*e, que na Pag. 565. col. 1. se poz por inadvertencia hum lu-  
t Epist. 1. de S. Ioaõ cap. 5. v. 16. E não he do cap. 5. de S.  
m que se achará.*







# S E R M A M

DO QUARTO SABBADO

DA QVARESMA,

Na Igreja de Nossa Senhora de Ajuda da Bahia.

Anno de 1640.

*Pede o Autor a todos os que tomarem este Livro nas mãos, que por amor de Deos, & de si, leão este Sermam, do Peccador resolutos a nunca mais peccar, com a attenção, & paciencia, que a materia requiere.*

---

*Jam amplius nobi peccare. Joan. 8.*

§. I.

cado, por ser offensa de Deos, he o summo mal. Mas se entre peccado, & peccado, pelo que toca a nós, pôde haver comparação, & differença; o peccado futuro he o peyor, & mais perigoso mal. O passado, & o presente, porque foy, & he peccado, he a summa miseria; mas o futuro, porque



Mayor mal de todos os males (naõ digo bem) o mal que só he

mal, & summo mal, he o peccado. Porque assim como Deos por essencia he o summo bem, assim o pec-

Tom. 4.

A ainda

ainda ha de ser , sobre ser a summa miseria , he o summo perigo.

2. Esta he, Fieis, a importantissima doutrina, q̄ Christo soberano Mestre, & Senhor nesso, nos deixou recommendado, como documento final na ultima clausula do presente Evangelho. Trouxeraõ hũa peccadora a Christo, achada em flagrante delicto para q̄ o Senhor, como interprete da Ley, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foy aquella, que se podia esperar da piedade, & misericordia de hum Deos feito homem por amor dos homens. Confundio os accusadores, com lhe mostrar escrito seus peccados ( que só Deos sabe livrar a huns pelos processos de outros ) & depois de absolver a Peccadora do peccado, de que era accusada, & de todos; o documento breve, maravilhoso, & divino, com que a despedio consolada, foraõ as palavras, que propuz: *Jam*

*Joam. 8.11. amplius noli peccare:* Naõ queiras mais peccar.

3 Isto he o que encomendou Christo àquella vên-

turosa Peccadora, em cummaravilhosa hystoria se nos representa com grande propriedade o juizo sacramental a que todos fomos chamados, ou citados no termo pre-remptorio destes quarenta dias. Todos fomos peccadores, & todos temos obrigação neste santo tempo, nos apresentar em pessoa, não por outrem, naquelle foyso Tribunal, onde mesmo Christo he o Juiz, preside invisivelmente. A sendo nds mesmo os Reos, & os accusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas: & se o fazemos com a verdadeira detestação, & arrependimento, devemos a hum Deos infinitamente bom, & infinitamente offendido; o mesmo Senhor, que hoje escreve os nossos peccados, manda riscar os nossos dos seus livros, & totalmente perdoados, & absolotos, nos recolhe entre os braços de sua misericordia, & nos recebe em sua graça. Tal he o felicissimo estado a que por virtude do Sacramento da Penitência se restituem todos aquelles, que d

gnamente o recebem : bem assim como a Peccadora do Evangelho , quando ouviu da boca do Redemptor : *Nec Ego te condemnabo.* Mas porque a absolvição , & a graça, posto que livre dos peccados passados , não segura do perigo para os futuros; sobre este grande risco de tornarmos a adoecer depois de saõs , & a cair depois de levantados, nos a visa, & a cautella o Divino Oraculo, exhortandonos a todos, & a cada hum, como à mesma Peccadora, a nunca mais peccar: *Jam amplius noli peccare.*

4. Este foy o ponto unico da doutrina de Christo (que não só he côselho , mas preceito ) & neste mesmo termino tambem insistir unicamente hoje, pois sendo sua a eleição do assumpto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A materia pois de todo a Serma summamente necessaria , & summamente util , será esta. O Peccador , resolutu a nunca mais peccar. Na primeira parte do discurso lhe descobrirei a falsidade , & engano de todas as razoens, ou pretextos, com q̃

o demonio o facilita a continuar os peccados. Na segunda lhe inculcarey hũ novo motivo ( que por ventura nunca ouvistes ) o mais efficaç , o mais torte , & o mais terrivel, que pôde haver, para nunca já mais peccar: *Jam amplius noli peccare.* A Virgem Santissima , em quem nunca ouve peccado, peça-mos muito de coraçãõ, que como Mãy , & Avogada de peccadores nos alcance para esta tão importante resoluçãõ a Graça, que havemos mister. *Ave Maria.*

§. II.

*Jam amplius noli peccare.*

5 **P**ARA não peccar mais, nem ter peccado já mais , bastava ser o peccado offensa de Deos , & ser Deos quem he : infinita , & ineffavel Bondade , infinita & imensa Grandeza, infinita, & incomprehensivel Magestade, infinita Sabedoria, infinita Omnipotencia ; infinito, increado, eterno, & immutavel Ser , que só elle he de si mesmo ; & por tudo isto digno de ser infinitamente ama-

do como elle, que só se comprehende, se ama; & não por outra causa, ou respeito, senão por ser quem he. Mas como a vileza do nosso barro para subir tão alto, he muito pezada, & para amar tão fina, & desinteressadamente muito grosseira; acomodandose o Espirito Santa à incapacidade de nossa fraca natureza, & à corrupção, em que a deixou o primeiro peccado, nos ensinou para não peccar aquelles quatro motivos de temor tão fortes, & tão subidos, como de nós mal applicados: *Memorare novissima tua, & in aeternum non peccabis*: Lembrete, homem, dos teus novissimos, & não peccaras já mais. E verdadeiramente que homem haverá, se não tem perdido o juizo, & uso da razão, que sabendo de certo, que ha de morrer sem levar desta vida mais que as suas boas, ou más obras; & q̄ com ellas se ha de apresentar diante do Tribunal da Divina Justiça, para ser severissimamente julgado; & que dada a sentença, de que não ha appellação, nem embar-

*Eccles.*  
7.40.

gos, ou ha de gozar de Deos para sempre, na Gloria, ou carecer de Deos para sempre, & penar sem remissão no fogo do inferno. Que homem haverá, torno a dizer, se não tem perdido o juizo, & uso da razão, que com a fé, & cõsideração viva destes quatro motivos, seja tão temerario, & cego, que se atreve a cometter hum peccado?

6 Sendo pois esta verdade tão certa, & infallivel, & a consequencia della tão racional, tão util, & tão conforme por huma parte ao temor, & por outra ao despejo, & esperança humana; que he, ou pôde ser a causa, por a experiencia de cada dia nos mostra o contrario, & se he cousa tão ordinaria nos homens, que isto mesmo cremos, & confessaõ, o peccar, o temer peccado, & o tornar a peccar? A causa, ou occasião não he outra, senão que assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para despertadores da memoria, assim o demonio inventou, & nos dà outros quatro para adormecedores do esquecimento: aquelles espertaõ

entendimento, para que sempre vigilante, & com os olhos abertos nos não cõsinta peccar: & elles adormentaõ a vontade, para que froxa, descuidada, & cega nos facilite o peccado. E que motivos infernaes são estes quatro? Para serem mais infernaes; vaõ todos fundados na verdade da fê, & experiencia. O primeyro he a dilacão do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o proposito do arrependimento, o quarto a facilidade, & promptidaõ do remedio. Como o Espirito Santo nos refrea do peccado com a memoria, & consideracão dos quatro Novissimos, diz assim o demonio ao peccador, & o peccador a si mesmo. Os novissimos da Gloria, & do inferno não hão de vir, senão depois do juizo, o novissimo do juizo não ha de vir senão depois da morte, o novissimo da morte não vem, senão no fim da vida. Logo em quanto dura a vida, quero fazer a minha vontade, & viver a meu gosto, & para que seja sem perigo da salvacão, desse me asseguraõ

quatro motivos, & fundamentos taõ certos como os que já referimos, & agora veremos.

§. III.

7 Animase primeiramente o homem, & facilita-se a peccar pela dilacão do castigo; porque ainda que cre pela fê, que Deos nunca deixa de castigar o peccado, ve cõ-tudo pela experiencia ordinaria, que Deos não castiga logo. Daqui nasceo hum notavel pensamento, em que deu David para tirar os peccados do mundo. Sentia tanto o Santo Rey a facilidade, com q se quebravaõ as Leys de Deos, & os homens não reparavaõ em peccar, q este sentimento quasi lhe tirava a vida: *Defectio tenuit me pro psal. peccatoribus dereliquentibus* 118. *Legem tuam.* O primeiro 5. pensamento com que acórdava, & a sua primeira meditacão, era cuidar, & excogitar, como se podiaõ tirar do mundo todos os peccadores: *In matutino interficie- Psal. bam omnes peccatores terræ.* 100. E finalmente veyo a dar em 8.

hum meyo o mais efficaz , & effectivo , que podia haver , & como tal o presentou a Deos em huma proposta. Senhor, diz David, eu não posso dar conselho , nem vossa infinita Sabedoria o ha mister : mas não pôde o meu zelo deixar de vos representar hum meyo, em que tenho dado, para que não haja peccados, nem vossa Divina Magestade seja offendido. Que differente alvirre era este, dos que ordinariamête se costumão inventar , & pagar com grandes merces : todos para utilidade dos Principes , & para destruição dos vassallos. Porém este de David tão util era para Deos, como para os homens , & mais ainda para os homens , que para Deos ; porque se Deos não feria offendido , os homens não feriaõ peccadores. Mas que meyo era , ou podia ser este , que tirasse os peccados do mundo , & não houvesse nelle quem não observasse as Leys de Deos ? As palavras

*Psal.*

7.7.8. *ge Domine in ira tua: exurge in precepto; quod mandasti, & synagoga populorum circumda-*

*bit te. Mostrese Vossa Magestade irado, todas as vezes que for offendido, & assim como a comminação da pena anda junta com o preceito , anda tambem a execucao do castigo junta com o peccado; porque tanto que os homens vierem , que o castigo não tarda, nem se dilata, logo todos obedecerão promptamente ; & servirão a Deos , & nenhũa haverã , que se atreva a peccar : Exurge in ira tua: exurge in precepto, quod mandasti, & synagoga populorum circumdabit te. Lã disse o Poeta : Sic quoties peccant homines , sua fulmina mutat Jupiter, exiguo tempore inermis erit : se todas as vezes que os homens peccaõ , cahisse sobre o delinquente hum rayo do Ceo, acabariaõ os rayos. Mas não disse , nem inferio bem. Se todas as vezes que os homens peccaõ cahisse logo do Ceo hum rayo , que abraçasse o peccador , não se acabariaõ , antes sobejariaõ os rayos. Os que se acabariaõ , ou feriaõ os homens , ou os peccadores ; mas o certo he que feriaõ os peccados , & não os homens ; porque tantoque o*

castigo andasse junto com o peccado, nenhum homem havia de ser tão cego, que se arrojasse a peccar. Esta foy a proposita, & o alvitre de David. E que lhe respondeo Deos? O mesmo David o disse logo. Ainda que o coração de David era semelhante ao coração de Deos, o de David era tão pequeno, que cabia no seu peito, & o de Deos he tão grande como sua mesma immensidade. Respondeo Deos aquillo mesmo, que dizem os que fiados na dilacão do castigo, se animão a continuar no peccado: *Deus iudex justus, fortis, & patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Deos ( diz o peccador usando das palavras Divinas a sabôr do seu appetite) Deos, ainda que he justo Juiz, & tão forte, que nenhum culpado, ou reo lhe pôde escapar das mãos; com tudo o seu coração he muito largo, & a sua paciencia muito sofrida; & ainda que os nossos peccados são quotidianos, a sua ira não he de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies?*

8 Este he o fundamento,

com que disse judiciosamente Tertulliano, que Deos padece na sua mesma paciencia: *Deus sua sibi patientia detrahit*: porque da occasião o seu sofrimento, a que se perca o temor de sua justiça, & o respeito à sua authoridade. Atrevese Oza, posto que com boa tenção, a tocar na Arca do Teitamento, & no mesmo ponto pagou aquella temeridade, cahindo de repente morto. Oh se Deos o fizesse assim sempre, ou muitas vezes, & os peccados se pagassem logo, & de contado, como haviaõ os homens de ir atento em peccar, & como se lhe haviaõ de atar as mãos, ainda quando o peccado fosse duvidoso! Porque cuidais que peccou Adão, & comeo da fruta vedada, tendolhe Deos cominado a morte, se comesse? Porque vio, que Eva tinha comido, & não morreo. O preceito, & a pena do preceito foy posta a ambos: pois se Eva comeo, & não morreo, tambem eu ( diz Adão ) não morrey, ainda que coma. Venha a fruta, farte-se o appetite, & vivamos a nosso gosto. Isto he o que fez Adão, & isto

A iij      e que

o q̄ fazê seus filhos. O pensamento, diz o Texto sagrado, com que depois de ter peccado, se anímaõ os homens a tornar a peccar, he este: *Peccavi, & quid mihi accidit triste?* Eu pequei, & nem por isso me succedeo mal, ou desgraça algũa: estava vivo, & estou vivo: estava saõ, & tenho a mesma saúde: torney para casa, & nem por isso a achei cahida, & meus filhos mortos debaixo della, como Job: os gados não mos roubáraõ os inimigos, nem me matáraõ os escravos: às lavouras. não lhe faltou a chuva, que as regasse, nem o Sol que as amadurecesse: se meti os frutos no celloiro, conserváraõse: se os naveguey, chegáraõ a salvamento: tudo me succedeo taõ prosperamente, que no mesmo dia, em que pequey, se fuy à casa do jogo, ganhey: se pleiteava, tive sentença por mim: se tinha algum requerimento, sahi despachado; & se fuy bejar a mão ao Rey, olhoume com bons olhos. Pois se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empeco o peccado; porque não

Eccl.  
i.4.

hey de tornar a peccar: Quero peccar como dantes, & mais ainda.

9. Este he o discurso, ou mais, ou menos expresso, com que os homens se precipitaõ a continuar no peccado. Mas vede o que lhes diz o Espirito Santo: *Ne dixeris: peccavi, & quid mihi accidit triste; Altissimus est enim patiens redditor.* Não digas: pequei, & não me succedeo nenhum mal; porque a paciencia do Altissimo, ainda que dissimule muito tempo, & se não pague logo do que lhe deve, no cabo puxa pelo capital, & mais pelos redditos. Redditos lhe chamou Terulliano: *Peccati censum.* E S. Gregorio declarando quã grande, & quam custosos, serã estes redditos diz, que serã taõ estreita, & infosfrivel, a execuçaõ do juizo, quam larga foy a paciencia, & sofrimento de Deos na dilaçaõ do castigo: *Tantò strictiorem justitiam in judicio exiget, quantò largiorem patientiam ante judicium prerogavit.* Ob como nos enganamos os homens com a paciencia. & so-

fr-



frimento de Deos, que quanto mais dilata, menos perdoa. Sofrêo Deos o fratricidio de Caim, & não o castigou logo com a morte; mas depois de andar desterrado, & fugitivo por esse mundo, & aborrecido de todos em summa confusão, & miseria, veyo a morrer desfezadamente em hum bosque, reputado por fera, a mãos de seu proprio neto Lamech. Sofrêo Deos as desobediencias de Saul, & a usurpação do officio Sacerdotal, & as invejas, & ingraticioens, com que perseguio a innocencia, & pagou os merecimentos de David, a quem devia a honra, a vida, & a coroa. Mas perguntay aos môtes de Gelboé, qual foy o triste fim do mesmo Saul afrontosamente vencido, morto com sua propria espada, & depois pendurado de huma ameyna nos muros de seus inimigos. Sofrêo Deos as ambiçoens, & locuras de Absalaão rebelde a seu Rey, & a seu Pay, & as politicas impias de Achitofel, alheyas de toda a Ley divina & humana; mas a hum veis enforcado por suas pro-

prias mãos em huma trave da sua casa, & ao outro prezo por seus proprios cabellos nos braços de hũa enzinheira; com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com tres lanças. Sofrêo Deos as idolatrias d'ElRey Acab, & de sua mulher Jezabel, as perseguicoens dos Profetas, & os falsos testemunhos levantados contra Nobot, & o roubo perjuro da sua herdade; mas no cabo, elle, & ella infamemente privados do Reyno, elle foy ferido, & morto de huma setta perdida, & ella precipitada de hũa janella do seu Palacio: a ella lhe roçrao os caens os ossos, & a elle lhe lamberão o sangue. Deixo os exemplos de Nabuco soberbo, de Antiocho sacrilegio, & de Judas traidor: hum convertido em bruto, outro comido vivo de bichos, & o terceiro rebentado pelo meyo, vomitando a infelice Alma juntamente com as entranhas: todos tres longamête sofridos, mas depois severissimamente castigados: para que ninguem se fie na dilação do castigo, que se tarda, sempre chega, &

recompensa com o rigor as  
úsuras da tardança.

§. IV.

10 O segundo motivo que facilita, & quasi parece que convida os homens a perseverar na continuação do peccado, he a confiança na milericordia divina. Nenhum attributo prégam, & apregoão mais em Deos todas as Escrituras, que a sua misericordia, grande, infinita, immensa. Não só chamaõ a Deos misericordioso, senão misericordiadador: *Misericors, & miserator*. E como se Deos se multiplicara a si mesmo, para multiplicar as misericordias, dizem que he *multus ad ignoscendum*. A mesma misericordia, sendo huma, daõ nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum*. E finalmente porque a multidão se compoem de numeros, acrescentaõ, que a misericordia de Deos não tem numero: *Cujus misericordie non est numerus*. Que muito logo, que se Deos se multiplica para perdoar, multipliquem tambem

os homens materia do peccado, que são os peccados: & que não reparem em acumular huns peccados sobre outros, pois ainda que o numero, & multidão delles seja grande, o numero innumeravel, & a multidão sem conto das misericordias de Deos sempre he mayor? Tam asfentado está este desprezo do peccado na confiança da misericordia divina, que se eu (diz Santo Agostinho, fallando de si) se eu quizer persuadir aos homens, que temaõ a Deos, & o rigor de sua justiça, para que se abstenhão de peccar; haverá algum, que fundado nas Escrituras, se levante contra mim, & não duvide dizer-me na cara: *Quid me terres de Deo nostro? Ille misericors est, & miserator, & multum misericors*: que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis meter com o nosso Deos? Elle he misericordioso, & mais misericordioso, & muito mais misericordioso: & sendo tanta, & tal a sua misericordia, como he de tés; ainda que nõ pequeamos, & mais pequeos, & tornemos a pec-

*Psal.*  
110.  
4.

*Isai.*  
55. 7.

*Psal.*  
50. 3.

peccar, sempre feremos perdoados.

II Isto dizem muitos peccadores, & isto fazem todos, ainda que o não digão. E he cousa sobre toda a admiração, & sobre todo o encarecimento notavel, que promettendo Deos o Ceo, & a Bemaventurança, & não podendo o demonio dar senão o que tem, que he o inferno, sendo Deos tão bom, & o demonio tão mão; Deos tão fermofo, & o demonio tão feyo, haja comtudo tantas Almas enganadas, & cegas, que deixando a Deos, se amiguem com o demonio. Palacios, doutissimo Expositor das Escrituras sagradas, & tão pio, como deuto, respondendo a esta admiração, diz hũa cousa a que pelo nome com que a declara duvidey se a referiria deste lugar. Mas porque outros Comentadores, que vieraõ depois d'elle, a allegaõ, como muito digna de se saber, & dizer; eu a não devo callar. Diz pois este grave Author, q̃a causa de muitas almas deixarem a Deos, & se amiguem com o demonio, he, porque tem o

demonio huma terceira, sollicitada pelos mesmos homês, com a qual he tão sagaz, tão astuto, tão enganador, & lisongeiro o demonio, q̃ com suas artes, promessas, & caricias, affeiçoa, rende, & traz a si as Almas. E que ministra he esta, que terceira tão poderosa, para o demonio enganar os juizos, & cativar as liberdades? He porventura alguma Circes, ou alguma Medéa, que com feitiços, & encantos allucine os homês? He alguma Furia do inferno, transfigurada em Anjo de luz, que com adulaçoens, & falsas esperanças lhe tire o medo do mesmo inferno? Não he do inferno, nem da terra, nem só do Ceo, mas tirada do feyo, & das entranhas do mesmo Deos, que criou o Ceo, & a terra. He (quem tal imaginára) he a mesma misericordia divina, a qual os homens por summa temeridade, & impudencia fazem terceira do demonio, para se amiguem com elle: *Immane flagitium est misericordiam Dei lenam facere diaboli, & quod per misericordiam, per quam Deo conjungi debue-*  
ras;

*ras, diaboli conjungaris.* Não pôde haver mais enorme, & mais atroz sacrilegio, nem mais horrendo descomediamento de maldade impia, & cega, que fazer a misericórdia de Deos terceira do demónio, & que por occasião da mesma misericórdia, pela qual o homem se havia de unir mais a Deos, se ajunte com o demónio, & se amigue com elle. Isto pois he, & nada menos, o que fazem todos aquellos, que cõfiados na misericórdia de Deos, em lugar de lhe pedir perdão dos peccados, se animão, & facilitaõ sem temor, a continuar nelles.

12 Ouçãõ agora estes enganados com a misericórdia, o que lhe diz o mesmo Pay das misericórdias: *Ne adjicias peccatum super peccatum, & ne dicas: miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserabitur.* Não acrescentes peccados sobre peccados: & não digas, que a misericórdia de Deos he grãde & perdoará todos os peccados, ainda que sejaõ muitos. E por que rezaõ, Senhor? Se os

nosso peccados foraõ muitos, & a vossa misericórdia pouca, ou pequena, entãõ tinhamos fundamento para desconfiar do perdãõ; mas se a misericórdia he grande, & sempre mayor que os nossos peccados, por mais, & mais que os acrescentemos; porq̃ não havemos de confiar, & estar muito seguros, q̃ sempre nos perdoará vossa misericórdia? O mesmo Deos dá a razaõ, & he tão Divina, como sua: *Misericordia enim, & ira ab illo citò proximant.* Não vos fieis demasiadamente da minha misericórdia, diz Deos: por que a misericórdia, & a justiça em mim estaõ muito perto huma da outra. Admiravel sentença! Em Deos, cuja natureza, & essencia he simplicissima, tudo he a mesma cousa, porque tudo he Deos. Mas nenhuma cousa ha em Deos mais unida entre si, nem mais identificada, & mais hũa, & mais a mesma, que a misericórdia, & a justiça. Em Deos o Pay he Deos, o Filho he Deos, o Espirito Santo he Deos, a misericórdia he Deos, & a justiça he Deos: mas o Padre,

Quarto Sabbado da Quaresma.

13

re, o Filho, & o Espirito  
santo, ainda que sejaõ Deos,  
o mesmo Deos, distinguen-  
se realmente; porém a mise-  
ricordia, & a justiça não têm  
distinção alguma. O Padre  
é Deos, mas não Filho: o  
Filho he Deos, mas não he  
Padre: o Padre, & o Filho  
são Deos, mas não são Espi-  
rito Santo: o Espirito Santo  
é Deos, mas não he Padre,  
nem Filho. Porém a miseri-  
cordia, & a justiça em Deos  
de tal maneira são Deos, que  
a mesma justiça he miseri-  
cordia, & a mesma miseri-  
cordia he justiça.

13 Daqui se entenderá  
aquella sentença famosa de  
David, que mais parece eni-  
gma, que sentença: *Semel lo-  
quutus est Deus, duo hac au-  
divi*. Deos (diz David) dis-  
tingue hũa cousa, & eu ouvi duas.  
Aquillo que se ouve, se se  
ouve bem, he o mesmo que  
se diz: pois se Deos disse  
hũa só cousa, David, que  
ouvia muito bom ouvinte, co-  
mo ouviu duas? O mesmo Da-  
vid se explicou; & não sey  
se nos implicou mais: *Duo  
hac audivi, quia potestas Dei  
est, & tibi Domine misericor-*

*dia: quia tu reddes unicuique  
juxta opera sua.* O que ouvi  
(diz David) he, que Deos  
todo poderoso tem miseri-  
cordia, & justiça, com que  
dá a cada hum segundo o  
merecimento de suas obras.  
Bem ouviu logo David, &  
bem diz, que ouviu duas  
cousas, pois ouviu, que Deos  
tem misericordia, & justiça;  
mas se elle ouviu estas duas  
cousas: *Duo hac audivi*: co-  
mo disse Deos huma só: *Se-  
mel loquutus est Deus*? Por-  
que esta he a differença, que  
ha de Deos para com os ho-  
mens na realidade, ou appre-  
hensão da misericordia, & jus-  
tiça divina: para com nos-  
co, & na apprehensão com  
que consideramos a miseri-  
cordia, & justiça divina, são  
duas cousas, & por isso: *Duo  
hac audivi*: porém na reali-  
dade, com que a mesma mi-  
sericordia, & justiça divina  
está em Deos, he huma só  
cousa, & por isso: *Semel lo-  
quutus est Deus*: para com  
nosco a misericordia, & a jus-  
tiça são duas cousas: porque  
apprehendemos a misericor-  
dia como misericordia dis-  
tincta da justiça, & a justiça

co-

como justiça distincta da misericordia: mas para com Deos, nem Deos são a mesma cousa sem distincção alguma, porque em Deos a justiça he misericordia, & a misericordia justiça.

14 Sendo pois tão inseparavel, & tão intima, não digo a uniaõ, senão a unidaõ de destes dous attributos divinos, dos quaes depende o perdaõ, ou condemnação de todos os que peccão. Vede agora se he bom conselho, & digno de Deos, aquelle, com que o mesmo Deos tanto nos exhorta, & amoeita, que não acrescentemos, peccados sobre peccados, fiados na sua misericordia; porque a misericordia, & a justiça em Deos estão muito perto hũa da outra: *Ne adjicias peccatum super peccatum, & ne dicas: miseratio Domine magna est: misericordia enim, & ira ab illo citò proximant.* He cõ-tudo tal a cegueira, & malicia humana, que estando a misericordia, & justiça divina tão perto huma da outra, não só os Hereges, senão também os Catholicos tem achado invenção com que as di-

vidir. Os Hereges Marcionistas diziaõ, que Deos tinha misericordia, & não tinha justiça, por ser cousa alheia da sua bõdade o castigar: como se Deos fora bom, porque os homens fossem máos como bem os argue Tertuliano. E os Catholicos achada com mayor incoherência conhecendo, & confessando que Deos he misericordia, & justo: *Misericors Dominus, & justus*: que fizeraõ ou que fazem? Partõ a Deo pelo meyo (diz S. Basilio) *Deum ex dimidia tantum parte agnoscunt.* Donde vêm que peccando facilmente contra a ametade de Deos, que conhecem por misericordia, se não se lembram da outra ametade não fazem caso, como se não crerão que he justo. Oh que fazedores seriaõ os homens, que fazem esta divisaõ, se não fizessem às avessas! Assim fazia David, depois que seu mesmo peccado o fez conhecido: *Domine, memoraberis justitiae tuae solius.* Senhor, e daqui por diante só me he de lembrar de vossa justiça. E da sua misericordia, porque não, tendo vós recebido

ntos favores da misericor-  
a divina? Por isso mesmo:  
ara não abusar della. Quem  
lebra só da justiça de Deos,  
mo se não tivera miseri-  
rdia, teme de peccar, &  
lvasse: pelo contrario os q̃  
se lembrão da misericor-  
a de Deos, como se não ti-  
era justiça, não repáráo em  
peccar, & condenaõse. E  
lo he o que acontece a to-  
os os que peccaõ em con-  
ança da misericordia divi-

maravilhosamente hum del-  
les, bem experimentado nos  
peccados, & muito mais nos  
arrepndimentos.

16 *Ecce parturijt injus-  
titiam: concepit dolorem, &  
peperit iniquitatem.* Pf. 7.  
15.

O pec-  
cador ( diz David ) quando  
se deliberou a peccar, conce-  
beo a dor, & pario o pecca-  
do. Na produçãõ, & nasci-  
mento das cousas animadas  
a conceiçãõ sempre precede  
ao parto, & o parto se segue  
à conceiçãõ. No peccado  
succede o mesmo. Quando  
o homem se delibera a pec-  
car, entãõ concebeo o pec-  
cado, & quando o cometõ,  
& effectuou, entãõ o pario:  
*Concepit dolorem, & peperit  
iniquitatem.* Mas se bem re-  
pararmos nestas palavras, pa-  
rece que envolvem hũa im-  
plicaçãõ natural. A concei-  
çãõ, & o parto sempre sãõ da  
mesma especie. Se o parto  
he homem, o que se conce-  
bêo tambem foy homem: se  
o parto he leaõ, o que se con-  
cebêo tambem foy leaõ: & se  
o parto acafo he monstro, co-  
mo he todo o peccado, tam-  
bem o que se concebêo foy  
monstro. Pois se David diz,

§. V.

15. O terceiro motivo  
om que o homem se facili-  
a a peccar mais, & a conti-  
uar, ou multiplicar os pec-  
cados, he o proposito do ar-  
epndimento. Eu, diz o  
peccador, pecco, & peccay  
agora; sim: mas não com  
esoluçãõ de perseverar sem-  
re no peccado, se não com  
ntento, & proposito firme  
e me arrepender depois, &  
e me pesar, & doer de todo  
oraçãõ disto mesmo que a-  
ora faço. Este he o modo,  
& a supposiçãõ, com que se  
delibera a peccar todo o ho-  
nem, que tem fé da outra  
vida: & assim o declarou

que

que o peccador pario o peccado: *Perperit iniquitatem*: porque nao diz coherentemente, que concebeo o peccado, senao que concebeo a dor: *Concepit dolorem*? Porque elle he o modo, & a supposiçao, com que todo o homem, que tem fé, se delibera a peccar. Primeiro concebeo dor, & depois pare o peccado: primeiro faz conceito do arrependimento futuro, & propoem de se doer, & arrepender do mesmo peccado, que está deliberado a cometer, & sobre este proposito de dor, & arrependimento, que já tem concebido, como sobre carta de feguro, & immuniidade da pena, entao pecca confiadamente, & sem receyo. Bem conhece o peccador Christaõ, que o peccador mata a Alma, & a condena ao inferno; mas lizongeadado, & vencido do appetite, como se tomara a salva, & se desculpara com a sua Alma, lhe diz dentro em si mesmo: Alma minha, eu bem fey que te mato, & te condeno; mas se agora te mato, & te condeno com o peccado, eu te refuf-

citarey depois, & te livrarey com a dor: *Concepit dolorem, & peperit iniquitatem*.

17. Este he aquelle certo, ou pacto mal considerado, & peyor entendido, que o Profeta Isaías diz fazem homens com a morte, & com o inferno: *Audite verbum Domini viri illusores: dixi enim, Percussimus fœdus cum morte, & cum inferno fecimus pactum*. Aos que aſsim pactaõ com o demonio, & deliberaõ a peccar, chama-lhe Deos nao illusos, senao illusores: *Viri illusores*: porque nao só o demonio os engana a elles, mas elles cõcedaõ, que enganaõ ao demonio. Damlhe agora a Alma pelo peccado, para depois se tornarem a tirar pela dor, & arrependimento. E de maneira, ou por esta traça o demonio he o que ficaria iluso, & nao elles. Mas vamos às condiçoens. O que homens podem temer, & que temem todos os timorosos, he que pelo peccado morrendo nelle, vaõ ao inferno: & por isso o contrato & pacto, que fazem com o demonio, he sobre a morte



de sobre o inferno: *Percussimus fœdus cum morte, & cum inferno facimus pactum.* Pelo contrato sobre a morte prometelhes o demonio, que antes da morte terãõ tempo para cumprir os seus propósitos, & se doer, & arrepende do peccado: & pelo contrato sobre o inferno assegura-os o mesmo demonio, que de nenhum modo poderão ir là; porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus peccados antes da morte, he certo que não vay ao inferno. Pois se estas condiçoens assim praticadas são tão uteis ao homem, & o demonio nellas fica perdido: como o mesmo demonio, que he tão sabio, & astuto, pactea tão facilmente com taes condiçoens? Porque debaixo dellas, o que vay enganado, & totalmente perdido, não he elle, senão o homem. A razão de estado do demonio nos seus contratos com os homens (diz S. Basilio) he com condiçãõ da nossa parte, que nós lhe demos o presente, & cõ promessa da sua, q̃ elle nos darã o futuro: pecca agora, &

depois te arrependerã; & como o presente he o facil, & o certo, & o futuro o contingente, & difficuloso: daqui se segue, que agora, que era o tempo da emẽda, todos peccão, & depois, que he o tempo da conta, em castigo do mesmo peccado, poucos, ou nenhum se arrepende.

18 Mais faz o demonio, como ainda não ponderãmos, nas palavras de David: *Concepit dolorem, & peperit iniquitatem.* A natureza poz o deleite na conceiçãõ, a dor no parto: & o demonio às aveſſas, poem o deleite no parto, & a dor na conceiçãõ: poem o deleite no parto, que he o peccado; porque a todo o peccado, em qualquer genero, sempre acõpanha o deleite: E poem a dor na conceiçãõ, porque na deliberoçãõ de peccar nos fuggere, & faz conceber a dor, para depois de ter peccado. E como o appetite humano se leva tão cegamente do deleitavel; por isso ao peccado, em que estã o deleite, & a perdiçãõ, damos o tempo presente, & a dor, em que estava o remedio, & a

salvação, deixamola para o futuro. Desta sorte os nossos mesmos propósitos, que nós chamamos de arrependimento, são de condenação, & os mesmos peccados, que em confiança delles nos deliberamos a cometer, nos devèrão deenganar da sua falsidade. Ou esses propósitos são falsos, ou são verdadeiros. Se são falsos, porque nos fiamos delles? E se são verdadeiros, & são propósitos de arrependimentos, porque nos não arrependemos logo, em quanto temos tempo de não peccar? O certo he, que nem os propósitos são propósitos, nem os arrependimentos haõ de ser arrependimentos: & porque são propósitos de arrependimentos, que não haõ de ser, nem elles são propósitos.

19 Mas supposto que este pacto he feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum*: desçamos ao mesmo inferno, & vejamos como lá se guarda. Ha nesta carcere infernal, ha nesta masmorra escurissima algum homem, que fosse Christão? Muitos. Respondame algum Ho-

nem desventurado, quem quer que sejas, se foste Christão, ainda hoje o es, porque o caracter do Baptismo impresso na Alma nunca se perde. Pois se es, & foste Christão, & crias tudo o que crê a Santa Madre Igreja, como te não aproveitaste da Fé, & dos Sacramentos: como te não aproveitaste da doutrina, & exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouviste: & como em fim te condenaste? Por meus peccados. E sabias tu, que os peccados, & hum só peccado basta para levar ao inferno. Bem sabia tudo isso: mas também sabia, que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos peccados para Deos perdoar: & por este conhecimento, que eu tinha todas as vezes que me resolvía a peccar, era com grande propósitos de depois me arrepender. Pois se fazias tantos propósitos de arrependimento, porque te não arrependeste? Porque esse he o engano, que cá nos traz a todos. Estes dous, que aqui estão ardendo junto a mim, foraõ os dous Irmãos, Ophni

& Phinees, filhos do Sumo Sacerdote Hili, & como taes, muito bem doutrina- dos, & instruidos em todos os mysterios da Fé, & da sal- vação. Reprehendiaos seu Pay, & dizialhes, que se emendassem, & arrependessê de seus peccados: & elles respondiaõ: *Cum senuerimus, tunc pœnitebimus*: que eraõ moços, & queriaõ vi- ver com liberdade, que de- pois se arrependeriaõ: mas a morte veyo antes do depois, os arrependimentos, & os propositos ficãrãõ no ar, & as Almas descêrãõ ao infer- no. Aqui estãõ ardendo ha- dous mil & setecêtos annos, & arderãõ, & eu com elles, porque fiz a mesma conta, em quanto Deos for Deos.

20 Christãos, tomemos exemplo neste: & não nos fiemos de semelhantes pro- positos. Quando o proposito do arrependimêto se ajunta com a resolução do pecca- do, nem he arrependimento, nem he proposito; porque a resolução do peccar contra- diz o proposito da emenda, & o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. Se

os propositos de não peccar, ainda feitos em graça de Deos, são pouco seguros; os propositos de arrepender do peccado, que se fazem que- rendo peccar, & peccando actualmente, que firmeza podem ter? Os mais valen- tes propositos, que se fizerãõ neste mundo, torãõ os de S. Pedro: valentes, não só na boca, mas o que poucas ve- zes se ajunta, na boca, & mais na espada. E que disse Pe- dro? *Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scãdalizabor.* <sup>26.33.</sup> *Matt.* Ainda que todos, Senhor, falem à fidelidade, & amor, que vos devem, eu nunca hey de faltar. Que mais disse? *Estiam si oportue- rit me mori tecum, non te nega- bo.* <sup>Ibid.</sup> <sup>35.</sup> E quando seja necessario dar a vida, & morrer cõ vos- co, primeiro morrerey, que negarvos. Podia haver mais animosos, & mais resolutos propositos que estes, & mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, & feitos, como verdadeiramen- te eraõ, de todo coração, não se tinhaõ passado seis horas, quando o mesmo Pedro cain-

do, recaindo, & tornando a cair, tinha negado a seu Mestre, não menos que tres vezes. E se os propositos de não peccar acabaõ negando a Christo, os que começõ peccando, & negãdo a Christo, que se pôde esperar delles? Ao peccado de Pedro seguiu-se depois o arrependimento, porque foraõ propositos de não peccar, estando em graça; mas a quem pecca com propositos de se arrepêder depois, donde lhe ha de vir o arrependimento, se o nega, & desmerece com o mesmo peccado? Peccareis, como peccais, mas não vos arrepêdereis, como prometteis.

## §. VI.

21 O quarto, & ultimo motivo, com que os homens se cegaõ, & não temem continuar no peccado, posto que conheaõ ser enfermidade mortal, he a facilidade, & promptidaõ do remedio. O remedio, que Christo, Senhor nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os peccados, que

depois do Bautismo se comettessem, foy a Confissã dos mesmos peccados. Por isto o Sacramento da Penitencia se chama segunda taboa, em que o homem depois do naufragio se pôde salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grã de a daquelle, que voluntariamente se lançasse ao mar muy seguro de chegar a porto sobre huma taboa, e mayor temeridade ainda, se em confiança da mesma taboa se fosse sempre engolfando mais, & mais: assim fazem os que debaixo do pretexto da Confissã se precipitaõ a peccar, & dizem Eu me confessarey; multiplicã peccados sobre peccados.

22 Não pretendo negar com isto, que o remedio da Confissã não seja muy prôpto, & muito facil. Não he muito facil remedio o curar só com palavras, o fosse invétado pela superstição, ou pela arte? Pois de este genero he, & cõ muito grandes ventagens, o remedio da Confissã. Não só cura de algumas feridas, senão de to

nas ainda que sejaõ mortaes: não só cura de poucas, ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam innumeraveis: & de tal maneira cura de todas, quantas padece o enfermo, que se huma só se he exceptuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a Confissão, não em largo tempo, senão em hum instante, & sem outra applicação da nossa parte mais que palavras. O Profeta Oseas exhortando aos homens a que se convertaõ a Deos, diz assim: *Convertimini ad Dominum: & dicite ei: omnem aufer iniquitatem*: Convertey-vos a Deos, & dizeylhe, que vos tire todos vossos peccados. Pois não ha mais que dizer a Deos, que nos tire vossos peccados, & não alguns, senão todos: *Omnem aufer iniquitatem*? E se Deos da sua parte nos ha de tirar todos os peccados, nós da nossa que havemos de fazer para que elle no los tire? O mesmo Profeta o diz, & he cousa bem notavel: *Tollite vobiscum verba*: levay com-vosco palavras. Bem differentemete fallavaõ os outros

Profetas no mesmo tempo de Oseas, que era o da Ley Velha. O que diziaõ os outros Profetas, era: *Tollite hostias*: levay a Deos sacrificios, para que por meyo delles aplaqueis sua justa ira, & vos perdoe os peccados.

Pois se os outros Profetas diziam: *Tollite hostias*: porque diz Oseas: *Tollite verba*? Porque Oseas neste Texto, como diz a Glossa com Ruperto, fallava profeticamete do Sacrameto da Confissão, que Christo havia de instituir na Ley da Graça; & para conseguir o perdao dos peccados por meyo da Confissão, não são necessarias da nossa parte mais que as palavras (não informes, mas formadas) com que os confessamos. Excellentemente Ruperto: *Non dico, tollite vobiscum multitudinem hircorum, aut virtulorum, sed verba, que consequi potestis sine dispendio rerum. Verba Confessionis Deo pro salute vestra sufficiunt, pro iniquitatibus vestris satisfaciunt*. Não vos digo, que tragais com vosco ao sacrificio multidão de bezerreros, ou de cordeiros, senão

*Psal.*  
98.8.

lómentê palavras, para as quaes todos tendes cabedal, sem dispendio da fazenda, ou necessidade della; porq̃ virá tempo, em que bastem para com Deos as palavras da vossa Confissão, & só com essas palavras se dê por satisfêta de todos vossos peccados. Póde haver mayor facilidade que esta?

23 He tão grande, que como refere Santo Agustinho, os Gentios do seu tempo o lançavaõ em rosto aos Christaõs, dizendo, que não podia ser boa aquella Ley, em que tão facilmente se perdoavaõ os peccados, pois era dar licença para peccar. Assim o diziaõ ignorantemente os barbaros, & podêraõ provar a blasfemia do seu pensamento com o exêplo, ou escandalo de muitos Christaõs, os quaes de tal modo abusaõ da facilidade da Confissão, como se fora licença, ou immuniidade dada por Deos, para poderem peccar quanto quizessem. Mas o mesmo Santo Agustinho ensinou aos Gentios, que tão fóra esta a Confissão de facilitar o peccado,

que antes he hũ novõ freyõ com que mais se difficulta, porque como na Confissão só se perdoã os peccados de quem leva resoluçaõ de nũca mais peccar, se no peccado se quebra a Ley, com q̃ Deos nos manda, que não pequemos, na Confissão não só se torna a ratificar a mesma Ley de Deos, mas nós mesmos nos pomos outra Ley de novo, com que nos obrigamos a não reincidir naquelle peccado, nem cometer algum outro. Foi tão engenhosa a traça da Confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por huma parte abre a porta ao peccado, por outra fecha a porta ao peccado. Se duas casas tem as entradas juntas com a mesma porta, com q̃ se abre huma, se pôde fechar a outra. E isto he o que fez Deos no Sacramento da Confissão. E como a Confissão verdadeira incluye essencialmente detestação dos peccados cometidos, & resoluçaõ firme de nunca mais peccar, a detestação abriu a porta ao peccado dos peccados passados, & com a resoluçaõ fe-

hou a porta à continuação dos futuros.

24 Já daqui começarão a entender, os que tanto se confiam no remedio da Confissão, quam enganada, & enganosa he esta sua confiança. A Confissão verdadeira, & effectiva hade levar consigo o confessado, & polo todo, & para sempre aos pés de Deos. Se não leva consigo ao confessado, não he Confissão. Olhay o q dizia Oseas, & ainda não notastes: *Tollite vobiscum verba, & dicite: omnem aufer iniquitatem.* Para que Deos vos perdoe os peccados, não só diz, que leveis as palavras à Confissão, senão que as leveis com vosco: *Tollite vobiscum verba.* Porque se vós não levais as palavras da Confissão com vosco, & ellas vos não leuão consigo, a Confissão não he Confissão, são palavras. O sacrificio de Abel porque contentou a Deos? Porque levou consigo ao mesmo Abel. E o de Caim porque não lhe contentou? Porque não levou consigo a Caim. David disse a Nathan: *Peccavi:* & Saul tambem disse a Samuel:

*Peccavi:* E sendo as palavras as mesmas, David ficou absoluto do seu peccado, & Saul não; porque a David levou-o consigo a sua Confissão, & a Saul não o levou a sua. Vejaõ agora os que guardaõ a Confissão para a hora da morte, se as suas palavras os pódem levar consigo, quando elles já não estaõ em si: Eis aqui porque vemos morrer tantos sem Confissão, ou com Confissoens q não são Confissoens. Porque he justo castigo de Deos, que a quem peccou em confiança da Confissão, essa mesma Confissão lhe falte, ou lhe não aproveite.

25 Os moradores de Jerusaleem peccavaõ dissoluta, & desafortadamente, como se para elles não ouvera Ley, nem castigo: & toda a sua confiança se fundava, em q Deos tinha o seu Templo na mesma Jerusaleem. Deos (diziaõ elles) tem o seu Têplo na nossa Cidade? Pois elle defenderá as nossas casas, por não perder a sua. Mas vede o que lhes disse entãõ o Profeta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacij; dicentes: 7. 4.*

*Templum Domini, Templum Domini, Templum Domini est.* Vós fiados no Templo de Deos, matais, roubais, adulterais, como se no mesmo Templo tiveris licença, & immuniidade de Deos para peccar livremente: pois sabey, que toda essa vossa cõfiança he falsa, & enganosa, & q̃ no cabo vos ha de mentir: *Nolite confidere in verbis mendacij*: porque a quem pecca em cõfiança do Templo, não lhe val o Templo: E assim succedeo. O mesmo digo da Confissão; porque Deos, & sua justiça sempre he o mesmo, & a mesma. Assim como não val o Templo, a quem pecca em cõfiança do Templo, assim he justo castigo de Deos, que não aproveite a Confissão aos que peccão fiados na Confissão. Deos fez a Cõfissão para remedio da fraqueza, & não para estimulo da malicia. He medicina para sarar, & não carta de seguro para adoeccer. Por isso permite Deos justissimamente, que ou falte a Confissão, ou não aproveite a muitos: porque não he razão, que o remedio seja

proveitoso a quem foy injurioso ao mesmo remedio.

26 Aqui parára eu já, & me dera por fatisfeito, se não tivera noticia, que anda muyto valida pela terra huma nova proposição, ou Theologia a qual eu não posso crer, se não que o Norte a trouxe de Hollanda a Pernambuco, & o Nordeste de Pernambuco à Bahia. E que proposição he esta? Que para hum Confessor, & dinheiro: o Confessor para os peccados, & dinheiro para os suffragios: o Confessor para as culpas, com que vos livreis do inferno, & o dinheiro para as penas, com que vos livrais do Purgatorio. Ainda agradeço aos que isto dizem, crendo que ha Purgatorio, & Inferno; mas assim começaõ a heregias. Pobres dos pobres que não tem dinheiro, & mais pobres dos ricos, que nelle se fiaõ. Mas eu lhe cõcedo, que tenhaõ Confessor, & dinheiro; & deixado o exemplo de Judas, ainda lhe mostro com outro mais aperchado, que com dinheiro, & Confessor pôde morrer sem

con-



Confissão. No tempo da primitiva Igreja todos os Christãos levavaõ o dinheiro, que tinhamão, aos pés dos Apostolos, porque viviaõ em comunidade, como hoje os Religiosos. Ouve. comtudo dous cazados, Ananias, & Safira, que vendêdo hũa sua herdade cõtra o voto que tinhamão feito, reserváraõ escõdidamente parte do preço. Chamou S. Pedro a Ananias, e zlhe cargo do seu peccado, & de ter mentido ao Espirito Santo, quando estava em sua mão lograr o que tinha: & no mesmo pôto, sem dizer palayra, cahio Ananias morto. Veyo depois do mesmo modo Safira chamada a juizo: arguiu-a S. Pedro da mesma culpa, como meeyra da mesma fazenda, & complice na reserva do dinheiro; & tambem cahio de repente muda, & moria. Agora pergunto: E estes dous desventurados tiveraõ Confessor, & dinheiro? Huma, & outra cousa tiveraõ. Tiveraõ Confessor, & tal Confessor como S. Pedro, Summo Pontifice da Igreja: tiveraõ tambem dinheiro, que para isso o es-

conderaõ, & reserváraõ: & confessouse algum delles? Nenhum. De maneira que ambos tiveraõ dinheiro, ambos tiveraõ Confessor, ambos morrêraõ aos pés do Confessor, & ambos morrêraõ sem Confissão. Levay lá as novas aos da nova Theologia, porque não quero afrontar a nenhum dos presentes, com presumir delle tal ignorancia.

27 Não basta ter Confessor na hora da morte para a Alma se salvar: porque cõ o Confessor à cabeceira, a huns falta a Confissão, & outros faltaõ a ella. Aos que falta a vida, a falla, & o juizo, falta a Confissão; & os que tem vida, falla, & juizo, faltaõ elles à Confissão muitas vezes, porque em pena de a guardarẽ para aquella hora, & peccarem em confiaça della, permite justamente Deos que por falta de verdadeira disposiçaõ ( que pôde ser de muitos modos ) lhe não aproveite a Confissão. Dizeyme, se hum homẽ por suas proprias mãos se dera huma estocada penetrante, & sobre esta, outras, & ou-

tra; não o tereis por doudo? E se elle respondesse, q̄ fazia tudo aquillo, porque tinha huma redoma de oleo de ouro muito provado, com que facilmete se curaria, não o tereis por mais doudo ainda? Pois isto he o que fazem os que fiados na facilidade da Confissão continuam a peccar. E a doudice, & locura destes he muito mais rematada, porque nem a Confissão, nem o effeito della está na sua mão. Porisso ha tantos, que se condenarão sem Confissão, & tantos, que se condenaõ confessados: para que ninguem finalmente se fie na facilidade deste remedio.

## §. VII.

28 Temos visto mais largamete do que eu quizeira, posto que com a mayor brevidade, que me foy possível, quam enganosos são os motivos, & quam falsos os pretextos do nosso appetite, com que o demonio nos anima a peccar, & a continuar nos peccados, contra o preceito, & conselho de quem

tanto nos dezeja salvar, q̄ deu por isso a vida: *Jam aplius noli peccare*. Vimos, q̄ todos são falsos, & enganosos; porque nem a dilagando castigo o diminue, antes acrescenta; nem a confiança na misericordia divina nos assegura da sua justiça, antes a provôca: nem os propósitos do arrependimento teem firmeza alguma na vida, nem ainda na vontade: nem a facilidade do remedio he tão desembaraçada, & prompta, que não tenha tantas difficuldades como perigos, bastando o menor delles para que a Alma se perca, & se condene. Mas porque este ponto de não haver de peccar mais he tão arduo, a natureza tão corrupta, & o habito de cair, tornar a cair tão commum na cegueira humana; dezejando eu algum meyo, que vos propor mais poderoso contra tudo isto; foy Deos servido por sua bondade de me descobrir, & inspirar hum tanto forte, tão efficaz, & ainda tão terrivel, que depois de ouvido, & sabido, como he em si mesmo, nenhum ho-

sem haverà, que se atreva a  
 ometter hum peccado mor-  
 al, senão for tão obstinado,  
 e tão precito, que se queira  
 condenar sem remedio. Este  
 e o meyo, que por ventura  
 nunca ouvistes, como ao  
 principio prometti; & ago-  
 ra torno a pedir de novo à  
 velle Senhor crucificado  
 pelo preço infinito de seu  
 sangue, & pela intercessão  
 de sua Santissima Mãe me  
 assista, & nos assista a todos  
 neste ponto com a efficacia,  
 e importância delle require.  
 Se em algũ discurso me des-  
 ses attenção, seja neste: que  
 para que o leveis na memo-  
 ria, todo será sustancia, &  
 muito breve.

29 Por primeiro funda-  
 mento de tudo, havemos de  
 saber, & suppor, que Deos  
 na sua Menté Divina tẽ cer-  
 ta medida destinada aos pec-  
 cados de cada hum, a qual  
 medida em quanto não està  
 cheya, tem remedio, & pôde  
 ter perdaõ os peccados; mas  
 tão to que se encheo, não tem  
 nenhum remedio. A primei-  
 ra vez que Deos revelou este  
 segredo da sua Providencia,

& justiça, foy nos peccados  
 dos Reynos, das Republicas,  
 & das Cidades, que tam-  
 bem he muito boa supposi-  
 ção, & doutrina para o tem-  
 po, estado, & contingencias,  
 em que se acha o Brasil. Pro-  
 mettéo Deos a Abraham, q̃  
 a elle, & a seus descendentes  
 daria as terras dos Amorrhé-  
 os, por isso chamadas da Pro-  
 missão; mas que não seria  
 logo, senão dahi a muitos  
 annos: *Nec dum enim cõpletæ  
 sunt iniquitates Amorrhæorum  
 usque ad præsens tempus*: por-  
 que os Amorrhêos até o tẽ-  
 po presente não enchèraõ  
 ainda a medida dos pecca-  
 dos, que eu tenho decretado,  
 & taxado para seu castigo. E  
 essa foy huma das razoens,  
 porque os filhos de Israel  
 andãraõ tâto tempo aos bor-  
 dos pelo deserto até tomarẽ  
 porto no Rio Jordão, para q̃  
 entretanto se acabasse de en-  
 cher a medida dos peccados  
 dos Amorrhêos. Este mes-  
 mo foy o sentido, em que  
 Christo, Senhor nosso, disse  
 aos Escribas, & Farisêos de-  
 pois de reprehender suas im-  
 piedades, & injustiças, que  
 enchessem a medida de seus

Pays:

*Matt.* Pays: *Implete mensuram Pa-*

23. *trum vestrorum:* porque nos

32. corpos politicos, quaes são as Republicas, que durão em muitas vidas, os peccados dos pays, filhos, & netos, todos concorrem a encher a medida.

30 No Profeta Zacharias temos huma illustre representação desta verdade por todas suas circunstâncias. Apareceo hum Anjo a Zacharias, disselhe, que levantasse os olhos, & visse o que sahia pelas portas de Jerusaleem. Olhou, & viu, que sahia huma anfora, que era certo genero de medida, quadrada por todas as partes, de que usavaõ naquelle tempo, assim Hebréos, como Latinos: apoz a anfora sahio huma pasta grossa de chumbo, a qual pezava hum Talento, que do nosso pezo vem a ser tres arrobas: & a trás destes dous instrumentos, ou figuras inanimads, viu o Profeta, que sahia pela mesma porta huma mulher, a qual encaminhandose para a anfora, se assentou sobre ella; porém o Anjo, declarãdo que aquella mulher era a im-

pieidade: *Hæc est impietas* lançou, & meteo dentro mesma anfora, & a fechou & tapou com a pasta de chumbo, que como cortada produzia o mesmo effeito se ajustada naturalmente com ella. Fezto isto, torney a olhar, diz o Profeta: & vi fair da Cidade outras duas mulheres, vindo com azas de minhoto, e as quaes levantãraõ a anfora por huma, & por outra parte, & a levãraõ pelos áres da terra de Sennáar. Atéqui pe lavras por palavra; & letra por letra a visãõ de Zacharias, na qual lhe represento Deos a destruiçãõ de Jerusaleem, & Reyno de Juda, quando sitiada, & devastada a Cidade pelos exercitos de Nabucodonosor todos prezos, cativos foraõ levados a Babilonia. Isso quer dizer a terrã de Sennáas, porq̃ nella terra foy edificada a torre de Babel, donde Babilonia tomou o nome. Mas foy todo o intento desta visãõ era significar Deos a Zacharias o cativeiro, & transmigraçãõ do seu Povo, que se podia declarar em poucas palavras como eu digo

go; para que o fez a Divina Sabedoria com tantas ceremonias, tantos apparatus, tantas figuras, & com tal ordem, & successão de humas depois das outras, & cõ tão notaveis circumstancias em cada acto, ou scena da mesma representaçãõ? Porque assim quiz revelar Deos ao seu Profeta, & nelle a todos os, quaes sãõ os estylos occultos de sua justiça, & as causas da assolacão das Cidades, Reynos, & Naçoens, quando contra ellas se procede ao extremo castigo.

31 A primeira cousa que apparece em juizo, he a anfora, ou medida, que Deos tem destinado aos peccados, a qual em quanto não està cheia, dilata-se, & suspende-se o castigo; mas tanto que se encheo, executa-se sem remedio. Este foy o misterio, cõ que o Anjo meteo dentro na anfora a mulher chamada Impiedade, em que eraõ significados os peccados de Jerusalem, & de toda a nação, impia contra Deos nas idolatrias, & sacrilegios, & impia contra o proximo nos roubos, nos homicidios, nos

adulterios, & em todo o genero de injustiças, & crueldades. E porque estes peccados tinhaõ já cheyo a medida de forte, que não podia levar mais, por isso o Anjo, como cheya, & arrazada a tapou logo com aquella cobertura de chumbo, tão pezada, & tão justa, que nem para diminuir, nem para acrescentar se podia abrir. Cheya assim até sima a medida, o que só restava, era a execuçãõ do castigo, sem demora, ou momento de dilacão: E esta foy a consequencia, com que no mesmo poto sahiraõ as duas mulheres com azas, as quaes não por terra, & andando, senão pelo ar, & voando, tomando sobre os hombros a anfora, a passáraõ de Jerusalem a Babilonia. E se perguntarmos, q̃ duas mulheres eraõ estas, que não tocáraõ a terra? Respondem os melhores Interpretes, fundados nos Oraculos dos Profetas, que eraõ a misericordia, & a justiça divina: a misericordia, para justificar o castigo, & a justiça, para o executar. Porque se os homens suspendessem o curso,

curso, & multiplicação dos peccados sempre a misericordia divina, que a isso os exhortava pelos Profetas, esteve prompta para os perdoar; mas porque elles não quizerão desistir, & chegarão a encher a medida, já não podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. Só resta saber porque as azas destas duas executoras eraõ de minhoto; mas isso declarou admiravelmente o mesmo successo: porque o minhoto foy Nabuzaradão, General dos exercitos de Nabuco, o qual dando hum, & outro cerco à Cidade de Jerusalem, como fazê as aves de rapina, finalmete empolgou em todo o Povo, & o levou nas unhas a Babilonia.

32 Demaneira, que por esta, & as outras revelações ellegadas, nos consta (o que doutro modo se não podia saber) que Deos na sua Mente Divina, como diziamos, & nos decretos altissimos da sua Providencia tem taxado a cada Cidade, Reyno, Provincia, & Nação, certã medida de peccados, aos quaes

infallivelmente se segue o castigo, tanto q se enche antes de estar cheya, não neste caso do cativoiro Babilonia notaõ graves Athesores, & fazem huma vertencia, a qual eu não vo passar em silencio, por muito que nos pôde importar. Durou aquelle cativoiro setenta annos, depois quaes foraõ os Judeos restituídos à patria; mas pouco emendados, & lebrados do primeiro castigo que dalli a pouco tempo começaram outra vez a encher a medida com tal excesso, depois de estar cheya de novo, os castigou Deos com outro cativoiro, & transmigração unixerfal, não de setenta, nem de setecentos annos, mas dos que ainda hoje continuam, & são já mil quinientos & setenta & setenta annos sem se saber quantos serão ainda. Disse, que essa advertencia nos podia também importar a nós, & já creyo ntereis entendido. No anno de 1624. castigou Deos a Bahia, com a entregar a Hollandezes, posto que não passou o cativoiro de hu  
anno

no, como já passa de nove de Pernambuco. De então para cá he certo (ainda mal) que os peccados começáram a encher a segunda medida; & se dão tanta pressa, que não se pode conter, e já cheya. Na nossa medida não se dá pressa, porque as azas do sino andão já tão perto, que não será necessario à Divina Justiça mandalas vir de fora para se encher.

## §. VIII.

33 Mas passando da medida dos peccados comuns à dos particulares de cada hum, assim como Deos tem finalado certa medida nos peccados de cada Cidade, ou Reyno, assim a tem finalado tan bem aos peccados de cada homem. Quando se seja mais para temer esta segunda medida, ninguem pode duvidar; porque as medidas, & os Reynos não se dão ao inferno, os homens não se dão ao inferno, & que Deos o tenha determinado, & taxado a cada hum de nós, he cousa não só manifesta, senão manifestis-

simas, diz Santo Agostinho. Traz o Santo os exemplos da Escritura já allegados, & outros; & conclue assim no Livro de *Vita Christiana*: *Manifestissime instruumur, & docemur, singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, & tandiu, ut convertantur sustineri, quãdiu cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum.* Manifestissimamente nos ensina, & declara Deos, diz Agostinho, q̃ a cada homem tem finalado certa medida, ou numero de peccados, o qual em quanto não está cheyo, & consumado, nos espera, para que nos convertamos; mas tanto que a dita medida se excheo, & o numero, ou cumulo dos peccados chegou ao ultimo, então não espera Deos mais, & se segue sem remedio a condenação. O mesmo afirma São Ambrosio por estas palavras: *Dei verba sunt, non sunt completa peccata Amorrhæorum, per quod ostendit mensuram quandam esse delictorum, quam cum impleverint peccatores, vita digni minime judicentur.* E porque este

este he o commum sentir dos Expositores da Escritura sagrada, contentome com referir o mais pratico, & verificado em todos, o doutissimo, & diligentissimo Cornelio à Lapide. Sobre a anfora de Zacharias diz assim: *Anphora est mensura peccatorum cujusque, tum hominis, tum populi, quâ impletâ, Dei vindicta profilit ad ultionem.* E sobre as palavras de S. Paulo aos Theſſalonicenses, que abaixo hey de allegar, diz: *Hinc patet Deum arbitris, Regnis, & à pari proportione impijs privatis certum statuisse peccatorum cumulum, ad quem pœnam, vel vindictam differt, donec impleatur, ut illo impleto omnia simul, & perfectè vendicet, & castiget.* E o mesmo commento, & declaração faz sobre outros lugares, assim do Velho, como do Novo Testamento, colhendo sempre das revelaçoes divinas, expressas nos mesmos textos, que a cada homem tem Deos finalado certa medida, & taxado certo numero de peccados, o qual quando se acaba de encher pelo ultimo, já não ha lugar de

perdaõ, senão de castigo.

34 Nem deve parecer nova, ou admiravel, & muito menos alheya da justiça ou misericordia divina a determinação antecedente desta medida, decretada a peccados de cada homem porque se nos castigos de Reynos, & das Cidades ajuntão os peccados dos presentes, & vivos, que acabam de encher a medida, os dos passados, & mortos que a começãõ a encher, muito he, que cada homem com os seus, que cada homem cometteo, & ultimamente comette, encha também a sua medida. Nem acrescenta a difficuldade, que a medida dos peccados seja mayor para alguns homens, & menor, & de menor numero para outros porque esta mesma, que nos não fraco entender pôde parecer desigualdade, não é bitrio da Providencia Divina he summa justiça. E não respondeyme. Deos também poem medida aos dias da vida de cada homem. Ponde disse David: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos.* esta medida he tão certa,



eterminada, que chegado o ultimo dia, não tem nenhum remedio, como disse Job: *Constitisti terminos ejus, qui transgredi non poterunt.* Pois assim como ninguem se queira de Deos, nem lhe extraha, que a medida dos dias em huns, & outros homens seja tão desigual; muito menos se deve admirar, que a todos peccados o seja tambem, principalmente bastando humo, & o primeiro peccado para ter Deos justissimo direito de lançar logo no inferno a quem o comettéo. E a razão fundamental de hũa, e outra justiça, & Providencia, he o supremo dominio de Deos, igualmente Autor da Graça, & da Natureza: E assim como em quanto Autor da Natureza pôde limitar a vida certo numero de dias, sem injuria do homem; assim sem injuria do mesmo homem pôde limitar ao peccado certo numero de peccados. Donde se segue, que assim como aquelle dia, que encheo o numero dos vossos dias, necessariamente he o ultimo; & chegado a elle não podeis deixar de mor-

rer; assim aquelle peccado, que encheo o numero dos peccados, tambem he o ultimo; & comettia elle, não podeis deixar de vos condemnar, porque se cerrou a medida, & já não ha lugar de perdao.

35 Ouvia o mesmo Deos por boca do Profeta Amos: *Hæc dicit Dominus: super tribus sceleribus Juda, & super quatuor non convertam eum: Super tribus sceleribus Israel, & super quatuor non convertam eum.* O mesmo anuncia a Damasco, a Tyro, a Moab, a Edom, & a outros. E quer dizer. Cometterão o primeiro peccado, & perdoeylhe: comettérao o segundo, & perdoeylhe: comettérao o terceiro, & tambem lhe perdoey; mas porque comettérao o quarto, não lhe hey de perdoar. Pois Deos infinitamente misericordioso não perdoa mais que tres peccados? Sim perdoa. Perdoa trezenzos, & perdoa tres mil, & se o peccado se arrende de todo coração, perdoa tres milhoens. Mas nestas sentenças poemse o numero certo pelo incerto, pa-

ra que por este exemplo, & supposiçãõ se entenda melhor o que se quer dizer. Reduzida pois a medida, ou numero dos peccados a quatro, diz Deos, que perdoará o primeiro, & perdoará o segundo, & perdoará o terceiro, & que para perdoar todos estes peccados, converterà em todo ao peccador: põem que se elle cometer o quarto, que o não ha de converter, nem lhe ha de perdoar; porque o quarto peccado neste caso he o que acaba de encher a medida; & o peccado, que acaba de encher a medida, he peccado sem remedio, & sem perdaõ; porque nem Deos o ha de perdoar, nem o peccador se ha de converter: *Et super quatuor non convertam eum.*

36 Daqui se entenderà facilmete hum difficultosissimo lugar da primeira Epistola de S. João em grande prova do que dizemos. As palavras do Santo Apostolo, entre todos por antonomasia o Theologo, no Capitulo quinto são estas: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem petat; &*

*dabitur ei vita, peccanti non mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico, ut roquis.* Se algum Christão for ber, que seu proximo pecca, rogou por elle, & dar-lheha a vida, se o peccado não for peccado *ad mortem* mas se for peccado *ad mortem* não digo que rogue por elle pessoa alguma. A difficultade deste texto he grande, que os Expositores & Theologos na intelligencia delle se dividem em mais de quinze opinioens, não concordando, em que peccado seja o que S. João chama peccado *ad mortem*, & peccado qual se não deve orar, como incapaz de perdaõ, irremediavel, & sem remedio. Alguns dizem, que he o peccado de homicidio, outros o do adulterio, & Santo Agostinho, & Bêda não duvidaram dizer, que era o da inveja. E porque estes delictos não parecem tão enormes, outros subindo mais alto dizem, que he o peccado de blasfemia, outros o da infidelidade, outros o da apostasia, outros o da oblição, & outros sem nome

nem a especie, dizem em geral, que he algum peccado gravissimo. Mas contra todas estas sentenças está, que não he peccado algum, por grave, & gravissimo que seja, que Deos não perdoe.

Que peccado he logo este incapaz de perdão, & irremissivel, que S. João chama peccado *ad mortem*? Respondo, que não he nenhum peccado particular, nem de sua natureza mais grave que os outros, senão qualquer peccado mortal, ainda de muito inferior malicia aos referidos; com tanto que seja o ultimo, & o que acaba de encher a medida, que Deos tem taxado a cada homem; porque tanto que a medida se enche cõ qualquer peccado que seja, já não ha lugar de perdão, nem de conversão: *Et super quatuor non convertam eum*. E essa he a propriedade, com que São João lhe chama *peccatum ad mortem*: peccado que leva sem remedio à morte eterna; porque ainda que todo o peccado mortal mata a Alma, dos outros pôde a Alma resuscitar, & tornar a viver, &

deste não: como claramente distingue o mesmo texto: *Et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem*.

§. IX.

37 Suposta esta verdade tão assentada, & este estílo da Providencia, & justiça divina, tantas vezes revelado pelo mesmo Deos; veja agora cada hum de nós se pôde haver, como no principio prometti, meyo, ou motivo algum, nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais terrivel, para que hum homem, que tem juizo, & hum Christão, que tem fé, não só se resolva firmíssimamente, mas nem tenha, nem possa ter atrevimento para já mais peccar: *Jam amplius noli peccare*. Os outros motivos ou pretextos sempre deixavaõ alguma esperança depois do peccado; porém este de tal modo a jarreta, & corta totalmente, que só que se quizer condenar de contado, & ir resolutamente ao inferno se atreverá a peccar. Porque se eu sey, q Deos me tem taxado certo numero, &

talhado certã medida aos peccados : & sey , que cerrado este numero, & cheya esta medida , já não ha lugar de perdaõ , fenaõ de condemnação sem remedio ; quem me diz a mim , ou me põde assegurar , que aquelle peccado , que quero cometter , não seja o ultimo, & o que só falta à medida para se encher de todo? Direis, que assim como põde ser o ultimo, põde tambem não ser : E se for? E se for? Quasi estive deliberado a acabar aqui o Sermão, & vos despedir sô com esta pergunta. Mas he bem; que saibais para mayor assombro , o que Deos faz naquelle mesmo ponto , em que o homem pelo ultimo peccado acaba de encher a medida.

38 O que Deos faz no ponto , em que o peccador acabou de encher a medida, ou he matallo logo, ou abrir delle a maõ, & deixallo para sempre. Vede que disjunctiva esta igualmente terrivel, por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns dias depois ; mas ir infallivelmente. Quanto à

primeira parte, de que Deos tira logo a vida aos que acabã de encher a medida de seus peccados , he sentença expressa de São Agostinho. *Sed hoc magis sentire nos convenit, tandiu unumquemque Deipatiencia sustentaria, quãdum non dum peccatorum suorum terminum, finemque completur: quo consumato eum illico percuti, nec illi ullam remanentiam reservari: esse autem certum peccatorum modum, atque mensuram. Dei ipsius testimonio comprobatur.* Quer dize começando pelo fim : que Deos como consta por seu proprio , & divino testemunho , tem determinado a medida de cada homem de peccados de cada homem de certo numero , & medida , qual em quanto não encher a medida, o sofre com sua infinita paciencia : porẽm tanto que elle a encheo , logo no mesmo ponto lhe tira a vida, sem mais remedio, nem lugar de perdaõ. Assim aconteceu ao Rey Balthazar , cuja sentença de morte , estando na mesa , lhe appareceo escripta na parede em tres palavras. A primeira dizia; *Numeravit*: Contou ; porque fe

Deos a conta aos peccados de Balthasar. E como naquella noite, & naquella hora comettéo elle o ultimo peccado, com que acabou de encher o numero, & medida dos que Deos lhe tinhna determinado; na mesma hora escreveu a sentença: *Eadē hora apparuerunt digiti*: E na mesma noite foy morto: *Eādem nocte interfectus est Balthasar*. Mas se então se encheo, & cerrou o numero dos peccados de Balthasar; como diz a mesma Escritura, que se achou, que tinha menos: *Inventus es minus habens*? Por isso mesmo, & porque assim foy. Quando Balthasar se assentou à mesa, tinha menos hum só peccado dos que eraõ necessarios para encher o numero, & como elle na mesma mesa mandou vir a ella os vasos sagrados do Templo, para que fossem profanados, este peccado de sacrilegio foy o que acabou de cerrar o numero, & encher a medida: & tanto que ella esteve cheya, logo elle foy morto violentamente: *Interfectus est*.

39 Quantas vezes se ve

Tom. 4.

isto no mundo sem se entender. Matãraõ esta noite a fulano vindo de tal parte. E quãtas noites tinha elle ido, & vindo dessa mesma parte? Muitas. Pois porque o não matãraõ então, senão agora? A offensa de Deos, & o agravo dos homens era o mesmo, & muitas vezes publico: pois porque o dissimulou Deos, & o não vingãraõ os homens, senão neste dia, & nesta hora? Porque os peccados antecedentes hiaõ encheõdo a medida, o deste dia, & desta hora foy o que a acabou de encher. O mesmo passa nas mortes, & accidentes repentinos, ainda que pareçaõ naturaes, & em outros desastres, & casos, que parecem fortuitos, & as mais das vezes são effeito, & execução do peccado ultimo, & decretorio, que ajuntandose aos outros, & acrescendo sobre elles, acabou de encher a medida. Tanto assim ( diz o grande Deoniso Cartusiano, tão alumiado no Espirito, como insigne em todo o genero de letras) tanto assim, q̃ aquelle mesmo homem, que segũdo as leys da natureza,

C iij

&

& disposiçãõ da faude , & idade , havia de viver ainda muitos annos , só porque acabou de encher a medida dos peccados , acabou juntamente , & sem remedio os dias da vida : *Sæpe enim homines propter peccata intempesive moriuntur , quando videlicet impleta sunt iniquitates eorum. U. ide de peccatore apud Job scriptum est , antequam impleantur dies ejus , peribit.* Diz Job , que o peccador morrerá antes de encher os seus dias , & a causa não he outra , senão porque antes de encher o numero dos dias , enchéo o numero dos peccados : *Quando videlicet impleta sunt iniquitates eorum.* E quem affegurou aos que neste dia , & nesta hora estaõ vivos , & faõs , que o primeiro peccado , que se deliberarem a cometer , não seja tambem o ultimo ? Aquelle Hebréo , & aquella Madianita , aos quaes matou o zelo de Fideis no peccado actual , bem mal cuidavaõ , que no mesmo a clo se lhe havia de acabar a vida , como tem acontecido a outros muitos. Mas como só , aquelle peccado

faltava a ambos para encherem a medida dos peccados a vida , & o peccado tudo se acabou juntamente ; para que temãõ , & tremaõ todos de se resolver mais a peccar ; pois não sabem , se aquelle peccado será o ultimo.

40 Mas quando com o ultimo peccado se não acabou juntamente a vida ( que era a segunda parte da nossa dijudicativa ) nem por isso ficava de melhor condiçãõ os que já enchêraõ a medida dos peccados ; porque deixado da mão de Deos , só lhe sobrevirão esses dias , que viverão de mayor inferno. *Væ eis qui recessero ab eis.* Ay d'elle ( diz Deos pelo Profeta Oséas ) Ay d'elles , quando eu me apartar d'elles. Oh se os homens podessem alcançar , & comprehêder a significaçãõ de hum ay de Deos ? Oh que tão alto , & que profundo ay ! Tãõ alto , que chega ao Ceo Empirio , donde o peccado he lançado , & desherdado para sempre : tãõ profundo , que penetra até os abismos do inferno , onde o peccado será metido , & aferrolhado para arder , em quanto Deo

or Deos. A este ay respon-  
 eraõ por toda a eternidade  
 infinitos ays: mas ays de dor  
 em arrependimento, ays de  
 ormento sem alivio, ays de  
 desesperaçõ sem remedio.  
 antes ditto basta hum ay de  
 verdadeira contriçõ, para  
 Deos perdoar todos os pec-  
 ados; mas depois de cheya a  
 medida, & a Alma ser deixa-  
 da de Deos, jã não terãe lu-  
 ar esses ays, ou feraõ sem  
 auto, porque ninguem se  
 õde converter a Deos sem  
 Deos. Como tornará a Alma  
 a Deos, se o mesmo Deos  
 deixou já: *Cum recessero ab*  
*is: Rupertus, & com elle a*  
*glossã cõmentãõ assim estas*  
*palavras de Oseas: Postquam*  
*recessero ab eis, sequitur adhuc*  
*id est, iudicium aeternae dā-*  
*tionis.* Depois de Deos  
 deixar a Alma, segue-se ain-  
 da a ay do mesmo Deos; &  
 este ay não he, nem significa  
 menos que a eterna conde-  
 naçõ. Santo Isidoro diz o  
 mesmo: *Dei secreto, & iusto*  
*iudicio, deseritur homo, & per-*  
*endus in potestate demonum*  
*elinquitur; nam re vera, quē*  
*Deos deserit, demones susci-*  
*unt.* Quando Deos por scus

secretos, & justos juizos dei-  
 xa huma Alma, logo o de-  
 monio toma posse della para  
 sua perdiçõ eterna; porque  
 dimittila Deos de si, he en-  
 tregála ao Demonio.

41 Os Theologos vin-  
 do a declarar rigorosamente,  
 em que consiste deixar Deos  
 huma Alma, alguns disserãõ,  
 que em a privar totalmente  
 dos auxilios, ainda ordinarios,  
 em pena dos peccados  
 antecedentes. E verdadeira-  
 mente deixados outros luga-  
 res da Escritura, hum do  
 Capitulo quinto de Isais, *Isai.*  
 parece que o diz assim à le- *5. 5. 6.*  
 tra: *Et nunc ostendam vobis*  
*quid faciam vinea mea. Au-*  
*ferum sepem ejus, & erit*  
*in direptionem, diruam ma-*  
*ceriam ejus, & erit in con-*  
*culcationem: & ponam eam*  
*desertam: non pietabitur, &*  
*non fodietur: & ascendent ve-*  
*pres, & spine: & nubibus*  
*mandabo, ne pluant super eam*  
*imbrem.* Deixarey a minha  
 vinda (diz Deos) por me  
 responder com labruscas em  
 lugar de uvas: *Ponam eam*  
*desertam.* E que lhe farey  
 entãõ? Arrancarlhehey as  
 seves, & derrubarlhehey o

muro ; para que homens , & animaes entrem por ella , & a pizem : não a podarey , nã cavarey , nem lhe farey outro beneficio , ou cultura : já não serà vinha , sennão mato , & em lugar de brotareem nella as vides , crescerão abroelhos , & espinhas : & sobre tudo mandarey ao Ceo , & às nuvens , que não chovão sobre ella : *Et nubibus munda- bo , ne pluant super eam imbrẽ.* Se isto não he privar a Alma de todo o ouxilio , ninguem negarà , que o parece. E para Deos no tal caso justificar a sua Providencia , basta a definição do Concilio Tridentino : *Nunquam Deus deserit hominem , nisi prius ab homine deseratur :* que nunca Deos deixa o homem , se o homem não deixa primeiro a Deos. Mas porque a sentença mais pia , mais recebida , & approvada communmente por certo , he que Deos em nenhum estado desta vida falta ao homem com os auxilios sufficientes. Que se segue daqui depois de cheya a medida dos peccados , sennão , como dizia , mayor inferno ? Ou o peccador encheo a me-

dida dos peccados ; ou não Se a não encheo , salvouse ; se a encheo , condenouse : E que importa que se condenasse com auxilios , se não ufou bndelles ?

42 Este he o estado in felicissimo da impenitencia final , a qual se consumma na outra vida , mas começa nesta. Oh quantos condemnados vivem ainda , & andão entre nós , não porq̃ absolutamente não o podessẽ , mas porque se não hão de cõverter. Estaõ atados aos peccados , de que já encherão a medida : *Funes peccatorum circumplexi sunt me.* Cuidaõ que se hão de defatar do ultimo , como porventura se defataraõ dos outros ; mas enganãos o seu pensamento como enganou a Samsão Tres vezes rompẽo Samsão as ataduras , com que os Filisteos o queraõ prender ; mas quando veyo a quarta depois de cortados os cabellos , nota a Escritura , que acordando disse consigo , tambem desta vez me defatarey , como das outras ; porque não sabia , que Deos o tinha deixado : *Dis- xit in animo suo : egrediar si-*



ante feci, & me excutiam,  
 sciens quod recessisset ab eo  
 dominus. Tinha Deos dei-  
 do a Samsão, & porq̃ o ti-  
 ná deixado, não se desatou  
 como dantes: prendêraõ-no  
 Filistêos: tiráraõlhe os  
 olhos, & leváraõno a moer  
 em huma atafona. O mes-  
 mo acontece à Alma deixa-  
 da de Deos: prendem-na os  
 demônios, & tomaõ posse  
 della, como dizia Santo Isi-  
 dro: tiraõlhe os olhos, com  
 que fica cega, obstinada, &  
 impenitente: & levaõna a  
 moer, & arder na atafona do  
 inferno, cuja roda em qual-  
 quer parte pode ter princi-  
 pio, & em nenhuma tem fim;  
 porque he a roda da Eterni-  
 dade. E se isto faz, ou aca-  
 da de fazer o ultimo pecca-  
 do, que enche a medida, &  
 ninguém sabe qual seja, nem  
 a peccado que o não possa  
 ser: Quem haverá, que se  
 treva a cometer qualquer  
 peccado, & senão resolve  
 firmemente a nunca mais  
 peccar: *Jam amplius noli pec-  
 care.*

§. X.

43 Por fim quero res-  
 ponder a duas duvidas, que  
 podem occorrer, para que  
 nos não enganemos cõ ellas.  
 A primeira he, se os pecca-  
 dos já confessados, & per-  
 doados entraõ tambem na  
 conta para encher a medida?  
 Respondeo, que sim: porque  
 ainda que estejaõ perdoã-  
 dos quanto à culpa, & satisfi-  
 feitos quanto à pena, para  
 encherem o numero, & per-  
 fazerem a conta, basta have-  
 rem sido. Assim como os  
 dias, que todos passaõ, ou  
 fossem bem, ou mal gasta-  
 dos, enchem a conta, & a  
 medida da vida; assim os  
 peccados, ou perdoados, ou  
 não, enchem a sua, a qual se  
 determinou, & compoz de  
 todos os que cada hum com-  
 mettesse: *De propitiato pec-*  
*cato noli esse sine mutu.* O pec-  
 cado já perdoado ( diz o Es-  
 piritito Santo ) não deixes de  
 o temer. E porque, se já está  
 perdoado? Porque ainda que  
 o peccado perdoado já não  
 he quanto a culpa, & pôde  
 tambem ser, que já não seja  
 quan-

*Ecl.  
 55.*

quanto à pena ; quanto ao numero, & à soma, com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido peccado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos peccados a se encher he cousa tão temerosa, & de summo perigo ; por isso todo o peccado, ainda que nos conste moralmente, ou nos constasse por outra via mais certa, estaria predoado, sempre comtudo nos deve causar temor : *De porpitiato peccato noli esse sine metu.*

44 A outra duvida ainda nos pôde enganar mais aparentemente. Porque a materia, com que o demonio nós tentar, pôde ser muito menos grave que a de outros peccados, que já tenhamos comettido, & se aquelles, sendo muito maiores, não enchêrao a medida, muito menos parece que pôde encher este, com que agora se tentado, sendo muito mais leve, ou menos grave. Tambem isto he engano, & se demonstra com authoridade de fé, & com o mayor, & mais evidente exemplo, que se

podia excogitar. Falla S. Paulo dos Judéos, que o perseguiaõ, & impediaõ a pregação do Evangelho : sendo esta perseguição vinte e cinco annos depois da morte de Christo, diz o Apostolo, com ella enchiaõ os Judéos a medida dos peccados, pelos quaes totalmente havia de ser destruidos com castigo, assolação, & exterminio final : *Qui Dominum occiderunt Jesum, & nos persecuti sunt, prohibentes nos gentibus loqui, ut salve fiant, ut impleante peccata sua semper. Pervenit enim ira Dei super illos usque in finem.* A morte de Christo foy o mayor peccado, que nunca se comettêo nem podia cometter : & a perseguição de Paulo, & o impedimento, que com ella se punha à prégação do Evangelho, ainda que grãde peccado, era sem comparação muito menor : pois como diz o mesmo S. Paulo, fazendo menção da morte de Christo pelos Judéos, que elles com a perseguição, que lhe faziaõ, enchiaõ a medida dos seus peccados : *Ut impleant peccata sua.* Porque para

ra encher a medida dos peccados, não he necessario, que o peccado, que acaba e encher, seja mayor, nem qual aos peccados já cometidos, & basta que seja maior. Nas cousas secas o ultimo graão, & nas liquidas a ultima gota, são as que acabão de encher a medida: & não pela grandeza, ou quantidade de cada huma, senão porque he a ultima. O mesmo passa em qualquer peccado, com tanto que de sua natureza seja mortal: para q̄ amamos a todos, & a cada hum, & nos não femos em ter, ou parecer menor, para nos arriscarmos ao cometer.

45 Oh praza à Magestade, & misericordia divina, que esta lição do Ceo se nos imprima dentro na Alma, & nola penetre de tal sorte, que desta hora, & deste momento em diante nos resolvamos côstantissimamente a nunca mais peccar, por nenhũ interesse, por nenhũ gosto, por nenhũ receio, por nenhũ caso, ou successo da vida, nã da morte. Vede quem vos diz, q̄ pequeis, & quem

vos diz, que não pequeis. Quem vos diz, que pequeis, pôde ser o mundo, pôde ser o demonio, pôde ser a carne, tres inimigos capitaes, que só pretendem, & maquinão vossa eterna condenação. E quem vos diz, que não pequeis, he aquelle mesmo Deos, que depois de vos dar o ser, se fez homẽ por amor de vós, & aquelle Deos, & Homem que só por vos salvar, & vos fazer eternamente Bemaventurado, não duvidou padecer tantos tormentos, & afrontas, & morrer pregado em hũa Cruz. Este Senhor tão poderoso, este Conselheiro tão sabio, este Amigo tão verdadeiro, & tão fiel, he o que vos diz, q̄ não pequeis: *Jam amplius noli peccare.*

46 Consideray bem estas palavras do amorosissimo Jesu, que não só são para persuadir, senão para enternecer a quem ainda tiver coraçãõ; *Jam amplius*: já não mais. Baite já, Christãõ remido com o meu Sangue, baite já o que tens peccado, baite já o que tẽs vivido sem ley, sem razaõ, sem conscien-

ciencia, sem Alma: baste já o que me tens offendido, baste já o que me tens desprezado, baste já o que me tens crucificado. Se te não compadeces de mim, compadecete ao menos de ti, que a ti, & por amor de ti o digo. Se não basta, que Eu te mande que não peques, Eu to peço, Eu to rogo, & não só te represento a minha vontade, mas me valho, & invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare*. Que não queiras peccar te advirto huma vez, & outra; porque não cuides, que não podes. Na tua mão, no teu alvedrío, na tua vontade está o salvarte, se quizeres: para que vejas, que cegueira, que locura, que infelicidade, que miseria, & que eterna confusão, & dor irremediavel será a tua, se por tua propria vontade, & por não resistires a hum peccado, te condenares. Se já estiveras no Inferno, para onde corriás tão precipitadamente, & onde já havias de estar ardendo: se Eu não tivera

mão na minha justiça, que havia de fer de ti a esta hora? E se nesta mesma hora Eu te offerecesse o partido de te livrar do Inferno, & te dar o Ceo, só com condição de não queres mais peccar, que havias de fazer, & graças me havias de dar: Por se por merce, & misericordia minha ainda estás em tempo; porque não tomarás muito deveras, & para sempre a mesma resolução? Porque te não livrarás dos males eternos, & segurarás o eternos bens? Porque não ganharás a Coroa, & Reyno do Ceo, & te farás para sempre Bamaventurado? E tu do isto só por ter huma vontade tão honesta, tão util, & ainda tão delectavel, como he o não querer peccar? Acaba, acaba já de fer inimigo de ti mesmo: acaba já de offender a quem tanto te ama: acaba já de querer antes do Inferno sem mim, q̃ a Gloriam comigo: *Jam amplius noli peccare*.



# S E R M A M


D E

## N. SENHORA DO O;

Na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda,  
Na Bahia, anno de 1640.

*Ecce concipies in utero, & paries Filium. Luc. 1.*

§. I.

47  Figura mais perfeita, & mais capaz de quantas inventou a natureza, & conhece a Geométrica; he o circulo. Circular he o Globo da terra, circulares as Esferas Celestes, circular toda esta machina do Universo, quem porisso se chama Orbe, & até o mesmo Deos, se, sendo espirito, podéra ter figura,

naõ havia de ter outra, senaõ a circular. O certo he, que as obras sempre se parecem cõ seu Author: & fechando Deos todas as suas dentro em hum circulo, naõ seria esta idéa natural, senaõ fora parecida à sua natureza. Daqui he, que o mais allumiado de todos os Theologos, S. Dionisio Areopagita, naõ podendo definir exaquiamente a summa perfeição de Deos, a declarou cõ a figura do circulo: *Velut circulus quidam sempiternus propter bonum, ex bono*

*bono, in bono, & ad bonum certa, & nusquam oberrante glomeratione circumniens.* Estes são os dous maiores circulos, que até o dia da Encarnação do Verbo se conhecerao: mas hoje nos descreve o Evangelho outro circulo em seu modo mayor. O primeiro circulo, que he o mundo, contém dentro em si todas as cousas criadas: o segundo, increado, & infinito, que he Deos, contém dentro em si o mundo, & este terceiro, q̄ hoje nos revela a Fé contém dentro em si ao mesmo Deos

*Luc. 1. 31. 32. Ecce concipies in utero, & paries Filium: hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur.* Nove mezes teve dentro em si este circulo a Deos, & que podera imaginar, que estando cheyo de todo Deos, ainda alli achasse o desejo capacidade, & lugar para formar outro circulo? Assim foy, & este novo circulo formado pelo desejo, debaixo da figura, & nome do O, he o que hoje particularmente celebramos na Expectação do parto ja concebido: *Ecce concipies, & paries.* De hum & outro circulo travados en-

tre si se compara o nosso discurso, concordando (que a maior dificuldade de dia) o Evangelho com o titulo da Festa, & o titulo do Evangelho. O mysterio do Evangelho he a Conceição do Verbo no ventre virginal de Maria Santissima: o titulo da Festa he a Expectação do parto, & desejos da mesma Senhora debaixo do nome do O. E porque o O he hum circulo, & o ventre virginal outro circulo, o que querendo mostrar em hum, outro, he, que assim como o circulo do ventre virginal na conceição do Verbo foy hum O, que comprehendeo immenso, assim o O de desejos da Senhora na Expectação do parto foy outro circulo, que comprehendeo o Eterno. Tudo no dirão com a Graça do Ceas palavras, que tomeo p̄ thema. *Ave Maria.*

## §. II.

*Ecce concipies, in utero, & paries.*

48 **H**Uma das mayores excellencias da

Escri

Scripturas Divinas, he não aver nellas nem palavra, nem allaba, nem ainda huma só letra, que seja superflua, ou appareça de myfterio. Tal he myfterioso O, que hoje começa a celebrar, & todos estes dias repete a Igreja, brevemente na voz, grande na significação, & nos myfterios profundissimo. Mas contra este mesmo principio parece que o nosso texto, com ser tão breve, não só temos hũa letra, senão hũa fillaba, & hũa palavra superflua. E que allaba, & que palavra? *In utero*: dizendo o Anjo à Senhora: *Ecce concipies, & paries*: que conceberia, & pariria o Filho de Deos; bem claramente se entendia não só a substancia do myfterio, senão o modo, & o lugar; & que este havia de ser o sacramento virginal do ventre santissimo. Superfluo parece logo sobre a palavra *Concipies*, crescer *In utero*. Mas esta embaixada deu-a o Anjo, mandou-a Deos, & refereo o Evangelista: & nem Deos, nem o Anjo, nem o Evangelista haviaõ de dizer palavras superfluas. A que fim

pois, quando se anuncia este oraculo ( que foy o mayor, que veyo, nem virã já mais do Ceo à terra ) se diz, & se repete por tres bocas, huma divina, outra Angelica; & outra mais que humana, que o myfterio da Conceição do Verbo se ha de obrar finalmente no utero, ou ventre da Mãe: *Ecce concipies in utero*? Sem duvida, porque era tão grande a novidade; & tão estupenda a maravilha, que necessitava a Fé de toda esta expressão. Haverse Deos de fazer homem, novidade foy, que affombrou aos Profetas, quando a ouvirão. Porém, que esse mesmo Deos, sendo immenso, se ouvesse, ou podesse encerrar em hum circulo tão breve, como o ventre de hũa Virgem: *In utero*? Esta foy a maravilha, que excede as medidas de toda a capacidade criada.

49 Consideray a immensidade de Deos, & vereis atõ onde chega, & se estende o significado desta pequena, ou desta grande palavra: *In utero*: Immensidade he huma extensão sem limite, cujo centro

tro está em toda a parte, & a circumferência em nenhuma parte: *Cujus centrum est ubique, circumferentia nusquam.* Ponde o centro da immensidade na terra, pondeo no Sol, pondeo no Ceo Empyreo, está bem posto. Buscay agora a circumferencia deste centro, & em nenhuma parte a achareis. Porque? A razão he. Porque sendo a terra tão grande, & o Sol cento & sessenta vezes mayor que a terra: & sendo o Ceo muitos milhoens de vezes mayor q̃ o Sol; & o Empyreo, cõ excessõ incõparavel mayor que ou outros Ceos; todas essas grandezas tem medida, & limite, a immensidade não. Deos por sua immensidade, como bem declarou S. Gregorio Nazianzeno, está dentro no mundo, & fóra do mundo: *Deus in universo est, & extra universum.* Mas se fóra do mundo não ha lugar, porque não ha nada, onde está Deos fóra do mundo? Está onde estava antes de criar este mundo. Se Deos não estivera neste espaço, onde hoje está o mundo, não o podera criar: & como Deos

fóra do mundo pôde criar infinitos mundos, tambe está em todo esses espaços infinitos, a que chamamos imaginarios. E porque outrosim os espaços imaginarios, que nós podemos imaginar, mas não podemos comprehendêr, não tem limite, porisso o centro da immensidade, que se pôde pôr dentro, ou fóra do mundo, não dentro, nem fóra do mundo, pode ter circumferencia. Comparayme o mar com o Diluvio. O mar tem praya porque tem limite: o Diluvio, porque era mar sem limite, nem tinha praya: *Omnia pontus erat, deerant queque littora ponto.* Assim a immensidade de Deos (quando a comparação o fofre.) Está a immensidade de Deos no mundo, & fóra do mundo, está em todo lugar, & onde não ha lugar: está dentro sem se encerrar, & está fóra sem se sair, porque sempre está em si mesmo: O sensível, o imaginario, o existênte, & possível, o finito, & o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende, até onde? Até onde não ha



*Nossa Senhora do O.*

onde : sem termô , sem limite , sem horizonte , sem fim : & por isso incapaz de circumferencia : *Circumferentia nufquam.*

§. III.

50 Mas ô grandeza sobre todas as grandezas, ô milagre sobre todos os milagres o do ventre virginal de Maria ! Nam se diga já , que a immensidade de Deos não tem circumferencia , pois o ventre de Maria assim como Deos he immenso , o conceito todo dentro em si , assim como he immenso , o comprehende , assim como he immenso , o cerca. Aquella mesma immensidade de Deos, a que não podem fazer circumferencia os Orbes Celestes, nem o Globo inteiro do Universo, nem os espaços imaginarios sempre mais , & mais infinitos, essa mesma immensidade , & não outra, he a que abraça, encerra , & contém dentro em si o circulo daquelle ventre purissimo. E se aquelle sagrado circulo verdadeiramente cerca ao mesmo Deos, quam gran-

de elle he em toda sua immensidade ; digase, sim , que o centro da immensidade divina está em toda a parte : *Cujus centrum ubique* : mas não se diga já , que em nenhuma parte tem a circumferencia : *Circumferentia nufquam* : porque o circulo do ventre virginal he a parte , onde tem huma circumferencia tão capaz , & tão cabal , que a todo Deos immenso , como he , abraça , & cerca. Não he pensamento meu ; senão do Profeta Jeremias , ou do mesmo Deos por sua boca.

51 *Creavit Dominus nō-ferre. vum super terram* : diz o 31.22 Profeta Jeremias : Criou Deos huma cousa nova sobre a terra , & tão nova , que nem na terra se vio , nem no Ceo se imaginou semelhante. E que cousa nova , & tão nova he esta ? *Femina circumdabit virum* : huma mulher , a qual ha de cercar o varaõ. O Varaõ por Antonomastia neste caso he o Verbo Eterno encarnado. Todos os outros homens, quando se geraõ , & concebem no ventre da Mãe , não são homẽs ;

nem ainda mininos; porque só tem a vida vegetativa, ou sensitiva, & ainda não estão informados com a Alma racional: porém o Verbo Encarnado, Christo, desde primeiro instante de sua conceição foy varaõ perfeito, & perfectissimo, não só com todas as potencias da Alma, & do corpo, senão tambem com o uso dellas. Assim como o primeiro Adão nunca foy minino, senão homem, & varaõ perfeito desde instante de sua criação; assim tambem o segundo Adão, & com mayor maravilha; porque foy varaõ perfeito, não em corpo, & estatura varonil, como o primeiro; mas naquella quantidade minima, em que são concebidos os outros homens. Essa he a razaõ porque o mesmo Christo, a differença de todos os que nasceraõ de mulher, se chama em fraze da Escritura, aquelle que foy gerado varaõ: *Vir oriens nomen ejus*. Deste Varaõ pois nunca minimo, & sempre Homem, porque sempre Homem, & Deos, deste he que falla Jeremias, quando

Zach.  
6.12.

diz, que huma mulher o havia de cercar: *Femina circumdabit virum*.

52 Mas porque se declara este Profeta pela palavra cercar, termo tambem novo, & inaudito? Haia profetizando o mesmo mysterio, disse: *Ecce virgo concipiet, & pariet Filium, & vocabitur nomē ejus Emmanuel*, que huma virgem conceberia, & pariria a Deos. Pois Jeremias se tinha empenhado em dizer huma cousa nova, & nunca ouvida: *Creavit Dominus novum super terram*: porque a não pondera tambem pela maravilha da conceição, & parto virginal, & em lugar de dizer, que a mulher, de que falla, conceberá, & parirá a Deos feito homem, não diz que o conceberá, & parirá, senão que o cercará: *Femina circumdabit virum*? Sem duvida porque a mayor maravilha do mysterio da Encarnação, he chegar nelle Deos estar cercado. Estar Deo cercado dentro do ventre virginal, sendo immenso, foy fazer que a immensidade tivesse circunferencia: & ajú

tar a circumferencia com a immensidade, foy mais que ajuntar a virgindade com o parto. Ajuntar a virgindade com o parto, foy invētar Deos hum nascimēto digno da sua Divindade; porque, como diz S. Bernardo, havendo Deos de ter Máy, não podia ser senão Virgem; & havendo huma Virgem de ter Filho, não podia ser senão Deos. Mas cercando a mesma Virgem dentro do claustro materno a todo Deos, & ajuntando a circumferencia com a immensidade, foy mayor maravilha, & mayor obra. Porque? Porque foy fazer outro immento mayor que o immento. Valhame São Boa Ventura? *Immensum vas nōn potest esse plenum, nisi immensum sit illud, quo est plenum: Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum, qui cælo maior est, continere potuit.* Suppoem, & prova juntamente o Doutor Serafico, que o ventre virginal foy immento: porque a capacidade, que recebe, & contém dentro em si o immento, não pôde ser senão immenta. Deos he immen-

to: logo o ventre virginal, q̄ concebéo, & teve dentro em si a Deos, tambem he immento. E basta isto? Não. *Maria autem vas immensissimum fuit, ex quo illum qui cælo maior est continere potuit.* Não só diz, que o ventre de Maria foy immento, senão immensissimo. E porque, Theologo Divino? Porque cercou a Deos. Quando hum immento cerca outro immento, ambos são immentos; mas o que cerca, mayor immento que o cercado: & por isso, se Deos, que foy o cercado, he immento; o ventre, q̄ o cercou, não só ha de ser immento, senão immensissimo. A boa Filologia admite, que pôde haver hum infinito mayor que outro infinito; porque se ouver infinitos homens, tambem os cabellos haõ de ser infinitos; porém o infinito dos cabellos mayor que o infinito dos homens. Pois assim como pôde haver hum infinito mayor que outro infinito; assim pôde haver hū immento mayor que outro immento. E tal foy o claustro virginal do utero de Maria: *Ecce concipi-*

*pies in útero.* Deos, que foy  
o concebido, immenso? & o  
útero, que o concebéo, por-  
que o cercou, immensíssimo:  
*Maria autem vas immensissi-  
mum fuit.*

53 Ainda temos melhor  
Author que São Boaventu-  
ra, com ser tão grande Dou-  
tor, que a Igreja o fez super-  
numerario aos quatro Dou-  
tores da Grega, & aos qua-  
tro da Latina. E que Author  
he este? A mesma Virgem  
Senhora nossa. Fallando a  
Senhora de si no Capitulo  
vintequatro do Ecclesiasti-  
co, diz estas palavras: *Gyrum*

*Eccl.* *cæli circuiui sola.* O circulo,  
*24.8.* que cerca o Ceo, Eu só o  
cerquei. Admiravelmente  
dito. O circulo criado, que  
cerca o mundo, he o Ceo, o  
circulo increado, & immen-  
so, que cerca o Ceo, he Deos;  
& o circulo immensíssimo,  
que cercou a esse Deos im-  
menso, he Maria: *Gyrum cæ-  
li circuiui sola.* Demos o seu  
a feu dono. O commento, &  
o pentamento he de Richar-  
do de Sancto Laurentio: *Gy-  
rum cæli, id est, illū, qui clau-  
Rich.* *dit omnia, Christum scilicet,*  
*à S.* *Laur.* *qui est gyrus ingyrabilis, cir-  
lib. 7.*

*cuiui gremio uteri mei.* O cir-  
culo, que cerca o Ceo, he  
quella, que cerca, & encerra  
em si todas as cousas, que he  
Deos. Este circulo porê  
por sua effencia, & grandez  
he tal, que se não pôde cer-  
rar: *Gyrus ingyrabilis.* Não  
se podia declarar huma con-  
sa tão nova, sem se fazer tam-  
bem huma palavra nova: *Gy-  
rus*; porque Deos por sua  
immensidade cerca tudo  
juntamente *ingyrabilis*; por  
que essa mesma immensida-  
de, como diziamos, o faz in-  
capaz de circumferencia,  
de poder ser cercado. Mas  
esse impossivel, que a effen-  
cia, & definição da immen-  
sidade não permittia, venceu  
a capacidade não só immen-  
sa, mas imensíssima do úte-  
ro, & gremio virginal de Ma-  
ria: *Illum, qui claudit omnia,  
qui est gyrus ingyrabilis, cir-  
cuiui gremio uteri mei.* Isto he  
o que disse o Ecclesiastico  
quando pronunciou em no-  
me da Senhora: *Gyrum cæ-  
li circuiui sola.* Isto o que ti-  
nha profetizado Jeremias  
quando disse: *Fœmina cir-  
cundabit virum:* E isto o que  
he annunciou o Anjo, quan-  
do

do disse : *Ecce concipies in utero.*

§. IV.

54 Já o ditto atêqui baf-tava, para que eu uesse por desempenhada a promessa, de que o circulo do utero virginal foy hum O, que comprehendêo dentro em si o immenso. Mas serâ bem, que o mesmo immenso o diga, resumindo tambem a hũ O a sua immensidade. Aparecêo Christo, Senhor nosso, ao Evangelista S. João na primeira visãõ do seu Apocalypse, & disse-lhe: *Ego sum Alpha, & Omèga, principium, & finis*: Eu sou o Alfa, & o Omèga; porque sou o principio, & o fim de tudo: o principio, em quãto Criador do mundo, & o fim, em quanto Reparador d'elle. Alfa, & Omèga sãõ a primeira, & ultima letra do Alfabeto Grego, o qual começa em A, & acaba em O. E esta foy a razaõ, & o mysterio, porque sendo Christo Hebrêo, & S. Joãõ tambem Hebrêo, não lhe fallou o Senhor em Hebraico, senãõ em Grego;

porque o Alfabeto Grego acaba em O, & o Hebraico naõ. O Alfabeto Hebraico tambem começa em A, que he o seu Aleph: & para significar na primeira letra as obras da criaçãõ, em quanto Christo he principio, tanto servia o Alfabeto Hebraico, como o Grego. Porém o Senhor usou do Grego, sendo estrangeiro; & deixou o Hebraico, sendo natural, & da propria lingua; porque para significar na ultima letra o mysterio da reparaçãõ, em quanto o mesmo Christo he fim, só o O tinha propriedade, & semelhança. E esta semelhança em que consiste? Consiste, em que a figura do O he circular; & assim como o O he hum circulo, assim o mysterio da Encarnaçãõ foy outro circulo: *Deus humanatus dicitur esse circulus, ut circumferentia dicatur humanitas, centrum autem divinitas.* O mysterio da Encarnaçãõ do Verbo, diz S. Boaventura, foy hum circulo, porque vestindose Deos de nossa carne, a humanidade de Christo cercou, & encerrou em si a Divindade: E

*D. Bonavent. in Pf. II. ad illud: In circuitu impij ambulant.*

por este modo ineffavel ficou sendo a mesma Divindade, o centro, & a Humanidade, a circumferencia. Sendo pois o mysterio da Encarnação, que foy o fim, & ultima perfeição de todas as obras de Deos, este perfeitoissimo circulo; por isso Christo disse a S. João, que assim como elle, em quanto primeiro principio, he a primeira letra A; assim em quanto ultimo fim, he a ultima letra O: *Ego sum Alpha, & Omèga.*

55 Mas todos os que tiverem qualquer noticia dos Elemêtos da Lingua Grega, porão aqui huma duvida, que está muito à flor da terra, fundada no mesmo O, & no mesmo Alfabeto. No Alfabeto Grego não ha hum só O, senão dous, hum que se chama Omèga, que quer dizer O grande, & outro que se chama Omicron, que quer dizer O pequeno. Logo fallando Christo, como fallava, do mysterio de sua Encarnação, parece que se havia de cõparar ao O pequeno, & não ao O grande. O nome de grande não só em

comparaçõ do homem, mas absolutamente, & fóra de toda a comparaçõ competida à Divindade. Pelo contrario a Humanidade ainda cõparada com outras criaturas, he pequena, & menor q̃ ellas *Minuisti cum paulo minus de Angelis.* Pois se Christo fallava de si em quanto homem porque se não compãra ao O pequeno, senão ao O grande; & porque não diz: *Ego sum Omicron*, senão *Omèga*. A razão he; porque fallando Christo da sua Humanidade na metâfora de O, & de circulo, não devia considerar nella o que era, senão o que cercava. Cercava a Divindade do Verbo, cercava toda a immensidade divina; & hum circulo de tão infinita capacidade, que fazia circumferencia à mesma immensidade, não podia formar hum O, que não fosse o mayor de todos: *Ego sum Alpha, & Omèga, principium, & finis.* Em quanto Deos, que he o principio, era Alfa; em quanto Homem, que he o fim, era Omèga. Mas sendo tão grande o Omèga, que encerrou dentro em si o Alfa, sen-

do tão grande, & tão imenso o O, que encerrou dentro em si o A, como podia ser O pequeno?

56 Para bem vos seja, Virgem puríssima, esta grandeza da Humanidade de vosso Filho; & para bem outra vez; porque não seria tão grande a capacidade daquelle O, se do circulo, onde foy concebido, a não participára. Manilio no livro quarto da sua Astronomia diz huma cousa admiravel, & he, que os que nascem debaixo do Signo de Virgem, recebem desta influencia tal graça no escrever, que hũa letra sua contém huma palavra: *Hic & scriptor erit, felix cui littera verbum est.* Eu não direy o fundamento, q̄ teve Manilio para sair com este Axioma, nem os outros Astronomos o commentaõ facilmente. Mas o certo he, que Christo nascéo debaixo de Signo da Virgem: o certo he, que Christo nesse mesmo mysterio diz de si que he hum O: & o certo he, q̄ esta letra, & este O contém a primeira, & mayor palavra, que he o Verbo Eterno: *Cui*

*littera Verbum est.* Grande, singular, immensa capacidade do Filho, mas participada do utero virginal da Mãy, em que foy concebido, em quanto homem: *Ecce concipies in utero.* Em quãto Deos tambem Christo foy concebido no utero do Pay: *Ex utero ante Luciferum genui te.* Notay porém a differença, mais com pafmo, q̄ com admiração. O Pay Deos de tal maneira concebéo o Filho Deos, que encerrou nelle toda a sua Essencia em hũa palavra; & a Mãy Virgem de tal maneira concebéo ao Filho Homem, que encerrou nelle a mesma essencia em huma letra: a palavra he o Verbo, a letra he o O: *Cui littera Verbum est.*

*Psal.*  
109.4

§. V.

57 Assentado; como temos visto, que o circulo do ventre virginal na côceição do Verbo foy hum O, que comprehendéo o imenso; seguese agora mostrar, como o O dos dezejos da mesma Senhora na Expectação do parto, foy hum circulo, que

comprehendéo o eterno. A Eternidade, & o dezejo, são duas cousas tão parecidas, que ambas se retratao com a mesma figura. Os Egyptios nos seus Geroglificos, & antes delles os Caldéos, para representar a Eternidade pintárao hum O; porque a figura circular não tem principio, nem fim; & illo he ser eterno. O dezejo ainda teve melhor pintor, que he a natureza. Todos os que dezejaõ, se o affecto rompéo o silencio, & do coração passou à boca, o q̄ pronunciaõ naturalmête, he O. Dezejou David a agua da cisterna de Bellém, & antes de declarar aos soldados qual era o seu dezejo, adiantou se hum O a dizer que dezejava; *Desideravit ergo David, & ait: O, si quis mihi daret potum aquæ de cisterna, que est in Bethlehem!* OO foy a voz do dezejo, as demais a declaração. E como a natureza em hum O deu ao dezejo a figura da Eternidade, & a arte em outro O deu à Eternidade a figura de dezejo; não ha dezejo, se he grande, que na tardança, & duração não te-

2. Reg.  
23. 15

nhá muito de eterno. 58 Os dezejos da Virgem Santissima, que todos erao: O quando chegará a quelle dia? O quando chegará aquella dita hora, em que veja com meus olhos, & em meus braços ao Filho de Deos, & meu? O quando? O quando? O quando? Este dezejos da Senhora começárao na conceição, & acabárao no parto. Mas dezejos que começárao; & acabárao dezejos q̄ tiverao principio & fim; como podia ser eternos? Como podia igualar a duração de hũa Eternidade o espasso, que foy sómente de nove mezes? Entre a conceição, & o parto não meteo o Anjo mais que hum *Et: Ecce concipies, Et paries*. Mas não he cousta nova nella mesma embaixada trocar a Senhora alguma palavra do Anjo em outra. Assim como trocou o Eva em Ave, assim trocou o Et em O. E reduzidos os nove mezes ao circulo perfeito d'esse O, não he muito que fosse eternos. O mesmo Et, sem mudança se não diz toda a Eternidade; diz parte della, & não Eterni



ternidade não ha parte, que não seja eterna. No Et do njo começãrão a ser eternos os desejos, que tambem não começãrão a ser: & não tão continuado, & repetido da Senhora acabãrão de errar o circulo da sua Eternidade. Nem he contra a extensão natural da Eternidade a limitação do tempo e nove mezes; porque não vemos conceder menos a capacidade do coração da Senhora, dó que à do ventre santissimo. A mayor capacidade; que criou a natureza, he a do coração humano: & se o ventre de Maria foy capaz de encerrar o immenso, porque não seria capaz seu coração de estreitar o eterno? O eterno, & o temporal são tão oppostos como a Eternidade, & o tempo. A Eternidade não cõta dias, nem mezes, o tempo sim; q̃ por isso contou nove desde a cõceição até o parto da Virgem, a quem S. Joã Damasceno chamou: *Officina miraculorum*. E se nesta officina miraculosa o eterno se pode fazer temporal, o tempo porque se não poderia fa-

zer eterno?

59 Naquelle famosa carroça, que descreve o Profeta Ezechiel, na qual hia; ou era levado Deos, o artificio das rodas era admiravel; porque dentro de hũa roda estava, ou se revolia outra roda: *Rota in medio rotae*. E que duas rodas erã estas? Hũa era a roda do tempo, & outra a roda da Eternidade, diz Santo Ambrosio: *Rota in medio rotae, veluti vita intra vitam, quod in hac vita corporis, vita volvatut usus aeternae*. A roda do tempo he pequena, & breve, a roda da Eternidade he grandissima, & amplissima; & comtudo a roda do tempo encerra, & revolve dentro em si a roda da Eternidade; porque qual for a vida temporal de cada hum, tal serã a eterna, diz o Santo. De maneira, que a maravilha destas duas rodas era, que sendo a Eternidade tão grande, & tão immensa, a roda da Eternidade se encerrava dentro da roda do tempo. Agora pergnto eu E qual era a carroça de Deos, que sobre estas rodas se movia? Não só era a Virgem

Ezec.  
1.16.

San-

Santissima ; com o allegoriza-  
 ção os Santos Padres , mas  
 era a mesma Virgem finala-  
 damente no espaço dos no-  
 ve mezes , que teve a Deos  
 em suas entranhas. Assim co-  
 mo o que vay , ou he levado  
 em huma carroça , não dà  
 passo , nem tem outro movi-  
 mento senão o da carroça ;  
 assim o Filho , em quãto estã  
 nas entranhas da mãy , não  
 se move , ou muda de lugar ,  
 senão quãdo se move a mes-  
 ma mãy : & deste modo se  
 ouve , ou andou Christo em  
 todos os nove mezes , que se  
 contãrão desde a sua concei-  
 ção até o seu nascimêto. De-  
 pois de concebido partio lo-  
 go às montanhas de Judéa a  
 santificar o seu Precursor ;  
 das montanhas tornou para  
 Nazareth ; de Nazareth foy  
 a Bellem ; & não sô nestas  
 jornadas mais largas , mas em  
 todos seus movimentos , ne-  
 nhum passo deu a Magesta-  
 de humanada , que não fosse  
 na mesma carroça real , que  
 por isso se chamava sua , co-  
 mo propria da Pessoa do  
 Verbo. E como esta carro-  
 çã de Deos representava a  
 Mãy do mesmo Deos , em

todo aquelle tempo que  
 trouxe dêtro em si ; por in-  
 as rodas , sobre que se movi-  
 eraõ fabricadas , & travad-  
 com tal artificio , que dent-  
 da roda do tempo se rev-  
 via a roda da Eternidade  
 para significar , que os dias  
 & mezes , que passãrão des-  
 a conceiçaõ até o parto , po-  
 sto que parecêsem breves  
 na duraçaõ , eraõ no dezej-  
 eternos.

## §. VI.

6o E se me pergunta-  
 rem os Filozofos , como po-  
 dia o dezejo fazer eterno  
 aquelles dias , sendo de tan-  
 poucos mezes ? Respondo  
 que o modo foy , & a razão  
 he ; porque os dezejos da Se-  
 nhora , & os OO dos mes-  
 mos dezejos ( que tambem  
 sãõ rodas ) unidas , & acre-  
 centados à roda do tempo ;  
 posto que o tempo fosse fi-  
 nito , elles o multiplicavaõ  
 infinitamente. Assim o disse  
 David , fallando da mesma  
 carroça de Deos : *Currus Dei  
 decem millibus multiplex*. O  
 Chaldéo lê : *Centum milli-  
 bus* : Santo Agustinho : *Mil-  
 lies*

*millibus* : S. Hieronymo :  
*numerabilis* : Novatiano :  
*fnitus, immensus*. Quer di-  
 er, que o numero na carro-  
 de Deos se multiplica a  
 milhares, a dezenas de mi-  
 milhares, a centenas de milha-  
 res, a contos, & milhoens de  
 milhares: em summa, que  
 nega a ser innumeravel,  
 finito, immenso. Naõ se  
 poderá declarar o que digo,  
 nem com melhor compara-  
 ção, nem com mais apropria-  
 ção exemplo que este da mul-  
 tiplicação da Aritmetica :  
*decem, centum, millies milli-*  
*is, multiplex*. Sabeis como  
 raõ os OO dos desejos da  
 Senhora, nos dias, nas horas,  
 nos momentos de todos a-  
 quelles mezes da Expecta-  
 ção do sagrado parto, em q̃  
 depois de concebido o Filho  
 de Deos em suas entranhas  
 aspirava pelo ver nascido?  
 raõ os OO dos desejos da  
 Senhora na multiplicação  
 do tempo como as cifras da  
 aritmetica, que tambem são  
 OO. Ajuntase a cifra ao nu-  
 mero, & que faz? A primei-  
 ra cifra multiplica dez, a se-  
 gunda cento, a terceira mil,  
 e se chegaré a vinte & qua-

tro cifras, quantas são as ho-  
 ras do dia, multiplicação tantos  
 milhares sobre milhares, &  
 milhoens sobre milhoens, q̃  
 excedem a capacidade de  
 toda a comprehensão huma-  
 na. Perguntão curiosamen-  
 te os Mathematicos, se desde  
 o centro da terra até o Ceo  
 estivesse todo este mundo  
 cheyo de arêa miudissima,  
 quanto seria o numero da-  
 quelles grãos de arêa? Esta  
 questão excitou já antiga-  
 mente Archimedes, e ainda  
 mais estendida, & não he  
 difficulosa de resolver; por-  
 que medida primeiro geo-  
 metricamente a capacidade,  
 ou concavo do Ceo da Lua,  
 logo por demonstração Arit-  
 metica se colhe com certeza  
 quanto seria o numero das  
 arêas, que o podem encher.  
 Mas reduzido este mesmo  
 numero innumeravel a figu-  
 ras aritmeticas, parece cou-  
 sa digna de admiração, que  
 todo elle somado se venha a  
 resumir em huma unidade  
 & trinta & duas cifras sómẽ-  
 te. Passemos agora dos OO  
 destas cifras aos OO dos de-  
 zijos da Senhora.

61 Os OO dos desejos  
 da

da Virgem Santissima no effapão daquelles nove mezes, não se haõ de cõtar por dias, nã por horas, nã por minutos, senãõ por instantes; porq̃ não teve instante em to lo este tempo, nã de dia, nã de noite, em que no coração da Senhora senãõ estive sem multiplicando os mesmos OO, suspirando, & anhelando sempre por aquella hora, q̃ tanto mais tardava, & se alongava, quanto era mais dezejada. E digo, nem de dia, nã de noite; porque ainda que o brevissimo sono dava suas tregõas aos sentidos, o coração, que não se podia aparrar dõde tinha o seu thesouro, como vela que sempre ardia, sempre vigiava: *Ego dormio, & cor meum vigilat.* Pois se os OO de trinta & tres cifras multiplicavaõ, ou multiplicariaõ aquelle numero sem conto; os de tantos, & taõ continuados instantes, que em cada parte de tempo sãõ infinitos, vede se o fariaõ eterno? A multiplicação artificial das cifras (sem mudarem a figura, que sempre he o mesmo O) consiste em que a segunda cifra

*Cant.*  
5. 2.

excede proporcionalmente primeira, a terceira a segunda, a quarta a terceira; & assim as demais. E a este mesmo modo se excederãõ, hiaõ excedendo tambem OO dos desejos da Senhora, sendo sempre os seguintes maiores, & mais intensos os que tinhaõ precedido. Razaõ Theologica, & natural deste argumento: porq̃ a cada dezejo da Mãe de Deos correspondia no augmento de graça; a cada augmento de graça maior amor do mesmo Filho; & maior amor, maior, & mais intenso dezejo. Assim q̃ sendo os circulos dos primeiros OO grandes, os seguintes hiaõ succedendo mais, mais, sempre eraõ maiores. Dênos aqui o exemplo a natureza, assim como atẽgo nolo deus a arte.

62 Se acaso, ou de industria lançastes huma pedra ao mar sereno, & quieto; ao primeiro toque da agua vistes algũa perturbação nella; mais tanto que esta perturbação se focegou, & a pedra ficou dentro no mar, no mesmo ponto se formou nelle huma

circ

culo perfeito, & logo ou-  
o circulo mayor, & apoz  
te outro, & outros, todos  
a mesma proporção suc-  
cessiva, & todos mais esten-  
dos sempre, & de mais di-  
tada esfera. Este effeito  
maravilhoso celebra muito  
neca no primeiro livro das  
as questoes naturaes, &  
lle aprendéra os Filoso-  
o modo com que a voz,  
a luz se multiplicão, & di-  
tao por todo o ar. Mas se  
natureza na multiplicação  
extensão destes circulos  
ve outro intêto mais alto,  
m duvida foy, para nos de-  
arrar com a propriedade de  
a comparação o modo com  
e os OO dos dezejos da  
nhora ao passo com que se  
multiplicavao, juntamente  
estendiao. A Virgem Ma-  
a era o mar, que isto quer  
zer Maria, a pedra era o  
erbo encarnado Christo:  
*Petra autem erat Christus*: o  
imeiro toque da pedra no  
ar foy quando o Anjo na  
nbaixada à Virgem lhe to-  
ou, em q̄ havia de ser Mãy,  
m benção sobre todas as  
mulheres: *Benedicta tu inter  
mulieres*. E que succedéo en-

tao? Duas cousas notaveis.  
A primeira, que a serenidade  
daquelle mar purissimo se  
turbou hum pouco: *Turba-  
ta est in sermones ejus*: a segū-  
da, que socegada esta per-  
turbacao: *Ne timeas Maria*: *Ibid.*  
no mesmo ponto, em que a 38.  
Senhora disse: *Fiat mihi se-  
cundum verbum tuum*: & a  
pedra descéo a seu cetro, lo-  
go os circulos, que erao os  
OO dos dezejos da Senho-  
ra, se começarao a formar, &  
crescer no seu coração de tal  
forte, que sempre os que se  
hiao succedendo, & multi-  
plicado, à medida do amor,  
que tambem crescia, erao  
mais crescidos tambem, & de  
mayor, & mais estendida es-  
fera.

§. VII.

63 Agora vejamos estes  
circulos, ou estes OO do de-  
zejo unidos ao circulo, ou à  
roda do tempo, que effeitos  
causarao nelle. Os effeitos  
foraõ, que sendo o periodo  
da Expectação do parto tao  
breve como de nove mezes,  
o fizerao eterno. E porque,  
ou como? Porque cresceo o  
de-

dezejo à proporção do amor, & o tempo à proporção do desejo. Não me creais a mim, senão aos dous maiores Doutores da Igreja, Nazianzeno entre os Gregos, & Agostinho entre os Latinos. S. Gregorio Nazianzeno cõ prefação, de que affirma hũa grande verdade, diz, q̃ hum só dia de ardente, & ancioso desejo, he igual a todo o tempo, a que se pôde estender a vida humana: *Profectò vel unicus dies totius vitæ humanæ instar est desiderio laborantibus.* A duração, que as Escrituras daõ communmente à vida humana, são cem annos; & se cada dia de desejos intensos se mede por cem annos de duração, & a cada dez dias respondem dez seculos, que são mil annos: vede quãtos milhares sobre milhares se podiaõ encerrar no circulo de nove mezes? E se isto affirma com tanta asseveração Nazianzeno por Antonomasia o Theologo, sem determinar objecto, nem soggetto, que seria se suppozesse, que o objecto desejado era Deos, & o soggetto, que desejava, o coração da May

de Deos? Por isso São Agostinho remetteo toda a questão a Deos, como Senhor dos tempos, & Author dos desejos. E diz, que travando Deos o tempo com o desejo reciprocamente de tal forma, que dilatando o tempo, estende o desejo, & estendendo o desejo, dilato o tempo: *Dilatando, extendit desiderium.* Sendo pois os Oros dos desejos da Senhora huns circulos tao estendidos, como vimos, bem se infere que dilatados seriaõ nelles os circulos do tempo. Taõ dilatados, que a roda do tempo pôde comprehender em si a roda da Eternidade: *Et rota in medio rotæ.* Mas para que he recorrer a argumentos de Doutores, se temos no proprio caso o testemunho expresso da mesma Senhora? O. E quando deu a Senhora este seu testemunho, & que palavras? Com as mais adequadas ao seu pensamento, & as mais bem medidas com os seus desejos. Disse que os seus desejos eraõ como o seu desejado: *Dilectus meus totus desiderabilis: dilectus meus totus desideria: C*

eu amado he todo para de-  
 jar, & os meus dezejos  
 o como todo elle. Assim  
 treslada, & interpreta a  
 oração Chaldaica. E se os  
 dezejos da Senhora se me-  
 ção totalmente com o seu  
 dezado, & o dezado era  
 eterno, infinito, eterno:  
 de, se seriaõ tambem eter-  
 nos os seus dezejos?

64 Finalmente para que  
 o pareça encarecimento o  
 que digo, deixai-me abater o  
 curso, para melhor o pro-  
 r: & ouvi como os dezes  
 de quem dezejava muito  
 enos, só por serem do mes-  
 o dezado, foraõ tambem  
 eternos. Quando Jacob des-  
 dindose de seus filhos na  
 ora da morte lhes lançou a  
 benção (a qual juntamente  
 a benção, & profecia) o ul-  
 timo termo que finalou a to-  
 as as felicidades, que lhes  
 omettia, foy a vinda do  
 Messias, a quem chama o  
 dezejo dos montes eternos:  
*Utonec veniret desiderium col-  
 lum aeternorum.* Grandes, &  
 mysteriosas palavras? Cha-  
 ma Jacob ao Messias não o  
 dezado, fenaõ o dezejo,  
 porque havia de ser dezeja-

do tão singular, & unicamẽ-  
 te, que os dezejos de todas as  
 outras cousas em compara-  
 ção deste dezejo, nem eraõ,  
 nem mereciaõ nome de de-  
 zejos. Mas porque lhe não  
 chama dezejo dos homens,  
 fenaõ dezejo dos montes, &  
 dos oiteiros: *Desiderium  
 collium?* Porventura porque  
 até as criaturas insensiveis  
 sem uso de razaõ, nem co-  
 nhecimento de tanto bem o  
 haviaõ de dezejar a seu mo-  
 do, & suspirar por elle? Af-  
 sim explicaõ alguns este lu-  
 gar com a energia daquel-  
 la mesma figura, com que  
 disse o Poeta: *Ipsa te Tyre  
 pinus, ipsi te fontes, ipsa hæc  
 arbuta vocabant.* Porem Ja-  
 cob no verdadeiro sentido,  
 em que fallava, entendéo  
 por montes, & oiteiros, os  
 Patriarchas, & Profetas, af-  
 sim passados, como futuros,  
 nos quaes só se conservava a  
 fé explicita, de que o Mes-  
 sias havia de ser Filho de  
 Deos. E por isso a Esposa,  
 fallando da mesma vinda do  
 Messias, dizia: *Ecce iste ve-  
 nit saliens in montibus, transi-*  
*liens colles.* E chamaõte os  
 Patriarchas, & Profetas, mô-  
 tes,

*Cant.  
 2.8.*

tes, & oiteiros; porque assim como os montes, & oiteiros se levantaõ sobre os valles, & estremandose da outra terra, se avizinhaõ mais ao Ceo; assim os Patriarchas, & Profetas pela eminencia da dignidade, da santidade, & do conhecimento de Deos, em respeito do outro Povo mal disciplinado, & rude, & incapaz de taõ altos mysterios, eraõ os montes, & oiteiros do mundo: Mas agora entra a duvida, em que todos creyo tendes ja reparado, & he porque lhe chama eternos: *Desiderium collium aeternorum?* Os Patriarchas, & Profetas, ainda que lhe demos a antiguidade desde o primeiro de todos, que foy Adão; de Adão atè a morte de Jacob se passáraõ dous mil annos: & se a continuarmos depois de Jacob; desde a morte de Jacob atè a vinda do Messias, passáraõ outros dous mil. Quanto mais que nesta segunda idade as vidas dos homens por mais Patriarchas, & Profetas que fossem eraõ taõ breves como as nossas. Pois se estes montes, & oiteiros cahiaõ, & se

sepultavaõ; & se desfazem em cinzas em taõ breve tempo; como lhe chama Jacob eternos: *Desiderium collium aeternorum?* Na palavra *desiderium* disse Jacob o porquê. Não vedes, que o desejo desses Patriarchas, & Profetas, em que viveraõ, todo era suspirar pela vinda do Messias, todo era clamar ao Ceo, & a Deos, que acaba ja de vir: *Donec veniret?* mesmo Jacob dizia: *Salutare tuum expectabo*: M. ysaie *Mitte quem missurus es*: E *vid*: *Ostende nobis Domine misericordiam tuam, & salutare tuum da nobis*: *Isaias: Oculi cæli desuper, & nubes pluant justum, aperiatur terra, & germinet salvatore*. E como os desejos dos Patriarchas eraõ taõ intensos, & a tardança do bem desejado taõ dilatada, ainda que o tempo das vidas fosse taõ breve, a dilação dos desejos fazia eterno. Eraõ grandes, eraõ fantos, eraõ imminentiſsimos nas pessoas; mas muito mais se estendia nelles o tempo, do que os levantava a dignidade: a dignidade fazia montes; & o desejo



ternos : *Desiderium collum  
ternorum.*

65 Nem mais , nem menos tomou estas medidas David, a quem os desejos, & desejado tocavaõ de mais perto : *Cogitavi dies antiquos, & annos aeternos in mente habui.* Quando considero a antiguidade dos Patriarchas, & profetas ( assim entendem de lugar os mais graves Expositores ) quando considero os tempos antigos, a traçaõ dos Patriarchas, & a fê dos Profetas, aquelles honras taõ allumiados de Deos, que desde entraõ esperavaõ, & desejavaõ o que eu hoje só desejo, & espero; os dias no meu entendimento taõ annos, & os annos eternidades : *Cogitavi dies antiquos, & annos aeternos in mente habui.* Ainda tem mayor mysterio a distincão, & repartiçaõ destes tempos. A vida reveloulhe Deos, que havia de fazer homem; mas não disse como, nem de quem: a Abraham revelouhe que havia de fer da sua descendencia, & da sua nação: a David, que havia de fer da sua casa, & da sua fa-

milia. E quanto mais de perto tocava este bem aos homens, tanto mais se excitava nelles o desejo, & tanto mais crescia com o desejo a dilacão. Na antiguidade remotissima de Adaõ os momentos eraõ dias; na menos remota de Abraham os dias eraõ annos; mas na mais proxima, & já vizinha de David, os annos eraõ eternidades : *Et annos aeternos in mente habui.* Tudo isto succedia següdo aquella regra natural, que quanto o bem desejado está mais vizinho, taõto he mayor o desejo. Bem assim como a pedra no ar, q̃ quanto mais se chega ao centro, tanto com mayor velocidade se move: *Desiderium accit absentis vicinitas*: disse com verdadeira sentença o Comico. E se esta vizinhança já em David fazia do tempo eternidades, só porque sabia David, que havia de nascer em sua casa; que seria no coração da Virgem Santissima, que já o tinha concebido em suas entranhas? Os dous que avaliáraõ estes desejos por eternos, foraõ nomeadamente David, & Ja-

cob, os mesmos dous, de que  
o Anjo annunciou havia Chri-  
sto de ser herdeiro: *Dabit illi*

*Luc. I. Dominus Deus sedem David*  
31. *Patris ejus, & regnabit in do-  
mo Jacob in aeternum.* E se Ja-  
cob, & David de tão longe  
reconheciaõ esta Eternida-  
de, como a não comprehen-  
deria o coração da Senhora  
dentro nos OO dos seus de-  
zejos, tanto mais intensos,  
quanto mais vizinhos; &  
tanto mais dilatados, quanto  
mais intensos? Hum Patriar-  
cha dizia: *O Sapientia!* Ou-  
tro suspirava: *O Adonay!*  
Outro clamava: *O Radix*  
*Jesse!* Os demais: *O Clavis*  
*David!* *O Oriens!* *O Rex gen-  
tium!* *O Emmanuel!* Mas ne-  
nhum disse, nem podia di-  
zer: *O Filho!* E se os OO  
daquelles desejos faziaõ hũs  
circulos tão dilatados, que  
eraõ eternos: *Desiderium col-  
lium aeternorum: & amos*  
*aeternos in mente habui:* que  
fêriaõ os OO daquelle cora-  
ção, & daquelle Mãe, que o  
tinha concebido em suas en-  
tranhas, & o havia de ver  
nascido em seus braços: *Ecce*  
*concipies in utero, & paries*  
*Filium.*

## §. VIII.

66 Certo estou já; qu  
não haverá quem duvide,  
os desejos da Senhora fora  
eternos. O que só receyo po  
lo contrario, he, que não fa  
te quem ponha duvida a se  
rem desejos. Obem ( repl  
cará algum Filosofo) o bem  
que he o objecto da vontade  
assim como tem differente  
tempos, assim causa na me  
ma vontade differentes affe  
ctos. Porque o bem ou he  
presente, ou passado, ou fu-  
turo: se he presente, cau-  
gosto: se he passado, cau-  
fandade: se he futuro, cau-  
dezejo. E como o bem,  
summo bem, objecto dos a-  
fectos da Senhora, que era  
Filho unico de Deos, & se-  
não só o tinha presente, se-  
não mais que presente, po-  
que o tinha dentro em  
mesma; parece, que antes ha-  
via de causar em seu coração  
jubilos de gosto, & não at-  
cias, nem desejos? Que  
discorre desta sorte ain-  
não tem entendido, que  
presença para ser presença  
ha de ter algũa cousa de at-  
fenci

encia. O objecto da vista, para se poder ver, ha de ser presente; mas se está pegado, & unido à mesma potencia, he como se estivera ausente: ha de estar apartado dos olhos, para se poder ver. Assim a presença para ser presença: não ha de passar a ser intima, nem ha de estar totalmente unida, sem de algum modo distãte. He a queixa de Narciso, com erdadeira razão em hystoria fabulosa: *Quod cupio meum est: inopem me copia fecit: que dezejo, tenho em mim: & porque o tenho em mim, careço do que tenho. Pois que remedio? Votum in amante novum: o remedio he um dezejo novo, qual nunca dezejou quem amasse. E que dezejo he este: Vellem quod amamus abesse: dezejar que o que amo se ausente, & se aparte de mim. Tal era o dezejo da Senhora, & tal a razão do seu dezejo. Carecia do mesmo bem, que tinha, porque o tinha dentro em si. Por isso suspirava, & dezejava com ancia velo já fóra; & esta era a causa dos seus DO: *Quis mihi det te fratrem**

*meum, ut inveniam te foris: Cant. 8. 1.*  
 Oh quem me dera Irmao, & Filho meu (Irmao, porque tomastes de mim a natureza humana, & Filho, porque eu volda dey) oh quem me dera vervos já fóra de minhas entranhas; porque dentro nellas, posto que vos tenho, & possuo, não vos posso gozar. *Ut inveniam te*, diz, ainda com mayor energia: Oh quem me dera acharvos! Como se differa a anciosa Mãe, fallando com o mesmo Filho: No dia, em q̄ vos concebi, foy como se vos perdera, & vos escondesseis de mim; porque vos não posso ver. Se me pergunta a Fé onde estais: *Ubi est Deus tuus?* Respondo com toda a certeza, que dentro em mim. Mas se mo perguntão os olhos, só lhe posso responder, que ainda vos busco, & suspiro por vos achar: *Ut inveniam te*. E sendo esta a presença do seu bem (ausente por muito presente) vede, se tinha razão a Senhora de o dezejar com ancias, & suspirar mais, & mais por elle?

67 Dezeja a Virgem Santissima gozar a seu Filho

ao modo com que o Padre Eterno o goza, pois era Filho cômum de ambos. Voay agora, se poderes tanto, os que puzesses a duvida. Descreve o Evágelista S. João a geração eterna do Verbo, & diz, que o Filho estava junto ao Padre, ou perto d'elle: *Et Verbum erat apud Deum.*

Joan.  
I. 1.

Aquelle *apud* assim como foy escandalo aos Arrianos, assim tem sido reparo altissimo a todos os mayores Theologos. Não diz. Christo fallando da mesma geração sua, em quanto Deos, q̄ elle está no Padre; & o Padre nelle: *Ego in Patre, & Pater*

Joan.

24. 10

*in me est?* Pois porque não diz também S. João, que o Verbo estava no Padre, senão junto a elle: *Et Verbum erat apud Deum?* E se estava junto a elle, onde estava, & qual era o seu lugar: *Ubi erat hoc Verbum?* *Quis erat locus ejus?* pergunta Ruperto. E responde, que o lugar, onde estava o Verbo, era a distincção real, com que a Pessoa do Padre se distingue do Filho, & a Pessoa do Filho se distingue do Padre: *Verbum erat apud Deum, ut de Perso-*

*nis non dubites; dum alter audis esse, vel fuisse ad alteram.* O mesmo tinha dito antes d'elle S. Basilio, & depois de ambos o diz S. Thomás. Mas ouçamos de correr altamente na materia altissima a Richardo Victorino. Deos he summamente bom, & summamente beato em quanto summamente he summa, & infinitamente communicavel: logo não podia communicar infinitamente, senão a quem também fosse Deos, & este he o Filho. Em quanto summamente beato, não podia ser ou estar só; porque não felicidade sem companhia logo quem lhe fizesse companhia nessa summa felicidade, havia de ser distincto d'elle: & esta he a distincção real, que ha entre o Filho, o Padre.

68 Neste segundo ponto, que he o nosso, as palavras de Richardo são: *Felicitas summa non potest esse unius solitarij sine confortio, Deus autem est summè felix, quod confortium debet habere.* E alguém replicar, que ante de haver mundo, Deos este

a só, porque sómente havia  
 Deos? Responde Terrullia-  
 o contra Praxéas, distin-  
 guindo huma soledade da  
 outra, tão profundamente  
 como costuma: *Deus ante  
 omnia solus erat, ipse sibi, &  
 mundus, & locus, & omnia:  
 solus autem, quia nihil extrin-  
 secus præter illū. Cæterum ne-  
 quidam quidem solus, habebat e-  
 cum secum rationem suam, hanc  
 præci Logon dicunt.* Deos  
 antes do mundo estava só,  
 porque fôra de si não tinha  
 produzido cousa alguma. Po-  
 dem ainda então não estava  
 só; porque estava acompa-  
 nhado do Verbo, o qual ti-  
 nha comsigo. Notay muito  
 a palavra *Habebat secum.* De  
 maneira, que na Natureza  
 divina summamente comu-  
 nicavel, não bastou que o  
 Padre tivesse o Filho em si:  
*ego in Patre:* mas para que  
 o mesmo Padre não estivesse  
 só, & para que fosse summa-  
 mente beato, foy necessario  
 que tivesse o Filho tambem  
 comsigo: *Habebat secum.* E  
 porque o não podia ter cõsi-  
 go, senão distinguindose re-  
 almente huma Pessoa da ou-  
 tra; por isso foy juntamente

necessario, que o Filho se di-  
 stinguisse realmente do Pa-  
 dre, para que deste modo  
 não só estivesse nelle, senão  
 junto a elle: *Et Verbum erat  
 apud Deum.* Estava o Filho  
 no Padre pela identidade da  
 natureza, & estava cõ o Pa-  
 dre pela distincão das Pes-  
 soas. E esta mesma diferen-  
 ça que fazia no Pay a iden-  
 tidade, & a distincão, fazia  
 na Mãy a conceição, & ha-  
 via de fazer o parto; porque  
 depois da conceição tinha o  
 Filho em si, & depois do  
 parto havia-o de ter comsigo.  
 E se na differença daquel-  
 le: *in,* & daquelle *apud: Ego  
 in Patre, & Verbum apud  
 Deum:* consistia a razão da  
 summa felicidade em Deos:  
*Deus autem est summè felix,  
 quare consortium debet habere:*  
 Vede se era bastante motivo  
 na Mãy do mesmo Deos,  
 ainda que o tivesse em si, de-  
 zejar, & dezejar summamen-  
 te telo junto a si:

69 Esta he a verdadeira  
 Filosofia, porque o bem pre-  
 sente pôde causar dezesjos, &  
 porque a presença para se lo-  
 grar ha de ter alguma cousa  
 de ausencia. O bem, & sum-

mo bem da Senhora em quanto o tinha dentro em si, por muito presente fazia-o a presença invisível; porém depois que o teve fóra de si, & em seus braços, esta mesma distancia, que era parte de ausência, fez que o pudesse ver, & gozar. E se he propriedade do summo bem visto fazer as eternidades breves, que muito he que não visto, nem se podendo ver, fizesse os dias eternos? Não acabava de entender S. Gregorio Nazianzeno, como pudesse ser que os annos, que servio Jacob por Rachel, lhe parecessem poucos dias; & no cabo achou, & deu a verdadeira razão: a qual não era, nem podia ser outra, senão porque em todo aquelle tempo gozava Jacob a vista da mesma Rachel: *Cujus rei hæc fortasse causa erat, quia rei expectatæ conspectu fruebatur.* Se em quanto a Senhora tinha o bendito fruto de seu ventre dentro em si, o podera ver, então os nove mezes lhe parecerião breves dias; mas como era bem, & summo bẽ, por muyto presente invisível; todo o tempo, em que o

não via, nem podia ver, se lhe fazia eterno: E por isso os seus desejos, como vimos, mudáráo o *Et* do Anjo em O, consummando a Eternidade, que no mesmo *Et* teve seu principio: *Ecce concipies, Et paries.*

## §. IX.

70 Tenho acabado o Sermao, & mais depressa por ventura, ou mais de repente do que imaginaveis. Todos esperavaõ, que eu me lembrasse de duas obrigações muy precisas, das quaes parece me esqueci totalmente porque tendo presente a Magestade Sacrosanta do Divinissimo Sacramento, & fallando a hum auditorio tão grave, & tão numeroso: como se não olhasse para o Altar, nem para a Igreja, nem do Sacramento disse huma só palavra, nem ao auditorio dey hum só documento. Este he sem duvida o reparo, que todos fizestes nos dous discursos, que prèguey. E eu agora acabo de entender que nem percebestes bem o primeiro, nẽ applicastes, como

leveis, o segundo; porque o primeiro todo foy do Sacramento, encarecêdo a sua mayor excellencia; & o segundo todo foy ao auditorio, dandolhe a mais importante doutrina.

71 No primeiro discurso sobre as palavras: *Ecce concipies in utero*: não provey eu, que o ventre virginal da Senhora pela conceição do Verbo encarnado fora a circumferencia da immensidade, & hum circulo, que comprehendéo o immenso? Pois isso mesmo he o que a Omnipotencia Divina tornou a obrar por nosso amor no mysterio altissimo do Sacramento, encerrando naquelle circulo breve de Paõ toda a immensidade de seu Ser Divino, & humano. Porque cuidais que instituyo a Igreja, q̄ a fórma da Hostia Consagrada fosse de figura circular, como foy desde seu principio, & se continuou sempre? Alguns quizeraõ na Grecia, que a figura da Hostia fosse quadrada, para significar os quatro elementos, de que he composto o Corpo de Christo, & as quatro partes do

mundo, sobre que tem abso-  
luto, & supremo dominio:  
mas prevalecêo a figura circular, não só porque no circulo se representa tambem a redondeza do mundo; mas, como diz S. Gregorio Papa, porque sendo figura, q̄ não tem principio, nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a Eternidade, a infinidade, & a immensidade divina, que naquelle milagroso circulo está encerrada. Assim se fez, & assim se havia de fazer; porque muitos seculos antes da Encarnação do Filho de Deos, já era tradição dos Doutores Hebraicos na exposição do Psalmo setenta & hum, que o Sacrificio do Messias, como Sacerdote segundo a ordem de Melchisedech, havia de ser em paõ, & esse paõ formado em figura circular do tamanho da palma de huma mão: *Sacrificium Messiae psal. fore placentam rotundam, sicut est vola manus.*

72 Mas para que são tradições, onde temos o ritual de David? *Circuivi, & immolavi hostiam vociferationis.* Falla David de hum Sacrificio,

cio, que offereceo a Deos em acção de graças (como consta de todo o Psalmo) & tal he o nosso Sacrificio. Quando Christo o instituiu, deu primeiro graças: *Gratias agens fregit*: & por isso se chama Sacramento da Eucharistia, que quer dizer acção de graças. E quaes foraõ os ritos, ou ceremonias deste Sacrificio? Tres cousas, diz o Profeta, que só como Profeta as podia antever, & imitar. Diz, que fez hum circulo à roda: *Circuivi* diz que offereceo a Hostia: *Immolarvi Hostiam*: & diz que a acompanhou, não com preces, & oraçoẽs, senão com brados, & vozes: *Vociferationis*. No Sacrificio com nome de Hostia antevia, & significava a que temos, & adoramos presente: no circulo que fez em roda, a figura circular de que havia de ser formada em representação da immensidade divina, que encerra dentro em si: & nas vozes não dearticuladas, senão a gritos, que queria significar David? Parece que tinha diante dos olhos a solemnidade deste dia. Deide o dia de hoje por di-

ante até o do Nascimento do Senhor na Cathedral de Toledo, onde começou esta instituição, & em outras muytas Igrejas da Christianidade, a ultima clausura dos Officios Divinos são vozes sem concerto, nem harmonia, clamando todo o Clero & todo o Povo a gritos, ó, ò, è, Isto he o que quer dizer propriamente, *Vociferationis*. I como o Divinissimo Sacramento he a segunda parte do Mysterio da Encarnação (por onde São João Chrysofomo lhe chamou Encarnação mais estendida) não he cousa alheya do espirito de David, antes muy proprios seus fervorosos, & arrebatados affectos; que à vista daquella sagrada Hostia quando a sacrificava em figura acompanhasse o mesmo circulo, q̄ fazia, exclamando elle, & fazendo exclamar a todos com OO de jubilos, com OO de applausos, com OO de admiraçoens. Oh Hostia, em que o sacrificado he Deos! Oh circulo, que cercas, & comprehendes o incomprehensivel! Oh invento mayor da Sabidoría! Oh milagre sem



igual dá Omnipotencia!  
 h firmeza! Oh excessão! Oh  
 extremo do amor infinito  
 ara com os homẽs! Em fim  
 dos aquelles OO, que a  
 greja resumio em hũ só, O:  
*sacrum convivium, in quo  
 christus sumitur!*

73 Esta foy a allegoria  
 do meu primeiro discurso,  
 toda dirigida, Senhor, à vos-  
 tra Divina, & Humana Ma-  
 jestade Sacramentado. E a  
 doutrina do segundo, em afec-  
 tos tão sobre humanos do  
 primeiro exemplar das vir-  
 tudes, tambem foy encami-  
 nhada toda à imitação dos  
 virtuosos. Que ouvistes sobre  
 as segundas palavras do The-  
 sauro *Et paries Filium?* Ouvis-  
 tes, que estando a Virgem  
 santissima toda cheia de  
 Deos, ainda fenaõ satisfize-  
 raõ seus desejos, dezejando  
 ser com si ao que tinha em  
 si, & acabar de ver com seus  
 olhos ao que estava escondi-  
 do em suas entranhas. Ora  
 applicay isto mesmo a vós.  
 Nada menos do que a Vir-  
 gem concebéo dentro em si,  
 e o que nõs recebemos den-  
 tro em nõs, quando commu-  
 nicamos: Ella ao Verbo, a quẽ

deu carne; & nõs ao Verbo  
 encarnado: Ella a todo Deos,  
 tão immenso como he; &  
 nõs a todo Deos com toda  
 sua immensidade. E daqui se  
 colhe quam grande injuria  
 fará ao mesmo Deos, quem  
 depois de o ter toco em si,  
 ainda dezeja outra cousa.  
 Qualquer outro dezejo do  
 mundo neste caso, ou he de-  
 clarada heregia, ou rematada  
 locura: ou heregia, porque  
 he não ter Fê; ou locura, por-  
 que he não ter juizo. Con-  
 denando Seneca a ambição  
 monstruosa de Alexãdre, dif-  
 se com profunda sentença:  
*Inventus est qui aliquid concu-  
 pisceret post omnia.* Basta que  
 se achou no mundo hum ho-  
 mem, que depois de ter tu-  
 do, ainda dezejou mais algũa  
 cousa? O tudo que possuya,  
 & dominava Alexandre, era  
 nada, só Deos verdadeiranẽ-  
 te he tudo. E que tendo hum  
 Christaõ a Deos, & a todo  
 Deos em si, ainda haja de de-  
 zejar os nada do mundo? Oh  
 cegos, ó enganados, ó predi-  
 dos, ó infieis desejos! Hũa só  
 cousa pôde dezejar licito, &  
 Christaãmente quem chegou  
 a ter a Deos em si. E qual  
 he

qual he? Chegar tambem ao ter consigo, que he o que dezejava a Senhora.

Phi-  
lip. 1.  
23.

74 *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo*: huma só couta dezejo, diz S. Paulo, que he desatar a minha Alma das cadeyas do corpo para estar com Christo. Tornay a dizer, Apóstolo Sagrado, que vos não entendo. Vòs não dizeis, que nesta mesma vida està Christo em vòs: *Vivit verò in me*

Galat.  
2.20.

*Christus*? Pois se Christo està em vòs nesta vida, para que quereis deixar a vida, para eitar com Christo? Porque vay muita differença de eitar Christo em mim, ou eitar eu cõ elle. Estar Christo em mim, he possuilo sem o ver; estar eu com elle, he velo, & gozalo. Esta he a mesma razão porque a Virgem tendo a seu Filho, & a seu Deos dentro em si, ainda dezejava, & suspirava; porque o dezejava ter de modo, que o podesse ver, & gozar. E esta he tambem a razão (se temos uso de razão) porque tendo a Christo dentro em nós sacramento, & invisivel, esta mesma felicidade

nos deve excitar o dezejo outra mayor, & felicissima, que he chegar a eitar cõ elle onde o vejamos, & gozemos por toda a Eternidade. Para fatar a fome de todos os outros dezejos, basta termos todo Deos em nós: mas desta mesma fome já satisfeita ha de nascer huma sede insaciavel de se røperem aquelas nuvens, & o vermos descubertamente na Gloria: *Servavit anima mea ad Deum fontem vivum: satiabor cum aperuerit gloria tua.* Estes ha de ser os OO dos nossos dezejos, como eraõ os do mesmo Profeta: *Quando veniam & apparebo ante faciem Dei.* Oh quando virá aquelle de todo dia, em que appareça meu Deos, diante de vòs! Oh quando chegará aquelle hora, em que vos veja face a face! Oh quando se verá livre a minha Alma do carcere deste corpo mortal, que lhe impede a vossa vista: *Quis me liberabit de corpore mortali huius? O Domine, libera animam meam. O Domine, salvum me fac, ò Domine, benè prospere:* Estes haõ de ser os OO dos nossos dezejos, &

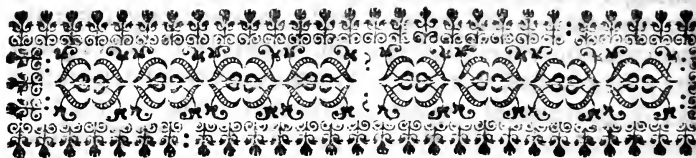
*Nossa Senhora do O.*

75

os do mundo, os da cu-  
a, os da ambição, os do  
so amor, que não são OO,  
não Ays: *Heu mihi, quia in-  
atus meus prolongatus est.*  
rgem Senhora do O, esta  
a graça, que hoje vos de-  
nos pedir todos, & a que  
em nome de todos vos  
ço de todo coração. Que  
ormeis todos nossos delé-

caminhados dezejos; que os  
aparteis de todas as cousas  
temporaes, & da terra; que  
os levanteis ao Ceo, & os en-  
caminheis á Eternidade; pa-  
ra que nella por vossa inter-  
cessão, & pelos merecimêtos  
infinitos de vosso Santissimo  
Filho consigamos com a sua  
vista sem fim, o fim para que  
fomos criados. Amen.





# S E R M A M

DA PRIMEIRA SEXTA FEIRA  
DA QVARESMA.  
NO CONVENTO DE ODIVELLAS.  
Anno de 1644.

*Diligite inimicos vestros. Matth. cap. 5.*

§. I.

75



EMOS hoje em controvérsia os dous mais poderosos affectos, & os dous perigosos, da vontade humana. Taõ poderosos, que se a vontade os vence, he senhora; taõ perigosos, que se elles vencem a vontade, he escrava. E que dous affectos são estes? Amor, & Odio. O amor

tem por objecto o bẽm para o abraçar; o odio tem por objecto o mal para o fugir; & este he o poder universal, que se estende sem limite a quanto tem o mundo. Mas como o mal muitas vezes anda bem trajado, & bem pelo contrario mal vestido, daqui vem, que enganada a vontade com as apparencias, facilmente ama o mal, como se fora bem; & aborrece o bem, como se fosse mal; & aqui está o perigo

antigos diziaõ : Amay a quem vos ama , aborrecey quem vos aborrece: isto he, querey bem a quẽ vos querey mal a quem vos quer mal. Mas este mesmo ditame, ainda hoje taõ guido , postoque parece dado em igualdade , & justiça , he o mayor , & mais rigoroso erro, que a Sabiduria Divina veyo allumiar, & formar ao mundo. Neste Evangelho nos manda Christo amar aos inimigos , & em outro nos manda aborrecer os amigos : neste nos manda amar aos que nos tem odio , em outro nos manda ter odio aos que nos amaõ : & sendo o mesmo Legislador Divino Author destes dous preceitos taõ encontrados , daqui deve presuadir a nossa pouca capacidade , que nem sabemos o que he amor, nem sabemos o que he odio : nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer : nem sabemos querey bem , nem sabemos querey mal. Enganamos o mal com apparencias de bẽ , & levamos o amor : Enganamos o bem com apparencias de mal , & metenos no cora-

ção o odio. E que farã a triste vontade enganada assim , & cativa? O dezengano destes dous erros he, o que eu determino pregar hoje : & ensinar, naõ às más, senaõ às boas vontades , como haõ de saber amar , & como haõ de saber aborrecer. He materia em que depois de disputada a controversia , vos hey de descobrir hum admiravel segredo. Ajudaime a pedir a Graça. Ave Maria.

§. II.

*Diligite inimicõs vestros.*

76 **A** May vossos inimigos. Santo Agostinho com o pezo do seu singular juizo, fondando a profundidade deste preceito, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini, nulla esse mirabiliora, nec difficiliora quam ut suos quisque diligat inimicos.* Lede todas as Escrituras sagradas, ponderay todos os preceitos, cõselhos , & documentos divinos, & nenhum achareis (diz Agostinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que

5. 44.

Aug. in Ps. 118.

quê mandar Deos a hum homem de carne , & fangue , q̄ ame a feus inimigos. Admiravel , & difficultoso , diz o Santo : & deixando o admiravel para depois (como prometti ) reparemos primeiro no difficultoso. He tam difficultoso este preceito , que os Gentios o tiveraõ por impossivel , & muitos Hereges tambem , aos quaes refuta douttissimamente , & convêce S. Hieronymo. Porê m em ser difficultoso , & muito , o mesmo S. Hieronymo cõcorda com Santo Agullinho ; & com Hieronymo , & Agullinho todos os outros Santos Padres , & Doutores da Igreja. Todos dizem , & cõfessaõ , que este he o mais rigoroso preceito da Ley Evâgelica , & esta a mais ardua , & difficultosa empresa da Religiaõ Christãã. Se entre os homens se achaõ taõ poucos , que amem verdadeiramente a feus amigos ; quam difficultosa , & repugnante coufa ferã á natureza humana chegar amar os proprios inimigos ?

77 Ora com isto se re-presentar , & praticar assim ;

eu cuidõ , que esta doutri quando menos he muito vidosa , & que padece hu grãde instancia. São Agullinho nas mesmas palavras que já referi , diz que leam todas as Escrituras , & o em nenhũa dellas se achẽ preceito , ou documento m difficultoso ; & eu digo , o para achar preceito , & documento mais difficultoso naõ he necessario ler todas as Escrituras , nem muitas porque basta só hum texto Evangelho. O mesmo Christo , que disse : *Diligite inimicos vestros* : diz assim no Capitulo quatorze de S. Lucas *Qui non odit patrem suum , matrem , & uxorem , & filios , & fratres , & sorores , adhaerentem sibi non potest meus esse discipulus* . Quê naõ aborrece a seu paõ & a sua mãy ; a sua mulher & a feus filhos ; & a feus irmãos , & a suas irmaãs , & que he mais , a si mesmo naõ póde ser meu discipulo. Este preceito obriga em todos aquelles casos , em que amor dos pays , & parentes encontra com a observença da Ley de Deos. E geralme

me obrigação de todo o  
 cristo não responder a  
 m o ama, se illicitamente  
 amado, ainda que não fos-  
 com perda da Graça, fe-  
 do da perfeição que profes-  
 De maneira que combi-  
 dos os Canones da Ley de  
 risto, em huma parte mã-  
 nos que amemos, a quem  
 aborrece: *Diligite inimi-*  
*vestros*: & em outra, que  
 orreçamos, a quem nos a-  
 : *Qui non odit patrem, &*  
*matrem, non potest meus esse*  
*discipulus.* Agora pergunto  
 : E qual destes dous pre-  
 ditos he mais difficuloso:  
 orrecre hum homem, a  
 em o ama; ou amar, a quem  
 aborrece? Responder com  
 io ao amor, ou com amor  
 odio? Antes de resolver a  
 uestião, disputemola pri-  
 meiro; & ouvi com atten-  
 ção o que allegar por huma,  
 por outra parte; porque  
 os haveis de ser os Juizes.

§. III.

78 Primeiramente pa-  
 rece que he mais difficuloso  
 amar a quem me aborrece, do  
 que aborrecer a quem me ama.

Provo. O aggravo, com que  
 me offende o inimigo, he dor  
 no coração proprio; a cor-  
 respondencia, com que salto  
 ao amigo, he dor no coração  
 alheyo: & no remedio das  
 dores sempre se acode pri-  
 meiro á que mais lastima, &  
 sempre he mais sensitiva, a q  
 está mais perto. Logo mais  
 natural he no homem o odio  
 ao inimigo, que o amor ao  
 amigo; porque no odio ao  
 inimigo acode-se á dor pro-  
 pria com o vingança, no amor  
 ao amigo acode-se á dor a-  
 lheya com a correspondência.  
 Mais. Quando amamos a  
 quem nos ama, governase a  
 vontade pela razão; quando  
 aborrecemos a quem nos a-  
 borrece, move-se o apetite  
 pela ira; & os impetos da ira  
 sempre são mais fortes que  
 os impulsos da razão: sem-  
 pre obraõ mais effizamente  
 os offendidos, que os obriga-  
 dos; porque a offensa corre  
 por conta da honra, a obri-  
 gação per conta do agrade-  
 cimento: & mais soffivel he  
 o nome de desagradecido, q  
 a nota de afrontado. Mais  
 ainda. Quando amo a quem  
 me ama, pago o que devo;  
 quan-

quando me vingo de quem me offendéo, pagãome o que me devem : & quem ha , que não seja mais inclinado a receber a satisfação , que a pagar a divida : Mais difficuloso he logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece , que deixar de amar a quem nos ama. Só parece, que está a experiencia contra esta resolução ; porque sendo no mundo mais as offensas que os beneficios, são mais as ingraticidios que as vinganças: logo os homens naturalmente parecem que são mais ingratos que vingativos. Mas não he assim. Porque para a vingança he necessario poder, & para a ingraticidãõ basta a vôtade. E se he menor o numero das vinganças , he por serem os homens menos poderosos , & não por serem menos inimigos.

79 Por outra parte parece que he mais difficuloso aborrecer a quem nos ama , que amar a quem nos aborrece. Provo. Amar a quem me aborrece, he ser humano com quem o não he comigo : aborrecer a quem me ama , he ser cruel com quem mo

não merece : ó ser humano he ser homem;jo ser cruel he ser fera : logo aborrecer quem nos ama , tanto mais difficuloso he , quanto mais repugnãte à natureza. Mas E he forte razão esta. Na parte do objecto tanto se voca o odio aborrecer , como o amor a amar : por da parte da potencia a vontade he mais inclinada a amar que a aborrecer ; porque amar he acto natural, o aborrecer violento. Donde se segue, que convidada igualmente a vontade do odio inimigo para aborrecer , do amor do amigo para amar , naturalmente se ha inclinar mais a amar ao amigo, que a aborrecer ao inimigo : logo mayor violencia padece a vôtade em aborrecer a quem nos ama, que em amar a quem nos aborrece. Mais. Amar a quem nos aborrece; he acto de generosidade : aborrecer a quem nos ama , he acto de ingraticidãõ & que coraçãõ haverã taõ irracional, que queira amar ser ingrato , que generoso. Quem ha de trocar a nobreza , & fidalguia de hũa gen



*Primeira Sexta feira da Quaresma.*

fidade pela vileza, & baixaza de huma ingratição naturalmente. Mais difficuloso he aborrecer sem causa, e amar com razão. Em quem me aborrece ha razão para o amar? porque se o aborrece como inimigo, não o amar como proximo: Em quem me ama, não ha cousa para o aborrecer; porque se o deve amar por proximo, porque o hey de aborrece por amigo? Logo mais difficuloso he aborrecer a quem nos ama, q amar quem nos aborrece.

§. IV.

80 Posta a questao nestes termos, para eu continuar o Sermao, he necessario amar primeiro os votos aos vivos; porque onde elles reconhecerem a mayor difficuldade, ahi se devem empenhar todas as forcas do discurso. Que dizeis pois nestes casos? Tendes por mais difficuloso o amor dos inimigos, ou o odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrece aos que vos amao? Todos se callao:

81  
ninguem me responde: Mas ja vejo, que quereis que os votos sejaõ secretos, para serem mais livres, & mais verdadeiros. Vede, se os interpreto, & distingo bem. Deitas grades para fora pode ser que haja alguns animos tam briosos, ou vingativos, que tenhaõ por mais difficuloso amar inimigos; & perdoar aggravos. Mas das mesmas grades para dentro (que he a melhor, & principal parte do auditorio) como os coraçoes naturalmente são mais benignos, cuido eu que o amor ha de ter por si os mais votos, & tanto mais, & melhores, quanto mais he entendidos. Do amor (dizem as Almas mais discretas, & de melhor coraçao) de amor me livre a mim Deos, que pelo odio nem me ha de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi he incapaz de odio: mas para o izentar do amor que tem penas, & azas, não battao cercas, nem muros. Dado pois, & não concedido, que algum amor modesto, & comedido podesse aquietar,

cu entrasse; não haver de amar neste caso, nem corresponder com amor hum coração, que he amado, não ha duvida, que este he o pôto mais estreito, & difficuloso, & este o preceito mais arduo da Ley de Deos. Assim me parece, Senhoras, q̃ o está votando geralmente, & concedendo o vosso silencio. Com que vem a distinguir futilmente na segunda parte da nossa mesma questão outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso, quanto mais delicado; & tanto mais difficuloso, quanto mais repugnante. Não amar he menos que aborrecer a quem nós ama; & como no preceito de aborrecer se inclue também o de não amar; neste não amar, que he o menos, consiste o mais da difficuldade. Assim entendo que o entendem, & estão votando os melhores juizos. E porque não pareça que diminulo a força da vossa razão, para mais facilmente a desfazer; pondome primeiro da vossa parte, a quero fortificar, & defender, quanto ella merece.

81 Primeiramente o mesmo Legislador desta Sagrada Republica S. Bernardo, bre aquellas palavras dos Ceticos: *Dilectus meus mihi, ego illi*: ainda das telhas a ma diz que o amor, com que a Alma ama a Deos, não do amor, com que Deos ama a Alma: *Amor Dei amor animæ parit*. E acrescenta, por isso a Alma ama, porque sabe que he amada: *Nec dubitat se amari quæ amat*: Este amor natural, & cã da terra, passa o mesmo. Hum amor naturalmente chama por outro: & não ha coração não tão furdo, que se he chamando, não ouça; nem tão mudo; que se ouvio, não responde. Atê as penhas dos desertos respondem às vozes, & mesmo eccho, que parece he repulsa, he correspondencia. A correspondencia he outra cousa, que a reflexão do mesmo amor, q̃ torna dobrado para dõde vey. E assim como não ha mais amore, nem bronze tão duro, que ferido do rayo do Sol não respondeo ao mesmo Sol com a reflexão do seu rayo, assim não ha coração tão

Primeira Sexta feira da Quaresma.

83

armore na dureza, & tão  
e bronze na resistência, que  
revenido no amor, o não  
edobre, & corresponda co  
outro.

82. He tão certa, & ex  
perimentada esta força do a  
mor, & tão constante no  
uizo de todos os Sabios,  
e Poetas, Oradores, Phi  
losofos, & os mesmos San  
tos Padres a confessaõ, &

incarecem. Entre os Poetas,  
todos sabem o Epigramma  
de Marcial: *Ut ameris, ama*  
deixo outras citaçoens de  
autores desta casta, porque  
nõ gente, que mais professa  
lizonja, que a verdade. En  
tre os Oradores o Principe  
e todos Marco Tullio, ef  
revendoa Bruto, diz assim:

*Clodius valde me amat, quod*  
*mihi persuasum sit, non*  
*sbito quin illium quoque judi*  
*ces à me amari.* Quer dizer.  
Clodio me ama muito, &  
como eu estou persuadido a  
isso, não duvido, que vós  
tambem julgareis, que eu o  
amo. E porque? *Nihil enim*  
*minus hominis ea, quam non*  
*respondere in amore ijs, à qui*  
*ous provocere.* Porque não  
na couza (diz) mais alheya

do fer de homem, que não  
responder com amor a quem  
o amou primeiro. De ma  
neira, que em sentença da  
quelle homem, de cuja lin  
gua estavaõ pendêtes as sen  
tenças de todos, o homem, q  
foy amado de outro, ou o ha  
de amar tambem, ou o deixar  
de fer homem.

83. Entre os Filofofos  
Hecaton, referido, & segui  
do por Seneca ( que he do  
brada authoridade ) disse o  
mesmo; mas com coturno  
filosofico, & confiança de  
Mestre dos Mestres. As suas  
palavras, como se apregoas  
se, & vendesse amor, saõ es  
tas: *Ego tibi monstrabo ama*  
*torium sine medicamento, sine*  
*herba, sine ullius venefica car*  
*mine.* Se alguem dezeja, que  
o amem, não peça hervas à  
natureza, nem confeiçoens à  
medicina, nem feitiços à ar  
te magica, venhase a mim, q  
eu lhe descobrirey hum se  
gredo de mais virtude que  
todas as hervas, de mais effi  
cacia que todos os medica  
mentos, & de mais, & mayor  
força que todos os feitiços.  
E que segredo he este tão  
poderoso: *Si vis amari, ama:*

F ij

Se

Se queres ser amado, ama. Não disse mais o Filosofo; & nestas duas palavras comprehendéo toda a Filosofia do amor. Amar, & ser amado, são relações mutuas, & reciprocas, que posta, ou supposto huma, logo naturalmente resulta a outra. E assim como o amar só com amor se conquista, assim não ha amor tão forte, ou tão fortificado, que se não renda a outro amor. Vamos aos Santos Padres.

S. V.

84 São João Chrysostomo sem allegar a Hecaton (tambem Grego) disse como propria a sua mesma proposição: *Si vis amari, ama*. Mas provou o que elle não tinha provado com a natureza do mesmo amor. O amor essencialmente he uniaõ, & a uniaõ não pôde unir hum extremo, sem que una tambem o outro. Por vêtura se vos atares a hum homem, pôde elle deixar de ficar tambem atado com vosco? Não. Pois da mesma maneira (diz Chrysostomo) se amattes,

não podeis deixar de ser amado: *Quomodo enim si vult te ipsum alteri alligari, nisi ipse alteri tibi ipsi alligetur*. Assim se uniu & atou Jonatas a David, & David logo ficou unido, atado com Jonatas. Os mesmos termos, com que o ceu ta a Escritura declaráo o amor, & mais a comparação *Anima Jonathae conglutinata est animae David*. Não disse que Jonatas amou a David & David a Jonatas, senão a Alma de Jonatas se grudou com a Alma de David. Porque assim como huma taboella se não pôde grudar com outra, sem que ambas fiquem unidas, assim huma Alma não pôde amar outra Alma, sem que ambas se amem. O valor de David movéo a Alma de Jonatas a que o amou, & o amor de Jonatas obrigou a Alma de David a que o correspondesse. Jonatas não amado, amou; mas David pôde deixar de amar. O primeiro amor foy livre, o segundo necessario. Finalmente conclue o mesmo S. Chrysostomo, que a vontade de

ada hum he a ley da vontade alheya: *Voluntas tibi sit* : porque fegundo cada um quizer , ou não quizer amar, assim ferà, ou não ferà amado. De forte que o amado, he mandar, & obrigar a que me amem. O amor he o receito, a correspondencia e obrigação: o amar impio, o ser amado obediencia.

85 Santo Agustinho em menos palavras não differença. *Nulla maior est ad amorem invitatio quam amanti amore prevenire. Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolbat impendere, nolit rependere.* O mayor, & mais certo motivo de ser amado, he anticipar o seu amor que quer alcançar o alheyo. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçam, & por mais usados que sejaõ, conquistaõ vaidades, & engano; mas não verdadeiro amor. A fermosura entretem os olhos, as daviadas enchem as mãos, a discrição lizôgea os ouvidos, os regalos favorecêõ o gosto, o poder, & a Magellãe faz dobrar os juelhos; mas fogueitar, & responder

o coração, só o amor. He o coração humano tão generoso, que não se rende, senão a seu igual: nem ha outro interesse, força, ou arte, com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla maior ad amorem invitatio, quam amore prevenire.* A palavra *invitatio* soa a invite, & o *prevenire* he ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. A razão he ( diz Agustinho ) porque se no mundo ouver algum coração tão duro, & durissimo, que nem ame, nem queira amar, nenhum haverà tão alheyo de toda a humanidade ( ainda que seja esse mesmo ) o qual depois de amado não queira responder com amor: *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolbat impendere, nolit rependere.* Notay muito aquelle *nolbat*, & este *nolit*. Antes de o amarem poderà haver coração tão duro, que não ame, nem queira amar; mas depois de se ver amado, ha de amar, & querer amar, ainda que não quizesse.

85 He tanto que assim (para que eu tambem fizesse

meu encarecimento) he tanto isto assim, que se Deos criãra hum coração de ferro, & este coração fosse amado, natural, & necessariamente havia tãbem de amar. Fallãdo Plinio da Magnate, ou Calamita, ou pedra Iman (q̃ me não cabe na boca o nome do nosso vulgo) descreveo o seu amor como o ferro, ou os seus amores, desta maneira: *Quid ferri duritiã pugnatius? Sed cedit, & patitur amores. Trahitur namque à Magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut proprius venit, assistit, teneturque, & complexu hæret.* Que dureza mais dura que a do ferro? E comtudo esta maneira domadóra de todas as coufas tãbem se deixa penetrar, & padecer de amor. He o ferro amado da pedra Iman (a quem os Francezes discretamente chamaõ Pedra amante) & he tão milagrosa, ou tão amorosa entre ambos a força desta natural simpatia, que a Pedra como amante sempre està atrahindo, & o ferro como amado sempre correspondêdo. Ella o chama, elle se move; ella

o guia, elle a segue; ella eleva, elle se suspende; ella ata, elle se deixa prender; ella pára, elle pára: se sobe: se desce, desce: se anda à roda, rodêa: sempre juntos, sempre conformes, sempre unidos, & tão pegados entre si, como se hum, & outro foraõ de cera. E se obra no ferro huma calida occulta, que seria no coração, ainda que fosse de ferro hum amor declarado: Huma ferro amado de huma pedra não pôde deixar de pagar amor com amor: E pôde hum coração humano amado não amar? Todos estão dizendo, que não: & pare que dizeis bem.

87 Sõ tem esta regra, opiniaõ geral huma exceçãõ contra si, a qual nota o Santo Ambrosio, & depois delle Santo Agustinho, ambos pelas mesmas palavras: Pondêraõ o caso de Josephe, & o valor mais que de hominem com que fugio, & largou a capa nas mãos da Senhora: & o que sobre tudo encarecem, he que amado não se move: *Adamatus non redamovit.* Logo não he tão certo

um tão universal a propozição, que atêgora pretendes provar, nem tão repugnante, & quasi impossivel ao coração humano, não responder com amor, quando prevenido com outro, ou deixar de amar, quando he amado. Bem poderá eu aqui ponderar, que a exceção de um exemplo, quando he um só, ou rarissimo, não desfaz a regra geral, antes a confirma. E a mesma admiração, com que os Santos celebrão este caso, & lhe chamão prodigioso, vem a servir, & mayor prova de ser proprio, & natural he a vontade, & propensão humana seguir sempre, & amar o contrario. Mas com licença de Ambrosio, & Agostinho, eu não consinto em que Joseph amado não amasse; antes digo, que não só amou, mas com muito mayor effeito do que foy amado. Egyptia como vil, accusa a Joseph, & o que comeu amor, degenerou em ingãça: Joseph pelo contrario como honrado, estando innocente, não se desculpa, o que parecia defamor,

mostrou que era fineza. Fim com Deos, porque não quiz peccar; fim com seu senhor, porque o não quiz offender; & mais fim com a mesma que o amou; porque prezo, carregado de ferros, & quasi condenado à morte, não se desculpa a si pela não culpar a ella. Pagoulhe o amor com lhe encobrir o delito. Ella cobrio-o com a capa, & elle com o silencio. Tão impossivel he, que o amor ainda na terra mais dura, & mais esteril, & ainda regeitado, & rebatido, não produza amor.

88 Mas admittido que a Egyptia amasse, & não fosse amada, & Joseph fosse amado, & não amasse; fallando em termos sómente naturaes, & humanos, neste caso, ou noutro semelhante, qual estado, ou qual fortuna seria mais cruel, & mais detestavel; a do que ama, & não he amado, ou a do que he amado, & não ama? Respondo, que no tal acontecimêto (de que Deos livre a todo o coração humano) o que ama, & não he amado, seria digno de mayor compaixão; & o

que he amado, & não ama, de mayor horror. Amar, & não ser amado, he o mayor tormento: ser amado, & não amar, he a mayor injustiça. Mas aquillo he padecer a fem razaõ, isto he fazella: logo melhor he amar, & não ser amado, que ser amado, & não amar; porque amar, & não ser amado, he ser martyr: ser amado, & não amar, he ser tyranno. Sendo pois hum excessõ tão alheyo da razaõ, tão indigno da humanidade, & tão contrario a toda a inclinaçãõ natural, não pagar amor com amor; quem duvida, ou pôde duvidar, que não só o aborrecer a quẽ nos ama (que he acto) mas ainda o não amar sómente (que he méra suspensãõ) seja a mayor violencia da liberdade humana, o mayor aperto do coração, & a mayor tyrannia da natureza?

## §. VI.

89 Ponderadas assim de qualquer modo as tres difficuldades, em que atégora nos detivemos (cujo pezo, & energia mais se pôde

sentir, que declarar) que fãria a vontade humana cercada, ou sitiada por todas as partes, & combatida junta mente de tres violencias tão fortes? Hum preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, & o terceiro, q̃ de se segue, lhe manda não amar, nem responder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer destas obediencias por si a fazer desmayar & estremecer o mais animoso coração, todas juntas que ferã? Pela parte do vivente pela parte do sensitivo, & pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem manda amar o inimigo, parece que o quer insensível quem o manda aborrecer o amigo, parece que lhe tira o racional; & quem o manda que amado não ame, parece que o suppoem pedra, ou morto. Que remedio logo para satisfazer a tantas, & tão difficultosas obrigações juntas, & para que não fiquem nellas o entendimẽto esmorecido, a vontade acfelperada,



& toda a Alma opprimida. Não he tão pouco sua Ley de Deos, que se diffulta os preceitos, não facille os remedios. Todas estas difficuldades, que tão ás, & tão medonhas se representam ao coração humano, assim como ellas são tres, em se vêcem com tres patras, que são as que tomeo o thema: *Diligite, Inimicos, Vestros.* Manda Christo, Senhor nosso, que amemos os nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito, que sem alguma difficuldade, se observa os outros dous, sem nenhuma difficuldade. Diffe com a imitação, porque não he necessaria a observação deste preceito para observar os outros. Mas se este preceito trata dos inimigos, os outros dous dos amigos: se este preceito manda amar, & hũ dos outros aborrecer: se este diz, amay a quem vos tem odio, & o outro diz, não ameis a quem vos ama; como pôde ser, que na imitação deste preceito consista a observação dos outros? Não vos parece isto, que digo, huma cousa muito mara-

vilhota? Pois este he o fregredo admiravel, q̄ vos prometti.

90 Para intelligencia delle havemos de suppor em primeiro lugar, que ha dous generos de inimigos, huns inimigos, que nos querem mal, & nos fazem mal com odio; & outros inimigos, q̄ nos querem mal, & nos fazem mal com amor. Os inimigos, que nos querem, & fazem mal com odio, são os que Christo nos manda amar; & este, todos sabemos quaes são: Os inimigos, que nos querem, & fazem mal com amor, são os que o mesmo Christo nos manda aborrecer; & estes por ventura não sabeis, nem imaginais quaes sejaõ: & agora o sabereis. Sabeis quem são estes inimigos? São todos aquelles, que por fangue, & parentesco, mais, ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por beneficios, ou por esperanças, & dependencias, ou por graças, & prendas pessoas, ou por qualquer outro motivo de afeição vos amão desordenadamente. A Esposa Santa dizia: *Ordinavit*

*Cant.* *vit in me charitatem.* O amor  
 3-4. ordenado he charidade, & o  
 amor desordenado, ainda q̄  
 a desordem seja, ou pareça  
 leve, nem he charidade, nem  
 he amor, he odio. Como  
 pôde ser amar, nem querer  
 bem, o que me priva, ou apar-  
 ta do summo bem?

91 Daqui se segue a se-  
 gunda coufa, que havemos  
 de suppor; & he, que assim  
 como ha dous generos de  
 inimigos, assim ha dous ge-  
 neros de amar, & dous gene-  
 ros de aborrecer. Ha amar  
 bem, & amar mal; & ha a-  
 borrecer mal, & aborrecer  
 bem. E em que se distinguê,  
 ou differença este amar, &  
 este aborrecer? Distinguem-  
 se pelos affectos, & tambem  
 pelos effeitos, porq̄ o amar  
 mal, he aborrecer; & o abor-  
 recer bem, he amar. Os anti-  
 gos pintavaõ o amor, & o  
 odio igualmente armados,  
 ambos com arco, & aljava;  
 mas o amor diziaõ que ati-  
 rava com settas de ouro, as  
 quaes tinhaõ por effeito dar  
 vida; & o odio com settas de  
 ferro, que tinhaõ por effeito  
 matar. Agora perguntou: E  
 se o amor, & o odio trocã-

sem as aljavas, que succederia  
 nesto caso? Succederia  
 sem duvida o que cõta An-  
 creonte, que succedéo o  
 mesmo amor com a morte.  
 Caminhavaõ (diz) o amor  
 & a morte, cada hum a seu  
 intentos, & vieraõ ambos  
 fazer noite, & alvergar r  
 mesma estalagem: levanta-  
 raõ-se muito cedo para cõ-  
 nuar seus caminhos, & como  
 havia ainda pouca luz, succedéo,  
 que as aljavas se trocã-  
 cãraõ: & porque o amor le-  
 vou as settas da morte, daque-  
 veyo, que dalli por diante a  
 suas feridas foraõ mortaes.  
 O mesmo digo eu, que succederia  
 no nosso caso, na  
 fabulosa, senaõ verdadeira-  
 mente. Se o amor atirasse cõ  
 as settas do odio, o amar se-  
 ria aborrecer; & se o odio  
 atirasse cõ as settas do amor  
 o aborrecer seria amar. Pois  
 isto mesmo que succederia  
 he o que succede; & isto  
 mesmo que havia de ser, he o  
 que he, diz São Agustinho.  
 Porque o amor, amado mal,  
 aborrece como se fora odio;  
 & o odio, aborrecendo bem,  
 ama como se fora amor: *Si  
 male amarveris tunc odissi: si  
 bene*

ne oderis, tunc amasti: Se  
 nastes mal, então aborrece-  
 se: se aborreceste bem, en-  
 ão amastes. He sentença  
 preffa, & sem variaçãõ al-  
 ma, tirada do mesmo tex-  
 de Christo. E porque não  
 reça, que o nome de admi-  
 vel, que eu dey a este se-  
 edo, he posto por mim, o  
 mesmo Agustinho lhe deu o  
 mesmo nome: *Magna, & mi-  
 sententia.*

92 Supostas estas duas  
 erdades, certas, & evidêtes,  
 n que muitos coraçõs an-  
 ão tão enganados, & tão  
 gos, cuidando que amaõ,  
 são amados, quando abor-  
 recem, & são aborrecidos; ve-  
 e quam facil fica a execu-  
 ãõ, & quam natural, & leve  
 exercicio de todas aquel-  
 s, que ao principio nos pa-  
 cciãõ difficuldades, violen-  
 cias, & tyrannias. Pergunto:  
 Não he muito facil não a-  
 mar eu a quem me não ama,  
 & aborrecer a quem me abor-  
 rece? Sim. Pois isto he o que  
 Deos nos manda. Se os que  
 me amaõ, me amaõ mal; da-  
 qui se segue, que tão facil  
 he não amar eu, a quem me  
 ama, como não amar a quem

me não ama; porque quem  
 me ama mal, não me ama. E  
 do mesmo modo, tão facil  
 he aborrecer a quem me ama,  
 como aborrecer a quem me  
 aborreces; porque o amor de  
 quem me ama mal, tão fóra  
 está de ser amor, que antes he  
 aborrecimento, & odio. E  
 se alguem disser, que ao me-  
 nos por esta via não guardo  
 o preceito de amar aos ini-  
 migos, tambem infere mal,  
 & se engana; porq̃ esse mes-  
 mo aborrecellos, & não os  
 amar, he amállos. A pro-  
 va he manifesta, mas ha mi-  
 ster atençaõ. Amar mal, he  
 aborrecer: *Si male amarveris,  
 tunc odisti*: logo quem me a-  
 ma mal, aborrece-me, & por-  
 que me aborrece, he meu  
 inimigo. He meu obriga-  
 çãõ de o amar: *Diligite ini-  
 micos vestros*. Tenho obri-  
 gaçãõ de o amar como ini-  
 migo? Logo sou obrigado  
 ao aborrecer bem, assim co-  
 mo elle me ama mal: & se  
 eu o aborreço bem, já o amo;  
 porque aborrecer bem, he  
 amar: *Si bene oderis, tunc a-  
 masti.*

## §. VII.

93 Parece-me que temos filosofado affaz, posto que toda esta especulação foy necessaria, para chegarmos ao ponto, em que estamos. Agora desçamos à practica d'elle, que he o que mais importa, & penhamos o exemplo nas amizades, affectoens, & correspondencias, que no mundo se usaõ (& tambem nas que se abufam fóra do mundo) para que a doutrina chegue a todos. Nenhum amor ha mais natural, mais licito, & menos suspeito, que o dos pays para com os filhos; & contudo he cousa, que excede toda a admiração, dizer o Divino Mestre, como referimos no principio, que quem não aborrecer seu pay, & sua mãy, não pôde ser seu discipulo: *Qui non odit patrem, & matrem, non potest meus esse discipulus.* Abaixo de Deos devemos amar os pays, que depois d'elle nos deraõ o ser: como quiz logo o mesmo Deos, que para ser seu discipulo, he necessario aborrecer,

& ter odio aos próprios pays: Bem se está vendo, que este texto ha mister de declaração, & nenhuma lha de utilidade, lhor que S. Gregorio Papa. Muitas vezes o amor dos pays he desordenado, & não conforme a Ley, & amor a Deos. Não são todos como Jepte, que se sacrificou a filha unica: não todos como Abrahã, que não duvidou levar tambem ao sacrificio o filho primogenito. Quantos pais estabelecem a successão da casa impedem o estado religioso às filhas; & quãtos pais terem perto de si os filhos não fazem caso de que elles andem muito lóge de Deos. E os pays, que querem mais a sua casa, que a minha Alma, os pays, que estimaõ mais o seu gozto, que a minha salvagão; os pays, que porque não deraõ a vida temporal, não se apartaõ de segurar eu a eterna: Vede se são mercedores de amor, ou de odio. Dizeis vós, que por amor do Esposo do Ceo tiveis valor para deixar os pays e a terra: dizeis, se por vontade de sua os deixastes, & mais dizeis, se contra sua

ntade fugistes delles. El-  
s voluntariamente deixa-  
s sacrificaraõ em vòs o  
u amor: & vòs violenta-  
ente fugindo dell:s, con-  
grastes nelles o voffo odio.  
te he o odio fante, com q̃  
aristomáda aborrecer pay,  
máy, aos que se quizerem  
zer dignos de sua escola:  
este o verdadeiro aborre-  
mento, com que lhe devem  
gar os filhos o seu falso a-  
or. Nem se encontra o  
receito de amar os mesmos  
ays com este preceito, ou  
selho de os aborrecer (diz  
Gregorio) porque se elles  
e aborrecem com amor, ju-  
o he, que eu os ame com o-  
dio: *Quasi enim per odium di-*  
*gitur, qui dum prava non*  
*ggerit, non oditur.* Elles a-  
borrecem me cõ amor, por-  
ue me amaõ mal: *Si male*  
*averis, tunc odisti:* & eu  
moos com odio, porque os  
borreço bem: *Si bene oderis,*  
*tunc amasti.*

94 Depois do amor dos  
ays (em que se comprehẽ-  
em todos os grãos do fan-  
ue) debaixo do nome com-  
mum de amigos entraraõ  
eralmente, & com mayor

decõro, todos os õutros que  
amaõ, & saõ amados. Quan-  
do os amigos eraõ verdadei-  
ros amigos, era tambem o  
nome desta profissãõ sagra-  
da, & veneravel: *Illud am-*  
*icitie sanctum, & venerabile*  
*nomen.* Mas depois que a  
sincêra amizade, a qual en-  
tre o coro das virtudes tinha  
taõ hõrado lugar, se descõo  
de sua dignidade, & acõpa-  
nhou cõ os vicios, q̃ amigo,  
ou chamado amigo, ha hoje,  
que assim como he o mayor  
inimigo de si mesmo, o naõ  
seja tambem do seu amigo?  
Tertulliano falando de cer-  
tos Hereges, que negavaõ a  
resurreiçaõ da carne; sendo  
porcõm grãdes amadores del-  
la, chamoulhes discretamẽ-  
te os amicissimos inimigos  
da carne: *Inimicos carnis, &*  
*nihilominos amicissimos ejus.*  
E posta de parte a heregia; q̃  
saõ os amigos do uso, sem  
lhe fazermos aggravõ, senaõ  
amigos inimicissimos, ou  
amicissimos inimigos? E se-  
naõ, dizeyme os mais moços  
(para que guardemos esse  
respeito ás cans) dizeyme,  
& confessay sem rebuço: De  
que vos servem esses, que tẽ-  
des

des por amigos mais intimos, & que amizades são as suas? Irem com vosco ao passeyo, & à comedia; levar-vos à casa do jogo, & às casas, ou cerralhos, da ruim conversação: acompanharem-vos de noite aos furtos da honra alheya, ou à vingança oculta: serem vossos padrinhos no defaño, a que vos leuão já excommungado, & vos trazem morto, ou mal ferido: serem os secretarios de todos vossos cuidados, & pensamêtos, & os conselheiros de todas as traças, enredos, & execuções de vossas locuras, & appetites sem freyo: Em fim os complices inseparaveis de todos vossos vícios, & peccados, & as guias mais certas para o inferno, cujas estradas vos alargão, & assegurão: & tudo isto com tal esquecimento da Fé, & desprezo da razaõ, como se não ouvera outra vida, nem conta, nem consciencia, nem Alma, nem Deos. E se quanto tenho dito he menos do q̄ callo, & vòs sabeis: Julgay, se pôde haver algum inimigo mais cruel, & mais inimigo que estes ami-

gos? Não só são os mayores inimigos; mas muito maiores que o mayor; porque o mayor inimigo pôde vos tirar huma vez a vida do corpo; & estes tira-vos mil vezes a vida da Alma. Ouvir que lhes diz, & como os trata o Apostolo Santiago.

95 *Adulteri, nescitis quia amicitia hujus mundi inimica est Dei?* Adulterio, não sabeis que a amizade de mundo, qual he a vossa, inimiga de Deos? Amizade inimiga lhe chama; porque debaixo do nome de amigo são os mais crueis inimigos, & não ha inimizade tão contraria, nem hostilidade tão feroza, tão nociva, & tão inimiga, como são estas amizades. Mas reparemos no nome extraordinario de Adulteros, com que o Apostolo os nomea, ou afronta estes amigos! O qual nome não só parece proprio de amigos, ou inimigos; mas incapaz elles mesmos de se lhe poder applicar. O adulterio não se pôde cometer, ou executar, senão entre tres: adulterio; a mulher propria a quem se nega o legitim

or; & a estranha, que illi-  
amente se busca, & ama.  
is se este acto tragico se  
póde representar cõ me-  
s de tres figuras: se o adul-  
terio: se não póde cometer  
naõ entre tres; como póde  
ver adulterio entre dous  
amigos sõmente; & esses a-  
mados; & conformes entre  
& nenhum offendido do  
outro, nem aborrecido? Por  
o Apostolo quando lhe  
amou adulteros, lhe cha-  
ou tãbem ignorantes: *Adul-  
teri; nescitis?* porque não  
sõem, que o seu amor he  
de aborrecimento, a sua uniaõ  
de discordia, a sua fidelidade  
de traiçaõ, & toda a sua amiza-  
de o mayor odio. O adulte-  
rio divide os seus affectos, ou  
sua paixãõ entre duas: a  
uma aborrece, a outra ama;  
a hũa despreza, a outra esti-  
ma; a hũa offende, a outra  
regala; a hũa he infiel, a outra  
confirma a fidelidade; a huma  
trai em tudo como amiga,  
a outra como inimiga. E  
estas mesmas cõtrariedades,  
que no adulterio se repartẽ  
entre dous sujeitos; nesta fal-  
sa, e adulterina amizade,  
todas se ajuntãõ, & acumu-

laõ em hum só, que he reci-  
procamente cada hum dos  
falsos amigos. Como a sua  
amizade he inimiga, & o seu  
amor não he amor; senãõ  
odio; o mesmo que em quã-  
to amigo he amado, estima-  
do, defendido, favorecido,  
& servido, & goza apparen-  
temente os bẽs do amor; esse  
mesmo, em quanto inimigo,  
he aborrecido, offendido,  
perseguido, maltratado, &  
destruido, & padece verda-  
deiramente todos os males  
do odio. E a razãõ destes ef-  
fectos taõ encõtrados, & taõ  
unidos, não he outra, por ul-  
tima conclusãõ, senãõ a que  
temos ditto. A amizade de  
raes amigos, & o amor dos q̃  
assim se amaõ, porq̃ se amaõ  
mal, he verdadeiro odio: que  
muito logo, que tẽdose ver-  
dadeiro odio, se queiraõ mal,  
& se façaõ mal? O mesmo  
que se querem, isto se fazem,  
assim como se fariaõ bem, se  
se quizessem bem. Mas quẽ  
se quer mal, & se faz mal,  
porque se ama mal; não se  
póde querer bem, nem fazer  
bem, senãõ aborrecẽdose bẽ:  
*Si bene oderis, tunc amasti: si  
male amaveris, tunc odisti.*

cap. VIII.

96 Tempo he já de colhermos as redes. E quantos coraçõens se acharão (pòde ser) enredados, & prezos nellas? Mas se os peixes, que entre todos os animaes são os mais brutos, fazem tanta força pelas romper, & se libertar; que Alma haverá tão irracional, & tão insensível, que sendo a prizaõ mortal, como he, queira antes a prizaõ que a liberdade? O que se possui com amor (diz o nosso São Bernardo) não se pòde deixar sem dor. E q dor feria a de hoje (mas que lagrimas tão venturofas, & tão alegres!) se de todos os coraçõens, que se amaõ, se ouvesse de fazer hum apartamento geral? Este he, & este foy o meu intento em todo o discurso, que ouvistes. E se lhe déstes a attençaõ, que vos pedi, bẽ creyo tereis entendido, quam facil resoluçaõ será a que vos pretendo persuadir. Não digo, que se deixem de amar os que se amavaõ, nem de quererse bẽ os que se queriaõ bem: só

digo, que se se amavaõ, amam, & se se queriaõ bem, não se queriaõ mal. Cõcedemse logo em se amar, ou se amaõ; mas amemse, como devem, & como convem ambas as partes. Quem diz que me ama, porque assim cuida, ou me quer bem, não me quer mal: Se me quer mal; quero o amar como Christo: *Diligite inimicos vestros*: se me quer bem, quero o amar como homẽ; por que todo homem, diz Christo, ainda que seja Gentio, ama a quem o ama: *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt, nonne & ethnici hoc faciunt*. Na nossa doutrina (que tem da he do mesmo Christo) huma, & outra cousa vem ser muito mais facil. Se ama mal, he aborrecer: que difficuldade tem aborrecer a quem me aborrece? E se aborrece bem, he amar; que difficuldade ha em amar a quem me ama? Por isso digo, que amem os que se amaõ; mas de modo que se queiraõ bem, & não se fação mal.

97 E por que neste apartamento (que he forçoso) das pessoas: & nesta troca



de ser voluntaria) de hum  
 nor, ou modo de amar, em  
 outro; nem os mal amados  
 queixem dos que bem os  
 porrecerem, nem os bem  
 porrecidos dos que mal os  
 navaõ: consolemse huns,  
 e outros, com a queixa que  
 fazia David dos que pelo  
 mesmo caso se queixavaõ  
 elle: *perfectos odio oderam*  
*illos, & inimici facti sunt mihi*.  
 Aborrecci com perfeito  
 odio aos que devia aborre-  
 cer (diz David) & elles en-  
 tenderaõ isto tão mal, q̄ por  
 isto se fizeraõ meus inimi-  
 gos. Pois se vós os aborrece-  
 tes, que muito he, que elles  
 os aborreçaõ? E se vós lhe  
 vivestes odio, que muito que  
 elles tambem vos pagassem  
 com odio: & de amigos vos-  
 tros se trocassẽ em inimi-  
 gos? Muito he (diz David)  
 & de quem entende pouco,  
 o que vay de odio a odio. O  
 odio, com que eu os aborre-  
 cci, foy odio perfeito: *Per-*  
*fecto odio oderam illos*: & odio  
 perfeito, he verdadeiro am-  
 or. Pois se eu os amei com  
 verdadeiro amor, & essa he a  
 perfeição do odio, com que  
 os aborrecci; que causa tive-

raõ elles para se fazerẽ meus  
 inimigos: *Et inimicus facti*  
*sunt mihi*? Nenhuma causa  
 tem logo de se queixar, ou  
 aggravar deste odio perfei-  
 to, nem os que não profes-  
 saõ perfeição, porque tam-  
 bem elles são obrigados à  
 consciencia: nem (& muito  
 menos) os que a professam;  
 porque seria cometter hum  
 sacrilegio, & consentir, &  
 concorrer para outra, com  
 dobrada offensa, & injuria  
 (por não lhe chamar escan-  
 dalo) da mesma perfeição.  
 O que devẽ fazer nesta tro-  
 ca do amor imperfecto, & il-  
 licito com o odio perfeito, &  
 santo, todos os que aman-  
 dose mal se aborreceiaõ; he  
 daremse o parabem a si, &  
 ao seu mesmo amor; pois  
 não pôde haver parabẽ mais  
 justo, & bem aceito, q̄ quan-  
 do o que era mal, se trocou  
 em bem; & quando se come-  
 çaõ a querer bem sem enga-  
 no, os que enganados, & ce-  
 gos se queriaõ mal.

98 E se o nome de odio  
 (que sempre he odioso) ain-  
 da com ser perfeito, lhes  
 causa algum horror; ouçaõ a  
 suavidade divina, com que

a suprema verdade, & fabledoria do mesmo Christo lhe tirou todo este medo com outro mayor: *Qui amat animam suam, perdet eam: & qui odit animam suam, in vitam eternam custodit eam.* Quem ama a sua Alma, perdelaha: & quem lhe tiver odio, salvahala para sempre. Não he melhor o odio, que me salva, que o amor, que me perde? Não he melhor a triaga amargoza, que me dà vida, que o veneno doce, que me mata? Pois este he o amor, & o veneno, que o Medico Divino condena, & este o odio, & a triaga, que receita, approva, & persuade. Oh como he louco, & sem juizo todo o amor desordenado! Póde haver mayor locura, q̄ estimar mais a enfermidade que a faude, & mais a morte que a vida? Se vós amais mal, ao menos não mateis a quem vos ama. *Animam suam* na lingua em q̄ fallava Christo, quer dizer, a Alma, a vida, & a pessoa. E porque se não contentará quem vos ama, de ser amado, como vós amais a vossa Alma, como amais vossa vida, & co-

mo vos amais a vós mesmo. Não he isto defamar, nem pretendeo Christo, quando disse, que nos amassemos menos, mas que fizessemos verdadeiros os encarecimentos vãos dos q̄ se amaõ. E quão taõ amareis a quem vos ama como a vossa vida, como a vossa Alma, & como a vós mesmo em Alma, & corpo quando amardes, & zelardes igualmẽte tanto a sua salvaçaõ como a vossa: a qual se não consegue, nem póde cõseguir, se não por beneficio deste odio: *Qui odit animam suam, in vitam eternam custodit eam.*

99 Reparay, se tendes Fé, naquelle *eternam*. A vida, que depende deste odio não he outra que a eterna. Esta he a que se perde por quatro dias de amor; & esta a que por outros tantos de odio se assegura para sempre. E entã que digaõ, & cuidem, que se querem bem, o que só por se quererem, não querem o summo bem? E se creamos, que nos amamos, & não nos aborrecemos, quando nos aborrecemos para o Ceo, & nos amamos para o

inferno? Se vos amais, & eiti-  
ais tanto o ser amados, por  
amor do vosso mesmo amor  
haveis fazer estas trêgoas, &  
a suspenção de affectos,  
entre vós, & com elle. Por-  
que se fordes ao Ceo, os  
mesmos, q̄ agora vos amais,  
vos haveis de amar eter-  
namente: E pelo contrario,  
se fordes ao inferno ( o que  
Deos não permitta ) lá vos  
haveis de aborrecer cõ odio  
mortal, em quanto o mes-  
mo Deos for Deos. Serà lo-  
co bem, que por hum falso  
amor de poucos dias percais  
o verdadeiro amor de toda a  
eternidade, & que este mes-  
mo amor, cõ que vos amais  
& só porque vos amais ) se  
baja de converter em odio e-  
terno?

§. IX.

100 Mas ainda que não  
ouvera inferno, nem Paraíso,  
nem Christandade, nem Re-  
ligião, bastava só ter enten-  
dimêto, & juizo, para que  
esta apprehensão, & chime-  
ra, que se chama amor, fosse  
aborreccida, & detestada co-  
mo rematada locura. Se no

mundo ouvera amor, ainda  
que a sima do mesmo mun-  
do ( como dizia ) não ouve-  
ra Ceo; nem abaixo d'elle en-  
ferno; eu vos concedera, q̄  
amasseis: mas perder, não di-  
go já a Alma, de que agora  
não fallo, mas a liberdade, a  
quietação, o focego, o def-  
canço, & a vida, & condenar  
o triste coração ao perpetuo  
martyrio de cuidados, con-  
fusãoens, & tormento, & a  
estar, ou andar sempre penã-  
do fóra de si, por huma ima-  
ginação fantastica do que  
não ha, nem he, nem o no-  
me de locura, & cegueira  
basta de declarar o delvario  
de tão custoso engano.

101 E para que vos  
dezenganeis, que não ha a-  
mor, & que este nome espe-  
cioso, ainda nos que parece  
mais fino, he falso; ponha-  
mos o exemplo em ambos os  
sexos; para que chegue o  
dezengano a todos, & nem  
os homens se enganem com  
as mulheres, nem as mulhe-  
res com os homens. Entre os  
homens ouve por ventura al-  
gum amante mais perdido q̄  
Adam por Eva? Taõ per-  
dido, que por ametade de

hũa maçaã deu hum mundo inteiro, & não pelo que era a maçaã, fenaõ pela maõ de quem vinha. Taõ perdido, que perdéo o Paraifo, & se perdéo a si, & nos perdéo a nós, & todos seus descendētes, por não perder hum leve agrado, de quem imaginava entãõ, que amava muito. Mas assim como Adam se enganou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amor. Chegou a occasiaõ de mostrar qual elle era, & logo desfez a mesma fineza taõ grosseiramente, que sendo o preceito sobpena de morte, para elle se livrar a si, acusou a Eva:

Gen. 3. 12. *Mulier, quam dedisti mihi.* Em quanto cuidou, q̄ pena da Ley era sómente comminaçaõ, grandes opparencias de fineza (que tudo o q̄ dissemos foraõ só opparencias) mas tanto que vio que a devaça hia deveras, livremente eu huma vez, & padeça Eva embora. Pois estes eraõ. Adaõ, os vossos amores, estas as vossas finezas, estes os vossos extremos taõ affectuosos? Estes eraõ. Estes eraõ os de Adaõ, & estes são

os de todos seus filhos: paõ que na primeira mulher a prendeaõ as mulheres, & naõ o primeiro homem se dezerem ganem de todos.

102 E os homens onde conheceãõ o amor das mulheres? Naõ he necessario repetir o exemplo, porque já o vimos na amante de Joseph. Naõ reparou na auctoridade sendo Princeza, nem na lealdade, sendo casada, nem na desigualdade sendo ella senhora, & elle escravo; porq̄ nada disto viu. Por isso diz a Escriitura, naõ que poz os olhos em Joseph senaõ que lhos lançou, o qual lhe atirou com elles: *Injecit oculos in Joseph*: para significar que em todo o que fez & pretêdeõ, obrou como cega. Mas tanto, que recuperou a vista, logo vio a falsidade de seu amor, & como se quizesse vingar a Eva, mesmo que Adaõ disse, Deos, disse ella ao marido *Ingressus est servus Hebraeus quam adduxisti, ut illuderet mihi.* Eis aqui para que me trouxeistes a casa o servo Hebrêo, para que elle se atrevesse a me querer descôpor

Oh falsa! Oh desleal! Oh  
 mentida! Oh traidora!  
 Agora porém só verdadeira,  
 quando descobriste o avesso  
 do teu coração, & nelle o in-  
 terior inconstante, & já mu-  
 dado, com que a Joseph en-  
 anavas, & a ti mesma men-  
 tas. Mas que muito he, que  
 mudasse tão de repente a  
 cena o amor de húa mulher,  
 quando o primeiro autor de  
 semelhante tragedia toy o  
 primeiro homem? Se os ho-  
 mens querem outro exéplo;  
 lembremse do amor de Dali-  
 a para com Samsão. E se as  
 mulheres quizerem tambem  
 outro; não se esqueçam do a-  
 mor de Amon para cõ Tha-  
 nar, no mesmo dia com os  
 maiores extremos amada, &  
 no mesmo com muito ma-  
 iores aborrecida. Assim tra-  
 tou hum homem, que tinha  
 brigaçoens de ser honrado,  
 mulher mais illustre de Is-  
 rael: & assim pagou huma  
 mulher, de que se tinha fei-  
 da mayor confiança, ao ho-  
 mem mais famoso do mundo.

lhos dellas. Olhay que bem  
 o notou Job com ser homem.

*Homo natus de muliere: nun-  
 quam in eodem statu permanet.* <sup>Job. 14</sup>  
 I. 2.

O homem, filho da mu-  
 lher, he tão vario, tão mu-  
 davel, & tão inconstante, q  
 nunca permanece, nem dura  
 no mesmo estado. Mas se to-  
 do o homem nasce de mu-  
 lher, & de homem; porque  
 lhe chama Job neste caso só  
 nascido de mulher: *Homo  
 natus de muliere?* Porque os  
 homens no sexo saem aos  
 pays, & na inconstancia às  
 mãys. Porém daqui mesmo  
 se colhe, que tão inconstan-  
 tes são os homens, como as  
 mulheres: os homens por fi-  
 lhos de taes mãys, & as mu-  
 lheres por mãys de taes fi-  
 lhos. *Homo natus de muliere.*  
 A mulher inconstate por cõ-  
 dição, o hom é incõstate por  
 nascimento: a mulher, como  
 a Lua, por natureza, o ho-  
 mem, como o Mar, por in-  
 fluencia. Vede o que disse  
 Christo a húa mulher, a Sa-  
 maritana. Era ella não só a  
 mais discreta, de que se lé no  
 Evangelho, senão tambem a  
 mais sabia, pelas questõens  
 que altercou com o mesmo

Christo. E que lhe disse o  
 Joann. Senhor? *Quinque viros ha-*  
 4. 18. *buiſi: & hunc quem habes,*  
*non eſt tuus vir.* Além do  
 amigo, que agora tens, já ti-  
 veſte outros cinco. Pois cin-  
 co amigos, huns depois dos  
 outros, huma só mulher, &  
 não de muita idade? Ahi  
 vereis a inconſtancia do a-  
 mor humano. Mas reparay  
 no que por ventura não ad-  
 vertis. Ou a Samaritana dei-  
 xou aos cinco, ou os cinco a  
 deixaraõ a ella; Se elles a  
 deixaraõ a ella, fiayvos lá de  
 amor de homens? E se ella os  
 deixou a elles, quem se fiarà  
 de amor de mulher?

104 Bem digo eu logo,  
 que isto, que no mundo se  
 chama amor, he huma cou-  
 fa, que não ha, nem he. He  
 chimera, he mentira, he en-  
 gano, he huma doença da  
 imaginação, & por isso batta  
 para ser tormento. Póde ha-  
 ver mayor tormento, que a-  
 mar, quando menos em per-  
 petua duvida, amar em per-  
 petua suspeita de ser, ou não  
 ser amado? Pois este he o in-  
 ferno sem redempção, a que  
 se condenaõ todos os que a-  
 maõ humanamente, & tanto

mais, quanto mais amarem  
 Ouvi humas palavras, que  
 tendes ouvido muitas vezes,  
 mas com huma concidera-  
 ção, em que nunca reparaf-  
 tes. *Fortis eſt ut mors dile-*  
*ctio, dura ſicut infernus emu-*  
*lacio.* O amor he forte como  
 a morte, & o ciume cruel co-  
 mo o inferno. Assim o de-  
 clara o texto original He-  
 bréo, o Grego, o Syro, & o  
 Arabico: *Cruelis ſicut infer-*  
*nus zelotipia.* Todos fabeis  
 que a morte, a qual he transi-  
 ſito, & passagem, se segue  
 outros dous termos, de que  
 se não passa, ou Inferno, ou  
 Paraíso. Pois se o amor he  
 como a morte: *Fortis eſt ut*  
*mors dilectio*: porque se não  
 segue tambem depois do a-  
 mor, ou Paraíso, ou Inferno,  
 senaõ Inferno sómente: *Du-*  
*ra ſicut infernus emulacio?*  
 Porque o amor desta vida, &  
 deste mundo he hũa morte,  
 que só tem preceitos, & não  
 tem predestinados: he huma  
 morte, pela qual sempre se  
 vay ao inferno, & nunca ao  
 Paraíso. O Paraíso do amor  
 (se o ouvera) havia de ser  
 amar, & ser amado, & ama-  
 do com certeza de nunca ser  
 abor-

porreido. Mas como não  
nem pôde haver no mun-  
do, nem este amor, nem esta  
certeza, senão ás duvidas, os  
scrupulos, as desconfianças,  
receyos, & as suspeitas de  
me amaõ, ou não me a-  
maõ, ou de que já me amaõ  
menos que dantes, ou q̄ tro-  
cãõ o meu amor por outro,  
ou de que outrem pretende  
que eu amo: em q̄ consiste  
por varios modos o tormêto  
ruelissimo do ciume; este  
ciume sêpre duvidoso, sem-  
pre credulo, sempre fixo na  
imaginaçõ, & nunca satis-  
feito, este he o Inferno inivi-  
vel, & sem redemçaõ, a  
que todos os que amaõ, se  
condenaõ, & em que são a-  
tormentados duramente sem  
remedio, & sem remedio: *Dura  
cut infernus emulatio.*

105. Pois se o que neste  
mundo se chama amor, bem  
considerado, & conhecido,  
& visto com os olhos aber-  
tos, he hum inferno; que se-  
ja, se a este inferno a juntar-  
mos o da outra vida, no qual  
estãõ ardendo, & arderãõ  
por toda a Eternidade tan-  
tas Almas infelices, que por  
amarem o que não deviaõ, &

como não deviaõ, não repa-  
rãõ em se condenar para  
sempre. Mas graças ao Di-  
vino Mestre, & Luz de nos-  
sas cegueiras, que se quizer-  
mos sair do abismo, & labe-  
rinto dellas, ainda estamos  
em tempo de trocarmos estes  
dous infernos por outros do-  
us Paraisos, hum aqui, outro  
no Ceo. Aborreçamos com  
verdadeiro amor, o que ama-  
vamos cõ verdadeiro odio;  
queiraõse o verdadeiro bem  
os que verdadeiramente se  
queriaõ mal. E para que  
desde logo entremos no Pa-  
raiso prefête, livre de penas,  
& cuidados, amemos só a  
quelle soberano Amante (&  
mais os que o têm por Esposo)  
o qual he certo, & de fé,  
que paga huma nossa vontade  
com duas suas, a divina,  
& a humana: taõ fiel, taõ  
constante, taõ amoroso, que  
a todos os que o amaõ com  
verdadeiro amor, postoque  
limitado, elle não deixou já  
mais de amar com amor im-  
menso, & infinito. *Ego dili-* Prov.  
*gentes me diligo:* o diz o mes- 8.17.  
mo Christo: Eu Deos, & Ho-  
mem, amo a todos os que me  
amaõ: E o nosso S. Bernardo

pregando aos seus Religiosos, & ajuntando a certeza da Fé as evidencias do que tinha experimentado, dizia: *Ego amans amari me dubitare non possum; non plusquam amare.* Eu quando amo a Jesu, de nenhum modo posso duvidar, que tambem sou amado delle: tao seguro do seu amor, que nao vejo com os olhos, como do meu que sinto no coração.

106 E sendo isto assim, & o mesmo Christo quem he, & nós Christãos, & tendo fé, que seja tal a nossa demencia, que o nao amemos a elle, & empreguemos nosso coração em outro amor! E que haja almas racionais tao tem juizo, & tao inimigas de Deos, & de si, que contra si comettaõ hũa tal deshumanidade, & cõtra Deos hum tao descomedido desprezo! Desprezo digo, porque com nome de desprezado, & engeitado se lamenta de nós o mesmo Senhor. Apareceõ Christo, Senhor nosso, a Santa Brigida, com rosto compungido, & cheyo de confusão, & como envergonhado, & corrido lhe

disse estas sentidas palavras *Ab omnibus neglectus sum ab omnibus repulsus sum, quoniam nemo me in sua dilectione habere desiderat.* Nao estranhes, Filha, que me sayã a rosto estes sinaes da mágoa & sentimento; porque todo me desprezaõ, todos me engeitaõ, & lançaõ de si, & nao ha quem accite o meu amor. Verdadeiramente quem se nao enternece com estas palavras, & nao se compeadece do Filho de Deos, & nao tem lastima ao seu amor, tao justamente queixoso, & magoadõ; nem he Christão nem he homem. E que seria se nós entrassemos tambem neste numero dos que o engeitaõ, & desprezaõ?

107 Senhor, Senhor nao permita vossa Bondade tal, nem nos castigue tao severamente a justa indignação de vosso amor. Todos postrados a vossos pés nos arrependemos, nao de o ter desprezado, nao; que sempre o estimamos, & adoramos como nosso; mas de o ter tao cegamente offendido. Confessamos nossa cegueira, confessamos nossa ingrati-



*Primeira Sexta feira da Quaresma.*

165

o, só menor que vossa misericórdia. Ella nos valha n'voço piedosissimo coração. E nós com todos os peccados, desde esta hora para sempre, abjuramos, renunciamos, & cõdenamos a perpetuo esquecimento todo o outro affecto, todo o outro desejo, & todo o outro pensamento, que não for de só a amar, & querer. Morra esta hora, & acabe-se nesta

geral despedida para sempre todo o amor, que não for de Jesu. E dezengane-se toda a outra afeição, vista, conversação, ou correspondencia humana, que só com o aborrecimento daqui por diante será amada na terra, para que o falso, & breve amor convertido em verdadeiro, se continue eternamente, & dure sem fim no Ceo.





# S E R M A M

D A S

CADEAS DE S. PEDRO

EM ROMA.

Prêgado na Igreja de S. Pedro. No qual Sermam he obrigado, por. Estatuto, o Prêgador a tratar da Providencia. Anno de 1674.

*Traduzida de Italiano em Portuguez.*

---

*Tibi dabo claves Regni cœlorum Matth. 16.*

*Vinctus catenis duabus. Act. 12.*

§. I.

108



A vio São João no seu Apocalypse, hum Anjo, o qual em hũa mão tinha huma chave, & na outra huma cadea: *Ha-*

*bentem clavem abyssi, & catenam magnum in manu sua. E que Anjo he este, o Roma, senão o teu grande Custodio, Pedro? Pedro com as Chaves, nas mãos: Tibi dabo claves Regni cœlorum: & Pedro com as mãos nas Cadeas: Vinctus catenis duabus.*

Lá foy visto com a Chave em huma mão, & a cadea em outra, porque assim devia; mas hoje o vemos cô as Chaves em ambas as mãos, com ambas as mãos nas cadeas, porque havia de vir n'isso em que assim fosse.

109 Este he, Senhores, o maior espectáculo da fennhação, que já mais vio o mundo: & este o que eu ao longe com dor, & vós ao perto com admiração, estamos vendo: Pedro com as Chaves em ambas as mãos, & Pedro com as mãos atadas. Cuidas tu, ó Jerodes, que deu Christo seu Vigario as Chaves para padecer juntamente com as a servidão das Cadeas? Senhor, & cativo? Livre, & atado? Poderoso, & sem poder? Não: não, Eu bem sey, que as Chaves de Pedro também são cadeas, mas cadeas para atar, & desfatar, & não para ser atado. Notay o Texto: *Tibi dabo claves Regni cælorum, & quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque solveris, erit solutum.* Eu te atarey, diz Christo, as Chaves do meu Reyno, & o que atatares, será atado: & o que

desfatares, desfatao. Tal quiz o supremo Legislador, que fosse o governo do seu Reyno: governo, que atasse, & desfataste; & não governos, que nem atão, nem desfatao. Mas se os poderes de Pedro eraõ Chaves: *Tibi dabo claves*: parece que havia de dizer o Senhor: tudo o que abrires, será aberto; & tudo o que fechares, será fechado; porque não diz logo: o que fechares, ou abrires, senão o que atares, ou desfatares? Para mostrar, que as Chaves, q' dava a Pedro, também eraõ Cadeas, mas cadeas para atar, ou desfatar a outros, quando quizesse, & não cadeas para estar elle atado, como hoje o vemos: *Vinctus catenis duabus.*

110 Ora eu à vista destas Chaves, & destas Cadeas, que farey? Senão estivera também atado, & me fora livre a eleição do discurso; de boa vontade o dividiria em duas investivas, armadas de justiça, de razão, & de ira côtra os dous monstros sacrilegos, que com a primeira, & segunda cadea, em diferentes tempos, &

lu-

lugares, se atrevêraõ a prender, & atar a Pedro. Huma investiva contra ti, ó Herodes, que fosse o Nero de Jerusalem; & outra contra ti, o Nero, que fosse o Herodes de Roma. Mas porque he obrigação desta Cadeira neste dia, que o argumento do Sermão seja da Providencia; a mesma Providencia, q̄ entregou a Pedro as Chaves, & o deixou atar nas Cadeiras, será a gloriosa soltura desta, que nos parecia implicação. Cõ as Cadeiras atarey as Chaves, com as Chaves abrirey as Cadeiras: & como a materia das Cadeiras, & mais das Chaves toda he de ferro; se a imagem, que eu formarey da Providencia, não for preciosa, & de lustre, ao menos será forte, & solida. Deos, cuja he a idéa, me assista com sua Graça. *Ave Maria.*

## S. II.

*Tibi dabo claves Regni  
celorum.*

111. **A** Ordem Gerarchica da Providencia Divina no governo de

suas criaturas he governar os superiores, & subditos; os subditos por meyo dos superiores, & os superiores immediatamente por si mesmos. Huma, & outra cousa temos nas Chaves, & nas Cadeiras de Pedro. Em todo o Mundo Christão não ha mais que hum superior, & hum subdito, hum Pedro, & hum Igreja: & este superior, este subdito, este Pedro, esta Igreja, que os governa. A Igreja governa a Providencia de Pedro, q̄ tem o poder das Chaves: *Tibi dabo claves Regni celorum*: a Pedro governa a Providencia de Christo, que o livrou das Cadeiras de Herodes: *Ceciderunt catena de manibus ejus*. Este he o dezenho altissimo, & esta a fabrica segurissima da suprema Providencia. Igreja segura na Providencia de Pedro, & Pedro seguro na Providencia de Christo.

112. Caso foy verdadeiramente admiravel, & por isso notado, & advertido pelo mesmo Hystoriador sagrado, que cercado S. Pedro de guardas, & atado a duas cadeas, na mesma noite daquelle

He dia, em que havia de  
 a morrer, como homem  
 nenhum temor, nã cui-  
 o, estivesse dormindo: *In*  
*nocte erat Petrus dormiēs.*  
 e passarmos da terra ao  
 r, naõ he caso menos di-  
 de admiração, que cor-  
 do fortuna a barca de Pe-  
 com huma terrivel tem-  
 tade, Christo, que hia na  
 sma barca, tambem esti-  
 Te dormindo: *Ipsē vero*  
*micbat.* Christo, & o Vi-  
 io de Christo ambos dor-  
 ndo? Christo dormindo  
 meyo da tempestade, &  
 dro dormindo no meyo  
 guardas, & das cadeas: &  
 bos com a morte à vista,  
 n nenhum cuidado? Sim.  
 tēpestade dorme Chris-  
 porque a barca està segu-  
 na Providencia de Pedro;  
 nas Cadeas dorme Pedro,  
 rque Pedro està seguro na  
 providencia de Christo. De-  
 ixo da Providencia de  
 risto dorme Pedro ao fom  
 s Cadeas, & debaixo da  
 providencia de Pedro dor-  
 e Christo ao fom da tem-  
 stade, & das ondas.

113 E se isto que digo  
 s parece só Metaphora; vol-

temos a scena, & o theatro, &  
 troquem-se as figuras: seja  
 Christo o que esteja nas Ca-  
 deas, & Pedro na tempesta-  
 de. Naquelle escurissima  
 noite, em que prenderaõ a  
 Christo seus inimigos, & na-  
 quelle mesmo lugar, em que  
 foy prezõ, corréo taõ fu-  
 riosa tormenta a mesma bar-  
 ca de Pedro, que a barca, o  
 piloto, & os companheiros,  
 todos estiveraõ a pique de  
 naufragar, & faltou pouco  
 que naõ percesssem de todo.  
 E que fez a Providencia de  
 Christo em taõ extremo pe-  
 rigo, & taõ universal? *Ego Luc.*  
*autem rogavi pro te:* Eu, diz <sup>22. 32</sup>  
 o Senhor, roguey por ti, ó  
 Pedro. Por ti. Senhor meu: E  
 pelos outros, porq̃ naõ? Vòs  
 naõ dissestes a todos: *Omnes*  
*vos scandalum patiemine in* <sup>Mat.</sup>  
*me, in ista nocte?* Pois se o pe- <sup>26. 35</sup>  
 rigo, & a borrasca ameaça a  
 todos, & a todos tem dorro-  
 tado, porque fazeis oração,  
 & rogais só por Pedro? Por-  
 que Pedro estava à Providē-  
 cia de Christo, os outros fi-  
 cavaõ à Providencia de Pe-  
 dro. O mesmo Texto o diz: *Luc.*  
*Ego autem rogavi pro te, ut* <sup>22. 32</sup>  
*non deficiat fides tua: & tu*  
*ali-*

*aliquando conuersus, confirma fratres tuos.* Notay muito aquelle *Ego*, & aquelle *Tu*. Eu tive cuidado de ti; tu o terás dos outros. *Ego autem rogavi pro te.* Eisahi a Providencia de Christo para com Pedro: *Tu confirma fratres tuos:* Eisahi a Providencia de Pedro para cõ os demais.

114 E se ainda quizermos ver huma, & outra Providencia, a de Christo, & a de Pedro maravilhosamente praticada; entremos no golfo do mar, & observemos o que faz Christo, & o que faz Pedro, ambos na mesma barca, ou na mesma não, que assim lhe chamaõ os Evangelistas, quando se engolfa:

*Marc*  
6 47.

*Erat navis in medio mari.* Estava pois Christo na nao de São Pedro, hum pouco afastada da terra, & depois de prégar às turbas que em cõfusa multidaõ o ouviaõ desde a ribeyra, mandou o Senhor zarpar, ou levar a anchora, & disse a Pedro, que

*Luc.*  
5 4.

guiasse ao alto: *Duc in altũ.* Não he justo, que eu passe em silencio o que aqui advertio São Chrysofotomo, pois esta cadeira, no lugar

em que está, he sua. Quem se engolfa, & se mete no alto do mar, perde a terra de vista: & por isso (diz Chrysofotomo) manda Christo Pedro, que guie ao alto: *Duc in altum.* Porque quando não de Pedro perder a vista da terra, entãõ navegará seguramente. Adim, o prégo do Santo Arcebispo em Constantinopla, quando o mundo secular tinha duas cabeças; & tambem o poder prégar ecclesiasticamente em Roma. Mas tornando ao meu intento, o que eu pedéro no *Duc in altum*; he quella palavrinha *Duc*. Christo está na mesma não porque manda a Pedro, que guie, & não guie elle por si propria Pessoa? Assim com Christo na officina de Jose tirava com as suas próprias mãos pela ferra, assim a não de Pedro podia elle tambem pegar no leme sem perigo de indecencia. Porq̃ faz pois Christo aqui o officio de mandador, & não Christo, senãõ Pedro o Timoneiro? Porque he a ordem, & esta a bordinação de huma, &

ra Providencia. A não  
 originada a Providencia  
 Pedro, & Pedro subordi-  
 do à Providência de Chris-  
 to. Pedro o piloto da não,  
 Christo o piloto do pilo-  
 to. *Duc in altum.* Oh admi-  
 rel Providencia do gover-  
 universal da Igreja! A não  
 a, & os mandadores dous.  
 Apóstolos manejavaõ os  
 nos, mas debaixo do man-  
 de Pedro: & Pedro sustê-  
 ta o leme, mas debaixo do  
 do de Christo. Pedro era  
 ue governava, sim; mas  
 vernava governado. A  
 o, governada pela direc-  
 ão de Pedro; mas Pedro go-  
 rnado pela direcção de  
 risto: *Duc in altum.*

115 Dirã porẽm alguẽ,  
 com razãõ, ou apparencia  
 lla, que naquelle tempo  
 risto, & Pedro estavaõ  
 bõs na mesma não, & não  
 maravilha, q̃ entãõ fof-  
 ella bem guiada por Pe-  
 o. Mas depois que Chris-  
 to subio ao Ceo, & Pedro  
 cou só no mar, como have-  
 na não, & no piloto esta  
 obrada Providencia. As  
 mesmas palavras o dizem:  
*Duc in altum.* A navegaçãõ  
 do mar alto verdadeirame-  
 te

he admiravel: *Maria undi-  
 que, & undique cælum.* Não  
 te vê alli mais que mar, &  
 Ceo. E com tudo naquella  
 campanha immensa sem ra-  
 to, sem estrada, nem baliza  
 o piloto leva a não como  
 por hum fio; não só aos ori-  
 zontes mais remotos deste  
 Emisferio, mas ao porto  
 mais incognito dos Antipo-  
 das. E como faz, ou pôde  
 fazer isto o piloto? Gover-  
 nando elle no mar, & sendo  
 governado do Ceo. Toma o  
 piloto o Astrolabio na mão,  
 mede a altura do pôlo, ou  
 peza o Sol, como elles dizẽ;  
 & deste modo o piloto go-  
 verna a não, & o Sol governa  
 o piloto. De forte, que o que  
 governa a não, està no mar,  
 & o que governa o piloto,  
 està no Ceo. Pois isto mes-  
 mo he o que passa no gover-  
 no da Igreja. Ainda q̃ Chris-  
 to subio ao Ceo, & Pedro fi-  
 cou no mundo, Pedro da  
 popa da não governa o mun-  
 do, & Christo do Zodiaco  
 do Ceo governa a Pedro.

116 Vedeo nas mesmas  
 Chaves, & nas mesmas Ca-  
 deas de Pedro. Quando deu  
 Christo a Pedro as Chaves,  
 & quando o livro das Ca-  
 deas

deas? As Chaves deulhas Christo antes de partir deste mundo; porque a Providencia de Pedro para cõ a Igreja ficou na terra: & das Cadeas livrou-o, quando havia já muito tempo que estava absentado à dextra do Padre, porque a Providencia de Christo para com Pedro está no Ceo. Em summa, que esta he a dobrada Providencia, com que o Monarcha, & a Monarchia da Igreja se governa no mundo, & sobre o mundo. No mundo immediatamente por Pedro, como se mostra no poder das suas Chaves: *Tibi dabo claves Regni cælorum.* E sobre o mundo immediatamente por Christo, como se prova na soltura das suas Cadeas: *Ceciderunt catene de manibus ejus.*

### §. III.

117 Mas em hum auditorio taõ douto, & de tanta perspicacia, vejo quasi vacillante a firmeza deste meu discurso, & que das mesmas Chaves, & das mesmas Cadeas se formão dous argu-

mentos fortissimos, hum contra a Providencia de Christo em respeito de Pedro, & outro contra a Providencia de Pedro em respeito da Igreja.

118 Começando pelo primeiro, Cadeas, para acabar pelas Chaves; he certo que Christo livrou a Sam Pedro das Cadeas de Herodes em Jerusalẽm: mas tãbem he certo, que o não livrou das Cadeas de Nero em Roma. Logo a Providencia, que se pôs de Christo para com Pedro, ao menos he cuidadosa, mal segura, & que não parece sua. Porõ a Providencia, que não he todo tempo, de todo lugar, & de todo perigo: Providencia, que hũa vez se lembra, outra se esquece; huma acode, outra desempara; uma vez prové, & outra não prové; não he Providencia. Tudo concedo, & tudo nego. Concedo, que a Providencia, q̃ não he continuada nem premanẽte, não he Providência. Mas nego, q̃ a Providencia de Christo, que meçou, & resplandecõ as Cadeas de Herodes, na



continuaſſe igualmente, & não permanecêſſe a meſma nas Cadeas de Nero. E porque: Porque tanta Providencia foy não livrar Chriſto a Pedro das Cadeas de Nero, como livralo das Cadeas de Herodes. Vede ſe o pro-

119 Joſeph foy duas vezes prezo, huma vez em Canaan, por inveja, & odio de ſeus Irmaõs, & outra vez no Egypto, por castigo, & ignorancia de ſeu Senhor. Deſtas ſegundas prizoens o livrou Deos, mas das primeiras não o livrou; porque prezo, & manietado, foy vendido, & entregue aos Iſmaelitas. E que ſe ſegue daqui? Segueſe porventura, que em ſumas prizoens o aſſiſtio a Providencia Divina, & nas outras o deixou? De nenhũ modo, diz o Texto ſagrado. E dá a ração. *In vinculis non dereliquit illum, donec afferret illi ſceptrum Regni.* Nunca a Providencia de Deos deixou, nem deſemprou a Joſeph nas ſuas cadeas, até que por meyo de humas, & outras o ſublimou ao Imperio. De forte, que os effeitos da Pro-

videncia não ſe haõ de medir pela diverſidade dos me-yos, ſenaõ pela unidade do fim. O fim da Providencia Divina era levantar a Joſeph ao Imperio do Egypto, para o qual o tinha deſtinado: & nãto dependia a fortuna de Joſeph de ſer livre de humas prizoens, como de não ſer livre das outras. Se Deos o livraſſe das prizoens de Canaan, nunca havia de ir ao Egypto; & ſe o não livraſſe das prizoens do Egypto, não havia de ſubir ao Imperio. Neceſſario foy logo, que Joſeph foſſe livre de humas cadeas, & não foſſe livre das outras. Para que? Para que Deos, & Joſeph conſeguiffẽ juntamẽte, Joſeph por Deos os me-yos da ſua fortuna, & Deos em Joſeph os fins da ſua Providencia. E ſe a meſma Providencia livrou, & não livrou a Joſeph, de hũas, & outras cadeas, porque não creremos outro tão das Cadeas de Pedro?

120 Só do fim ſe póde duvidar, o qual para mim he evidente. O intento de Herodes era cortar a cabeça a S. Pedro, como tinha feito a

*Act.*  
12.2.

*Santiago: Occidit autem Jacobum fratrem Joannis gladio: & não quiz a Providencia de Christo, que não erresse Pedro à espada, porque o quiz exaltar con sigo à morte de Cruz. Na Cruz estava o mesmo Senhor encravado, quando os Judéos o blasfemavaõ, dizendo: Confidit in*

*Ma*  
7.43

*Deo; liberet nunc, si vult, eum: Já que tem tanta confiança em Deos, porque o não livra agora Deos de nossas mãos? Isto disse a infidelidade, & o mesmo podéra dizer ainda mais apertadamente a Fé. Quando a ambição cruel de Herodes quiz assegurar em si a coroa com a morte do Rey novamente nascido, andou tão vigilante a Providencia do Eterno Padre sobre a vida de seu Filho, que daquelle diluvio de sangue, em que padecéraõ tantos mil innocentes, só a elle livrou, & poz em salvo. Pois se o livrou entãõ, porque o não livrou tambem agora? Dizerse que o livrou, porque o quiz izentar da morte, não pôde ser; porque desde o instante da sua Encarnação, antes desde o principio sem*

principio da Eternidade, tinha decretado o mesmo Padre que morresse. Pois se havia de morrer huma vez, porque o não deixa morrer em Bellem a mãos de Herodes? se o havia de livrar outra vez, porque o não livra em Jerusaleem das mãos dos Judéos, como elles diziaõ: *Liberet eum?* Porque a mesma Providencia, que livrou Christo a primeira vez, não o livrou para lhe impedir a morte, senão para o guardar de huma morte menos illustre, para outra morte mais gloriosa. Em Bellem, como notou Santo Agustinho, havia de morrer Christo à espada; em Jerusaleem morreu na Cruz: & porque a Providencia do Padre, para mais exaltar o Filho, tinha decretado, que morresse em Cruz (*Mortem autem crucis: propter quod exaltavit illum:*) por isso o livrou em Bellem das mãos de Herodes, & não o livrou em Jerusaleem das mãos dos Judéos.

121 Tal foy a Providencia de Christo para com São Pedro, quando o livrou & quando o não livrou. I

VIUO

livrou-o das Cadeas de Herodes, para que não morresse à espada como Jacobo, & não o livrou das Cadeas de Nero, para que morresse em Cruz, como o mesmo Christo: A espada, & a Cruz ambas sahiraõ ao theatro. no mesmo dia, & na mesma Roma, ambas foraõ os instrumentos sacrilegos da invidiade de Nero, ambas tiraõ cruemente a vida aos seus mayores Atlantes da Igreja; mas a espada a Paulo, a Cruz a Pedro: Paulo degolado, para que conhecesse a Heregia, ainda hoje obelinada, q̄ em Roma, & na Igreja não pôde haver duas cabeças: & para que o mesmo Paulo: *Capite imminutus*: pregasse, & dezenganasse o mundo, que na terra he menor que Pedro. Quando eu agora passay a Ponte do Tibre, adverti, que Paulo com a espada está à mão direita, & Pedro com as Chaves à esquerda; mas isso mesmo he prova do que digo. Dar Pedro a Paulo o melhor lugar, he mostrar Pedro, que elle he o dño da casa. Este he o mysterio, como dizia,

porque Paulo perdéo, ou depez a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre porém Pedro na Cruz inteiro, & em nada diminuido, como aquelle de quem estava escrito: *Os non comminuetis ex* *Joan.*  
*eo*: para que a cabeça visível *19.36* da Igreja se parecesse em tudo com a invisível. Christo porém na Cruz com a cabeça inclinada para baixo, & Pedro na Cruz às avessas cõ a cabeça levantada para cima; porque a cabeça de Christo; & a de Pedro reciproca, & reflexamente se retrataõ, & se vem huma na outra: bem assim como a mesma cabeça vista, & multiplicada no espelho parecê duas cabeças, & he huma só. E como Christo queria fazer a seu primeiro Successor taõ semelhate a si em tudo, essa foy a Providencia continuada, & permanente, & não contraria, ou diversa senão a mesma com q̄ rotas as Cadeas de Herodes o livrou da espada, & não rotas as de Nero, o levou à Cruz.

## §. IV.

122 Mas para que he defêder, ou interpretar eu a unidade dessa Providencia em humas, & outras Cadeas, se as mesmas Cadeas a provaõ, & com milagrosa demonstraçãõ a fizeraõ evidente aos olhos. Estavaõ conservadas, & veneradas em Roma as Cadeas de Nero, quando à Emperatriz Eudoxia, peregrina de Constantinopla a Jerusalem, foraõ presêtidos, como igual thesouro, as de Herodes: victraõ estas dalli a Roma, mandadas pela mesma Eudoxia a outra tambem Eudoxia, & tambem Emperatriz: & não faltando quem duvidasse, se verdadeiramente eraõ as mesmas, que succedéo? Tomaõ o Pontifice nas maõs humas, & outras Cadeas, & cotejando as que certamênte eraõ de Nero com as que se dizia serem de Herodes, no mesmo ponto aquelles sagrados ferros, como se tiveraõ sentidos, & uso de razãõ, por si mesmos se abraçaraõ entre si, & se uniraõ, & ligaraõ de

tal sorte, como se nunca tiveraõ sido duas, senãõ hũa só Cadea, fabricada pelo mesmo artifice. Oh admiravel & protêtoso testemunho da Providencia de Christo para com seu Vigario! Oh admiravel, & protentosa confirmaçãõ de ser humã, continuada, & a mesma Providencia, aquella que em Jerusalem rompéo as Cadeas de Herodes, & livrou a Pedro; & aquella que em Roma cõservou inteiras as Cadeas de Nero, & o não quiz livrar dellas. Se dividirmos esta Providencia em duas Providencias, & combinarmos huma com a outra pelos effeitos; não sãõ pareceres diversas, senãõ totalmente contrarias: huma de cuidado, outra de descuido: hũa de estimaçãõ, outra de desprezo: huma de liberdade, outra de cativoiro: huma de vida, outra de morte: huma que afrontou, & illudio os intentos de Herodes, & outra que ajudou, & fez triunfar os de Nero. Mas assim como as Cadeas sendo duas, & tão diversas, se uniraõ em huma só Cadea; assim a Pro-

videncia, que em Jeruſalem  
as rompéo, & livrou a Pedro  
& em Roma as conſervou  
inteiras, & fortes, & o não  
quizea livrar, toy taobem hũa,  
& a meſma Cadea; porque  
foy huma, & a meſma Pro-  
videncia.

123 Boecio, a quem  
ſegue Santo Thomás, & cõ-  
mumente os Theologos, de-  
ſignando a Providencia, diz  
que he a ſerie de todas as  
coiſas, & tuas cauſas orde-  
nadas na Mente Divina, &  
encadeadas, & ligadas entre  
ſi com huns nõs maravilho-  
ſos, & ſecretos, que ninguem  
põde delatar: *Providentia  
eſt ſeries cauſarum, rei unque  
in mente Dei, que omnia ſuis  
nectit ordinibus miris, artiſ-  
que, ſed arcanis nobis.* E Cor-  
neho commentando o meſ-  
mo Boecio, ainda o declara  
com mayor expreſſão: *Deus  
per congruos Providentia ſua  
modos, quo in theſauris ſapi-  
entia ſua reconditis habet, fa-  
cit ut omnes rerum temporum-  
que ſucceſſus invicem oppoſitè  
nectantur, ac velut anſula ſi-  
bi invicem inferantur, & ca-  
tenam elegantem efficiant. De  
forte que os ſucceſſos dos tẽ-*

pos, & das coiſas, ainda que  
pareçãõ diverſos, & encon-  
trados, eſtãõ na Mente, &  
Providencia Divina ordena-  
dos, & atados entre ſi de tal  
modo, que como anneis, ou  
fuzis enlaçados huns nos  
outros, compoem huma uni-  
forme, & elegante cadea.  
Tal foy em hum, & outro  
caſo a do ſupremo Artiſte  
Chriſto, o qual livrando em  
diverſos tempos, & não li-  
vrando a Pedro, ſoltando-o  
em Jeruſalem, & deixando-o  
prender em Roma, tirando-o  
milagroſamente das mãõs de  
Herodes, & conſentindo, q̃  
natural, & cruelmente mor-  
reſſe a mãõs de Nero; das  
Cadeas rotas de hum, & das  
Cadeas não rotas de outro  
torceu huma uniforme, &  
elegantissima Cadea de ſua  
Providencia para n ayor or-  
nanento, & gloria do meſ-  
mo Pedro.

124 A Araõ, que era o  
Pedro da Ley Eſcrita, como  
Pedro o Araõ da Ley da  
Graça, mandou Deos fazer  
para ornato das veſtiguras  
Pontificaes duas Cadeas de  
ouro, as quaes porẽm: com  
dois anneis da meſma mate-

ria se uniaõ huma na outra, & sendo duas cadeas, formavaõ huma só: *Facies in*

*Exod.*

28.22

24.

*rationali catenas sibi invicem*

*coherentes ex auro purissimo:*

*catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.* Não reparo em serem

aquellas cadeas de ouro, & estas de ferro; porque já disse Chrysofotomo, que por isso se honrava mais dellas, & se ornava mais com ellas o

nosso Pontifice: *His catenis*

*Apostolus ornabatur, & tanquam regalem aliquem ornatum circumferens exultabat.*

O que só noto, he a unidade ou a uniaõ, & coherencia de

humas, & outras cadeas: *Catenas sibi invicem coherentes.* Moyses andou coherente nas cadeas de Araõ; porque as formou pelos mesmos moldes: Christo não andou coherente nas Cadeas de Pedro; porque as traçou, & dispoz com successos, & effeito contrario. Isso he romper humas cadeas, & não romper outras: isso he livrar a Pedro, & não o livrar. Mas assim como a coherencia daquellas cadeas a fazia a semelhança, assim a

coherencia destas a fez contrariedade. E que sendo taõ contrarios os actos da Providencia, fahisse a Providencia taõ uniforme: & sendo hũa

Cadea taõ diversa da outra, fahissem ambas as Cadeas entre si taõ coherentes: *Catenas sibi invicem coherentes:*

Essa foy a maravilha.

125 Mas nesta mesma

uniformidade, & coherencia da Providencia de Christo, se alguma curiosidade doura

perguntar, qual foy mayor Providencia, se aquella, que

livrou a Pedro das Cadeas em Jerusalem, ou aquella, q

o não livrou em Roma? Não faltará quem diga, que a de

Jerusalem foy mayor; porque lá foy miraculosa, & cá

não. Lá quebrou as Cadeas, cegou as guardas, abriu as

portas, ou deu passo franco por ellas, sem as abrir (q he

mais) cá não obrou milagre algum, antes totalmête não

obro; porque foy huma mera suspensão de todo o acto,

& concurso. Comtudo digo, que foy mayor, & mais

alta Providencia não livrar Christo a Pedro das Cadeas

de Nero. que livrálo das Cadeas

deas

deas de Herodes. E porque?  
Porque nas Cadeas de Herodes conseguiu a Providencia o seu fim contra vontade de Herodes, & nas Cadeas de Nero conseguiu tambem o seu fim; mas não contra, senão pela vontade do mesmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da Providencia Divina, não he fazer a sua vôtade violentando a minha, he deixar livre, & absoluta a minha vontade, & com a minha, & pela minha conseguir a sua.

126 A mayor obra da Providencia de Deos, foy a redempção do mundo por meyo da morte de Christo. E como conseguiu a mesma Providencia este altissimo fim, tão estupendo, como necessario? Não de outro modo, que entregádo o mesmo Christo por decreto do injusto Juiz à vontade de todos aquelles, que lhe querião tirar a vida: *Jesum verò tradidit voluntati eorum.* Fez a sua vontade Judas, fez a sua vontade Caifaz, fez a sua vontade Pilatos, fizeram a sua vontade os Escribas, & Fariséos, fez finalmente a sua vontade o mes-

mo demonio, que os instigava. E que por meyo de tantas vontades, & todas contrarias á divina, o fim da divina se conseguisse? Esta foy a Providencia mais nobre, esta a mais sábia, esta a mais sublime, esta a mais divina, esta a mais Providência. E qual he a razão? A razão he: porque a Providencia, que violenta a vontade, & poder humano, he Providencia, que se ajuda da Omnipotencia: porêm a Providência, que deixa obrar à potencia humana tudo quanto pôde, & deixa executar à vontade humana tudo quanto quer, he Providencia sem ajuda de outro attributo, & por isso pura Providencia. A potencia, & a vontade, de q se serve a Providência em tal caso, não he a divina, & sua, senão a humana, & contraria: & quanto mais permite à contraria, tanto he mais Providencia; quanto mais concede à humana, tanto he mais divina. Tal foy pois a Providencia de Christo em não livrar a Pedro das Cadeas de Nero. Na prizaõ de Herodes, para que a Providencia conseguisse o seu

fim, rompéo a Omnipotência as Cadeas; porém na prizaõ de Nero deixou a Providencia as Cadeas inteiras sem usar da Omnipotencia, & comtudo confeguiu o seu fim. Logo não só foy Providencia, senão mayor, & mais gloriosa Providencia, não livrar a Pedro das Cadeas de Nero, que livrão das Cadeas de Herodes. E como as mesmas Cadeas temos já solto, ou atado o primeiro argumento.

## §. V.

127 O segundo, que he contra a Providencia de Pedro, fundado nas suas Chaves, & em respeito de todos aquelles, que por ellas lhe são fogeitos, parece mais difficuloso. Assim como Deos deu a S. Pedro as Chaves do Ceo, assim as tinha dado por seu modo antigamente a Elias, & com poder, & authoridade universal, & privativa, de que só elle podesse abrir, ou fechar os thesouros celestes: isto he, as chuvas, & orvalhos do Ceo, com q̄ se fecũda a terra, & vive o mū-

do. Mas que fez Elias com estas chaves na mão, & com o uso dellas? *Vivit Dominus* (disse elle fallando com o Rey Achab) *si erit annus super vos, & pluvia, nisi juxta verba oris mei verba.* Eu tenho na minha mão as chaves do Ceo, & tu, ó Rey, dezengana-te, que nettes annos do meu governo, nem hum a gota ha de cair de agua, ou estilar de orvalho sobre a terra, senão pelo imperio da minha voz. A terra abradada, & ardendo abrirá mil bocas, cõ que gemerã, & gritarã ao Ceo; mas o Ceo de baixo das minhas chaves não se moverã a brados, nem a gemidos, & se mostrarã tão seco, & duro, como se fosse de bronze. Parecevos boa Providencia esta das chaves do Ceo entregues ao arbitrio de hum homem? Pois ainda não ouvistes outra circumstância mais tirrivel, por não dizer deshumana. No mesmo tempo, diz o Texto, morava Elias muy descansado sobre as ribeiras do rio Carith, & hum corvo manhaã, & tarde lhe trazia pão, & carnes: *Panem, & carnes* ma-



me; panem, & carnes  
pere. De maneira, que nos  
anos annos, em que o Po-  
encomendado à Provi-  
ncia de Elias andava cain-  
, & espirado à fome, Elias  
m provisão sempre nova,  
abundante, comia, & se  
galava duas vezes ao dia.  
os campos não se via huma  
ha, nas seáras não se co-  
ia huma espiga; & a Elias  
pejavalhe o paõ. As aves  
o tinhaõ mais que as pes-  
s, nem os gados mais que  
ossos, & a mesa de Elias a-  
stecida de carne sobre car-  
. As fontes secas, & mu-  
s, sem correr, ou suar del-  
s, húa só gota, & Elias cõ a  
ua a rios. He boa, ou será  
a esta Providência das cha-  
s do Ceo? E mais se as  
ões, que tiverẽ o dominio  
as chaves, não forem as de  
ias? Logo (argumenta o  
erege, & por ventura tam-  
em o Politico) logo o mes-  
o poderà acontecer às cha-  
es do Ceo entregues à Pro-  
videncia de Pedro.

128 Primeiramente di-  
o, que não Poderà. E por-  
ue? Porque se a Providen-  
ia de Pedro faltasse ao cõ-

cio de Vigario de Christo, a  
Providencia de Christo faria  
o officio de Vigario de Pe-  
dro. Estava Christo na Cruz  
pouco antes de render o es-  
pirito, quando o Ladrão cõ-  
vertido lhe presentou o seu  
memorial, dizendo: *Domine, Luc.*  
*memento mei, cum veneris in 23.42*  
*Regnum tuum.* Respondeo-  
lhe o Senhor em continen-  
te: *Hodie mecum eris in Pa-* *1b.43.*  
*radiso.* E esta foy a primei-  
ra vez, que se abrião as  
portas do Ceo, atè aquella  
hora cerradas. Mas vedè co-  
mo replica, & acode pela jur-  
dição de Pedro Arnoldo  
Carnotense. O officio, &  
jurdição de abrir as portas  
do Ceo, vòs Senhor não a  
tendes dado a Pedro? Sim.  
Como logo não remeteis  
este memorial ao vosso Viga-  
rio? Por ventura porque vos  
negou no atrio do Pontifice,  
tendelo privado do cargo?  
Não: que Pedro já estava  
arrepellido, & emendado,  
& restituído à graça. Como  
logo usa Christo das chaves  
de Pedro, & abre por si mes-  
mo a porta do Ceo? Aguda-  
mente o mesmo Arnoldo:  
*Absens eras, ò Petre, & mini-*  
*sterii*

*ferii tui calves modo non proferis: supplet vicem tuam* (notay as palavras) *supplet vicem tuam Summus Sacerdos, aperitisque seris antiquis, aperiente Christo, introducitur Latro in Regnum calorum.* Quando o Ladrão presentou o seu memorial, estava Pedro ausente: & como o tempo era brevissimo, & o negocio tão urgente, que não soffria dilação; fezse Christo substituto de seu Vigario, & supprio a ausencia de Pedro cõ a sua presença. Trocou o crucificado Senhor os cravos com as chaves, abriu as portas do Paraíso ao repentino penitente. E porque Pedro não accode à obrigação de seu officio como Vigario de Christo, acudio Christo a ella como Vigario de Pedro: *Supplet vicem tuam, ò Petre.*

129 Eisaqui como nunca pôde faltar a Providencia das chaves de Pedro, ainda no caso em que elle por si mesmo faltasse. Mas antes que desçamos em particular ao cuidado, vigilancia, & admiravel circumspecção desta universal Providencia; quero eu acudir pela honra

de Pedro, & não refutar a sua improvidência neste caso com a sua Providencia todos; mas farando gloriosamente huma improvidencia com outra. Day atençaõ ao successo tão digno de ser visto, como imitado.

130 Entrou Christo em casa de S. Pedro: *Introivit Jesus in domum Simonis* havia muito tempo que estava na mesma casa a sogra mesmo Pedro, tão enfermo & postrada de humas gravissimas febres, que não pôde receber ao Senhor se pôde levantar. Essa força tem a palavra *tenebatur* do Evangelho: *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus:* Grande febre, & grande caso! Que haverá, que não repare? note aqui muito a providencia de S. Pedro, antes o demaziado descuido ou negligencia de attender ao remedio de sua casa, & à necessidade dos seus domesticos, & parentes? A sogra de Pedro em casa de Pedro aitando em febres: & sem cura; padecendo dores, & sem alivio; atada tanto tempo em hum leito, sem saude, ne

quer; melhora? Não he  
 e aquelle mesmo Pedro, q̃  
 ando pelas ruas, & pelas  
 ças, só com a sombra fará  
 todos os enfermos? Co-  
 logo, abusa de tal modo  
 seu poder, que curando a  
 los, só aos seus domesti-  
 não cura? Tantos mila-  
 es para as casas dos outros,  
 só para a sua casa nenhum  
 lagre? Sim. E este creyo  
 que foy o mayor milagre  
 S. Pedro. Entre todos os  
 lagres deste grande prodi-  
 do mundo, o mayor mi-  
 gre foy não ser milagroso  
 a sua casa. Fóra de casa,  
 ao Sol fazia sombra, &  
 orava milagres; chegado a  
 a. casa, não obrava mila-  
 es, porq̃ já não tinha som-  
 a.

131 Mas que farão em  
 l caso os domesticos de Pe-  
 o, & que será delles? Vós  
 nhores, que servis a S. Pe-  
 o nesta sua casa, fois mais  
 propriamente os seus dome-  
 cos. E que será de tantos,  
 ue sómente vivem da sua  
 ombra? Não tendes me-  
 o. Porque como Christo  
 os casos de necessidade he  
 igario do seu Vigario, te

vos faltar a sombra de Pedro,  
 não vos faltará a mão de  
 Christo. Assim foy. Che-  
 gase o Senhor ao leito da en-  
 ferma: *Stans super illam*: dà-  
 lhe, & tomalhe a mão: *Ap-  
 prehensa manu ejus*: & no  
 mesmo ponto não só ficou  
 livre da febre, mas saã, & cõ  
 todas as suas forças: *Surgens  
 ministrabat illis*. Assim pro-  
 vè a Providencia de Christo  
 milagrosamente, onde a Pro-  
 videncia de Pedro, cõ mayor  
 milagre, não provè. Antes  
 digo, que assim como o não  
 prover em Pedro foy mila-  
 gre; porque he obrigação  
 natural da Providencia de  
 Christo prover elle, onde  
 Pedro não provè. Se Pedro  
 por excessõ de generosidade  
 se descuidar dos seus dome-  
 sticos, Christo por excessõ  
 de Providência tomarà o cui-  
 dado delles: & se Pedro abu-  
 sando gloriosamente do po-  
 der das suas chaves fechar a  
 porta da sua casa a todo o fa-  
 vor, Christo tomandolhe as  
 Chaves, abrirà a mesma por-  
 ta, & cheyo de favores, &  
 graças entrará em casa de  
 Pedro: *Introivit Jesus in Do-  
 mum Simonis*. Assim que fe-  
 guros

Luc.

Marc.

1.31.

Luc.4.

39.

guros estão sempre os effeitos da Proviaência de Pedro; porque quado elle por qualquer accidente, ou como homem, ou como mais que homem, não usar dos poderes das Chaves por si mesmo, faloha melhor por Christo, ou Christo por elle.

## §. VI.

132 E que se segue, ou se prova duto? Segue-se, & prova-se o que eu prometti dizer, posto que pareça que disse o contrario. Desta providencia de Pedro para com a sua casa, se prova altissimamente a Providencia do mesmo Pedro para com a Igreja, que lhe foy encomendada. Era o espirito soberano de Pedro como o daquela excellentissima Alma, que disse por boca de Salamaõ: *Posuerunt me custodem in vineis: vineam meam non custodiui*. Puzeraõ-me por guarda das vinhas, & eu não guardey a minha vinha. Pois isto diz, & isto faz huma Alma unicamente perfeita, que he a idéa, & exemplar de todas as Almas santas? Se disse, puzeraõ-me por guarda das

*Cant.*  
1.5.

vinhas, parece que havia accrescentar; & eu guardey com grande cuidado, & diligencia: mas em lugar dizer, q̄ guardou as vinhas, que lhe encomendaraõ, que não guardou a sua vinha: *Vineam meam non custodiui*? Sim. Porque o mayor testemunho, & a mayor prova de guardar com todo o cuidado as vinhas, que lhe encomendaraõ, era não nenhum cuidado de guardar a sua. A vinha (como Christo lhe chamou) compo de tantas vinhas, he a Igreja universal: & porque a Providencia de Pedro se defendeu totalmente da sua vinha por isso teve tanto cuidado de seu Senhor.

133 Notavel cousa ver o zelo, & Providencia universal, com que Saõ Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como elle fora todos, ou estivesse em todos, & todos nele. Mas por isso lhe entregou Christo as Chaves, & o cuidado do universo. As duas mayores difficuldades, & mais difficultosas questões que se excitaraõ na Esco

Apostolado, forão a da  
 vindade de Christo, & a  
 verdade do Sacramento.  
 ore a questaõ da divinda-  
 depois de ouvidas varias  
 nioens, todas negativas,  
 gũrou o Senhor: *Vos au-*  
*quem me esse dicitis?* E  
 ando a pergunta com to-  
 s, Pedro respondéo por  
 dos, como se fallãrra só cõ  
 e: *Tu es Christus Filius*  
*ivi.* Na queitaõ do Sa-  
 mẽto parecéo taõ dura a  
 utrina; que muitos por a-  
 r, ou por horror della dei-  
 raõ a Escola: entãõ pergũ-  
 o Senhor aos de mais *Nũ-*  
*id & vos vultis abire?* E fal-  
 lo tambem a pergunta cõ  
 dos, Pedro do mefmo mo-  
 respõdéo por todos: *Do-*  
*ne, ad quem ibimus? Verba*  
*aterne habes.* E homem  
 e toma por si, o que se  
 rgunta a todos, & respon-  
 por todos, quando fenaõ  
 lla só com elle; este homem  
 m zelo, & Providencia  
 iversal; a este homem, &  
 ãõ a outro hey de dar as  
 aves da minha Igreja: *Tibi*  
*bo claves Regni cœlorum.*

134 Mas naõ assentou a  
 ciação de Pedro sobre estas  
 as experiencias sómente.

No monte Tabõr quando  
 vio a gloria, disse: *Bonum est*  
*nos hic esse:* & quando ou-  
 vio, que para entrar na mes-  
 ma gloria era necessario dar  
 esmola, como elle tinha dei-  
 xado tudo, instou dizendo:  
*Ecce nos reliquimus omnia:*  
*quid ergo erit nobis?* Naõ sey  
 se reparais neste *nobis,* & na-  
 quelle *nos,* hũa, & outra vez  
 repetido? Em tudo mostrou  
 Pedro ser Pedro. Se allega  
 serviços, allega por todos:  
*Ecce nos reliquimus:* se pro-  
 cura premios, procura por  
 todos: *Quid erit nobis:* se  
 dezeja bens, dezeja pa-  
 ra todos: *Bonum est nos hic*  
*esse.* Huma vez falla do pas-  
 sado: *Reliquimus:* outra vez  
 do futuro: *Quid erit:* outra  
 vez do presente: *Bonum est:*  
 mas sempre de todos, por  
 todos, & para todos. Naõ se  
 ouve da boca de Pedro, nem  
*ego,* nem *mibi,* nem *me:* fe-  
 naõ *nos* no primeiro caso, *no-*  
*bis* no terceiro, & *nos* no  
 quarto: *Nos reliquimus, No-*  
*bis erit, Nos esse:* porque a  
 Providencia de Pedro naõ  
 sabe o nome a si, nem trata,  
 ou cuida de si, fenaõ de to-  
 dos. Se alguma vez se lem-  
 bra Pedro só de si, he para  
 elles

elle só tirar a espada no Horto, & defender a feu Mestre; he para elle só o seguir até o atrio de Caifaz cercado de guardas; he para elle só se lançar veitido ao mar, ou pizando as ondas com os pés, ou rompendoas com os braços, para o ir buscar. Sô para os perigos só; mas nunca só, senão com todos, & como todos para o bem, & interesses de todos.

135 Todos digo, huma, & outras, & tantas vezes; porque a Providencia de Pedro sem exceção, nem limite no universal, & no particular, sempre se estendeo, & abraçou a todos: aos grandes, & aos piquenos; aos naturaes, & aos eitranhos; aos fieis, & aos infieis; aos presentes, & aos ausentes; aos vivos, & aos mortos. O primeiro acto da Providencia de Pedro, tão to que pela morte de Christo lhe succedeo no Pontificado, foy confirmar os outros Apostolos na fé da Ressurreição. Em quanto o differença outros, erao delirios: *Visa sunt, sicut deliramentum:* tanto que o disse Pedro, foy verdade infallivel: *Surrexit*

Luc.  
24. 11

*Dominus verè, & apparuit Simoni.* Mádoulhes Christo q̄ esperassem pelo Espirito Santo; mas Pedro com Providencia anticipada, & miravel, não esperou a vinda do Espirito Santo, ra refazer a quebra de Judas & inteirar o numero do apostolado. Quando Christo subio ao Ceo, deixou os doze Apostolos, & quando desceu o Espirito Santo, já achou doze. Com esta diligencia conseguiu Pedro, que viu o Espirito Santo antes de vir, porque antes de vir em linguas visiveis, já tinha vindo na lingua invisivel, com que declarou a Mathias: *Cecidisti super Mathiam.* Chegou a todos os Apostolos do Espirito Santo, Pedro foy o primeiro, que no mesmo dia, na mesma hora, & na mesma Jerusaleem, onde tinha sido crucificado Christo, pregou publicamente a Fé da sua Livindade: E com que effectos? O mesmo Christo pregando em Judéa tres annos, deixou nella só quinhentos Christãos, como consta da primeira Epistola aos Corinthios, & S. Pedro com

gr.

ca superabundante do  
 fmo Christo, naquelle só  
 , & naquella só pregação  
 advertéo tres mil Judéos,  
 outro dia, & noutra prê-  
 ção cinco mil, cumprindo-  
 em Pedro o q̄ o mesmo Se-  
 or tinha prometido: *Ma-*  
*a faciet, quia ad Patrem*  
*do.*

136 Mas como se con-  
 taria cõ o fruto, que co-  
 a em Jerusaleem, & Judéa,  
 em tinha a cargo da sua  
 providencia o resto do mû-  
 . De Jerusaleem parte Pe-  
 o a Antiochia, & alli af-  
 ntou a primeira vez a sua  
 deira, não se desprezâdo,  
 ndo Príncipe, & Pastor do  
 iverto, de ser, & se cha-  
 ar Bispo de huma Cidade.  
 Antiochia passou a Roma,  
 como cabeça do Imperio,  
 era tãbem da superstiçaõ,  
 idolatría; para que assim  
 mõ tinha prégado em Je-  
 rsaleem aos Hebréos, & em  
 ntiochia aos Gregos, prê-  
 sse tambem em Roma aos  
 atinos: & com as tres lin-  
 uas universaes, em que foy  
 crito o titulo do Crucifica-  
 o: *Hebraicè, Græcè, & La-*  
*nè:* levantasse o Estendarte

da mesma Cruz nas tres Me-  
 tropolis mais conhecidas, &  
 nos tres Castelllos mais emi-  
 nentes do mundo, de que o  
 dominante era Roma. Quan-  
 do David derrubou o Gigan-  
 te, diz o Texto sagrado, que  
 poz a pedra na funda, & dâ-  
 do huma, & outra volta, lha  
 pregou na cabeça: *Circum-*  
*ducens percussit Philistæum,*  
*& infixus est lapis in fronte e-*  
*jus.* E que pedra he esta, se-  
 não Pedro? Ao redor de Je-  
 rusaleem deu huma volta à  
 Palestina, & ao redor de An-  
 tiochia deu outra volta à  
 Grecia, & com esta dobra-  
 da força como pedra de Da-  
 vid se veyo meter, & fixar na  
 testa do Gigãte, que he Ro-  
 ma, Cabeça do mundo. Aquí  
 o derrubou, & postrou por  
 terra, mas para daqui o subir  
 da terra ao Ceo. De Roma,  
 melhor que os Cesares aos  
 Fabios, Metéllos, & Scipio-  
 ens, repartio S. Pedro os Pã-  
 cracios, os Berillos, os Mar-  
 ciaes, os Apollinares, os Pro-  
 dicos, os Hermagoras, os  
 Maternos, os Torcatos, os  
 Tesifontes, & outros famo-  
 sos Discipulos de sua fê, &  
 espirito; os quaes ordenados  
 de

1. Reg.  
 17.49

de Bispos, & Sacerdotes, penetrassem a Italia, as Gallias, as Hespanhas, a Numidia, a Mauritania, & as demais Provincias da Europa, & da Africa (como já tinha feito na Asia o mesmo S. Pedro) para que como rayos do mesmo Sol, alumiassem, & como rios da mesma fonte, regassem, & fecundassem aquellas terras.

137 Porém a verdadeira Providencia, que toda he olhos, não se contenta com mandar, senão com ir, nem com ser informada sómente, senão com ver. Por isso Pedro ainda que poz a Cadeira em Roma, não a fez para si Sede fixa, senão Sede rodante. Lã vio Daniel a Deos assentado no seu trono, & diz que o mesmo trono era fundado sobre rodas: *Thronus ejus flammæ ignis: rotæ ejus ignis accensus*. E porque tinha rodas o trono de Deos, sendo aquelle que *immutus dat cuncta moveri*? Para mostrar nesta figura visível, que assim como com sua immensidade enche todo o mundo; assim com sua Providencia o vê, & rodêa todo. O mesmo

fazia Pedro como Vicede na terra. Nem elle se pôde apartar da Sede Pontificia, nem a Sede delle; mas leu do a sempre comsigo, como diz S. Lucas, visitava, & por si mesmo a todos: *Depertransiret uniuersos*. Tornou outra vez a Jerusalema outra vez a Antiochia: foi em Pessoa a Galacia, a Capadocia, a Asia, a Bithynia, Corintho, ao Egypto, & outras partes da Africa: até à barbarissima região do Ponto, que naquelle tempo era o degredo mais aspe dos Romanos, & o horror como diz Tertulliano, ao mundo, não faltou a Providencia, & presença de Pedro. Em Napoles, & Sicilia, ainda hoje memorias suas. He autor Metastastes, q̄ também passou á Hespanha, prégou em Inglaterra. Assim respondeu o primeiro Apóstolo, sendo o Principe de todos, à sua primeira vocação. Como Christo o tinha chamado para pescador de homens, não só no Tiberiades, nem só no Mediterraneo, nem só no Euxino; mas tambem no Oceano era t



e fosse lançar às redes, pa-  
que pescasse homens em  
os mares.

138 Bem quizera a Pro-  
dencia de Pedro, assim co-  
visitava a todos, assistir  
mpre com todos. Mas o  
e não podia com a presen-  
, & com a voz, fazia com  
nna. Ninguem lerà as  
istolas Canonicas de São  
dro, que com admiração,  
assombro, o não veja, não  
retratado, mas vivo nel-  
. Na magestade do esty-  
no solido da doutrina, no  
fundo das sentenças, &  
ardente do zelo. Por este  
yo se multiplicava Pedro  
todas as partes, & se fa-  
a presente no mesmo tem-  
a todos. Mas o que mais  
miro naquellas sagradas  
crituras, he o titulo: *Pe-  
us Apostolus, electis adve-  
dispersionis*. Não hiaõ di-  
gidas citas letras Potificias  
s Reys, & Monarchas do  
undo, senão a huns pobres  
regrinos, & desterrados  
r todo elle. Lembravase  
Pedro, que lhe encommê-  
ra Christo duas vezes os  
cordeiros, & huma só vez as  
ovelhas: *Pasce agnos meos,*

*pasce agnos meos: pasce oves Joau-  
meas*. Nas ovelhas lhe encô- 2.1.16  
mendou os grandes, & nos 17.  
cordeiros os pequenos: &  
por isso os pequenos duas  
vezes, & em primeiro lugar,  
para que tivesse delles ma-  
yor cuidado. Esta foy a con-  
fiança, com que Cornelio,  
sendo ainda Gentio, não du-  
vidou em mandar chamar a  
S. Pedro, & que fosse a sua  
casa, distãte sessenta milhas,  
como logo foy. Estava en-  
taõ S. Pedro em Jope, & este  
nome traz à memoria o Pro-  
feta Jonas, o qual no mesmo  
porto se embarcou, fugindo  
de Deos, por não ir a Nini-  
ve, sentindo, & desprezando  
se muito de ser mandado  
prègar a huma gète tão vil,  
& aborrecida, como eraõ to-  
dos os Gentios na estimação  
dos Hebrèos. E quando Jo-  
nas não quiz ir prègar à ma-  
yor Cidade do mundo, onde  
só os innocentes eraõ cento  
& vinte mil, vay o Summo  
Pontifice da Igreja, & a pè,  
desde Jope a Cesarèa só por  
catechizar hum Gentio.

## §. VII.

139 Estas foraõ, Senhores, não todas, mas huma pequena, & abreviada parte das obras maravilhosas de S. Pedro, & dos exemplos, que deixou à Igreja de sua universal Providencia. Disse, deixou, & disse mal, porque os não deixou. Ainda os continúa depois da morte, como insistiõ nelles em toda a vida. Morrèõ Pedro, mas a sua Providencia não acabou: porque foy, he, & ferà immortal. S. Pedro de Ravena em huma carta, que escreveu a Eutiches, que anda junta ao Concilio Calcedonense, diz, que S. Pedro vive sempre em todos seus successores: *Hortamur te frater, ut his, quæ à Beato Papa Romana civitatis scripta sunt, obedienter attendas; quoniam Beatus Petrus, qui in propria sede & vivit, & præsidet, præstat quærentibus fidei veritatem.* Mas não he isto só o que quero dizer. Digo, que no Ceo, onde està S. Pedro, vive, & permanece immortal a sua mesma Providencia

sobre a Igreja, não apartada já mais os olhos della, nem faltando, ou tardado em lhe acodir, todas as vezes que ha mister. Assim o prometeõ o mesmo Pedro a todos os Fieis, quando se despediu delles na sua segunda Epistola, por estas palavras. *Certus quod velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod & Dominus noster Jesus Christus significavit mihi: dumbo autem operam, & frequenter habere vos post obitum meum.* Não promette aos Fieis para depois da sua morte as suas oraçoens, como fazem outros Santos; senão a sua manutendencia: *Frequenter habere vos:* Eu vos terey, e vos mantereý, eu vos cõservarey. E a palavra, que responde a *frequenter*, no original Grego, em que o Santo Apóstolo escreveu, quer dizer: *Semper, quotidie, sigillatim:* sempre, todos os dias, a todos, não só em cõmum senão em particular.

140 Quam exactamente cumprisse São Pedro esta sua promessa, não se pôde comprehender, nem contar por serem occultas; & invisi-

sive

reis as ordinarias, & conti-  
 nas assistencias da sua Pro-  
 dencia; mas bastaõ para  
 perabundãte prova as ma-  
 festas, & visiveis. S. Pedro  
 y o que pouco depois de  
 a morte apparecêo ao mes-  
 o Nero, que o mãdou ma-  
 r, com hum aspecto tão  
 vero, & terrivel, q̄ assom-  
 ado o tyranno ( como re-  
 re Suetonio, sem saber a  
 usa ) os poucos dias q̄ de-  
 is vivêo, mais parecia já  
 orto, que vivo, com que  
 flossu a perseguiçãõ da Igre-  
 S. Pedro foy o que appa-  
 cêo ao Imperador Con-  
 antino & em lugar do ba-  
 ho de sangue dos innocen-  
 s, o exhortou a que se ba-  
 hasse no do sangue de Chri-  
 o, com que bautizado, &  
 cito Christaõ, os Pontifi-  
 es; & Sacerdotes, que vi-  
 iãõ nas grutas dos montes,  
 odêrãõ apparecer publica-  
 mente nas praças de Roma,  
 & collocar as Imagens de  
 Christo nos Templos, &  
 brégar sua Fé por todo o  
 mundo. S. Pedro foy o que  
 durando a perseguiçãõ em  
 nglaterra, & tendo fugido  
 alguns Bispos: para que não

fugisse tambem o Metro-  
 litano de Cantuaria, como  
 pretendia, o reprehendêo, &  
 castigou por suas proprias  
 mãos de tal sorte, que bastou  
 a vista das chagas, que lhe fi-  
 cãrãõ em todo o corpo, para  
 que os mesmos tyrannos o  
 deixassem viver, & guardar  
 as ovelhas do Pastor, que tão  
 asperamente punira os pen-  
 samêtos fó de as querer dei-  
 xar. S. Pedro foy finalmen-  
 te o que no seculo passado  
 apparecêo a Ignacio em Pá-  
 plona mortalmête ferido de  
 huma bala: & o farou com  
 sua presença, & lhe infundio  
 o seu espirito, para que levã-  
 tasse huma nova, & forte  
 Companhia em defenfa da  
 Igreja Militante, contra Lu-  
 thero, & Calvino, & os ou-  
 tros Heresiarchas de nossos  
 tempos, como diz a mesma  
 Igreja: *Novo. per Beatum  
 Ignatium. subsidio Militantem  
 Ecclesiam roborasti.*

141 Mas, glorioso De-  
 fensor da Fé, & autoridade  
 Romana, & tambem da mes-  
 ma Roma, & desta vossa Ba-  
 silyca, oitava maravilha do  
 mundo: agora que as Trom-  
 betas Ottomanas, quasi se ou-

vem dentro de seus muros, & já as meyas Luas Turquescas se divisaõ das torres de Italia, & lhe estaõ batêdo às portas; tempo he de outros soccorros, & de outras armas. Lembrayvos, ò Pedro, que não vos disse Christo, que depozeis a espada, fenaõ que a metesseis na bainha: para a tirar outra vez, & a empunhar, quando a honra de vosso Mestre já triumphante no Ceo, & a vossa Providencia o pedisse na terra. Esta foy a espada, com q̄ assististes fulminante ao lado de vosso Successor Leaõ, & destes tanta efficacia à sua eloquencia, & metestes em tanto terror a Atila, que não se atrevendo a dar hum passo a diante, voltou as costas, & as bandeiras, & confessou aos seus, tremendo ainda, o que vira. Com esta espada, & vellido de armas resplandecentes foccorestes Alexandria; Cidade da Igreja Romana, sitiada pelo Emperador Frederico, & capitaneado os cercados no asfalto, cõ que debaixo de falsa trêgoa o. invadio repentinamente, vos com immensa mortanda-

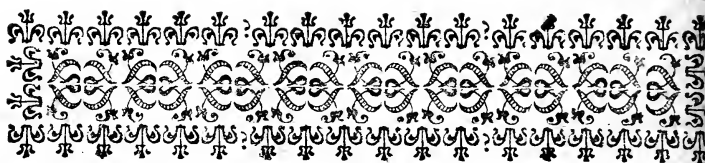
de de todo o seu exercito, obrigastes fugindo a levá-lo o sitio. E quem assim accedio por hũa Cidade da Igreja Romana, que fará pela mesma Roma, & pela mesma Igreja? Mas avisinhe monos mais à officina capital, onde se està fabricando, & dispondo o perigo, & estremos na mesma Constantinopla. Emperadores eram daquella sempre infensa, venenosa Metropoli, Baudas, & Michael, os quaes tãõ não devastado com exquissitas crueldades toda a Christandade do Oriente; quando vòs apparecendo visivos aos affligidos Catholicos por hum dos ministros de vossa justiça, que vos acompanhavaõ armados, não vos mandastes matar; mas fazer em postas a ambos: assim se executou. Tambem era Emperador de Constantinopla Alexandre Impiissimo, o qual olhando para as Estatuas dos antigos Idolos de Roma, que tinha no seu Palacio, disse: *Quandiu ista colebant Romani, potentissimum & invicti perseverarunt: Et quanto os Romanos ador-*

ão a estas, foraõ podcroffinos, & perfevêraõ invitos. Mas apenas o Barbaroinha lançado da boca esta blasfemia, quando vós, sempre vingador das injurias de Christo, vos presentastes diante, dizendo: *Ego sum Romanorum Princeps Petrus.* E a trovaõ desta voz vomitando todo a sangue pela mesma boca sacrilega, cahio morto Alexandre.

142 Assim venceis, assim triumphais, gloriofissimo Pedro. E se hum, *Ego sum*, a vossa boca em Constantioplã he taõ poderoso, como outro *Ego sum* da boca de vosso Meitre, & Senhor em Geth-semani, quando esta só vez detrubou os es-

quadroens de seus inimigos: & quando a vossa espada, como entaõ começou, os degolára a todos, se o mesmo Senhor vola não mandára meter na bainha: Agora, agora he o tempo de a desembainhar outra vez, ou de tornar a dizer: *Ego sum*: para que tremã o Turco, para que se acabe Masóma, para que as suas Luas se ecclypsem, para que os seus exercitos desmayem; & se confundaõ: & para que em Constantioplã, como em Roma, & no Imperio de Oriente, como no do Occidente, se conheçaõ, & se venerem só as Chaves de Pedro, & com elle, & por elle, & nelle o nome de Christo. Amen.





# S E R M A M

D E

## TODOS OS SANTOS.

Em Lisboa no Convento de Odivellas.

Anno 1643.

*Beati mundi corde. Matth.5.*

S. I.

143



Festa mais universal, & a festa mais particular : a festa mais de todos, & a festa mais de cada hum, he a que hoje celebra, & nos manda celebrar a Igreja. He a festa mais universal, & mais de todos; porque começando pela fonte de toda a San-

tidade, que he Christo, & pela Rainha de todos os Santos, que he a Virgem Santissima, fazemos festa hoje a todas as Gerarchias dos Anjos, fazemos festa aos Patriarchas, & aos Profetas; aos Apostolos, & aos Martyres; aos Confessores, & às Virgens. E não ha Bemaventurado na Igreja Triumfante, ou Canonizado, ou não Canonizado, ou conhecido, ou não conhecido na Militate, que

que não tenha a sua parte, a o seu todo neste grande dia. E este mesmo dia tão universal, & tão de todos, he tambem o mais particular, & mais proprio de cada hum; porque hoje se celebraõ os Santos de cada Nação, os Santos de cada Reyno, os Santos de cada Religião, os Santos de cada Cidade, os Santos de cada Familia. Ve-  
 e quam nosso, & quam particular he este dia. Não só celebramos os Santos desta nossa Cidade, senão cada hũ de nós os Santos da nossa Familia, & do nosso sangue. Nenhuma familia de Christãos haverà tão desgraciada, que não tenha muitos ascendentes na Gloria. Fazemos pois hoje festa a nossos pays, a nossos avós, a nossos irmãos, & os que tendes filhos no Ceo, ou innocentes, ou adultos, fazeis tãbem festa hoje a vossos filhos. Ainda he mais nossa esta festa: porque se Deos nos fizer merce de que nos salvemos, tãbem virá tempo, & não será muito tarde, em que nós entremos no numero de todos os Santos, & tambem será nosso

este dia. Agora celebramos, & depois seremos celebrados: agora nós celebramos a elles, & depois outros nos celebrarão a nós. Esta ultima consideração, que he tão verdadeira, foy a que fez alguma devoção à minha tibieza neste dia tão santo, & quizera tratar nelle alguma materia, que nos ajude a conseguir tão grande felicidade. Dividirey tudo o que differ em dous discursos, fundados nas duas palavras que tomey por thema, & nas duas do titulo da festa. Pois a festa he de todos os Santos, no primeiro discurso veremos quam grande cousa he ser Santos; & no segundo, quam facilmente o podemos ser todos. O primeiro nos dá a primeira palavra do thema: *Beati*: o segundo nos dará a segunda: *Mundo corde*. Digamos à Virgem Santissima. *Regina Sanctorum omnium ora pro nobis*: & offereçamos-lhe a costumada *Ave Maria*.

*Matt. 5.8.*

## §. II.

*Beati mundo corde.*

144 **A** Mais poderosa inclinação, & o maior appetite do homem, he dezejar ser. Bem nos conhecia este natural o demonio, quando eita foy a primeira pedra, sobre q̄ fundou a ruina a nossos primeiros Pays. A primeira cousa que lhes disse, & que lhes prometteo, foy que seriaõ: *Eritis*: & este *Eritis*, este fereis foy o q̄ destruyo o mundo. Não està o erro em dezejarem os homens ser, mas està em não dezejarem ser o que importa. Huns dezejaõ ser ricos, outros dezejaõ ser nobres, outros dezejaõ ser fabios, outros dezejaõ ser poderosos, outros dezejaõ ser conhecidos, & afamados; & quasi todos dezejaõ tudo isto, & todos eraõ. Só huma cousa devem os homẽs dezejar ser que he ser Santos. Allim emendou Deos fereis do demonio com outro fereis, dizendo: *Sancti eritis, quia Ego Sanctus sum*. O demo-

*Genes.*  
3.5.

*Levit.*  
11.45

nio disse: Sereis como Deos, sendo fabios: & Deos disse: Sereis como Deos, sendo Santos. E vay tanto de hum fereis outro fereis, que o fereis do demonio não só nos tirou o ser como Deos, mas tirounos tambem o ser, porque nos tirou o ser Santo: & o fereis de Deos exhorrandonos a ser Santos, como elle he, não só nos restitue o ser como Deos, senaõ tambem o ser. Quando Moyfes perguntou a Deos o que era respondido Deos definindose: *Ego sum qui sum*: Eu sou o q̄ sou, porque só Deos tem por essencia o ser. Agora diz a todos os homens por boca do mesmo Moyfes: Se sois tão amigos: & tão ambiciosos de ser, sede Santos, & fereis; porque tudo o que não he ser Santo, he não ser. Sede Rey, sede Emperador, sede Papa; se não sois Santo, não sois nada. Pelo contrario ainda que seiais a mais vil, & mais desprezada criatura do mundo, se sois Santo, sois tudo o que pôde chegar a ser o mayor, & mais bem afortunado homem; porque sois como aquelle, que to he, &



tem fer, que he Deos. To-  
o cutro fer, por mayor q̄  
reça, não he porque vem  
arar em não fer. Só o fer  
nto he o verdadeiro fer;  
que he o que só he, & o  
e ha de permanecer por-  
la a Eternidade.

145 Bastava esta só ra-  
õ para os homens, que te-  
s Alma immortal, deze-  
mos a fantidade sobre to-  
s as cousas, & desprezar-  
s todas as cousas só por  
Santos. Mas quero, que  
mesmos Santos, & todos  
Santos nos ensinem, &  
imem a esta verdade. To-  
s os Santos quantos ha, &  
de haver, pela mesma or-  
m, em que hoje os celebra  
greja, se reduzem a quatro  
asses. Deos, que tambem  
preza de fer, & de se cha-  
ar Santo: Máy de Deos,  
e he a mais Sãta entre to-  
s as puras criaturas: os Sã-  
s Anjos repartidos em no-  
e Coros: os homens Santos  
vididos em seis Gerarchi-  
. Ora vejamos como to-  
os estes Santos nos ensinão  
e estimar sobre tudo o fer Sã-  
s: & comecemos por Deos.

146 Se perguntarmos

aos Theologos; qual he o  
mayor attributo de Deos?  
Respondernos haõ, q̄ todos  
saõ iguaes; porque todos, &  
cada hum delles he Deos.  
Mas se perguntarmos, qual  
he o que mais declara, & en-  
grandece o fer do mesmo  
Deos? S. Dionisio Areopa-  
gita, que he o que mais alta-  
mente escreveo dos atribu-  
tos divinos, diz. que o fer  
Santo: *Deus per excellen-  
tiam cuncta excellentem San-  
ctus Sanctorum prædicatur.*  
Quando dizemos, que Deos  
he Santo, & Santo dos San-  
tos, louvamos em Deos hũa  
excellencia, que he mais ex-  
cellente que todas: *Excellen-  
tiam cuncta excellentem.* o grã-  
de Doutor da Igreja Santo  
Ambrosio ainda disse mais,  
cu cõ mayor expressão: *Ni-  
hil pretiosius invenimus, quo  
Deum prædicare possimus, in-  
si ut sanctũ appellemus: quod-  
libet aliud inferius est Deo, in-  
ferius est Domino.* Quando  
queremos louvar, & engran-  
decer a Deos, nenhuma cou-  
sa achamos de mayor esti-  
mação, & de mayor preço,  
que chamarlhe Santo: por-  
que tudo o demais que dis-  
fer-

fermos, he inferior a Deos, & só quando lhe chamamos Santo, dizemos o que he. Antigamente como Deos era só conhecido em Judéa, no resto do mundo havia muitos chamados Deoses, os quaes todos tinhaõ sacrificios, & Sacerdotes. E que fez o verdadeiro Deos, para se distinguir dos Deoses falsos? Mandou, que o seu Sûmo Sacerdote trouxesse na testa huma lamina de ouro cõ esta letra: *Sanctum Domino*: a Sãtidade ao Senhor. Porque só aquelle Senhor, que tem por attributo o ser Santo, he o verdadeiro Deos.

147. Mais fizeraõ os Profetas: os quaes fallando de Deos, deixavaõ o nome de Deos, & o trocavaõ pelo nome de Santo. Lede Isaias, & os demais, & achareis. *Ad Sãctum Israel respicient: Blaphemaverunt Sanctum Israel*: *In Sãcto Israel lætaberis: Venia consilium Sancti Israel*: & assim em muitos outros lugares: não havendo panegirico, invectiva, ou declamação, em que não tragaõ sempre na boca o Santo de Israel, o Santo de Israel. E

*Exod.*  
23.36

*Isai.*

17.7.

*Isai.*

1.4.

*Isai.*

41.

16.

*Isai.* 5.

19.

que Santo de Israel he esse He Abrahão, Isaac, ou Jacob? He Moyés, Josué, David? He Elias, ou Elife Naõ. O Santo de Israel, que fallaõ os Profetas, Deos. Pois se he Deos; por que lhe não chamaõ Deos ou o Deos de Israel, senão Santo de Israel? Porque se Israel havia naquelle tempo muitos idolatras, que veneravaõ, & sacrificavaõ a Deoses falsos da Gentilidade: & para distinguir o Deo verdadeiro dos Deoses falsos, não acháraõ os Profetas outra differença mais individual, nem outra distincção mais adequada, q̄ chamaõ lhe o Santo. Se lhe chamaõ Deos, equivocavase o nome de Deos cõ o dos idolatras, a quem os idolatras tambem chamavaõ Deoses; e chamandolhe o Santo, tiravaõ toda a equivocação, e toda a duvida; porq̄ só o attributo da Santidade, era o que distinguia, & provava no Deos de Israel a unica, & a verdadeira Divindade. Tãto significa, tanto monta, & taõ alta, & divina cousa he aino no mesmo Deos o ser Santo.

M.

148 Mas se os Profetas  
 riaõ distinguir o Deos  
 verdadeiro dos falsos ; por-  
 e não fundavaõ a ditin-  
 na verdade, senaõ na fan-  
 ade ; porque não diziam  
 verdadeiro de Israel, senaõ  
 Santo de Israel? Porque  
 da que o verdadeiro se  
 poem formalmete ao fal-  
 ; mais se califica o ser di-  
 o pelo attributo de San-  
 , que pelo de verdadeiro.  
 vi huma das mayores pô-  
 raçoens, com que se pôde  
 aliar, & conhecer quam  
 olime, & divina coufa he,  
 da na estimaçãõ, & vena-  
 çãõ do mesmo Deos, o ser  
 nto. Jurou Deos a David,  
 e seria o seu Reyno eter-  
 , porque delle descende-  
 o Messias : & como fez  
 eos este juramento, ou por  
 em jurou? Coufa estupen-  
 . *Semel juravi in Sancto*  
*no, si David mentiar, semen-*  
*is in aeternum manebit : Ju-*  
*ra David pelo meu Santo,*  
*he não hey de faltar à ver-*  
*de do que lhe prometi, &*  
*he ha de ser Pay do Mes-*  
*ias : In sancto meo, pelo meu*  
*santo! E que Santo he este,*  
*pelo qual Deos jura? Já fa-*

beis, que juramento se faz  
 sempre por aquillo que mais  
 se venera, ou mais se estima.  
 Fóra de nõs juramos pela vi-  
 da d'ElRey, pela Cruz, por  
 Christo, por Deos ; porque  
 he o que mais veneramos :  
 dentro em nõs juramos por  
 nossa vida, por nossa Alma ;  
 porque he o que mais esti-  
 mamos. Da mesma maneira  
 não tendo Deos fóra de si  
 por quem jurar, jura pelo que  
 tem dentro em si : & jura  
 por si mesmo, em quanto  
 Santo ; porque o ser São he  
 o que mais estima, o q̄ mais  
 preza, & se se pôde dizer af-  
 fim, o que mais venera. Pa-  
 rece que havia Deos de jurar  
 pela sua verdade, & jura pela  
 sua fantidade : como se ficá-  
 ra mais eslabelicida a verda-  
 de do seu juramento na fir-  
 meza da sua fantidade, que  
 na da sua mesma verdade.  
 Em Deos tudo he igual, &  
 taõ verdadeiro he, como São-  
 to, & taõ Santo, como ver-  
 verdadeiro ; mas buscando Deos  
 dentro de si mesmo hum at-  
 tributo, que ou fesse, ou pa-  
 receffe mais soberano, & ma-  
 is digno de veneraçãõ, pelo  
 qual podesse jurar ; jurou  
 Deos,

Deos verdadeiro por Deos  
Santo : *Semel juravi in Sancto  
meo.*

## §. III.

149 Por tão altos , &  
tão admiraveis termos , &  
como estes nos ensinou Deos  
em commum , quam grande  
cousa seja o ser Santos , & o  
mesmo documento confir-  
mou cada huma das três Pes-  
soas Divinas em particular  
por exêplos não menos ma-  
ravilhosos. Sobre a Encar-  
nação da Pessoa do Filho  
mandou o Eterno Padre por  
Embaixador o Anjo S. Ga-  
briel, & o que lhe deu por in-  
strucção que dissesse de sua  
parte à Virgem Santissima ,  
foy, que o Filho de Deos , &  
seu, que de suas entranhas  
havia de nascer, seria Santo :  
*Ideoque & quod nascetur ex te  
sanctum , vocabitur Filius  
Dei.* De forte , que tendo o  
Eterno Padre hum Filho  
igual a si mesmo , & queren-  
do que por segunda geração,  
& segundo nascimento, fen-  
do Deos , fosse tambem ho-  
mem, o que lhe deu a elle, &  
o que promettéo a sua Mãy,

Luc. I  
35.

foy , que seria Santo : *Quod  
nascetur ex te sanctum.* Na-  
tay o Sãctum, & o *Ex te* : S-  
to, & de vós. Não lhe de-  
riquezas, porque o fez Filho  
de huma Mãy muito pobre  
*Ex te* : não lhe deu honras  
porque o fez Filho de huma  
Mãy muito humilde : *Ex te*  
não lhe deu mandos , nem  
dignidades , nem imperio  
temporaes , porque ainda  
a Virgem era descendente  
de Reys, todos esses íctros  
& coroas tinhaõ já degene-  
rado aos instrumêtos meca-  
nicos de hũ efficial, cõ quem  
era desposada : *Ex te* : E que  
lhe deu? Deulhe o ser Santo  
*Quod nascetur ex te sanctum*  
Pois a seu Filho não lhe da-  
ria outra cousa hum Pay om-  
nipotente ? Os pays tudo  
quanto tem , & tudo quanto  
põdem , daõ a seus filhos , &  
mais se são primogenitos , &  
unicos , como Christo era.  
Pois a hum Filho primoge-  
nito, a hum Filho unico , hũ  
Pay todo poderoso, hum Pay  
Deos, & Senhor de tudo, não  
lhe dà outra cousa mais que  
o ser Santo ? Não : & por  
isso mesmo. Ao Filho pri-  
mogenito , & unico de Eter-  
no

Padre competialhe a herança de todos os bens de seu Pai: & todos os bens, que os Pais tem, & todos os que os Pais dão, he fazer a hum homem Santo, & mais Santo; porque tudo o mais, ou não he nada, ou para ser alguma coisa, ha de ser tambem sanctificado, & Santo. Em quanto Filho herdeiro de sua Mãe, pertenciaõlhe ao mesmo Christo o sceptro de David, & a casa de Jacob, que tambem Deos lhe mandou prometter: *Dabit illi sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob*: mas essa mesma casa, & esse mesmo sceptro deulhe Deos a seu Filho por tal modo, que de temporal que era, o convertèo em espirital, para que tudo nellesse fosse só santidade, & elle por todos os modos mais, & mais Santo.

150 Vede como dizem o que digo, os que virão o mesmo Unigenito do Padre: *Vidimus gloriam ejus gloriam quasi unigeniti à Patre, plenum gratiae, & veritatis*. Vimos (diz S. João) a sua gloria, a sua magestade, a sua grandeza, & bem mostrava que era

gloria, que era magestade, q̄ era grandeza de Filho Unigenito do Eterno Padre. E em que consistia essa gloria, essa magestade, & essa grandeza? *Plenum gratiae, & veritatis*: em ser cheyo de graça, & de verdade. A graça he a santidade formal, ou a fórma sanctificante, que faz, & denomina Santos: & nesta graça, nella santidade, neste ser São consistia toda a gloria, toda a grandeza, & toda a magestade do Unico herdeiro do Padre. E se perguntardes ao Evâgelista a razão de serem só estes os bens, que contêm a herança de hũ Pai todo poderoso, & Senhor de tudo; o mesmo Evangelista tem já dado a razão nas mesmas palavras: *Plenum gratiae, & veritatis*: cheyo de graça, & de verdade. Porque tudo o que não he graça de Deos, & santidade, he mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira: só o estar em graça de Deos he verdade, só o viver em graça de Deos he verdade, só o morrer em graça de Deos, em que consiste o ser Santo, he verdade: *Pleni*

grá-

*gratiæ, & veritatis.* Isto deu o Eterno Padre a seu Filho, para que vós aprendais a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurailhe, que sejam Santos, & esta he a mayor riqueza, a mayor honra, a mayor felicidade, que lhe podeis alcançar, & os mayores, & só verdadeiros bens, de que os podeis deixar por herdeiros.

151 Vamos à Pessoa do Filho. A Pessoa do Filho he a Sabedoria de Deos. Fez-se homem a Sabedoria Divina: veyo ao mundo para ensinar aos homens, & que lhes ensinou? Nenhuma outra cousa, senão a ser Santos. Naquelle escada de Jacob, como todos sabeis, representouse em visão, & profecia a Encarnação do Verbo Eterno. No alto da escada estava Deos inclinado sobre ella, porque hũa das Pessoas Divinas havia de descer ao mundo: ao pé da escada estava Jacob, que era o homem, ou o genero humano; porque o modo, com que Deos havia de descer, era encarnado, & fazendose homem: & a escada chegava da terra ao

Ceo, porque o fim do mysterio da Encarnação, & o fim, porque Deos descêo do Ceo à terra, foy para ensinar, mostrar ao homem como havia de subir da terra ao Ceo. E para esta subida tão nova, & tão nova, que até então não estava ignorado, que Deos ensinou o Deos, que Deos encarnou, que Deos ensinou o Verbo, & a Sabedoria Divina a Jacob, ao homem, que nelle se representava? O mesmo Verbo o diz no Capitulo decimo da mesma Sabedoria, falando do mesmo Jacob: *Operavit illi Regnum Dei, & dedit illi scientiam Sanctorum*: Mostrou-lhe o Ceo; & o Reyno de Deos, & ensinou-lhe a sciencia de ser Santos. De sorte, que vindo a Sabedoria Divina em Pessoa, & descendo do Ceo à terra a ser Mestre dos homens, a nova maneira, que instituiu nesta grande universidade do mundo, & a sciencia que professou, foy só ensinar a ser Santos, & nenhuma outra. A Rethorica deixou-a aos Tullios, & aos Demosthenes; a Filosofia aos Platoens, & ao

Platoteles; as Mathematicas, aos Toloméos, & aos Ptolomidos; a Medica aos Asclepios, & aos Esculapios; a Jurisprudencia aos Soloens, aos Lycurgos; & para si, não só a sciencia de ensinar a salvar, & fazer Santos: *Magnum Dei, & scientiam sanctorum.*

152 Em todas as Sciencias he certo, que ha muitos erros, dos quaes nasce a differença das opinioens: em todas as Sciencias ha muitas ignorancias, as quaes consistão todos os mayores Leados, que não comprehendem, nem alcançaõ. Pois se não se dá a Sabedoria de Deos ao mundo, porque não aliuou estes erros, porque não viu estas ignorancias? Porque errar, ou acertar em todas estas materias, sabellas, ou não as saber, nenhũa cousa importa: o que só importa, he saber salvar: o que só importa, he acertar a ser Santos: & isto he o que só nos ensina o Filho de Deos. Nem ensinou aos Philosophos a composiçaõ do círculo; nem aos Geometras a quadratura do círculo; nem

aos Mareátes a altura de Levante a Oeste; nem aos Chemicos o descobrimento da pedra Filosofal; nem aos Medicos as virtudes das hervas, das plantas, das pedras, & dos mesmos elementos; nem aos Astrologos, & Astronomos o curso, a grandeza, o numero, as influencias dos Astros: só nos ensinou a ser humildes, só nos ensinou a ser castos, só nos ensinou a desprezar as riquezas, só nos ensinou a perdoar as injurias, só nos ensinou a sofrer as perseguições, só nos ensinou a chorar, & aborrecer os peccados, & a amar, & exercitar as virtudes, porq̃ estas são as regras, & as conclusões, estes os preceitos, & os theoremas, por onde se aprende a ser Santos, que he a sciencia, que professou, & veyo ensinar a Pessoa do Filho de Deos: *Scientiam Sanctorum.*

153 A Pessoa do Espirito Santo com o seu proprio nome nos prova, & confirma o mesmo. O Padre tambem he Espirito, & tambem he Santo. Pois porq̃ se chama só a terceira Pessoa Espirito Santo? A razão he ( dizem

zem todos os Theologos ) porque ao Espirito Santo compete o officio de santificar , & de fazer Santos. Todas as obras de Deos , q̄ chamaõ *ad extra*, isto he , que faem de Deos, & se terminaõ às criaturas, saõ indivisamente de toda a Santissima Trindade , na qual o poder , & o obrar não só he igual , senão hum só & o mesmo. Mas por certa propriedade, fundada na natureza ou origem das mesmas Pessoas , humas obras se attribuem a humas Pessoas, & outras a outras. E porque à terceira Pessoa se attribue particularmente o santificar , & fazer Santos ; por isso se chama Santo.

154 E para que vejais quam grande significação he na mesma Pessoa do Espirito o nome de Santo ; & o attributo , ou attribuição de santificar ; notay o muito que com ella se supre, & a grande carencia, ou vazio, que com ella se enche. O nome , ou Antonomasia de Santo , & o officio de santificar , & fazer Santos, não lhe podera competir ao Pay , que he a fonte original , & innascivel da

fantidade ? Não lhe podera competir ao Filho , q̄ se o que encarnando nos merecêo essa mesma fantidade. Sim. Pois porque se deu ao Espirito Santo ? Disse com alto pensamento Ruperto, para suprir a infecundidade da terceira Pessoa. A Divindade no Padre he fecunda no Filho he fecunda , no Espirito Santo não he fecunda. No Padre he fecunda , porque gera o Filho : no Filho he fecunda , porque juntamente com o Padre produz o Espirito Santo : no Espirito Santo só não he fecunda porque não produz outra Pessoa Divina. Pois q̄ meyo podia haver para suprir na terceira Pessoa esta infecundidade ? O meyo foy cederem nella as outras Pessoas Divinas a virtude , ou attribuição de santificar , & fazer Santos , & o titulo , & Antonomasia de se chama Santo. A terceira Pessoa não pôde gerar , nem produzir Pessoa , que se já Deos ? Pois faça Santos. A terceira Pessoa não se pôde chamar Pay nem se pôde chamar Filho. Pois chame-se Santo. Tam gran-



grande, tão alta, tão subli-  
 ce, tão divina cousa he fer  
 nto: & com tão maravi-  
 losos documentos nos ensi-  
 naráo esta verdade em si  
 mesmas as tres Pessoas Divi-  
 ns.

§. IV.

155 Depois do Padre,  
 lho, & Espirito Santo fe-  
 mete a Filha do Padre, a  
 Mãe do Filho, a Espoza do  
 Espirito Santo, a Virgem  
 Santissima; a qual como a  
 Mãe Santa entre todas as pu-  
 ras creaturas nos dirá me-  
 nor q̄ todas quam grãdebem  
 se termos Santos. No Ca-  
 tulo vintequatro do Ec-  
 clesiastico nos refere a mes-  
 ma Senhora, como Deos que  
 escolheo por morada, lhe  
 deu a herança de tudo quan-  
 to tinha vinculado ao Povo  
 de Israel, que era o morgado  
 do mesmo Deos: *Tunc præ-*  
*cepit, & dixit mihi creator*  
*dominium, & qui creavit me re-*  
*quievit in tabernaculo meo, &*  
*dixit mihi, in Israel hæredita-*  
*re.* E que vos parece que es-  
 colheria, & tomaria para si  
 a Virgem Maria, de toda a

universidade de bens natu-  
 raes, & sobrenaturaes deste  
 immenso morgado? Só to-  
 mou o que era santo, & ne-  
 nhuma outra cousa. Do que  
 não era santo, postoque fof-  
 se precioso, & estimado, não  
 quiz nada, porque tudo he  
 nada: do que era santo, to-  
 mou tudo, porque só o ser  
 Santo, he tudo. Ouçamos a  
 mesma Senhora; & ponde-  
 remos o que diz, com a atten-  
 ção que suas palavras me-  
 recem. Primeiramente do  
 que pertence ao lugar, diz  
 que escolheo huma Cidade  
 santa, & huma casa santa pa-  
 ra nelle servir a Deos em sua  
 presença sem nenhum outro  
 cuidado: *In habitatione san-*  
*cta coram ipso ministravi, &*  
*in civitate sanctificata simili-*  
*ter requievit.* 15.

E quanto ao  
 que pertencia à Pessoa, sendo  
 tantos, & tão excellentes os  
 dotes naturaes, q̄ Deos des-  
 de seu principio tinha repar-  
 tido com as mulheres famo-  
 sas daquella nação; de tudo  
 isto nenhum caso fez a Se-  
 nhora, tudo deixou, tudo  
 desprezou, & só tomou, &  
 quiz para si a santidade de  
 todos os Santos: *In plenu-*

*Ibi. 16* *dine Sanctorum detentio mea.*

Detiveme (diz) na enchente de todos os Santos (porque tudo o que não he fer Santo, pôde inchar, mas não pôde encher) aqui me detive, aqui parey, aqui insisti, & não passy, nem tive para onde passar daqui.

156 Oh quem me dera ter neste auditorio todas as Senhoras do mundo, tão prendadas, & tão prezas; tão tidas, & tão retidas das vaidades do mesmo mundo; para que vissem o de que só te haviaõ de deixar prender, & deter à imitação da mayor Senhora, & Rainha de todas! Tudo quanto a apreheensão, & fantasia feminil estima, & preza, vio a benditissima Virgem no grande theatro de Israel, de q̄ Deos a fizera herdeira: *In Israel hereditare.* Vio a nobreza do sangue, antiga, & illustre em Sára, soberana, & real em Michol; mas não a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe movéo, ou alterou os espiritos. Vio a fermesura fervida, & aderada em Rachel, buscada, & perferida em Abifay; mas não a deteve a

fermosura; nem julgou p̄ digna de ser vista a que levava a poz si os olhos. Vio a fcondidade grande, & invjada em Lia, mayor, & mais desvanecida em Fenéna; mas não a deteve o appetite natural de ser mãy, nem deixou perpetuar-se em mais vadas. Vio a riqueza domestica em Rebecca, & os thesoros reaes em Sulamites; mas não a deteve cubiça, ou ambição de riquezas; porque tinha o coração em outros thesouros. Vio as galas, & adorneamentos de Jezebel, & todo o valor do Oriente engastado nas joyas de Esther; mas não a deteve a apparencia vã dos aparatos do corpo, como se que só cuidava em ornar o espirito. Vio a que o mundo chama vêtura nas vodas inesperadas de Ruth, & não muito mais vêturofas de Sfora; mas não a deteve o precioso laço das vodas, antes lhe fizeraõ horror as delicias do talamo. Vio as vitorias & triumphos de Debora, & os despojos, & trofeos da fama ludith; mas não a deteve a fama com o ruído de fer aplausos, nem affectou vitorias

rias, & triunfos. Vio finalmente coroada Abigail, & assentada Berzabee em igual throno com Salamaõ; mas não a deteve a soberania daquellas alturas, porque era mais alto o seu animo que os thronos, & de mayor esfera q̄ as coroas.

157 Pois, Senhora, se todos estes bens da natureza, & da fortuna, se todas estas grandezas, & felicidades da vida, que os homens tanto estimão, tanto prezaõ, & tanto invejaõ, nem divididas, nem juntas vos encherão os olhos: se por todas passastes pizandooas, & nenhuma vos parece digna, nem de vos deter hum momento, nem de vos fazer parar hum passo; que he o que vistes, que só vos agradou, que he o que vistes, que só vos deteve, ou teve mão, para que alli parassem os passos do vosso desejo, para que dalli não passassem os vossos affectos? Vi a humildade, diz a Senhora, vi o desprezo de si, & do mundo, vi o recolhimento, vi o silencio, vi a modestia, vi a temperança, vi a paciencia, vi a fortaleza, vi a mor-

tificação das paixens, & a resignação da propria vontade, vi o amor de Deos, & a charidade do proximo, vi em fim toda a santidade, virtudes, & graça, de que estive-raõ cheyos os Santos; & nesta enchente de santidade he que só tomey pè, nesta parey, nesta me detive, & nesta me detenho: *Et in plenitudine Sanctorum detentio mea.* Isto he o que diz de si a Mãy de Deos: E porque este foy o seu juizo, & a sua eleição, por isso foy Mãy de Deos, não só porque estimou o ser Santa mais que todas as cousas, mas porque deixou, & desprezou todas as cousas para ser mais Santa.

§. V.

158 Os Anjos, que são a terceira classe dos Santos, que hoje celebra a Igreja; assim como nos persuadem cõ suas inspiraçoens, nos ensinão com seu exemplo quam grande cousa he ser Santos. O exercicio dos Anjos no Ceo he estarem sempre louvando a Deos. Nós não o sabemos louvar, porque o

naõ vemos, elles que o estaõ sempre vendo, só o louvaõ como devem. Mas quaes saõ os leuiores, ou as lizonjas, que os Anjos cantaõ a Deos? O Profeta Isaias, que huma vez foy admittido aos ouvir, o disse: *Seraphim stabant, & clamabant alter ad alterum: Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Estavaõ os Serafiens divididos em dous cores, & o que cantavaõ alternadamente a grandes vozes, era: Santo, Santo, Santo. Isto diziaõ, & repetiaõ sem cessar: como tambem os ouvio dahi a oito centos annos S. Joaõ no seu Apocalypse: *Et requiem non habebant, dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Se isto naõ estivera taõ expresso em hũ, & outro Testamento, quem tal cuidára? Deos naõ he hum. objecto immenso, as grandezas de Deos naõ saõ infinites, os Anjos q̃o vem, & conhecem intuitivamente, naõ saõ taõ entendidos, & taõ sabios? Pois como naõ variaõ de vozes, nem de pensamento? Porque naõ discorrem por outras perfeiçoens divinas, porque naõ louvaõ, & naõ engrandecem

Isai.  
6.2.3.

Apoc.  
4.8.

outros attributos? Por isso mesmo. Porque vem a Deos porque o conhecem, & por que saõ entendidos. Quem louva, ou linzõgea discretamente, diz tudo o que pòde & tudo o que mais agrada, & a mayor grandeza, que se pòde dizer de Deos, & o louvor, que mais lhe agrada, he chamarlhe Santo. Por isso o primeiro coro dos Anjos diz Santo, & o segundo respõde Santo: o primeiro torna a dizer, Santo, & o segundo torna a repetir, Santo: & isto dizem, & isto estaõ sempre dizendo sem cessar; huma, & mil vezes, & isto haõ de continuar a dizer por toda a Eternidade; porque depois de dizerem, que Deos he Santo, Santo, & mais Santo, nem os Serafiens do Ceo, que saõ os Anjos de mais alto entendimento, & de mais profunda sciência, sabem dizer mais, nem lhe fica mais que dizer. He Deos eterno, he immenso, he infinito, he omnipotente; mas tudo isso saõ grandezas, porque estaõ juntas com o ser Santo. Se Deos por impossivel naõ fora Santo, todos os outros seus attributos

receção da sua mayor perfeição. Por isso he perfeição em Deos o ser eterno, porque he eternamente Santo: por isso he perfeição o ser immenso, porque he immensamente Santo: por isso he perfeição o ser infinito, porque he infinitamente Santo: por isso he perfeição o ser omnipotente, porque he todo poderosamente Santo: *sanctus, Sanctus, Sanctus.*

1,9 Isto he o que os Anjos dizem de Deos. E de que dizem, ou que podem dizer? O que podem, & são obrigados a dizer todos os que perseverarão no Ceo, & não perderão; he, que todo o seu bem, & toda a sua felicidade consistio em ser Santos. Ouve no Ceo entre os Anjos aquella grande batalha, que sabemos: Lucifer com os mãos rebelouse contra Deos: S. Miguel com os seus seguiu as partes de seu Senhor: estes vencerão, & aqueles foraõ vencidos; & os que ganhãõ os que ganhãõ a vitoria, que perderãõ os que perderãõ a batalha? Nenhuma outra cousa mais que o ser, ou não ser Santos.

Os que ganhãõ a vitoria, ganhãõ o ser Santos, porq̃ ficãõ confirmados em graça: os que perderãõ a batalha, perderãõ o ser Santos, porque foraõ privados da mesma graça, & em tudo o mais que tinhãõ por natureza, ficãõ como dantes eraõ.

16o Daqui se entenderã hum famoso lugar de Ezechiel no Capitulo vinte oito, onde chama Cherubim a Lucifer: *Tu Cherub extētus, & protegens, & posuite in monte sancto Dei, in medio Lapidum ignitorum ambulasti: perfectus in viis tuis a die conditionis tue, domc inventa est iniquitas in te.* Tu, ó Cherubim, eras o Anjo de mayor esfera, & que debaixo de tuas azas tinhás todos os outros: *Tu Cherub extētus, & protegens:* Eu te criei Santo, & em graça, & te puz no Ceo: *Posuite in monte sancto Dei:* Tu estavas entre os Serafins, onde passeavas com liberdade de superior: *In medio lapidum ignitorum ambulasti:* E desde o dia de tua criação foite perfeito, até q̃ em ti se achou o peccado, &

*Ezec.*

*28.14*

*15:*

maldade, que tu inventaste; *Perfectus in viis tuis, donec inventa est iniquitas in te.* Em summa, que Lucifer, como diz o Texto, & declaraõ conformemente todos os Padres, era por natureza Serafim, & criado entre os Serafims, & superior a todos. Pois se era Serafim, como lhe chama o Profeta em nome de Deos, não Serafim, senão Cherubim? E se lhe nega o nome de Serafim, porque já não era Anjo, senão demônio, porque lhe chama Cherubim: *Tu Cherub?* Porque Serafim significa amor, & amante, Cherubim significa sciencia, & sabio; & ainda que Lucifer pela rebelião, & pelo peccado perdeu o amor, & a graça de Deos, & os outros dons sobrenaturaes, não perdeu a Sabedoria, & as sciencias, nem os outros dotes do entêdimento, & da natureza, com que fora criado. Taõ Anjo ficou no saber, como dantes era, taõ Anjo no poder, taõ Anjo na capacidade da esfera, taõ Anjo na belleza, & fermosura natural, & em tudo q' mais

como dantes: & sómen privado da graça, & da santidade, em que por sua culpa, & maldade se não qu' conservar.

161 De sorte que a principal differença, que ent' ouve, & hoje ha entre Miguel, & Lucifer, he, que Miguel chamase S. Miguel, Lucifer não se chama Santo. Direis, que tambem foy privado Lucifer da gloria, & a vista de Deos. Não foy porque essa ainda a não tinha, que se já tivera visto Deos, não o podera offerder, nem perder a graça, & santidade. Mas assim como Deos o privou da graça, & da santidade, porque o não privou tambem do tudo mais? Quando hum vassallo se rebella contra seu Rey, confiscaõlhe todos seus bens. Pois se Lucifer se rebello contra Deos, porque lhe confiscaõ só a graça, & a santidade, & lhe deixaõ tudo mais? Porque só a graça, & santidade são bens: tudo mais que tem os Anjos não huma vez que não tem santidade, antes são males, que bens. A sciencia sem santidade

de, he ignorancia: a fer-  
ofura sem fantidade, he  
aldade: a poder sem fanti-  
de, he fraqueza: a grande-  
sem fantidade, he miseria:  
por isso são os Anjos mãos  
mais miseraveis de todas  
criaturas, assim como os  
Anjos bons os mais felices,  
bemaventurados de todas:  
estes porque são Santos, a-  
uelles porque não são San-  
s.

§. VI.

162 Vamos áos homês,  
perguntay a todos os que  
estão no Ceo, que cousa he  
ser Santos? A esta pergunta  
não quero responder cõ Es-  
crituras, nem com palavras  
nem com obras. As cousas  
estimaõse pelo que valem, &  
pelo que custão. Tudo o que  
se zeraõ, & padecerão os San-  
tos, foy por ser Santos. A es-  
perança tão longa, & tão  
constante dos Patriarchas, a  
fé, & paciencia dos Profetas,  
o zelo, & prêgação dos Ap-  
ostolos, os tormentos, &  
mortes dos Martyres, as pen-  
itencias, & asperezas dos  
Confessores, a continencia,

& pureza das Virgens: Tudo  
santo, & tudo por ser Santos.  
Mas não he esta a materia,  
que se haja de passar, & escu-  
recer cõ huma tão abreviada  
generalidade. Discorramos  
por cada huma das Gerar-  
chias dos Santos, & vejamos  
quanto se empenhãõ por  
consequir este nome.

163 Olhay para os Pa-  
triarchas nos dous primei-  
ros, & vereis a Isaac lançado  
sobre a lenha, esperãdo com  
a graganta nua o rigor, por  
não dizer a deshumanida-  
de do golpe, & a Abrahão  
com a espada em huma mão  
para cortar a cabeça ao unico  
filho, & com o fogo na ou-  
tra para o queimar em holo-  
caustro, & sepultar em cin-  
zas. Podia haver mayor reso-  
lução, nem mais heroico, &  
deliberado empenho, assim  
na fogeição do filho ao pay,  
como na obediencia do pay  
a Deos? O mesmo Deos cõ-  
fessou, que não podia ser  
mayor. Mas se virdes, que  
hum Anjo naquelle mesmo  
fragante tem mão no braço a  
Abrahão; voltay os olhos  
para o de Jephthe armado  
doutra espada, & do mesmo

zelo, & vereis não suspenso, mas executado o tremendo sacrificio, derramando o pay animoso com suas proprias mãos o sangue da innocente filha tambem unica, & sem herdeiro. E porque vos parece que se atreveraõ estes dous homens, sendo pays, a huma tão espartosa, & medonha açãõ, de que se estre-mece o amor, & tapa os olhos a natureza? Abrahaõ por não quebrar hum preceito, Jephthe por não saltar a hum voto, & ambos por ser Santos. Abrahaõ podia duvidar com grande fundamento, se hum preceito tão novo, & inaudito, & tão repugnante às promessas, que o mesmo Deos lhe tinha feito, era illusão: Jephthe, com mayor razão ainda, podia duvidarse o voto naquelle caso obrigava, não sendo tal a sua tenção, nem lhe tendo vindo tal cousa ao pensamento; & comtudo ambos seguirão a parte mais difficilosa, & mais segura, por não deixar em escrupulo a salvação, nem pôr em duvida o ser Santos.

164 Aos Patriarchas se-

guemse os Profetas; & ad Profetas os Apostolos. E entre os Profetas vos affombráis de ver hũ Isaias ferra-do pelo meyo; & hum Daniel no lago dos leoens, & hũ Jonas engulido da Baléajno Apostolos, que foraõ menor em numero, vereis a Pedro crucificado, a Paulo degolado, a André aspado, a Felippe apredejado, a Bartholomeu estolado, a Mattheos & Thomé alanceados, a Simão, & Thadéo espedaçados, & todos em fim dando o sangue, & a vida em testemunha da Fé, que prégaraõ não só para ser Santos elle em si, mas para fazer Santos a outros.

165 E que direy eu de vòs, ó fortissimo, & luzidissimo exercito dos Martyres tão infinito no numero, como nos exquisitos generos de martyrios? Se entre no Anfiteatro de Roma, vejosvos lançados as feras, ou lançados aos Neros, aos Decios, aos Dioclecianos, aos Trajanos mais ferros que as mesmas feras. A muitos de vòs reverenciaraõ os Leoens, os Uilos, os Tigres; mas a

ne-



ningum perdoou a vida a piedade mais que brutal dos tyrannos, sempre mais obstinados, & furiosos. As pedras de Estevaõ, as feitas de Sebaſtiaõ, as grelhas de Lourenço, & Vicente já eraõ armêtos vulgares. Que machinas, & invenções de atormentar não excogitou a fevilha raivosa de se ver vencida, para combater, & tentar essa fortalezã? A hums Martires penduravaõ pelos cabellos ou por hum pé, ou por outros, & allim no ar, & defeados, cõ azorragues de nervos rematados em pelotas de chumbo, ou abrolhos de aço batiaõ, & martellavaõ cõ a força, & continuação os cruezis, & robustos algozes, que ao principio açoutavaõ os corpos, depois feriaõ as mesmas chagas, ou hũa só chaga, até que não tinhaõ já que degustar, nem ferir. A outros estirados, & desconjuntados no Eculeo, ou estendidos na Catasta, aravaõ, ou cardavaõ os membros com pentens, & garfos de ferro, a que propriamente chamavaõ Escorpioeas, ou metidos debaixo

de grandes pedras de moimho, lhe espremiaõ como em lagar o sangue, & lhe mohiaõ, & empressavaõ os ossos, até ficarem huma pasta confusa, sem figura, nem semelhança do que dantes eraõ. A outros cobriaõ todos de pez, tezina, & enxofre, & ateandolhe o fogo, os faziaõ arder em pé como tochas, ou luminarias nas festas dos idolos; esforçandoos para este supplicio com lhe dar a beber chumbo derretido. A outros nos mais rigorosos frios do Inverno metiaõ em tâques enregelados com banhos de agua quente à vista, & liberdade de se passarem a elles, para que enfraquecesse o remedio os que não vencia o tormento. A outros coziaõ em outros juntamente com serpentes, & caens danados, & allim os lançavaõ ao mar, para q̃ naquella estreita, medonna, & asquerosa praiaõ, primeiro acabassem mordidos, & atassalhados dos dentes ver encos, do que afogados das ondas. A outros escallavaõ vivos pelos peitos, & lhes arrancavaõ o coração, & entranhas palpitai-

tantes , ou lhes atavaõ as  
maõs , & os pès a quatro ra-  
mos grossos de arvores do-  
brados à força , & soltos ao  
mesmo tempo , com que su-  
bita , & violentissimamente  
os espedaçavaõ em quartos.  
A outros assentavaõ em ca-  
deiras de ferro afogueado , a  
outros fazião andar descal-  
ços sobre laminas ardentes, a  
outros metiaõ em caldeiras  
de azeite , & alcatraõ fervê-  
do , a outros em boys de me-  
tal abrazado , a outros em  
fornalhas de chamas vivas. E  
tudo isto sofriaõ , & sopor-  
tavaõ aquelles valerosos Ca-  
valleiros de Christo , não só  
com paciencia , & constan-  
cia , mas com jubilo , & ale-  
gria : porque? só por ser , &  
segurar o ser Santos , como  
exclama a Igreja : *Omnes  
Sancti quanta passi sunt tor-  
menta , ut securi pervenirent  
ad palmam martirii.*

## §. VII.

166 Os Santos Douto-  
res, esquadraõ tambem lau-  
reado , não fizeraõ , ou não  
se desfizeraõ menos por ser  
Santos. Foraõ a Luz do

mundo , & o Sal da terra ;  
assim como a tocha se con-  
sume para allumiar , & o Sa-  
l se derrete para cõservar ; a-  
ssim elles para allumiar as co-  
gueiras do mundo, & confer-  
var a Fé , & Religiaõ em su-  
pureza , não só se pôde dizer  
com verdade , que consumi-  
raõ a vida , mas que derrete-  
raõ , & estilarão a Alma. To-  
dos estes livros tantos , & ta-  
admiraveis de S. Basilio , de  
S. Chrysofomo , de Santo  
Athanasio , de Santo Ambro-  
sio , de S. Hieronimo , de São  
to Agustinho , & dos dou-  
Gregorios , quatro Doutore  
da Igreja Grega & quatro  
da Latina , & os dous que de-  
pois se acrescentaraõ a este  
sagrado numero , São Tho-  
mas , & S. Boaventura : os li-  
vros igualmente doutissimo  
dos Santos Bispos , Hilario  
Cypriano , Fulgencio , Epi-  
fanio , Isidoro , & hum , & ou-  
tro Cyrillo : & os dos anti-  
quissimos Padres , Clemente  
Romano , Dionisio Areopa-  
gita , Erineo , Justino , Gre-  
gorio Taumaturgo , Clemen-  
te Alexandrino , Lactancio,  
& infinitos outros. Todos  
estes escritos , digo , cheyos  
de

divina, & celestial doutrina, que outra cousa são sem aumento, nem Meta-ra, senão as Almas dos Santos, & as quintas Ciências dos seus entendimentos, estiladas pela pe-

167 Alli se vem refuta-  
das, & convencidas todas as  
ditas dos antigos Filósofos,  
Pythagóricos, Platónicos, Ci-  
cílicos, Peripatéticos, Epicu-  
rêos, Estoicos: alli os myste-  
rios profundissimos da Fé  
simplificados, & creiveis, & os  
argumentos contrarios des-  
fancidos: alli as tradiçõens  
apostolicas successivamen-  
te continuadas, & as defini-  
çõens dos Concilios geraes,  
& particulares estabelecidas:  
alli as difficuldades da  
agrada Escritura, & os luga-  
res escuros della declarados,  
& o velho, & Novo Testa-  
mento, & os Evangelhos en-  
tre si concordados: alli as que-  
stõens altissimas da Theolo-  
gia futilissimamente disputa-  
das, & resolutas; as contro-  
versas debatidas, & exami-  
nadas; & o certo como cer-  
to, o falso como falso, & o  
provavel como provavel, tu-

do decidido: alli as heregias  
antigas, & modernas, expu-  
gnadas, & as cavillaçoẽs dos  
Hereges desfeitas, & os Tex-  
tos sagrados corruptos, &  
adulterados por elles; con-  
servados em sua original pu-  
reza: os Arrios, os Apollina-  
res, os Macedonios, os Ne-  
storios, os Donatos, os Pela-  
gios, os Manichêos; os Eu-  
tíquios, os Elvidios, os lo-  
vinianos, os Vigilancias, &  
os Luterros, & Calvinos, que  
em nossos tempos os resuscita-  
rão, sepultados outra vez,  
& convencidos: alli final-  
mente os vicios perseguidos,  
os abusos emendados, as vir-  
tudes sincêras, & solidas, lou-  
vadas, as falsas, & aparentes  
confundidas, & toda a per-  
feiçãõ Evangelica digesta,  
praticada, & posta em seu  
ponto.

168 E para tudo isto ( q̃  
muitos não entendem, nem  
capacitaõ ) que comprehen-  
são, & vastidaõ de todas as  
Sciencias divinas, & huma-  
nas era necessaria: que me-  
moria de todas as hystorias  
sagradas, & profanas: que es-  
crutinio da Chronologia de  
todos os tempos: que noti-  
cias

cias de todas as terras, & gentes, de suas Leys, costumes, ceremonias, ritos: que intelligencia, & conhecimento exacto de todas as linguas, Latina, Grega, Hebréa, Caldaica, Syriaca, humas originaes dos Textos fagrados, outras em que foraõ vertidos. E que estudo, que applicação, que continuação, & trabalho era outrofim necessario para adquirir esta immensa erudição, ajudado o engenho natural, & elevação de continuas orações ao Ceo, donde vem a verdadeira Luz? Estas eraõ as minas, em que cavavaõ, & suavaõ aquelles diligentissimos, & utilissimos operarios, estas as riquezas inestimaveis, que metiaõ, & accumulavaõ nos thesouros da Igreja, estas as armas finissimas, & escudos impenetraveis, de que forneciaõ a Torre de David, para as futuras occasioens, & batalhas, como hoje se experimenta: empregando, & applicando a ellas (que com razão se chamaõ obras) todas as forças do espirito, todas as potencias da Alma, & todos os sentidos do corpojne-

gandolhe o descanso de dia & o repouso, & sono de nocte; & chegado a não gostarem sentir a mesmo que comiaõ, como o mesa d'ElRei S. Luis de França lhe aconteceo a Santo Thomás. Mas como eraõ taõ doutos, & sabios, sabiaõ melhor que todos, quam grande cousa haer Santos, & por isso o procuravaõ elles ser com effluviaõ, & que os demais o fossem com esta mesma doutrina.

169 Por outro caminho bem diverso conquistaõ o ser Santos os Anacoretas, deixando o trato, & communicação das gentes, & indese viver aos desertos; mas tambem là lhe não faltaraõ batalhas, porque se levava a si consigo; nem vitorias porque os levava Deos. Estas eraõ as plantas do Ceo, de estavaõ cultivados os ermos da Palestina, da Thebaida do Egypto, & aqui viviam como Anjos, porque souberaõ fugir dos homens, o Paulos, os Hilarioens, o Arsenios, os Inofres, os Pacomios, os Macharios. Em muitos annos, & alguns em

a vida não se viaõ: eraõ  
 em muito para ver a-  
 ellas veneraveis caãs nun-  
 tocadas de ferro, como  
 zarcos da Ley da Graça,  
 al de noventa, qual de ce-  
 qual de cento, & vinte an-  
 , entendendo o jejum, & a  
 linencia as vidas, que tâ-  
 desbarata, & abrevia o re-  
 o. Habitavaõ as grutas,  
 covas, das quaes quando  
 iaõ, mais pareciaõ cada-  
 res, que homõs vivos. Das  
 os de S. Pedro de Alcan-  
 escreve Santa Theresa, q̃  
 ão como feitas de raizes:  
 o mesmo podemos dizer  
 estatuas, ou semelhanças  
 lles Santos velhos, secos,  
 llidos, mirrados, & como  
 tos, ou tecidos das raizes  
 s mesmas ervas, de que se  
 ltentavaõ.

170 Mas como na car-  
 enfraquecida, & debilita-  
 cõas penitencias se criaõ,  
 crescem os mais robustos  
 piritos, invejosos os do in-  
 rno de tanta Santidade, se  
 mavaõ fortemente contra  
 les, & fazendo daquelles  
 ferros campanha, lhe da-  
 õ quellissimos combates.  
 umas vezes lhe appareciaõ,

os demonios transfigurados  
 em Aspides, Basiliscos, Dra-  
 goens, & outros monstros  
 horrendos, que os queriaõ  
 tragar, como ao grande An-  
 tonio: outras os assombra-  
 vaõ com tremores espanto-  
 sos da terra, relampagos, tro-  
 voens, & rayes, com que pa-  
 recia que as mesmas grutas  
 se partiaõ, & cahiaõ sobre el-  
 les os montes: & talvez na  
 mayor ferocidade, & frescu-  
 ra do ar, lhe traziaõ, & pu-  
 nhaõ diãte dos olhos as mes-  
 mas figuras humanas, de que  
 tinhaõ fugido, mais capazes  
 pelo gesto, & pelos trajos de  
 provocar amor, que medo;  
 & este eraõ entre todos os  
 mais apertados, & furiosos  
 assaltos. Mas que faziaõ a-  
 quelles constãtissimos Atea-  
 tas da callidade, quando os  
 cilicios, de que sempre anda-  
 vaõ armados, lhe não basta-  
 vaõ? Ou se valiaõ dos la-  
 gos, & rios enregelados, co-  
 mo S. Francisco, ou das sil-  
 vas, & espinhos, como São  
 Bento, ou do fogo merendo-  
 nelle a mão, & deixando-  
 derreter os dedos, como S.  
 Diogo: & desta sorte com a  
 memoria do mesmo inferno,  
 que

que lhe fazia a guerra, o vênciao, & triumphavao delle. Assim venciao, porque erao assistidos da Graça de Deos, & assistiaos Deos taõ effizamente com sua graça, porq̃ elles continuamẽte assistiaõ tambem a Deos, orando, & contemplando.

171 De alguns se escreve, que de noite mediao as horas da oraçaõ com hũ novo, & admiravel relogio do Sol; porque começavao a orar, quando se punha, & acabavao, quando nascia. Mais fazia Simeao Estelita, a quem com razao podemos chamar Anacoréta do ar, & naõ da terra. Vivia sobre huma columna de trinta & cinco covados de alto, onde perseverou oitenta annos ao Sol, ao frio, à neve, aos ventos, comerdo huma só vez na semana, & orando de dia, & de noite quasi sem dormir. Humas vezes orava de joelhos, & prostrado; outras em pé, & cõ os braços abertos, & nesta postura estava reverenciando continuamẽte a Deos com taõ profundas inclinaçoens, que dobrava a cabeça até os artelhos.

Theodoreto, testemunha a vista, quiz saber o numero estas inclinaçoens, & tendo contado mil duzẽtas & quatro, cançado a contar, naõ foy por diante. Oh affombro, oh prodigio, oh exemplo singularissimo do que pôde a fraqueza do nosso barro fortalecida da Graça! Hum tal genero de vida mais foy admiravel, que imitavel. Mas o que mais admira, he, que lhe naõ fãtaraõ imitadores. Estelita quer dizer o Habitador da columna, & ouve outro Estelita tambem Simeao, & outro Estelita Daniel, & outros. Tanto preço tem, naõ que o sabem avaliar, o seu Santo.

### §. VIII.

172 Por remate, ou por coroa de todos os Santos, poem a Igreja no ultimo lugar o suavissimo coro da Virgens, cujas vozes, posto que mais delicadas, mais igualmente fortes, nos acabaraõ de persuadir, como ellas se persuadirãõ, esta metma verdade. Pese-me de

che

ngar tão tarde a esta Ge-  
chia, em que he obriga-  
o determe mais hũ pouco,  
s como a materia he de  
a, ao menos das grades  
ra dentro ferà de agrado.  
s de fóra seja embora de  
ciencia.

173 Que extremos não  
rãrao as Santas Virgês por  
Sãtas? Que façanhas não  
prendêrao varonilmente?  
de rigores, & asperezas não  
ecurãrao em si mesmas?  
ue galas, que regalos, que  
licias, & contentamentos  
vida: que riquezas, que  
andezas, que pompas, &  
rtunas do mundo não dese-  
ezãrao? Que finezas, que  
cessos, que machinas dos  
e as pretendiaõ, não refi-  
rao? Que vodas humanas,  
or altas, & soberanas que  
ffem, não renunciãrao, só  
or confervar, & defender a  
rginal pureza, & manter a  
è promettida a Christo,  
om quem se tinhaõ despo-  
do? Santa Edita, filha de  
lgaro Rey de Inglaterra,  
orto o pay, & hum irmão  
ue tinha unico, ficou her-  
eira do Reyno, & por mais  
nllancias que lhe fizeraõ os

Povos juntos em Cortes, que  
se cazasse, nem o amor da  
Casa Real, em que nascêra,  
nem a successão da Familia,  
& da Coroa, nem a memoria  
do pay, & irmão, que nella  
se extinguiu, foraõ bastantes  
para a mover hum ponto da  
firmeza de seu proposito, nê  
para a arrancar do canto de  
huma Religiaõ, onde cuber-  
ta de cilicio amortalhou a  
vida, & depois sepultou o  
corpo, que permanecêo in-  
corrupto. Santa Eufrosina,  
Senhora illustrissima em A-  
lexandria, não podendo de  
outro modo fugir, & escapar  
de seu pay, & do matrimo-  
nio nobilissimo concertado  
por elle, mudando o trajo de  
mulher, & o nome, & cha-  
mandose Esmaragdo, desco-  
nhecida, & em terra estra-  
nha, tomou o habito de Mõ-  
ge, em que viveo trinta & oi-  
to annos enterrada em huma  
estreita cela, donde nunca  
sahio. Santa Petronilla, fi-  
lha do Principe dos Apосто-  
los S. Pedro (antes de ser  
chamado ao Apostolado)  
tendo feito voto a Christo  
de perpetua virgindade, &  
não se podêdo defender das  
vodas

vodas de Fláco, Senhor Romano, que com amor a sollicitava, & com poder de armas a queria obrigar a ser sua Esposa, pediu de prazo tres dias para deliberar, & nelles com ferventíssimas oraçoens impetrou do mesmo Christo lhe tirasse a vida; & aillim o conseguiu valerosa, & gloriosamente no fim do terceiro dia. Mais violentamente se defendeo de semelhante perigo Santa Maxelende, illustíssima por sangue nos Estados de Flandes; mas mais illustre pela causa de o haver derramado. Celebráraose com grande pompa as festas das vodas concertadas por seus pays com Harduino, Senhor principal, rico, & poderoso, que entre muitos que pretendiaõ esta fortuna, a tinha alcançado: foy levada por força a Santa Virgem às mesmas festas; mas negou a mão com tal dezengano, & persistio nelle cõ tal firmeza, q̃ atronhado, & corrido o esposo de se ver desprezado, trocádo o amor em furia, se arremeçou à espada, & a Santa se deixou matar intrepidamente.

174 E postoque e tantos, & taõ apertados casos tosse admiravel o valor, & contancia, com que todas estas Santas defende raõ a pureza virginal, que tãõ promettido a Christo considerada porẽm a condiçãõ natural de mulheres, ainda tenho por mayor façanha a de Santa Brigida Virgem chamada a de Escocia, & de Santa Vvilgo fortis, que alguns com errado, mas ben apropriado nome chamaõ *Virgo fortis*. Eraõ estas Santas o extremo da fermotura & vendose por esta causa sollicitadas; & pretendidas de muytos, & poderosos Senhores, para o matrimonio, pediu raõ a seu Divino Esposo a privasse daquella graça, que outras tanto estimaõ, & com tantas artes affectaõ: & o Senhor, que so se namõra da belleza da Alma, se agradou tãto della petiçãõ, q̃ de repẽte ficãraõ taõ feas, & disformes, q̃ ninguem as podia ver, & so ellas se viaõ contentes.

175 Que direy dos rigores, asperezas, & piedosas tyrannias, com que estes Anjos em carne a mortifica-



avaõ, affligião, & verdadeiramente martyrizavaõ? austeridade de vida, o rigor, & horror das penitencias

Santa Clara, primeira copia do retrato original de Christo crucificado, seu Pai e Sam Francisco, quem ha de a possa declarar? A de Santa Azella, Virgem Romana, dentro em Roma, & quando Roma era o mayor theatro das delicias, & vaidades do mundo, declarou S. Hieronymo. Diz, que da mais populosa Cidade fez ermo: que a terra nua lhe fervia de fome, & de lugar da Oração: que os juelhos, pela muita continuação della, se lhe tinham endurecido em callos como de camello: que se sustentava do jejum, & que só quebrava cô paõ, & agua; mas com tal moderação, & parcimonia, que nunca nem com o paõ matava a fome, nem com a agua a sede: que nunca mais vio, nem foy vista de homem, ainda quando visitava os sepulchros dos Martyres, & que tendo huma irmãã tambem Donzella, ella vivia, mas não a via. Santa Margarida, filha dos Reys

de Ungria, de quatro annos tomou o Habito de Monja, & de cinco se vistio de cilicio: de dia para mortificar os passos, entre os pès, & o calçado metia certos abrolhos de ferro, & de noite para o pouco sono, que tomava sobre huma taboa, se cingia de pelles de ouriços com todos seus espinhos. Santa Genovefa, Padroeira da Real Cidade de Pariz, a quem o famosissimo Simeão Estelita desde a Grecia, onde vivia sobre a sua coluna, mandava visitar a França, & encomendar-se em suas orações

Santa Macrina irmãã de S. Basilio Magno, tanto no sangue, como na aspereza, & severidade da vida: Santa Lutgardis legitima filha do gloriosissimo Patriarcha S. Bernardo, singular herdeira de seu ardentissimo espirito, & dignissimo exemplar de todas as que vestem, & professão o mesmo Habito: Estas Santas Virgens, & muitas outras, que extraordinarios modos de penitencias não inventarão, nem engenhosas para se martyrizarem si mesmas, que os tyrannos

para atormentar os Martyres?

176 He cousa digna de admiração, que padecendo os Martyrios pela Fé, & culto de Christo, os tyrannos não dessem em executar nelles os mesmos tormentos da Paixão de Christo: mas isto inventou, & executou em Santa Catharina de Sena, & em Santa Clara de Monte Falco o amor de feu Divino Esposo. Catharina com as Chagas nas mãos, nos pés, & no lado, & a Coroa de espinhos na cabeça: & Clara com todos os instrumentos da mesma Paixão do Senhor insculpidos, & entalhados no coração. Até as doenças mais penosas provocavaõ, & conseguiaõ, para que onde não podiaõ chegar as dores fabricadas da arte, penetraffẽ as da natureza, & não ouvesse em corpos tão delicados parte alguma dentro, nem fóra dos ossos, que não penasse com particular tormento. Todas as enfermidades, de quantas he capaz o corpo humano, padeceo juntamente, & por toda a vida, Santa Lidovina com excesso da pa-

ciencia de Job, & afronta d industria do demonio. Hum

Christina ouve entre as outras, que não se satisfazendo das penas desta vida, padeceo as do Purgatorio por muitos annos: como tambem Santa Theresã experimentou as do inferno. A mesma Santa Theresã dizia *Aut pati, aut mori*: ou padecer, ou morrer; porque não atrevia a viver sem padecer. E Sãra Magdalena de Pazzi, não sey se cõ mayõ energia: *Pati, non mori*: padecer sim, morrer não; porque na morte acabase o exercicio de padecer, & na vida dura, & persevera. Mas dizeyme, Virgens purissimas (ou dizeyo aos que o não sabem entender) porque fostes tão ambiciosas de penas? A vossa vida não era inculpavel, & innocente? As vossas Almas não eraõ gratissimas a Deos? Pois porquõ sois tão inimigas, ou tyrannas de vossos corpos. Deixaõ esses rigores, & essas penitencias para as Theodoras, & Pelagias, que foram grandes peccadoras: deixayas para huma Maria Egi-

iacia; que viveo dezafete  
nos em torpezas enlaçada  
demonio, & sendo laço  
s homens; mas vòs, que  
tendes peccados graves  
de pagar, & se alguns tive-  
es leves, os tendes tão abun-  
tamente satisfeito, por-  
e vos mortificaes, porque  
os affligis, porque vos mar-  
trizais com tanto excessso?  
porque sabião quam grande  
oula era ser Sãtas, & o que-  
rão fer mais, & mais.

§. IX.

177 E se estes extrêmos  
zeraõ as Santas Virgês por  
onfervar a pureza virginal  
a paz, que fariaõ para a de-  
ender na guerra? A mayor,  
& mais dura guerra, com que  
odiaõ combater a constan-  
ia daquellas fortissimas dô-  
cellas os amorosos inim-  
gos, que tão prendados esta-  
vãõ de sua belleza, era a ter-  
rivel, & perigosa indifferen-  
ça, com que lhe prepunhão  
a eleição de hum de dous ex-  
trêmos, ou o matrimonio, ou  
o martyrio; ou casar, ou  
morrer; ou perder o estado  
virginal, ou a vida. Entre

estes dous extremos não se  
dava meyo, & cada hum  
delles vestido das circũstan-  
cias, que o acompanhavaõ,  
ainda era mais perigoso, &  
mais terrivel. Porque a vida,  
que se lhe offerencia no ma-  
trimonio, era adornada de  
joyas, de riquezas, de deli-  
cias, de grãdezas, de coroas,  
& ainda do mesmo Imperio  
do mundo: & a morte, que  
se lhe ameaçava no martyrio  
era armada de afrontas, de  
açoutes, de carceres, de ca-  
deas, de grilhoens, de alge-  
mas, de espadas, de torque-  
zes, de serras, de rodas de  
navalhas, de fogueiras, & de  
todos os instrumentos, &  
machinas, com que pôde a-  
tormentar o ferro, & o fogo.  
Deixo os menores estados, &  
fortunas, posto que illustres,  
& grandes, que a Santa Ci-  
cilia se dotavaõ com as vo-  
das de Valeriano, a Santa  
Tecla com as de Tamiris, a  
Santa Ine, cõ o filho do Pre-  
feito de Roma, a Santa Lu-  
zia, a Santa Felicula, a Sãta  
Flavia D. metilla cõ outros  
de semelhãte calidade, & ri-  
queza; só he muito para não  
passar em silencio, que a San-

ta Diphna se offereceffe com o matrimonio a Coroa de BERNIA, a Santa Efigenia a de Ethyopia, & a Santa Catharina, & Santa Suzana todo o Imperio Romano, que naquelle tempo dominava o Univerfoja huma com as vodas do Emperador Maximino, & a outra com as de Maximiano. Mas pezou tanto mais que tudo isto na estimação daquelles invenciveis coraçõens a pureza virginal, que professavaõ, & tinham consagrado a Christo, que pela cõservar inteira, & sem mancha dariaõ mil Coroas, & mil Imperios, pezandolhe fõmõte de ter huma só vida, & não mil vidas, a que deiraõ, & sacrificaraõ pela defender. Não chegava Ines a ser mulher; porque era menina de treze annos, mas foy tam varonil, & tam bizarro o seu animo, que não só accitou a morte como martyrio, mas a justificou como castigo. Disse quando a levavaõ a morrer, como refere Santo Ambrosio, que justamente hia sentenciado, & condenado à morte o seu corpo, pois contentara a outros o-

lhos, que não eraõ os de seu Esposo Christo: *Pereat corpus, quod amari potest oculis quibus nolo.*

178 E já que estamos nesta materia, não vos quero ficar devedor de dous casos que em toda a Hystoria Ecclesiastica me contentáram singularmõte, & de tal resolução, & bizarrria, que só por instinto Divino se poderaõ emprender, & executar. Não me noteis de multiplicar tantos exemplos, porque quando se ha de fallar de muitos Santos, senão no dia de todos? A mayor deshumanidade, que os tyrannos ufavaõ com as Santas Virgens, era mãdalas meter nas casas publicas entre as mulheres infames, para que alli perdessem por força a mesma castidade virginal, que defendiaõ; não entendendo q̄ esta virtude, como as demais, estã na Alma, & não no corpo, & que só se perde pelo consentimento, & não pelo sentimento. Sendo pois levada Santa Eufrasia a huma destas casas, seguio-a hum soldado denodado, para lo-grar a occasiaõ. Era virgem pru-

udente, levava huma rema de oleo comigo, & se ao soldado desta maneira. Com condiçãõ, que fistas do teu intento, eu te rey hum oleo, com o qual entrarcs untado nas batatas, não poderàs ser ferido s inimigos. E para quejas por experiencia a virtude deste oleo, eisaqui me to o pescoço com elle, faturu a prova com a tua esda, & seja com toda a forFello assim o soldado, & scarregando hum talho cõ mayor força que pode; a beça da Santa saltou fóra s hombros, o corpo cahio ortto em terra, & a pureza rginal ficou em pê, & inira. Era Santa Eufrasia de ntiochia, a que agora se se era de Aquilêa, & chava-se Digna. Tendo rendo aquella Cidade Atila rey dos Hunos, gente fez, & barbara, coube esta anta donzella por despojo hum Capitaõ, o qual tamem a quiz despojar da mais timada joya, que como tal nha consagrado a Christo. stavaõ alojados em huma orre, que cahia sobre o rio

Natizon, & provocada Digna do seu Patraõ, sem mostrar que se negava ao q elle pretendia, pediolhe que quizesse subir ao alto da torre, como a lugar mais retirado: subiraõ, & tanto que lá se vio Digna, voltada para o barbaro, que vinha atrás, disse-lhe: Se me queres lograr, sigueme: & dizendo isto, lançouse da torre abaixo no rio, onde afogando com a vida a sua injuria, salvou cõ a morte a sua castidade. Oh Digna verdadeiramente digna de eterna memoria, & q ao teu valor, & ao de Eufrasia se levantem duas estatuas de bronze no Templo da Virtude! Ambas tirastes do perigo mais purificada a pureza, huma por agua, outra por sangue; merecedoras ambas, que por vòs se dissesse de vosso Divino Esposo: *Hic est Jesus, qui venit per aquam, & sanguinem; non in aqua solum, sed in aqua, & sanguine.*

179 Mas tornando às Santas Virgens, que accitãraõ antes a morte, que o Matrimonio, só por conservar o estado virginal, ainda temos

outras, que fizeraõ mayor façanha, porque conferváraõ o mesmo estado virginal juntamête com o Matrimonio. Isto foy confervarfe a Garça verde no meyo das chamas, & não martyrio, que passou em hum, ou em poucos dias, seraõ de toda a vida. Santa Pulcheira, filha do Emperador Arcadio, & por morte de feu irmão Theodosio herdeira do Imperio, cazou com Marciano, com tal condição, que ella havia de guardar o voto, que tinha feito de perpetua virgindade; & assim o guardou: o trono era commum, mas o talamo dividido. Mais fizeraõ aquelles dous famosissimos pares, hum de Alemanha, outro de Inglaterra, a Emperatriz Santa Conegundes, & o Emperador Santo Henrique; a Rainha Santa Edita, & o Rey Santo Eduardo. Ambos estes Principes foraõ cazados, & em toda a vida, não só hum delles, se não ambos, reciprocamente virgens. E porque não pareça, que esta soberania anda vinculada às coroas, & só se acha em animos reaes, na

mesma virtude foraõ insignes Santa Basiliza, & S. Juliaõ cazados, de fortuna particular, postoque de nobre sangue. Mas se o estado de Matrimonio he tão santo, sendo dantes puro contrato, o fez Christo hum dos Sacramentos de sua Igreja, & como tal huma das fontes de graça: se o uso, & comércio natural delle he licito, & justo; porq̃ se abstiveraõ estes Sâtos, dos interesses do mesmo comércio, do agrado da doce, & lizôgeiro dos filhos, da multiplicação da familia, que o mesmo Deos chama benção sua; da successão da casa propria, para a qual o se trabalha, he com gosto, & o que se aquire, sem dor, por que não ha de passar a outros, & finalmente porque se priváraõ daquelle unico reparo da mortalidade, & quizeraõ não só morrer em si, mas acabar comfigo? Só se admirará desta resolução como de todas as outras, que temos referido, quem não fober quam grãde cousa he ser Santo, & quanto pôde a ambição desta grandeza, não que verdadeiramente a co

precem. Tudo o que a natureza appetite, tudo o que sentidos amaõ, tudo o que gosto dezeja, tudo o que ais folicita, & se pega ao oraçaõ, tudo o que honra a memoria, & conserva a posteridade, deixáraõ, & desprezáraõ estes Santos: & pelo contrario, tudo o que encontra, & repugna a esses mesmos appetites naturais, tudo o que molesta, & fflie esses mesmos affectos humanos, tudo mortificáraõ, tudo vencéraõ, tudo sopeáraõ, tudo abraçáraõ por vontade, & sem obrigaçaõ; por custo, & sem repugnancia: por amor, & sem difficuldade: Porque? Porque queiaõ fer, & haviaõ de fer Santos: & por isso hoje o saõ, & os celebramos como Bemaventurados: *Beati.*

§. X.

180 De todo este largo discurso estou vendo que tirastes duas conclusões, todos os que me ouvistes; hũa muito conforme ao afsũpto, que propuz, & outra muito contraria a elle. A primeira conclusãõ he, que verdadeiramente, & sem duvida, he

muito grande cousa o ser Santos. Porque se Deos entre todos seus attributos de infinita perfeiçaõ estima, & em certo modo reverência sobre todos o attributo de Santo: & se todas as Pessoas da Santissima Trindade, & cada huma em particular, nos deáraõ tam soberanos exẽplos; & documentos desta mesma estimaçaõ: se a Virgem Mãy de Deos, por Antonomafia Virgem, prudentissima, entre todos os bens, & felicidades da terra, & do Ceo, nenhuma outra lhe levou os olhos, roubou o coraçãõ, & prẽdo os passos, fenaõ a santidade de todos os Sãtos, em q̃ tambem o mesmo Deos seu Filho a sublimou sobre todos; se os Anjos, & Serafins, que assistem ao lado do Trono Divino, o que só exaltaõ, & apregoãõ, & os louvores, que cantaõ à Magestade de seu Senhor, he fer Santo, Santo, & mais Santo: & se a excellencia, em que o mesmo Senhor confirmou aos Anjos bons, & obedientes, & a de que privou aos maos, & rebeldes, foy a de fer Santos: & se os Santos de todas as

Gerarchias Patriarchas, Profetas, Apóstolos, Martyres, Confessores, Virgens, tanto trabalháraõ, tanto padeceraõ, & taes extremos, & excessos fizeraõ por chegar, como chegaraõ, a ser Santos; não ha duvida, que o ser Santo he grande cousa, & não só grande, senaõ a mayor de todas. E esta he a primeira conclusão, que inteiramête concorda com a primeira parte do meu assumpto.

181 A segunda conclusão, & totalmente contraria à segunda parte delles, he q eu prometti de vos provar quam facilmente podemos todos ser Santos, & tudo quanto atêgora tenho mostrado, & discorrido pelas vidas, & acçoens dos mesmos Santos, & por suas grandes batalhas, & vitorias, são cousas todas tão difficulas, & repugnantes à natureza, & tão superiores à fraqueza humana, que antes parecenos impossibilitaõ totalmente, & nos tiraõ toda a esperança, não só de chegar a ser, mas ainda de aspirar a ser Sâtos. Ora não vos desaniméis os q isto inferis, antes

vos animay; & consolay muyto; porque a facilidade que vos prometti, ainda he mais facil do que eu o propuz, & vós podeis imaginar. Tudo o que fizeraõ os Santos por ser Santos, foy muito bem empregado, & ainda pouco; porque muito mais importa, muito mais val, & muito mais he ser Santos, mas para chegar ao ser, não he necessario tanto, senaõ muito menos. Não he necessario guardar a perpetua continencia das Virgens, porque tendes a licença, & liberdade do Matrimonio, cõ que foraõ Santos, Adão & Eva, Zacharias, & Isabel, Joachim, & Anna. Não he necessario ser Anacoréta, não ir viver aos desertos, porque podeis ser Sâtos na vossa casa, como Joseph, Samuel, David, que morreraõ na sua patria. Não he necessario ser Doutor, nem queimar as pestanas sobre os livros, porque basta que saybais os Mysterios da Fé, & os Mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simplez, S. Junipero, S. Hermano, & aquelles de quem dizia Santo Agusti-



o: Levantaõse os indou-  
r, & leuaõ o Reyno do  
o aos Letrados. Naõ he  
necessario ser Martyr, porq̃  
õ só naõ padecendo mar-  
rio, mas fugindo delle, &  
condendovos, podeis ser  
nto, como o foy Santo  
hanasio, S. Feliz, S. Sil-  
stre, & outros. Nem me-  
s he necessario ser Apolo-  
o, Patriarcha, ou Profe-  
o, porque esses officios, &  
gnidades passaraõ com o  
mpo, & podeis ser Santos,  
mo o foraõ todos os que  
pois delles vieraõ.

182 Pois que he neces-  
rio para ser Santo? Huma  
coufa, & muito facil, &  
he estaõ na maõ de todos, &  
e a boa consciencia, ou lim-  
eza de coração, como diz  
nolho thema: *Beati mundo*  
*verde*. Olhay como Deos  
viz facilitar o Ceo, & o ser  
antos, que poz a Bemaven-  
rança, & Sarcidade em hũa  
oufa, que ninguem ha que  
naõ tenha, & a mais livre, &  
mais nossa, que he o cora-  
õ. Assim como o coração  
e a fonte da vida, assim he  
tambem a fonte da fantida-  
e: & assim como basta o

coração para viver, ainda q̃  
faltem outros membros, &  
sentidos, assim, & muito  
mais basta a pureza de cora-  
ção para ser Santo, ainda que  
tudo o mais falte. Se o ser  
Santo dependera dos olhos,  
naõ fora Santo Tobias, que  
era cego: se dependera dos  
pês, naõ fora São Jacob, que  
era manco: se dependera de  
algũ outro mēbro do corpo,  
naõ fora Santo Job, que esta-  
va tolhido de todos, & só  
lhe ficou a lingua; & ainda  
que naõ tivera lingua, tam-  
bem fora Santo, porque San-  
ta Catharina, fendolhe a lin-  
gua cortada, louvava a Deos,  
com o coração; & com o co-  
ração sem lingua, eraõ taes  
as tuas vozes, que as ouviaõ,  
naõ só os Anjos no Ceo, fe-  
naõ tambem os circunstaes  
na terra. De forte, que para  
hũ homem ser Santo, naõ he  
necessario coufa algũa fóra  
do homem nem ainda he ne-  
cessario todo o homem: ba-  
stalhe huma só parte, & essa  
a primeira, que vive, & a ul-  
tima que morre, para que  
lhe naõ possa faltar em toda  
a vida, que he o coração.

183 Tendo o coração  
pu-

puro, & ou vos faltem, ou fobejem todas as outras coufas, nem a falta vos serà impedimento, nem a abundancia estorvo para ser Santo.

*Prov.*  
30.8. Salamaõ pedia a Deos, que o não fizesse rico, nem pobre; mas que lhe desse o necessario para passar a vida, receando que não poderia ser Santo em qualquer daquelles extremos; mas eu vos asseguro, que ou seiais rico, ou pobre, ou pobrissimo, de qualquer modo podeis ser Santo. Se fordes rico, & poderdes dar esmola, daya, & fereis Santo, como foy S. Joã Esmoler: se fordes pobre, & tiverdes necessidade de pedir esmola, pedia, & fereis Santo, como foy Santo Alexo: & se fordes tão desemparedo, que não tenhais quem vos dé esmola, tende paciencia, & fereis Santo, como foy S. Lazaro.

184 Tertulliano teve para si, que os Reys, & Emperadores não só não podiaõ ser Santos, mas nem ainda Christaõs; mas errou neste sentimento, como em outros Tertulliano; porque escreveu quando ainda no Chris-

tianismo não havia mais coroas que as do martyrio. Rey foy de França S. Luis Rey de Inglaterra Santo Eduardo, Rey de Escocia S. Guilherme, Rey de Suecia S. Erico, Rey de Dinamarca S. Canuto, Rey de Boemia S. Casimiro, Rey da Noruega S. Olão, Rey de Castella S. Fernando, & Emperador Santo Henrique; & todos Santos. Porque se na grandeza da sua fortuna tem maior materia para os vicios e Principes, tambem tem maior alta esfera para as virtudes.

185 Das Dignidades Ecclesiasticas se deve fazer o mesmo juizo. Huns Santos vereis cõ Mitras de Bispos, com Capellos de Cardes, & Teãras de Pontifices na cabeça, & outros com essas Mitras, Capellos, & Teãras aos pès: & porque Huns, porque deixãõ o lustre da dignidade, outros porque sustentãõ o peso dos huns porque reconhecẽão o perigo, outros porque contra nuãrãõ o trabalho; mas huns & outros, Santos. Não foy menos Santo São Gregorio sendo Papa, do que S. Pedro

destino porque renunciou  
a coroa : nem menos Santo  
Justinho sendo Bispo , de  
Santo Thomás porque  
desfou as Mitras : nem me-  
nos Santo S. Carlos Borro-  
mo sendo Cardeal , do que  
Francisco de Borja , porque  
não quiz aceitar os Capel-  
lães.

186 Aquelle he , & será  
o mais Sáto em qualquer eita-  
ção , que usar d'elle com mais  
respeito e coração. E senão dis-  
tintrey por todos os estados ,  
altos , ou baixos do mun-  
do , & achareis nelles o vos-  
so , para que vejais , que no  
mundo , se quizerdes , podeis  
ver Santo. Que lugares ha  
que são mal avaliados no mun-  
do , que os Palacios dos Reys ,  
as officinas da vaidade ,  
a ambição , da inveja , & do  
orgão , onde nunca , ou rari-  
samente entra a verdade mas  
em por isso ha nelles offi-  
cio , que não esteja santifica-  
do. Mordomo Mór foy S.  
Rodrigo , Camareiro Mór  
Jacinto , Estribeiro Mór  
Vandrigilo , Monteiro  
Mór S. Maureneo , Porteiro  
Mór S. Patricio , Copeiro  
Mór S. Patrício , Capitão da

Guarda S. Sebastião , Veador  
S. Saturo , Secretario Santo  
Anastasio , Conselheiro S.  
João Damasceno , S. Germa-  
no , S. Melanio , & em cada  
hum destes officios muitos  
outros Santos.

187 Huma das profis-  
sões mais arriscadas a não  
ser justo , he a dos Ministros  
da Justiça , ou sejaõ os que a  
sentençaõ , ou os que a de-  
fendem , ou os que a escrevê ,  
ou os que a executaõ ; mas  
todos , se o fizerem com pu-  
reza de coração , podem ser  
Santos. Santo Ereberto , &  
Santo Thomás de Cantuaria  
foraõ Chancelleres. S. Hyer-  
roteo , & S. Dionysio Arco-  
pagita Dezembargadores , S.  
Pudente , & S. Apollonio ,  
Senadores , S. Fulgêcio Pro-  
curador da Fazenda Real :  
Santo Ambrosio , S. Chryso-  
stomo , & S. Cypriano Avo-  
gados : São Marciano ,  
São Genesio , & São Clau-  
dio Escrivaens : Santo Ana-  
stasio , & S. Ferreolo Juizes  
do Crime : S. Aproniano , &  
S. Basilides Esbirros , ou Be-  
leguins ; & até no vilissimo  
exercicio de Algozes foraõ  
Santos S. Cyriaco , S. Estrato-

tonico, & outros.

188 Em nenhum genero de vida parece que anda mais arriscada a eterna, que no daquelles, que trazem a soldo a temporal à custa do fangue proprio, & alheyo: tão duros como o ferro, de que se vestem, tão violentos como o fogo, de que se armaão, & tão vaões, & jactanciosos como o vento, que nas caxas, & trombetas os chama, & nas bandeiras os guia. He porèm infinito o numero de Soldados Santos, que dando a vida constantemente por Christo na Igreja Militante, ornados de coroas, & palmas entráão na Triumfante. Sô na perseguição de Trajano padecêraão Martyrio de huma vez. Seis mil Soldados, que foy a famosa Legião dos Thebêos: & na de Diocleciano, & Maximiano tambem em hum só dia. Dez mil, desterrados primeiro para a Armenia, & depois crucificados. Não fallo nos Generaes, como S. Eustachio, & Constantino, nem nos Marichaes, como S. Nicoltrata, & Santo Antiocho; nem nos Tribunos, ou

Mestres de Campo, como S. Marcellino, & S. Floreano; nem nos Capitaens de Cavallos, como S. Querino, & S. Vital; nem nos Capitaens de Infantaria, como S. Gordio, & S. Marcello, nem nos Alferes, como S. Exuperio, & S. Juliano; porque da virtude, & valor dos Soldados se vê quam Santos seriaão os que os governavaão.

189 S. Paulo disse, que a raiz de todos os peccados he a cubiça; & estando estas raizes tão arraygadas nos peccados, a mercancia, & taes estendidas em cada hum ponto de todas as partes do mundo, nem por isso deixaão de produzir frutos de Santidade. Dellas nascêo hum S. Francisco de Assiz, hum S. Fulgencio, hum S. Guido, & não só hum, senão dous Firmencios, ambos Santos, & outros muitos.

190 E se de todos estes exercicios de sua natureza são tão perigosos, & quasi encontrados com aquelles, em que se lavraão os Santos, tem dado a terra ao Ceo tantos & tão gloriosos, que serão officios, & artes meca-

as, em que o trabalho cô-  
nheiro inseparavel das  
tudes, desterra a ociosida-  
q he origem de todos os  
ios? Não fallando no  
rionissimo S. Joseph, nos  
tos Apostolos, & no  
mo Christo, que depois  
fabricar o mundo, se nam  
prezou de trabalhar em  
na destas artes, escolhen-  
entre todas a q mais sim-  
ia tinha com o Lenho da  
uz. S. Jacobo de Boemia  
Carpinteiro, S. Sinfo-  
no Escultor, S. Paulo Hel-  
ico Torneiro, S. Floro  
rador, S. Eligio Ourives,  
Andronico Prateiro, S.  
ustano Ferreiro, S. Mar-  
no Armeiro, S. Gildas  
ndidor, S. Proculo Pe-  
eiro, S. Crispim C, apatei-  
r, S. Hemobono Alfayate,  
Onufrio Tecelaõ, S. Gual-  
ndo Celeiro, S. Aquilas  
rrieyro, S. Joaõ de Deos  
reiro, S. Isidoro Lavra-  
r, S. Mauricio Hostelaõ,  
leonardo Pastor, S. Alde-  
o Vaqueiro, S. Arnaldo  
rinheiro, S. Pathenio  
scador, S. Venthiro Al-  
bereve, S. Richardo Carrei-  
r, S. Adriano Correyo, S.

Guilhelmo Moleiro, S. Ge-  
miano Taverneiro, S. Qui-  
riaco Cozinheiro, S. Alexan-  
dre Carvoeyro, S. Henrique  
Carniceyro, S. Erinéo Var-  
redor das immundicias, ou  
Carretaõ: & não ha officio,  
estado, ou exercicio tam tra-  
balhofo, tam baixo, & ainda  
tam pouco limpo, que se fe  
faz com limpeza de cora-  
çaõ, não possa fazer Santos.  
*Beati mundo corde.*

§. XI.

191 Temos visto como  
em todos os estados, em to-  
dos os officios, & em todas  
as fortunas, podemos alcãçar  
a mayor fortuna de todas, q  
he ser Santos: temos visto, q  
o instrumento necessario pa-  
ra ser Santos, he só, & unica-  
mente o coração, com tanto  
que seja puro, & limpo; só  
resta para complemento da  
facilidade, com que vos pro-  
metti, que todos podemos  
ser Santos, declarar quam  
facilmente podem todos cô-  
seguir esta mesma limpeza.  
A limpeza do coração con-  
siste em estar limpo de pec-  
cados, & não ha nenhum  
pec-

peccador; por grande que seja, que não possa conseguir esta limpeza de coração, tão breve, & tão facilmente, q se entrou nesta Igreja peccador, não possa sair della Santo. Presentou-se a Christo hum Leproso, & pondo-se de joelhos: *Genuflexo*: disse assim: *Domine, si vis, potes me mundare*: Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar desta lepra. Respondêo o Senhor: *Volo, Mundare*: Quero, Sé limpo: & no mesmo ponto ficou limpo daquelle tão feyo, & tão alqueroso mal: *Et confestim mundata est lepra ejus*. Pòde haver mayor brevidade, pòde haver mayor facilidade de cõseguir a limpeza? Parece q não. Pois eu vos digo, & he de Fé, que muito mais breve, & muito mais facilmente podeis conseguir a limpeza de coração, se o mesmo coração quizer. A lepra do coração mais fea, mais immunda, & mais alquerosa que a do corpo, he o peccado. E para que vejais quanto mais facil, & mais brevemente se consegue a limpeza desta lepra; ponhamos o mesmo Le-

*Matt.*  
8.3.

*1b.3.*

proso, que Christo curou, vista de hum coração tam bem leproso pelo peccado & veremos qual consegue a limpeza com mayor facilidade.

192 Estava leproso coração de David, não outra senão aquelle coração, o quem elle disse com os mesmos termos do nosso Texto *Cor mundum crea in me Deus*. E estava tão penetrado cõ lepra, que havia já hũ anno que perseverava no peccado quando o exhortou o Profeta Natan, a que considerasse o estado miseravel de sua consciencia, & se convertesse de todo coração a Deus de quem vivia tão esquecido. Fello assim David: *mihi quid dixisti Domine, quod non feci?* que fez? Sómente disse: *peccavit*: Pequey: & não tinha bem pronunciado esta palavra, quando o Profeta lhe disse, que já estava perdido, & restituído à graça de Deus: *Dominus quoque tradidit peccatum tuum*. Conparayme agora a David cõ o Leproso, & vede qual conseguiu a limpeza da lepra mais facil, & mais brevemente. O Leproso pozse de ju

os: *Geni flexo*; & David  
 ã se ajuehou: o Leproso  
 Te cinco palavras: *Siris*,  
*tes me mundare*: & David  
 ã disse mais que huma:  
*peccavi*: & com tudo isto o  
 proso não tinha ainda cõ-  
 guido a limpeza, antes es-  
 va duvidoso della: *Siris*:  
 David já a tinha consegui-  
 do, & estava certificado dis-  
 da parte do mesmo Deos:  
*ominus quoque trãsulit pec-*  
*tum tuum*. Logo muito mais  
 cil, & muito mais bre-  
 vemente confeguiu o cora-  
 ão de David a limpeza da  
 lepra, do que o Leproso  
 da sua. Mas quando a con-  
 guiu o Leproso? Quando  
 Christo lhe respondeo: *Volo*  
*Mundare*: Quero, Se limpo.  
 gora vos peço eu, que me  
 respondais a mim, & eu vos  
 remetto, que com a vossa  
 reposta ficarão limpos os  
 vossos coraçõens, ainda mais  
 revemente que o Leproso  
 com a reposta de Christo;  
 porque a reposta de Christo  
 communicou a limpeza ao  
 Leproso com duas palavras,  
 & a vossa reposta ha de com-  
 municar a limpeza aos vos-  
 sos coraçõens só com huma

fillaba. Respondey pois,  
 Christaõs, ao que vos per-  
 gunto. Não vos pesa mui-  
 to de ter offendido a hum  
 Deos infinita Magestade, &  
 Bondade, por ser elle quem  
 he? Não vos pesa, & vos  
 arrependeis entranhavelmẽ-  
 te de ter sido tão ingratos a  
 hum Deos, que vos criou, &  
 vos deu o ser, & vos remio  
 com seu sangue? Não de-  
 testais de todo coraçãõ to-  
 dos vossos peccados, por se-  
 rem offensas suas? Não ten-  
 des nesta hora firmes propo-  
 sitos de nunca mais o offen-  
 der? Sim? Pois este sim dit-  
 to de todo coraçãõ basta,  
 para que o mesmo coraçãõ  
 fique, & esteja já limpo de  
 todos seus peccados: & este  
 sim, sendo huma só fillaba,  
 fez nos vossos coraçõens o  
 mesmo effeito, & mais mara-  
 vilhoso, ainda que as pala-  
 vras de Christo no Lepro-  
 so.

193 Pois se na limpeza  
 do coraçãõ consiste o ser Sã-  
 tos, & esta limpeza de cora-  
 çãõ se pôde confeguir tão  
 facilmente, só com hum mo-  
 vimento do mesmo coraçãõ:  
 que coraçãõ haverà tão fra-  
 co,

co, ou que homem de tão fraco, & de tão pouco coração, que não se resolva a ser Santo? Se o ser Santo fora huma cousa muito difficul-tosa, bem nos merecia o Ceo, & a Bemaventurança, que pela gozar eternamente se venceraõ todas as difficulda-des. Mas he tão facil, que sem vos bolir do lugar, onde estais, & sem mover pè, nem mão, nem fazer, ou padecer cousa alguma, só com hum acto do coração, & o acto mais natural, mais facil, & mais suave do mesmo cora-ção, que he amar, & amar o summo bem, podemos ser Santos. Exhorta Moysês a amar a Deos de todo cora-ção, que he o Mandamento, em que se encerraõ todos, &

*Dent.* conclue assim: *Mandatum*

30.11. *hoc non supra te est, neque pro-cul positum:* Este Mandamen-to nam he sobre nós, nã está longe de nós: se fora sobre

1b. 12. nós, & estivera lá no Ceo: *In celo situm:* telohiamos por impossivel: se estivera longe de nós, & com muito mar em

1t. 13. meyo: *Trans mare positum:* telohiamos por muy difficul-toso. Mas he muito facil

& está muito perto, porq-  
estã o cumprimento del-  
dentro do nosso coração: *S*  
*juxta te est sermo valde in co*  
*de tuo.* Moysês, que não pr-  
mettia o Ceo, disse, q-  
perto de nós o cumprime-  
to deste preceito: mas Chri-  
sto, que promete o Ceo, ai-  
da disse mais, & melho-  
porque diz, que o preceito  
& o Ceo, & o merecimen-  
delle nam só está perto de  
nós, senam dentro de nós  
*Regnum Dei intra vos est*  
Cuidamos, que o Ceo, ond-  
subirão os Santos, está muit-  
longe, & enganamonos: Ceo nam está longe, senam  
muito perto, & mais ainda  
que perto, porque está den-  
tro de nós, & dentro do que  
está mais dentro, que he  
coração. E que haja Almas  
& tantas Almas, que tendo  
Ceo dentro de sy na vida, se  
quem fora do Ceo na mor-  
te: & quem podendo tam fa-  
cilmente purificar o coração  
& ser Santos, só porque nan-  
querem, o nam sejaõ? Se pa-  
ra amar a Deos, & ganhar  
Ceo, ouveramos de atrave-  
çar os mares tormentosos, &  
contratar com todos os ele-  
men-



entos; pouco era que se fizesse pela Bemaventurança certa do Ceo, o que tantos fazem por tam pequenos interesses da terra: mas tendo-os Christo tam facilitada a Bemaventurança, que entre a mesma Bemaventurança, & o coração não haja mais que a condição de ser limpo: *Beati mundo corde*: & podendo o mesmo coração alcançar essa limpeza em hum instante de tempo, & com hum pouco de amor, & de amor o summo bem; que não fazem todos Santos, & nam queiramos ser Bemaventurados?

194 Quero acabar esta admiração com hum ay de Bernardo prégando neste mesmo dia aos seus Religiosos, o qual a elles, & a todos pôde servir de exemplo, & de confusão: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt: Beati planè, & omnino beati, qui videbunt, in quem considerant Angeli prospicere. Tibi dixit cor meum, exquasiuit te facies mea, faciem tuam Domine requiram. Quid enim mihi est in cælo, & à te quid volui super terram? De-*

*fecit caro mea, & cor meum, Deus cordis mei, & pars mea, Deus in æternum: quando adimplebis me lætitiâ cū vultu tuo? Uæ mihi ab immunditiâ cordis mei, quâ impediente, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* Quer dizer. Bemaventurados os limpos de coração, & verdadeiramente Bemaventurados, porque elles verã aquella face divina, a qual os Anjos sempre estã vendo, & sempre estã dezejando ver. A vós, Senhor, diz o meu coração: Nenhuma cousa dezejo, senão vovos de face a face, porque nenhuma outra ha para mim, nem na terra, nem no mesmo Ceo. Desmaya o meu coração nas ancias deste dezejo, porque só o Deus do meu coração he o unico, & todo o bem, que o pôde satisfazer. E quando chegarã aquella ditosa hora, em que com a vista de vosso rosto fique satisfeito? Mas ay de mim, diz Bernardo, que pela pouca limpeza de meu coração (quero-o dizer com as suas proprias palavras) ay de mim, que a impureza, & immundicia de meu coração

me impede; & faz indigno de ser admittido àquella bē-aventurada villa? *Væ mihi ab immunditia cordis mei*, quã impediēte nedum mereor ad beatam illam visionem admitti. E se isto dizia de sy hum coração tam puro, hum coração tam santo, hum coração tam elevado, tam extatico, tam serafico, & tão abraçado no amor divino? Se isto dizia no coração de Bernardo a humildade; que dirã noutros coraçãoes a verdade? Se o corpo estiver no claustro, & o coração no mundo? Se o coração depois de se dar a Deos, estiver sacrificado ao idolo? Se o coração, que devêra estar cheio de charidade, & amor de Deos, estiver ardendo em amor, que não he charidade? Se as palavras, que saem do

coração, & os pensamentos que não saem, forem envoltos em impureza? Ay de coração, & de quem o coração, & de quem o coração! Este *Væ* & este de Sam Bernardo em dia. Todos os Santos fique p materia de meditação a todos os que o querem ser. A virtão porém, & tenha p certo, que se este ay de conhecimento, & temor se converter em ay de dor, em de pesar, em ay de verdade, & firme arrependimento esse mesmo ay ditto de coração, com ser huma sillaba (como dizia) basta para purificar de tal sorte mesmo coração, que senõ nesta vida santificado p Graça, mereça ser na outra beatificado por Gloria: *Beatus mundo corde.*



# S E R M A M

D A

SEGUNDA DOMINGA DA

## QVARESMA

Em Lisboa na Capella Real. Anno de 1651.

*Resplenduit facies ejus sicut Sol ? vestimenta autem  
ejus facta sunt alba sicut nix. Matt. 17.*

§. I.



Quinto Domingo da  
Quaresma  
chamase vulgarmente na  
nossa terra o

Domingo das Verdades; &  
este Segundo Domingo, em  
que estamos, se he licito falar  
assim, chamàralhe eu q

Domingo das Mêtiras. Mas  
que fundamento posso eu ter  
( me diram todos, & com razão )  
que fundamento, ou motivo  
posso eu ter para dar hum  
nome tam novo, & ainda tão  
mal soante, & indecente a  
hum dia tam sagrado, como  
são entre todos os do anno  
os Domingos, & a hum Domingo  
tão singular, como he entre  
todos os desta

M ij . . . . . fanta

santa Quarentena aquelle, a que a Igreja dedicou o Myfterio altíssimo da Transfiguração do Senhor? As causas porque Christo, Senhor nosso, se transfigurou com tantas circumstancias de resplendor, grandeza, & magestade, descendo do Ceo o Padre, subindo do Seyo de Abraham Moyses, & vindo do Paraíso Terreal Elias, & assistindo a tudo os tres maiores Apostolos ( como notaõ com Santo Agustinho os Padres, & com Santo Thomàs os Theologos ) foram duas. A primeira, para nos dar algũas mostras na terra, da Gloria que havemos de gozar no Ceo: a segunda, para que a verdade da mesma Gloria ficasse provada, & estabelecida com o testemunho universal de todas as tres Leys, a da Natureza em Moyses, a da Escrita em Elias, & a da Graça nos Apostolos: & sobre tudo com a voz infalivel do mesmo Deos, que de todos foy ouvida. Pois se no mysterio, & testemunho da Transfiguração de Christo nam só se contém a Gloria da Bema-

*Div.*  
*Aug.*  
*Div.*  
*Thom.*

venturança em sy mesma, não também a verdade da mesma Gloria para com nos: & esta Gloria, & esta verdade he o que hoje celebra, & manda pregar a todos os Fieis a Igreja Catholica como me atrevo eu a dizer que hum dia tam solenne, & glorioso, & mais do Ceo, da terra, se pôde, ou podẽ chamar o Domingo das Mẽtiras? Respondo, que por isso mesmo, & que em sentido bem entendido, & decẽt se pôde chamar assim. E porque? Porque o que hoje se prega, sã as excellencias da Gloria do Ceo: & tudo o que se apregoa, & encarece da Gloria do Ceo, posto que não se quer dizer, seja verdade, no que se diz he mentira.

196 Agora vereis, se he arrojamento o que digo. Entre os extraordinarios favores, que Deos fez a David como homem tanto do se coraçam, hum delles foy, & por ventura o mayor, arrebatãlo hum dia, & levãlo em espirito ao Ceo, onde correndo as cortinas ao Throno da Magestade Divina, &

a to-

todo o Teatro da Gloria, he mostrou a que elle havia e gozar depois, quando o Filho de Deos, & Filho do mesmo David a comprasse com seu Sangue. Vendo pois David a Gloria dos Bemaventurados, que havia de ser tambem sua; que conceito nos parece que faria da Gloria? Elle mesmo o disse, & foy admiravel: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax.* Naquelle extasi em que foy arrebatado, & levado ao Ceo, que fiz depois de ver o que vi, foy dizer, & exclamar, que todo o homem, mēte. Notavel consequencia! Pedro vêdo a Gloria do Tabôr, diz: *Bonum est nos hic esse:* & David vendo a Gloria do Ceo, diz: *Omnes homo mendax?* Sim: & com admiravel discurso. Como se dissera: he possível, que esta he a Bēaventurança do Ceo, he possível, que isto he o que lá no mūdo chamamos Gloria? Ora o certo he, que nenhum homem ha que fallando da Gloria, não diga huma cousa por outra: nenhum homem ha que fallando da Gloria, diga o que ella he, se-

naõ o que não he: em fim, que fallando da Gloria, todo o homem mente: *Omnis homo mendax.* Este foy o conceito, que fez David, quando foy arrebatado ao Ceo: & nem eu tinha habilidade para dar em taõ alto pensamento, nem tivera confiança para sair com elle a publico; se o não dissera primeiro, commentando as mesmas palavras Theodoro Heracleôta, *Theo.* insigne entre os Padres Gregos, que floreceo ha mil & trezentos annos, Bispo de Heracleá na Thracia, & doutissimo Interprete das Escrituras sagradas, como delie escreve S. Hieronymo no Cathalogo dos Escri- no Cathalogo dos Escri-  
res Ecclesiasticos. As suas palavras são estas. *Exclamavit David in excessu suo: Omnis homo mendax: qui enim voce ineffabilia hortatur, mendax est: non quod oderit veritatem, sed quia deficit in rei intellectu expositione.* Exclamou David no seu extasi (diz o grande Heracleôta) & não duvidou dizer, que todo o homem mente, porque todo o homem, que quiz explicar com palavras as cousas, que

saõ ineffaveis, & não tem termos, com que se declarar, necessariamente ha de mentir: não porque seja inimigo da verdade, mas porque a não pôde dizer como ella he. E esta he a razaõ, & o sentido verdadeiro com que eu digo, que o dia, em que os Prêgadores fallamos das excellencias da Gloria, he o dia das mentiras.

## §. II.

197. Mas antes que passemos a diante, deixaime provar, que o sentido, que acabo de referir, he o proprio, & genuino do Texto de David. A regra certa de conhecer o verdadeiro sentido de qualquer texto, como ensinaõ com Santo Agustinho todos os Theologos, & Interpretes das Escrituras, he a coherencia, q̄ tem o texto com os antecedentes, & consequentes d'elle. Se o que fica atrás, & o que se segue a diante correm naturalmête, & concordão com o que diz o texto, he final certo, & evidente de que aquelle he o seu proprio, literal, & verda-

deiro sentido. Vejamos agora, que diz David antes, & depois de referir o seu extasi & a exclamação que nelle fez.

198. As palavras antecedentes saõ estas, & nenhuma outra mais, porque assim começa o Psalmo: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis.* Eu (diz David) fallei conforme o que cria, & fiquei muito humilhado. Pois de fallar conforme o que cria, podia ficar humilhado hum tão grande Profeta? Só no caso presente, sim. O que cria David, era o que lhe ensinava a Fé, & nenhuma cousa pôde humilhar a Fé, senão a vista. Foy arrebatado ao Ceo, vio là o que he a Gloria: & como as evidencias claras da Gloria excedem infinitamente todas as apprehensoens escuras da Fé, ficou humilhado, & como envergonhado David do pouco que tinhado da mesma Gloria, quando fallou della guiado sómente pelo que cria: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis.* Aquelle Cego de teu nascimen-

mento, a quem Christo deu  
 ista, muitas vezes tinha ou-  
 ido fallar no Sol, mas quan-  
 do com os olhos abertos vio  
 verdadeiramente o que he o  
 Sol, então conheço quam  
 differente, & quam baixo  
 conceito era o que tinha fei-  
 do da sua luz, & da sua fer-  
 rofura, que só conhecia de  
 ouvidas. O mesmo lhe suc-  
 redeo a David. Tinha fal-  
 ado da Gloria só pelo que  
 tinha ouvido à Fè: & por is-  
 so quando a vio com seus o-  
 chos, ficou tão humilhado,  
 tão confuso, & tão corrido  
 do pouco que tinha dito, que  
 não duvidou de se desdizer,  
 & se desmentir a si mesmo,  
 & a todos os homens, que  
 della fallãrao: *Ego dixi in ex-  
 cessu meo: Omnis homo men-  
 dax.*

199 As palavras, que lo-  
 go crescenta, & se seguem  
 immediatamente ao mesmo  
 Texto, são estas: *Quid re-  
 tribuam Domino pro omnibus,  
 que retribuit mihi?* Não pôde  
 haver mayor coherencia,  
 nem mayor propriedade.  
 Com que pagarei ( diz ) a  
 Deos, o muito com que Deos  
 me pagou? Pois, David, já

Deos vos pagou, estando vos  
 ainda nesta vida? Sim. Por-  
 que já me mostrou no meu  
 extasi a Gloria, que me tem  
 aparelhado, & com que me  
 ha de pagar no Ceo. Por isso  
 lhe chama propriamête, não  
 dadiva, nem merce, senão  
 retribuição: *Pro omnibus que  
 retribuit mihi.* A Gloria he a  
 retribuição, o premio, & a  
 paga, com que Deos paga no  
 Ceos os serviços, que lhe fa-  
 zemos na terra: & como  
 Deos naquelle extasi mos-  
 trou a David a Gloria, com  
 que lhe havia de pagar seus  
 serviços; por isso elle com  
 affecto de agradecimento, &  
 com dezejo de fazer algum  
 novo serviço a Deos, q̄ fosse  
 digna correspondencia de  
 tamanho premio, querendo  
 pagar huma retribuição com  
 outra retribuição; rompêo  
 naquellas palavras: *Quid re-  
 tribuam Domino pro omnibus,  
 que retribuit mihi?* Mas co-  
 mo dezejava David pagar a  
 Deos esta mesma paga, se os  
 Bemaventurados, quando a  
 recebem, nem a pagão, nem  
 a podem pagar? A razão, &  
 differença he, porque os  
 Bemaventurados do Ceo já

nao estão em estado de merecer, nem servir. Porém David depois de arrebatado, & levado ao Ceo, tornou a este mundo, & por isso era capaz de pagar a Deos a mesma paga, que lhe tinha mostrado, & huma retribuição com outra.

200 Duvidoso pois David, & excogitando o modo que podia ter nesta vida para pagar a Deos com paga equivalente à mesma Gloria, que lhe tinha aparelhado no Ceo, allumiado pelo mesmo Deos deu em hum pensamento altissimo, com que milagrosamente se confirmo tudo o que dizemos: *Calicem salutaris accipiam, & nomen Domini invocabo*: Offerecerei a Deos em sacrificio o Calix do Salvador, invocando seu santo nome: E deste modo lhe agradece-rei, & pagarei a mesma Gloria, que me tem aparelhado no Ceo. Pois o Calix do Salvador he o agradecimento, & a paga, com que David ha de pagar a Deos a Gloria, com que o mesmo Deos ha de pagar, & remunerar a David os seus serviços? Sim.

Nem pôde haver outra igual E porque? Porque o preço com que o Salvador nos comprou a Gloria, foy o Calix do Sangue da sua Paixão, & he o mesmo Calix, & o mesmo Sangue, que se consagra no Sacramento: & só offerecendo-se a Deos em sacrificio este Calix, & este Sangue, se pôde pagar a Deos a Gloria que nos dá na Bemaventurança; porque he pagar a Gloria, não só com preço igual; senão com o mesmo preço, com que foy comprada. Comprouse a Gloria com o Calix do Sangue do Salvador? Pois com o Calix do mesmo Sangue a pagarey eu a Deos: porque só por este modo pôde ser a retribuição do agradecimento igual à retribuição do premio: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quae retribuit mihi? Calicem salutatis accipiam, & nomen Domini invocabo.*

201 De maneira (tornando ao nosso Texto) que sendo David arrebatado em espirito, & levado ao Ceo, vio lá a Gloria dos Bemaventurados, & comparando o conhecimento claro, & verda-



deiro da Gloria, que vio, m o conceito que fazem mesma Gloria, & que dim della os que a não vi- ó, o que inferio desta villa, a consequencia que tirou, oy dizer, que todo o homẽ ente: *Ego dixi in excessu* ro: *Omnis homo mendax*: só absolutamente, & em qualquer outra maneira, se- ão particularmente netta, quando fallaõ da Gloria. Igo quando fallaõ da Glo- a; porque só neste sentido verifica com propriedade o Texto de David, o qual absolutamente tomado, & como vulgarmente se enten- e, tem grande contrarieda- e na mesma Escritura. No capitulo quatorze do Apo- calypse diz S. Joaõ, que vio muitos milhares de homens, m cuja boca nunca se achou mentira: *In ore eorum non est inventum mendacium*. Tal oy Nathanael, de quem diz de Christo: *Ecce verè Israe- ita in quo dolus non est*: Tal oy o Baptista, de quem can- ta a Igreja: *Ne levi posses maculare vitam crimine lin- gue*. E verdadeiramente pa- ra não mentir, não he neces-

sario ser Santo, basta ser hon- rado: porque não ha cousa mais afrontosa, nem que ma- yor horror faça a quem tem honra, que o mentir. Pois se he de Fé, que ha tantos, que nunca mentiraõ, como diz David, que todo o homem mente: *Omnis homo mendax*? Os que querem defender a proposiçaõ de David no sen- tido vulgar, dizem, que não falla do acõto, nem do habito da mentira, senãõ da corru- pçaõ da natureza. Mas se basta a corruçaõ da natu- reza, para dizer que todo o homem he mentiroso, tam- bem bastará para dizer que todo o homem he homicida, ladraõ, & adultero; o q̃ nin- guem já mais disse, nem pôde dizer. Aqui vereis quam proprio, & verdadeiro he o sentido, em que temos decla- rado com Theodoro o Tex- to de David. Quando diz, que todo o homem mente, não falla em geral de toda a materia, senãõ daquella, que actualmẽte estava vendo no seu extasi, que era a Gloria: & esta só, & em particular he que diz, que ninguem ouve, que fallasse della, que

que não mentisse.

202 Mas supposto que David inferia, & tirou esta consequencia, da Gloria que vio; eu tambem quero inferir, & tirar consequencia da sua proposição. Dizeis, David, que todo o homem, quando falla da Gloria, mente, porque diz menos do que he? Logo tambem vòs, q' sois homem, quando fallastes da Gloria, mentistes? Concedo: diz David. Que esse mentir não he culpa. E se vòs, que fostes o mais allumiado de todos os Profetas, neste sentido mentistes, diremos tambem, que os outros Profetas, quando nella fallárao, mentiraõ? Tambem, diz David, no sentido em que eu o disse, que tanto o disse por mim, como por elles. E se os Profetas, quando fallárao da Gloria, mentiraõ, que diremos dos Evágellistas? No mesmo sentido, em que fallou David, elle diz, que sim, & eu tambem com elle. E não temais, que seja discreditado da verdade dos Evangelistas, senão credito da excellencia da Gloria. Estay comigo, & assentemos o ad-

miravel desta proposição sobre as bases mais solidas Theologia.

203 Santo Thomás dividindo a mentira em duas especies na questão cento e dez, articulo segundo, diz assim com Aristoteles, a qual cita no quarto das Ethicas. Vede se são os dous Coriféos da Filosofia, & da Theologia. *Mendacium in duo dividitur, scilicet, in mendacium quod transcendit veritatem manus, & mendacium, quod deficit à veritate in minus.*

mentira, diz Santo Thomás divide-se em duas especies huma por excesso, & outra por defeito: a mentira por excesso, he a que excede a verdade, porque diz mais; a mentira por defeito, he a que falta à verdade, porque diz menos. Fundase esta divisão (a qual he adequada na opposição que a mentira tem com a verdade: porque a inteireza da verdade consiste em dizer o que he, assim como he: & assim como dizer mais do que he, he mentira por excesso; assim dizer menos do que he, he mentira por defeito. E deste se-

gun

nda especie de mentira que he natural, & não mo- nem os Profetas, nem os angelistas se pôde livrar, ando fallão da Gloria: não que não queriaõ dizer a rdade, & a digaõ do modo e podem; mas porque as rdades da Gloria são tão as, tão sublimes, & tão periores a toda a capacida-, & linguagem humana, e por mais que digaõ o q, sempre dizem muito me- os.

§. III.

204 Começemos pelos angelistas, & seja S. Matheus o primeiro no mesmo angelho de hoje. Contaõ Matheus a famosissima historia da Transfiguraçãõ de Christo, Senhor nosso, no monte Tabôr, aonde levou omigo os tres mais avente- dos, & mais familiares dis- pulos, & se lhe manifestou orioso. E que he o que re- re desta Gloria o Evange- sta? Diz, que o rosto do enhor ficara resplandecen- como o Sol, & as suas ve- duras alvas como a neve: *esplenduit facies ejus sicut Sol: vestimenta autem ejus facta*

*sunt alba sicut nix.* Por certo, que se a Gloria, que Christo mostrou aos discipulos, não foy mais que esta, nem he necessaria para a ver ir ao Ceo, nem ainda subir ao mô- te: resplendor como o do Sol, & brancura como a da neve, em qualquer valle se acha, & de qualquer valle se vê. S. Joã Chrysofomo descrevendo o resplendor, q teraõ no Ceo os corpos glo- riosos dos Bemaventurados, diz, q faraõ tanta ventagẽ à luz do Sol, quanta faz a luz

do Sol a huma candea: *Erit lux non que nunc est, sed plane alia, que hanc tantum superabit fulgore, quantum ista lumen lychni.* E se a luz de qual- quer corpo glorioso não só he tão superior à do Sol, se- não totalmente diversa, & doutra especie: *Non que nunc est, sed plane alia:* sendo o resplendor do corpo de Christo glorioso quasi infi- nitamente mayor que o de todos os Bemaventurados, como diz o Evangelista, que era como o Sol? Santa The- resa, a quem Christo repar- tidamente mostrou as mes- mas galas do Tabôr, diz, que aquel-

*Cory-  
sof.  
Tara-  
net. I.  
ad.  
Theo.*

aquelle resplendor, & brancura são tão diferentes de tudo o que cá se vê, & a que se sabe o nome, que a neve lhe parecia preta, & o Sol escuro, & indigno de se pôrem nelle os olhos. Os mesmos tres Apostolos experimentarão bem no mesmo caso esta grande differença: porque com a vista do Senhor transfigurado ficaraõ taõ assombrados, & attonitos, q̄ estavaõ fóra de si, como notou

*Marc. S. Marcos; Non enim sciebat*

*9. 5. quid diceret: erant enim timore exterriti.* Logo se em homens costumados a ver o Sol, & a neve causou aquella vista taõ estupendos efeitos, muito diferentes eraõ do Sol, & da neve, o resplendor, & brancura, que viaõ. Finalmente

*Dam.*

*Epiph.*

*Noz.*

*Aug.*

*apud*

*Delég.*

*ibi.*

S. Joã Damasceno, Santo Epifanio, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Agustinho, & outros Padres dizem, que aquella resplendor, & aquella brancura não só emanou do corpo glorioso, nem só da alma sempre Bemaventurada de Christo, fenaõ da mesma Divindade do Verbo unido hypostaticamente a huma, & outra

parte da Humanidade sagrada, da qual Divindade como de fonte, & principio principal se diffudiaõ no rosto, & nas vestiduras do Senhor, aquelles admiraveis efeitos em prova manifestos, & quasi sensivel, de que homem, que viaõ, era juntamente Deos, como logo pregou a voz do Padre: *Hic est Filius meus dilectus.*

Verbo Divino chamase nas Escrituras Resplendor de Gloria, & figura da sustancia do Padre: *Splendor gloriae, & figura substantiae ejus.* & tambem se chama Candor, & brancura da luz eterna: *Candor est enim lucis aeternae.* & deste resplendor divino he que manou o resplendor do rosto, & deste candor táberaõ divino a brancura das vestiduras na Transfiguração de Christo.

205 Pois se a comparação do Sol, & da neve applicada a qualquer corpo Bemaventurado, & glorioso, mais he injuria, que semelhança: se o resplendor, & brancura do rosto, & vestiduras de Christo excedia com infinitas ventagãs a fem

mosu

ofura, & galas de toda a parte do Empireo: & se es dous reflexos da Magestade, ou estas duas amostras Gloria no Senhor della, ais tinhaõ de divinas, que sobrenaturaes: & no canor, & na luz eraõ rayos excessos da Divindade; como o Evangelista, que o resplandor do rosto era como o Sol: *Resplenduit facies eius sicut Sol*: & a brancura das pupas como a da neve: *Vementa autem ejus facta sunt sicut nix*? Aqui vereis cõ tanta verdade disse David, e nas materias da Gloria: *omnis homo mendax*: nam conceptuando nenhum homem, ainda que seja Evangelista. A verdade dos Evangelistas em todas as outras materias he tam adequada, como infallivel; mas quando negam a fallar da Gloria, nõ por defeito do Hyftorador, mas por excesso da mesma Gloria, saõ tam imperfeitas as cores, com que a pintura, & taõ desiguaes as semelhanças, com que a descrevem, que nam dizem o que he, como he, senaõ como nõ he. Declarãõ o muito pelo

pouco, encarecem o mais pelo menos, explicam o que chamaõ femelhante, pelo q̃ não tem semelhança. Em fim, de tal maneira narraõ as verdades da Gloria, que sempre ficaõ dentro dos termos, & divisaõ da mentira. Não diz Santo Thomàs, que a mentira por defeito he dizer menos do que he: *Mendacium, quod deficit à veritate in minus*? Pois isto he o que succede atè aos Evangelistas, quando fallaõ da Gloria.

## §. IV.

206 No carro de Ezechiël, chamado o Carro da Gloria de Deos, o rosto de homem significava a S. Mattheus, & o de Aguia a S. Joaõ. Ora vejamos se o Evangelista S. Joaõ, como Aguia de mais aguda vista, alcança a dizer mais q̃ S. Mattheus. No Capitulo vinte hum, & vinte dous do seu Apocalypse diz S. Joaõ, que vio descer do Ceo a Cidade triunfante da Gloria, ornada como a Esposa no dia das vodas: *Vidi Civitatem Ierusalem novam descendentem de Calo* <sup>Apoe.</sup> 21. 2.

*Cælo à Deo paratam. sicut Sponsam ornatam viro suo.* E começando a descripçam da Cidade, assim como Deos a fabrica do mundo, pela luz, diz q̄ a allumiava a claridade de Deos, & que esta claridade era semelhante a huma pedra preciosa, & esta pedra preciosa semelhante a Jaspe, & este Jaspe semelhante a Cristal: *Habentem claritatem Dei, & lumen ejus simile lapidi preciosi, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystallum.* O Jaspe, de que aqui falla Sam Joaõ, nam he aquella pedra vulgar, & grosseira, a que nõs damos o mesmo nome; mas outra só parecida com ella no arremedado, ou remedado das cores, a que os Gregos chamãrão Esmaltes. Desta pedra refere Suetonio, que lavrou para sy huma galleria o mesmo Emperador Domiciano, que desterrou para a Ilha de Patmos a Sam Joaõ. E acrescenta Plinio, que pouco antes tinha sido descuberta em Capadocia no tempo de Nero, o qual com laminas da mesma pedra vestira o interior do Têplo da Fortuna, & era tal o

Ib. 11.

seu natural resplendor, que com as portas, & janellas fechadas ao Sol, cõservavaõ luz do dia.

207 Vay por diante Evangelista na sua descripçam da Cidade da Gloria, cujos muros altissimos, fortissimos, diz que eraõ edificadõs em quadro, & todos deste mesmo Jaspe. Mediu os hum Anjo com huma cana de ouro; & achou que tinhaõ por cada lado doze mil estadios de comprimento, fazem das nossas legoas, quatrocentas & quarenta & quatro, para que atè o numero seja quadrado, em tudo significador de firmeza. Nas quatro lanços do muro haviaõ doze portas, as quaes nunca se fechavaõ, porque naquella regiaõ não ha noite. E destas doze portas, tres olhavaõ para o Oriente, tres para o Occidente, tres para o Septentrião, tres para o Meridiao; em sinal de que para todas as partes do mundo, para todas as Naçoës, & Estdos d'elle, sem excluir a ninguém, está o Ceo patente. As portas todas eraõ da mesma architectura, & todas

me

esma grandeza, proporcionada à altura, & à magnificencia dos muros, & cada uma dellas aberta em huma perola: *Et singulae portae erant ex singulis margaritis.* Se no antigo Pantèon, que era o templo de todos os Deoses, por isso figura do Ceo, se mostra ainda hoje por maravilha a porta delle aberta em uma só peça de marmore; quam admiraveis seriam aquellas portas muito mayores que o mesmo Templo, abertas em huma só perola? As estas doze portas respondião outros tantos fundamentos, sobre os quaes assentava toda a Cidade, & cada hum era lavrado não da mesma, mas de varias pedras, & tão preciosas, como varias. O primeiro fundamento, diz João, era de Diamante, o segundo de Safira, o terceiro de Carbunculo, o quarto de Esmeralda, o quinto de Rubi, o sexto de Sardio, o sétimo de Chrysolito, o oitavo de Byrillo, o nono de Topazio, o decimo de Chrysolito, o undecimo de Jacinto, o duodecimo de Ametisto. E segundo o numero,

& ordem destes doze fundamentos, estava esculpido, & gravado nelles os mesmos doze Apostolos; porque só fundada na Fé, & doutrina dos Apostolos, pôde estar segura a esperança de entrar na Gloria.

208 Mas se tam sumptuoso, & magnifico era o exterior da Cidade, qual vos parece que seria, ou será o interior? Toda a Cidade em toda sua grandeza, todos seus edificios, & palacios (que todos são palacios reais) todas suas ruas, & praças, diz o Evangelista, que erao de ouro puro, & solido; mas não ouro espesso como o nosso, senão diafano, & transparente como vidro: *Ipsa verò Civitas aurum mundum simile vitro mundo: & platea Civitatis aurum mundum tãquam vitrum perlucidum.* De sorte, que a Cidade da Gloria no pavimento, nas paredes, & no interior dos aposentos, toda he hum espelho de ouro; porque todos perpetuamente se vem a sy mesmos, todos vem a todos, & todos vem tudo. Nada se esconde alli, porque lá não ha vicio: nada se

*Apoc. 21.18.*

*21.*

se encobre ; porque tudo he para ver : nada se recata , ou dissimula ; porq̃ tudo agrada ; & porque tudo he amor , tudo se communica. Ainda tem outra excellêcia aquella Bã-venturada Cidade, a qual se lhe faltára , não fora da Gloria. Vindo a Roma nos tempos de sua mayor opulencia, & grandeza, hum Embaixador de Pirrho , Rey dos Epirôtas , não fazia fim de admirar o que o poder , & a arte tinha junto naquella Emporio de riquezas , & delicias. E perguntado pelos Romanos se achava algum defeito na sua Cidade ? Sim acho, respondeu o Embaixador. E qual he ? Que tambem em Roma se morre. Não assim, diz S. João, nesta riquissima Cidade, que vos tenho descrito. *Mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Nam ha lá morte, nem lutos, nem dor, nem queixa : porque do throno do supremo Rey sae hum rio de crystal, que rega toda a Cidade, cujas margês estão cubertas de arvores, & as arvores carregadas de frutos, & os frutos melhores que os da

Ib. 4.

arvore da vida, que não só fazem os homens immortaes : fenaõ eternos: *Fluvium aquarum vivæ splendidum tâquam crystal- lum, procedêtem de sede Dei & Agni. In medio plateæ ejus & ex utrâque parte fluminis lignum vitæ.*

## §. V.

209 Esta he, Senhores a Cidade da Gloria, descrita pelo Evangelista S. João : basta que fosse assim como se descreve, para ser merecedora das nossas saudades, que fizêssimos mais, do que fazemos, por ir viver nella. Mas he necessario entender com distincão, isto mesmo está ditto. Em dizer o Evangelista, que naquella Bemaventurada Patria não ha morte, nem dor, nem tristeza, nem queixa, nem algum dos outros accidentes, que tão mortallesta fazem a vida deste valle de lagrimas, he verdade entendida assim como soa em que não pôde haver duvida. Porém isto não he dizer o que ha no Ceo, fenaõ que não ha. Não ha morte, não ha dores, não ha traba-

lhos



os. O demais que pertencem à magnificencia, & riqueza da mesma Cidade, o ouro, as perolas, os diamantes, todo o outro apparatus, & preço da pedraria, de que são fabricados os muros, & quantelles abraçãõ, & cercaõ, he de que só se duvida. E com esta prova, os Doutores tem de provar, que tudo isto he não absolutamente, & para sempre com evidencia. Os vossos mesmos olhos, & os vossos mesmos pensamentos me não de fazer a prova. Perguntem: Vistes já ouro, vistes perolas, vistes já diamantes, & todas as outras pedras de preço, de que São João fabrica a Cidade da Gloria? Responde: Logo he certo, & evidente, que a Cidade da Gloria não he edificada desse ouro, nem dessas pedras. Porque? Porque S. Paulo, que he o Ceo, & viu o que lá he, diz, que o que Deos tem aparelhado na Bemaventurança para os seus escolhidos, não he de tudo cousas, que nunca os olhos viraõ: *Oculos non vidit, que preparavit Deus, qui diligunt illum.* Logo

pelo mesmo caso que nós vemos esse ouro, & essas pedras, segue-se com evidencia, que não são esses os materiaes, de que he fabricada a Cidade, ou Corte da Gloria. Dirã alguém, que ainda que vemos ouro, & pedras preciosas, não vimos nunca Cidade alguma, nem ainda huma só casa fabricada desse ouro, & dessas pedras: & a Cidade, que descreve S. João, não só he Cidade de qualquer modo, senão huma Cidade de mais de quatrocentas legoas em quadra. Boa solução, ou instancia. Mas eu torno a perguntar. E imaginando vós com o pensamento, podeis conceber, & fabricar nelle huma Cidade tão grande como está, edificada toda de ouro, de diamantes, & perolas? Não ha duvida, que sem termos tão grandes architectos, como Vitruvio, a podemos imaginar, & idear assim; & ainda mais a gosto de cada hum. Logo a Cidade da Gloria não he como a descreve S. João; porque o mesmo S. Paulo diz, que o que Deos lá nos tem aparelhado, não só não o vi-

raão já mais olhos, mas que nem o pôde conceber o penfamêto, nem entrar na imaginação humana: *Oculus non vidit, nec in cor hominis ascendit.* Pois se isto he affim com verdade infallivel, & irrefragavel; como nos pinta o Evangelista S. João, & nos descreve a Cidade do Ceo feita toda de ouro, & pedras preciosas?

*Ibid.*

210 Explicarey este dezenho do Discipulo amado de Christo, como que acontecéo a hum discipulo de Zeuzis, famosissimo Pintor da antiguidade. Disselhe o mestre, que por obra de examinação lhe pintasse hũa imagem da Deosa Venus cõ todos os primores da fermosura, a que podesse chegar a sua arte. Fello assim o discipulo, & com estudo, & applicação de muitos dias, & desvelo de muitas noites presentou o quadro ao mestre. Viafe nelle a Deosa toda ornada, & enriquecida de joyas, que mais pareciaõ roubadas à natureza, que imitadas da arte: nos dedos anneis de diamâtes, nos braços braceletes de rubís, na

graganta afogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas ornallhas chuveiros de aljofar, no peito hum camaféo em figura de Cupido, cercado de huma rosa de jacintos, com os ays da mesma flor per rayos: as alpagatas fêmeadas de todo o genero de pedras, as roupas recamadas de ouro, & tomadas ayrosamente em hum cintilho de Saphiras. Esta era a fórmula do quadro, & nelle todo o engenho & arte do discipulo. Estava esperando a approvaçãõ do mestre. Mas que vos parece que lhe diria Zeuzis? *Fecisti divitem, quia non potuisti facere pulchram:* Fizeste a rica, porque a não podeste fazer fermosa. O mesmo dighe cu ao ouro, às perolas, & pedras preciosas, com que S. João nos descreve a Cidade da Gloria. Evangelista fegrado, riquissima está a Cidade, que nos pintastes; mas fizeste-la tão rica, porque não podestes fazer fermosa. A fermosura, que espera ver a nossa Fé no Ceo, não de como esta, em que só se pôde enlevar a cubiça da terra.

...o advertistes vós, Agnia  
 ...vina, quando tomastes  
 ...r salva, que a Cidade, que  
 ...fcrevieis, era descida do  
 ...eo à terra: *Civitatem Je-*  
*salem descendentem de caelo.*  
 ...ouro, os diam antes, as pe-  
 ...las, tudo he terra, & da  
 ...rra. E como pôde o lu-  
 ...roso, & percioso da terra  
 ...formarnos com verdade  
 ...belleza sobrenatural, &  
 ...rmosura inestimavel da  
 ...loria? He verdade, que S.  
 ...ão na idéa, que formou,  
 ...maginou quanto se podia  
 ...maginar, & na descripção,  
 ...fez, disse quanto se po-  
 ...a dizer; mas como as cou-  
 ...s da Gloria são tão diver-  
 ...s de tudo o que se vê, &  
 ...ão levantadas sobre tudo o  
 ...ue se imagina, por mais, &  
 ...ais que se diga dellas, fem-  
 ...re se diz menos. E como o  
 ...zer menos na Filosofia de  
 ...ristoteles, & na Theologia  
 ...e Santo Thomàs, he huma  
 ...s especies da mentira, nin-  
 ...uem se deve admirar, que  
 ...o sentido em que fallo, pa-  
 ...ça que o mayor dos Evan-  
 ...elistas encorresse na sua vi-  
 ...ão aquella gloriosa censura  
 ...ue David tambem arreba-

tado no leu extasi deu a to-  
 dos os que fallaõ na Gloria:  
*Ego dixi in excessu meo: Om-*  
*nis homo mendax.*

§. VI.

211 Dos Evangelistas  
 passemos aos Profetas, Isaías,  
 que he o mayor de todos, &  
 neste pôto he singular entre  
 os demais, porque vio a  
 Deos no trono da Gloria, diz  
 assim: *A seculo non audiverunt,* *Isai,*  
*neque auribus perceperunt,* *64.4.*  
*que preparasti expectantibus*  
*te.* Quer dizer: que as cou-  
 sas, que nos esperaõ, & Deos  
 nos tem preparado na Glo-  
 ria, são tão altas, tão subli-  
 mes, & tão superiores a tu-  
 do o de que neste mundo se  
 tem noticia, que nunca já  
 mais chegarão aos ouvidos  
 dos homens. Que sejaõ as  
 cousas da Gloria mayores q̃  
 tudo o que viraõ os olhos, &  
 tudo o que pôde inventar a  
 imaginação, já o mostramos;  
 mas que sejaõ tambem ma-  
 yores que tudo o que ouvi-  
 raõ os ouvidos, he cousa pa-  
 ra mim muito difficultosa.  
 Que ha, ou que pôde haver,  
 que não tenhaõ ouvido os

ouvidos? Ouviraõ tudo o que escrevéraõ os Hystoriadores, ouviraõ tudo o que fingiraõ os Poetas, ouviraõ tudo o que especulãraõ os Filósofos, ouviraõ tudo o q publicou, acrescentou, & exaggerou a fama, ouviraõ tudo o que debaixo do mais sagrado secreto descubrio, & não callou o silencio. Mas não está aqui a difficuldade. Pois em que está? Está em que os ouvidos tem ouvido tudo o que disseraõ os Profetas, & tudo o que está escrito, & dito nas Escrituras sagradas. Argumento agora assim. He certo, que os Profetas, & os outros Escriitores sagrados fallaõ muitas vezes na Gloria, & no que Deos tê prometido, & aparelhado no Ceo para Bemaventurança, & premio dos que o servem nesta vida. Tambem he certo, que tudo o que nos Profetas, & nos outros Livros sagrados se diz, & nelles está escrito, nõs o lemos, & ouvimos. Logo se as Escrituras sagradas dizem o q Deos nos tem aparelhado na Gloria, & nõs ouvimos tudo o que dizem essas mesmas

Escrituras; como diz Isaia: que ninguem ouviu o que Deos nos tem aparelhado na Gloria: *A seculo non audierunt, quæ præparasti expectantibus te?*

212 A soluçaõ deste fortissimo argumento he mais evidente prova de tudo o que himos dizendo. Os Profetas, & as outras Escrituras fallaõ da Gloria: nõs ouvimos tudo o que dizem os Profetas, & as Escrituras & cõtudo não ouvimos nada da Gloria; porque pouco mais que os Profetas, & as Escrituras digaõ da Gloria nunca chegaõ a dizer o que ella he. E porque elles dizem não dizem, por isso nõs ouvindo não ouvimos: *A seculo non audierunt.* Mais ainda. Se ninguem ouviu o que he a Gloria, segue-se, que nem os Profetas, que fallaõ della, o ouviraõ. Mara vilhosa consequencia, mas verdadeira! E assim he. Ouviraõ huns Profetas aos outros Profetas, & ouvia-se cada hum a si mesmo; mas nem ouvindo todos a todos, nem ouvindo-se cada hum a si, ouviraõ o que he a Gloria.

por.

orque por mais levantado  
ue seja o espirito dos Pro-  
etas, por mais sublime que  
seja o seu estylo, & por mais  
que sobre humana a sua elo-  
uencia: em chegando a fal-  
lar da Gloria, ou não dizem  
que he, ou dizem o que não  
he. Dizem figuras, dizem  
comparaçoes, dizẽ semelhan-  
ças: mas todas essas compara-  
çoes são tão desiguaes, to-  
das essas semelhanças tão dife-  
rentes, & todas essas figu-  
ras tão pouco parecidas, que  
nas comparações fica a Glo-  
ria totalmente abatida; nas  
semelhanças desluzida, &  
nas figuras desfigurada. E se-  
ndo assim, vejamos, ou ouçamos o  
que os mesmos Profetas tem  
dito.

213 Quer Isaias que  
começamos desde o princi-  
pio do mundo: *A seculo non  
induerunt.* Seja assim. E  
quaes foraõ desde principio  
do mundo as figuras, com que  
Moyses, & os outros Profe-  
tas nos representaraõ a Glo-  
ria? A primeira foy o Parai-  
so Terreal, depois o Taber-  
naculo, & a Arca do Testa-  
mento, o Mannã, a Terra de  
Promissaõ, a Cidade de Je-

rusalem, o Templo de Sala-  
maõ. Mas que semelhança  
tem estas couzas, por mais q̃  
fossem os milagres da natu-  
reza, & da arte, com a Gloria  
do Ceo? No Paraiso Terreal  
entrou a serpente, & o pecca-  
do; & a primeira prerogati-  
va da Gloria he a segurança  
da Graça, em que todos os  
que lá vivem, são confirma-  
dos. No Tabernaculo de  
Moyses andou a Arca do  
Testamento com os filhos de  
Israel peregrinando pelo de-  
serto; no Ceo está Deos, &  
os Bemaventurados de assen-  
to, como na propria Patria.  
O Mannã, posto que tinha  
todos os sabores, não durava  
de hũ dia para o outro, por-  
que se corrompia; & a Glo-  
ria não só he perpetua, & in-  
corruptivel em si, mas aos  
mesmos nossos corpos de  
carne faz incorruptiveis, &  
immortaes. Da Terra de  
Promissaõ se dizia, por en-  
carecimento, que manava  
leite, & mel. Mas que com-  
paração tem o leite com os  
deleites do Ceo, & o mel com  
as doçuras da Gloria? A Ci-  
dade de Jerusalẽ quer dizer  
Visaõ de paz, & quantas ve-

zes se vio a mesma Jerusaleem combatida, sitiada, & destruida com guerras? Sò no Ceo he a paz segura, & sem temor, porque dentro não pôde haver defuniaõ, & de fóra não chegaõ lá inimigos. No Têplo de Salamaõ estava cuberto com hum veo o Sancta Sanctorum, donde Deos occulto, & invisivel fallava por oraculos, & onde só podia entrar o Summo Sacerdote huma vez no anno: mas na Gloria, sem veo, nem cortina se deixa Deos ver, & gozar manifeste a todos, & não em hum só dia, ou anno ( que fora affás ) fenaõ por toda aquella Eternidade, inteira sem divisaõ, & continuada sem limite, em q̄ não ha annos, nem dias.

214 Que mais dizem os Profetas? Dizem, que o Ceo he hum rio de delicias, que sempre corre: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos.* Mas se todo o mar Oceano comparado com a immensidade das delicias celestiaes he estreito, que será hum rio? E se as mesmas delicias são permanentes, & eternas, & não diversas, fenaõ sempre as

mesmas, como podem ser correntes? Dizem, que o Ceo he hum perpetuo convite de exquisitos, & soberanos manjares: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium pinguium medullatorum.* Mas os convites começaõ com fome, continuaõ com gosto, & acabaõ com fastio. A Gloria pelo contrario he hum perpetua fatisfaçaõ do desejo, e hum perpetuo dezejo da mesma fatisfaçaõ: em que não ha fome, porque a fome molesta; nem fastio, porque o fastio cança; nem o gosto acaba já mais, porque não tem fim. Dizem, que he hum Reyno, em que todos os que nelle entraõ, recebem a coroa da mão de Deos: *Accipient Regnum decoris, & Dignitatem speciei de manu Domini.* Mas o Reyno compoem-se de Rey, & vassallos, & na Gloria não ha subditos: fatisfaõ fogeitos a Deos por vontade os que reynaõ com elle, & essa mesma fogeição amorosa he o cetro da liberdade, & a coroa do alvedrio. Dizem, que he hum dia de vontades com vinculo indissolvel: *Sponsabo te mihi in semper.*

*internum.* Mas que amor, ou que gosto ha nas vodas, que em poucos dias não enfraqueça, ou se mude? Cresce com a esperança, satisfazse com a novidade, & diminue com a posse. Na Gloria não se assim: porque o bem infinito sempre he novo, & onde a novidade não envelhece, o amor, & o gosto não diminue. Dizem finalmente, que a alegria da Gloria será como a dos Lavradores no dia da messe, quando colhem o fructo de seus trabalhos, & como a dos Soldados victoriosos, quando repartem os despojos dos inimigos vencidos: *Lætabuntur coram te, sicut qui lætantur in messe, sicut exultat victores captâ prædâ, quando dividunt spolia.* Mas que semelhança tem a baixeza destas comparações, & a desproporção de todas as outras, para medirmos, ou estimarmos por ellas as felicidades do Ceo? Mais parecem invêtidos para abater a grandeza da Gloria, para escurer seu resplendor, & para afeiar sua fermosura, que para nos representar nem as sombras do que ella he.

215 Quasi lhê acontecendo aos Profetas com o Ceo lá de cima, que não venos, o mesmo que aos Mathematicos, & Astrologos com este Ceo cá debaixo, onde chega a nossa vista. Viraõ os Mathematicos esse laberinto de luzes, de que está semeada sem ordem toda a Esfera Celeste, tão diversas na grandeza, como varias no movimento, & infinitas no numero; & para assentar alguma cousa certa em huma confusão tão immensa: que fizeram? Repartiraõ o mesmo Ceo, & fingiraõ em todo elle grande multidão de figuras, humas naturaes, outras fabulosas. Aqui puzeraõ hum Touro, alli hum Leão, acolá huma Serpente: Aqui hum Cervo, alli hum Cisne, acolá huma Aguia: Em huma parte a Hercules, em outra a Oríon, em outras a Medusa, a Berenice, a Andromeda: O Cavallo Pegaço voando com azas, o rio Erídano volteando a corrente, a nao Argos navegando: hum Golfinho, hum Caranguejo, huma Balança, hum Carro: O Escorpião, o Centauro, a Hidra, o

Capricornio, & outras chimeras como estas, tão feas nos aspectos, como nos nomes. Pois no Ceo ha estes animaes, estas fabulas, estes monstros? Naõ: que tudo são Estrellas resplandecêtes, & fermosas. Mas foy necessario aos Mathematicos fingir no Ceo estas mentiras, & pôr lá estas fabulas, para por meyo dellas se entenderem entre si, & ensinarem de algum modo ao mundo a verdade do que passa no Ceo.

216 Perdoaime a comparação, Profetas sagrados, & agradecei à reverencia dos vossos Oraculos não usar eu do nome, & da licença, que já me deu hum de vós, & o mais allumiado de todos. No Ceo não ha Segadores, messes, nem Soldados, nem despojos: no Ceo não ha convites, nem vodas, nem inundação de torrentes: no Ceo não ha Jerusalens, nem Tabernaculos, nem Paraisos Terreaes, nê Terras de Promissão; que tudo isso he terra, & cousas da terra. Mas vós como Mathematicos do Ceo Empireo pozestes lá todas essas figuras, com tão

pouca semelhança; & proporcão, como com necessidade, para por meyo dellas ensinar a nossa rudeza, & pela consideração dos gostos grosseiros, q̄ percebemos, nos levantar a Fé, & o pensamento à conjectura dos que não alcançamos. Nem podia haver outro argumento, ou experiencia, que melhor nos demonstrasse o eminentissimo conceito, que devemos fazer das cousas da Gloria: pois os vossos mesmos entendimentos, ainda sobrenaturalmête elevados, não tem conceitos, nem palavras bastantes, com que nos declarar suas grandezas.

### §. VII.

217 E se os mesmos Profetas quando chegaõ a fallar da Gloria, dizem tanto menos do que ella he, ou verdadeiramente o que não he; que podemos nós os Prêgadores dizer, em materia q̄ tanto excede toda a capacidade mortal? Por isso ainda quando mais encarecemos, sempre mentimos. *Sõ Sam Pau.*



lo podera prègar da  
 oria; porque era Prèga-  
 , que a vio cõ seus olhos:  
 ouçamos o que elle dis-  
 depois de a ver: *Raptus*  
*in Paradisum, & audivit*  
*vana verba, quæ non licet*  
*mini loqui*: Eu, diz Paulo,  
 allando de si em terceira  
 (soa) fuy arrebatado ao  
 o, & lá vi o que Deos tem  
 arelhado para os seus es-  
 thidos; mas são cousas taes,  
 e me não he licito dizel-  
 . Neste, não me he licito,  
 paro. Que cousa mais lici-  
 que cousa mais justa, que  
 usa mais santa, mais util, &  
 mais necessaria, que fallar da  
 gloria do Ceo, & mais quem  
 tinha visto? O Rico Ava-  
 nto teve para si, que faria  
 mayor impressão de temor  
 a seus Irmãos a prègação  
 de Lazaro; porque tinha vi-  
 do as penas do Inferno: &  
 não ha duvida, que tambem  
 a nós excitaria muito mais  
 desejo a prègação de Sam-  
 uelo; porque tinha visto a  
 gloria do Ceo. Pois se esta  
 prègação era tão efficaz, &  
 tão util para a salvação de  
 muitas Almas, que tão ef-  
 ficaz vivem do Ceo; por-

que se escusa S. Paulo de prè-  
 gar, & apregoar os bens da  
 Gloria, & se escusa com lhe  
 não ser licito: *Non licet*?

218 Ha casos, em que  
 muitas cousas vedadas se dis-  
 pensaõ, & se pôdem fazer li-  
 citamente; mas a mentira,  
 ainda em materia leve, he de  
 sua natureza tão intrinseca-  
 mente mà, que em nenhum  
 caso he licito mentir. E por-  
 que o mentir, nem por salvar  
 Almas he licito, & as cousas  
 da Gloria se não pôdem di-  
 zer sem mentir, por isso Sam-  
 Paulo, em todo o rigor da  
 Palavra, se escusou com lhe  
 não ser licito: *Non licet ho-  
 mini loqui*. De sorte, que re-  
 duzido nas materias da Glo-  
 ria a termos, ou de mentir, ou  
 de callar, tomou por exped-  
 iente o callar, porque lhe  
 não era licito o mentir. Mas  
 se a S. Paulo não era licito  
 fallar na Gloria com este de-  
 feito; logo tambem aos Pro-  
 fetas, & aos Evangelistas  
 não foy licito? Sim foy. Por-  
 que elles não tinhaõ visto a  
 Gloria, S. Paulo sim. S. Pau-  
 lo, como testemunha de vi-  
 sta, tinha obrigação de dizer  
 tudo o que vira, sob pena de  
 def-

defacreditar, & infamar a Gloria: os demais, que a não tinham visto, não eraõ obrigados a dizer de suas grandezas, fenaõ o que podiaõ, & do modo que podiaõ, como fizeraõ. E posto que disse-raõ da Gloria muito menos do que ella he, & merece, nẽ por isso encorreraõ em culpa: porque quando David disse, que todos mentiaõ, fallou da mentira material, a qual não he illicita, nem culpavel, antes neste caso louvavel, & de grande gloria da mesma Gloria. A razão da differença he, porque como define Santo Agustinho: *Mentiri est contra mentem ire*: O mentir com mentira formal, & illicita, he dizer hum homem o contrario do que entende. Os outros Escritores sagrados nõ que disseraõ da Gloria, disseraõ o que entendiaõ, & o que podiaõ: porẽm S. Paulo ainda que disseisse o que podia, sempre avia de dizer cõtra o que entendia, como homem que tinha visto a Gloria: & por isso não lhe era licito: *Non licet homini loqui.*

21) Assim callou o

mayor Prêgador do mundo & assim podera tambem Igreja mandar aos Prêgadores, que callassem nella, pois o callar sempre licito. Mas quiz antes que dissefsemos (ou mentissemos) esse pouco que podiamos dizer, do que passarmos totalmente em silencio das grandezas da Gloria; porque a mayor grandeza das suas grandezas he não se poder fallar nellas sem mentir.

220 E se algum Critico acafo tiver estranhado a palavra, & o assumpto; saiba que usar talvez da mentira para persuadir a verdade não só não encontra as leis da boa, & verdadeira Retorica; mas he hum dos mayores primores da sua energia. Falla Seneca da Hyperbole usada de todos os que falláraõ em cousas grandes & diz assim: *In hoc omni Hyperbole extenditur, ut verum mendacio veniat.* O fim porque a Hyperbole se estende tanto fóra dos mesmos limites do que pretendem persuadir, he porque quer chegar à verdade por meio da mentira: mente, & di-

is dô que a cousa he, para  
e se lhe venha a crer o que  
*Nunquam tantum sperat*  
*hyperbole, quantum audet:*  
o he tão mal entendida a  
yperbole, que espere tan-  
do ouvinte, quanto ella se  
veve a afirmar: *Sed incre-*  
*bilis affirmat, ut ad credibi-*  
*perveniat:* mas afirma o  
e he increivel, para que  
lhe crea tudo o que se pô-  
crer. Por este exemplo  
ará entendido o fim, &  
ndamento do meu discurs-  
O estylo que segui, foy  
uma Hyperbole às aveffas.  
a Hyperbole por excessso,  
Hyperbole por diminui-  
ô: & ambas mentem para  
regar à verdade: *Ut ad ve-*  
*ram mendacio veniant.* A Hy-  
perbole por excessso diz o  
uito que se não pôde crer,  
ara que se crea o que he: &  
Hyperbole por diminui-  
ô diz o pouco que se pôde  
izer, para que se crea o que  
rá. O que será a Gloria do  
ceo; he o que se colhe effi-  
azmente do meu discurso.  
221 E certo, que basta  
a só a consideração, ou a  
uspensão deste que será, pa-  
a todos os que temos Fé, nos

levantarmos sobre todas as  
cousas da terra, & as tratar-  
mos com o desprezo, que  
pede o altissimo fim para que  
fomos criados. Se tudo o que  
temos ditto, se tudo o que  
todos disserão, se tudo o que  
todos escreverão, se tudo o  
que todos imaginãrão, em  
comparaçãõ da Gloria me-  
rece nome de mentira, a ver-  
dade que será? Ha menti-  
ras, que se vem, como diz o  
Espirito Santo; *Visa menda-*  
*Eccl.*  
*cia:* E taes são as apparencias 34.2.  
deste Ceo inferior, que ve-  
mos, ou cuidamos que vemos.  
Cuida o vulgo, que vê o Ceo,  
& enganase; porque não che-  
ga lá a nossa vista. Isto, que  
chamamos Ceo, he huma mē-  
tira azul, & o que chamamos  
Iris, ou Arco celeste, he ou-  
tra mentira de tres cores: &  
se as mentiras do Ceo da ter-  
ra são tão fermosas, quaes  
serão as verdades do Ceo  
do Ceo: *Cælum cæli Domino?* *Psal.*  
S. Bernardo, sem subir tanto 113.  
a cima, tomou por empreza 16  
huma harpa com a letra que  
dizia: *Quid erit in Patria?* Se  
no desterro ha tal harmonia,  
& tal suavidade, na Patria q̄  
será? Mas muito melhor o  
nosso

nosso David, depois que vio na mesma Patria, não o que será por conjectura, se não o que he por realidade. Trocou a empreza, & defencordou a sua harpa: E que disse? Que tudo quanto tinha cantado a ella, & quanto cantão, & contaõ todos os que fallaõ na Gloria, tudo he mentira: *Ego dixi in excessu meo: Omnis homo mendax.*

§. VIII.

222 Supposto pois (dayme agora huma breve attençaõ) supposto pois que tudo o que se tem dito, tudo o que se diz, & tudo o que se pôde dizer da Gloria, que nos espera no Ceo, he tanto menos, & taõ pouco, & taõ nada, que sem encarecimento se pôde chamar mentira: que avemos, ou que podemos fazer para saber verdadeiramente o que he, & como he a Gloria? Não ha, nem pôde haver mais que hum só meyo, mas esse muito certo, & adequado. E qual he? Ir ao Ceo, & vela. Perguntáraõ huma vez a Christo dous, que queriaõ ser seus discipulos, onde morava:

*Rabi ubi habitas? E o Senhor que não tinha casa na terra, senão no Ceo ( donde nunca sahio, ainda quando veyo ao mundo ) que responde: Venite, & videte: Vinde, & vede. E sem irem, & virem não o podiaõ saber. Não. Excellentemente Aduino, & Bêda: Ideo non dixit, ubi habitaret, sed illos, venirent, & viderent, invitavit; quia habitatio, idest Gloria Christi, videri quidem potest, verbis explicari non potest. Não disse o Senhor onde morava aos que o queriaõ saber, & sómente lhes respondeu, que viessem, & vissem: Venite, & videte. Porque a morada de Christo he a Gloria, & o que he, & como he a Gloria, só se pôde ver, mas não se pôde dizer: *Videri potest, explicari non potest.* Isto he o que respondeo Christo, & isto he o que eu digo, & que só pôdem dizer os Pregadores sobre este assumpto. Façamos muito por ir ao Ceo, & lá veremos o que he a Gloria: *Venite, & videte.* Vinde, & vede. E quando por merce de Deos formos ao Ceo, & virmos ver*

deirãemête o que he a Glo-  
ria; eitaõ veremos, & co-  
ecereremos tambem, quam  
tãta semelhança tem de  
verdade quanto cã se diz, &  
ouve.

223 Quando a Rainha  
bã vio a Corte, & Casa  
de Salamaõ, não sô ad-  
mirada do que se via, mas,  
tãmo diz o Texto sagrado,  
tãsi desmayada de pasmo:  
impêo nestas palavras:  
*non credebam narrãtibus mi-  
hi, donec ipsa veni, & vidi o-  
culis meis, & probavi quòd  
verba eius mihi nuntiãtu non  
erit. Maior est sapientia tua,  
& opera tua, quãrum rumor, quẽ  
non audivi. Beati viri tui, & bea-  
tissimi servi tui, qui stant coram te  
in imperio.* Eu, sapiẽtissimo Rey  
de Salamaõ, quando estava nas  
distãtas terras (diz a Rai-  
nha) muitas cousas tinha ou-  
vido da vossa sabedoria, da  
vossa grãdeza, da vossa Cor-  
te, & da magnificencia da  
vossa Casa: às quaes porẽm  
não dava credito, por me pa-  
recerem increiveis; mas de-  
pois que vim, & as vejo com  
meus olhos, jã tenho conhe-  
cido, & provado, que nem  
mejãde se me tinha dito do

que verdadeiramête he. Bẽa-  
venturados os vossos servos  
& bemaventurados os vossos  
Cortezãos, pois tem, & go-  
zaõ a felicidade de estãr sã-  
pre em vossa presença. Pa-  
rece, que não podẽra dizer  
mais, se fallãra com Deos na  
Gloria. E se as grandezas da  
Corte, & Casa de Salamaõ  
as não pode crer, nem perce-  
ber huma Rainha tam sãbia,  
senão depois de vir, & ver:  
*Donec ipsa veni, & vidi:* E  
se tudo o que tinha ouvido  
na sua terra, não chegava a  
ser ametade do que agora via  
cõ seus olhos; que proporçãõ,  
& que semelhança põde ter  
o pouco, ou nada, que cã di-  
zemos, & ouvimos, com o  
muito, com o infinito, com  
o immenso da Gloria, que lã  
vem, os que a gozaõ? Por is-  
so o Senhor, & Autor della  
nos diz: *Venite, & videte:*  
Vinde, & vede.

224 Mas o mal, & a  
desgraça he, que todos que-  
rem ver, & ha muito poucos,  
que queiraõ vir. Todos que-  
rem ver, & gozar a Gloria;  
mas ha muito poucos, que  
queiraõ vir, & seguir a Chri-  
sto pelo caminho, que elle  
nos

nos veyo ensinar, para chegarmos a ella. Se o Divino Mestre trocára os termos, & assim como disse, *Venite, & videte*, dissera, *Videte, & venite*: se fora possível, & conveniente, que primeiro se nos desse vista da Gloria, & depois se nos promettessem os meynos de a cõseguir: como he certo, q̃ não seria necessario, que Deos nos chamasse, ou rogasse, senão que nõs mesmos arrebatados daquelle immensa fermosura, & felicidade incomprehensivel, não fõ com vontade, & desejo, mas com impeto, & violencia romperiamos por todas as difficuldades da vida, & pela mesma vida, & mil vidas por alcançar tanto bem. Porém, que merecimento seria então o da Fé, q̃ premio o da Esperança, & que valor o da Charidade, sendo necessaria, & não livre? Para mayor bem do mesmo bem, & para mayor augmento da mesma Gloria nõs pede Deos primeiro os passos, & depois nos promete a vista: *Venite, & videte*.

225 E verdadeiramente, que ainda que o caminho

do Ceo, & a passagem de Cabo de Boa Esperança vera mayores difficuldades bem se poderaõ emprender todas, sem o testemunho de vista debaixo da palavra de Christo. Quando o mesmo Senhor, antes de se fazer homem por nõs, disse a Abraham, que deixasse a sua patria, não lhe prometéo Ceo, senão outra terra, não lha mostrou então, mas somente lhe disse, que lhe mostraria depois: *Veni terram, quam monstravero tibi*. E que fez Abraham debaixo desta palavra? A pena se pôde dizer sem injuria, afronta da nossa Fé. Deixou a patria, deixou a casa nobre & rica, que tinha herdado de seus Pays, deixou a companhia dos parentes, o amor dos amigos, a familiaridade dos conhecidos, para ir peregrinar entre gentes estranhas. Em fim rompéo toda aquellas cadeas, com que a criação, & a natureza humana prender o coração humano: que tudo nota, & pondera a Hystoria sagrada. E que tudo isto executasse com tanta promptidão de animo

um homem, que pouco antes fora Gentio, & adorava Deoses falsos? Sim, diz tanto Esteuão, & ninguém espante; porque o Deos, que mandou a Abrahaõ, que fizesse este divorcio, & renunciasse a geral de quanto tinha, & se dava no mundo, era o Deos da Gloria: *Deus gloria aperuit Patri nostro Abraham, & dixit ad illum: Exi de terra tua, & de cognatione tua, & veni in terram, quam monstrabo tibi.* Em toda a fagrada escritura se não lê; ou dà a Deos semelhante titulo, ou piteto de Deos da Gloria, não neste lugar unicamente. E porque usou de tal palavra para aquelle famoso Prêador apedrejado, a quem entre as mesmas pedras se abriu o Ceo? Não foy só para encarecer a fineza do que abrahaõ obrara; mas para distinguir os motivos, que elle podia ter na mesma obra, & nós podemos ter nas nossas. Se não fazemos grandes cousas por amor de Deos, porque he Deos; ao menos porque as não faremos, porque he Deos da Gloria: *Deus gloria*: Fazellas por Deos, porque he Deos, he fine-

za: fazellas por Deos, porque he Deos da Gloria, he conveniencia; fazellas por Deos, porque he Deos he amor de Deos: fazellas por Deos, porque he Deos da Gloria, he amor proprio. E que não por este amor proprio, nem porque Deos nos ha de premiar com a Gloria, lhe façamos taes serviços, que sejaõ mercedores della? Grande miseria.

226 E se he miseria grande, o pouco que fazemos por alcançar, & ver a Gloria; muito mayor miseria he o muito que fazemos pela perder, & não ver. Cada peccado, que cometemos, he hum peccado, & duas offensas: huma offensa contra Deos, & outra offensa contra a Gloria. Assim o entendeo aquelle moço Prodigio, a quem a experiencia das pagas, que o mundo dà, restituio o entendimento, que o mesmo mundo lhe tinha tirado. *Patre peccavi in coram te: Luc. 15.18* (dizia elle fallado com Deos) pequei contra o Ceo, & pequei contra vós: contra o Ceo, que he a Gloria, para que fuy criado, & contra vós, que

que fois o Deos; que me criastes para ella. Em primeiro lugar poz a offença do Ceo, & no segundo a de Deos: porque como era homem, que se tinha posto à soldada, mais sentia a pedra do galardão, que o defagradão do amo. Eu já me contentára, que nas nossas fidalguias se usárao com o Ceo, & com Deos estes desprimores. Se não deixamos os peccados por contrição, & por ferem offensas de Deos; deixemolos ao menos por attrição, & porque nos privaõ da Gloria. Não offender a Deos, porque he Deos, he obrigação: não o offender por não perder a Gloria, he interesse. E sendo nós tão interesseiros, ou tão servos, & tão escravos dos interesses da terra; que ao menos pelos interesses do Ceo, & da Gloria não deixemos de offender a quem nola ha de dar, ou tirar para sempre? Não foy o Prodigio o prodigo: nós o fomos, & mais feamente. Elle disse: *Peccavit in cælum*: & não foy prodigo do Ceo, senão da fazenda: nós fomos avarentos da fa-

zenda, & prodigos do Ceo & da Gloria.

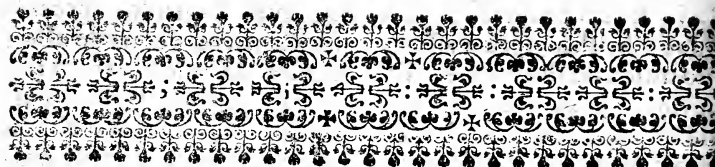
227 Oh como pôde temer, que não são criados para ella, os que tão pouco fazem pela ver, ou tanto fazem pela não ver! De quantos deixárao o coração no Egypto, nenhum chegou a ver a Terra de Promissão porque sem vir não ha ver, quem não vem de todo o coração, não se move. De de essas moradas eternas não eittà Christo Glorioso chamando, & convidando a todos: & dizendo como a que lhe perguntárao onde morava: *Venite, & videte*. Vinde, & vede. *Venite* não diz agora aquelle mesmo Senhor, que no dia do Juizo unidas outra vez nossas Almas a estes mesmos corpos ha de dizer aos que ouvirem sua voz: *Venite benedicite*. Vinde nos diz: E donde, para onde? Da terra para o Ceo, do desterro para a Patria, do cativo para a liberdade, da guerra para a paz, da tempestade para o porto, do trabalho para o descanso, do tempo para a Eternidade, do valle de la-



imas parã o Monte da Glo-  
 a. E que haja ainda quem  
 vide vir? *Venite*, Vinde.  
 não vos digo (diz o Se-  
 ñor.) que venhais como eu  
 m pelo Monte Calvario,  
 istame; que venhais pelo  
 abôr o mais ameno do mû-  
 o, com tanto que venhais  
 n meu seguimento. E se  
 nda pelo Tabôr não vos  
 reverdes a vir, como Pe-  
 ro, Joaõ, & Diogo, pelo ca-  
 minho estreito dos côselhos:  
 inde como Moyses, & Elias  
 elo mais largo dos Manda-  
 mentos, que para isso fiz  
 ous caminhos, dezejando  
 ue venhão todos: *Venite*.  
 inde em fim, & vereis o que  
 ntes de vir se não pôde ver:  
*Venite, & videte*. Vereis o que  
 nunca vistes, vereis o que  
 nunca ouvistes, vereis o que

nunca imaginastes: & vereis  
 quaõ diferentes, quam ou-  
 tras, & quaõ infinitamente  
 incomparaveis são as cousas  
 da Gloria a todas as que lá  
 vos disserão os meus Profe-  
 tas, & Evangelistas: não por  
 elles quererem mentir (que  
 não he possível) mas porque  
 tudo o que ha na terra, ou  
 desde a terra se vê no Ceo,  
 nenhuma comparação tem,  
 nem semelhança com o que  
 se vê, & goza na Gloria. Em  
 particular vos convido, co-  
 mo a homens, a ver gloriosa  
 em seu trono a minha Hu-  
 manidade. E entaõ julga-  
 reis, se os rayos, de que se co-  
 roa, são de Sol, & a cor, de q̃  
 veste, de neve: *Resplenduit  
 facies ejus sicut Sol: vestimen-  
 ta autem ejus facta sunt alba  
 sicut nix.*





# S E R M A M

DA

PRIMEIRA SEXTA FEIRA DA

Q V A R E S M A .

Na Capella Real. Anno de 1651.

*Ego autem dico vobis : Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos, Matth. 5.*

§. I.

228



Ue depressa nos leva a Igreja a Deos, & com toda a Alma! Antehontem nos excitou a memoria, hontem nos illustrou o entendimento, hoje nos aperfeiçoa a vontade. Ex-

citounos a memoria com a lembrança da morte: *Memento homo, quia pulvis es* illustrounos o entendimento com o mayor exemplo da Fê: *Non inveni tantam fidem in Israel*: aperfeiçoa-nos a vontade com o acto mais heroico da charidade que he o amor dos inimigos: *Diligite inimicos vestros.* Este acto

esto como tam singular da  
 ey, & tam proprio da pro-  
 fisaõ Christãa, serã o assum-  
 to unico de todo o meu dis-  
 curso. E polto que a mate-  
 ria do amor dos inimigos se-  
 ta tam prégada, & tam bati-  
 a; o que determino tratar  
 obre ella hoje, he huma que-  
 staõ muito nova, & muito  
 propria deste lugar. Funda-  
 e toda sobre aquelle Vòs do  
 nosso Texto: *Ego autem dico*  
*vobis*. E a questaõ, ou duvi-  
 da he: Se debaixo deste vòs  
 se entendem tambem as Al-  
 zeas, & as Magestades? As  
 Pessoas soberanas saõ supe-  
 riores a toda a Ley, & por  
 isso serã necessario examinar  
 exactamête atê onde se estê-  
 de o preceito de Christo, &  
 resolver cõ a Graça do mes-  
 mo Senhor, & sem lizonja  
 de nenhum outro, se saõ o-  
 brigados tambem os Reys a  
 amar seus inimigos?

§. II.

219 Primeiramente  
 parece que não saõ obriga-  
 dos. E está por esta parte to-  
 da a auihoridade de Sala-  
 mãõ em huma obra famosa

de sua sabedoria, & grande-  
 za. No Capitulo terceiro  
 dos Canticos descreve elle a  
 fabrica de huma carroça tri-  
 umfal, em que sahia a pas-  
 sear pela Corte de Jerusalem  
 nos dias de mayor solemni-  
 dade. A materia era dos le-  
 nhos mais preciosos, & chey-  
 rofos do Libano, as colunas  
 de prata, o trono de ouro, as  
 almofadas de purpura, & no  
 estrado, onde punha os pès,  
 estava esculpida a Charida-  
 de. *Ferculum fecit sibi Rex*  
*Salomon de lignis Libani: co-*  
*lumnas ejus fecit argenteas, re-*  
*clinatorium aureum, ascensum*  
*purpureum: media charitate*  
*constravit.* Nestas ultimas  
 palavras está o reparo, não só  
 grande, mas digno de sum-  
 ma admiraçam. He possível,  
 que hum Rey tam sabio co-  
 mo Salamaõ, & não Gentio,  
 senaõ fiel, quando faz a ma-  
 yor ostentaçaõ de sua gran-  
 deza, & magestade, leve a  
 Charidade debaixo dos pès?  
 O Rey assentado no trono;  
 & a Charidade debaixo dos  
 pès do Rey? O Rey entron-  
 nizado, & a Charidade piza-  
 da: *Media charitate constravit*  
 ? Sim. Porque cuidaõ al-

guns Reys (ou obraõ, como se o cuidáraõ) que tão fóra estaõ de serem fugeitos às leys da Charidade, que antes a mesma Charidade, & todas suas leys lhe estaõ fugeitas a elles. Não fallo dos Neros, nem dos Calligulas, & muito menos dos Sardanapalos: que semelhantes monstros da natureza humana eraõ tyrannos cruelissimos, & não Reys, nem homens. Fallo dos que são como Salamaõ naquelle tempo, & do mesmo Salamaõ particularmente; o qual para pompa, & vaidades inuteis, & para fazer a sua Corte inveja das outras, & ostentação de todo o mundo, carregou, & opprimio os seus Povos com tal excesso, que chegáraõ por desesperação a facudir o jugo, & privar da obediencia, & do Reyno a Roboaõ seu Primogenito. Se se antojava o appetite, & vaidade de Salamaõ já perdido, que ouvesse prata, & mais prata; *Columnas argenteas*: q̄ ouvesse ouro, & mais ouro: *Reclinatorium aureum*: que ouvesse purpura, & mais purpuras: *Ascensum purpureum*: tudo

isto ha de aver; dizia elle por qualquer via, por mais violenta que seja: E se a Charidade o contradisser, metase a Charidade debaixo dos pés. Pois não vez, ó Rey sábio, a oppressão, & oppressões do teu Povo? Não ouves os gemidos dos pobres? Não te lastimaõ as lagrimas dos miseraveis? Não consideras, que o nome de Rey te obriga a ser pay dos vassallos? Não reconhecetes no seu mesmo sofrimento, que todos te amaõ como filhos: & que quando te aborreceraõ, & foraõ teus inimigos, os deveras comtudo amar? Onde está a proximidade? Onde está a humanidade? Onde está a Charidade? Onde está debaixo dos pés do Rey; porque os Reys não são fugeitos à Charidade, nem a suas leys: *Media charitate constravit.*

230 A este Jeroglifico de Salamaõ se ajunta hum argumento para mim de muito formal consequencia. Os Reys não são obrigados a amar os amigos: logo muito menos a amar os inimigos. Quem não tem amor para o amor,

nor, como ha de ter amor  
 tra o odio? Não ha entre  
 dos os coraçõs humanos,  
 entre todos os estados do  
 undo, nem vontades mais  
 amoraueis, que as sobera-  
 ns, nem cousa mais oppo-  
 a ao amor, que a Magesta-  
 e. E porque razão, se ra-  
 ão se pôde chamar? Por  
 as. Pela desigualdade, &  
 pela obrigaçã dos vassallos.  
 amor reciproco, que por  
 tro nome se chama amiza-  
 e, diz Aristoteles que o não  
 ãde haver senão entre igua-  
 : & como entre os Reys, &  
 s vassallos ha huma desi-  
 gualdade tão distante, co-  
 o do inferior ao supremo,  
 mesma soberania, que os  
 emonta sobre a igualdade,  
 e desobriga da correspon-  
 encia. E porque amarem  
 vassallos ao Rey, he obri-  
 çãõ natural, esta he a se-  
 unda izençaõ, ou Regalia,  
 ue lograõ as Magestades,  
 ara nem lhe ser necessario  
 amar para ser amados, nem  
 epos de ser amados, fica-  
 em obrigados a amar. Co-  
 o o amor dos vassallos he  
 iuida, nem os Reys ficam  
 brigados à paga, nem os

vassallos tẽ acção para a de-  
 zejar, nem pedir. Daqui se  
 segue aquella grãde dor (por  
 lhe não chamar injustiça) de  
 que tenha mais ventura com  
 os Reys o servir, que o amar:  
 porque os serviços alguma  
 vez são premiados, o amor  
 nunca he correspondido.  
 Não seriaõ as Magestades  
 Magestades, se se fugitassẽ  
 a amar. Porque? Por outras  
 duas razoens da sua parte.  
 Amar he inclinar-se à vonta-  
 de primeiro, & depois ren-  
 der-se: & o render-se he contra  
 a potencia da Magestade, o  
 inclinar-se contra a sobera-  
 nia. Por isso disse bem quem  
 lhe conhecia esta condiçãõ,  
 q̃ nem pôde haver Magesta-  
 de com amor, nem amor com  
 Magestade: *Non bene conue-  
 niunt, nec in una sede morantur  
 maiestas, & amor.* E se os  
 Reys, como dizia, nem ama-  
 dos se inclinãõ a amar os a-  
 migos, odiados, & aborreci-  
 dos, como se haõ de fogueitar  
 a amar inimigos?

231 Seja exemplo o  
 Rey do melhor coraçãõ de  
 quantos impunhãrãõ cetro.  
 Teve David muitos, & gran-  
 des inimigos (que não fora

David, se os não tivera.) E como os amava? Elle mesmo o diga: *Persequar inimicos meos, & comprehendam illos, & non convertar, donec deficiant: confringam illos, nec poterunt stare, cadent subtus pedes meos.* A meus inimigos heyos de perseguir até os tomar às mãos, nem hey de desfistir, ou descançar até os desfazer, & consumir de todo. Eu lhes quebrarey o orgulho, & lhes torcerey o pescoço até os meter debaixo dos pés. E se Christo manda, que não só façamos bem aos inimigos, mas que oremos por elles: *Et orate pro persecutibus, & calumniatibus vos*: ouvi como os encommendava o mesmo David a Deos em suas Oraçoens: *Averte mala inimicis meis, & in veritate tua disperde illos.* O mal, que me dezejaõ meus inimigos, peço-vos, Senhor, que o convertais contra elles, & que pela má vontade que me tem, vós lhe ponhais as mãos, & a boa vontade, destruindoos, & aniquilandoos: que isso quer dizer *Disperde*. Finalmente chegado à hora da

morte, tempo em que até os coraçõens mais duros não só perdoão a seus inimigos, mas lhe pedem perdaõ; duas mandas do testamento de David foraõ deixar muito encarregado a seu filho Salamaõ, que de nenhum modo se esquecesse de mandar matar a Joab, & a Semey, por certos aggravos que lhe tinhaõ feito. E se desta maneira amava a seus inimigos hum Rey canonizado, que se levantava à meya noite a rezar o Psalterio, & debaixo da purpura vestia cilicios: os que não são tão santos, nem tão beatos, vede como guardarão o *Diligite inimicos vestros*: & como tomarão por si o *Dico vobis*?

## §. III.

232 Isto he o que se offerece pela primeira parte, & mais apparente, que solidada nossa questãõ: a segunda não só defende, mas define, que tambem as Altezas, & Magestades, por mais altas, & soberanas que sejaõ, se entendem, & comprehendem debaixo daquelle *Vobis*, & que

que todas igualmente, como os outros Chriitãos, sem nenhuma exceição, nem privilegio eſtaõ ſujeitos ao preceito de Chriito, & obrigados a amar ſeus inimigos, & a lhe fazer bem: *Diligite inimicos veſtros, & benefacite vobis, qui oderunt nos.*

233 O fundamento desta obrigação eſta na primeira palavra do meſmo Texto: *Ego autem dico vobis: Ego, Eu.* E quem he eſte Eu? Naõ he Plataõ, nem Licurgo, nem Numa Pompilio, cujas Leys comtudo, por ſerem racionaes; as veneravaõ, & obedeciaõ todos os Reys, que alcançaraõ fama de juſtos; mas he aquelle, Eu, que diſſe a Moyſes: *Ego ſum qui ſum:* Eu ſou o que ſou, o que ſó tem o ſer de ſi, & o deũ a todas as couſas: aquelle Eu, que faz os Reys, & tambem os deſfaz, quando elles naõ fazem o que devem: *Per me Reges regnant:* aquelle Eu, que traz eſcrito na orſa da oppa real: *Rex Regum, & Dominus Dominantium:* Rey dos Reys, & Senhor dos Senhores: aquelle Eu, de quem os Reys ſaõ mais ſubditos,

do que os vaſſallos dos Reys; porque os Reys todos receberaõ o dominio, & jurdição da maõ, & conſenſo dos Povos: & ſe conſervaõ em ſi, & perpetuaõ na ſua poſteridade o meſmo poder, & ſoberania, he por merce, & à merce de Deos, em quanto elle for ſervido, & com hum aceno da ſua vontade naõ mandar o contrario. E eſte Eu: *Ego autem dico vobis:* Eſte Eu he o que diz a todos ſem diſtinção, nem exceição de peſſoas, ou dignidades: *Diligite inimicos veſtros:* para que entendaõ os Reys da terra, & de terra: *Et nunc Pf. 2: Reges intelligite: erudimini 10. qui judicatis terram:* que eſte, & qualquer outro preceito de Deos o devem receber naõ pezadamente, ſenaõ com alegria, & observar com temor, & tremor: *Servite pf. 2: Domino in timore, & exultate 11. te ei cum tremore:* ſobpena de que ſe elles naõ amarem os inimigos, Deos os teraõ por inimigos a elles, & os deſtruirá, & perecerãõ como taes: *Ne quando irascatur 1b. 12: Dominus, & pereatis de via juſta.*

234 Nem faz contra isto o exemplo allegado de David, antes persuadê o contrario; porque David era Soldado de Deos, & Capitaõ General de seus exercitos, & aquelles, a quem chamava seus inimigos, eraõ os inimigos de Deos: observando tal differença, & distincão entre huns, & outros, que aos inimigos seus amava, & fazia bem, & só aos de Deos perseguia, & fazia cruel guerra: taõ insigne vingador das injurias divinas, como perdoador das proprias. Assim perdoou tantas vezes a Saul, & dezejou perdoar a Absalaõ, & sentio, & lamentou sua morte, como a de Abner: allegando sempre a Deos, que a nenhum seu inimigo dera mal por mal: *Si reddidi retribuentibus mihi mala: sendo elles taõ ingratos, que lhe davaõ mal por bem: Retribuebant mihi mala pro bonis.* E se mandou matar a Joab, & a Semey, foy por justiça, como Rey, & naõ por vingança: guardando estas duas sentenças, & execuções para o testamento, & para a hora da morte, para que se

*Pfal.*  
7.5.

*Pf. 34*  
12.

viffe, que o fazia por escrupulo, & naõ por odio. Este era o coraçã de David, & por isso coraçã verdadeiramente real, & digno de que Deos tirasse a coroa da cabeça de Saul, para lha pôr na sua, como o mesmo Saul confessou.

235 Andava Saul pelos montes à caça de David para lhe tirar a vida, quando acafo entrou só em hua gruta, onde o mesmo David estava escondido com os poucos que seguiaõ sua fortuna. Todos lhe disserã, & inflãrã, que lograsse a occasiã, que Deos lhe tinha metido nas mãos, & com a morte de Saul se livrasse de huma vez das suas perseguiçoens. Mas elle cõtêndose cõ lhe cortar hũ retalho da roupa para amofra da sua fidelidade, depois que Saul sahio da gruta, appareceo subitamente diante d'elle, & mostrando aquelle testemunho taõ claro do perigo em que estivera, & da vida que lhe naõ quizera tirar, nem sentir que lha tirassem, postado a seus pès lhe disse de sta forte: Eis aqui, ò Rey de Is-



rael, a quem andas buscando pelos desertos para o matar: Eis aqui aquelle bicho vil da terra, à caça do mal fae da sua Corte em pessoa hum tão grande Monarca: Eis aqui como te mereces que o persigas com tão mortal odio, & o faças andar aterrado, & fugitivo de tirar estes montes. Ficou asombrado do que via, & do que ouvia Saul, & compungido, & com as lagrimas nos olhos, lhe disse: Agora conheço, David ( & não só lhe chamou David, senão filho) agora conheço, filho, & sey certissimamente, que has de reynar, & que deste mesmo Reyno de Israel, que eu chamo meu, has de ser tu o Rey: *Nunc scio, quòd certissime regnaturus sis, & habiturus in manu tua Regnum Israel.* O que só te peço, he, que me prometas, & jures diante de Deos, que a mesma piedade, que usastes comigo, a terás da minha casa, & descendencia, e não extinguirás do mundo o meu nome: *Jura mihi, ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de nomen patris mei.* Tão certa,

& infallivelmentẽ conhecido, & creio Saul, que havia David de ser Rey. Mas donde tirou esta certeza, que chama certissima, & não antes, senão agora, & neste mesmo caso: *Nunc scio, quòd certissime regnaturus sis?*

236 Abulense, & todos *Abul.* os outros Expositores dizem, que o inferio Saul da generosidade de animo, com que sendo tão capital inimigo de David, elle lhe perdoára. Mas não he necessario, que o digaõ Expositores porque o mesmo Saul o ponderou, & o disse. Notay todas as palavras: *Tu enim tribuisti mihi bona ego autem reddidi tibi mala.* Porque tu David destes bem por mal, sendo que eu sempre te dey mal por bem. *Et tu indicasti hodie quae feceris mihi bona: quomodo tradiderit me Dominus in manum tuam, & non occideris me:* E bem mostraste, & provaste hoje isto que digo, pois entregandome Deos nas tuas mãos, & podendome matar, me deste a vida. *Quis enim cum invenerit inimicum suum, dimittet eum in via bona:* Porque que homem ha, que tendo

do seu inimigo debaixo da lança, lhe perdoe, & o deixe ir em paz? *Sed Dominus red-dat tibi vicissitudinem hãc pro eo quod hodie operatus es in me.* Mas eu confio, & estou certo, conclue Saul, q̄ Deos não ha de deixar sem premio esta differença, que hoje usaste comigo. E como? Tirandome a mim a coroa da cabeça, & pondo a tua: *Quia scio, quòd certissimè regnaturus sis.* Assim entendo Saul, posto que obrava o contrario, que hum homem, que tendo na sua mão a vingança, não sabia vingar agravos: hum homem, que podendo fazer mal a seu mayor inimigo, lhe fazia os mayores bẽs: hum homem, que pagava o odio com amor, & a morte que lhe queria dar, com a vida; hum tal homem como este, não o tinha Deos dotado de hum coração tão generoso, & tão real, senão porque o queria, & havia de fazer Rey: *Quòd regnaturus sis.*

237 Reparem muito os Reys, no que inferio cõ tanta certeza este Rey: & reparem tambem, no que eu ago-

ra quero inferir; não com menor certeza. Assim com he certo que Deos deu a coroa a David, porque se vingou de Saul, assim dig & tenho por certo, que David pelo contrario se vingára, ainda q̄ Deos o tivera destinado para a coroa, não havia de dar. Caso nã tavel he, que repartindo Jacob na hora da morte a benção, que tocava, ou havia de tocar a cada hum de seus filhos, a do cetro, & coroa de Ísrael a dẽsse, & collocasse no quarto. Este quarto filho era entã Judas, do qual descenderaõ os Davids, os Salomõens, & outros Reys do Reyno, por isso chamado de Juda; & do qual tambem descendeo Christo. Mas porque razãõ? O Reyno, a primeira benção, segundo o uso dos Patriarchas, & conforme à Ley natural, que ainda hoje se observa, pertencia ao primogenito, que era Rubem. E posto que Rubem perdeo este direito, se fez indigno da coroa, pela gravissima injuria que commetteo contra seu Pay, nã incesto que todos sabem;

bem seguiu-se com o mes-  
direito Simeão, que era  
lho segundo, & a Simeão  
seguiu Leví, que era o ter-  
ro. Pois porque não deu  
Jacob a benção, ou investi-  
ra do Reyno, nem a Si-  
meão, nem a Leví, senão a  
das, & deixando desher-  
dos daquelle grande, &  
premo morgado ao se-  
ndo, & ao terceiro filho, o  
entou, & instituiu no  
parto?

238 Também aqui não  
vemos mister Doutores,  
porque na benção de ambos  
desherdados dá o mesmo  
texto, & o mesmo Jacob a  
causa: *Simeon, & Levi fra-  
tres, vasa iniquitatis bellantia:  
consilium eorum non veniat  
in anima mea, & in cætu illorum  
non sit gloria mea; quia in fu-  
turo suo occiderunt virum, &  
voluntate sua suffoderunt  
virum. Maledictus furor eo-  
rum, quia pertinax, & indi-  
gnatio eorum, quia dura.* Si-  
meão, & Leví toraõ aquelles  
seus irmãos, que para vin-  
car a injuria, que o Principe  
richem tinha feito a sua ir-  
mãa, matáraõ ao mesmo Si-  
chem, & a todos os Sichimi-

tas, & lhe destruíraõ, & affo-  
láraõ a Cidade. E homens  
taõ duros de coração, ho-  
mens taõ furiosos, pertina-  
zes, & vingativos (posto que  
a causa pareceffe justificada)  
não só não são dignos de  
reynar, nem de ter o supre-  
mo dominio sobre os outros  
homens, mas merecem ju-  
stissimamente, que se por  
outra qualquer via lhe per-  
tence o cetro, & a coroa, de  
nenhum modo, & em ne-  
nhum tempo a logrem, antes  
sejaõ para sempre privados,  
& desherdados do Reyno,  
como eu com a minha mal-  
dição em nome de Deos os  
desherdo. Isto disse, & fez  
Jacob, desherdando, & pri-  
vando do Reyno aos deus fi-  
lhos, a quem de direito per-  
tencia, só por serem vinga-  
tivos, & não perdoarem ag-  
gravos. E o mesmo succe-  
deria sem duvida a David, se  
elle com o perdão de Saul  
lhe não tirára da cabeça a co-  
roa, de que por inimigo era  
indigno, & a puzera na sua.

239 De taõ longe hia  
Deos estabelecendo, & fun-  
dando já o preceito, que ho-  
je havia de promulgar por  
sua

sua propria boca; ensinando com tão graves, & temerosas experiencias aos Reys, q̄ quando disse: *Ego dico vobis*: tambem fallava com elles. E notem os que de presente reynaõ, que com muito mayor razaõ lho diz hoje Christo, do que o disse antigamente; porque aquelle Eu: *Ego autem*: ainda entaõ naõ era o que hoje he. Era Deos, era supremo Legislador, era Rey dos Reys; mas ainda naõ era Rey, que tivesse pedido perdaõ pelos q̄ o crucificavaõ, nem Rey que tivesse tomado por titulo, Rey dos que lhe tiráraõ a vida. Lendo Santo Agullinho no titulo da Cruz: *Rex Judeorum*: admirase muito, de que Christo tomasse titulo de Rey dos Judeos, sendo Rey de todo o mundo, & de todas as Naçoens delle. Nos quatro braços da mesma Cruz se significava o dominio, que tinha o Rey crucificado sobre as quatro partes do mundo; & nas letras Hebraicas, Gregas, & Latinas, que eraõ as mais universaes, o senhorio, & imperio de todas as Naçoës. Pois se Chri-

sto era Rey de todo o mundo, & de todos os homens, porque toma só por titulo de Rey dos Judeos? Porque ainda que era Rey de todo, & morrera por todos, só os Judeos foraõ aquelles, q̄ lhe tiráraõ a vida: & onde foõ mayor o amor dos inimigos, ali assentou melhor o titulo de Rey. Rey de todos, Rey demptor de todos, & o que perdoou os peccados de todos; mas dos Judeos, de que recebeu os mayores agravos; dos Judeos, que lhe tiráraõ o mayor odio; dos Judeos, que mais que todos foraõ os que tiráraõ a vida de seu Rey: *Rex Judeorum*. Para que acabem de entender os que saõ, & se chamaõ Reys, que naõ se pelo preceito, que lhe puzeraõ pelo exemplo que lhe deyd, & para perpetuarem os seus Reynos, como eu eternizey o meu, todos sem exceiçaõ saõ obrigados ao amor dos inimigõs, & toda a fazer bem aos que lhe tiverem odio: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

Ioan.

19.19

Agust.

§. IV.

240 Declarado o Dico  
bis; & provado como tam-  
m aos Reys comprehende  
receito de amar os inimi-  
s; segue-se a declaração do  
ligite, & o modo com que  
há de amar, cuja pratica,  
for como se usa, não tem  
mos difficuldade, nem me-  
r perigo. Mas antes que  
eguemos a este ponto, he  
cessario averiguar outro,  
saber, & distinguir quem  
os inimigos dos Reys?  
rguntando hum Doutor  
Ley a Christo, Senhor  
sso, que havia de fazer pa-  
se salvar? Respondeo o  
nhor, que amar a Deos fo-  
e todas as cousas, & ao pro-  
no como a si mesmo, fan-  
ndolhe primeiro repetir o  
exto: *Diliges Dominum*  
*eum tuum ex toto corde tuo,*  
*proximum tuum sicut te*  
*ipsum.* Porém o Doutor para  
justificar, como diz S. Lu-  
s: *Volens justificare se ipsum:*  
sta mesma resposta de Chri-  
levantou outra questãõ,  
zendo: *Et quis est meus*  
*proximus?* Bem está, que se

ja eu obrigado a amar a meu  
proximo; mas esse meu pro-  
ximo quem he? O mesmo  
digo eu, ou me podem dizer,  
& perguntar a mim. Bem  
provado está, que os Reys tẽ  
obrigação de amar a seus ini-  
migos; mas esses inimigos  
dos Reys quem são? A re-  
posta não he facil, antes tal,  
& de tão mau gosto, que se  
eu a der, como devo, tam-  
bem pôde grangear inimi-  
gos.

241 Começando pelos  
de mais longe, parece que os  
inimigos dos Reys são os que  
lhe impugnaõ o Reyno, os  
que lhe sitiaõ as Cidades, os  
que lhe infestaõ os mares, os  
que lhe roubaõ as Conqui-  
stas, & os outros, que per  
qualquer modo lhe fazem  
guerra. Mas estes não são os  
de q̃ mais propriamente fal-  
la Christo. Os que nos fa-  
zem guerra (posto que a nos-  
sa lingua equivocadamente lhe  
dê o mesmo nome) não se  
chamaõ propriamente *inimi-*  
*cos*, chamaõse *hostes*. *Lumi-*  
*cos* são os inimigos por ini-  
mizade, & odio, como co-  
stumaõ ser os de dentro: *ho-*  
*stes* são os inimigos por ho-  
sti-

Ter-  
tull.

stabilidade, & por guerra, que só pôdem fer os estranhos, & os de fóra. Isto posto, Tertulliano teve para sy, que nenhum Christam podia ser hostile: *Cristianus nullius est hostis*. E persistindo coherentemente nelle seu parecer, chegou a afirmar, que nenhum Rey podia ser Christão, nem algum homem, q fosse Christam, podia ser Rey: *Si Christiani Cæsares esse possent aut Cæsares Christiani*. E que fundamento teve, ou podia ter este antiquissimo Autor, & de muito saõ, & profundo juizo em outras materias ( ao qual S. Cypriano chamava o Mestre ) para ensinar hũa doutrina tam alheia do que hoje se pratica em toda a Christandade? O fundamento que teve, foy o exemplo da humildade, & paciencia de Christo, persuadindose, que as armas do Christão nam podiaõ ser a espada que o mesmo Senhor mandàra embainhar a S. Pedro, senam a mansidão, & a paciencia. E como via pelo contrario, que à obrigação, & officio dos Reys, & Imperadores, eraõ

necessarias as armas, & os exercitos para defender seus Estados, & vingar as injurias que lhe fizessẽ, ou intentassẽ fazer seus inimigos; esta mesma vingança dos inimigos julgou, que excluia da Ley do Evangelho, & os fazia incapazes de ser Christãos: definindo como por conclusã evidente que todo aquelle, que por este modo fizesse mal a seus inimigos, & por consequencia os nam amasse; se fosse Rey, nam podia ser Christão, & se quizesse ser Christão, havia de deixar de ser Rey.

242 Este erro de Tertulliano ( que ainda hoje seguem os Hereges Anabatistas ) se refutou, & desfe publicamente dahi a cento & vinte annos com a conversão, & bautismo do Imperador Constantino Magno, foy o primeiro Principe Christão que ouve no mundo; o qual com tudo senam convertido pelo mesmo S. Pedro, nem por isso desistiu da guerra, & emprezas militares, armando, como dantes, exercitos, dando bat

s, alcançando vitórias,  
quistando Cidades, &  
vincias. Nem daqui se  
ue, q̄ elle, ou outro Em-  
ador, & Rey Christão  
deffe ter odio a seus ini-  
gos, & fazerlhe mal: por-  
que (como bem suppunha  
Ciculliano nesta parte) se-  
de obrar direitamēte contra  
receito expresso de Chri-  
sto, que manda amar, & fa-  
zer bem a todos, & quaer-  
er inimigos: *Diligite ini-  
micos vestros, & benefacite  
qui oderunt vos.*

43 Mas se effes Reys  
Christãos na invasaõ das ter-  
ras de seus inimigos talaõ os  
arrazõs, arrazaõ castellos, es-  
tralaõ Cidade, & derramaõ  
tanto sangue, matando ho-  
mens a milhares, como po-  
dem fazer tudo isto, & amar  
direitamente aos mesmos seus  
inimigos? Eu o direy, & res-  
pondey a huma pergunta com  
certeza. Quando o legitimo  
Juiz segundo o merecimen-  
to dos autos condena à mor-  
te, & a confiscaçam de bens  
um reo, & manda executar  
a sentença, pôde fazer  
tudo sem odio: He certo, que  
nem só sem odio, senão ama-

do muito ao mesmo homem,  
& nam procedendo àquelle  
rigor, senão muito a seu pe-  
sar, & obrigado sómente das  
Leys da justiça, de que he  
ministro. Pois do mesmo  
modo obra o Rey Christam  
na guerra, que faz a seus ini-  
migos, porque naquelles ca-  
sos elle, & só elle he o legiti-  
mo Juiz. Qual cuidais que  
he a mayor dignidade, &  
authoridade do Rey? Por  
ventura o dominio, & supe-  
rioridade suprema sobre tan-  
tas Cidades, & Povos, de  
quantos se compoem hum  
Reyno, ou muitos Reynos?  
Naõ. A mayor authoridade  
& soberania dos Reys, he  
que nas controversias com  
outros Principes estranhos,  
elles sejaõ, & Deos fiasse del-  
les, o serem Juizes em causa  
propria. E como os Reys  
sejaõ Juizes, & Juizes postos  
por Deos em seu lugar; assim  
como o Juiz inferior pôde  
sentenciar o reo a perdimen-  
to da vida, & da fazenda sem  
odio, antes com amor; assim  
o Rey na guerra justa, & jul-  
gada por sua propria auto-  
ridade, pôde mandar matar,  
& despojar seus inimigos;

amandoos juntamente , & obfervando o preceito de os amar : *Diligite inimicos vestros.*

244 Isto quanto à primeira parte do preceito está claro: mas quanto à segunda, ainda parece difficuloso. Porque Christo não só manda , que amemos aos inimigos , fenaõ que lhe façamos bem : *Et benefacite his , qui oderunt vos.* Pois se o Rey Christão com a guerra , & hostilidades della faz a seus inimigos o mayor mal desta vida , antes os dous mayores males , que he despojallos dos bens , que possuem , & da mesma vida , se resistirem ; como pôde estar com isto o não lhe fazer mal ( que não basta ) mas o fazerlhe positivamente bem , que he o q̄ manda o preceito : *Diligite , & benefacite?* Tambem a esta pergunta respôdo com outra dentro no mesmo exemplo. Quando o Juiz entre dous litigantes condena o injusto possuidor , & o executa com violencia , privandoo do que injustamente possuia , fazlhe bem , ou mal? Não ha duvida , que lhe não faz mal , se-

naõ bem ; & o mayor de todos os bens. Porque? Porque o obriga a restituir por força , o que nunca havia de restituir por vontade ; & por meyo desta restituicão , se a qual se não podia salvar o poem em estado de salvacão. Tal he o bem , & grandissimo bem , que os Reys Christãos fazem aos outros Principes seus inimigos quando por meyo da guerra justa , & poderosa recuperam delles as terras , Cidades , & Reynos , que elles , ou seus mayores lhe tinhaõ usurpado. Porque obrigandoos por força a restituir o alheyo , desobrigaõ da restituicão que nunca haviaõ de fazer de grãdo : sendo nestes casos mais venturosos os despojados , vencidos , do que cuidaõ , festejaõ os vencedores. A espada antigamente era a insignia do Juiz , por onde disse S. Paulo : *Non enim sine causa gladium portat :* & como os Juizes inferiores nã tem jurdicão , nem alçada sobre os pleitos dos Reys que elles não pôdem com a espada da justiça , fazem os Reys com a justiça da espada



verdade, que derramaõ  
 sangue, & muito sangue, mas  
 não como o Medico o tira  
 para querer mal, nem fazer  
 mal, assim o podem fazer os  
 Reys: nam por odio, senam  
 por boa vontade, & nam pa-  
 ra matar o corpo mal affe-  
 ctado, senão para o descarregar  
 do humor, que o mata, & o  
 reduzir à saúde. Esta he a  
 desta intençaõ, com que de-  
 se proceder na guerra: todo  
 Rey justo: por duas razões.  
 a primeira para obedecer ao  
 receito de Deo, que he o  
 Senhor dos exercitos: a se-  
 gunda para o fazer propicio  
 das suas armas, que movidas  
 por odio, ou vingança, nun-  
 ca podem ter bom successo.  
 Assim e entendeo, & deixou  
 escrito aquelle tam grande  
 Rey, como Soldado, David:  
*reddidi retribuētibz: mihi  
 mala, deditam meritū ab ini-  
 micis meis inanis.*

dem amar, & devem amar,  
 ainda quando se lhe faz, ou  
 faça guerra. (Materia muito  
 propria do tempo presente,  
 & não menos necessaria a pu-  
 rificar a emulaçam nacional,  
 q̄ entre gente de pouca no-  
 breza, & entendimēto, pas-  
 sa tal vez a ser odio.) Agora  
 recolhendonos dos muros,  
 ou das rayas a dētro, segue-se  
 ver quaes sejaõ os outros, q̄  
 propriamēte se chamaõ *Inimicos*:  
*Diligite inimicos ve-  
 stros.* E supposto que nam  
 fallamos de inimigos em ge-  
 ral, senam dos inimigos dos  
 Reys dentro dos limites da  
 nossa questãõ; huma cousa  
 entendo neste ponto, & ou-  
 tra parece que se nam pôde  
 entender. Entendo, que os  
 inimigos dos Reys neste ca-  
 so nam podem ser outros, se  
 não os vassallos; mas não en-  
 tendo, nem sey como se pô-  
 de entender, nem imaginar  
 (ao menos entre nõs) que  
 haja homem tam indigno, &  
 tam vil, que mereça tam  
 abominavel nome. Se o pri-  
 meiro, & mayor amor des  
 vassallos he o do seu Rey: Se  
 os mortos suspiravaõ por es-  
 te nome, & nelle se susten-  
 tam

tam os vivos? Se para o sustentar, defender, & conservar, todo o outro amor já nam he amor, desprezando-se a fazenda, o sangue, a vida, a mulher, os filhos: como pôde ser, que haja ainda, ou possa haver, nam digo homens, senão monstros, que sejam, & se possam chamar inimigos dos Reys? Eu nam direy quaes são, porque o nam sey entender, como já disse; mas referirey, & me referirey sómente aos que os nomeaõ: & são testemunhas todas legaes, & a quem a opiniaõ do mundo dá grande credito.

246 Entre os Politicos, Xenofonte, Tacito, Caudodoro: entre os Hystoricos, Titolivio, Suetonio, Quinto Curcio: Entre os Filofofos, Seneca, Plutarco, Severino Boecio: Entre os Santos Padres, Hieronymo, Chryfostomo, Gregorio, Agulinhno, Bernardo (deixando os demais) todos só com discrepacia no encarecimêto; dizẽ, & ensinaõ concordemente, q os inimigos dos Reys, & os mayores inimigos são os Aduladores. E supposto que

sejam os Aduladores, como logo se provará largamente onde vivem, ou onde estão encastellados: estes inimigos dos Reys? He certo, q nam são os que lavraõ os campos, nem os que araaõ os maremas, nem os que perfidiaõ as torres, nem os que pleiteaõ nos Tribunaes, nem os que comerceaõ nas praças, nem os que nos todos os outros, que com o trabalho de suas maõs se vem a Republica, & só cõnhecem de Palacio as paredes, & as adoraõ de fóra. Logo se nam são os que sómente as vem de fóra, & devem refer sem duvida os que as frequentam de dentro, verificandose tambem dos Reys o que Christo pronunciaõ geralmente de todos os homens: *Inimici hominis domestici ejus*. Os domesticos, familiares, os que só são admittidos a ouvir, & ser ouvidos, estes são os Aduladores & por isso os inimigos. Assim commenta o Texto Christo S. Bernardino de Siena, declarando, que a razã de serem inimigos os domesticos, he por serem aduladores, & que esta pensãõ, q

graça he a mais pernicio-  
 dos Principes : *Nihil  
 incipi pernitiosius esse po-  
 tuit, quam domesticus inimi-  
 cus, huiusmodi autē sunt adu-  
 tores.* nos sup. osu. l. 1. cap. 1.  
 247 S. Gregorio Ma-  
 no, que depois de grandes  
 cargos politicos nas duas  
 maiores Cortes de Roma, &  
 Constantinopla, foy cabeça  
 e prema de toda a Igreja, &  
 orsy mesmo, & seu juizo,  
 sciencia, & experiencia, húa  
 das mais eminentes cabeças  
 do mundo; nam só diz que  
 os Aduladores secretos são  
 publicos inimigos dos Reys,  
 e nas dá por regra, & cautellá  
 os mesmos Reys, que quan-  
 to virem, que são mayores  
 louvores, com que forem  
 adulados delles, tanto os re-  
 conheçam por mayores ini-  
 migos, & creão, que o são:  
*Tantò maiores hostes credendi  
 sunt, quantò magis laudibus  
 adulantur.* E se isto não vem  
 claramente todos os Reys,  
 e porque he tal o doce ve-  
 neno da lizonja, que entrá-  
 do pelos ouvidos, lhe cega  
 tambem os olhos. Por isso S.  
 Pedro Damiaõ tam pratico,  
 & defengado das Cortes,

que por fugir muito longe  
 dellas, renunciou a purpura:  
 a que compararia os Adula-  
 dores de Palacio? Compa-  
 rou-os às andorinhas de To-  
 bias, as quaes fazendo o ni-  
 nho na sua casa, lhe pagaraõ  
 a hospedagem com lhe tirar  
 a vista. Taes, diz elle, são  
 os Aduladores: *Qui dum adu-  
 lationis oleo audietis caput im-  
 pinguant, interiores oculos, ne  
 solit à luce fruuntur, excæcant.*

248 Santo Agullinhõ,  
 Autor em toda a materia pri-  
 máz, com doutrina tirada da  
 escolha d' ElRey David, en-  
 sina, que ha dous generos de  
 inimigos, huns, que perfe-  
 guem, outros que adulam:  
 mas que mais se ha de temer  
 a lingua do adúlador, que as  
 mãos do perseguidor: *Duo  
 sunt genere inimicorum, perse-  
 quentium, & adulantium, sed  
 plus persequitur lingua adula-  
 toris, quam manus persecuto-  
 ris.* A mão do perseguidor  
 armase com a espada, com a  
 lança, com a seta, com o ve-  
 neno, & com todos os outros  
 instrumentos de ferir, & ma-  
 tar, que a furia, & violencia  
 do fogo acrescentou à dure-  
 za do ferro: & com tudo diz

o mayor Doutor da Igreja, que mais se ha de temer a lingua defarmada do adulator, que todas as armas do preferidor, & inimigo. Mas porque, diram os Palacianos ( como dizem aos da nossa profissão ) que fallou Santo Agustinho como Theologo, & como Santo, & nam como Politico: Ponhamoshe de hum lado a Pitagoras, & do outro a Socrates, que nem foraõ Thelogos, nẽ Santos; mas ambos famosissimos Mestres da Republica mais politica, qual foy a de Athenas. Que diz Pitagoras? *Gaude potius arguentibus, quam adulantibus, & tanquã deteriores inimicis adultores aversare*: Gosta antes dos q̃ te arguem, que dos que te adulaõ, & tem mayor averfaõ aos aduladores, que aos inimigos, porque são peiores. E Socrates q̃ diz? *Adulatorum benevolentia tanquam hostibus dato terga, fuge infortunium*: à benevolencia dos aduladores dalhe logo as costas, & fuge delles como de inimigos, porque te não succede algum infortunio dos que a adulaçãõ traz sempre

comfigo. Creaõ ao menos Socrates, & a Pitagoras, que não quizerem dar credito a Santo Agustinho.

249 Synefio, aquelle i signe Varaõ que compoz livros de Regno, & depois governar prudentissimamente o mundo, com igual zelo & santidade governou, & illustrou a Igreja; escrevendo ao Emperador Arcadio o conselho que lhe dá sobre todos, exhortando a que observe com o primeiro, mayor cuidado, he que não consinta junto a sy aduladores, & se guarde, & vigie d'elles; porque por mais cerca do que esteja de guardas seu Palacio, a adulaçam se sabe introduzir futilissimamente, tem ser sentida, & bastará ella só para primeiro fugeitar, & dominar a elle, depois o despojar do Imperio: *Sola quippe adulatio nunquicquam vigilatibus satellitibus in ima usque conclavibus sensim penetrat, & in perium depradatur*. Coufa difficul tola parece, que tendo Arcadio presidiado o seu Imperio com as Legioens Romanas, & não havendo entar

migo estranho, que com  
derosos exercitos lhe fi-  
se guerra, ouvessem de ba-  
r poucos homens defar-  
dos, para dentro em sua  
propria casa deltruirem o  
operador, & mais o Impe-  
r. Mas tam occulta, &  
derosa guerra he a que faz  
s Principes a adulaçam, &  
n perniciosos inimigos  
ais que todos são os adula-  
res. Ouçam os Politicos  
Texto da sua Biblia. *Adu-  
tio perpetuum malum Regū,  
orum opes sepius assentatio,  
am hostis evertit.* A adula-  
m he aquelle perpetuo  
al, ou achaque mortal dos  
eys, cuja grandeza, opulê-  
a, & Imperios muitas mais  
vezes destruiu a lizonja dos  
aduladores, que as armas dos  
inimigos.

250 Commentando este  
texto de Cornelio Tacito  
outro Cornelio de mayor  
rudicão, de melhor juizo,  
de mais largas experien-  
cias que elle, confirma a  
erdade do seu ditto com a  
alta da verdade, de que só  
merecem os que são senhores  
e tudo: & com os exemplos  
de Nero, Cesar, & Roboam,

todos defestradamente per-  
didos, não por inimigos de  
fora, mas pelos aduladores  
domesticos. *Et quidem Re-  
ges abundant rebus omnibus in  
aula, exceptâ veritate. Quid  
Neronem castissimè educatum  
crudelem fecit? Adulatio.  
Quid Casarem contra patriam  
rebellare fecit? Adulatio.  
Quid Roboam tyrannum red-  
didit? Adulatio.* Nem a  
Roboam aproveitou ter por  
pay a Salamaõ, nem a Nero  
ter por mestre a Seneca, nem  
a Cesar terse esmerado nelle  
a natureza em o dotar de hūs  
espiritos tam generosos, &  
verdadeiramente reaes: para  
que a adulaçam de seus pro-  
prios familiares a hum nam  
corrompessem as virtudes, a  
outro nam despojassẽ do  
Reyno, a outro nam tirassẽ a  
vida, & a todos não destruis-  
sem tam infausta, & misera-  
velmente, como todos sabẽ.  
Esta mesma conclusão infi-  
rãram sobre a liçam de todas  
as Hystorias do mundo a-  
quelles dous grandes Hysto-  
riadores, que em sentença de  
Lipio, depois de Salustio, &  
Livio, merecem os dous se-  
guintes lugares, entre os La-  
tinos

tinios Curcio , & entre os Hespanhoes , Marianna: *Regnum sæpius ab assentatoribus, quam ab hostibus everti solet* : diz Curcio na Hystoria de Alexandre. *Vide hic ut magis adulatio, quam hostis Reges, & Principes perdat* : diz Marianna no Commentario de Oseas. De forte , que tudo o que se sabe por vista , ou por memoria dos periodos , & catastrofes dos Reynos , & dos fins malafortunados dos Reys , & causas delles ; as menos vezes se deve attribuir aos inimigos de fóra , q̄ são os que só se temem ; senam a quem ? Aos lizongeiros , & aduladores de dentro , aos que tem as entradas francas , & as chaves tam douradas como as linguas , aos que participaõ os segredos , & arcanos da Monarchia , & os que só são admittidos a dizer , & a ser ouvidos ; em fim , aos inimigos interiores , & domesticos , que são os que mais se devêram temer.

## §. VI.

251 Antes porèm que refira o que dizem os demais

( pois sómête sou relator neste ponto ) para que se ouça com mayor attençam , & se dê inteiro credito ao que elles disserem ; he necessario socegar primeiro hum escrupulo , ou suspenção , com que estou vendo , que este nome de inimigos dos Reys , ou se reputa por injusta censura , ou quando menos por desconfiado encarecimento. Todavia as pessoas , que os Reys admittem à assistencia mais interior de Palacio , além das qualidades , & talentos , que fazem dignos de tam soberana eleição ; ninguém pode duvidar , que o seu mayor cuidado , & desvello he servir , & agradar ao seu Principe : & que elles são os que mais lhe dezejam a vida , procuram a faude : elles os mais folicitam o bem , a conservaçã , & augmento do Reyno : elles os que de dia , & de noite , sem descansar mais se empregam , & mais trabalham no que mais que tudo importa. E posto que as suas palavras ( como pedem o respeito , & reverência real ) se pronunciem vestidas , ou adornadas com algum daquel

elles enfeites, que popu-  
mente se chamao lizôjas,  
m por isso defmerece o af-  
cto de seus coraçoes o no-  
e de amigos, & verdadei-  
s amigos; com que vem a  
r afronta nam só injusta, &  
lumniofa, mas indigna de  
dizer, nem ouvir, que fu-  
eitos tam illustres, & tam  
aes, sejam chamados inimi-  
os dos Reys, & se lhe appli-  
ue no Texto de Christo a  
enfura de *Inimicos vestros*.

252 Tudo isto digo eu  
tambem, & geralmente assim  
e. Mas porque nesta Re-  
ra, como em todas, pôde  
aver alguma exceiçam, ou-  
amos sobre ella o mesmo  
legislador, que he o melhor  
interprete das suas Leys. E  
assim o mesmo Christo, que  
disse, *Diligite inimicos ve-  
stros*, ferà tambem o que nos  
declare estes inimigos quem  
são, & como o são, & como  
nam podem deixar de o ser.  
*Nemo potest dunbus Dominis  
servire* ( diz Christo ) nin-  
guem pôde servir a dous Se-  
nhores. E porque? Porque  
se tiver amor a hum, hade  
ter odio ao outro: *Aut enim  
unum odio habebit, & alterum*

*diliget*. Supposta esta defini-  
ção infallivel da summa ver-  
dade; pergunto agora: E os  
que servem aos Reys em Pa-  
lacio, a quâtos Senhores ser-  
vem? Se alguns se nam qui-  
zerem lizongear tambem a  
sy mesmos, he força, q̄ con-  
fesssem, que servê a dous Se-  
nhores: ao Senhor Rey, &  
ao Senhor interesse proprio.  
Logo seguefe, que se amaõ  
a hum, tem odio a outro, &  
que se de hum destes Senho-  
res sam amigos do outro sam  
inimigos: *Aut enim unum  
odio habebit, & alterum dil-  
iget*. Notay, que não diz  
Christo: *Unum diliget, & al-  
terum non deliget*: senão: *Unū  
odio habebit, & alterum dili-  
get*. Porque se nam pôde  
servir, & amar a hum, sem ser  
inimigo do outro. E se em  
algum dos que servem ao  
Rey se provasse, que ama  
mais o seu interesse q̄ o Rey,  
provado estava, que este tal  
he inimigo do Rey.

253 O Papa chamafe  
*Servus servorum*: E creyo eu  
que a muitos Reys se podèra  
estender o mesmo titulo sem  
offensa da Sê Apostolica.  
Porque ha tantos, que quei-

rao servir de perto aos Reys? Porque querem, que tambem os Reys os sirvam a elles? Nam digo tanto. Servem aos Reys, porque lhe ferve o fervillo. Arrimase a hera à torre, nam por amor da torre, senam por amor de sy: não porque queira corcar a torre (qas coroas de hera não são as dos Reys) mas porque a hera nam pôde crescer sem arrimo, & ella quer crescer, & subir. Por isso vemos tam subidos, & tam crescidos os que tal vez antes de chegarem a este arrimo, mal se levantavam da terra. Pelo contrário vemos tambem, que muitos se retiraram do serviço do Rey, porque lhe negaram, ou dilataram a subida. Logo ao Senhor interesse he que serviam, & não ao Rey. Sete annos de Pastor servíra Jacob a Laban, pay de Rachel, mas nam servia a elle, servia a ella. E porque servia Jacob a Rachel, & nam a Laban? Porque Rachel era a que amava. Porque amava a Rachel, por isso servia a Laban, & o amor nam está no por isto, está no porque. Porque amão o seu

interesse, por isso servem a Rey. Indigna cousa por certo, que seja o Rey o Laban quando o vil interesse he Rachel. Mas ouçamos a outro melhor Autor.

254 *Stellio manibus nititur, & moratur in adibus Regis.* A aranha, diz Salamao, nam tem pés, & sustenta-se sobre as mãos, morando nos Palacios dos Reys. Bonita fora, que moraram nos Palacios dos Reys, & tiveram nelles grande lugar os que se tem mãos. Mas a aranha nam tem pés, & tem pequena cabeça, & sabe muito bem o seu conto. Sobese a mão ante a hum canto deffas abobadas douradas, & a primeira cousa que faz, he de se tranhar-se toda em finezas. Com estes fios tam finos, que ao principio mal se divisam, lança suas linhas, arma seu teares, & toda a fabrica se vem a rematar em huma rede para pescar, & comer. Taes são (diz o Rey q mais soube) as aranhas de Palacio. Quem vir ao principio as finezas, com que todos se desfazem, & detentranham em zelo do serviço do Principe,



pe, parece que o amor do  
 mesmo Principe he o que  
 unicamente os trouxe alli;  
 as depois que armaram os  
 lares como tecedeiras, & as  
 redes como pescadores, logo  
 descobre, que toda a tea,  
 e mais fina que pareceffe,  
 e urdida, & endereçada a  
 pescar, & nam a pescar mos-  
 cas. E se nam veja se o que  
 os pescam. As melhores  
 commendas, os Titulos, as  
 residencias, os Senhorios, &  
 a vez, diz o mesmo Sala-  
 mão, que sendo a malha tam  
 fiavel, pesca o mesmo do-  
 mador da casa. *Homo, qui blan-  
 ditur a fratribus suis, & a  
 laudibus amicorum suorum,  
 sicut et sermonibus loqui-  
 tur amico suo, rete expandit  
 et percipit eos.* As palavras  
 e mandas do adulator, são re-  
 ceitas, que elle arma para tomar  
 as almas ao mesmo adulado. E  
 este he o artificio sem arte  
 dos adultores reacs. Ser-  
 vem lizozeiramente aos  
 principes, para os ganhar, ou  
 para ganhar a graça, & para  
 se servirem da mesma graça,  
 para os fins que só pretendem  
 os seus proprios interesses.  
 Como por declaraçam do  
 mesmo Legislador do nosso  
 texto ninguem pode servir

a dous Senhores, sem amar a  
 hum, & ser inimigo do ou-  
 tro; provado fica sem repli-  
 ca, & concluido, que quãtos  
 forem em Palacio os amigos  
 de seus interesses, tantos são  
 os inimigos dos Reys.

§. VII.

255 E se elles differem,  
 que são isto discursos, tam-  
 bem eu folgara muito, que  
 não só forão discursos, senão  
 muito mal fundados, &  
 muito falsos: mas no nosso  
 mesmo Texto o *Beneficere*  
 he prova do *Diligere: Dilige-  
 te, & benefacite.* Vejamos  
 pois o bem, ou mal, que os  
 adultores fazem aos Reys,  
 & logo se verá claramente, se  
 os amão, ou são seus inimi-  
 gos. A mayor fatalidade  
 dos Reys, he nascerem todos  
 em signo de ser louvados.  
 Lançou Jacob a benção a Ju-  
 das seu quarto filho, & as  
 palavras por onde come-  
 çou, forão estas: *Juda, tetau-  
 dabunt fratres tui: Judas, ati-  
 louvarám teus irmãos.* Os  
 irmãos erão onze, & muitos  
 delles tiveram muito q̄ leu-  
 var: pelo contrario Judas  
 nam deixou de fazer muitas  
 acções dignas de ser vitupe-  
 ra-

*Genef.*  
 49. 8.

radas. Pois se nos outros ouve também cousas merecedoras de louvor, & em Judas merecedoras de vituperio; porque se dá por bençãõ só a Judas, que elle será o louvado, & que todos o louvarãõ: *Te laudabunt*. Porque Judas, como vimos ao principio, ainda que era o filho quarto, foy o que levou o cetro, & a coroa, & em quem se fundou o direito hereditario da casa, & successão real: & he bençãõ, ou fatalidade dos Reys, que tudo o que fizerem, ou quizerem, ainda que nam seja louvavel, seja louvado: *Te laudabunt*. Se o Rey, como Saul, tomar para sy os despojos de Amalec consagrados a Deos, & os applicar a usos profanos: *Te laudabunt*. Se o Rey, como David, por huma simples informaçãõ suspeitosa, singular, & sem nenhuma legalidade privar do patrimonio a Mephiboseth, & o der ao seu criado Siba: *Te laudabunt*. Se o Rey, como Salamaõ, para edificar soberba, & deliciosamente o bom, ou mau retiro do Libano, derrubar as casas dos poucos podero-

fos, & queimar as choupanas dos miseraveis: *Te laudabunt*. Se o Rey, como Roboam, sobre o jugo pezaquissimo, & intoleravel de seu pay acrescentar tributos sobre tributos, oppressoens sobre oppressoens, & rigores sobre rigores, nadando todo o Reyno em rios de lagrimas: *Te laudabunt*. E quem são os Panegiristas destes louvores? Não são os que padecem o diluvio fóra da arca, nam são os que morão, & morrem fóra das paredes de Palacio: senam os que vivem, & reynão das portas a dêtro. Estes são os aduladores, que louvaõ, o que nam devêrãõ louvar, & applaudem, o q̃ nam devêram applaudir, & ajudãõ o que devêrãõ estorvar attentos sómente a nam desgostar, ou entristecer o agrado, em que tem fundado seus interesses, sem attençaõ ao credito, & à fama, nem ta vez á consciencia dos mesmos Reys, como verdadeiros inimigos: *In malitia suavitificaverunt Regem*.

256 Eu bem creyo de bom entendimêto de alguns que no mesmo tempo, em a lou-

curvaõ, & applaudem com a  
 boca, gemem, & choraõ co-  
 coraçam. Nem elles dei-  
 aõ de o confessar aßim, on-  
 de nam he perigoso o sigillo.  
 Mas como servem mais ao  
 proprio interesse, q̃ ao Rey,  
 esta corvarde depẽdencia he  
 quivoca a dor com a ale-  
 ria, & o coraçãõ com a lin-  
 gua. Caso verdadeiramente  
 lamentavel, & tragico, mas  
 à representado no theatro  
 de Roma. Depois que o  
 Emperador Nero se esque-  
 cõ de sy, & da temperança,  
 & composutura real, em que  
 fora criado, fez tam pouco  
 caso da propria authoridade,  
 & decẽcia, que entre os Ci-  
 tharedos, & Estriõcs sahia  
 no theatro publico a compe-  
 ir com elles em todas as bai-  
 zezas ridiculas daquellas ar-  
 tes, proprias de gente vil, &  
 infame. A este espectaculo,  
 ou ludibrio da mayor fortu-  
 na, assistiaõ todas as Ordẽs,  
 Senatoria, Cõsular, & Eque-  
 stre: assistiaõ os Centurioẽs,  
 os Tribunos, & toda a flor  
 das Legioẽs Romanas: assi-  
 stiaõ principalmente todos  
 os familiares do Palacio Im-  
 perial, & en tre elles diz com

grande ponderaçãõ Tacito:  
*Et mærens Burrhus, ac lau-  
 dans.* Era Affranio Burrho,  
 homem de grave, & madu-  
 ro juizo, Mestre, ou Ayo q̃  
 tinha sido com Seneca do  
 mesmo Nero. E quando to-  
 dos os outros faziaõ grandes  
 applausos às mudanças, sal-  
 tos, & gestos do Emperador  
 Citharedo, como se forãõ  
 outros tantos triumphos; só  
 Affranio estava triste, mas  
 tambem louvava como os  
 demais: *Et mærens Burrhus,  
 ac laudans.* Pois homem, ou  
 animal ( que te nam quero  
 chamar com o nome pro-  
 prio, por nam parecer que o  
 faço appellativo ) se conhe-  
 ces a indecencia, a defautho-  
 ridade, & a afronta do teu  
 Principe; se estãõ engolindo  
 as lagrimas, & afogando os  
 gemidos; porque ao menos  
 naõ emmudeces, & callas;  
 para q̃ veja Nero na tua tris-  
 teza a tua dor, & lea no teu  
 silencio o teu voto? Mas no  
 mesmo tẽpo, em q̃ estãõ ch-  
 rãõ o q̃ cõdenas, has de lou-  
 var o q̃ choras: *Et mærens Bur-  
 rhus, ac laudans:* Sim, que taes  
 sãõ os adulaores de Palacio,  
 ainda os de mayores obriga-  
 ções,

çoês, & de menos corrupto juizo.

257 Huns Authores comparão estes aduladores ao Camaleão, que nam tendo cor certa, nem propria, se reveite, & pinta de todas as cores, quaesquer que sejam as do objecto visinho. Outros os compãrão a sombra, que nam tem outra acção, figura, ou movimento, que a do corpo i terposto à luz, do qual nunca se aparta, & sempre, & para qualquer parte o segue. Outros os cõparaõ ao espelho, retrato natural, & reciproco de quem nelle se vê; porque se lhe pones os olhos, olha para vòs; se rides, ri; se chorais, chora; lagrimas porèm sem dor, & rizo sem alegria: que nam fora o espelho aduldor, se assim nam fora. Mas como o Camaleão, a sombra, & o espelho tudo são assistentes mudos; a comparaçam de Santo Aguilinho he a mais propria, & semelhante de todas; porque os comparou a Echo: *Incundum est, ac volùpe cum clamantibus nobis responsant sylve, & acceptas voces numerosiori reper-*

Aug.

Sermão da

*cussu reddunt. Talis eccho adulator.* O Echo sempre repete o que diz a voz, nem sabe dizer outra coula: & onde as concavidades são muitas, he scena verdadeiramente aprazivel ver como os Echhos se vão respondendo successivamente huns aos outros, & todos sem discrepância dizendo o mesmo. Como que disse a primeira voz, he o que todos uniformemente repetem. E isto que fez a natureza nos bosques, faz a adulaçam nos Palacios, diz Aguilinho. Diz o Rey, que quer fazer huma guerra: & ainda que a empreza seja pouco provavel, & o successo de perigosas consequencias; que respondem os Echhos? Guerra, guerra, guerra. Diz, que quer fazer huma paz; & ainda que a occasião seja intempetiva, & os pactos, & condiçoens pouco decorosas; que respondem os Echhos? Paz, paz, paz. Diz, que quer enriquecer o erario, & para isso multiplicar tributos, & ainda que os fins, ou pretexto tenham mais de vaidade, que de utilidade; que respondem os

Echhos

Primeira sexta feira da Quaresma.

237

chos? Tributos, tributos, tributos.

258 E para que eu tam-  
m acrefçete a minha com-  
reçam, são parecidos os  
muladores aquelles quatro  
indes do Apocalypse, os  
aes cercavaõ o Trono do  
ordeiro dominador da ter-  
& tẽdo cada hũ delles qua-  
o rostos, & quatro linguas,  
em huma cousa dizião, nem  
biaõ dizer, senam Amen:

*et quatuor animalia dicebant,*  
*amen.* Pois para isto assi-

em ao Trono; para isto os  
junto a sy o supremo Do-  
nante? Para isto tanta di-  
ersidade de rostos, & tanto  
aparato de linguas? Sim,  
para isto, & só para isto; para  
quando sair do Trono a voz,  
elles dizerem os Amens. E  
para q̃ os Amens digaõ com  
rosto, & o rosto nam desdi-  
a do que elles dizem; por-  
to sendo a voz huma só, os  
rostos são muitos, & tam-  
arios, quantos podem ser os  
fectos da Magestade adu-  
da. Se o Rey ella benigno;  
humano; para isso tem ro-  
o de Homem: *Facies bo-  
vis*: Se ella colerico, &  
ado; para isso tem rosto de

Leão: *Facies leonis*: Se ella  
sobrelevado, & altivo; para  
isso tem rosto de Aguia: *Fa-  
cies aquila*: Se ella malenco-  
nico, & carregado; para isso  
tem rosto de Bezerro: *Facies  
bovis*. Em fim muitos rostos,  
& huma só voz; porque sem-  
pre a lingua, & os gestos es-  
taõ aparelhados, ou na von-  
tade declarada para a apro-  
var, ou na inclinaçam só pre-  
sumida para a prevenir.

§. VIII.

259 A intençaõ recta  
dos Principes nam he ella,  
senam que cada hum diga li-  
vremente o que entende, &  
aconselhem o que mais im-  
porta; mas como o Norte  
sempre fixo do adulator he  
o interesse, & conveniencia  
propria, nenhum ha que se  
fie deste seguro real, & todos  
temem arriscar a graça, onde  
tem posta a esperança. Di-  
zia Seneca ( & dizião que  
obrava ) que antes queria of-  
fender com a verdade, que  
agradar com a lizonja: *Ma-  
luerim veris offendere, quam  
placere adulando.* Mas quem  
era Seneca? Era aquelle gran-  
de

de Estoico, em cuja estima-  
 ção a mayor riqueza era o  
 desprezo de todas. Era tam  
 opulento o seu patrimonio,  
 que só elle podêra fundar, &  
 enriquecer muitas casas, &  
 tam grandes como as que ho-  
 je são titulares: & tudo re-  
 nunciou Seneca, & applicou  
 ao Fisco Real. E quem com  
 a sua fazenda quer crescer  
 os thesouros do Rey, es-  
 colhe antes offender com a  
 verdade, que agradar com a  
 adulaçam. Porém aquelles,  
 que com os thesouros do  
 Rey querem acrescentar a  
 sua casa, & enriquecer a sua  
 pobreza, ou a sua vaidade, q̃  
 se pôde crer, ou esperar, que  
 fação? Que digão sincoenta  
 lizonjas para grangear huma  
 Commenda, & que nam se  
 atrevaõ a dizer meya verda-  
 de, por se não arriscar a per-  
 dèlla. Oh Reys, oh Monar-  
 chas do mundo, que por esta  
 causa, & só por esta, he di-  
 gna de compaixão a vossa  
 suprema fortuna!

260 O Psalmo *Miserere*  
*mei Deus* nam só o fez Da-  
 vid para lamêtar a sua mise-  
 ria como peccador, sênham  
 tambem como Rey. Esse foy

o seu pensamento; & o seu  
 sentimento, quando disse  
*Tibi soli peccavi*: Eu, Senho-  
 r, só para vós pequey. E por-  
 que só para vós, & nam pa-  
 ra os outros? Porque só vós  
 estranhastes o meu peccado,  
 porque fuy peccador: & não  
 nenhum dos outros mo es-  
 tranhou; porque era Rey. E  
 proprios termos Hyfichio  
*Quoniam reliquis omnibus*  
*tanquam Regi indulgentibus*  
*solus Deus misit Nathan,*  
*nefarium scelus reprehendit.*  
 O peccado de David só para  
 Deus foy peccado; porque  
 para todos os outros, como  
 era Rey, foy indulgencia.  
 Eis aqui de que serve a  
 Reys, o ser Reys, & quam  
 zongeiramente o servem  
 que o servem. Se algum  
 vez na antecamara de Davi  
 (onde elle o nam ouvisse)  
 tocou no seu peccado, o que  
 os Palacianos discorriaõ, e  
 desta maneira. Que o amo-  
 de Berzabê fora hum galã-  
 teio de Principe Soldado,  
 que o casarse com ella, foy  
 huma honrada restituçaõ  
 da sua fama: que o mara-  
 Urias fora hũ côselho necesse-  
 sario, prudente, & generoso.

Primeira sexta feira da Quaresma.

239

peroso; porq̃ o fez morrer bremente na guerra: pronte; porque pareceo aca- que foy industria: & ne- tario; porq̃ o modo mais puro de sepultar o agravo, meter debaixo da terra o gravado. Tam levemente fallava em Palacio em hu- so mais que escandaloso, roç: chamando ao adulte- o galanteio, ao homicidio- ceidade, & à aleivozia- udencia. No Capitulo oi- vo do segundo Livro dos oys se nomeaõ as peffas, que constava a casa; & fa- illia superior de David: & e coufa, que excede todo encarecimento da lizonja; e em tantos homẽs de tam grandes calidades, & suppo- çõens, se não achasse nem um só, que ou por zelo da onra, ou por escrupulo da onfciencia, ou por obriga- am do officio, ou por me- moria de beneficios, & mer- ces recebidas, se atrevesse a acudir a hu Rey na sua defe- raça, & lhe abrisse os olhos om a verdade em tam peri- oza cegueira. Por isso elle considerando o seu desem- paro, & conhecendo o risco

da própria salvação, orava, & clamava a Deos, dizendo: *ps. 11.*  
*Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutæ sunt veritates à filiis hominum:* Salvayme vós, Senhor, acudime, & socorrey-me, como Deos; porque entre os homens já não achonem hum só, que tenha vir- tude, & valor para me dizer a verdade.

261 Dous porques apõ- ta David nestas palavras, muito dignos de reparo: por- que faltaraõ os Santos: *Quo-* *ps. 11.*  
*niam defecit Sanctus:* & por- que faltaraõ homens, que com inteireza lhe dissessem a verdade: *Quoniam diminutæ sunt veritates à filiis hominum.* Filij hominum em frate da Elcritura significa os homens de illustre geraçaõ, quaes são os que assistem ao lado dos Reys: & de lhe faltará estes, se lamenta David. Pois por- que faltaram os Santos, por isso nam ha quem falle ver- dade aos Reys: Sim: de hum porque se segue o outro por- que. Porque faltaram os Sa- tos, que são os que não que- rem nada deste mundo; essa he a razaõ porque David, &

os outros Reys nam tem que lhe diga a verdade, estando cercados de tantos, que os lizongeaõ, & adulaõ. Até entre os Gentios era verdadeira esta consequencia. Entre os Gentios tambem, por seu modo, havia santos, os quaes eraõ os Filozofos, principalmente Estoicos, & Cínicos. Diogenes Filozofico Cínico queria tam pouco das coufas deste mundo, que nem huma choupana tinha em q̄ viver, & morava dentro em huma cuba. Foy o ver, por maravilha, Alexandre Magno: & dizendolhe com sua natural magnificencia, que pedisse quanto quizesse: que responderia Diogenes? Peçote, que me não tires o que me não podes dar. E disse isto, porque era Inverno, & Alexandre com a sombra do corpo lhe tirava o Sol. Parecevos, que adularia aos Reys hum homem, que tam pouco queria delles? Bem o mostrou em huma famosa reposta sua, que refere Valerio Maximo. No tempo, em que reynava Dionysio em Sicilia, estava Diogenes à porta, ou à boca da sua cuba

lavando humas hervas para comer, & disse-lhe hum d'aque que passavaõ: Se tu adularas a Dionysio, nam comeres hervas. E elle respondêo: se tu te contentaras com comer hervas, nam adularas Dionysio: *Si tu Dionysio adulari velles, ista non ederes*: cui respondit: *Si tu ista edere velles, Dionysio adulari nolle*. Porque os Reys se nam servem de homens, que se contentem com comer hervas: por isso estaõ comidos de aduladores, & cercados de inimigos: *Quoniam defecit sanctus*. Para ser santo de tal genero nam he necessario, faça milagres o que serve a Rey; basta ser homem, que se contête com o seu pouco, & nam aspire a ter mais do que tem, nem a ser mais do que he.

262 Mas se ha algum destes ( que sim ha ) o primeiro cuidado dos quatro animaes, que estaõ *in circuitu throni*, & nelle tem cercados ou sitiados os Reys; o primeiro, & mayor cuidado do aduladores he, que Dionysio nam ouça a Diogenes, antes se assente contra elle tod



relharia, para quem nam  
ceda romper as linhas da  
cumvallação, & por for-  
ou por vontade se retire  
uito longe da Corte. He  
to, & caso expresso da  
critura sagrada, não já em  
mem Filosofo, senam  
ofeta. ElRey Ieroboam  
pois da divisaõ das Coroas  
Israel, & Iuda tinha o seu  
lacio em Bethel, & junto  
lle a Mesquita, que edifi-  
ra aos dous Bezerras de  
iro, para divertir o Povo  
irem sacrificar ao Templo  
Jerusalem. Vivia na mes-  
a Cidade de Bethel o Pro-  
ta Amòs, o qual dizia a Ie-  
roboam algumas verdades  
que Deos lhe revelava  
erca daquelle Reyno, &  
u perigo. E como os adu-  
dores de Ieroboam se te-  
effem da efficacia, & ener-  
a de Amòs, ao qual calum-  
avaõ com o Rey, que to-  
lmente lhe não tinha per-  
do o amor, & reverencia;  
um delles chamado Ama-  
as se foy ter com o Profeta,  
lhe disse em termos de a-  
izade estas palavras: *Qui*  
*ides gradere, fuge in terram*  
*nda, & comede ibi panem, &*

*prophetabis ibi. Et in Bethel*  
*non adjicies ultra, ut prophetes,*  
*quia sanctificatio Regis est, &*  
*domus Regni est. Quer dizer:*  
Tu Amòs, que ves os futu-  
ros, poemte logo a caminho,  
& fuge daqui, & vayte para  
a tua patria, là comeràs o teu  
paõ, & profetizaràs: po-  
rèm aqui não te aconteça  
fallar mais palavra, porque  
Bethel he a casa, & Palacio  
do Reyno, & a santificaçam  
do Rey. Reparay muito ne-  
sta ultima clausula, que em  
moral, & politico sentido  
fecha admiravelmente todo  
o nosso discurso. *Quia san-*  
*ctificatio Regis est, & domus*  
*Regni est.* De maneira, que  
exhortando Amasias ao Pro-  
feta Amòs, ou cominando-  
lhe, que se say a Corte, &  
fuja della; o motivo, q allega  
para isso, he que a casa, & Pa-  
lacio Real he a santificaçam  
do Rey. E porque? Nam  
podèra melhor definir hum  
adulador o que he Palacio.  
He o Palacio na definaçam  
dos aduladores a santifica-  
çam do Rey, porque alli são  
santificados es Reys, & to-  
das suas acçoens: & quanto  
o Rey faz, ordena, dezeja;

Q ou

ou imagina, tudo he fanto. Se Ieroboam se divide de Roboam seu legitimo Senhor, ainda que seja rebelião; fanto: Se prohibe ao Povo, que appareça no Têplo de Ierusalem tres vezes no anno, ainda que seja contra a Ley expressa de Deos; fanto: Se levanta altares aos Bezerras de ouro, & os mada adorar, ainda que seja manifesta, & publica idolatria; fanto. E porque tũ Amôs ( diz Amasias ) aconselhas outra cousa ao Rey contra o que todos seus criados lhe aprovamos, & não queres ajuntar a tua voz com as nossas, dizendo tambem conosco, fanto, fanto, fanto, não sô não has de entrar mais em Palacio, mas sair logo da Corte, e de todo o Reyno: *Grådere, & fuge in terram Iuda: & in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes.*

263 Tal he a sagacidade dos aduladores, & sua potencia. E tam tyrannizadas andão entre elles as mesmas Magestades aduladas; que nam só lhe nam dizem a verdade, nem querem que outros lha digão; mas afastaõ,

& lançaõ muito longe Corte a todos os que lha pedem dizer. Não he isto manifesta tyrannia? Biantes hum dos sete Sabios da Grecia, perguntado qual era animal mais venenoso? Respondêo, que dos bravos tyranno, dos mansos o adulador. Em chamar veneno adulação, acertoulhe o nome; mas em distinguir o tyranno do adulador, não differe bem; porque todo o adulador he tyranno. O mayor tyranno, que ouve no mundo, foy Herodes; mas os seus aduladores ainda foram mayores tyrannos: porque Rey foy tyranno dos vassallos, & os aduladores foram tyrannos do Rey. O Texto de Michêas, que lhe explicaõ acerca do nascimento do novo Rey, falla expressamente de dous nascimentos do Messias, hum temporal como Homem, & outro eterno como Deos: o temporal como Homem: *Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum:* o eterno como Deos: *Et egressus ejus ab initio, diebus æternitatis.* E os aduladores, que fizeraõ? Calla

totalmente o segundo nascimento, & só fizeraõ menção do primeiro, com que ganou Herodes, & suppondo que o nascido em Betlem era somente homem, & não Deos, entendéo, que o podia matar; & assim se deu a morte dos Innocentes. Mas qual foy o motivo deste engano? O que os aduladores tem em todos os seus, e he o proprio interesse. Finalmente S. João Chrystomo: *In adulationem protò Regis, ut ad humanæ gratiæ lucrum veritatis dampnarentur.* Sendo a materia tam grave, & a mais grave que podia haver, pois envolvia a coroa, & a salvação, não duvidáraõ com tudo os aduladores de mentir, & lisonjear ao Rey, para que os honros da verdade fossem lucros do interesse: *Ut ad humanæ gratiæ lucrum damna veritatis proficerent.* Tam certa he a proposição do mesmo assumpto, & tam verdadeira, & solida a razão fundamental delle: que todos os que em Palacio são inimigos do seu interesse, são inimigos dos Reys: *Inimicos vestros.*

## §. IX.

264. Supposto pois que os aduladores são inimigos dos Reys, & os Reys como todos os outros Christãos té tambem obrigação de amar a seus inimigos, & fazer-lhe bem; seguíale agora exhortar os Principes a este amor, & beneficencia: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.* Mas este meu Sermaõ hoje ferá a primeira oração Evangelica, q̄ contra todas as Leys da Rethorica acabará sem peroração. Se a Christandade de todos os Principes Catholicos na observancia deste preceito de Christo he tam commua geralmente, & tam notoria, q̄ sendo os aduladores de Palacio os seus mayores inimigos, esses são os mayores validos, os mais favorecidos, & os mais amados conforme o *Diligite*; & esses os mais cheios de honras, merces, & beneficios conforme o *Benefacite*; nenhum lugar nos fica para a peroração do discurso, pois os mesmos exemplos deste amor, & be-

beneficencia real excedem todos os limites da efficacia, a que se podia estender a exhortação. Assim viramos estimados, premiados, & fatisfeitos os que nam servem à sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeyros de prata, senão ao Sol, & ao frio, lidando com as ondas, & com as balas.

265 Huma só investiva me occorria para poder acabar o Sermão, mas essa contra ElRey David, estrañhandolhe, & reprehendendo muito o modo tão alheio desta charidade, com q̄ elle tratava aos adulladores seus inimigos. No Psalmo sessenta & nove diz David estas palavras, ou as torna a repetir; porque já tinha dito ás mesmas no Psalmo trinta & nove: *Avertantur retrorsum, & erubescant, qui volunt mihi mala: avertantur statim erubescentes, qui dicunt mihi, euge, euge.* Primeiro que tudo se deve advertir em confirmação do que fica dito, que aquelles, *qui dicunt mihi, euge, euge,* são os mesmos, *qui volunt mihi mala,* porque adular he querer mal, & ser

adulador he ser inimigo: quãtos são os euges, que v̄ dizem, tantos são os males que vos querem. E a estes aduladores, que David reñhecia por seus inimigos, que he o que lhe fazia, ou se lovia fazer; como Rey? Quanto cousas. Primeira: que experimentassem a grande aversão q̄ lhes tinha: *Avertantur, avertantur.* Segunda: que logo, logo sabissem a sua casa & não apparecessem mais em sua presença: *Avertantur statim.* Terceira: que não fossem adiantados e nada, senão abatidos, & atrazados: *Avertantur retrorsum.* Quarta, & ultima: que pois se não envergonhãra de ser aduladores, padecessem a vergonha de ser conhecidos publicamente, & tratados como taes: *Avertantur & erubescant: Avertantur statim erubescentes.* Isto he David, o que v̄s fazieis aos aduladores, v̄sdes inimigos como Rey; mas não he isto o que lhe devieis fazer como Profeta, que tam clara luz tivestes do Evangelho de Christo. Pois se Christo vos manda, que ameis a vossos

*Psal.*

69.4.

*Psal.*

39.15.

Amigos : *Diligite inimicos vestros* : como vós os aborreis tanto , que os não podeis ver , & os lançais de vossa casa , & de vossa presença ? E se Christo vos manda , que lhe façais bem : *Et benefacite his , qui oderunt vos* : como vós não fazeis tanto mal , que os frontais , & envergonhais , não secretamente , mas com fama publica : que para vós mens que tiverão tam honrados postos , he o mayor vicio ?

266 Responde David , a investiva , que eu fazia contra elle , revolta elle contra mim. E tu , Prêgador , es Philosopho , & Theologo , & não nam fabes a definição do amor ? *Amare , est velle num alicui* : Amar , he querer bem àquelle a quem se ama. E que mayor bem posso eu querer a hum adulator , que fazer , que nam continue em tam vil exercicio ? E que mayor beneficio pôde esperar de mim hum amigo do meu interesse , & inimigo da verdade , que tiralo da occasião de fazer traiçoens à minha verdade , & a vender inamicamente pelo interesse ?

Se elles adulandome sam meus inimigos , mayores inimigos são de sy mesmos ; & eu quero , que cessem deste odio , que se tem , tanto mayor , quanto menos conhecido. E se adulandome podem fazer mal ao meu governo , & à minha coroa , muito mayor he o mal , que se fazem às suas consciencias , & às suas Almas ; & eu quero , que desistaõ deste grande mal contra seu gosto , pois o não haõ de fazer por vontade. Se Affuero , depois que conhecido a cubiça , & falso amor de Aman , o lançara de sua graça , & de sua casa , nam chegara elle a ser tam mofo , que viesse a morrer em hum pão ; & o que aquelle Rey nam soube fazer a tempo as seus adultores , faço eu logo aos meus sem os dissimular ; porque os amo , & lhe dezejo o verdadeiro bem , & quero observar nelles o preceito de Christo : *Diligite inimicos vestros , & benefacite his , qui oderunt vos*. Deste modo rebatêo David a minha investiva , & ajuntando eu ao exêplo , que me allegou , de Aman , o de Seyano

em Roma ; o de Oliváto em França , o de Volfeu em Inglaterra , o de Alvaro de Luna em Hespanha, & os da antiga , & fresca memoria no nosso Portugal ; conheci a verdade sobrehumana da razão de David, & fiquy convencido della.

267 Mas porque eu em todo este Sermaõ só professey , & protestey referir , & nam ajuizar ; posto finalmente agora entre dous extremos tam contrarios, como o d'El-Rey David , & o dos outros Reys : acabarey com o exemplo do primeiro Fundador da nossa Corte , o qual entre hum , & outro extremo tomou hum tal meyo de composçam , que parece satisfez a ambos. E que meyo foy este ? Ouvir os aduladores, mas nam se mover por elles. S. Pedro Damiaõ , & outros Santos compãraõ os aduladores às Serêas ; as quaes com a suavidade das suas vozes de tal modo encantavaõ os navegantes , que voluntariamente se lançavaõ, & precipitavaõ às ondas , & se afogavaõ no mar , em que ellas viviaõ. Ouve de passar por

este mesmo mar ( que era juto a Scilla , & Caribdes ) Fundador de Lisboa Ulysses , & usando da sua sciencia , & sagacidade , que fez Navegava em huma fermogallè da Grécia , & para que a chusma não faltasse à voz dos remos , nem a outra gente nautica à mareação de vellas , & todos escapasse do encanto das Serêas , tapoulhes a todos os ouvidos de tal sorte , que as não ouvissent. Elle porém para que podesse ouvir as vozes , deixou os ouvidos abertos , para não padecer os efeitos do encanto , nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandouse atar ao masto tam fortemente , que ainda que quizesse , não se podesse bulir , nem mover. Elle he a hystoria , ou fabula , engenhosamente fingida por Homero , para ensinar , que os varoens sabios, & constantes como Ulysses , ainda que ouvem os aduladores , & o contraponto doce das suas lizoizas ; nem por isso se hão de deixar vencer de seus enganos , & artificios , mas persistir, & cõtinuar a derrota ce

sem mudar, deter, nem  
cer a carreira do bom go-  
rno. Assim o poderá fazer  
mbem, quem tão confiar,  
presumir de sua constan-  
a, & não conhecer, que isto  
esmo, ainda sómente ditto,  
fabula. Mas se eu tivera  
thoridade para emendar a  
omero, & confiança para  
conselhar a Ulysses; nam o  
avia de querer com os ou-  
idos abertos, & as mãos ata-

das, senão com os ouvidos  
tápadados, & as mãos soltas.  
Porque com os ouvidos ta-  
padados não daria entrada à a-  
dulação, & com as mãos sol-  
tas seriaõ todas as acçoens  
suas, & como suas verdadei-  
ramente reaes. Deste modo  
se conquista no mundo a fa-  
ma immortal, & se assegura  
tambem no Ceo a Gloria  
eterna.



## S E R M A M

D E

## SANTA THERESA

NO COLLEGIO DA COMPANHIA  
de Jesu da Ilha de S. Miguel :A VENDO ESCAPADO O AUTOR D  
hum terrivel naufragio, & apertado àquella Ilha.

---

*Quinque autem ex eis erant fatuae, & quinque  
prudentes. Matth. 25.*

§. I.

268



Quantas vezes  
os q̄ parecêram  
acaños, foraõ  
conselhos al-  
tíssimos da Pro-  
videncia Divi-  
na ! Acafo parece que estava  
Christo encolado sobre o po-

ço de Sichar : & era conselhe-  
ra da Providencia Divina ; por-  
que havia de chegar alli lã n. u.  
lher (a Samaritana) que se ha-  
via de converter. Acafo pare-  
ce que entrava Christo pela  
Cidade de Naim : & era con-  
selheira da Providencia Di-  
vina ; porque havia de sai-  
r dall



lli hum moço defunto, que  
avia de refuscitar. Acafo  
parece que passava. Christo  
elas prayas do mar de Gali-  
a: & era conselho da Pro-  
videncia Divina; porque ha-  
ia de chamar dalli a dous  
escadores, que deixadas as  
redes, & o mundo, o havião  
de seguir. Parece-me, Senho-  
res, que me tenho explica-  
do. Acafo, & bem acafo,  
portey às prayas desta Ilha:  
acafo, & bem acafo entrey  
elas portas desta Cidade:  
acafo, & bem acafo me vejo  
hoje neste pulpito: que he  
verdadeiramente o peço de  
parchar, onde se bebem as  
aguas da verdadeira doutri-  
na. E quem me disse a mim,  
em a vós, se debaixo destes  
casos se occulta algum gran-  
de conselho da Providencia  
Divina? Quem nos disse, se  
haverà nesta Naim algum  
mancebo morto no seu pec-  
ado, que por este meyo ha-  
ia de refuscitar? Quem nos  
disse, se haverà nesta Sama-  
ria alguma mulher de vida  
perdida, que por este meyo  
de haja de converter? Quem  
nos disse, se haverà nesta Ga-  
lilea algum Pedro, ou algum

Andrè, engolfados no mar  
deste mundo, que por este  
meyo hajaõ de deixar as re-  
des, & os enredos? Bem vejo  
que a força dos ventos, & a  
violencia das tempestades  
foy a que me trouxe a estas  
Ilhas, ou me lançou, & arre-  
meçou nellas. Mas quem  
põde tolher ao Autor da gra-  
ça, & da natureza, q̄ obre os  
effeitos de huma pelos instru-  
mentos da outra: & que com  
os mesmos ventos, & tem-  
pestades faça naufragar os  
remedios para soccorrer os  
perigos? Obrigado da tem-  
pestade, & do naufragio che-  
gou S. Paulo à Ilha de Mal-  
ta, & do que alli entãõ prê-  
gou o Apóstolo, tiverãõ  
principio aquellas religiosas  
luzes, com que hoje se alu-  
mia, & se defende a Igreja.  
Bem conheço quam falto  
estou da eloquencia, & mui-  
to mais do espirito de Sam  
Paulo; mas na occasiam, &  
nas circumstancias presentes,  
ninguem me poderà negar  
huma grande parte de Prê-  
gador, que he chegar a esta  
Ilha vomitado das ondas.

269 Huma das cousas  
mais admiraveis, ou a mais  
ad-

admiravel de todas as que se lem em materia de prêgação, he o grande, & universal fructo, que fez a do Profeta Jonas em Ninive. As maldades da Cidade eraõ as mais enormes, o povo gentilico, & sem fé, o Prêgador estrangeiro, & não conhecido, o Sermão brevissimo, desfarrado, & seco, sem prova de razão, nem de Escritura: & com tudo, que este Sermam, & este Prêgador convertesse o Rey, & a Corte, & a populossima Cidade a huma penitencia tam geral, tam extraordinaria, tam publica? Mas era Jonas hum Prêgador vomitado das ondas. Prêgava nelle a tempestade, prêgava nelle a Balêa, prêgava nelle o perigo, prêgava nelle o assombro, prêgava nelle a mesma morte, de que duas vezes escapara. Por certo que não foy tam grande a tempestade de Jonas, como a em que eu, & os companheiros nos vimos. O navio virado no meyo do mar, & nõs fóra delle pegados ao costado, chamando a gritos pela misericordia de Deos, & de sua Mãe. Não apparecêo

alli Balêa, que nos tragasse, mas appareceo (naõ meno prodigiosamente naquell ponto) hum desses monstro marinhos, que andaõ inferstando estes mares: Elle nos tragou, & nos vomitou depois em terra. Vomitado assim em terra Jonas, o thema que tomou, foy: *Ahuc quadraginta dies & Ninive subvertetur*. Daqui a quarenta dias se ha de soverter Ninive. Em terra, onde os terremotos são tam continuos, & tam horrendos: em terra onde os mōtes são vivos, & com mem, & se sustentão de suas proprias entranhas, & estã lançando de sy os incendios a rios: em terra onde o fogo he mais poderoso que o meyo mar Oceano, & levanta no meyo delle Ilhas, & delas faz Ilhas: em terra onde povoaçoens inteiras em hum momento se viraõ arruinadas, & sovertidas; que thema mais proposito que o de Jonas *Ahuc quadraginta dies & Ninive subvertetur*? Se Ninive se sovertesse, seria milagre, & castigo; mas se se sovertesse (o que Deos não permittirá) esta Cidade, po-

fer castigo sem fer mila-  
c. Suppoitas todas estas  
circunſtancias, muy a propo-  
o vinha o thema ao Prêga-  
or, & ao lugar; mas he o  
a muy de feita para assum-  
o tam triste, & tam fune-

270 Gloriosa Theresã,  
erra onde vòs estais, & onde  
deveção dos moradores tan-  
vos venera, segura pôde  
tar de ser sovertida. Con-  
vertida sim, sovertida nam.  
or meyo de Jonas conver-  
são Deos a Ninive: & era  
Jonas tam imperfeito na-  
uelle tempo, que desobe-  
ecia a Deos, & fugia delle.  
Mas tanto pôde a força da  
Graça! Quando vòs, Santa,  
viveis na terra, o mayor em-  
prego de vossas oraçoens, era  
encomendar os Prêgadores a  
Deos, para q̄ convertessem,  
& levassem a elle muitas Al-  
mas, como vòs levastes tan-  
tas. Oh quem merecera nes-  
ta hora hum rayo da vossa  
luz, & hum aspro do vosso  
espírito! Não he menor ho-  
je a vossa charidade, nem  
menos poderosa a vossa va-  
lia. Entecedey, gloriosa  
Virgem, com a Virgem, &

Máy de vosso Esposo, para  
que me alcance do seu esta  
graça. Bem sabcis, Santa, que  
graça he a que eu dezejo: não  
aquella graça, que faz soar  
bem as palavras nos ouvi-  
dos, não aquella graça que  
deleita, & suspende os entê-  
dimentos, senão aquella gra-  
ça, que acende as vontades,  
aquella graça que abrandã,  
que rende, que fere, que in-  
flamma os coraçõens. Desta  
graça nos alcançay da Virgẽ  
Santissima quanta ella ve que  
ha mister a dureza de nossas  
Almas, & a frieza da minha.  
*Ave Maria.*

§. II.

*Quinque autem ex eis erãt fa-  
Mair.  
tue, & quinque prudentes. 25. 2.*

Com os olhos no Ceo, 271  
com os olhos na terra,  
& com os olhos no Evange-  
lho determino prêgar hoje;  
que he o modo com que nas  
festas dos Santos se deve prê-  
gar sempre. Deve-se prêgar  
com os olhos no Ceo, para  
que vejamos o que havemos  
de imitar nos Santos: deve-se  
prêgar com os olhos na ter-  
ra,

ra, para que saibamos o que  
 havemos de emendar em nos :  
 & deve-se pregar cõ os olhos  
 no Evangelho , para que o  
 Evangelho , como luz do  
 Ceo na terra, nos encaminhe  
 ao que havemos de emendar  
 na terra , & ao que havemos  
 de imitar no Ceo. O que ho-  
 je nos poem diante dos olhos  
 o Evangelho , são dez Vir-  
 gens , cinco nescias , & cinco  
 prudentes : & isto he o que  
 dizem as palavras , que pro-  
 puz : *Quinque autem ex eis*  
*erant fatuae , & quinque pru-*  
*dentes.* Mas quando olho  
 ( cousa notavel ! ) quando ol-  
 ho para as Virgens prudentes  
 com os olhos no Ceo , &  
 quando olho para as nescias  
 com os olhos na terra, vejoas  
 com os appellidos trocados.  
 As prudentes vistas com os  
 olhos no Ceo , parecemme  
 nescias : & as nescias vistas  
 com os olhos na terra , pare-  
 cemme prudentes. Isto he  
 o que se me affigura hoje , &  
 esta será a materia do Ser-  
 mão : que as prudentes vistas  
 com os olhos no Ceo , foraõ  
 nescias : & que as nescias vi-  
 stas com os olhos na terra fo-  
 raõ prudentes. Mais claro.

Que as virgens prudêtes cõ  
 paradas com Santa Theresã  
 foraõ nescias : *Quinque ex eis*  
*erant fatuae* : & que as Vir-  
 gens nescias comparadas cõ  
 nosco , foraõ prudentes : *Et*  
*quinque prudentes.*

## §. III.

272 A primeira cousa  
 em que as Virgens prudentes  
 comparadas com Santa Theresã  
 foraõ nescias , he, que as  
 Virgês prudentes dormiraõ  
 quando tinhaõ obrigação de  
 vigiar : & Santa Theresã vi-  
 giou quando tinha seguran-  
 ça para dormir. A obriga-  
 ção que todas as Virgens ti-  
 nhaõ de vigiar , declarou  
 Christo no fim do Evange-  
 lho , quando disse : *Vigilate*  
*quia nescitis diem , neque ho-*  
*ram* : Vigiai , porque não  
 sabeis o dia, nem a hora. Mas  
 poderà alguém replicar , &  
 não sem fundamento, q̃ estas  
 Virgens , ainda que não sa-  
 biaõ a hora , ao menos sabião  
 o dia , porque foraõ convi-  
 dadas para o dia das vodas.  
 Com tudo he certo , que não  
 sabião, nem o dia, nem a ho-  
 ra : não sabião a hora em que  
 ha-

via de vir o Esposo ; por-  
 e havendo muito que es-  
 ra vaõ, veyo à meya noite :  
*Mediâ autem nocte* : & não fa-  
 raõ o dia ; porque quem  
 veyo à meya noite ; se viera  
 um pouco antes , vinha em  
 um dia ; & se viera hum pou-  
 co depois , vinha em outro.  
 como o Esposo veyo ao  
 ponto da meya noite, em que  
 um dia natural acaba, & o  
 outro começa, ainda depois  
 de vir, não se sabe em q̄ dia  
 veyo. Não se sabe se foy no  
 dia dantes : ou no dia de de-  
 pois : nem se sabe se foy em  
 ambos os dias, ou em nenhum  
 delles ; porque o ponto da  
 meya noite he instante , &  
 quelle instante não he parte  
 de nenhum dos dias, porque  
 não he tempo: sendo pois  
 assim que as Virgens não fa-  
 ziaõ o dia, nem a hora ; que  
 omtudo se descuidassem, &  
 dormecessem todas, nescias,  
 & prudentes : *Dormitave-  
 runt omnes, & dormierunt* :  
 não ha duvida, que foy gran-  
 de fraqueza: nas nescias foy  
 ser o que eraõ, nas prudentes  
 foy serem nescias. No mes-  
 mo Evangelho o temos.

que sahiraõ dez Virgês a re-  
 ceber o Esposo : & que tar-  
 dando o Esposo, adormecê-  
 raõ todas. Mas notay: quan-  
 do diz, que sahiraõ, faz di-  
 stinção de humas a outras, &  
 diz, que humas eraõ nescias,  
 & outras prudentes : *Quin-  
 que autem ex eis erant fatue,  
 & quinque prudentes* : Quan-  
 do porém diz, que adorme-  
 cêraõ, & dormiraõ, não faz  
 distincão alguma, de todas  
 falla pela mesma linguagem :  
*Dormitaverunt omnes, &  
 dormierunt*. Pois se o Evan-  
 gelho faz distincão de pru-  
 dentes a nescias, quando sa-  
 hiraõ, porque não faz a mes-  
 ma distincão de prudentes a  
 nescias,quãdo dormiraõ?Por-  
 que quando sahiraõ, foram  
 diferentes no cuidado, &  
 quando dormiram foraõ  
 iguaes no descuido: quando  
 sahiraõ foraõ diferentes no  
 cuidado, porque cinco levã-  
 raõ oleo nas redomas, & sin-  
 co não: quando dormiram,  
 foraõ iguaes no descuido,  
 porque humas cinco, & ou-  
 tras cinco, nenhuma resistio  
 ao sono, todas dormiraõ. E  
 como ao sair cinco foraõ cui-  
 dadofas, & cinco descuida-  
 das;

das ; por isso falla dellas com distincão o Evangelista , & a finco chama nescias , & a finco prudentes : porêm ao dormir como todas foraõ descuidadas , & nenhuma ouve que vigiasse ; por isso falla de todas sem distincão , porque não ouve entre ellas , nescias , & prudentes , todas foraõ nescias.

274 Todas as dez Virgens foraõ nescias neste caso , se bem as prudentes menos nescias que as nescias ; porq̃ as nescias dormiraõ sem desculpa ; as prudentes podiaõ dizer , que quem está prevenido , não dorme . Nas nescias tudo dormia ; nas prudentes dormiaõ os olhos , mas vigiavaõ as redomas . Em fim as Virgens prudentes comparadas com as nescias , foraõ prudentes , porque tiveraõ mais prevençãõ : mas cõparadas com Santa Theresa , foraõ nescias . Porque ? Porque ellas dormiraõ tendo obrigaçãõ de vigiar , pois não sabiaõ o dia , nem a hora : & Santa Theresa vigiou , tendo segurança para dormir ; porque sabia o dia , & a hora , & ainda mais ,

## §. IV.

275 Hum dos mayores favores que Santa Theresa recebeu de Deos , & que excedeo a todos , o qual quasi todos os Santos ; foraõ seus secretos , que o mesmo Senhor lhe revelou , occulto a todos os homens : o primeiro quando havia de morrer ; o segundo , que se havia de salvar . Alguns Santos tiveram verdadeira revelaçãõ de sua morte , Santa Theresa teve-a de sua morte , & de sua predeterminaçãõ . Por isso digo , que Santa Theresa vigiou sabendo mais que o dia , & mais que a hora : soube o dia , & a hora , porque soube quando havia de morrer , & soube mais que o dia , & mais que a hora ; porque soube tambem de morrendo se havia de salvar . E que sobre estas duas ciencias , sobre a ciencia , & certeza de quando havia de morrer ; & sobre a ciencia , & certeza de que se havia de salvar ; vigiasse com tudo Santa Theresa , sem adormecer , nem se descuidar hum momento , antes fazendo huma vida

da tam rigurosa , & tam  
maravilhosa. Esta he a ma-  
ravelha de toda a

276 Todos os homens  
este mundo vivemos com  
as ignorancias ; a primeira  
morte , a segunda da pre-  
destinaçõ. Todos sabemos,  
que havemos de morrer; mas  
ninguem sabe o quando. To-  
dos sabemos , que nos have-  
mos de salvar , ou condenar;  
mas ninguem sabe qual de-  
das duas ha de ser. E porque  
ordenou Deos , que a morte  
fosse incerta, & a predestina-  
çõ duvidosa ? Naõ podera  
Deos fazer , que foubessemos  
sabidos quando haviamos de  
morrer, & se eramos , ou naõ,  
predestinados ? Claro estã  
que sim : mas ordenou com  
sua providencia , q̄ esti-  
fuessemos sempre incertos da  
morte , & duvidosos da pre-  
destinaçã ; para que a mor-  
te nos suspendesse sempre o  
temor com a incerteza : & a  
predestinaçã nos sustentasse  
com a perseverança com a du-  
vida. Se os homens foubes-  
sem quanto haviaõ de viver,  
e quando haviaõ de morrer;  
que seria dos homens ? Se eu

sabêdo que posso morrer ho-  
je , me atrevo a offender a  
Deos hoje : quem foubesse  
que havia de viver quarenta  
annos , como naõ offenderia  
confiadamête a Deos , ao me-  
nos os trinta , & nove ? Por  
esta causa ordenou Deos, que  
a morte fosse incerta : & pela  
mesma , que a predestinaçã  
fosse duvidosa. Se os homens  
foubessem que eraõ precitos,  
como desesperados haviaõse  
de precipitar mais nas mal-  
dades : se foubessem , q̄ eraõ  
predestinados , como seguros  
haviaõse de descuidar na vir-  
tude : pois para que os mãos  
sejaõ menos mãos , & os bons  
perseverem em ser bons, nem  
os mãos faibaõ que são pre-  
citos, nem os bons faibaõ que  
são predestinados. Naõ fai-  
baõ os maos que são preci-  
tos , para que naõ se despe-  
nhem como desesperados ;  
nem faibaõ os bons que são  
predestinados , para que se  
naõ descuidem como seg-  
uros. Demaneira , que estas  
duas ignorancias , a ignoran-  
cia da morte , & a ignorancia  
da predestinaçã , são as ba-  
zes do temor da morte , & do  
temor do inferno , & estes  
dous

dous temores as duas mais fortes columnas, sobre que todo o edificio da vida Christãa se sustenta, para que os homens naõ vivessem como necios, mas obrassem como prudentes. Porém a Santa Theresa tratou-a Deos com tal exceiçãõ, & fez da lealdade do seu amor tam diferente confiança, que em lugar destas duas ignorancias, lhe deu as duas ciencias contrarias: a ciencia de quando havia de morrer, & a ciencia de q̃ se havia de salvar; porque sabia, que nem a ciencia, & certeza da hora da morte lhe havia de diminuir a vigilancia, nem a ciencia, & segurança da salvaçãõ lhe havia de intibiar o cuidado. Saiba Theresa quando ha de morrer, & saiba que se ha de salvar, para que obrando sobre estas duas ciencias, saiba tambem o mundo quam fielmente me ama.

277 Tendo o Evangelista S. Joãõ escrito as acçoẽs da vida de Christo, & passando a escrever as da sua morte, & vespõras della, diz assim: *Ante diem festum Pasche sciens Iesus quia venit ho-*

Ioan.  
13,1.

*ra ejus*: Antes do dia da Paschoa sabendo Iesus, que era chegada a hora de sua morte: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos*: Como tivesse amado aos seus em todo o tempo da vida, neste fim os amou mais. Vay por diante o Evangelista: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit*: E sabendo mais que hia para o Ceo, & para Deos, assim como de lá tinha vindo: *Posuit vestimenta sua, & capit lavare pedes discipulorum*: Tiro o Senhor os vestidos, & pôz-se em trajos de servo, começou a lavar os pès aos Discipulos. E assim vay continuando tudo o que o Senhor obrou naquellas horas ultimas, & tam cheias. De modo que antes de S. Joãõ descrever as ultimas, & maiores acçoens de Christo, reparo que fez, & o prologo de que usou, foy advertir, & ponderar, que tudo fizera o Senhor com duas ciencias particulares: com ciencia da hora de sua morte *Sciens quia venit hora ejus*: & com ciencia de que hia para o Ceo: *Sciens quia ad Deum*



dit. Mas com que fundamento, & com que energia vndera o Evangelista neste Christo, que obrava Christo cõ as duas ciencias? Para fãmos, q̃ Christo, em quando Deos, & em quanto Homem tinha ciencia de todas cousas presentes, & de todas as futuras, não era nefario que o Evãgelista no advertisse. Pois porque a, & pondẽra tanto neste Christo, que tinha Christo ciencia do dia, & da hora da morte, & ciencia de que dia, & havia de ir ao Ceo? A não foy, porque Christo, a chor. nosso, viveo cõ tanta cautella, & vigilancia em a sua vida, como se não era conhecimento da hora de sua morte: & preparasse com tantas diligẽcias, tam grandes, & heroicas para a morte, como se o tivera conhecimẽto, nẽ certeza de sua salvaçãõ. E q̃ do Christo ciencia, & certeza da salvaçãõ: *Sciens quia ad Deum vadit*: fizeffe tantas diligẽcias para a morte, & que tendo ciencia, & certeza do dia, & da hora da morte: *Sciens quia venit hora*

*ejus*: se portasse com tanta cautella, & vigilancia na vida? Foraõ humas circumstancias de virtude, & exemplo tam relevantes estas, ainda na vida, & na morte do mesmo Christo; que quiz elle, que as advertisse, & ponderasse o Evangelista, & q̃ nõs reparassem os muito nellas: *Sciens quia venit hora ejus: In finem dilexit eos: Sciens quia ad Deum vadit, ponit vestimenta sua.*

278. Ah prudentissima Virgem Theresã, que com este dobrado *Sciens* cõ estas mesmas duas ciencias fizesstes nescias as que o Evangelho canoniza de prudentes! *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam.* Ellas não sabendo o dia, nem a hora, dormirão: vòs sabendo mais que o dia, & mais que a hora, vigiastes. As duas ciencias, q̃ Christo tinha por natureza, & por graça, tinha Sãta Theresã por revelaçãõ. Sabia por revelaçãõ o dia, & a hora de sua morte: *Sciens quia venit hora ejus*: sabia por revelaçãõ, que se havia de salvar, & gozar de Deos: *Sciens quia ad Deum vadit*: & vivia

Mat.  
25. 13

com tanta vigilancia sobre suas açoes, como se o não foubra, antes receára muito o contrario. Sabía, que lhe havia de durar ainda a vida muitos annos, & vivia com tanta cautella, como se teméra morrer naquelle dia. Sabia, que era predestinada, & que se havia de salvar, & preparava-se com tam extraordinarias obras para a morte, como se duvidàra muito de sua salvação. Em fim obràraõ em Theresa estas duas ciencias, o que não chegaõ a obrar em nenhum homem aquellas duas ignorancias; não tendo a Espesa de Christo outro paralelo das finezas de seu amor neste caso, mais que as do proprio Esposo.

279 Se Christo fora hum homem como nós, & não foubra quanto lhe havia de durar a vida, nem se havia de ir ao Ceo depois da morte; que na vida fizesse o que fez, & antes da morte se dispuzesse como se dispoz; menos admiração fora: mas que tendo os annos, & dias da vida sabidos, & o Ceo certo, & seguro; que desde

principio da vida se dedica-se a taes extremos de pobreza, de humildade, de fugação, de perseguições de trabalhos; & que antes da morte (com mayor, & mais estendendo exemplo) dispa os vestidos, lave os pés aos Discipulos, ore com tanta efficacia no Horto, emmudeça injurias, sofra açoutes, & pinhos, peça perdaõ pelos inimigos, & encommen sua Alma nas mãos do Pai com vozes, & com lagrimas Grande circumstancia, & grande valor, & admiração nas obras de Christo!

280 Vede agora, se se tambem grande nas de Theresa. Que comece Theresa desde minina, juntamente com o uso da razão o uso de penitencia, & das virtudes, & que sabendo quando ha de morrer, & que lhe restam muitos annos de vida, não afroxee hum momento, an acrecente rigores? Que comece Theresa a fazer sua salvação o mais que firaõ os mayores Santos; que sabendo de certo que predestinada, & que se ha de salvar, se ponha a retra

as acçoens na melhor, & mayor idade da vida pelas Christo obrou nas vesturas da morte? Que tẽdo o Ceo seguro, despiße os vestidos, não do mundo, mas da religião moderada, & descalçasse os pês, & se vestisse as primitivas asperezas de Elias? Que tendo o Ceo seguro, se retirasse totalmente do trato humano, & gastasse a vida em uma, não duas, & tres horas, senão toda a vida em uma oração, & uniaõ com Deos em alta? Que tendo o Ceo seguro, se disciplinasse com cadeas de ferro; & dos espinhos, de que seu Esposo fornou a coroa, teceße ella cicicios? Que tendo o Ceo seguro, não fallasse, nem respondesse huma palavra contra os q̃ tam gravemete a inlamaraõ, & perseguraõ? Que tendo o Ceo seguro, não só perdoasse a seus inimigos; mas orasse effizamente por elles a Deos, & lhes alcançasse merces? E que tẽdo o Ceo seguro, chorasse os peccados, que não tinha, como se fosse a mayor peccadora?

281. Atẽqui, Theresã,

as imitaçoens de voffo Esposo. Não sey se passe daqui; mas quero passar, pois elle quiz, que vòs passasseis. Que tenha Theresã o Ceo seguro, & que quando mais a apertaõ das dores terriveis de suas enfermidades, pedisse a Deos lhas dilataße até o fim do mundo? Que tenha Theresã o Ceo seguro, & que viva com tanto escrupulo, & delicadeza de consciencia, que não comettesse nenhum peccado venial, com advertencia? Que tenha Theresã o Ceo seguro, & que diga a Deos: *Aut pati, aut mori.* Senhor, ou padecer, ou morrer: estimando mais a vida com tormentos, que a mesma Gloria, a que havia de subir, morrendo? Finalmente, que tenha Theresã o Ceo seguro, & que se vã livremente a padecer as penas do inferno em vida, porque as não havia de padecer depois da morte? Esta circumstancia he, gloriosa Theresã, a que faz singulares voffas vitorias, ainda aquellas em que outros Santos se parecẽão com voffo. Elles obrãõ, & vòs obraõ:

mas elles, como nõs, in-

R ij certos

certos da morte ; vòs, como Christo, com certeza da vida: Elles, como nòs, como o Ceo duvidoso, vòs, como Christo, com o Ceo seguro: Elles, como nòs, entre o temor da morte, & do inferno, vòs, como Christo, livre, & superior a todos os temores.

## S. V.

282 Toda a santidade, & toda a virtude deste mundo bem considerada, he temor. A mayor, & mais calificada façanha, que neste mundo se fez por Deos, foy a de Abraham. Leva Abraham seu filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira pela espada para lhe cortar a cabeça: mandalhe Deos suspender o golpe, & dizlhe estas palavras: *Nunc cognovi quòd timeas Deum*: Agora conheço, Abraham, que temes a Deos. Que temes a Deos? Pois como assim? Quando Abraham por amor de Deos sacrifica seu proprio filho: quando Abraham por amor de Deos corta as esperanças de sua casa: quando

Genes.  
22.12

Abraham por amor de Deos mata a seu mesmo amor; parece que então havia de dizer Deos, agora, Abraham, conheci, que me amas; mas agora conheci, q̄ me temes. Sim. Porq̄ bẽ considerada aquella façanha de Abraham, & vista por cẽtro, como Deos a via, teve mais de temor, q̄ de amor. Bem via Abraham, q̄ matar a Isaac, era matar-se a sy mesmo; mas via tambem, que se o não matava, desobedecia; que se desobedecia offendia a Deos; que se offendia a Deos, condenava-se: & este temor de se não condenar o pay, foy o que poz a espada na garganta ao filho. Quando o pay, & o filho hiaõ caminhando para o sacrificio, diz'o Texto, que levava Abraham em huma mão a espada, e na outra o fogo: *Ipse verò portabat in manibus ignem, & gladium*. Oh que bons dous espelhos para aquella occasião! Na mão da espada hia a morte do filho, na mão do fogo hia o inferno do pay. Se obedeces, has de matar: se desobedeces, has de arder. O amor via-se ao espelho da espada, o

mor viafe ao espelho do go. He possivel , pay , dita o amor , que has de matar teu filho unico , & amado ? que a vida , & o sangue , que he deste , o has de derramar com tuas proprias maõs ? Não ha de ser assim : viva Isaac : & caya rendido o braço da espada. Mas se não morre Isaac , replicava o temor , se Isaac sacrificado se não abraza neste fogo , ha de Abraham por desobediente arder no do inferno. Ou arder Abraham , ou morrer Isaac. Oh que cruel dilemma para hum pay ! Mas passar a espada pela garganta de Isaac , he hum momento , inlata o temor , & arder Abraham no inferno , he hũa eternidade : pois padeça hum instante o filho , para que não venha eternamente o pay. Torresse a levantar o braço da espada ; & já hia descarregando resolutamente o golpe ; mas acudio Deos. E como toda esta resoluçãõ de tirar Abraham a vida a seu filho , foy por temor de não offender a Deos , & se condenar ; por isso Deos nos disse : Agora conheci , Abraham , que

Tom. 4.

me amas ; fenaõ , agora conheci , que me temes : *Nunc cognovi quòd timeas Deum.*

283 Tal foy o sacrificio celebradissimo de Abraham , & taes saõ ordinariamente quasi todos os sacrificios dos homens , ainda os mais celebrados : chegadas ao exame dos olhos de Deos as mayores finezas , vem a ser temor. Não assim os sacrificios de Theresa. Como sabia de certo , que era predestinada , como estava segura , que se não havia de condenar , era Santa sem temor de Deos. E que não temendo a Deos , ou não tendo que temer em Deos , fosse tam timorata , que nem hum peccado venial comettesse , com advertencia : & que não temendo a Deos , ou não tendo que temer em Deos , fosse tam temente a Deos , que lhe pedisse por muitas vezes antes o inferno , que offendêlo ? Este foy o subir mais alto da perfeiçãõ , este foy o adelgazar mais fino do amor de Theresa.

284 Os outros grandes amadores de Deos amaõ a Deos com todos seus attri-

R iij butos:

butos : Santa Theresa amou a Deos com hum attributo menos. Revelando Deos a Santa Theresa, que era predestinada, & que se havia de salvar, ficou Deos para com Theresa como se não tivera justiça ; porque supposto o decreto da predestinação, nem a Justiça Divina a havia de condenar, nem podia. E amar a Deos com o attributo da justiça menos, he o mais a que podia chegar a fineza, & a fidalguia do amor. Por todos seus attributos deve Deos ser amado. Deve ser amado por sua omnipotencia ; porque nos criou ; & por sua bondade ; porque nos remio : deve ser amado por sua sabedoria ; porque nos governa : & por sua providencia, porque nos sustenta : deve ser amado por sua liberalidade ; porque nos ha de premiar : & por sua fermosura ; porque o havemos de ver. E com isto ser assim, por nenhum attributo he Deos mais amado, que pelo da sua justiça. Se em Deos não ouvera justiça, & se na outra vida não houvera inferno, que poucos haveria q̄

amasse a Deos ? Epicuro, aquelle grande sectario da Gentilidade, fez dous Canones notaveis na sua seita. O primeiro, que a Bemaventurança consistia nas delicias desta vida : o segundo, que em Deos não havia justiça. Ambos estes Canones foram errados, & ambos são hereticos. Mas supposto o erro do primeiro, esteve posto com grande juizo o segundo. Por a Bemaventurança nas delicias deste mundo, & logo negou o attributo da justiça a Deos : porque mal podia ter por gloria os gostos desta vida, quem tivesse por fê, que podia ser por elles condenado na outra. Daqui infiro eu, que ha Christãos mais q̄ Epicuros. Que tenha por gloria as delicias desta vida quem tem por fê, que não ha justiça que o condene na outra ; erro he, mas erro com alguma desculpa : porém que crea eu de Fê, que Deos tem justiça, & que me ha de castigar, & condenar na outra vida, & que com tudo tenha por gloria as delicias, & os gostos desta : Vede, se pôde ter alguma desculpa tão gran-  
de

de cegueira ; & tam barba-  
ra.

285 Ora isto que Epicuro teve por fê , teve Theresa por privilegio. Epicuro fingio a Deos sem attributo de justiça , & Deos revelando a Theresa que a não havia de condenar, pozse para com ella no mesmo estado, como se a não tivera. Mas que diferentes consequencias foram as de Theresa ? Epicuro tanto que considerou a Deos sem justiça , teve por delicias , & por gloria offender a Deos : E Theresa tanto que vio a Deos sem justiça , então teve por gloria só amálo, & querer antes mil infernos, que offendêlo. Oh que grande documento se pôde tirar daqui para amar , & para temer a Deos ! Quando quizermos temer a Deos , havemos de lhe tirar hum attributo ; & quando o quizermos amar , havemos de tirar outro : temer a Deos , como se não tivera misericordia ; amar a Deos , como se não tivera justiça. Assim amava Theresa , mas não temia assim ; porque nam tinha que temer. Para There-

sa amar nãis pefeitamente a Deos , & para Deos ser mais pefeitamente amado , Deos ( digamolo assim ) despiose de hum attributo , & Theresa de huma virtude : Deos poz de parte o attributo da justiça , Theresa poz de parte a virtude do temor : & como Deos esteve com menos este attributo , & Theresa com menos esta virtude , nestes dous menos consilio a perfeiçam de mais amar , & de ser mais amado : Em Deos a perfeiçam de ser mais amado, porque foy amado sem ser temido : em Theresa a perfeiçam de mais amar , porque amou sem temer. E que tendo Theresa tam longe de sy as causas de temer , se vissem nella tam em seu ponto os effeitos do temor ? O cuidado , a cautella , a vigilancia : tam sollicita, tam anciosa, tam diligente : sem divertir , sem afroxar, sem adormecer ; por isso disse , & torno a dizer , q̃ as prudentes do Evangelho em sua comparação foram necias : ellas tendo tanta obrigação de vigiar , dormiram : *Dormitaverunt omnes , & dormierunt* : Theresa tendo

tanta segurança para dormir, sempre vigiou; *Vigilate, quia nescitis diem, neque horam.*

## §. VI.

286 A segunda cousa, em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Theresa foraõ nescias, he que as prudentes em materia de salvação quizerão só o que basta: & Santa Theresa quiz mais do que sobeja. Achan-do as Virgens nescias, que se lhe apagavaõ as lampadas, chegáraõse às prudentes a pedir, que lhe quizessem dar do oleo, que traziaõ preveni-do: *Date nobis de oleo vestro.*

*Matth*  
25. 8. Respondêraõ as prudentes, que o fossem antes comprar; porque podia succeder, que não bastasse para humas, & mais para as outras: *Ne forte non sufficiat nobis, & vobis.*

*Ib. 9.* Isto responderão as prudentes, & nisto digo eu, que se mostráráõ nescias. Nescias? Antes parece, que prudentes, & prudentissimas. Se eu differa, que se mostráráõ avaras: se eu differa, que se mostráráõ ruins amigas: se eu differa, que se mostráram

cruéis, ou quando menos pouco piedosas; censura he esta, que outros dão as prudentes neste caso. Mas nescias, quando em materia tão importante não querem dar o que duvidaõ se lhe bastaria, ou não bastaria? Sim: & por isso mesmo. Porque duvidáraõ, se bastaria, ou não bastaria, quando haviaõ de duvidar, se sobejaria, ou não sobejaria: porque em materia de salvação, só o que sobeja he bastante, o que basta, não basta. Bem vejo, que haveis de ter esta minha proposição por paradoxica: & tomara eu muito, que não fora tão verdadeira como he. Torno a dizer, Christãos, que em materia de salvação só o que sobeja he bastante, o que basta, não basta. Vã em todo o rigor da Theologia. He certo, que ninguem se pôde salvar sem auxilio de Deos: he certo, que os auxilios de Deos huns são sufficientes, outros efficazes: he certo, q̄ só com os auxilios sufficientes, em quanto se lhe não ajunta a efficacia, ninguem se salvou nunca; nem se ha de salvar. Argumento agora assim.



im. Os auxilios sufficientes chamaõse sufficientes, porque bastaõ para hum homem viver bem, & se salvar. Pois são sufficientes, se são bastantes, se bastaõ, como se não salva, nem ha de salvar a nguem com elles, em quanto somente taes? Por isso mesmo. Porque são sómente bastantes; & em materia de salvação o que basta, não basta. Ha de ser mais que bastante para bastar porque só basta o que sobeja.

287 Nas obras he o mesmo que nos auxilios. (Que são as duas auxilias da parte de Deos; & da nossa, sem as quaes não pôde haver salvação.) E fenaõ respondeyde, & dayme a razão, porque perde, & se condena tanto quando, sendo tantos os que tem a verdadeira Fè de Deos, não conhecem, & a professão? A razão he ( & julgueo cada hum em sy ) porque na materia da nossa salvação nos contentamos só com o que basta: & nesta materia o que basta não he bastante. Para hum homem se salvar basta morrer bem: & para morrer bem he necessario mais al-

guma cousa? He necessario viver bem. Logo para hum homem em materia de salvação ter o que basta, he lhe necessario muito mais do que basta: porque para se salvar, he lhe necessario morrer bẽ, que he muito; & para morrer bem, he lhe necessario viver bem, que he muito mais. Mas porque nõs queremos o morrer bem sem o viver bem, porque queremos o que basta sem o que o faz bastar, por isso nos perdemos, & nos condenamos. Dezejamos os Christãos salvarnos assim, nem mais nem menos como o dezejava o Profeta Balaam: *Moriatur anima mea morte* <sup>Nam.</sup> *justorum.* Oh morra a minha Alma ( dizia Balaam ) como morrem as dos justos. Calla nescio, diz Santo Agustinho. Não has de dizer: Morra a minha Alma como as dos justos: fenaõ: Viva a minha Alma como as dos justos: porque a regra da morte he a vida. Quem vive bem, morre bem: quem vive mal, morre mal: & viver mal, como tu vives, & depois morrer bem, como tu queres, he impossivel. Donde se segue, que o

mor-

morrer bem ; que he o que basta para a salvação, não basta : basta, porque quem morre bem salvasse : não basta, porque para morrer bem he necessario viver bem. Tudo temos na Parábola do Evangelho.

288 Perdéraóse as cinco Virgens nefcias, & ficaram fóra das vodas, porque lhes faltou o oleo. E porque lhes faltou ? Porque o oleo, que bastava, não bastou. Ora vede, se está bem arguido. Quando à meya noite se deu rebate às Virgens, que vinha o Esposo, acordárao todas, & achárao as nefcias, que as suas alampadas se hiaõ apagando :

*Matt. Quia lampades nostræ extin-*  
25. 8. *guantur : & hiaõse apagando*  
as alampadas, porque estive-  
raõ ardendo até a meya noi-  
te, em quanto ellas dormi-  
raõ. Pois vinde cá mulhe-  
res, assim vòs, que de nefcias  
tendes o nome, como vòs, q̃  
o tendes de prudentes, por-  
que deixastes gastar o vosso  
oleo debalde tantas horas ?  
Em quanto nam vinha o Es-  
poso, bastava que estivesse  
aceza huma alampada, don-  
de depois se accendessem as

demais. Assim como nos  
lhos de huma sentinella vi-  
gia todo o exercito, assim  
brazas de hum murraõ esta-  
cezas todas as armas. Assim  
mesmo me parece a mim, que  
deviaõ fazer as Virgens e-  
quanto esperavaõ pelo Espo-  
so, principalmente tendo e-  
las sentinella ao largo, e  
trazendo elle corredores d-  
ante, que foraõ os que br-  
dáraõ : *Clamor factus est: Ec-*  
*ce Sponsus venit.* Podiaõ t-  
huma alampada aceza, &  
nove apagadas, com que  
poupava muito oleo. E qu-  
do o não fizessẽ as cinco  
que o tinhaõ de sobejo n-  
redomas, deviaõno fazer  
outras cinco, que não tinhaõ  
essa prevençaõ : porque d-  
pois ninguem lhe podia n-  
gar o fogo para acender  
alampadas apagadas, assi-  
como lhe negáraõ o oleo, p-  
ra prover as vazias. Pois  
por esta via se poupava o  
leo, & se escusavaõ todas  
outras prevençoens, porq-  
o nam fizeraõ assim, nem  
nefcias, nem as prudentes  
antes tiveraõ as alampad-  
acezas toda a noite ? Sabe  
porque ? Porque o lume d-  
que

ellas alampadas , como dizem todos os Doutores , he a graça de Deos ; & o oleo , são obras nossas , com que nos vemos de salvar : & as alampadas de nossa salvação , não estão acezas antes de ver o Esposo , quando vem o esposo , nam se podem acender. As alampadas do fogo material podemse acender mas com o fogo das ouças , & podemse acender n'esse ponto estando apagadas até entam : porém as alampadas da graça , & da salvação não ardem com o fogo aheio , senão com o proprio ; se nam estão , & perseverão acezas de antes , nam se podem acender depois. Cuiar alguém , que ha de ter a alampada apagada toda a noite , & que a ha de acender quando vier o Esposo : cuiar alguém que ha de estar n'um peccado toda a vida , & que se ha de pôr em graça na hora da morte ; he engano do demonio , & injuria , que se faz à justiça , & à misericordia de Deos. He verdade , que para hum homem se salvar basta que Deos o ache em graça na hora da morte ;

mas para estar em graça na hora da morte não basta buscála naquella hora , he necessario tela na vida. De maneira que para a salvação basta a graça da morte , & sobeja a graça da vida ; mas para a graça da morte , que basta , he necessario a da vida , que sobeja. O oleo , que tinhaõ as Virgens segundo a conta , que nós lhe faziamos , & a que ellas deviaõ de fazer , bem bastava ; mas porque sómente bastava , nam bastou. Era necessario que sobejasse para bastar , porque só no que sobeja , se segura o que basta.

289 Desafiava o Gigante Goliath , & afrontava arrogante os esquadroens de Israel , & querendo David sair ao desafio , vayse ao rio , toma cinco pedras , deita quatro no surraõ , mete huma na funda , faz tiro , & derruba o Gigante. Pois David , tirador famoso , se para derrubar o Gigante basta huma pedra , para que levais cinco ? Porque quiz David segurar o tiro , & o que sobeja , he o que segura o que basta. A pedra , que se tirou , derubou o Gigante , as que ficavaõ no surraõ ,

raõ seguràraõ o tiro. Quem tem muitas balas , segura o ponto , porque tira com confiança: quem nam têm mais que huma bala, & nella leva, ou a morte do inimigo , ou a sua, tremelhe o braço porque tira com receio. Por isso David levou cinco pedras , para que o tiro com quatro fiadores fosse seguro. Donde eu infiro , que mais se deve a victoria às quatro do furraõ, que à da funda ; porque o successo nam esteve no tiro , senam no acerto : & a da funda executou o golpe , as do furram seguràraõ o braço. Huma pedra bastou, quatro sobejãraõ, & as quatro , que sobejãram, fizeram que bastasse huma. Assim que a pedra da funda, se bem se considera , era bastante , & nam era bastante : era bastante , porque bastou ; & nam era bastante , porque podera nam bastar. E como nas materias de duvidosa execuçam nam basta o que só basta , & só basta o que sobeja ; por isso digo , que as prudentes na repoita , que deraõ às nescias, foraõ tambem nescias , porque puzeram a duvida no bairar , ou nam ba-

istar do oleõ , quando a deveram pôr no sobejar , ou nam sobejar. Comparadas as prudentes com as nescias, foraõ prudentes , porque as nescias nam tiveram cuidado de que sobejasse o oleõ , nem ainda de que bastasse : mas comparadas com Santa Theresa por mais que se chamem prudentes , foraõ nescias ; porque ellas em materia de salvação contentãraõse com o que basta : & Theresa nam se contentou, nem com o que basta , nem com o que sobeja. Dayme attenham.

## §. VII.

290 Para hum homem se salvar, basta não fazer peccado mortal ; & se tambem não fizer peccado venial, sobeja : & Santa Theresa nam se contentou com nam cometer peccado mortal , que he o que basta , nem se contentou com nam cometer peccado venial advertidamente , que he o que sobeja : senaõ que fez voto a Deo de em todas as suas acçoens buscar sempre o que fosse mayor perfeiçam. Valenti-

espirito, & resoluçam odigiosa, & q̄ de nenhum Santo se lê semelhan- Mais. Para huma Alma salvar basta obedecer a Deos; & se se conformar em tudo com sua vontade, sobe- & Theresia nam só se contentou com obedecer, que he o que basta, nem só com se conformar, que he o que sobeja, senam que passou de enfermidade a transformaçã, & se transformou de um modo na vontade divina, e ella, & Christo viviaõ, & conviviaõ com hum só coração. E em sinal disto lhe deu hum Serafim o lado esquerdo com huma setta de espinhos, & lhe tirou nas farpas da vida o cadaver do coração que tivera, & lhe ficãra no túmulo sepultado. Mais. Para huma Alma se salvar, basta amar da salvaçam propria, e tratar tambem da salvaçam dos outros, & reformaçam das Almas alheias, dentro dos limites de seu estado, sobeja: & Theresia nam só se contentou em tratar da salvaçam propria, tam exactamente, que he o que basta; nem com tratar da reformaçam, & per-

feiçam das Almas alheias dentro de seu estado, que he o que sobeja; mas excedendo os limites de mulher, passou a ser Doutora da Igreja, & a escrever livros de perfeiçã, & a ensinar, & alumiar o mundo em pontos de espirito, & de contemplaçã altísimos, a quem nenhuma pena antes da sua tinba chegado. Mais. Para se salvar hũa Alma basta sofrer os trabalhos cõ paciencia, & se chegar a tanta perfeiçam, que os sofra com alegria, sobeja: & Sãta Theresia, sendo tantas as perseguiçoens, & trabalhos de sua vida, nam só os soffria com paciencia, que he o que basta; nem só com alegria, que he o que sobeja, senam que chegou aos receber, & aceitar por premio dos serviços que fazia a Deos. E assim dizia de sy: *Nunca hize a Dios algun servicio, que no me lo pagasse con algun trabajo.* Mais. Para huma Alma se salvar basta amar aos inimigos, & se chegar a lhe fazer boas obras, sobeja: & Santa Theresia tendo tantos inimigos, & perseguidores, & ainda aquelles, que por habito,

& profissão o nam devéram ser, nam só os amava, que he o que basta, nem só lhes fazia bem, que he o que sobeja, senão que tomava sobre sy os seus males, & se offerencia a fazer a penitencia dos mesmos aggravos q̄ lhe faziaõ, sendo ella a que recebia a injuria, & a que a pagava. Mais. Para huma Alma se salvar basta guardar continência, & se guardar, & votar virgindade perpetua, nam só basta, mas sobeja: & Santa Theresa nam só se contentou com ser continente, que he o que basta, nem só com ser virgẽ, que he o que sobeja; mas competindo em certo modo com a Mãe de Deos, passou a ser Virgem, & Mãe juntamente. Digaõno tantos Côventos de Anjos humanos, huns com nome de mulheres, outros com nome de homens, que todos reconhecem a Santa Theresa por Mãe. E para que esta maternidade de Theresa se parecesse em tudo com a da Virgem Maria, assim como Christo teve duas geraçoens, huma eterna, em que nascêo de Pay sem Mãe, & outra temporal,

em que nascêo de Mãe sem Pay: assim a Regra, & Religião Carmelitana regenerada teve duas geraçoens, & dous nascimentos, hum antiquissimo de Pay sem Mãe quando nascêo de Elias, & outro moderno de Mãe sem Pay, quando nascêo de Theresa. Finalmente para hum Alma se salvar basta guardar os Mandamentos de Deos, & se guardar tambẽ os Conselhos de Christo, não só basta, mas sobeja: & Sãta Theresa nam só guardou os Mandamentos de Deos, que he o que basta, nem só os Conselhos, que he o que sobeja, mas fez muitas cousas, que nam caem debaixo de preceito, nẽ de conselho. Chamar os peccados alheios, fazer penitencia por elles, antepor o padecer por Deos ao ver a Deos: jejuar sete meses no anno, & passar muitas vezes muitos dias sem comer totalmente; querer estar no Inferno até o dia da luizo só pela salvaçam d'uma Alma: isto nam he preceito que o mande, nem conselho particular q̄ o peccado suada: & isto fez Theresa

Não se nam contentava a-  
 quelle eminentissimo Es-  
 piritito, aquelle immenso  
 coração, aquella Alma su-  
 perior a tudo, & mayor que  
 tudo; assim se nam contenta-  
 va com o que basta, assim se  
 nam contentava com o que  
 sobeja, assim anhelava sem-  
 pre a mais, & mais. Mas ba-  
 te ao nosso discurso quanto  
 em corrido em seguimento  
 deste glorioso nam bastar, &  
 deslancemos hum pouco na  
 ponderaçam, ou na vista del-  
 le.

291 Ungio a Madale-  
 na os pés, & a cabeça de  
 Christo, & disse o Senhor,  
 que aquelles unguentos, que  
 admittia, eraõ a unção anti-  
 cipada de seu Corpo, para  
 quando o levassem à sepul-  
 tura: *Mittens hæc unguentum  
 in corpus meum, ad sepeliendū  
 me fecit.* Morre Christo na  
 Cruz, & diz o Texto, que  
 veyo Joseph, & Nicode-  
 mus, & que ungeram o sagra-  
 do Corpo com cem libras de  
 unguentos. E a esta segunda  
 unçam estava presente a Ma-  
 dalena, que fizera a primei-  
 ra, & Sam loão, que ouvira  
 as palayras de Christo, & as

refere. Pois se o Corpo de  
 Christo já estava unguido pe-  
 la Madalena, & unguido para  
 a sepultura: *Ad sepeliendum  
 me*: porque o tornaõ a ungir  
 agora Joseph, & Nicode-  
 mus? Dimeheis, que ungi-  
 raõ ao Senhor sobre estar un-  
 gido, porque nas cbras do  
 serviço de Deos nam nos ha-  
 vemos de contentar com o q̃  
 basta, senaõ com o que sobe-  
 ja. Aceito a reposta. Mas  
 ainda tem outra mayor in-  
 stancia. Ungido Christo,  
 levaõno à sepultura, passa o  
 Sabbado, em que nam era li-  
 cito comprar, nem vender,  
 amanhece o Domingo, &  
 ainda nam era bem descu-  
 berta a manhã, quando par-  
 tem as Marias a comprar un-  
 guentos, & vem com elles  
 para ungiem outra vez ao  
 Senhor: *Emerunt aromata, Marc.  
 ut venientes ungerent Iesum.* 16. 1.  
 Ha tal teimar a ungir como  
 este? Nam està o Corpo de  
 Christo unguido pela Mada-  
 lena, nam està unguido por  
 Joseph, & por Nicodemus?  
 Pois se ja està unguido huma  
 vez, & outra vez, porq̃ vem  
 as Marias a ungi-lo ainda?  
 Porque o amor acredita-se no  
 su-

superfluo : quem ama pouco, contentase com o que basta : quem ama muito , contentase com o que sobeja ; & quem ama mais que muito , nem com o que basta , nem com o que sobeja se contenta , ainda sobe mais a cima , ainda passa mais a diante. Os unguentos da Madalena bastavaõ , os unguentos de Joseph, & Nicodemus, sobejavaõ , os unguentos das Marias ficãrão superiores a todos , porque foraõ sobre os que bastavaõ, & sobre os que sobejavaõ. Isto fizeraõ aquellas Sãtas mulheres, criadas na escola, & na familiaridade de Christo ; & isto fez a nõssa Santa Theresa criada na mesma escola , & na mesma familiaridade. Por esta aççãõ merecẽrão as Marias ver os Anjos , & ver a Christo resuscitado, primeiro que os Apostolos. E ao merecimento destas aççoens se devem attribuir tambem as grandes , & extraordinarias visõens , com que Deos favorecẽo, & honrou a Santa Theresa quasi sobre todos os Santos. As visõens das Marias meteraõ medo aos

Apostolos , & Discipulos ; era o pequeno rebanho , que entãõ consistava a Igreja. *Mulieres ex nostris terruerunt nos.* E as visõens de Santa Theresa puzeraõ em medo & cuidado a mesma Igreja de Deos na sua mayor grandeza, que por isso foraõ tantas examinadas , & tam duvidadas , atẽ que se approvãrãõ de todo. Mas as Marias virãõ huma só vez os Anjos ; Sãta Theresa vio Anjos muitas vezes. As Marias virãõ só duas vezes a Christo, humo dia da Resurreiçam , outro dia da Ascençam ; Sãta Theresa vio a Christo em diferentes figuras, jã de glorioso, jã de passivel, quasi todos os dias. Das Marias não sabemos que tivessem visõẽ da Divindade , & de Sãta Theresa lemos em sua vida que vio como as criaturas estãõ eminẽtemẽte em Deos ; que vio como se distinguem as tres Pessoas Divinas, sendo huma só essencia : que vio como estã o Filho no peito do Padre : & outros segredos da Divindade altissimos, que cã se crem , & não se entendem , & só se hãõ de ver , & en-



tender na Patria: De for-  
que parece andava Deos  
amorosa emulaçãõ, & li-  
tal competencia cõ The-  
sa: Ella em servir, & amar,  
Deos em pagar, & se com-  
unicar: Ella não se conten-  
do com o que basta, nem  
satisfazêdo com o que so-  
beja, & Deos excedendo sem  
nenhum limite o superfluo,  
aquillo que de nenhũ mo-  
do he necessario. Visões,  
revelaçõs, Extasis, Raptos,  
não são necessarios nem para  
salvaçãõ, nem para a per-  
eijam. E nestas amorosas,  
& divinas superfluidades pa-  
ava Deos a Theresa o nam  
e contentar seu espirito cõ  
necessario, nem ainda com  
superfluo, o não se contê-  
ar com o que basta, nem  
inda com o que sobeja.

292 Assim pagava Deos  
Theresa: mas eu não me  
pago tâto de ver como Deos  
paga, quanto de ver como  
os Santos servem. E o que  
muito nota naquellas gran-  
des açõs do espirito de Sá-  
ta Theresa, he que bem con-  
sideradas, ellas, o seu servir a  
Deos, foy pagar a Deos. No-  
tay. Para Deos remir suffi-

cientemente o mundo, balsa-  
va querer: para o remir por  
modo mais alto, bastava en-  
carnar: mas andou Deos taõ  
fino comnosco na Redem-  
pçãõ, que não se contentou  
de remir só com o querer, q̃  
bastava; nem de remir só cõ  
o encarnar, que sobejava; se-  
naõ que passou excessivamen-  
te muito avante, & quiz re-  
mir morrendo, & padecen-  
do. Esta fineza fez Deos pe-  
los homens, & esta lhe esti-  
vemos devendo, até que  
Theresa nos desfempnou,  
& pagou por nós. Deos com  
a redempçãõ pagou nossos  
peccados, & Theresa com os  
seus extremos pagou a nossa  
redempçam. Porque só Deos  
no remir os homens se não  
contentou com o que basta-  
va, nem com o que sobe-  
java; Theresa no servir a  
Deos não se contenta com o  
que basta, nem com o que so-  
beja. Oh como se parecem  
nos passos a Esposa, & o Es-  
poso! Ainda que Theresa  
fora das Virgens, que hoje  
foraõ comprar o oleo, eu fio  
que se encontrãra com ella.  
Diz o Texto: *Dum autem* Matt.  
*irent emere, venit sponsus: que* 25.10.  
S indo

indo as Virgens, veyo o Esposo. Pois se ellas hiaõ, & o Esposo vinha, porque se não encontrãõ? Porque hiaõ por differênte caminho. Não affim a nossa Theresa: caminhava tanto pelo mesmo caminho, & pelos mesmos passos do Esposo, que porque elle senão contentou cõ o que bastava, nem com o q̃ sobejava em nos amar, tambem ella se nam contenta cõ o que basta, nem com o que sobeja em o servir. Vede agora em comparaçam deste saber se foraõ nescias as Virgens prudentes? Ella nam se contenta, nem ainda com o que sobeja; & ellas punhaõ em duvida só se bastaria: *Ne fortè non sufficiat nobis, & vobis.*

Ib. 9.

## §. VIII.

293 A terceira coufa, em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Theresa foraõ nescias; he que as prudentes cuidãõ, que arriscandose por socorrer as companheiras, corriaõ perigo; & Santa Theresa entendo, que tudo o que se arrisca pala charidade, quando mais se arrisca, entam está

mais seguro. Bem quizerãõ as Virgens prudentes socorrer, & suprir a falta das companheiras, quando nam por companheiras, & por amigas; ao menos por autoridade, & magestade da festa, & pelo que a ellas mesmas lhes tocava; porque sem as outras sinco diminuaõse muito as luzes, descompunhaõse as parellhas, & ficava desairoso o acompanhamento. Com tudo por se não arriscarem a ficar de fóra das vodas, quizeram antes entrar sós, que porem se a perigo de nam entrar: *Ne fortè non sufficiat.* Aquelle *ne fortè* foy o ponto em que tocou fraco a sua prudencia. Imaginãõ, que arriscandose pela charidade, podiaõ correr perigo, & foy errado pensamento; porque ninguem melhor se assegura a sy, & a suas coufas, que quem pela charidade as arrisca, & se arrisca. Ouvi o mayor caso, que se lê em todas as Hystorias sagradas, & humanas.

204 Sitiada pelo exercito de Olofernes a Cidade de Betulia, tomados, & quebraçados os canaes, & divertidas

as fontes, de que bebiam, lavaõ já desmayados todos, & determinados a se entregar ao inimigo, por nam precer à sede; quando Judith nam podendo sofrer a entrega, & cativoiro da sua patria, se deliberou ao mais ro pensamento, que podèr caber em hum homem a-veido, & denodado, quanto mais em huma mulher, e santa. Despe o cilicio, e q̄ estava toda cuberta, enuga os olhos das lagrimas, com que orava ao Ceo, mã-a vir cheiros, joyas, galas, espelho: veste, compoem, enriquece, esmalta os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços, & até os pés não de todo cubertos (q̄ assim o nota a Escriitura) & feita Judith hum thesouro da cubiça, hum palmo da fermosura, & mil laços do appetite, fae confiada pelas portas da Cidade, salta o fosso, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo, & vay direita à mesma tenda de Olofernes. Bravas acçoens de mulher, mas mais bravos ainda os pensamentos! Os seus intentos eraõ (como re-

fere a mesma Judith no Texto) que Olofernes com seus proprios olhos se cativasse de sua fermosura, & que ella com palavras discretas, & amorosas, o prendesse mais: para que assim prezo, & cativo, lhe metesse a occasiam os cabellos do tyranno em huma mão, & a espada na outra, com que lhe cortasse a vida. Valentes intentos, Judith, mas arriscados muito. Reparay, Senhora, como mulher, reparay como nobre, & reparay tambem, & muito mais, como Santa. Se como mulher, mais que mulher não reparais nos riscos da vida entre esquadroes armados de barbaros; como nobre, porque não reparais na opiniaõ; & como Santa, porque não reparais na honestidade? Os mesmos laços, que armais a Olofernes, como podeis vós escapar delles? As prizoens quando prendem, tambem se prendem. Antes parece que Judith primeiro se prendeo a sy, do que a Olofernes, & que antes de Olofernes cair, já Judith estava cahida. Porque a obrigação, & pureza

Eccl.  
3 27.

da Ley de Deos não só prohibe o peccado, senão o perigo; & quem se deliberou a perigar, já cahio, porque se expoz a cair. *Qui amat periculum, in illo peribit*: diz a mesma Ley Divina. Pois se Judith era tam santa, & tam observante da Ley de Deos, como poem a tam manifesto risco a sua honestidade, & com ella a consciencia? Que arrisque a vida, seja valor: que arrisque tambem o credito, seja excessso de amor da patria: mas a honestidade, & a consciencia, que por nenhum preço se ha de arriscar, nem pela vida, nem pela hõra, nem pela liberdade, nem por huma Cidade, nem por hum Reyno, nem por todo o Múdo, que a arriscasse Judith, & que a arriscasse sendo Santa? Sim: & não. Sim; porque tudo isso arriscou Judith pela charidade: & não; porque tudo o que se arrisca pela charidade, entam se segura mais. Arriscou a vida, arriscou a opiniaõ, arriscou a honestidade; mas segurou a honestidade, segurou a opiniaõ, & segurou a vida; porque tudo arriscou pela cha-

ridade, & por livrar sua patria de cativeiro. E como Judith sabia, que Deos he o assegurador dos riscos, que se emprendem por seu amor & dos proximos; por isso fiada no seguro de Deos, não encorréo no crime dos que se poem a perigo, porque quem arrisca com seguro não corre risco. Nem o Texto da Ley Divina, se bem se pondera, quer dizer outra cousa. Notay. *Qui amat periculum, in illo peribit*: quem ama o perigo, perecera nelle. Huma cousa he entrar no perigo amando o perigo; outra cousa he entrar no perigo amando a Deos: quem entra no perigo por amor do perigo, perece nelle, porque o mesmo perigo, a quem ama, & por quem se arrisca, o perde: mas quem entra no perigo por amor de Deos, não perece, nem pôdo perecer, porque o mesmo Deos, a quem ama, & por quem se arrisca, o guarda. Se vòs entraís no perigo por amor da cubica, quem vos ha de guardar? A cubica? Se vòs entraís no perigo por amor da soberba, quem vos ha de guardar? A so-

erba? Se vòs entraes no  
perigo por amor do amor,  
em vos ha de guardar? O  
cor profano, & cego? En-  
y vòs nos perigos por a-  
mor de Deos, & do proxi-  
mo, & vereis como Deos vos  
guarda, & vos segura nelles.  
295 Ah Senhor, bema-  
lizada seja, & infinitamente  
maladita vossa Bondade! Fal-  
mos neste passo o exemplo  
do Evangelho: porque fal-  
taram as Virgens prudentes  
o conhecimento desta ver-  
dade, & no exercicio desta  
confiança. Mas a prova, que  
nos temos no Evangelho, te-  
mola no Prêgador. Muy in-  
ferno feria eu, & ferey a  
vossa alma, se assim o não confes-  
sara, & assim o nam confes-  
sara toda a vida, & toda a  
eternidade. A quem aconte-  
ceu já mais depois de virado  
o navio, & depois de estarem  
todos fóra d'elle sobre o co-  
modo, ficar assim parado, &  
immovel por espaço de hum  
quarto de hora, sem a furia  
dos ventos o descompor, sem  
o impeto das ondas o foffo-  
rar, sem o pezo da carga, &  
da agua, de que estava até o  
naveo alagado, o levar a pi-  
edra. Tom. 4.

que: & depois dar outra vol-  
ta para a parte contraria, &  
pôrse outra vez direito, &  
admittir dentro em sy os q̃  
se tinhaõ tirado fóra? Testi-  
munhas são os Anjos do  
Ceo, cujo auxilio invoquey  
naquelle hora, & não o de  
todos: senão daquelles só-  
mente que tem à sua conta as  
Almas da Gentilidade do  
Maranhaõ. Anjos da guarda  
das Almas do Maranhaõ, lê-  
brayvos que vay este navio  
buscar o remedio, & salvação  
dellas. Fazey agora o que  
podeis, & deveis, não a nós,  
que o não merecemos, mas  
àquellas tam desemparradas  
Almas, que tendes a voffo  
carga. Olhay, que aqui se  
perdem tambem conosco.  
Assim o disse a vozes altas, q̃  
ouviraõ todos os presentes,  
& suprio o merecimento da  
causa a indignidade do Ora-  
dor. Obraraõ os Anjos, por-  
que ouviu Deos a oraçam.  
E não podia Deos deixar de  
a ouvir, porque orava nella o  
mesmo perigo. Sabe o mes-  
mo Senhor, que por nenhum  
interesse do mundo, depois  
de eu o ter tam conhecido,  
& tam deixado, me tornara a  
S ij me-

meter no mar, fenaõ pela salvação daquelles pobres theouros, cada hum dos quaes val mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomadõ por amor de Deos, & dos proximos; como podia faltar a seguráça no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou, ou se livrou a sy mesmo. Os perigos da charidade são riscos seguros, & nos riscos seguros não pôde haver perigo. Assim que, Senhor, mudo o estylo, & não vos dou já as graças, por me livrares do perigo, senam por me meteres nelle. Quando por tal causa me metestes no perigo, entãõ me livraestes. Grandes são os perigos, que ainda me restaõ, & me ameaçam neste tam temeroso golfo, & mais em Inverno tam verde, & em anno tam tormentoso: Mas como ha de temer os perigos, quem nelles leva a mesma salvação, que vay buscar por meyo delles?

296. Quem cuidais, que tirou do perigo a Jonas, & quem cuidais que o meteo no perigo? O não querer ir buscar a salvação dos proxi-

mos, o meteo no perigo, & o meterse no perigo pela salvação dos proximos, o tirou delle. Mandou Deos a Jonas, que fosse prègar aos Gentios de Ninive: não quiz Jonas: & para fugir da missão, & ainda do mesmo Deos, que lha encomendava, embarca-se de Joppe para Tarsis. E que lhe succedeu a Jonas nesta viagem, ou nesta fugida? O que lhe succedeu, foy que indo todos os navios com vento a popa, o mar bonança, só contra a vontade de Jonas se levantou hũa tempestade tam terrivel, q̄ não bastando amainar vellas, & calar mastos, não bastando alijar ao mar a carga, não bastando tudo o mais que sabeis, & pôde a arte em semelhantes trabalhos, deixado já o leme, & o navio à mercê dos mares, & dos ventos, & desconfiados atè do soccorro do Ceo, o Piloto, & Marinheiros, que eraõ Gentios, descerãõ ao pôraõ, onde vinha Jonas, a pedir-lhe, que fizesse oração ao seu Deos, pois os seus Deoses não lhe valiam. Tal era a tempestade, tal o perigo, tal a desesperação de

dos. E bem Profeta Jonas, vós não quereis ir prégar salvar as Almas do Gentes, a que Deos vos manda: eis quando cuidaveis, que gíeis do trabalho, encorajeis no mayor perigo, & crecereis, onde vós quizestes, porque não quizestes salvar os proximos, onde Deos queria. De maneira, q̄ não querer ir buscar a salvação dos proximos, foy o que meteo no perigo a Jonas. E que fez Jonas para sair daquelle perigo? Nota o caso! Para Jonas sair daquelle perigo, metese nouro perigo mayor pela salvação dos proximos. E este segundo perigo o salvou, & livrou do primeiro. Ora vede,

297 Subido Jonas ao convex do navio, reconheceo, que elle era a causa da tempeidade, & para que os demais se salvassem, & elle não perecesse, pediu que o lançassem ao mar. De forte, que aquelle mesmo Jonas, q̄ pouco há se embarcou neste navio, por não ir salvar os Gentes de Ninive, esse mesmo pede agora, que o lancem do

navio ao mar, para que se salvem os Gentes do navio. Fazemno assim por ultimo remedio os Marinheiros, vay Jonas ao mar, tragao huma Balêa, mergulha para o fundo o monstro, fomezse, & desaparecem ambos. Pòde haver mayor perigo? Pode-se imaginar mayor? Nam pòde. No mar podia-o salvar, ou entreter huma taboa; no ventre da Balêa a morte, & a sepultura tudo foy junto. Mas Jonas não se arrojou a este perigo, por salvar os mareantes do seu navio, proximos, ainda que Gentes? Sim. Pois tende mão, que ainda não desconfio de sua vida. Perigo tomado pela salvação dos proximos, nam pòde ser perigo, em que se perigüe. Arrojado do navio, & naufragante, sim: tragado, & engolido do monstro marinho, sim: metido no profundo do mar, & sepultado nos mais escuros abismos, sim: mas afogado, mas morto, mas digerido, ou mastigado da Balêa, que se lançou ao mar pela salvação dos proximos; não pòde ser. Torno a dizer, que não pò-

de ser: & já o vejo. Olhay para as prayas de Ninive. Passados três dias, & tres noites apparece ao romper da alva diante do porto de Ninive huma Gallê de fórma nunca vista á vella, & só com dous remos. A vella era a nuvem de agua, que respirava a Balea, & humas vezes parece q̄ subia, outras que se amainava: os remos eraõ as duas grandes barbatanas, cõ que batendo a compasso, hia vogando. Abica á praya o desconhecido baixel, levantado aberto pelo meyo o castello de proa, que entã se conheceo que era boca, estende a lingua como prancha sobre a areya, & fac de dentro vivo o sepultado Jonas. Pasmis do caso? Nam pasmeis. Naõ vos dizia eu, que nam podia perigar quem por salvação dos proximos se entregou no mar, & aos perigos? Peis assim, lhe aconteceu ao felicissimo Jonas. Levado de hum perigo em outro perigo, huns o liviãram dos ventos, no mar perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na Balea perigava do aperto da respi-

raçam, & de tudo; mas como o primeiro perigo foy tomado por charidade, tomados os outros perigos cran remedios. O perigo do mar livrou-o do perigo do mar, o perigo da Balea livrou-o do perigo do mar, & este perigo, como era o ultimo, & o mayor de todos, livrou-o de sy mesmo. Hã mais seguro perigar? Hã menos perigosa segurança? Com razam disse Sam Zeno Veronense, que foy Jonas mais venturoso no sepulchro que no navio: *Felix magis sepulchro, quem navi*: porque que huma vez que a Balea lhe guardou a vida, muito mais seguro navegava nella que no navio: o navio podia perigar nos mares, & nos ventos, a Balea era embarcação segura das tempestades.

298 Mayor tempestade padecẽraõ as Virgens no oleo das suas redomas, de que Jonas em tanto mar. Todas naufragãram, porque todas deraõ em seco: as nescias no das suas alampadas, & as prudentes no da sua avareza. Forte *ne fortè* foy aquelle. Perderaõte sinco, quando se



podèram salvar todas, porque nam tiveram charidade em outras sino, para se arrisarem com ellas. Tanto pegaram as nescias no seu peço, como na demasiada segurança das prudentes. Se as prudentes se quizerão arrisar por ellas soccorrendoas, esse mesmo risco se salvariam humas, & outras: as nescias, pelo socorro que recebiam; & as prudentes, pelo socorro que davaõ: ou para o dizer com mais certeza, as nescias pelo risco de q se tiravaõ, & as prudentes pelo risco em que se metiaõ: que quem se arrisca pela charidade, nam pòde correr risco. Nenhuma communidade esteve já mais tam arriscada como o Povo de Israel, quando Deos o quiz acabar no deserto: & o que fez Moysés para o livrar daquelles risco, foy arriscarse tambe com elle: *Aut dimitte eis hæc noxam, aut dele me de libro tuo*: Senhor, ou perdoar ao povo, ou riscayne do vosso livro. He certo, que Moysés nam podia licitamente querer ser riscado dos livros de Deos, & foy

elle o mais arriscado lanço, em que se meteo nenhum homem. Com tudo pedio este risco, & meteo-se nelles riscos Moysés, seguro de que Deos o nam riscaria, por elle se arriscar, quando o fazia pela charidade dos proximos; porque os riscos da charidade nem riscam, nem arriscaõ. Tam longe esteve Moysés de ser riscado dos livros de Deos por esta causa, que antes mandou Deos, q se escrevesse em seus livros, q chegara Moysés por charidade a pedir, que o riscassem delles. Se Moysés se não arriscara, salvarate elle, & perecera o Povo; mas porque se quiz arriscar pelo Povo, elle, & o Povo todos se salvaram. O mesmo havia de succeder ás nossas prudentes, se ellas o fouberam fer, & se fouberam arriscar; mas porque lhes faltou esta ciencia, & esta prudencia, em q Santa Theresa foy tam eminente, por isso eu em comparaçam della digo que foram nescias. Em comparaçam das nescias do Evangelho foram prudentes as prudentes, porque as nescias cuidaraõ, q ha-

via outrem de fazer por ellas o que ellas nam fizeram por amor de sy: & as prudentes nam quizerão fazer por amor de outrem, o que outré nam havia de fazer por ellas. Mas essas mesmas prudentes comparadas com Santa Theresa foraõ neſcias; porque ellas cuidaram, que arriscandose por amor de Deos, & dos proximos, corriaõ perigo: & Santa Theresa entendia, & sabia por experiencia, que tudo o que se arrisca pela charidade, quando mais se arrisca, entam se segura mais.

299 Tudo quanto teve, & quanto podia ter, arriscou Santa Theresa por amor de Deos, & dos proximos. E estes mesmos riscos foram huma prudente industria, cõ que tudo accrescentou, & segurou mais. Arriscou a vida, arriscou a honra, arriscou a mesma perfeiçam de sua Alma; & do primeiro perigo sahio com mais saude, do segundo com mais credito, do terceiro com mayor santidade. Era Santa Theresa tam enferma, como lemos em sua vida, & o que mais sen-

tia nesta fraqueza natural era o impedimento, que a enfermidades lhe faziaõ ao exercicios da oraçaõ, & da penitencia. Veyo finalmente a resolverse comſigo, & contra sy, a orar com toda a continuacaõ, & a tratar seu corpo com todo rigor, ainda que perdesse totalmente a vida. E que tirou a Santa desta resoluçaõ? Couſa mara vilhosa! A saude que lhe não poderaõ dar nenhuns remedios, lhe deraõ os mesmos riscos, em que a punha. Com a penitencia, com que mais havia de enfermar, lhe crefcia a saude, & com o trabalho, com que mais havia de enfraquecer, se lhe augmentavaõ as forças.

300 As perſeuiçoens, que Santa Theresa se expoz, quando emprendeo reduzir a Regra Carmelitana moderada ao antigo rigor, & inteireza de seu primeiro Instituto, foraõ mayores do que se pòdem imaginar, & do que parece se podiaõ ſofrer. Armouſe cõtra ella a Religiaõ, & armouſe o mundo; & o que mais he, que os bons do mundo, & os melhores da

religião ( posto que com  
m zelo ) eraõ os que mais  
perseguiãõ. Raros eraõ os  
que defendiaõ seu espirito,  
dos o tinhaõ por illusãõ, &  
medo do demonio, muitos  
por fingimento, & hipocre-  
cia; & naõ faltava quem lhe  
desse ainda mais escandalo-  
sas censuras. Tudo occasio-  
navaõ os tempos, que com  
suas novas heregias de Lutero  
andavaõ muy perigosos, &  
cheios de temores. Mas co-  
mo a Santa se arriscava a to-  
dos estes descritos pela  
salvaçaõ, & perfeiçaõ dos  
proximos, em que veyo a pa-  
rar tudo? Os descritos pa-  
raõ em mayor estimaçam,  
e injurias em mayor honra,  
e perseguiçoens em mayo-  
res applausos: & os mesmos  
religiosos, que tinhaõ a  
Theresã por indigna filha, a  
receberãõ depois por dignis-  
sima Mãy; como de tal  
se honraõ, & a veneraõ.

301 Finalmente ouve  
muitas pessoas timoratas, &  
doutas, que a conselhavaõ a  
Santa Theresã, que se reti-  
rasse do magisterio espirital  
das Almas, & que na vida  
particular, & solitaria, a que

a mesma doçura da contem-  
plaçaõ a inclinava, vacando  
sómente a Deos, & a sy, seria  
mayor o aproveitamento de  
seu espirito. Foy esta a ma-  
yor prova, por lhe naõ cha-  
mar a mais apertada tenta-  
çaõ, que podia ter a Alma de  
Theresã, cujos mais preza-  
dos interesses, cujas mais a-  
madas delicias, cujos rega-  
los, cujas ancias, cujos suspi-  
ros, era aquella intima uniaõ  
cõ Deos, quieta, & suavissi-  
ma, em que elevada sobre  
todas as cousas da terra, tam  
celestialmẽte o gozava. Con-  
tinuou com tudo a Sãta pro-  
feguindo na empresa come-  
çada, sem reparar nestes ris-  
cos de sua mayor perfeiçaõ,  
& noutros ainda mayores q̃  
lhe ameaçavaõ: & como to-  
dos eraõ tomados pela cha-  
ridade, quanto mais parece  
q̃ arriscava os doês do Ceo,  
tanto mais se achava rica, &  
favorecida delles. Era mui-  
to o que arriscava, mas mui-  
to mais o que recebia. Mercês  
sobre mercês, favores su-  
bre favores, glorias sobre  
glorias, como se os mesmos  
riscos fossem degrãos para  
mais subir, & crescer. Em

fumina, que arriscando Theresa por amor de Deos, & dos proximos, faude, honra, & perfeição; dos perigos da faude fahia mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeição mais Santa. Oh quantos, & quam seguros louvores se poderão agora discorrer sobre todos estes perigos, & muito mais sobre o terceiro. Parece que pugnava nelle o espirito contra o espirito, a virtude contra a virtude, a fantidade contra a fantidade: mas necessaria era tam gloriosa peleja para tam excellentê vitoria. Corto o fio, & não sem dor, ao que quizera dizer. Peçovos com tudo licença para concluir o Sermão na forma em que o propuz ao principio, supposto que vos não hey de cantar outra vez, perdoayme esta.

## S. IX.

302 A quarta, & ultima cousa, em que as Virgens prudentes comparadas com Santa Theresa foraõ nescias, he, que as prudentes poden-

do rogar ao Esposo, que esperasse pelas companheiras, ou quando menos, que lhes não fechasse as portas, nam entercederaõ por ellas: & Santa Theresa entercede sempre efficazmente por seus devotos, & por todos os que lhe pedem favor, & a ella se encomendaõ. Esta foy a quarta, & ultima imprudencia das prudentes. Nas quaes, se bem reparastes, achareis, q as notamos de imprudentes, nas obras, imprudentes nas palavras, imprudentes nos pensamentos, & imprudentes nas omissoens, que são os quatro modos geraes, por que só se pôde peccar contra huma virtude. No primeiro foraõ imprudentes de obra, porque dormiraõ, quando haviaõ de vigiar: no segundo foraõ imprudentes de palavra, porque disseraõ, não baste, quando haviaõ de dizer, não sobeje: no terceiro foraõ imprudentes de pensamento, porque cuidaraõ, que arriscandose pela charidade, podiaõ correr perigo: no quarto foraõ imprudentes de omissoã, porque ao menos não pediraõ por quem

pedia. Ellas não pedio, nem entercederam por em lhes pedio: & Santa Theresa, como dizia, pede entercede efficazm.ete por dos os que lhe pedem, & valem de feu favor. Mas te ponto não o hei de pro- ur, eu porque na mesma in- tuição desta festa está pro- do.

303 Bem podera a Cõ- anhia de Jesu festejar em das as suas Casas a Santa madre Theresa de Jusu, co- o Santa muito sua, porque mesma Sata em muitos lu- ares de seus Livros cõfessa, ue dos Religiosos da Com- anhia de Jesu recebẽo gran- es augmentos, & grandes ruzes o feu espirito; por si- al, que ordinariamente lhe hama: *Aquellos benditos Pa- res*. Com tudo a festa de oje nam se celebra por esta ausa, senam pela que eu di- ja. Estava hum enfermo como todos sabeis, & vi- tes) na ultima desesperaçõ a natureza, & na ultima desconfiança da arte: em fim no ultimo estado em q̄ esta- rão as alampadas das finco Virgens: *Quia lampades no-*

*striae extinguuntur*: nam lhe *Mat.* restava mais que metermelhe 258. na mão a Candea da Fé: tan- to por momentos se lhe hia apagando a da vida. Assim menos vivo que morto, re- correõ a Santa Theresa, in- vocando feu favor naquelle extremoperigo, & obligan- dose com voto ao publico reconhecimento delle por toda a vida, se de sua mão a recebesse. Nam foy a Vir- gem prudentissima como as prudentes, que negaram o oleo a quem lho pedia, por- que logo o concedeo invis- velmente, mas com effeito visível, & manifesto. No n.esimo ponto reviveõ a alã- pada, que se hia apagando, & resuscitou a vida já quasi morta. E este he o segundo anno, em que com esta de- monstraçam publica se dà cõ- primimento ao voto. Oleo cha- mey à virtude milagrosa des- te beneficio, & nam he só propriedade da metaphora, se- nam realidade vista, & co- nhecida.

304. Do sepulchro de Santa Theresa mara hũ oleo suavissimo, de que recebem saude muitos enfermos. E he mui-

muito para notar, que do lugar, onde está Santa Theresa morta, faya oleo, que dá vida: como se com este oleo déra em rosto a charidade de Santa Theresa à pouca que tiverão as Virgês do Evangelho. Ellas deixaraõ apagar as alampadas alheias, por mais conservar o lume das suas: & Santa Theresa apagou a sua para acender as alheias. Isto quer dizer, sair o oleo da sua sepultura, & o remedio da vida, donde ella está morta. Com toda a verdade assim foy; porque esta foy a fineza donde nascèõ a efficacia da sua intercessam. Hum dia em que estava a Santa mais favorecida de Christo, disselhe o Senhor, que pedisse o que quizesse. E que vos parece que pediria Theresa? Se fora alguma das prudêtes do Evangelho, havia de pedir para sy, & quando menos para sy primeiro: o *Nobis* havia de ir diante: *Nobis, & vobis*. Mas foy tanta a prudêcia de Theresa, & tanta a sua charidade, que não pedindo nada para sy, tudo pedio para nós: pedio, que todas as vezes que

Mat.  
25 9.

rogasse por seus devotos, lhe concedesse o Senhor o que pedisse: & assim lhe foy outorgado. As prudentes do Evangelho nem deraõ o que lhe pedião, nem pediraõ por quem lhe pedia: Santa Theresa pedio por todos os que lhe pedissem, para poder dar tudo o que lhe pedirem. Eis aqui Christãos, o grande, & inestimavel thesouro, que tendes depositado naquellas mãos santas. Em todas vossas necessidades, em todos vossos trabalhos, em todos vossos perigos, em todas vossas enfermidades do corpo, & muito mais da Alma; recorreay ao amparo, ao patrocinio, & à charidade desta piedosa Virgem, que tanto pôde com Deos, & vereis como vos foccorre.

### §. X.

305 E para que conheçamos todos quanta necessidade temos dos foccorros, & auxilios superiores; volte-mos hum pouco sobre nós os olhos, que atêgora tivemos postos em Santa Theresa, & veremos para mayor gloria sua,

a, & mayor confusão nos-  
 que se as prudentes com-  
 radas com ella foram nes-  
 as, as nescias comparadas  
 conosco foraõ prudentes.  
 am nescias, & tam impru-  
 ntes fomos nas materias de  
 essa salvaçãõ. As pruden-  
 es, como vimos, em compa-  
 çãõ de Sãta Theresã foraõ  
 quatro vezes nescias: as nes-  
 as em nossa comparaçãõ  
 foraõ oito vezes prudentes.  
 primeiramente as nescias pa-  
 se salvarem, escolhêram o  
 estado de Virgens, que he  
 m alto, & tam parecido ao  
 Ceo: *Simile est Regnum*  
*celorum decem virginibus:* &  
 outros Christãos que estãdo  
 maõ? O da torpeza, e da  
 infualidade, o dos adúlter-  
 os, o das affeçoens sacrile-  
 as com Almas dedicadas a  
 Deos, & outras abominaçoẽs  
 anda de peiores nomes; &  
 isto passaõ hum anno, &  
 outro anno, & toda a vida  
 vede, se fois mais nescios q̃  
 nescias?

306 As nescias ( & he a  
 segunda prudencia ) fahiraõ  
 e suas casas, mas fahiram a  
 acompanhar o Esposo, & a  
 esposa: *Exterunt obviam*

*sponso, & sponsa.* E os ho-  
 mens ordinariamente a que  
 saem? Huns saem só a sair,  
 que he perder tempo, outros  
 saem a ver, & ser vistos, que  
 he perder as Almas proprias,  
 & as alheias, outros saem a  
 jugar, a pleitear, a murmurar,  
 que he perder o dinheiro, a  
 fama, & a consciencia; &  
 ainda quando saem à Igreja,  
 que he as menos vezes, saem  
 a offender, & injuriar a Deos  
 em sua propria casa. Vede, se  
 fomos nõs os nescios mais q̃  
 as nescias?

307 As nescias ( & vay  
 a terceira prudencia ) he ver-  
 dade que adormecêram, &  
 dormiraõ, mas tanto que ou-  
 viraõ a primeira voz, ou o  
 primeiro clamor, de que vi-  
 nha o Esposo: *Tunc surrexe-*  
*runt omnes virgines ille:* no  
 mesmo ponto se levantã-  
 raõ. Quantas vezes clamaõ  
 os Pregadores nos pulpitos,  
 quantas vezes clamaõ dentro  
 no peito as proprias consciẽ-  
 cias, quantas vezes clama o  
 mesmo Deos com as vozes,  
 & com os brados de todas as  
 criaturas ( como nesta Ilha )  
 jã com a terra tremendo, jã  
 com o fogo rebentando, jã  
 com

*Ib. I.*

com as cinzas chovendo; & os homens com ellas sobre a cabeça sepultados no fono do peccado, & da occasião, sem abrir os olhos, nem espartar, continuando a dormir cegos como dantes. Vede se fomos nós mais nescios que as nescias?

*Ib. 7.*  
308 As nescias ( & he a quarta prudencia ) ornaram as suas alampadas : *Ornauerunt lampades suas: & o mundo*, onde tanto se trata hoje do ornato, de que ornato he que trata? Galas, & mais galas para o corpo, sedas, & mais sedas para o corpo, ouro, & mais ouro, joyas, & mais joyas, vaidades, & mais vaidades para o corpo; & a pobre Alma desprezada, rota, despida, envergonhada, sem ter com q̄ cobrir a fealdade, & ignominia, em que os peccados trocâraõ sua natural fermosura? Vede, se fomos nescios mais que as nescias?

309 As nescias ( & foy a quinta prudencia ) vendo que se lhe apagavaõ as alampadas, com ser cousa de tanta repugnancia o pedir aos iguaes, nam duvidâraõ, nem

reparâram em pedir às com panheiras : *Date nobis de oleo vestro.* Quantos ha, que querem antes roubar, que pedir? Quantos, que querem antes vender a Alma, & ainda o corpo, que pedir? Quantos & quantas, que querem antes darle ao demonio, que pedir, nem ao mesmo Deus. Enam só não pedê a Deus remedio para a necessidade, nem o socorro para a tentação, mas nem ainda depois do peccado lhe querem pedir o perdaõ delle? Vede, se fomos nós os nescios mais que as nescias?

310 As nescias ( & va a sexta prudencia ) ainda as prudentes lhe nam quizeram dar o oleo, tomáraõ contudo o conselho, que lhes deram, de que fossem comprar: *Ite potius ad vendendum.* Quantas vezes nos dão bons conselhos os Confessores? Quantas vezes nos dão bons conselhos os pays? Quantas vezes nos dão bons conselhos os amigos? Quantas vezes nos dão bons conselhos os vros? Quantas vezes nos dão bons conselhos os Anjos? Quantas vezes nos dão bons conselhos os Anjos? guarda por meyo das inspi-



raçoes? Quantas vezes nos daõ bõs conselhos os exemplos, os castigos, & os casos tam raros, & portentosos, que vemos succeder no mundo, para que escrementemos em cabeça alheia; & nõs comtudo tam loucos, & tam desaconselhados? Vede, se somos mais nescios que as nescias?

311 As nescias ( & foy a septima prudência ) sem reparar no trabalho, nem no dinheiro, nem na authoridade, foraõ comprar o oleo às tendas : *Dum autem irent emere.* E nõs, sendo que tudo nos custa, & tudo cõpramos, & a tam caros preços; só o Ceo nam queremos cõprar. Ha dinheiro para o appetite, ha dinheiro para a vaidade, ha dinheiro para a vingança, ha dinheiro para o jogo, ha dinheiro para a peita: mas nam ha dinheiro para a restituicão, nam ha dinheiro para a esmolã, não ha dinheiro para as Capellas, & obrigaçam do Morgado, não ha dinheiro para os legados, & satisfaçam do testamento, & quando nam queremos o Ceo de graça, para comprar-

Tom. 4.

mos a pezo de ouro o Inferno, nam falta dinheiro. Vede, se somos nõs os nescios muito mais que as nescias?

312 As nescias finalmente ( & he a oitava, & ultima prudencia ) vieraõ, ainda que tarde, batêraõ a porta do Ceo, & chamãraõ muitas vezes pelo Esposo: *No-* *Matt.*  
*vissime verò veniunt, & reli-* *25.11*  
*que virgines, dicentes, Domi-*

*ne, Domine, aperi nobis.* Ellas vieraõ, batêraõ, & chamãraõ; nõs nem viemos, nem batemos, nem chamãmos: antes estã a representaçam, & a tragedia tam trocada em tudo, que Deos he o que vè, & nõs fugimos; Deos o que chama, & nõs não respondemos; Deos o que bate, & nõs nam abrimos. Vem Deos, & estã batendo, & chamando às portas do nosso coraçam: *Ego sto ad ostium, & Apoc.*  
*pulso:* E nõs respondemos às *3.20.*

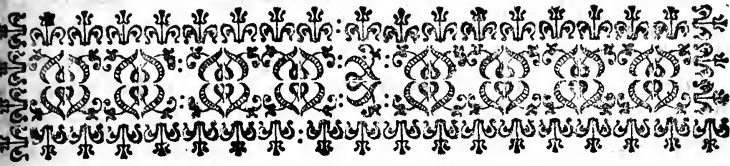
tres Pessoas da Santissima Trindade: *Nescio vos.* *Matt.*  
*Dizeyme,* ou digafe cada hum *25.12*  
a sy mesmo: Quantos tempos ha que Deos vos anda batendo á Alma ( & pôde ser que a ultima vez fosse neste mesmo Sermaõ. ) Filho, Eu

T criej-

crieyte : Filho , Eu remite com o meu Sangue : Filho,tu has de morrer : Filho,Eu não te hey de salvar,nẽ posso,fem boas obras : pois que he o que determinas ? Ito nos diz Deos , & itto vos digo eu em feu nome. Que determinamos , Christãos , que determinamos ? Esperamos , que se nos feche a porta do Ceo ? Esperamos , que se nos diga para sempre : *Clausã est janua* ? As Virgens , que tiveram as alampadas acezas cõ boas obras , entrãraõ ; as que as tiveram apagadas , ficãraõ de fóra. Respondeyme por reverencia de Deos a duas pergútas muitos breves. Pergunto : Credes , & tendes por fé , que sem boas obras ninguem se pôde salvar ? Se sois Christão , & Catholico , haveis de dizer que sim. Pergunto mais : E essas boas obras , sem as quaes vos nam podeis salvar , tendelas vos , ou nam ? Muitos ha , que se hãõ de fallar verdade , devem dizer que as nam tem. Pois se nam tendes boas obras , & sem boas obras nam vos po-

*Ib. 10.*

deis salvar ; essa esperanza , tendes de vossa salvaçam , e que a fundais ? Ha Deos de faltar à sua justiça ? Ha de mudar suas Leys por amor de vòs ? Dirmeheis , que ainda que nam tendes agora a boas obras , que tendes , propósitos de as fazer depois . se antes desse depois vier Esposo : *Dum autem irem emere , venit sponsus* ? Se antes desse depois vier a morte ? Se antes desse depois vos pedirẽ rem conta ? Atreveivõs a eitar no Inferno para sempre . Turno a dizer : Atreveivõs a eitar no Inferno , a arder naquellas chamas para sempre . Este para sempre repetia muitas vezes Santa Theresa , ainda sendo muito minina , & este para sempre foy o principio da sua oraçam , & o primeiro fundamento da sua santidade . Com este para sempre me quero despedir de vòs , & que este para sempre vos fique soando nos ouvidos , & imprimindose nas memorias : para Sempre , para Sempre , para Sempre .



# S E R M A M

DA

QUINTA DOMINGA DA

QUARESMA.

Na Igreja Maior da Cidade de São Luis no Maranhão. Anno de 1654.

*Si dixerò quia non scio eum, ero similis vobis mendax.*  
Joan. 8.

§. I.

**E**MOS juntamente hoje no Evangelho duas cousas, que nunca podem andar juntas: a Verdade, & a Mentira. E porque não põ-

dem andar juntas; por isso as temos divididas: a verdade no Prêgador: a mentira nos ouvintes: o Prêgador muito verdadeiro, o auditorio muito mentiroso. Huma, & outra cousa disse Christo aos Escribas, & Fariseus, com quem fallava. O Prêgador muito verdadeiro: *Si verita-*

T ij *tem*

*Joan.* *tem dico vobis : ó auditorio*  
*8.46* *muito mentiroso : Ero simi-*  
*lis vobis mendax.*

314 De tres modos ( que ha muitos modos de mentir ) mentiraõ hoje estes n'ãos ouvintes. Mentiraõ, porque naõ crêraõ a verdade: mentiraõ, porque impugnâraõ a verdade: mentiraõ, porque affirmâraõ a mentira. Nam crer a verdade, he mentir cõ o pensamento: impugnar a verdade, he mentir com a obra: afirmar a mentira, he mentir com a palavra. Tudo isto lhe tinha profetizado a Christo seu Pay David, quãdo disse: *In multitudine virtutis tuæ mentientur tibi inimici tui.* De muitos modos mostrarcis efficaamente a verdade de vosso ser; mas vossos inimigos vos mentiraõ tambem por muitos modos: mentirvoshaõ naõ crêdo, mentirvoshaõ impugnãdo, mentirvoshaõ mêtindo, como hoje fizeraõ. Disselhes Christo, que era Filho de Deos verdadeiro, a quem elles chamavaõ Pay sem o conhecerem: disselhes, que os que recebessem, & observassem sua doutrina, viveriaõ

*Psal.*  
*65.3.*

eternamente; & aqui menti-  
 raõ naõ crendo a verdade: *Sed*  
*veritatem dico vobis, quare nã*  
*creditis mihi?* Disselhes mais,  
 que Abraham dezejãra ver o  
 seu dia, isto he, o dia em q' ha-  
 via de descer do Cco à terra,  
 & nascer homem entre os  
 homens, & que finalmente o  
 vira com grande jubilio, &  
 alegria da sua Alma: & aqui  
 m'etiraõ impugnando a ver-  
 dade: *Quinquaginta annos*  
*nondum habes, & Abraham*  
*visisti?* Tu naõ tens ainda  
 sincoenta annos, & viste A-  
 braham? E o Bezerro, q' vós  
 dissestes, que vos livrãra do  
 Egypto, quantos annos tin-  
 nha? Naõ era nascido, & ge-  
 rado naquelle mesmo dia? O  
 ditame, com que o tivestes  
 por Deos, era falso; mas a  
 supposiçaõ, com que enten-  
 detes, que em Deos podia  
 haver duas geraçoens, huma  
 antes, & outra depois, era  
 verdadeira. Respõeõ Chris-  
 to: *Antequam Abraham fie-*  
*ret, Ego sum:* antes que Abra-  
 ham fosse, Eu ja era. Mas  
 este era declarou o pela pa-  
 lavra: *Ego sum:* Eu sou; para  
 que entendissem que era a-  
 quelle mesmo Deos, q' quan-  
 do

do se diffinio a Moyses, disse : *Ego sum qui sum* : Eu sou o q̄ sou; porque no eterno nam ha passado, nem futuro, tudo he presente. Em fim mentiraõ affirmando a mentira; porque disseraõ, que Christo era Samaritano, & endemoninhado : *Samaritanus es, & demonium habes*. E para mē-tirem duas vezes em huma mentira, repetiraõ a mesma blasfemia, ratificando o que tinhaõ dito, & allegandose a sy mesmo : *Nonne benedicimus nos* ? Mal he dizer mal; mas depois de o haverdes ditto, dizerdes ainda que dizeis bem, he hum mal mayor sobre outro mal, porque he estar obstinado nelle.

315 Estas saõ as mentiras, com que os Escribas, & Fariseos hoje cõtradisseraõ, calumniaraõ, & quizeram afrontar, & deshonrar ao Filho de Deos, como o Senhor lhes disse : *Ego honorifico Patrem meum, & vos inhonra-ssis me*. Mas posto que a Saboria Eterna fosse calumniada, & injuriada por semelhante gente; nem por isso ficou afrontado, nẽ deshonrado Christo; porque tudo

o que disseraõ delle, & lhe fizeram, foy por inveja, por odio, por rayva, por vingança : & quando as causas saõ estas, as injurias nam injuriaõ, as afrontas desafrontaõ, as deshonras honraõ. Nam está muito honrado Christo ? Dizeyo vds. Ora eu q̄ prẽ-garey neste dia, em que tanto se espera o assumpto dos Prẽgadores ? Hey tambem de dizervos huma grande injuria, huma grande afronta, & huma grande deshonra da vossa terra. Comtudo, ainda que as verdades causaõ odio; espero que naõ haveis de ficar mal comigo : porque hey de afrontar a todos para desafrontar a cada hum. O discurso dirã como. *Ave Maria*.

§. II.

*Si dixerò quia non scio eum ;  
ero similis vobis mendax.*

316 **A** Este Evãgelho do Domingo quinto da Quaresma chamais communmente o Domingo das verdades. Para mim todos os Domingos tem este sobre-

nome, porque em todos prêgo verdades, & muito claras, como tendes visto. Por me não fair, com tudo, do que hoje todos espêraõ, estive considerando comigo q̄ verdades vos diria: & segundo as noticias, que vou tẽdo desta nossa terra, resolvime a vos dizer huma só verdade. Mas que verdade serà esta? Não gasteis tempo. A verdade que vos digo, he que no Maranhão nam ha verdade.

317 Cuidavaõ, & diziaõ os Sabios antigos, que em diferentes Ilhas do Mũdo reynavaõ diferentes Deidades: que em Creta reynava Iupiter, q̄ em Delos reynava Apollo, que em Samo reynava Iuno, que em Chypre reynava Venus, & assim de outras. Se o Imperio da Mẽtira não fora tam universal no mundo; poderase suspeitar, que nesta nossa Ilha tinha a sua Corte a Mẽtira. Todas as terras, assim como tẽ particulares estrelas, que naturalmente predominaõ sobre ellas; assim padecem tambem diferentes vicios, a que geralmente saõ

fugeitas. Fingiraõ a este proposito os Alemães huma galante Fabula. Dizem, que quando o Diabo cahio do Ceo, que no ar se fez em pedaçõs, & que estes pedaços se espalhãraõ em diversas Provincias da Europa, onde ficãraõ os vicios, que nella reynaõ. Dizem, que a cabeça do diabo cahio em Hebrãpanha, & que por isso somo fumosos, altivos, & com arrogancia graves. Dizem, que o peito cahio em Italia, & daqui lhes veyo serem fabricadores de machinas, não se darem a entender, & trazerem o caraçãõ sempre cuberto. Dizem, que o ventre cahio em Alemanha, & que esta he a causa de serem inclinados à gula, & galtarem mais q̄ os outros com a mesa, & com a taça. Dizem, que os pès cahiraõ em França, & que daqui nasce serem pouco socegados, apressados no andar, & amigos de bayles. Dizem, que os braços com as mãos, & unhas crescidas, hum cahio em Hollada, outro em Argel, & que daqui lhes veyo (ou nos veyo) o serem coffarios. Esta he a su-

ancia do Apologo, nem mal formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicação dos vicios totalmẽte não seja verdadeira, tem contudo a semelhança de verdade, que basta para dar al à satyra. E supposto que Hespanha lhe coube a cabeça; cuido eu que a parte della, que nos toca ao nosso Portugal, he a lingua: ao menos assim o entendem as Navegens estrangeiras, que de mais perto nos trataõ. Os vicios da lingua são tantos, que fez Drexelio hum Abecedario inteiro, & muito copioso delles. E se as letras deste Abecedario se repartissem pelos Estados de Portugal; que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não ha duvida, q̃ o M. M. Maranhão, M. murmurar, M. motejar, M. maldizer, M. malfinar, M. mixericar, & sobre tudo, M. mentir, mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos, & por todos os modos aqui se mente. Novellas, & Novellos são as duas moedas correntes desta terra; mas tem hũa dif-

ferença, que as Novellas ar-  
maõse sobre nada, & os No-  
vellos armaõse sobre muito,  
para tudo ser moeda falsa.

318 Na Bahia, que he a  
cabeça desta nossa Provincia  
do Brasil, acontece algumas  
vezes o que no Maranhã  
quasi todos os dias. Ama-  
nhece o Sol muito claro, pro-  
mettendo hum fermoso dia,  
& dentro em huma hora se  
tolda o Ceo de nuvens, & co-  
meça a chover como no mais  
entranhado Inverno. Succedê-  
olhe hum caso como este  
a Dom Fadrique de Toledo,  
quando veyo a restaurar  
a Bahia no anno de Mil seis  
centos & vinte cinco. E ten-  
do todo a gente da Armada  
em câpo para lhe passar mo-  
stra, admirado da inconstan-  
cia do clima, disse: *En el  
Brasil hasta los Cielos mienten.*  
Não sey se he isto descredito,  
se desculpa. Que mais pôde  
fazer hum homem, que ser  
tam bom como o Ceo da ter-  
ra, em que vive: Outra terra  
ha em Europa, na qual eu  
estive ha poucos annos, em  
que se experimentaõ cada dia  
as mesmas mudanças, pelas  
quaes Galeno não quiz cu-  
rar

corrẽ-  
te ne-  
sta ter-  
ra são  
Novel-  
los de  
sio de  
Alga-  
dam.

Roma.

rar nella; porém alli ha outra razaõ ; porque como a terra tem jurdição sobre o Ceo, segue o Ceo as influencias da terra. Mas o que se disse do Brasil por galataria, se pôde afirmar do Maranhão com toda a verdade. He experiencia inaudita a q̄ agora direy, & não sey que se lhe darão os Mathematicos, que estão mais longe da Linha. Quer pezar o Sol hum Piloto nesta Cidade, onde estamos, & não no porto, onde está furto o seu navio, fenão com os pés em terra: toma o Astrolabio na mão cõ toda a quietação, & segurança. E q̄ lhe acontece? Cõta prodigiosa! Hum dia acha, que está o Maranhão em hum grão; outro dia, em meyo; outro dia, em dous; outro dia, em nenhum. E esta he a causa, porq̄ os Pilotos, que não são praticos nesta Costa, arêão, & se tẽ perdido tantos nella. De maneira, que o Sol, que em toda a parte he a regra certa, & infallivel, por onde se medem os ten pos, os lugares, as alturas, em chegando à terra do Maranhão, atẽ elle mête.

E terra onde atẽ o Sol mête vede, que verdade fallarã aquelles, sobre cujas cabeças & coraçõs elle influe. Aco- tecelhe aqui aos moradores, o mesmo que aos Pilotos, q̄ nenhum sabe em que altura está. Cuida o homem nobre hoje que está em altura de honrado, & à manhaã achase infamado, & envilecido. Cuida a donzella recolhida, que está em altura de virtuosã, & à manhaã achase murmurada pelas praças. Cuida o Ecclesiastico, que está em altura de bom Sacerdote, & à manhaã achase com reputação de mão homem. Em fim hum dia estais aqui em huma altura, & ao outro dia noutra, porque os labios são como o Astrolabio. He isto assim? A vòs mesmos o ouço, que eu não o'advinhey. Vede, se he certa a minha verdade, que não ha verdade no Maranhão.

## §. III.

319 Ora eu me puz a especular a causa, porque o clima, & o Ceo desta terra influe tanta mentira; & pa-  
re-



rece-me que achey a causa verdadeira, & natural. Assim como o Ceo com huma virtude influe outra virtude: assim o clima, que tambem se chama Ceo, com hum vicio influe outro vicio. Ponhamos o exemplo na verdade, que he a virtude contraria da mentira. *Veritas de terra orta est*: diz David. A verdade nascêo da terra. E logo advertio, que a terra, de que fallava, não era toda a terra, senão a sua: *Et terra nostra dabit fructum suum*. Mas dônde lhe veyo àquella terra (q̄ era a de Promissaõ) donde lhe veyo huma virtude tam singular no mundo, que nascesse della a verdade? O mesmo Profeta o disse: *Veritas de terra orta est, & justitia de celo prospexit*. Toda esta virtude da terra veyolhe do Ceo. Influo o Ceo na terra a justiça, & nascêo nella a verdade. A verdade he filha legitima da justiça; porque a justiça dà a cada hum o que he seu. E isto he o que faz, & o que diz a verdade: ao contrario da mentira. A mentira, ou vos tira o q̄ tendes; ou vos dà o que não ten-

des: ou vos rouba, ou vos condena. A verdade, nam: a cada hum dà o seu, como a justiça. E porque o Ceo influo naquella terra a justiça, por isto influo, & nascêo nella a verdade. Influo hũa virtude, & nascêo outra.

320 O mesmo passa nos vicios. Se o clima influe soberba, nasce a inveja: se influe gula, nasce a luxuria: se influe cubiça, nasce a avareza: se influe ira, nasce a vingança. E para nascer a mentira, que he o que influe? Ociosidade. Onde o clima influe ocio; dàte a mentira a perder. Nasce, cresce, espiga, & de hum não sey que, tamanho como hum grão de trigo, podeis colher mentiras aos alqueires. Estes sam os dous vicios do Maranhão, estas as duas influências deste clima; ocio, & mentira. O ocio he a primeira influência, a mentira a segunda: o ocio a causa, a mentira o effeito. Não ha terra no mundo, que mais incline ao ocio, ou à preguiça, como vós dizeis; & esta he a semente, de que nasce tam má herva. Ouy a Sam' Paulo. Falla o Apосто-

lo da Ilha de Creta, que he a Candia, que hoje vay conquistando o Turco, & diz assim: *Cretenses semper mendaces, ventres pigri*: os Cretenfes tem dous vicios, que sempre se achão nelles; mētirosos, & preguiçosos. Podēra dizer mais, se fallára da nossa ilha, & de toda esta terra? Digaõno os naturaes. Nem a tua diligencia, nem a sua verdade o pôde negar. Não ha gente mais mentirosa, nem mais preguiçosa no mundo. Deitados na tua rede: *Ventres pigri*: Ouvidos nas suas palavras: *Semper mendaces*. Mas como estas virtudes vem do Ceo, como são influencias do clima, pegãrãõse tambem aos Portuguezes. Falta a verdade, porq̃ sobeja a ociosidade. Dayme vòs homens ociosos, que cu volos darey mentirosos. E se não; vamos ao Evangelho.

321 As mais desfechadas mentiras, que nunca se ouviraõ, nem imagináram, foraõ as que hoje lhe disserão a Christo na câra os Escribas, & Fariséos, pelas quaes o mesmo Sennor lhes

chamou mentirosos: *Ero falsus in vobis mendax*. Disserão que era Samaritano, & endemoninhado. E não só o disserão esta vez, como advertio Origines; mas assim o diziaõ publicamente: *Non benedicimus nos, quia Samaritanus es tu, & demonium habes*? E notay o que disserão mais abaixo: *Nunc cognovimus, quia Samaritanus es, & demonium habes*: Agora conhecemos, que es Samaritano, & endemoninhado. Pois se agora o conhecestes como o dizies d' antes? Por que os mentirosos dizem as cousas antes de as saberem. Mas tornemos à sustancia da mentira. Christo lançava os demonios de todos os corpos, & elles chamaõlhe endemoninhado: Christo era Galiléo natural de Nazareth, & chamaõlhe Samaritano. E se o diziaõ pela Religião, & pelos costumes, os Samaritanos eraõ idolatras, & apostatas da Ley, & Christo era o Legislador, & Reformador della. Estas eraõ as mentiras, que diziaõ os Escribas, & Fariséos. E o Povo, que dizia? Dizia a verdade: que

Christo

Christo era hum grãde Profeta, que era o Rey prometido de Israel, que era o Messias. Pois se o Povo simplez, & sem letras conhecia, & dizia a verdade; os Escribas, & Fariséos, que se prezavaõ de sabios, como cuidavaõ, & diziaõ tam defatinadas mentiras? Porque os Escribas; & Fariséos era gente abastada, & ociosa, & o Povo não. Idelhe ver as mãos, acharlhasheis cheias de callos. Quem trabalha, trata da sua vida; quem está ocioso, trata das alheias. Quem trabalha, como cuida no q̄ faz, falla verdade, porque diz as cousas como são. O ocioso como não tem q̄ fazer, mente; porque diz o que imagina.

322 Esta he a razam porque a mētira he filha primogenita do ocio. Vede, como se forma dentro em vós mesmos este monstruoso parto. Quem está ocioso, não tem mais que fazer, que pôrse a imaginar: da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita, da suspeita a mentira. He a imaginação no ocioso como

a serpente de Eva. Estava ociosa Eva no Paraíso: entrou a serpente colleandose mansamente sem pês, mas com cabeça: começou pela especulação, & acabou pela mētira. Começou pela especulação: *Cur praecepit vobis Deus*: & acabou pela mentira, & duas mentiras: *Nequam moriemini: Eritis sicut* Genes. 3. 1. Ib. 4. 5.  
*Dij. Consentio* Eva na mētira peçonhenta: de Eva passou a Adam, de Adam ao genero humano. Não succede assim às mentiras imaginadas, que vós como bicho da seda gerastes dentro em vós mesmos, fabricando de vossas entranhas a mortalha para vós, & o vestido para os outros? Meterà a lingua a tezoura, & sem tomar as medidas à verdade, vós lhe cortareis de vestir. Porque cuidais que se dizem tâtas cousas mal feitas? Porque se fizeram? Nam: que a mim me consta do contrario. He porque se imaginaraõ: & tanto que vieram á imaginação, ja estão na prancha da lingua.

323 Que bem o disse David; *Tota die iniquitatem* Ps. I 5. cogi 4.

*cogitavit lingua tua*: Todo o dia a vossa lingua estava cuidando, & imaginando maldades: *Tota die*: Todo o dia. Vede, se era ocioso aquelle, de quem fallava David: Todo o dia nam tinha outra cousa que fazer. E que fazia? Estava a sua lingua cuidando, & imaginando maldades. Nam tey se reparais na impropriedade das palavras. O cuidar, o imaginar he obra do entendimento, nam he da lingua: a lingua falla, o entendimento imagina. Pois se a imaginação está no entendimento, como diz David, que estes fabricadores de maldades imaginavaõ com a lingua: *Tota die iniquitatem cogitavit lingua tua*? Fallou David com esta, que parece impropriedade, para declarar com toda a propriedade o que queria dizer. Nam diz, que imagina com a lingua, porque a lingua imagine, que isso nam pôde ser; mas diz, que imaginaõ com a lingua, por duas razões: primeira, porque a sua lingua nam diz o que he, senam o que imagina: segunda, porque quanto lhe vem à

imaginação, logo o poem na lingua. O mesmo David *Cogitaverant, & loquuti sunt iniquitatem*: Em imaginando a maldade, logo a dizem sem outra causa para a dizerem, mais que a sua maldade; sem outro fundamento, mais que a sua imaginação. Por isso lhe chama o Profeta, *Verba precipitationis*: tanto precipitados em affirmar quanto imaginam sem consideração, sem advertencia sem reparo, sem escrupulo sem temor de Deos, sem metter espaço, nem fazer differença entre o imaginar, & o dizer; como se tiverão a imaginação na lingua, ou a lingua na imaginação; como se a lingua fora a que imagina, ou a imaginação a que falla: *Cogitavit iniquitatem lingua tua*. Quantas vezes se diz do honrado, & da honrada, do innocente, & da innocente o que nũca lhe passou pela imaginação? Mas basta que o maldizete o imagine, cu o queira imaginar para o pôr na conversação & na praça, & o affirmar com tanta certeza, como se o lera em hum Evangelho. Deos

os livre de tses linguas, & muito mais de taes imaginações: porque se a vossa honra lhe entrou na imaginação; nenhum remedio tendes, não ha de parar ahí; ha de passar lingua: *Cogitaverunt, & conquiti sunt.*

324 Daqui entenderéis a razão de hum notavel preceito de Deos, que por hũa parte parece rigoroso, & por outra menos necessario. Prohibe Deos sobpena de peccado mortal, & de inferno, que ninguém tenha juizo temerario do seu proximo. Juizo temerario he cuydar eu, & culgar mal de meu proximo dentro no meu pensamento. Pois se o meu juizo fica dentro do meu pensamento, & não nam fae fóra, nem pôde fazer bem, nem mal ao proximo; porque o prohibe Deos com tanta severidade? Primeiramente notay, & adverti quam estimada he, & quam delicada para com Deos a honra, & a reputação de cada hum de nós. Nem cá dentro no meu entendimento, nem cá dentro na minha imaginação quer Deos, que estejais mal reputado. Zela

Deos, & cia a vossa honra, & a vossa reputação, até de mim para comigo. Vede quanto ciará, & sentirá, que passe aos ouvidos, & ande pelas bocas de huns, & outros. Daqui nasce a razam porque Deos prohibe tam rigorosamente os juizos temerarios. Nam quer que haja juizos temerarios, para que não haja falsos testemunhos. Os falsos testemunhos formaose na lingua: os juizos temerarios formaose na imaginação: & como da imaginação a lingua ha tam pouca distancia; para que nam haja falsos testemunhos na lingua, prohibe que nam haja juizos temerarios na imaginação. Não se contentou Deos com meter o inferno entre a imaginação, & a lingua, com hum preceito de peccado mortal; mas meteo outra voz o inferno entre o entendimento, & a imaginação, para que com estes dous muros de fogo tivesse defendida a nossa honra das nossas linguas. E com tudo isto não basta. Porque? Porque em se passando a primeira muralha, está vencida a segunda.

gunda: em chegando à imaginação, já está na lingua: *Cogitaverunt, & loquuti sunt.*

325 Senhores meus, vivemos em huma terra muito ociosa, & por isso muito fugita a imaginações. Aqui se ha de pôr o remedio. Diz o Apostolo Santiago, que não ha fera mais difficultosa de enfrear, que a lingua. Para se pôr o freyo na lingua, haõ se de meter as cabeçadas na imaginação. Nos vossos engenhos, para que não corra a levada, pondez o resfrito no açude. O primeiro a quem mentis, he a vós. Não mentiraõ as linguas a todos, se as imaginações não mentiraõ a cada hum. Aqui he que se ha de pôr o resfrito. Job, que conhecia muito bem a simpatia das potencias com os sentidos, dizia: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem de virgine:* Fiz concerto com os meus olhos, para estar seguro dos meus pensamentos. Concertayvos com os vossos pensamentos, se quereis estar seguros das vossas linguas. Mas porque dais entrada a quanto quereis no pensamento, por isso dizeis

Job.  
31.1.

tantas cousas, que nunca poderão sãraõ pelo pensamento.

## §. IV.

326 Vejo, que esta agora alguns no auditorio muy contentes, dizendo consigo, que isto não falla com elles, porque he verdade, que não são mudos, & que quando se achaõ em conversação tambem fallaõ nas vidas alheias; mas, que não são homens, que digaõ o que imaginaõ, dizem o que ouvem & quem diz o que ouve, não mente. Ora estay comigo. Se vós soubereis quantas voltas daõ as palavras desde a boca atè os ouvidos, não ouvereis de dizer isso, ainda que forcis muy verdadeiros. Querovos pôr o exemplo na melhor boca, & nos melhores ouvidos do mundo. Perguntou Sam Pedro a Christo, que havia de ser de San Joãõ. Respondeõ o Senhor *Sic eum volo manere:* quero que fique assim. Isto he o que Christo disse: & os Apostolos que disseraõ? *Exijt sermo inter fratres, quod discipulus ille non moritur:* Começaraõ a di-

dizer huns com os outros, que Sam João não havia de morrer. E accrescenta o Evangelista: *Et non dixit Jesus, non moritur, sed sic eum volo manere*: E Christo não disse, que elle não havia de morrer, senão que queria que ficasse assim. Pois se Christo não disse; como o disserão os Apóstolos? Elles he certo que não quizerão dizer numa cousa por outra; mas desde a boca aos ouvidos são tantas as voltas, que dão as palavras, eu no que João, eu no que significação, que o que na boca de Christo he ficar, nos ouvidos dos Apóstolos he não morrer. Não podia haver nem melhor boca que de Christo, nem melhores ouvidos que os dos Apóstolos; & se entre o dizer de tal boca, & o perceber de taes ouvidos succedem estas contradições; que será quando a boca não he de Christo, & quando os ouvidos não são de Sam Pedro, nem de Sam João? Quantas vezes vos disserão huma cousa, & percebestes outra? Quantas vezes ouvís o que não ouvís? Quantas vezes entre a boca

do outro, & os nossos ouvidos ficou a honra alheia pendurada por hũ fio? E queira Deos que não ficasse enforcada. Isto acontece, quando os homêns ouvem com os ouvidos; mas quando ouvem com os corações, ainda he muito peor. E os corações também ouvem? Nunca vistes corações? Os corações também tem orelhas; & estay certos, que cada hum ouve, não conforme tem os ouvidos, senão conforme tem o coração, & a inclinação.

227 Em quanto Moyses estava no Monte Sinay recebendo a Ley de Deos, pediraõ os Judeos a Avam, que lhe fundisse hum bezerro de ouro; & como era o primeiro dia da dedicação daquella imagẽ, celebrãrão-no elles com grandes festas. *Exod.*  
Desce do Monte Moyses com 32.18  
Jesuê ouviraõ as vezes ao longe: disse Moyses: Eu ouço cantar a coros: disse Josuê: Não he senão tumulto de guerra. *Cant.*  
Aqui temos, *cho-*  
*res castrorum.* Se as vezes 7.1.  
erão as mesmas, como a hum parecem musicas, & a outro parecem trombetas? A razão he

he clara. Moyses era Religiofo, Josué era Soldado: ao Religiofo parecêraõlhe as vozes do coro, ao Soldado de guerra. Cada hum ouve conforme o feu coração, & a sua inclinação. Deos nos livre de hum coração mal inclinado. Se ouvir hum *Te Deum laudamus*, ha de dizer que ouviu húa Carta de ex-comunhaõ. Os que ouvem, são os ouvidos; mas os que ouvem bem, ou mal, são os coraçõens. Tudo o que entra pelo ouvido, faz echo no coração; & cõforme está disposto o coração, assim se formaõ os echos. Aaínda vos hey de declarar isto com outra comparaçãõ mais propria. Na fundiçãõ de Aram a temos.

328 Quer hum Fundidor formar huma imagem. Supponhamos que he de S. Bertholamou com o feu diabo aos pés. Que faz para isto? Faz duas formas de barro, huma do Santo, & outra do diabo, & deixa aberto hum ouvido em cada huma. Depois disto derrete o feu metal em hum forno, & tanto que está derretido, & prepa-

rado, abre a boca ao forno corre o metal, entra por fey canaes no ouvido de cada forma, & em huma sae húa imagem de S. Bertholame muito fermosa; noutra hum figura do diabo tam fea como elle. Pois valhame Deo que differença he esta? metal era o mesmo, a boca por onde sahio, a mesma; entrando por hum ouvido faz hum Santo, entrando por outro ouvido, faz hum diabo? Sim: que não está a corfa nos ouvidos, senão nas formas, que estão lá dentro. Onde estava a forma do diabo, sahio hum diabo; onde estava a forma do Santo, sahio hum Santo. Senhores meus, todos os nossos ouvidos vão a dar lá dentro em huma forma, que he o coração. Se o coração he a forma do Santo, tudo o que entra pelo ouvido he santo; se he forma do diabo, tudo o que entra pelo ouvido he diabolico.

329 Quereylo ver? Olha para o nosso Evêgelho. Disse Christo aos Escribas, & Fariséas: *Ego honorifico Patrem meum*: Eu honro a me-



Pay: *Ego non quero gloriam meam*: Eu não busco a minha gloria: *Si quis sermonem meum servaverit, mortem non videbit in aeternum*: Se alguém guardar os meus preceitos, viverá eternamente. Ouvidas estas palavras, quem não diria, quando menos, que era hum Santo quem as dizia, principalmente tendo provado a sua doutrina com tantos milagres? E os Escribas, & Fariseos, que disseram? *Nunc cognovimus quia demonium habes*: Agora conhecemos, que trazes dentro em ti o demonio. Pois tambem de humas palavras tam santas, & tão divinas fórmao estes homens hum conceito tão diabolico? Sim tambem; porque taes eraõ as formas, em que receberão o que lhes entrou pelos ouvidos. Aquelles malditos homens eraõ filhos do diabo, como Christo lhes disse nesta mesma occasiam: *Vos ex parte diaboli estis*: & de huns coraçoes diabolicos, de humas formas endemoninhadas, ainda que o metal fosse tão divino; que havia de sair senam hum demonio: *Demonium habes?*

Isto succedeo às palavras de Christo, para que vejamos o que pôde succeder às demais. He verdade que as formas nam são todas humas. Assim como sae hum diabo, & outro diabo, pôde sair tambem hum São Bertholameu; mas ainda assim, o melhor he nam entrar por ouvidos de homens, posto que as formas nam sejam do diabo, senam do Santo; porque se a forma he do diabo, ficais diabo; & se he de Sam Bertholameu, ficais esfolado. Ninguem passou pelos deus estreitos da boca, & ouvidos humanos, que nam deixasse nelles, quando menos, a pelle.

330 Notavel he o artificio, com que a natureza formou os nossos ouvidos. Cada ouvido he hum caracol, & de materia que tem sua dureza. E como as palavras entraõ passadas peloocco deste parafuso, nam he muito que quando saem pela boca, sayão torcidas. Torne-mos às de Christo hoje. Disse o Senhor aos seus ouvintes: *Abraham exultavit ut videret diem meum, vidit, & gavisus est*: Abraham deze-

jou ver minha vinda ao mundo, vio-a, & alegrouse. Isto he o que entrou pelos ouvidos dos Escribas, & Fariseos. E que he o que sahio pelas suas bocas? *Quinquaginta annos nondum habes, & Abraham vidisti?* Ainda nam tens sincoenta annos, & viste Abraham? Vede como sahiraõ torcidas as palavras dos ouvidos à boca. Christo disse, que Abraham o víra a elle; & os Fariseos dizem q̄ dissera, que elle víra a Abraham: *Et Abraham vidisti.* Assim torcêram o nome, & mais o verbo. Ao nome mudaraõlhe o caso, & ao verbo a pessoa. Christo disse o nome em nominativo, & elles puzeraõno em accusativo: Christo disse o verbo na terceira pessoa, & elles puzeraõno na segunda. De, *Abraham vidit*, formaraõ, *Abraham vidisti*. Eisaqui como faem as palavras dos ouvidos à boca, torcidas, & retorcidas: torcidos os nomes, torcidos os verbos, torcidas as pessoas, torcidos os casos. Entaõ dizeis, que dissestes o que ouvistes.

331 Mais succede nesta

passagem dos ouvidos à boca. Como os ouvidos fahem dous, & a boca huma; succede, que entrando pelos ouvidos duas verdades, sae pela boca huma mentira. Parece cousa de tregeito; mas he tam certa, q̄ a primeira mentira, que se disse no mundo, foy desta casta: huma mentira feita de duas verdades. Antes que vola diga, quero vos mostrar como isto pode ser. Quando quereis dizer, que fulano he grande mentiroso, dizeis que he huma Chimera. Mas que cousa he Chimera? Muy poucos de vós deveis de o saber. Chimera he hum animal fingido, composto de dous animaes verdadeiros: hum monstro, meyo homem, meyo cavallo, he Chimera; hum monstro, meyo aguia, meyo serpente, he Chimera; hum monstro, meyo leão, meyo peixe, he Chimera; mas não ha taes monstros; nem taes Chimeras no mundo. De maneira, que as ametades são verdadeiras, os todos, ou monstros, que dellas se compoem, são fingidos. As ametades são verdadeiras; porque ha homem,

& cavallo, ha aguia, & ser-  
 pente, ha leão, & peixe: os  
 monstros, que se compoem  
 destas ametades, são fingi-  
 dos; porque nam ha tal cou-  
 ra no mundo. Isto mes-  
 mo fazem os mentirofos: par-  
 tē duas verdades pelo meyo,  
 & sem mudar, nem acrescen-  
 tar nada ao que dissestes, de  
 duas verdades partidas fazem  
 huma mentira inteira. Tal  
 foy a mentira, que disse o  
 diabo a nossos primeiros  
 Pays; & foy a primeira men-  
 tira, que no mundo se disse:  
*Cur præcepit vobis Deus, ut  
 non comederetis de omni ligno  
 Paradisi?* Porque vos man-  
 dou Deos ( diz o diabo a  
 Eva ) que de todas as arvo-  
 res quantas ha no Paraiso,  
 nam comeffeis? Ha tal men-  
 tira como esta? E foy feita  
 de duas verdades. Deos deo  
 a nossos primeiros Pays huma  
 permissão, & hum preceito:  
 a permissão foy: Comey de  
todas as arvores: o preceito  
 foy: Nam comais desta ar-  
vore. E que fez o diabo?  
 Do, Comey de todas as ar-  
vores, tomou o de todas as  
 arvores: & do nam comais  
 desta arvore, tomou o nam

comais: & ajuntando o não  
 comais, com o de todas as ar-  
 vores, disse, que mandara  
 Deos, que de todas as arvo-  
 res nam comeffem. Pòde ha-  
 ver mayor mentira? Pois foy  
 grudada de duas verdades.  
 Defendeyvos là agora das  
 vossas mentiras, com dizer  
 que dissestes as mesmas pala-  
 vras que ouvistes, & que não  
 acrescentastes nada. Que im-  
 porta, que nam acrescen-  
 teis, se diminuístes? Peior he hũa  
 verdade diminuida, que hũa  
 mentira muy declarada; por-  
 que a verdade diminuida na  
 essencia he mentira, & tem  
 apparencias de verdade; &  
 mentiras, que parecem ver-  
 dades, são as peiores menti-  
 ras de todas.

332 Mas porque acabe-  
 mos de huma vez com as  
 mentiras de ouvidas. Para q̃  
 seja mentira o que dizeis, não  
 he necessario que ouçais mal,  
 nem que diminuais, ou acre-  
 centeis o que ouvistes: pòde  
 hum homem dizer pontual-  
 mente o que ouvio, & ouvir  
 pontualmente o que disse-  
 raõ, & com tudo isso mentir.  
 Quando os Judeos accusa-  
 raõ a Christo diante de Pila-  
 V ij                      tos,

tos, buscavaõ diversos falsos testemunhos, & nenhum concluia. Ultimamente diz o Evangelista, que vieraõ duas testemunhas falsas, as quaes differam, que ouviram dizer a Christo, que se o Templo de Jerusalem se desfizesse, elle o reedificaria em tres dias. Para intelligencia deste testemunho havemos de saber, que entrando Christo no Templo de Jerusalem, & achando que nelle estavam comprando, & vendendo, fez hum azorrague das cordas, que alli estavaõ, & a açoutes lançou fóra os que compravaõ, & vendiaõ. Espantados elles da resoluçam de Christo, disseraõ, que lhe dêsse algum sinal do poder, com que fazia aquillo. Respondêo o Senhor: *Solvite*

*Joan.* *Templum hoc, & in tribus die-*  
*2. 19.* *bus excitabo illud.* Pois se Christo disse, derrubay o Templo, & em tres dias o levantarey, & elles testemunharaõ o que lhe ouviram; como eraõ testemunhas falsas? *Venerunt duo falsi testes.*

O Evangelista o declarou: *Joan.* *Ille autem dicebat de Templo*  
*2. 21.* *corporis sui: fallava do Tem-*

plo do seu Corpo; o qual Templo o Senhor excitou tres dias depois de derrubado, que foy no dia da Resurreiçãõ. E como Christo disse aquellas palavras em hum sentido, & elles a referiram em outro, ainda que as palavras eraõ as mesmas, que tinhamõ ouvido, sem mudar, nem acrescentar, nem diminuir as testemunhas eraõ falsas. Cuydais, que para mentir, & para dizer testemunhos falsos, he necessario mudar, diminuir, ou acrescentar as palavras, que ouvistes? Não he necessario nada disto: basta mudarlhe o sentido, ou a intençaõ, ainda que a natureza entendais; porque havei suppor que a podem ter: & mais quando as pessoas sanctas (como era a de Christo) que podem fallar com mysterio. Quantas vezes se dizem as palavras sinceramente com huma tençaõ muito saã, & vòs as interpretaes, & corrompeis de maneira, que de hum louvor fazeis hum agravo, de huma confiança huma injuria, de huma galantaria huma blasfemia, & de huma graça levantais huma

al labareda, que se originã-  
ram della muitas desgraças.  
E se isto succede, quando os  
homens dizem o que ouvi-  
rao, & só o que ouviraõ; que  
serã quando dizem o q̄ ima-  
ginãrao, & o que sonhãrao;  
ou o que ninguem imagi-  
nou, nem sonhou?

§. V.

333 Também contra  
este segundo discurso ha quẽ  
duide, que està adargado.  
Dizem alguns, ou diz algum:  
nam sou eu daquelles, porque  
mim nunca me sahio pela  
boca cousa, que me entrasse  
pelos ouvidos: para afirmar,  
hey de ver com os olhos pri-  
meiro: & se para isso for ne-  
cessario, que os olhos nam  
durmaõ quarenta noites, es-  
tando vigiando a huma es-  
quina, hey o de fazer, sem  
descançar atẽ ter averiguada  
a minha suspeita. Ah ronda  
do inferno! Ah sentinela de  
Satanas! Este mesmo, se lhe  
mandar o Confessor que fa-  
ça exame da consciencia,  
meyo quarto de hora antes  
de se deitar; naõ o ha de po-  
der fazer com o sono. Mas pa-

ra destruir honras, para abra-  
zar casas, estarã feyto hum  
Argos quarenta noites inteiri-  
ras. Naõ cuidem porẽm es-  
tes malignos vigiadores, que  
por ahi se livrarã de men-  
tirofos. Fostes, vigiastes, ob-  
servastes, vistes, dissestes, &  
tendes para vòs que fallastes  
verdade? Pois mêtistest muito  
grande mentira. Os olhos  
mentem de dia, quanto mais  
de noite. Grande caso! No  
Livro quarto dos Reys, ca-  
pitulo terceiro. Sahiraõ em  
campanha contra os Moabí-  
tas ElRey de Israel, ElRey  
de Juda, & ElRey de Edon.  
Estavaõ ainda os exercitos  
para dar batalha na manhãa  
seguinte: eisque ao romper  
do Sol olhãraõ os Moabitas  
para os arrayaes dos inimi-  
gos, & viraõ que pelo meyo  
delles corria hum rio de san-  
gue. Começãram a acclamar  
com grande alegria, fangue,  
fangue, sem duvida que os  
tres Reys pelejàram esta noi-  
te entre si, & matãraõse hũs  
aos outros; vamos a reco-  
lher os despojos. Sahiraõ os  
Moabitas correndo tumul-  
tuariamente. Mas elles fo-  
raõ os despojados, & os v̄ci-

4 Regi  
3.22.

dos; porque o fangue, que viraõ, ou se lhes affigurou q̄ viraõ, não era fangue. Foy o caso, que passava hum rio por meyo dos arrayaes dos tres Reys, & como ao fair do Sol feriram os rayos na agua, que hia correndo; fez taes reflexos a luz, que parecia fangue. E esta apparencia de fangue tam enganosamente visto, & tam falsa, & tam facilmente crido, foy o que precipitou aos Moabítas, & os levou a meteremse nas mãos de seus inimigos. Se reparais no caso, as duas cousas mais claras que ha no mundo, he o Sol, & a agua. Os nossos Proverbios o dizem: claro como a agua: claro como a luz do Sol. E quaes foraõ as cousas, de q̄ se formou aquelle engano nos olhos dos Moabítas, com que cuydaraõ que o rio era fangue? Huma cousa foy o Sol, & outra cousa foy a agua: o Sol, porque ferio cõ seus rayos as aguas: & as aguas porque feridas deram com os reflexos apparencias de fangue. De forte que se enganaraõ os olhos nas duas cousas mais claras, que ha no

mundo. Pois se os olhos se enganãõ nas cousas mais claras; como se nam enganaraõ nas mais escuras, & às escuras? De dia enganavos o Sol, & de noite quereifvos defenganar com as trevas?

334 Dirmeheis, que ha via Lua, & Estrellas, quando vistes. Essa pequena luz he a que cega mais; porque faz que humas cousas pareçam outras. Trouxeraõ hum cego a Christo, pozlhe o Senhor as mãos nos olhos, & perguntoulhe se via? Respondeo o cego: *Vide homines velut arbores ambulantes.* Senhor, vejo os homens como arvores que andaõ. Mais cego estava agora este cego que dantes; porque dantes não via nada, agora via hũa cousas por outras. Os homens, que são de tam diferente figura, & estatûra, viao como arvores, & as arvores, que estaõ prezas com as raizes na terra, via que andavaõ como homens. Eisaqui o q̄ tem ver com pouca luz. O mesmo acontece a estes cegos vigiadores, que vão estudar de noite o q̄ haõ de rezar de dia: *Vide homines*

*velut arbores ambulantes.* O cego de Christo figuravase-lhe, que os homens eraõ arvores, & estes cegos do diabo, figurase-lhe, que as arvores saõ homens. Poemse a espreitar, vem hũa arvore em hũ quintal, eis là vay hũ homem. A arvore està taõ pregada pelas raizes, que dous cavadores a não arrancaram em hum dia, & elle ha de jurar aos Santos Evangelhos, que vio entrar, & sair aquelle vulto: *Arbores ambulantes.* Oh maldito officio, ò infernal curiosidade! Já se os olhos levarem algũa nuvemzinha, como sempre levaõ, ou de desconfiança, ou de odio, ou de inveja, ou de suspeita, ou de vingança, ou de outra qualquer paixão; ahi vos gabo eu. *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* Notou David admiravelmente, que a agua nas nuvens he negra. Vedes là vir hum aguaceiro escuro mais q̃ a mesma noite: que negrume he aquelle? Não he mais que agua, & nuvem: a nuvem he hũ velante, a agua he hum cristal; & destes dous ingredientes tam puros, & tam diafanos,

se faz huma escuridade tam negra, & tam espessa. Se que vay vigiar, & espreitar a vossa vida, & a vossa honra, levar alguma nuvem diante dos olhos, ainda que seja tam delgada como hum volante, por mais q̃ a vossa vida, & a vossa honra seja taõ clara, & taõ pura como hum cristal, ha-lhe de parecer escura, & tenebrosa: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* Finalmente, reduzindo todo o discurso, ou todos os discursos; mentem as linguas, porque mentem as imaginaçoens: mentem as linguas, porque mentem os ouvidos: mentem as linguas, porque mentem os olhos: & mentem as linguas, porque tudo mente, & todos mentem.

§. VI.

335 Tenho acabado de provar a materia, que propuz. Mas parece-me que estais dizendo ( como disse no principio ) que tenho dito muitas afrontas a vossa terra. Porém eu digo ( como tambem prometti ) que antes a tenho desaffrontado.

E se não, pergunto: Qual vos está melhor, que seja verdade o que se diz, ou que seja mentiras? Não ha duvida, que vos está melhor, que seja mentiras. Pois isto he o que eu tenho ditto. Se fora verdade o que se diz, era grande affrota vossa; mas como tenho mostrado, que tudo são mentiras, ficais todos muito honrados. Hoje vos restitui vossa honra, porque provey, que mentem todos os que dizê mal de vós. Vós bem sabeis melhor que eu que tudo são mentiras; mas eu tomey por minha cõta este manifesto por amor dos forasteiros, que me ouvem, que não são praticos nos costumes da terra. Dos Apostolos de Christo se diziaõ, & se haviaõ de dizer muitos males, porque he uso do mudo dizer mal dos bõs. E o Senhor para os defafrõtar, & animar, disselhes esta divina sentença: *Beati eritis, cum maledixerint vobis homines, & dixerint omne malum adversum vos, mentientes.* Bemaventurados vós, quando os homens differem todo o mal de vós, *mentientes, mē-*

*Matt. 5.11. Luc.6. 22.*

tindo. Nesta palavra está a consolação, & a defafronta. Se os homẽs dizem mal, falando verdade, he grande desgraça; mas se elles dizem mal, *mentientes*, mentindo, não importa nada. Por isso disse, & quero que saybam todos, que o que nesta terra se diz, são mentiras. O mentiroso conhecido ha se de entender às aveffas; & entendido às aveffas, nem afronta, nem mente, porq̃ diz verdade. E assim haveis de entender tudo o que ouvís. Guardevos Deos de que o mentiroso diga bem de vós, porque he final, que fois o contrario do q̃ elle diz. Essa foy a razaõ, porque Christo quando o diabo o nomeou por Filho de Deos, lhe mandou que callasse: porque como o diabo he pay da mentira, em dizer que era Filho de Deos, dizia q̃o não era. E esse foy tambem o modo geral, com que o mesmo Senhor hoje se defafrontou de todas as injurias, que o Escribas, & Fariseos lhe tinhão ditto, calificandoos por mentirosos: *Ero similis vobis mendax.*



336 He verdade, que os  
rasteiros, a quem eu prê-  
esta doutrina, fazem hum  
irrevél argumento contra a  
ossa terra. Chegaõ a este  
orto, poem os pês em terra  
ouvindo dizer mal de to-  
os, & de tudo, fazem este  
discurso. Ou estes homens  
mentem, ou fallaõ verdade:  
e fallaõ verdade, esta he a  
mais mã terra de todo o mû-  
lo; pois nella se comettem  
tantas maldades: & se men-  
tem, tambem a terra he mui-  
o mã, pois os homens tem  
am pouca consciencia, que  
levantaõ tantos falsos testi-  
munhos. Este he o argumen-  
to, que parece não tem facil  
soluçãõ. Mas eu respondo a  
uma, & outra parte delle.  
Quanto à primeira, digo que  
as maldades, que se dizem,  
sãõ falsas, & que como fal-  
sas, não se devem crer. Sãõ  
falsas? (Insta a outra parte)  
logo onde os homens levã-  
taõ tâtos falsos testemunhos,  
não pôde ser fenaõ a peor  
terra do mundo. Eisahi o en-  
gano, & a falsa supposiçãõ,  
em que estãõ os q não tem  
pratica interior da terra. No  
Maranhão he verdade que

ha muitas mentiras, mas mē-  
tirofos, isso não: muito fal-  
so testemunho, sim; mas que  
levanta falso testemunho, por  
nenhum caso. Pois como  
pode isto ser? Como pode  
ser, que haja falsos testimu-  
nhos, sem haver quem os le-  
vante? Eu volo direy. Nas  
outras terras os homens le-  
vãtaõ os falsos testemunhos:  
nesta terra os falsos testimu-  
nhos levãtaõse a si mesmos.  
Se vos parece difficultosa a  
proposiçãõ, vamos à prova.  
Confessate hum homem, &  
chegando ao quinto manda-  
mento, diz: Padre, accuso-  
me, que eu dezejey a morte  
a hum homem, & o busquey  
para o matar, & propuz de  
lhe fazer todo o mal q pu-  
desse. E porq? Porq me tirou  
a minha honra com hũ falso  
testemunho de que eu estava  
taõ innocente como S. Fran-  
cisco. Irmaõ, perdoaylhe,  
para que Deos vos perdoe.  
Passamos adiante, chegamos  
ao oitavo mandamento: le-  
vantastes algum falso testi-  
munho? Não Padre, pecca-  
do he, de que nunca me ac-  
cusey, seja Deos louvado.  
Vem huma mulher, chega  
ao

ao quinto. Digo a Deos minha culpa, que eu ha tantos mezes, que tenho odio a hũa mulher, & rogueilhe muitas pragas, que a falla, & a confissão lhe faltasse na hora da morte, & que nem nesta vida, nem na outra lhe perdoava; que seus filhos visse ella mortos diãte de sy a estocadas frias. Porque? Porq me levantou hum aleive a mim, & a huma filha minha, com que nos infamou em toda esta terra, & não me atrevo a lhe perdoar. Ora Senhora, estamos em Quaresma, algũa cousa havenios de fazer por amor de hũ Deos, que padeceo tâtas affrontas, & se poz em huma Cruz por amor de nòs. Em fim, compungiose, prometteo de perdoar. Chega o Confessor ao oitavo mandamento. E vossa mercè levantou algum falso testemunho? Senhor Padre, melhor estrea me dê Deos: muito grãde peccadora sou; mas nunca Deos permita, que eu diga das pessoas, o q nellas não ha: se ouço algũa cousa, ajudo tambem; mas levantar falso testemunho, nunca em minha vida o fiz.

Isto que aqui vos puz e dou, acontece infinitas vezes: de maneira, que no quinto todos se queixão, que lh levantão falsos testemunhos no oitavo ninguem se accusa de levantar falso testemunho. Logo bem dizia eu, que nesta terra os falsos testemunhos se levãto a si mesmos. Em summa, que temos aqu os peccados, mas não temos os peccadores: temos os falsos testemunhos, mas não temos as falsas testemunhas. Isto he o que só posso cuidar. Mas se acaso he o contrario, miseraveis daquelle que assim vivem! Grande miseria he, que os falsos testemunhos se levantem: maior miseria he, que de pois de levantados, se façdelles tam pouco caso, & tam pouco escrupulo. Ou deixais de confessar o falso testemunho, conhecendo que o levantastes, ou não o conhecendo; se o deixastes de confessar, conhecendo-o, mentis a Deos: se o deixais de confessar pelo não conhecer, mentisvos a vòs. E huma, & outra cegueira, he bem merecido castigo: que minta a Deos,

meos; & que se minta a si  
mesmo, quem mentio tam  
pravemente contra seu pro-  
ximo, & que de hum, ou de  
outro modo se vâ ao infer-  
no.

§. VII.

337 Senhores meus; se  
algum Sermaõ não tinha ne-  
cessidade de exhortação, era  
este. Sõ vos digo como a ho-  
mens, & como a Christãos,  
que não só por consciencia,  
mas por conveniencia, se de-  
ve aborrecer a mentira, &  
amar a verdade. Por conve-  
niencia, porque viveis em  
uma terra muito pequena.  
Em toda a parte fazem mui-  
to malas mentiras; mas nas  
terras grandes tem saca, & tẽ  
muito por onde se espalhar;  
nas terras, pequenas, todas  
se illi ficaõ. Em Lisboa mui-  
ta mentira se diz; mas repar-  
temse as mentiras por todo  
o Reyno; & por todo o mun-  
do. Chegou navio de Le-  
vante, fallase nas guerras do  
Turco, nas do Veneziano,  
nas do Tartaro, nas do Po-  
laco; fallase no Papa, nos Car-  
deaes, nos outros Principes,

& Pententados de Italia: di-  
zemse muitas mentiras, mas  
repartemse; humas caem em  
Constantinopla, outras em  
Veneza, outras em Roma,  
outras na Toscãna, Saboya,  
&c. Vem navio do Norte,  
fallase em ElRey de França,  
no Emperador, no Sueco, no  
Parlamento de Inglaterra,  
nos Estados de Hollanda, &  
Flandes; dizemse muitas  
mentiras, mas repartemse,  
por Paris, por Londres, por  
Viena de Austria, por Am-  
sterdaõ, por Estaholmo; &c.  
Partem tambem os nossos  
correyos todos os Sabbados,  
& levaõ grande copia das  
mentiras por todo o Reyno,  
& o mesmo he das Frotas do  
Brasil, & da India, porẽm as  
mentiras do Maranhão nam  
tem, nem outra parte donde  
vir, nem outta parte para on-  
de ir: aqui nascem; & aqui  
ficaõ: & quando as menti-  
ras todas ficaõ na terra, & to-  
das vos caem em casa, ainda  
por conveniencia, & rezam  
de estado, as haveia de lâgar  
fóra. E se não, fazoye por  
curiosidade duas contas, as  
quaes eu agora não posso fa-  
zer. Huma he, quantas men-  
tirias

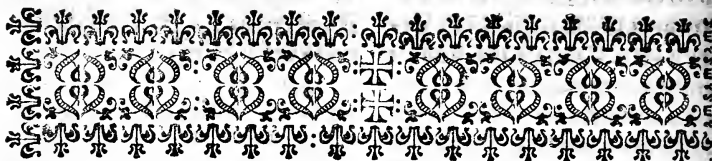
tiras se dirãem cada dia no Maranhão? A outra, quantas casas ha nesta Cidade: & logo repartir as mentiras, & vereis quantas cabem a cada casa? E que será em huma fomanã, que será em hũ mez, que será em hum anno?

338 Pois se tudo isto vos fica em casa, & he força, que assim seja, não he muito pouca razaõ de estado, & muito grande femrazaõ, que vos andeis levãtando falsos testemunhos, que vos andeis infamando, & afrontando huns aos outros? Não fora muito melhor feres todos muito amigos, muito confõrmes, amardevos todos, honrardesvos todos, authorizardesvos todos, & poupardes todos desgostos? Ha outros peccados, que parece que os pôde desculpar o gofio, ou o interesse. Mas o mentir, & o levantar falso testemunho? Que daõ a hum homem por mentir? Que gofio se pôde ter em levantar hum falso testemunho? Se he por me vingar de meu inimigo, muito mayor mal me faço a mim, que a elle; porque a elle, quando muito ti-

rolhe a honra, a mim condõ nome a Alma. Ora Christãos, por reverencia daquelle Senhor (que sendo Deus se preza de se chamar Verdade) que façamos hoje hum muito firme, & muito verdadeira resoluçaõ de não haver paixãõ nenhũa, nem respeito, nem interesse, que vos faça torcer, nem falta hum ponto á verdade: quanto ao passado, que examinemos muito devagar, & muito escrupulosamente se temos faltado à verdade em algũa coufa, principalmente em materia da honra de nosos proximos. Olhay, Senhores, que este, este he o peccado, que mais facilmente se cõmette, & com mais difficuldade se restitue. Olhay Christãos, que as balanças em que se pezam as consciencias na outra vida, são muito delicadas, & que será grande desgraça ir ao inferno para sempre por hum falso testemunho. O remedio está em huma consciencia muito bem examinada em huma Confissãõ muito bem feita, & em huma satisfacõem muito verdadeira, ad-

Quinta Dominga da Quaresma. 317.  
ertindovos , & protestan- nem nesta vida podeis alcan-  
vos da parte de Deos , que çar a Graça , nem na outra  
m estas tres condiçoens , merecer a Gloria.





# S E R M A M

DO

## M A N D A T O,

CONCORRENDO NO MESMO DIA  
o da Encarnação. Anno de 1655.

Prègado na Misericordia de Lisboa às 11. da manhaã.

*Sciens quia à Deo exiuit , & ad Deum vadit : Cum dilexisset  
suos, in finem dilexit eos. Joann. 13.*

§. I.

339



Rande dia !  
Grande amor !  
Depois que o  
Eterno se fez  
temporal, tam-  
bem o Amor  
Divino tem dias. O Euan-

gelista Sam João querendo  
nos declarar a grandeza, &  
grandezas do mesmo amo-  
ncite dia, a primeira cousa  
ponderou com tam alto ju-  
zo como o seu, foy ser hun-  
dia antes de outro dia : *An-  
te diem festum Paschæ.* Tan-  
to pôde acrefcentar quilates

ac

o amor a reflexão ; ou circumstancia dos dias. E quefrey eu ? Dous dias hey de combinar tambem hoje ; mas não o dia de antes com o dia de depois, senão o dia de depois com o dia de antes : & não livremente, ou por eleição propria, & minha, senão por obrigação forçosa dos mesmos dias. Assim como depois de longo circulo de annos se encontraõ, & ajuntãõ dous Planetas a fazer hũa conjunção magna ; assim no anno presente concorrem, & se ajuntãõ hoje no mesmo dia os dous mayores Mystérios, & os dous mayores dias : o dia da Encarnação do Verbo, & o dia da Partida do mesmo Verbo encarnado. O dia da Encarnação do Verbo : *Sciens, quia à Deo creavit* : que foy o principio do seu amor para com os homens : *Cum dilexisset suos* : & a partida do mesmo Verbo encarnado : *Et ad Deum vadit* : que foy o fim sem fim do mesmo amor : *In finem direxit eos*.

340 O Real Profeta David antevendo em espirito estes dous dias, diz, que o dia

de hoje falla com o dia da Encarnação, & o dia da Encarnação com o dia de hoje ; & que ambos se entendem entre sy, & se respondem hũa ao outro : *Dies diei eructat verbum*. Assim explica este famoso Texto Santo Agustinho. E se perguntarmos, que he o que fallaõ estes dias, que devem de ser cousas muito dignas de se ouvir, & saber ; responde o mesmo David, q̄ as noites dos mesmos dias nos dirãõ, & declararãõ o que elles fallaõ : *Dies diei eructat verbum, & nox nocti indicat scientiam*. Pois as noites, que são escuras, nos hão de declarar o que dizem os dias ? Sim. Porque os mysterios do dia de hoje, & do dia da Encarnação, ambos se celebrãõ nas noites dos mesmos dias. Tanto silencio, & reverencia era devido à magestade de tam divinos mysterios. Os do dia da Encarnação de noite : *Cum quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet* : E os do dia de hoje tambem de noite : *Et cæna facta*. As luzes, a que se ha

*Psal.*  
18. 3.  
*Aug.*  
*Serm.*  
22. de  
*Nati-*  
*vit.*

*Sap.*  
18. 14.

*Joan.*  
13. 2.

pre-

presentação, são as da Fê: os lugares, hum Cenaculo grande em Jerusaleem, & huma casa humilde, mas Real, em Nazareth. E a questão, ou problema, qual será? Se foy mayor o amor de Christo no dia da Encarnação, ou no dia de hoje?

341 Posto pois hum dia defronte do outro dia, & hum mysterio à vista de outro mysterio, & hum amor competindo com outro amor, he certo, que nunca o Amor Divino se vio em mais glorioso theatro, pois sae a competir consigo mesmo. Nas outras comparaçoes do Amor Divino com o amor dos homens: ou seja com o amor dos irmãos, ou com o amor dos pays, ou com o amor dos filhos, ou com o amor dos esposos, ou com o amor dos amigos (que deve ser o mayor de todos) ainda que faya vencedor o amor de Christo, sempre fica aggravado na victoria, porque entra afrontado na competencia. Só hoje se vencer, será vencedor glorioso, porque tem competidor igual, & se vencerá a ty mesmo. Quando David ta-

hio a desafio com o Gigante, mediolhe o Gigante com os olhos a estatura; & por que não duvidava da victoria; na desigualdade de tamanho inferior combatente, tem por injuriosa a batalha. De mesmo modo, & com mais verdade, Christo. Quando seu amor se compára com o outro amor, compete o Gigante com David: mas quando se compara o amor de Christo com o amor do mesmo Christo, como fazemos hoje, he competir o Gigante com o Gigante. Assim o disse, e cantou o mesmo David: *Et ultavit ut gigas ad currendam viam.* Entrou Christo na estacada como Gigante: que fez? Justou consigo mesmo. A primeira carreira foy do Ceo para a terra: *summo caelo egressio ejus*: a segunda carreira, foy da terra para o Ceo: *Et occursum ejus usque ad summum ejus*: E neste encontro se cerrou a justa & se quebrarão as lanças hum, & outro amor. He o verso de David o mesmo que diz a prosa do nosso Evangelho. A primeira carreira: *A summo caelo egressio ejus*



foy no dia da Encarnação, quando o Verbo sahio do Padre: *A Deo exiit*: a segunda carreira: *Et occursus ejus usque ad summum ejus*: foy no dia de hoje, quando o mesmo Verbo tornou para o Padre: *Et ad Deum vadit*: na primeira carreira amor: *Cum dilexisset suos*: & na segunda tambem amor: *In finem dilexit eos*. O *dilexisset*, & o *dilexit* distingue os dias: o *dilexisset* declara hum amor, & *dilexit* outro: mas nem jūnos, nem divididos finalaõ a gloria, nem resolvem qual foy mayor. Esta famosa decisão entre os mayores combatentes, que já mais se viraõ, havemos de ver hoje. Assim nosha com a Graça, quem foy presente em hum, & outro dia, & que teve a mayor parte em hum, & outro mysterio, que foy a Mãe do mesmo Amor: *Mater pulchre dilectionis*. Mas como invocaremos seu favor, & patrocinio? Com as mesmas palavras com que tambem houve a invocou o Anjo: *Ave gratia plena*.

## §. II.

*Cum dilexisset, dilexit.*

342 **N**Estas palavras (como dizia) deixou o Evangelista indecisa a nossa questão; porque não disse, como amasse mais, amou menos; nem como amasse menos, amou mais; senam, como amasse, amou. Distinguiu sómente os tempos, & pelos tempos o amor, sem preferencia porém, ou ventagem, nem do amor passado ao presente, nem do presente ao passado. Fallou S. João como Divino Theologo, & não só como quem tecia a hystoria, mas como quem compunha o panegirico do amor de Christo. Quanto à substancia do amor, Christo, Senhor nosso, tanto nos amou no dia da Encarnação, como no dia de hoje, & em todos os da sua vida; porque o seu amor he amor perfeito, & não fora seu, se assim não fora. O amor dos homens, ou mingua, ou cresce, ou para: o de Christo nem pôde minguar, nem crescer, nem

parar ; porque he, foy, & será sempre amor perfeito , & por isso sempre o mesmo , & sem alteraçãõ , nem mudançã. Ama Christo em quanto homem , como ama em quanto Deos. Perguntaõ os Theologos , como ama Deos a huns mais , & a outros menos, se o seu amor, ( o qual se não distingue da sua essencia ) he sempre hum só , & o mesmo, infinito, simplicissimo , & immutavel ? E respõdem , que a differença, ou desigualdade não está no amor, senão nos effectos ; porque a huns fugeitos faz Deos mayores bens que a outros. Os homens amamos os objectos pelo bem que tem ; Deos amamos pelo bem que lhe faz. E assim como julgamos a maioria do amor de Deos pelos effectos, assim havemos de julgar tambem a do amor de Christo. Este he o fundamento solido , & certo, sobre que excita nos a nossa questãõ : & estes os termos de igual certeza , com que a havemos de resolver. Nem daqui deve inferir, eu cuidar a rudeza do nosso entendimento, que seria me-

nos affectuoso ; ou meno amoroso, este modo de amor de Christo ; porque assim como em Deos o fazer o bem se chama amor effectivo , o querelo fazer , amor affectivo ; assim no amor de Christo os affectos foraõ causa dos effectos, que vemos , & os effectos a demonstram dos affectos.

343 Vindo pois aos effectos , & demonstraçoens de hum , & outro amor no dia de hoje , & no dia da Encarnaçãõ ; parece que assim numero, como no modo , & esteve medindo , & proporcionando o mesmo amor , nelles se quiz igualar , & vencer. O Concilio Nisseno no Simbolo da Fé , ponderando o amor de Christo na Encarnaçãõ , reduz os effectos de le a dous extremos : desce do Ceo , & fazerse homem. *Qui propter nos homines , & propter nostram salutem descendit de caelis. Et incarnatus est ex Maria virgine , & homo factus est.* Isto diz o Espirito Santo no Concilio, fallando do dia da Encarnaçãõ. fallando do dia de hoje , que he o que diz , & pondêra

mesmo Espirito Santo no Evangelho? Outros dous feitos, & outros dous extremos: lavar os pès aos homens, & deixar-se no Santissimo Sacramento: *Et cenà factà, capit lavare pedes discipulorum.* Suppostos de hũa, & outra parte este par de extremos, huns, & outros nam só admiraveis, mas estupendos, comparandose o amor de Christo, & competindose em huns, & outros: que diremos, ou que podemos dizer? Sem temeridade, nem temor, digo, & affirmo, que maiores foraõ os extremos do dia de hoje, que os do dia da Encarnaçãõ. E porque? Porque se no dia da Encarnaçãõ foy grande extremo de amor descer Deos do Ceo à terra: *Descendit de celis:* muito mayor extremo foy no dia de hoje lavar Christo os pès aos homens: *Capit lavare pedes discipulorum.* E se foy grande extremo de amor no dia da Encarnaçãõ fazer-se Deos homem: *Et homo factus est:* muito mayor extremo foy no dia de hoje deixar Christo seu Corpo no Sacramento, para que o co-

messem os homêes; como fez na Cea: *Et Cenà factà.* Estes serãõ os dous pontos do nosso discurso, em que elle descobrirã muito mais do que apparece no que está ditto.

## §. III.

344 Tam grande, & tam prodigiosa cousa foy descer Deos em pessoa do Ceo à terra, q̄ visto de muito longe este mysterio, nam só cauiava admiraçãõ, & espanto ao entendimento, mas horror, & affombro à mesma Fè. Vio Jacob em sonhos aquella famosa escada, que chegava da terra até o Ceo, pela qual subiaõ, & desciaõ Anjos, encostando, & inclinado. Deos no alto della: & affombrado do que via, acordou com hum grito, dizendo: *Terribilis est locus iste:* Gen. es. 28.17 Oh que terrivel, ò que temeroso lugar! De varios modos se coltuna ponderar a estranheza deste ditto. Eu só noto, que nê a vista podia causar horror, nem a novidade espanto. O que só poderia causar horror a Jacob, era ver,

que os que subiaõ , & desciaõ , fossem sómente Anjos, & que nem elle, que estava no baixo da escada, subisse, nem Deos que estava no alto, descesse; com que se demonstrava huma grande separaçam entre Deos, & o homem, como aquella, de que disse Abrahaõ ao Avarento:

*Luc.* *Inter nos, & vos chaos magnū*

*16.26* *firmatum est.* E posto que hoje esta apprehensão seria para nós de grande horror, porq̃ sabemos o côtrario; naquelle tempo nem podia causar horror pela vista, nem espanto pela novidade, como dizia; porque tudo o que Jacob vio, & tudo o que mostrava significar o que via, era o mesmo que elle, & os demais suppunhaõ. Atê o tempo de Jacob, & ainda depois no tempo da Ley Escrita, nunca Deos promettêo aos homens o Ceo, senaõ tudo premios da terra. E daqui nascêo aquella Paremia, ou Proverbio: *Cælum cæli Domino; terram autem dedit filiis hominum*: que o Ceo era para Deos, & a terra para os homens. Logo não se podia assombrar, nem espantar Ja-

*Psal.*  
113.  
16.

cob, de que elle sendo homem, & estando na terra, não subisse pela escada: & muito menos, de que Deos sendo Deos, & estando no Ceo, não descesse. Pois se Jacob não tinha que admirar, nem que estranhar no seu sonho, de acordou com tanto horror & tam notavel assombro?

345 Acordou assombrado Jacob, não do que vira, senaõ do que na mesma visãõ Deos lhe revelara. Revelou Deos a Jacob, que naquella escada era significade o mysterio altissimo da Encarnaçãõ do Verbo: & que para elle Jacob, & os outros homens poderem subir ao Ceo, elle Deos havia de descer do Ceo à terra: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit de cælis.* E vendo Jacob, que a Magestade suprema de Deos, deixando, do modo que o podia deixar, o tronco do Empireo, havia de descer em Pessoa do Ceo à terra; a revelaçãõ desta estupêda novidade, que nunca entrou na imaginaçãõ humana, lhe causou no mesmo sono tal horror, & assombro, que acordou

dou tremendo, & gritando: *Terribilis est locus iste.* Duas  
 cousas vio Jacob no que vio,  
 que muito, & com muita  
 razão lhe assombraraõ, nam  
 a vista, senaõ o entendimen-  
 to. E quaes foraõ? A pri-  
 meira, que sendo a escada  
 para descer Deos, a descida  
 era muyto mayor que a esca-  
 da. Pois a descida mayor  
 q̃ a escada? Sim. Porque a esca-  
 da chegava da terra ao  
 Ceo, que he distancia limi-  
 tada, & a descida era de Deos  
 ao homem, que he distancia  
 infinita. E vendo unir dous  
 extremos infinitamente di-  
 stantes; quem, ainda estan-  
 do muito em sy, não ficaria  
 atonito, & assombrado! A  
 segunda causa, & não menor,  
 do mesmo assombro, foy,  
 que por meyo da Encarna-  
 ção do Verbo assim revelada  
 a Jacob, vinha a conseguir  
 muito mais o menor Anjo,  
 do que a soberba de Lucifer  
 tinha affectado. Porque Lu-  
 cifer quiz ser igual a Deos,  
 & fazendose Deos homem,  
 ficava Deos por este lado sen-  
 do inferior ao menor Anjo.  
 Este foy o grande mysterio  
 (diz Sonto Agullinho.) por-  
 Tom. 4.

que os Anjos da escada huns  
 desciaõ, outros subiaõ. Ce-  
 mo Deos estava no alto da  
 escada, & Jacob ao pè della,  
 os Anjos, que ficavaõ da par-  
 te de Deos, desciaõ, & os que  
 ficavaõ da parte de Jacob,  
 subiaõ; & este subir, & des-  
 cer não era acto, ou movi-  
 mento da vontade dos mes-  
 mos Anjos, senaõ ordem, &  
 constituição da sua propria  
 natureza. Os da parte supe-  
 rior da escada, onde estava  
 Deos, desciaõ; porque todos  
 os Anjos são muito inferior-  
 res a Deos; & os da parte in-  
 ferior, onde estava Jacob, su-  
 biaõ; porque esses mesmos  
 são muito superiores ao ho-  
 mem. E como os Anjos são  
 superiores ao homem, &  
 Deos não havia de tomar a  
 natureza Angelica, seraõ a  
 humana; isto era o que assom-  
 brava a Jacob, & lhe parecia  
 cousa terrivel: que Deos  
 ouvesse de descer, & abater-  
 se tanto, que ficasse por esta  
 parte muito inferior a qual-  
 quer Anjo.

346 Lá disse David,  
 que Deos tinha feito ao ho-  
 mem pouco menor que os *Psal.*  
 Anjos: *Minuisti eum paulò 8.6.*

1b.7.  
8.

*minus ab Angelis.* Mas isto se entende no dominio, & não na natureza; porque deu Deos a Adam o senhorio, & imperio de todos os animaes da terra, do mar, & do ar, como logo declarou o mesmo Profeta: *Mi-nuisti eum paulò minus ab Angelis: gloriâ, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum: omnia subiecisti sub pedibus ejus, oves, & boves, insuper & pecora campi: volucres cæli, & pisces maris.* De maneira que no dominio, & uso de todas as cousas criadas para serviço seu nos tres elementos, he o homem pouco menor que os Anjos; porém no ser, & nobreza natural, nam só quanto à parte do barro, em que aparentamos com os brutos, senão ainda quanto à parte espiritual da Alma, & suas potencias, em que imitamos a natureza Angelica, não he o homem pouco menor, senão muito menor, & muito inferior a qualquer Anjo: & tanto mais, quanto for de mais superior Gerarchia. A escada de Jacob tinha nove degraos, que são as

nove ordens de criaturas racionais, q̄ ha entre Deos, & o homem; as quaes por outro nome chamamos nove Coros dos Anjos: & todos estes degraos desceo Deos, & os deixou, & passou por elles, para se unir com a natureza humana, que jazia em Jacob abaixo de todos.

347 He o que ponderou Sam Paulo naquellas palavras: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit.* Cujo fundo, & energia não acho tam declarada nos Expositores, como ella pede. Dizem, que *nusquam* he o mesmo que *nunquam*, ou *nequaquam*; mas *nusquam* nam he simples negação, nem adverbio de tempo, senão de lugar, & propriamente quer dizer, em nenhuma parte. Pois porque diz Sam Paulo, que nam tomou Deos a natureza Angelica em nenhuma parte, *nusquam*? Porque tinha Deos nove partes, em que a tomar: tres na primeira Gerarchia, tres na segunda, & tres na terceira. E essa foy a maravilha do mysterio da Encarnação, que por tomar Deos a

natureza humana ; deixasse em tantas partes a Angelica. Na primeira Gerarchia deixou, Serafins, Cherubins, Tronos : na segunda deixou, Potestades, Principados, Dominaçoens : na terceira deixou, Virtudes, Archanjos, Anjos : & no homem, q̄ era o decimo, ultimo, & infimo lugar, onde jazia Jacob, alli tomou a nossa natureza cahida, para a levantar, & enferma, para lhe dar saude, q̄ foy o fim para que tanto se abatêo, & descêo. Estando ElRey Ezechias mortalmente enfermo, prometteolhe o Profeta Ifaias a vida em nome de Deos, & em testimonho de que a promessa era divina, deulhe por sinal no Ceo, que o Sol tornaria atrás dez linhas, ou dez degraos, & assim succedeo: *Et reversus est Sol decem lineis per gradus, quos descenderat.* E porque tornou o Sol atrás dez linhas, ou dez degraos, & não onze, ou nove, senão dez, nem mais, nem menos finalmente? Porque naquelle prodigio, verdadeiramente grande, se significava outro mayor, que era o da

Encarnação do Verbo: na qual assim como o Sol estandoo no Zenith ( que não podia ser de outra forte ) tornou atrás dez linhas até se pôr nos Horizontes da terra; assim Deos desde o mais alto de sua Magestade infinita desceo outras dez linhas até se pôr na ultima, & infima da natureza humana: & assim como fez aquelle estupendo prodigio por amor de Ezechias, & em beneficio da sua saude; assim obrou o da Encarnação, muito mais estupendo, por amor dos homens, & para saude dos homens: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit de caelis: & incarnatus est.*

## §. IV.

348 Isto he o que neste dia se obrou em Nazareth. Mudemos agora a scena; & ponhamonos no Cenaculo de Jerusalem, & veremos cõ quanta mayor razão se pôde dizer daquelle lugar: *Terribilis est locus iste!* Despeite Christo das roupas exteriores, cingese com huma toalha, deita agua em huma bacia com suas proprias mãos:

entendese destas acçoens , isto era amor , & reverencia de Christo em Pedro , tambẽ Jacob o reverenciava , & amava muito. Pois se Jacob dezeja , que Deos desça , & se abata a fazer homem , porque não consente Pedro , que se abata a lhe lavar os pês ? Por isso mesmo. Porque tanto vay de hum abatimento a outro abatimento. Encarnar Deos , era fazerse homem , lavar os pês aos homens , era fazerse servo : Encarnar , era vestirse da nossa humanidade ; fazerse servo dos homens , era despirse da sua Divindade.

349 Não me atrevèra a dizer tanto , se Sam Paulo o não tivera dito , & ainda muito mais. He passo muitas vezes ouvido , mas q̃ terà que explicar atè o fim do mundo. *Qui cum in forma Ph. Dei esset , non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo , sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens , in similitudinem hominum factus , & habitu in ventus ut homo.* Quer dizer : que sendo o Verbo Eterno igual ao Padre em tudo , se fez , & se desfez. Se fez ; porque sendo Deos , se fez

Joan.

13.6.

b. 8.

mes

2.26

com esta vista o assombro , o pasmo , o horror , com que as mesmas paredes do Cenaculo parece q̃ tremiaõ? Não estava aqui Jacob , mas estava Pedro , o qual mais fóra de sy , que no Tabor , exclamou dizendo : *Domine , tibi hi lavas pedes ?* Vós , Senhor , a mim lavar os pês ? Eternamente consentirey tal cousa : *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Já neste primeiro movimento se vê quanto vay de dia a dia , & de mysterio a mysterio. Comparayme a S. Pedro com Jacob. Jacob depois que vio a escada , & que Deos havia de descer por ella , dezejava sumamente , que descesse , & em quanto tardava a vir , lhe parecia huma eternidade : *Domine , nec veniret desiderium collium aeternorum.* Pelo contrario Pedro , vendo que Christo lhe quer lavar os pês , não sofre , nem consente em tal acçoã ; diz resolutamente que a não consentirá por toda a ternidade : *Non lavabis mihi pedes in aeternum.* Se-



o homem: *In similitudinem  
 unum factus*, & *habitu  
 ventus ut homo*: & se des-  
 cez; por que sendo Deos, &  
 homem, se fez servo, &  
 sendo servo, se descez, &  
 tornou a sy mesmo: *Exi-  
 iuit semetipsum*, *formam  
 servi accipiens*. Agora per-  
 ceito: Quando se fez Deos  
 homem, & quando se fez ser-  
 vo? Fezse homem na Encar-  
 nação, & fezse servo no la-  
 vatorio dos pés: logo na En-  
 carnação se fez, & no lava-  
 torio se descez. Muitos Au-  
 tores entendem todo este  
 texto só da encarnação, &  
 não o fazerse Deos homem,  
 e juntamente fazerse ser-  
 vo. Mas esta interpretação  
 é impropria, por não dizer  
 injuriosa à natureza humana.  
 Para ser homem he indifferen-  
 te, ou para ser servo, ou para  
 ser Senhor: & Christo, em  
 quanto homem, não só fey  
 Senhor, senão grande Se-  
 ñor. Assim o disse o Anjo  
 no mesmo dia da Encarna-  
 ção, annunciando, que em  
 quanto Deos, seria Filho do  
 Altissimo, & em quanto ho-  
 mem, herdeiro do cetro de  
 Rey David. Nesta sup-

posição fallou sempre o me-  
 smo Christo: *Non est servus  
 maior domino suo: si me per-  
 sequuti sunt, & vos persequen-  
 tur: & hoje depois do mes-  
 mo ocio do lavatorio: Vos  
 vocatis me, Magister, & Do-*  
*mine, & benedicitis, sum ete-  
 nim.* Nem encontraõ, antes  
 confirmaõ esta distincção as  
 mesmas palavras de S. Pau-  
 lo: as quaes dizem, que to-  
 mou o Senhor a fórma de  
 servo, não fazendo se, senão  
 feito homem: *Formam servi  
 accipiens, in similitudinem ho-  
 minum factus*: porque feito  
 homem na Encarnação, to-  
 mou a fórma de servo, lavã-  
 do os pés aos homens. Ex-  
 pressa, & exquisitamente  
 Dionysio Alexandrino. *Jesus  
 Christus Dominus, & Deus  
 Apostolorum, cum accipisset  
 formam servi surgit à cæna,  
 & ponit vestimenta sua, &  
 linteo præcinxit se: hæc est for-  
 ma servi.* A baixeza do ser-  
 vo não he obra, ou injuria da  
 natureza, senão da fortuna.  
 A natureza a todos os ho-  
 mens fez iguaes; a fortuna  
 he a que fez os altos, os bai-  
 xos, & os baixissimos quaes  
 são os servos. E esta foy a fi-  
 neza

neza do amor de Christo hoje sobre a do dia, & obra da Encarnação. Quando se fez homem, tomou as condições da natureza; quando se fez servo, & lavou os pés aos homens, tomou as baixezas da fortuna. Aquillo foy fazer-se, & isto desfazer-se: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.*

35º Com duas comparações, ou metáforas declara São Paulo este fazer-se, & desfazer-se: com metáfora da roupa, que se veste, & se despe, & com metáfora do vaso, que se enche, & se vaza. Com metáfora da roupa, que se veste, & despe: *Habitu in ventus ut homo*: com metáfora do vaso que se enche, & vaza: *Exinanivit semetipsum*, & ambas as metáforas parece que as tomou São Paulo do mesmo acto do lavatorio, em que ellamos. A da roupa, em quanto se despe: *Ponit vestimenta sua*: & a do vaso, em quanto se vaza: *Mittit aquam in pelvim*. E porque viu S. Paulo deitas duas metáforas, & destas duas comparações? Porque só com ellas podia mo-

strar a differença deste acto & deste dia, ao acto, & ao dia da Encarnação. No dia, & acto da Encarnação, fazende Deos homem, Deos vestiose da humanidade, porque a unio a si, & se cobriu com ella: & a humanidade que era hum vaso de barro pequeno, & estreito, ficou cheia de Deos, porque Deo a encheo com toda a immensidade de seu ser: *Quia in ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter*. E sendo isto o q̄ te fez no dia da Encarnação; tudo isto (quanto à vista dos olhos humanos) se desfez no dia, & no acto de hoje. Porque lançandose Christo ao pés dos homens, & taes homens, & fazendo-se servo seu, & servo em ministerio tam vil, & tam abatido, parece que Deo se despira outra vez da humanidade, de que estava vestido, desfundose della: & a mesma humanidade, que estava cheia de Deos, perdendo a uniaõ com a Divindade, ficára totalmente vazia: *Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens*. E foy isto o mesmo como parece? Não. M

isto que a humanidade de Christo por este acto não ardeio a uniaõ com a Divindade, nem deyxou de estar em cheia de Deos, como antes estava: abaixar-se pôde, & por-se em estado tam abatido, que o parecesse, ou podesse parecer aos homens; e huma differença tam notavel, & tam estupenda, que o mesmo S. Paulo a pôde entender, & encarecer. Agora entra o mais profundo pensamento das suas palavras.

351 *Non rapinam arbitratus est, esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* O fazer-se Christo servo, sendo Deos ( diz Sam Paullo ) não pôde porque cuidasse, ou tivesse para si o mesmo Christo, que a sua Divindade não era sua, senão alheia, como se tivesse roubado ao Padre. Pois Christo podia cuidar, nem ter para si, que a sua Divindade não era sua? Claro está que não podia ter para si huma cousa tam contraria à verdade, nem cuidar o que era tão alheio de todo o pensamento. Porque diz logo o Apostolo do terceyro

Ceo, que quando Christo se fez servo, não cuidou, nem teve para si, que a sua Divindade não era sua? Porque foy tal acto o de Christo se abater aos pès dos homens, que podiaõ os mesmos homens cuidar, que Christo o cuidara assim. Homem, que tão se abate, ou não he Deos: ou se foy Deos alguma hora, tem deixado de o ser: ou se ainda he Deos, deve de cuidar sem duvida, que o nam he; porque sendo Deos, & tendo para si que he Deos, não se podia abater a cousa tam baixa. E como o acto foy alheio de quem o fazia, que os homens podiaõ entrar em tal pensamento, que ou cuidassem, que Christo não era Deos, ou cuidassem, que o mesmo Christo cuideu, que o não era; por isso pondêra, & adverte Sam Paulo primeiro que tudo, que quando Christo se abateo à baixeza de servo, não foy porque cuidasse, ou tivesse para si que nam era Deos: *Non rapinam arbitratus est, esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* He o que tambem advertio,

& ponderou o nosso Evangelista na prefação, com que entrou a narrar este mesmo acto. Por isso disse, q̄ quando o Senhor começou a lavar os pés dos Discipulos, sabia que era Deus, & que nas mesmas mãos, com que lhes lavava os pés, tinha o poder de tudo: *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit, & quia omnia dedit ei Pater in manus, cepit lavare pedes discipulorum.* Credo pois Sam Pedro firmíssimamente esta verdade ( que por isso disse: *Domine, tu mihi?* ) que muito he, que sendo aquelle grande Piloto, que nunca perdeu o tino nas mayores tempestades, & se atreveo a caminhar a pé sobre as mesmas ondas do mar; agora areasse, & se afogasse em tam pouca agua, como a daquella bacia, & não podesse tomar pé na profundidade immensa de tam tremendo mylterio?

S. V.

352 Sacogou Christo o anembro, & resistencia de S. Pedro. Mas como? *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea:* Pedro, o que

Joan.  
13.7.

eu agora faço; tu não o sabes, nem o entendes, mas sabes belhas depois. Depois, Senhor? E quando? Quando vires no Ceo revestido de tua propria Magestade o mesmo que agora vês meyo despidido, & cingido com este panno fervil. Neste sentido entendem o *Scies autem postea* Santo Agostinho, S. Chrysostomo, Bêda, Ruperto, Theoflacto, Euthimio, com razaõ. Assim como a semelhanças se não podem conhecer senão de perto, assim as distancias não se podem medir senão de longe. Que importa que digas: *Tu mihi;* se de ti conheces pouco, & de mim nada. Quando vires o tudo que sou, então entenderás o muito que eu faço. Se fallas pelo que viste no Thabor, este he o effeito, que se havia de cumprir em Jerusaleem; de que Moysés, & Elias, mais assombrados do q̄ tu, fallavaõ. Agora deixate lavar, sobpena de não veres eternamente, nem chegares a saber o que estás vendo, & não sabes: *Quod ego facio, tu nescis modo.*

353 Assim disse com gra

aves, & temerosas palavras  
 Senhor : & se dissera o mes-  
 mo a outro Apostolo, nam  
 se admirara tanto, mas, a S.  
 Pedro? Isto he o que me ad-  
 mira muito, & muito mais  
 a memoria, & concurso dos  
 seus dias, em que estamos.  
 Perguntou Christo noutra  
 occasião aos Discipulos, que  
 sabem estavao juntos: *Quem  
 dicunt homines esse Filium ho-  
 minis? Quem dizem os ho-  
 mens, que he o Filho do ho-  
 mem? Os outros referiram  
 varios dittos: porém Sam  
 Pedro respôdeó? Tu es Chri-  
 stus, Filius Dei vivi: Vós,  
 Senhor, sois Christo, Filho  
 de Deos vivo. Ajuntay ago-  
 ra esta resposta de Sam Pedro  
 com a pergunta de Christo,  
 & vereis como o Principe  
 dos Apostolos em tam pou-  
 cas palavras comprehendéo,  
 & resumio todo o mysterio  
 da Encarnação. *Filium ho-  
 minis: Filius Dei vivi. No  
 Filium, & no Filius compre-  
 hendéo as duas geraçoens,  
 huma eterna, & outra tem-  
 poral: no Hominis, & no Dei  
 vivi comprehendéo as duas  
 naturezas, Divina, & Huana,  
 & no Tu es, comprehendéo**

a uniaõ hypostatica, com que  
 huma indissolovelmente se  
 unio à outra. Pois se Sam  
 Pedro antes deste dia estan-  
 do na terra foy capaz de en-  
 tender, & saber tam perfei-  
 tamente o mysterio da En-  
 carnação; como agora com  
 muito mais tempo, & estu-  
 do da escolla de Christo, não  
 estava ainda com sufficiente  
 capacidade para entender, &  
 penetrar o mysterio do lava-  
 torio dos pés: *Quod Ego fa-  
 cio, tu nescis? E se pela con-  
 fissão do mesmo mysterio da  
 Encarnação se dêrao ao mes-  
 mo Pedro as chaves do Ceo,  
 como se lhe reserva para o  
 Ceo a sciencia do que estava  
 vendo, & admirando: Scies  
 autem postea? Aqui vereis  
 quanto mayor profundida-  
 de de mysterios, & de amor  
 se encerra na acção tremen-  
 da de Christo se posttar aos  
 pés dos homens, do q̄ no mes-  
 mo mysterio altissimo de  
 Deos se fazer homem. A al-  
 teza do primeiro com luz do  
 Ceo podea alçar na terra  
 hum Pescador; a profundi-  
 dade deste següdo não a pô-  
 de sondar em tam pouca a-  
 gua o mayor Apostolo. A al-  
 teza*

Mat. 16.17  
 334 da Encarnação revelou-a o Padre, que está no Ceo, a Pedro estando na terra: *Caro, & sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in caelis est*: mas a profundidade do lavatorio dos pés não a revellará ao mesmo Pedro o Filho, senão quando o Filho, & Pedro ambos estiverem no Ceo: *Scies autem postea.*

Rom.8 39.35  
 354 Parece, que Sam Paulo fallou com o espirito de Sam Pedro; quando disse: *Neque altitudo, neque profundum poterit nos separare à charitate Christi.* Esta charidade de Christo, conforme dizem os Interpretes, ou se pôde entender do amor, com que nós amamos a Christo, ou do amor, com que Christo nos ama a nós: & neste segundo sentido diz S. Paulo, que nem a alteza, nem o profundo pode fazer, que Christo nos não amasse; porque na alteza da Encarnação sendo Deos, nos amou fazendo homem; & no profundo do lavatorio dos pés, sendo já homem, nos amou pôdo aos pés dos homens. Mas o eloquentíssimo Apóstolo

de pois de pôr o alto, entã poz o profundo: *Neque altitudo, neque profundum*; porque mais pondera, & mais encarece o amor de Christo o profundo do lavatorio, onde se abateo aos pés dos homens, que o alto da Encarnação, donde descêo a ser homem.

355 Isto he o que eu sou obrigado a ponderar nesta profundissima acção: mas quando Christo diz a Pedro *Quod Ego facio, tu nescis*: onde Pedro não sabe entender, quem faberá fallar? A vista comtudo da sua ignorancia me atreverei eu a dizer as minhas, mas no concurso, & comparaçam sómente de hũa dia com outro dia. O que todos encarecem no dia da Encarnação, he humilhar-se Deos a se fazer homem; mas he certo, que este acto nam foy de humildade, o lavar Christo os pés dos homens, sim; & a mayor humildade de todas. E porque nam foy humildade o fazer-se Deos homem? Porque Deos nam he humilde, nem pôde ser humilde. Humildade essencialmente he o conhecimêto da

a propria dependencia, da propria imperfeição, & da propria miteria: & sendo Deos summa independencia, summa perfeição, & summa elicidade, nem he, nem pôde ser humilde. Como dizem logo todos os Santos, q̄ Deos se humilhou neste grande acto? Porque se humilhou por humiliação, & não por humildade. Del Rey Achab disse Deos ao Profeta: *Nome vidisti humiliatum Achab?* Não viste humilhando a Achab? E Achab não era humilde, nem tinha humildade: mas estava naquelle caso humilhado, não por humildade, senão por humiliação. A este modo (mas por modo divinissimo, & santissimo) se humilhou tambem Deos, quando se fez homem; porque até então nem era, nem podia ser humilde. Porém no primeiro instante da Encarnação, ou no segundo depois de encarnado (como querem outros Theologos) então começou tambem a ser humilde, & summamente humilde, como hoje mostrou mais q̄ nunca. Onde se deve notar,

que este grande extremo de humildade depois da humiliação de se fazer homem, não só foy consequencia do novo estado, senão obrigação. Porque se Deos antes de ser humilde se humilhou tanto, que se abatêo a ser homem; seguese, que depois de ser humilde, tinha obrigação de se humilhar muito mais. Obrigado pois Deos a se humilhar mais, do que se tinha humilhado: que havia de fazer? Sò lhe restava o que hoje fez. Ajuehase diante dos homens; & lavalhe os pés com suas proprias mãos: porque só postrado aos pés dos homens, se podia humilhar mais, do que se tinha humilhado, fazendo homem.

356 Esta consequencia, como forçosa, a que a humiliação do primeiro mysterio obrigou, & empenhou a Christo para a humildade do segundo, reconheçeo profeticamente David, quando disse: *Abyssus abyssum in-* <sup>Ps. 41.</sup>  
*vocat:* que hum abismo chama outro abismo. Abismo já sabeis, que he hum pego immento, & profundissimo,

como aquelle de que falla a  
Escritura na primeira crea-  
ção dos Elementos: *Et tene-*  
*bræ erant super faciem abyssi.*

*Genes.*  
1. 2. E que dous abismos foram  
estes, em que o primeiro cha-  
mou pelo segundo? Nam  
dissemos ao principio, que o  
dia da Encarnação se fallava  
com o dia de hoje: *Dies diei*

*Psal.*  
118. 3. *eructat verbum?* Pois quan-  
to estes dous dias se fallaraõ,  
entaõ chamou o mysterio da  
Encarnação pelo myterio  
do lavatorio dos pès, & estes  
foraõ os dous abismos. O  
primeiro abismo foy a En-  
carnação do Verbo, porque  
fazendose Deos homem, se  
abismou, & sumio de tal sor-  
te a Divindade na natureza  
humana, que desapparecêo  
totalmente, & por isso etan-  
do dentro nella, não appare-  
cia. O segundo abismo foy  
o lavatorio dos pès; porque  
tendose Christo sumido na  
Encarnação, em quanto  
Deos, lançado depois aos  
pès dos homens, tambem se  
sumio alli, em quanto ho-  
mem. O mesmo Christo o  
disse: *Ego sum vermis, & non*

*Pf. 21.*  
7. *homo, opprobrium hominum,*  
*& abjectio plebis:* Eu sou hum

bichinho da terra, & não sou  
homem, porque sou o op-  
probrio dos homens, & o ab-  
jecto da plebe. E quem he  
esta plebe, & quem he este  
abjecto? A plebe eraõ os A-  
pottolos, por natureza, por  
geração, & por officio plebe,  
porque eraõ hús pobres Pes-  
cadores: & o abjecto desta  
plebe era Christo posto a  
lavar pès, & lavá dolhos; porq̃  
não pôde haver acto mais  
abjecto, & vil, & mais in-  
ferior á mesma plebe, que  
azuelhar-se diante della, &  
lavar-lhe os pès. A agua era  
sómente a de huma bacia,  
mas o abismo da açã era  
tam profundo, que nelle se  
abismou, & sumio de tal sor-  
te Christo, ainda em quanto  
homem, que já não parecia,  
nem apparecia nelle sinal do  
que era, senão huma negação  
do que tinha sido: *Non ho-*  
*mo:* hum nam homem. Mui-  
to mais se desfez logo Chris-  
to sem comparação, & mui-  
to mais fez o seu amor no  
acto do lavatorio dos pès, q̃  
na obra da Encarnação; por-  
que na Encarnação fez-se ho-  
mem, no lavar os pès aos ho-  
mens fez-se não homem: *Non*  
*homo.*



357 E se assim se fu-  
 nio Christo, lavando os  
 pés a Pedro, & aos outros  
 Discipulos, que direy eu, ou  
 que posso imaginar, quando  
 vejo postrado aos pés de  
 Judas? Aqui se somem tam-  
 em até os entendimētos dos  
 Serafins, & emudecem de  
 mesmo as linguas dos Anjos.  
 e Pedro, Senhor, vos disse  
 sombrado: *Tu mihi*: Vós  
 mim? Com quanto mayor  
 sombro vos podemos nós  
 dizer: *Tu Judæ*: Vós a lu-  
 das? A Judas, aquelle trai-  
 dor endemoninhado, de que  
 diz S. Ioaõ: *Cum diabolus*  
*intrauisset in cor, ut traderet*  
*illum Iudas*: A Judas, aquelle  
 precito infernal, & mayor de  
 todos os precitos, do qual  
 vós mesmo dissestes: *Bonum*  
*erat ei, si natus non fuisset ho-*  
*mo ille*: Nam quero outra  
 ponderação que estas vossas  
 mesmas palavras. Diz Chri-  
 sto, que em Judas era melhor  
 o não ser, que o ser: & nam  
 se podera mais encarecer, nã  
 a infima miseria de Judas,  
 nem o infimo abatimento de  
 Christo posto a seus pés. Eu  
 bem sey as sutilezas com que  
 a Filosofia disputa, se em lu-

das, & em qualquẽr outro  
 condenado, fora melhor o  
 não ser, que o ser: mas onde  
 temos huma conclusã abso-  
 luta de Christo, não valem  
 nada as argucias dos Filoso-  
 fos. Salamaõ faz tres classes  
 de homens, os vivos, os mor-  
 tos, & os que não nasceram:  
 & só na cõsideraçã dos ma-  
 les temporaes desta vida an-  
 tepoem os mortos aos vivos,  
 & os q̃ não nasceram, a huns,  
 & outros. Que diria, se fize-  
 ra a comparaçã com os ma-  
 les eternos, que esperavaõ a  
 Judas, & com o peccado, em  
 que estava obstinado, que he  
 o mayor mal de todos os ma-  
 les? Por todas as razoens era  
 melhor em Judas o não ser,  
 que o ser. E que se puzesse  
 Christo aos pés de hum ho-  
 mem, cujo ser era peior que  
 o não ser? Do ser, qualquer  
 que seja, ao não ser ha infini-  
 ta distãcia: & sendo esta di-  
 stãcia infinita, hoje se virã  
 no Cenaculo de Ierusalem  
 dous degraos, ou dous esta-  
 dos mais abaixo do não ser.  
 O primeiro em Judas, que  
 estava mais abaixo do nam  
 ser; porque lhe fora melhor  
 nam ser, que ser: & o segun-

do em Christo, que estando Judas mais abaixo do nam fer, elle estava aos pès de Judas. Medi agora, começando de Deos, a baixeza em q está posto o Filho do mesmo Deos, por amor dos homens. Abaixo de Deos com infinita distancia está todo o criado, abaixo de todo o criado com distancia tambem infinita está o não fer, abaixo do nam fer está Judas, & abaixo de Judas está Christo. Tanta differença vay de Deos no dia da Encarnação feito homem, a Christo no dia de hoje posto aos pès de tal homẽ. Aquelle foy o *Cum dilexisset*: Este he o *In finem dilexit*.

## §. VI.

358 Tarde chego, Sacramento Senhor, à comparação desse Sacrosanto, & Divinissimo mysterio com o mysterio de vossa Encarnação tambem Divinissimo; mas esse mesmo trono de Magestade, em que vos vemos, & adoramos, ou vos adoramos sem vos ver, nos está publicando os triunfos

de vosso amor neste dia; em que por ser o ultimo de vossa visível presença, vos deixastes connosco. Seja esta a primeira prova.

359 Profetizando Isaías o mysterio da Encarnação do Verbo com palavras mais expressas, & circumstancias mais singulares, que todos os outros Profetas, disse, que hũa Virgem conceberia, & pariria hum Filho, o qual se chamaria Emmanuel: *Ecce virgo concipiet, & pariet Filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel*. Nesta ultima palavra reparação muito os pouco versados na fraze da Escritura. Christo, Senhor nosso, não se chamou Emmanuel, chamou se Jesus: como diz logo o Profeta, que o Filho que nasce de hũa Virgem se havia de chamar Emmanuel? Mas este reparo, como digo, he por ignorancia da fraze Hebrêa. Na Linguagem Hebraica assim como as couzas se chamaõ palavras, *Verba*; assim o chamar se significa ca fer, & isso quer dizer *Vocabitur*. Da mesma fraze useu o Anjo no mesmo dia, & mysterio da Encarnação

annunciando à Virgem, que  
 que de suas purísimas en-  
 ranhas havia de nascer, se  
 chamará Filho do Altíssi-  
 mo: *Filius Altissimo vocabi-*  
*ur*: sendo assim, que Chri-  
 sto por humildade não se  
 chamava Filho do Altíssi-  
 mo, senão: *Filius hominis*:  
 Filho do homem. Mas fallã-  
 do por esta frase, assim o  
 Profeta, como o Anjo no  
 mesmo caso; porque *Vocabi-*  
*ur* quer dizer, será. Suppo-  
 to pois que o chamar-se si-  
 gnifica ser, & o nome se to-  
 na pelo significado; que  
 quiz significar o Profeta,  
 quando disse, que o Filho;  
 que nasceria de hũa Virgem,  
 se havia de chamar Emma-  
 nuel: Emmanuel quer di-  
 zer. *Nobiscum Deus*: Deos  
 comnosco: & isto he o que  
 annunciou; & promettêo  
 ásaias nesta famosa profecia,  
 dando por nova aos homens,  
 tam admiravel, como certa  
 que aquelle mesmo Deos,  
 cuja Magestade se conservou  
 sempre tam retirada, & lon-  
 ge de nos, sem já mais se aba-  
 lar, nem sair do Ceo; agora  
 se havia de humanar tanto,  
 que se fizesse homem, & des-

cesse á terra; para nella mo-  
 rar, & estar comnosco: *No-*  
*biscum Deus*.

360 Disse, sem se abalar  
 já mais, nê sair do Ceo; por-  
 que quando se diz nas Eteri-  
 turas, que Deos formou o  
 barro de Adam, & que des-  
 ceo a impedir a fabrica de  
 Babel, & que appareço a  
 Moylês na graça, & lhe deo  
 a Ley no Monte Sinay, &  
 outras acçoens semelhantes;  
 os que obravaõ visivelmente  
 estas cousas (segundo o mais  
 provavel sentir dos Doutos)  
 eraõ Anjos, que representa-  
 vaõ a Deos, & não o mesmo  
 Deos em Pessoa. Por isso  
 Deos naquelle tempo dizia:  
*Cælum mihi sedes est*. E Da-  
 vid contava, & cantava por  
 grande maravilha, que estã-  
 do Deos tam alto, se digna-  
 se de olhar cà para baixo, &  
 pôr os olhos na terra: *Quis sc-* *Psal.*  
*cut Dominus Deus noster, qui* *112.5.*  
*in altis habitat, & humilia*  
*respicit in cælo, & in terra*.  
 Porém como o amor nam se  
 contenta de longes, & sofre  
 mal ausencias, pode tanto o  
 amor dos homêes com Deos,  
 que o trouxe do Ceo à terra,  
 & o fez homem, não tanto

para nos remir, & salvar (como muitos cuidão) quanto pelo desejo que tinha, & pelo gosto que havia de ter de estar connosco: *Nobiscum Deus.*

361 He celeberrima questão entre os Theologos no caso em que Adam nam peccasse, se havia de encarnar Deos? Santo Thomás, & a sua Escola, dizem que não; Escoto com a sua affirmativa que sim. Distinguo, & concordo ambas as opinioens. Porque Adam peccou, encarnou Deos em carne passivel; porque era mais proporcionado à culpa, & mais conveniente à satisfação o padecer, & morrer. Porém se Adam não peccára, havia de encarnar comtudo Deos, mas em carne impassivel; porque onde não havia culpa, não era necessaria a pena, & fazia-se homem no tal caso, não para satisfação do nosso peccado, senam para satisfação do seu amor. Não he esta distincão minha, senão do mesmo Cócilio Nifeno: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem incarnatus est: Encarnou*

Deos por amor de nós, & por amor de nossa faude. Onde se vé claramente, que o mysterio da Encarnação teve dous motivos distinctos, hũ motivo o remedio, & outro motivo o amor; mas o amor primeiro que o remedio. De forte, que se o remedio não fora necessario, pelo motivo só do amor dos homens havia de encarnar Deos, por que esse foy o primeiro motivo, & o primario: *Qui propter nos homines.* Hieis visitar hum amigo, soubestes no caminho, que estava ferido, & visitastelo como amigo, & como ferido; mas com tal presuposto, que se não estivesse ferido, só por amigo o haveis de visitar, que este foy o vosso primeiro intêto. O mesmo succedéo no mysterio da Encarnação, ao qual Zacharias chamou visita de Deos: *Visitavit nos, ariens ex alto.* O primeiro decreto de Deos se fazer homem antes da previação do peccado, foy unicamente o amor dos homens, & para morar, & estar com elles, como já então dizia: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.*

conteceo depois o peccado de Adam, & a ferida moral do genero humano, com que ao motivo do amor se juntou o motivo do remedio, & Deos, que só nos havia de visitar por amigos, nos visitou tambem por feridos: *Propter nos homines, & propter nostram salutem.* E assim como ao outro amigo na visita, que só fazia por amor, & por gosto, lhe accrefceo a dor, & a pena; assim Deos, q̄ havia de vir homem impassivel, veyo passivel. Em summa, que o intento, & fim da Encarnação, como dizia, não foy tanto para Deos nos remir, & salvar, que foy o segundo motivo, quanto para satisfazer a seu amor, & estar conosco, que foy o primeiro: & por isso Isaias, que com tanta expressão de circumstancias revellou aos arcanos da Encarnação do Verbo, podendo dizer, que o Filho, que havia de nascer da Virgem, se chamaria Jesu, que quer dizer Salvador; não disse, senão que se chamaria Emmanuel, que quer dizer, Deos conosco; porque o principal motivo de Deos se

fazer homem; não foy tanto o remedio de salvar os homens, quanto o amor, & desejo de estar com elles: *Non solum Deum.*

## §. VII.

362 Este foy o motivo mais affectuoso, este o affecto mais fino, esta a fineza mais subida de ponto, com que o amor divino no dia da Encarnação, & logo em seu principio, mostrou o fim, com que trouxera a Deos à terra. Fim desde o primeiro decreto, & de sua propria origem, pura, & sinceramente amoroso, sem mistura de outro intento, ou outro affecto; porque o remir foy amor com misericordia, o estar conosco puro amor. Mas que direy no dia de hoje, encarnado, & sacramentado Deos? Por mais que vosso divino amor no dia da Encarnação se mostrasse tam fina, & tam puramente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle pôde negar, que no dia de hoje foy amoroso sobre amoroso, & amor sobre amor. Porque? Porque se na-

Y ii; quelle

quelle dia encarnastes para estar connosco : *Nobiscum Deus* ; neste dia vos sacramentastes, não só para estar connosco , senão também para estar em nós : connosco neste altar, onde vos adoramos ; & em nós entrando em nossos peitos , onde vos recebemos. O amor ( vede se he mayor este ) o amor essencialmente he uniaõ , & quanto mais une, ou procura unir os que se amaõ , tanto mayores effeitos tem , & tanto mayores affectos mostra de amor. Estar connosco he assistencia de fóra , estar em nós , he presença intima : Estar connosco , he estar perto , estar em nós , he estar dentro ; estar connosco , he companhia , estar em nós , he identidade : logo menos fez o amor da Encarnação em estar Christo connosco , que o amor do Sacramento em estar connosco , & mais em nós.

363 Admiravelmente unio estes dous extremos , & distinguio estes dous amores o mesmo Discipulo amado. Depois de se remontar esta Aguia divina com aquelle voõ altissimo , igual à voz, ou

ao trovaõ , com que disse : *In principio erat Verbum* : cerra as azas, dá consigo em terra, & diz , que o mesmo Verbo se fez carne : *Verbum caro factum est* : & sem intrepôr palavra, acrescenta : *Et habitavit in nobis* : & morou em nós. Evangelista, que no alto, & no baixo sempre vos remontais , permitti , que vos entendamos. Se fallais da uniaõ do Verbo com a humanidade ; porque não dizeis , que se fez homem , senão , que se fez carne : *Caro factum est* ? E se fallais do tempo, em que o mesmo Verbo, por isso , & para isso humanado, morou, & habitou com nosco; porque dizeis que habitou em nós : *Habitavit in nobis* ? Não fora S. João o mais amado, & o mais amantissimo de Christo , senão acudira por seu amor , & o deixara nas auroras da Encarnação , sem o subir ao Zenith do Sacramento. He agudeza de Santo Agullinho também Aguia. Não disse, que o Verbo se fizera homem , senão carne, porque na carne, *ex vi verborum* , havia de instituir Christo o Sacramento de seu

Corpo : *Caro mea verè est cibus* : & não disse , que habitou comnosco , senão em nós ; porque se o amor da Encarnação se satisfez de estar comnosco : *Nobiscum Deus* : o do Sacramento , mais ancioso , porque mais amor , não se satisfez de estar sómente comnosco , senão também em nós : *Et habitavit in nobis*.

364. Depois de Deos pela Encarnação se fazer homem , a mesma carne , & o mesmo corpo , que tinha tomado , era novo impedimento para estar em nós ; porque dous corpos não podem estar no mesmo lugar. Pois que remedio acharia o amor , para facilitar este impossivel , tam repugnante ao seu desejo ? O remedio foy , que a mesma carne , que tinha tomado na Encarnação , se fizesse manjar nosso no Sacramento : *Caro mea verè est cibus* : & deste modo se unirão juntamente ambos os fins de hum , & outro amor : o de estar comnosco , que fora o da Encarnação , & o de estar comnosco , & mais em nós , que he o de hoje.

365 Mas ainda neste

estar sobre estar temos outra fineza sobre fineza. Porque não só quiz o amor de hoje , que Christo estivesse comnosco , & estivesse em nós ; senão que nós também estivessemos nelle. Este he o segundo effeito do Sacramento , & mais amoroso ainda que o primeiro , em quem o come : *Qui manducat meam carnem , in me manet , & ego in illo* : Quem come a minha carne , está em mim , & eu nelle. Não só eu nelle por humana uniaõ ; mas eu nelle , & elle em mim por uniaõ dobrada , & modo de estar reciproco. He o que declarou com hum discreto solecismo Santo Agustinho : *Si manet , & manetur*. Que diria Donato se tal ouvisse ? Mas estas são as grammaticas do amor , & mais em dia , em que o Verbo se fez passivo. Até os Filozofos para admittirem humana uniaõ perfeita , reconhecem duas. Huma da parte da forma , & a outra da parte do sujeito : huma da parte unida , & outra da parte a que se une. E esta he a Filosofia de Christo.

366 Quando Christo  
Y iiii na

Aug.  
tract.  
27. in  
Joan.

na Cruz substituiu em seu lugar a S. Joã, disse à Mãe Santissima: *Ecce filius tuus*: & logo ao Discipulo amado: *Ecce Mater tua*. Parece que tanto dizem neste caso as primeiras palavras, como as segundas; porque se a Senhora era mãe de Joã, já ficava entendido, que Joã era filho da Senhora. Porque repete logo Christo, o que tinha já dito, & em tempo que as suas palavras eraõ tam côradas? Porque nos dous primeiros legatarios da sua ultima vontade, & reciprocos herdeiros de seu amor, querria, que o amor, & as correspondencias de huma, & outra parte fossem tambem reciprocas. O coração da Senhora, & o de S. Joã eraõ os dous coraçõens, que Christo mais amava, & mais amavaõ a Christo: & como o Senhor na substituiçãõ da sua ausencia testava nelles de seu proprio amor: para que o mesmo amor, como seu, não fosse amor, & grande amor, mas amor reciprocamente unido; com as primeiras palavras, unio o coração da mãe ao novo filho: *Ecce filius tuus*:

& com as segundas unio o coração do filho à nova mãe: *Ecce mater tua*. **367** E se os dous legados particulares da Mãe, & do Discipulo, os estabelecendo o Senhor com dobrado vinculo de amor de uniaõ reciproca; como a não debraria tambem no testamento commum, em que nos fez herdeiros universaes de seu Corpo, & Sangue: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine*? Por isso na ratificaçãõ do mesmo testamento a recommendaçãõ, que fez aos Discipulos, foy esta: *Mandate in me, & ego in vobis*. Estay em mim, & eu em vós. Tam reciproco quiz que fosse este modo de citar. E tanto se empenhou o amor de hoje em vencer o amor da Encarnaçãõ, não só com huma, senão com dobrada vitoria, & não só da parte de Christo, senão da sua, & mais da nossa. Para vencer o amor de hoje ao da Encarnaçãõ bastava estar Christo no Sacramento conosco, & mais em nós. Mas para que a vitoria não fosse, como a de Jacob, vencedor com vitoria clau-

Joan.  
19.-7.



audicante ; não só quiz  
 encor o estar conosco com  
 estar em nós, senão com  
 le estar em nós, & nós estar  
 os nelle : *In me manet,* &

*in illo.* §. VIII.

368 E porque não pos-  
 tizer o Amor da Encarna-  
 ão, que ficou hoje vencido  
 e differença a differença, &  
 am de semelhança a seme-  
 lhança; deixada à parte a dif-  
 ferença; ou ventagem, com  
 ue Christo no Sacramento  
 stã em nós, & nós nelle; &  
 omãdo separadamente, &  
 or sy só, o acto de estar com-  
 nosco, que foy o primeiro  
 motivo da Encarnação; com-  
 armos de igual a igual o  
 como está Christo conosco  
 to, em quanto sacramenta-  
 do, & o como esteve com-  
 nosco, em quanto sómente  
 encarnado: & verheja; com  
 novo, & mayor triunfo do  
 Amor de hoje, quanto vay  
 de estar conosco a estar cõ-  
 nosco.

369 Em quanto encar-  
 nado esteve Christo conosco  
 co: mas onde esteve? Ou em

Nazareth, ou em Belem, ou  
 em Jerusalem, ou em outras  
 partes: de tal modo porém,  
 & com tal limitação de lu-  
 gares, que quando estava em  
 hum, faltava nos outros. Qui-  
 zeraõ os de Além do Jordão  
 deter a Christo, para que esti-  
 vesse alguns dias com elles:

*Detinebant illum, ne discede-*

*ret ab eis:* diz Sam Lucas. E

que lhe respondeo o Senhor:

*Quia & alijs Civitatibus o-*

*portet me evangelizare. Re-*

*gnum Dei:* Que se não podia

deter mais alli, porque lhe

impertava ir prègar a outras

Cidades. Não admitto, Se-

nhor meu, a escusa, antes

me parece que desacredita o

vosso poder, & desabona o

vosso amor. Ide prègar a es-

tas Cidades, & ficay junta-

mente com esses homens, que

com tanta devaçam o deze-

jaõ. Não podeis vós estar no

mesmo tempo em diversas

Cidades? Sim posso. Mas

esses modos de estar, guardo

eu para quando estiver no Sa-

cramento. Em quanto en-

carnado, se estava Christo

em huma Cidade, não esta-

va noutra: em quanto sacra-

mentado, não só está em to-

das as Cidades, fenaõ em tantas partes da mesma Cidade, em quantas hoje o temos. Correy as Igrejas de Lisboa, & primeiro vos cançareis de as visitar, do que o Senhor se cance de esperar por vós, porque se poz, & expoz em tantas partes, só para em todas estar com vosco. Esta noite vos espera com as portas abertas, & nas outras, em que as portas se fechaõ, nem por isso elle se vay, porque sempre o detem alli seu amor, solitario, & saudoso na esperança só de que amanheça, para estar com os que tanto agã.

370 Também encarnado, amava, mas com grande differença de estar a estar. Enfermou, & morreo Lazaro, de quem testimunha o Evangelho, que era muito amado de Christo, & disse o mesmo Senhor aos Discipuios, que morrera Lazaro, porque elle não estava alli: *Lazarus*

*João.*

11.15. *mortuus est, ut credatis quoniam non eram ibi.* E Martha, & Maria ambas com as mesmas palavras differam:

16.22. *Domine, si fuisset hic, frater meus non fuisset mortuus: Se vós, Senhor, estiveres aqui,*

não morrera nõsso Irma-  
Isto dizia Christo, & isto d-  
ziaõ a Christo, quando se-  
mente tinha encarnado; ma-  
depois que se doixou no Sa-  
cramento, já nem Christo  
põde dizer: *Non eram ibi*  
nem nõs podemos dizer: *S*  
*fuisset hic*; porque em Beta-  
nia, & fóra de Betania; n-  
vida, & na morte; na saude  
& na enfermidade; sempre  
& em toda a parte o temos  
& està comnosco. Só em hu-  
ma parte do mundo não est-  
tã Christo comnosco: & qua-  
be? Onde nõs não estiver-  
mos. Morrem os homẽs  
nas Cidades, habitam os mu-  
fertos, subã aos montes  
desçaõ aos valles, penetram  
os bosques, fiera a vida a her-  
madeiro inconstante sobre a  
ondas, & até alli estará com-  
nosco. Não mai andavam  
Discipuies, & bem nasce-  
tados da presença de seu Di-  
vino Mestre: & diz o Evan-  
gelista, que neste caso estava  
o Senhor só em terra: *Et ipse*  
*solus erat in terra.* Mas ta-  
caso como este já se não põ-  
de dar hoje, porque não se  
na terra, fenaõ tambem no  
mar està, & na vega comnos-  
co

o Christo sacramentado. Noê não sacrificou no templo do diluvio , porque estava no ar , & quando desembarcou da Arca , entam sacrificou. Porém hoje não espera, nem sofre aquelle amor , que os navegantes cheguem a terra , permite que sacrificuem , & o consagrem sobre as ondas , para tambem sobre as ondas estar comnosco.

371 Mas que digo eu sobre as ondas , se no meyo e mais furiosas tempestades que as do mar , & quando nós , meu Senhor , devereis agir dos homens , nam pôde acabar comvosco o voffo amor , que deixeis de estar com elles. Encarnado , & pouco depois de encarnado , porque vos perseguio Herodes , fugistes para o Egypto : não admittido em Genezaeth , & em Samaria , deixastes amaritanos , & Genezareos : & hoje que he o que faz voffo amor em Inglaterra , em Hollanda , em Dinamarca , em Suecia , & em tantas outras partes Setentrionaes , onde neste mesmo Sacramento sois tam perseguido da heretia heretica , & nem vos

crem , nem vos querem ? Assim perseguido nam fugis , assim nam querido , nem criado , vos deixais estar entre elles: Encuberto , & escôdido , & como homiziado de voffo proprio amor , porque elle vos não consente , que haja parte alguma do mundo , em que não estejais comnosco. Não fallo no que podêra dizer das nossas ingraticôens , & dos aggravos , que aquelle Senhor sacramentado padece tambem entre os Catholicos , cujos peccados occultos , & cujas irreverencias publicas a nossa mesma Fê faz muito mais sensivis. Mercedoras eraõ justamente de que cançada de tanto sofrer sua paciência , dissesse , como já disse : *Eamus hinc* : & como

*Hac* deixou outro Templo , & *vox* outro povo , que tambem se *audita* chamava seu , nos deixasse a *est in* nós. Mas foy tam firme a *Templo* resolução , com que empenhou *est in* a Christo o amor de hoje a *scilicet* *est* *velum* estar comnosco sempre , que *in mor-* para nunca se poder apartar *te Chri-* de nós ( ainda que nós o me- *sti* , *recessemos* , & o mesmo Senhor quizesse ) encerrando nas voluntarias prizeens da-   
 quel-

quelle Sacramento ; as chaves nam as deyxou nas suas mãos , fenaõ nas nossas. Na Encarnaçam porque tinha na sua mão as chaves , tornou-se para o Ceo ; no Sacramento , como as chaves estaõ na nossa mão , & temos ao mesmo Senhor debaixo da chave , ainda que elle nam quizesse , sempre ha de estar conosco.

372 Sam Lourenço Justiniano fallando de Christo sacramentado com alluzam ao Texto de Isaias , disse elegantemente : *Dispar modus* ; & *idem Emmanuel* : que assim he como na Encarnaçam foy Emmanuel , tambem he Emmanuel no Sacramento , só com differença no modo. E quel he a differença? Muitas , como já disse ; mas a principal , & mayor de todas he , que na Encarnaçam foy Emmanuel , & Deos conosco , mas com liberdade de nos deixar , antes com pre-supposto de o fazer assim , como elle mesmo disse : *Exi-ti à Patre , & veni in mundum iterum relinquo mundum , & vado ad Patrem*. Porém no Sacramento he Emmanuel ,

& Deos conosco ; não sem liberdade para se apartar de nós , mas com obrigaçam inviolavel fundada em sua propria promessa , de nunca já mais nos deixar , & esta conosco até o fim do mundo : *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem se-culi*. Em summa , resumindo tudo a duas palavras : na Encarnaçam foy Emmanuel , & Deos conosco em huma se-terra ; no Sacramento em toda a parte : na Encarnaçam para poucos ; no Sacramento para todos : na Encarnaçam só para os presentes ; no Sacramento para os presentes , & para os futuros : na Encarnaçam por tempo limitado , & breve ; no Sacramento sem limite de duração , & ouver homens : *Usque ad consummationem se-culi*. Logo não se pôde negar , ainda na precisa semelhança de estar conosco , que muito mais fino , muito mais estre-mado , muito mais amoroso , muito mais amavel , muito mais amante , muito mais amigo , & muito mais amoso se mostrou o de Christo ho-

Laur.  
Jes.  
lib. de  
castro  
conubio  
trib.  
& anti-  
me 6  
24.

Jean.  
16 23.

que no dia da sua Encarnação.

## S. IX.

373 Mas porque a Encarnação do Verbo Eterno é um acto tam heroicamente divino, que infinitamente se levantou sobre todas as obras da magnificência de Deos; para que nem por esta parte possa parecer quequelle amor excedéo o de de dia; ouvi como o amor de hoje fugeitou ao feu triumpho a mesma Encarnação, não só quanto aos effeitos que vimos, & outros que deixo; mas em sua propria substancia. E de que modo foy isto, que parece cousa impossivel? Fazendo o mesmo amor, q̄ assim como Deos naquella hora encarnou em hũa só humanidade, hoje encarnasse em todos os homens. No dia da Encarnação, tomou Deos a carne da Virgem Santissima, encarnou em hũa só humanidade, que foy a de Christo: & hoje dandonos Christo sua propria carne no Sacramento, encarnou em todos os homens, que somos

nós os que a commungamos. He pensamento profundissimo de Sam loão Chrystomo, a quem seguio Sam loão Damasceno, Sam Pafchasio, Ruperto, & outros Padres. As palavras do Santo, que os Authores Latinos commumente ou não referem, ou allegação mutiladas por defeito dos traductores, tiradas do original Grego, em que forão escritas, são estas. (Vamos por partes.) *Sic lo- Ex nostra (Deus) generatus cum à est substantia: o Verbo fazense re- dose homem, assim como fo- stituitur* ra gerado ab eterno da substancia de Deos, assim na Encarnação foy gerado em tempo da nossa propria substancia. *in Cãm. Sed nihil hoc ( iniquies ) del. ad omnes pertinet: Mas dir- sect. 3. meheis ( infra Chrystomo ) c. 1. que isso pertence sómente a Christo, & nam a todos nós. Imò ad omnes. Digo, & torno a dizer, que a todos. E porque? *Nam si ad naturam nostram descendit, patet quod ad omnes: quod si ad omnes; & ad unumquemque profectò.* Porque se Deos tomou a nossa natureza encarnando, sequeuse que a mesma Encarnação*

ção se estendêo a todos, & se a todos, tambem a cada hũ. Quando aqui cheguey, detententoume a razão, & argumento de Chrysostomo; porq se Deos se unira à natureza humana em commum, entã se seguia bem, que a mesma uniaõ se communicasse a todos os individuos: mas Deos não unio a sy a natureza em commum, a qual não he assumptivel, & só tomou, & unio à subsistencia divina a humanidade de Christo, que he singular, & não commua. Explicase Chrysostomo admiravelmente, passando do mysterio da Encarnação ao do Sacramento: *Singulis enim fidelibus per hoc mysterium se commiscet, & quos peperit, non alijs nutriendos tradit, sed ipse studiosissime alit, hac etiam re tibi persuadens carnem illam tuam assumpsisse.* He verdade, que Deos na Encarnação não tomou a natureza humana em commum, senão huma humanidade particular; mas essa mesma humanidade, & essa mesma carne unida à Divindade, falla Christo universal, & commua, dandoa no

Sacramento a todos os Fieis & unindos realmente commu-  
 ligo: & como ficão unido  
 & encarnados com Christo  
 a mesma Encarnação  
 Verbo se estende, & multi-  
 plica em todos nós. As pa-  
 lavras de Ruperto tambem  
 são dignas de se não passarem  
 em silencio. *Assumpserit  
 hominem in Deum, & quia  
 Verbum caro factum est ut per  
 eum essemus in illo; sed ne  
 dum ille admiscuerat, se per  
 carnem suam nobis ut singuli  
 membra in illo, unum essemus  
 corpus.* Quer dizer. Quando  
 Deos se fez homem, foy para  
 ra que por meyo da carne de  
 Verbo nos unisse a sy, & fosse  
 femos a mesma cousa com elle.  
 Mas isto não se effeitua no  
 acto da Encarnação, em  
 que o corpo de Deos, & o  
 nossos eraõ diversos; mas he  
 cou reservado para a institui-  
 ção do Sacramento, em q  
 unindose Christo por meyo  
 da sua carne a cada hum de  
 nós, todos como membros  
 seus ficamos hum só corpo.  
 Baste de autoridades, posto  
 que taes, & tam grandes, que  
 ellas só bastavaõ. Vamos às  
 Escrituras, & à experiencia.

374 Acabada a Cea, parte Christo, Senhor nosso, para o Horto de Gethesemã; & apartandose dos Discipulos, diz o Evangelista São Lucas: *Et ipse avulsus est ab eis*: que o Senhor se arracou nelles. Ninguem haverà, que não note a singularidade desta palavra. Muitas outras vezes referem os Evangelistas, que Christo se apartou de seus Discipulos, & em todas dizem simplesmente, que se apartara. Pois se então se apartava, porque agora se arrancou? Porque agora tinha o Senhor acabado de instituir o Santissimo Sacramento; & os Apostolos tinham acabado de commungar; & como por meyo do Sacramento se tinha encarnado Christo nelles, & elles em Christo; por isso o apartar se agora já não era apartar se, era arrancar se: *Avulsus est*. Ouvi ao grande Tertulliano no livro de Charné Christi. *Quid avellitur, nisi quod inheret, quod infixum, & innexum est ei, à quo avellitur*. E explicadose ainda mais. *Cum quid extraneum ita convisceratur, & concarnatur, ut cum*

*avellitur rapiat secum aliquid ex corpore, cui avellitur*. De maneira, que a palavra *avellitur*, ou *avulsus* só se diz propriamente de duas cousas diversas, as quaes não só estão pegadas, & unidas: *Infixum, & innexum*: senão entranhadas, & encarnadas húa com a outra: *Convisceratur, & concarnatur*. E como esta era a primeira communhão, que ouve no mundo, ufo o Evangelista da palavra *Avulsus est* com grande mysterio, para que a mesma propriedade da palavra mostrasse a efficacia, & effeito do Sacramento, pois não se podia apartar senão arrancandose quem estava entranhado, & encarnado nos mesmos de quem se apartava: Entranhado, porque tinha entrado em suas entranhas: *Convisceratur*; & encarnado, porque se tinha unido com elles por meyo de sua propria carne: *Concarnatur*. E esta foy a differença, com que ainda de encarnado a encarnado vencêo o amor, & dia de hoje ao amor, & dia da Encarnação. No dia da Encarnação encarnado Christo

em

em huma só humanidade: no dia de hoje encarnando em todos os homens.

375 Dous sinais do Ceo pedio Gedeão a Deos em dous dias diferentes, com modo bem notavel. Poz hum vello de laã no meyo de huma eyra, & no primeiro dia pedio que o orvalho do Ceo cahisse só no vello, & não na eyra; & no segundo, que cahisse na eyra, & não no vello: & assim succedèõ. O final do primeiro dia he certo que significava o mysterio da Encarnação; porque o orvalho era o Verbo, que descêo do Ceo, & o vello de laã era a humanidade, de que o mesma Verbo se vestio, como Cordeiro de Deos, que vinha tirar os peccados do mundo: *Agnus, qui tollit peccata mundi.* Assim o declararão depois não menos que dous Profetas, Isaias, & David: Isaias pedindo a Encarnação dizia, que orvalhasse o Ceo sobre a terra, para que nella nascesse o Salvador: *Rorate celi desuper, & nubes pluūt iustū, aperiatur terra, & germinet Salvatorem:* & David finalando o modo com

Joan.  
3.29.

Isai.  
45.8.

que havia de vir; diz que desceria como a chuva, o orvalho sobre hum vello de laã mansamente, & sem ruído: *Descendit sicut pluvia in vellus, & sicut stillicidia fiant lantia super terram:* & dèste dous Profetas o tomou Igreja, quando canta da mesma Encarnação: *Sicut pluvia in vellus descendisti, ut facerem genus humanum.* Pois se Gedeão no orvalho que havia de cair do Ceo pedio a Encarnação no primeiro dia, porque tornou a pedir no segundo dia a mesma Encarnação, & no mesmo orvalho? E se no primeiro dia pedio, que cahisse sobre o vello, & não sobre a eyra, porque no segundo pedio que cahisse na eyra, & não no vello? Porque Gedeão como alumiado naquella hora com espirito profetico, não só vio huma Encarnação do Filho de Deos, senão duas Encarnações em dous dias diferentes, hum no dia que propriamente se chama da Encarnação, & outra no dia de hoje. A primeira estreita, & contrahida, & por isso em hum vello; a se-



segunda estendida; & dilata-  
da; & por isso em huma ey-  
ra: a primeira no vello, onde  
se sumia o orvalho, & se en-  
cobrio a Divindade; a segun-  
da na eyra, em que se reco-  
lhe o pão, onde se nos deu  
no Sacramento: a primeira  
particular, em que se unio  
Christo a huma só humani-  
dade; a segunda universal,  
em que se unio a todos os ho-  
mêns: a primeira, em que en-  
carnou só em sy, tomando a  
nossa carne; a segunda em q̄  
encarnou em nós, dandonos  
a sua. *Totus in vellere, totus  
in area*: diz Sam Bernardo:  
Todo no vello, & todo na  
eyra; mas no vello todo só  
para sua Mãe, e na eyra todo  
para todos. He o Maná com  
os tempos trocados. O Ma-  
ná que primeiro chovia do  
Ceo nos campos, para que se  
sustentasse delle o Povo, de-  
pois esteve encerrado na Ar-  
ca do Testamento, onde nin-  
guem o comia. Porém cá  
trocados os dias, no dia da  
Encarnação estava encerra-  
do no ventre virginal, q̄ por  
isso se chama Arca do Testa-  
mento: mas no dia de hoje  
se estendeo, & diffundio pe-

lo mundo todo; para que to-  
dos o comaõ, & o convertaõ  
em sy. Em fim parecido o  
Sacramento ao mesmo amor  
com que hoje foy instituido,  
como diz o Concilio Tri-  
dentsino: *In quo Salvator di-  
vinitas divini sui erga homi-  
nes amoris velut effudit.*

*Trid.  
sess. 13  
c. 2.*

376. Só me pôdem op-  
por, & dizer os Doutos, que  
todas as ventagens, ou fine-  
zas, em que o amor de hoje  
parece vencer o amor da En-  
carnação, se haõ de referir á  
mesma Encarnação, & ao  
amor daquelle dia; porque a  
mesma Encarnação foy o  
principio, & fundamento de  
todas, pois se Christo nam  
encarnara tambem se não  
podera consagrar, nem dei-  
xar no Sacramento. Respon-  
do, que não se segue tal cou-  
sa. E ouvireis agora o que por  
ventura nunca ouvistes. Ef-  
coto, & outros grãdes Theo-  
logos dizem, que he tal a li-  
força, & efficacia das pala-  
vras da Consagração, que se  
antes de Christo encarnar, &  
antes de Deos criar o mudo,  
criaria hum Sacerdote sómẽ-  
te, & huma Hostia, sobre a  
qual pronúciasse as palavras

*Scot.  
citat. á  
Theo-  
ph.  
Rai-  
naud.  
in Câ-  
delab.  
Et a-  
lij,  
quos  
landat  
Corn.  
in Isai.  
c. 7. v.  
14 p.  
120.  
col. 2.*

da Consagração, no mesmo ponto havia de estar naquella Hostia o Corpo de Christo, tam real, & inteiramente como está hoje, na que temos, & adoramos presente. Pois como havia de estar alli o Corpo de Christo, se ainda não era nascido Christo, nem havia tal Corpo? Porque assim como a Omnipotencia daquellas palavras té força para reproduzir o Corpo de Christo no lugar onde não estava, assim teriaõ tambem força neste caso para o produzir no tempo, em que não era; porque não se requer mayor poder para hum milagre, que para outro. Daqui se entenderà huma nova, & excellente propriedade, com que Sam Paulo declarando o Sacerdocio de Christo pelo de Melchisedech, nota que Melchisedech não teve pay, nem mãy, nem genealogia: *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* O Sacerdocio de Christo não foy segundo a ordem de Aram, que sacrificava cordeiros, & bezerros, senão (como diz David) segundo a ordem de Melchisedech, que sacrificava em

paõ, & vinho: *Melchisedech proferens panem, & vinum erat enim Sacerdos Dei altissimi.* E por isso o mesmo Christo, sendo juntamente o Sacerdote, & o Sacrificio, consagrou, & sacrificou seu Corpo, & Sangue debaixo das mesmas especies de paõ, & vinho. Mas Christo, Senhor nosso, teve Mãy, & Pay, & a mais estendida genealogia de quantas se lem das Escrituras: *Liber generationis Jesu Christi, filij David, filij Abraham, &c.* Pois se Christo teve huma genealogia tam grande, & tam declarada; como nota S. Paulo que o seu Sacerdocio foy como o de Melchisedech, homem sem pay, nã mãy, nã genealogia? Porque quando Christo instituiu o Sacrificio, & Sacramento, em que se deixou a sy mesmo, foy com tanta independencia da sua propria Encarnação, como se nunca fora gerado, nã nascido. De forte, q se Christo ainda não encarnara, nã nascera, & com tudo se dissessem as palavras da Consagração sobre huma Hostia, em qualquer tempo, & em qual-

qualquer lugar que fosse, alli havia de estar seu Corpo infallivelmente. He verdade, q̄ o Corpo, & Sangue, q̄ Christo cõsagrou hoje, foy o mesmo, que na Encarnaçam tinha tomado: mas confagrou-o por modo tam absoluto, & tam independente da mesma Encarnaçam, que se dantes nam houvera encarnado, encarnára entam sem mãy, nem genealogia, & existira sacramentado. Logo, ainda que o Senhor no dia de hoje nos deu a mesma Carne, & o mesmo Sangue, q̄ tinha recebido no dia da Encarnaçam, nẽ por isso a grandeza, & supposiçam daquelle obra diminue nada as vantagens desta; porque de tal modo a suppoz, como se a não suppozera. Encarnado naquelle dia sim, com grande amor: *Cum dilexisset suos*: mas sacramentado hoje com mayor amor: *In finem dilexit eos.*

§. X.

377 Muito tempo ha que devẽra ter acabado. De hum, & outro amor recolho hum s̄o documento muito breve. E qual he? Que seja tal o nosso amor na vida, que

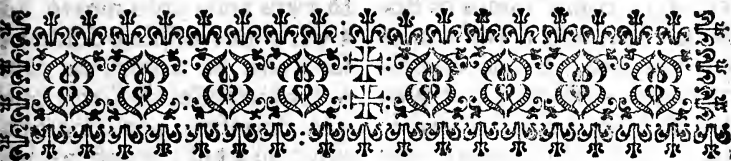
o continuemos à vista da morte. Que amou Christo desde o instante de sua Encarnaçam? Aos homens: *Cũ dilexisset suos*: & hoje, q̄ foy o fim da tua vida, estando cõ a morte à vista: *Sciens quia venit hora ejus*: que amou? Aos mesmos que tinha amado: *In finem dilexit eos*. Oh que differente viver, oh que differente morrer, oh q̄ differente amar foy este, do que he o nosso! Aquelles, a quem a misericordia de Deos concede morrerem com eleiçãõ. & com juizo; o que communmente fazem na hora da morte, he arrepedermse do que tem amado na vida. Põde haver mayor locura, põde haver mayor cegueira, que amar aquillo mesmo, de que fey que ou me hey de arrepende, ou me hey de condenar? Oh Senhor, quem vos tivera amado desde o primeiro instante, em que vos conhecẽo, sem nunca empregar, ou espediçar o coraçãõ em outro amor? Se alguẽ se podẽra justamente arrepede do que amou, ereis vós, pois amastes humas criaturas tam vís, tam ingratas, &

Zij tam

tam merecedóres de ser aborrecidas, como fomos os homens. Mas pois o vosso amor foy tam fino, & tam constante, que amandonos com tantos extremos desde o principio, foraõ ainda muito maiores os cem que nos amastes até o fim; seja hoje, & neste mesmo instante o fim de todo o amor, que não he vosso. Os que imitaraõ o Prodigio, & as que imitaraõ a Madalena em amar o que não deviaõ, assim como seguirãõ os passos errados, & cegos de seu falso amor, assim se resolvaõ hoje, & de hoje para sempre, a seguir a luz de seu defengano, a verdade do seu arrependimento,

& a firmeza, & constancia de só a vós amar até a morte. Sõ a vós, amorosissimo Senhor, só a vós. Sõ a vós, & nam pelos interesses do Ceo, que vós deixastes por amor de nós: Sõ a vós, & não por temor do inferno, que Judas antes quiz que a vós: mas unica, & puramente por seres vós quem sois, digno de ser infinita, & eternamente amado. Assim propomos de vos amar na vida, assim propomos de vos amar até a morte, para que a vossa Graça, & o vosso Amor nos faça dignos, não dizemos de vos gozar, fenaõ de vos amar por toda a Eternidade. Amẽ.





# S E R M A M

SEGUNDO DO

MANDATO;

No mesmo dia,

Prègado na Capella Real às tres da tarde!

*Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem: Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. Joan. 13.*

§. I.



**Q**U **T**R A vez, Senhor, neste mesmo dia, outra vez tor-  
no a fallar de vosso Amor.

Dobraraõse neste dia os dias, dobraraõse, & encontraraõse os mysterios, encontrouse

Tom. 4.

comfigo o mesmo amor: & pois elle no mesmo dia duas vezes nos amou tanto; porque naõ diremos nõs tãbem duas vezes no mesmo dia jã que dizemos taõ pouco? Vitorioso deixey hoje o amor de Christo, mas ainda neste mesmo dia lhe resta muito q̃ vencer. Josuè para acabar de vencer huma vitoria, mādou

Z iij      parar

parar o Sol, & fez de hum dia dous dias. Nós temos dous dias reduzidos a hum só dia, & nem por isso reccio perferitar hoje nova batalha: que nos nam pôde faltar luz, onde o mesmo Sol he o combatente. Iosué disse, q̄ nem antes, nem depois ouve tão grande dia como aquelle:

*Iosue*  
10.14. *Non fuit antea, nec postea tam longa dies*: mas o dia, em que estamos (que tambem comprehêde o antes, & o depois) pelo que foy, & pelo q̄ he, he muito mayor dia. Huma só hora deste dia he muito mayor q̄ todo aquelle; porque aquelle era dia de Iosué, & esta he hora de Iesus: *Sciēs Iesus quia venit hora ejus.*

379 Nesta hora pois (que nam ferã mais de hũa hora) sabirá outra vez em campo o amor de Christo tambem de amor a amor, & de dia a dia. Vio Sam Ioão no seu Apocalypse sobre hũ cavallo pombo hum galhardo Cavalleiro armado de arco, & settas: *Et ecce equus albus, & qui sedebat super illum, habebat arcum*: logo vio que lhe punhaõ huma coroa na cabeça; *Et data est ei corona*:

*Apoc.*  
6.2.

& que assim coroado sabio já vencedor para vencer: *Et exiit vincēs ut vinceret*. Por esse cavallo branco entêdem os Interpretes a sagrada Humanidade, que sempre, como no Tabôr, veste de neve. O Cavalleiro armado de arco, & settas, as mesmas insignias dizem que he o amor, & nam outro, senam o amor do mesmo Christo. Mas se já vinha vencedor, & tinha recebido a coroa da victoria, porque fae outra vez a pelejar, & vencer: *Exiit vincens ut vinceret*? Porque o amor do nosso divino amante quãdo compete em amar, como compete hoje (*Cum dilexisset, dilexit*) não se cõtenta com huma só coroa: nem com huma só victoria: coroa-se para se tornar a coroar, & vence para tornar a vencer. Esta he a nam imaginada empresa, que o tira nesta hora não ao mesmo, senão a outro mayor theatro. Esta manhã sabio a vencer a batalha, agora fae a vencer a victoria.

380 Mas se na comparação de dia a dia, & de amor a amor, o amor de Christo

Christo esta manhaã se competiõ, & se venceu a sy mesmo; que novo, ou que outro competidor pôde haver mayor, para que seja mayor a competencia, & mayor a victoria? He certo, que só o Eterno Padre pôde ser mayor, do qual disse o mesmo Christo: *Quia Pater maior me est.* E porque este unicamête he o mayor competidor; o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação, & o amor de Christo no dia de hoje ferã os dous altissimos competidores, q̄ esta tarde veremos contêder ( com tanta gloria sua, como nossa ) sobre qual delles amou mais aos homens. Em tudo o que Christo, Senhor nõsso, obrou nos mysterios do Cenaculo, já vimos que teve sempre diante dos olhos o dia da Encarnação, & o dia de hoje: *Sciens quia à Deo exiuit*: Eisahi o dia da Encarnação: *Et ad Deum vadit*: Eisahi o dia de hoje. E assim como o Senhor comparou hum dia com o outro dia, assim tambem o Evangelista comparou hum amor com o outro amor. Do amor do Padre no dia da En-

carnação tinha ditõ o mesmo Sam Ioaõ: *Sic Deus Ioan. dilexit mundum, ut Filium suum 3.16. Unigenitum daret*: & do amor de Christo no dia de hoje cõtrapondo amor a amor, mundo a mundo, & Filho a Padre, disse pelos mesmos termos: *Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* O In Ioaõ. *finem* responde ao *Sic*; & o 13.1. *Sic*, & o *In finem* significam com igualdade, & sem vantagem o excessõ de hum, & outro *dilexit*. Pondo pois de frente a frente em competiõcia igual, de hũa parte hum *Dilexit*, & da outra outro *Dilexit*: de huma parte o amor do Padre no dia da Encarnação, & da outra o amor de Christo no dia de hoje; a resolução de todo o combate em duas proposiõens ferã esta: No dia da Encarnação amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens, que ao Filho: E no dia de hoje amou Christo tanto aos homens, q̄ parece amou mais aos homens, que ao Padre. Se alguem cuidar entretanto, que isto he igualar, & não vécer; depois verá, que da parte do

Z liij                      amor

amor de Christo foy vencer,  
& com a mayor vitoria.

## §. II.

381 Etrando nas nossas grandes proposições, & começando pela primeira; para inteira intelligencia do que se ha de dizer, he necessario suppor com a melhor, & mais bem fundada Theologia, que quando o amor do Eterno Padre deu aos homens seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret*: não só nolo nam deu com liberdade de viver quanto, & como quizesse; mas com preceito, & obediencia de morrer, & padecer tudo o que padecèo por nós. Assim o tinha já dito o mesmo Senhor por boca

*Pf. 39.*  
*8.9.*

de David: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei.* E neste dia (como outras muitas vezes) fez menção do mesmo preceito:

*Joan.*  
*14.3.*

*Ut cognoscat mundus quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* E assim como no dia da

Encarnação nos deo effectivamente o Eterno Padre seu Filho, assim no mesmo dia, & no mesmo instante, o carregou destas pensoens, & lhe poz esta obediencia, o que antes não podia ser; porque dâtes o Verbo não era fugido ao Padre, & tanto que encarnou, & se fez homem, fim.

382 Isto posto, já que não podemos comprehender o amor divino pelo que he, julgaloemos pelo que parece. Digo pois, que no dia da Encarnação amou tanto o Eterno Padre aos homens, & parece amou mais aos homens, que ao Filho. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* O que muito encarece o amor do Eterno Padre no dia da Encarnação, he que dèsse por nós seu Filho, sendo unico, & não tendo outro: *Filium suum Unigenitum.* Se o Eterno Padre tivera dous Filhos, muito fora dar hum: & se dera hum por outro, já tinhamos grande argumento para cuidar, & nos parecer que amava mais este segundo que o primeiro. Dizey-



Se hum pay tivera dous  
 filhos, hum livre na patria, &  
 outro cativo em Argel, & pa-  
 ra resgatar o cativo, dêsse, ou  
 vendesse o livre; não enten-  
 deriamos todos, que este pay  
 amava mais o filho cativo, q̃  
 o filho livre? Claro está. E  
 este; que chamamos filho,  
 não nam fora filho, senam servo;  
 nam fariamos ainda muito  
 mayor conceito do excessivo  
 amor daquelle pay? Pois  
 isto he o que fez o Eterno Pa-  
 dre no dia da Encarnação:  
*Ut servum redimeres, Filium  
 tradidisti.* Estava o homem  
 cativo pelo peccado: quilo  
 resgatar o Eterno Padre: &  
 que fez o seu amor? Vendêo  
 o Filho para resgatar o ser-  
 vo. Hoje vereis o Filho ven-  
 dido: à manhã vereis o ser-  
 vo resgatado.

383 Mais faz neste caso  
 o Eterno Padre: & tanto  
 mais, que bastava só ameta-  
 de do que fez para todo o bõ  
 entendimento julgar, que a-  
 mou muito mais aos homẽs,  
 que ao Filho. O Profeta  
 Isaías no capitulo sincoenta  
 & tres, em que prova a gera-  
 çam ineffavel de Christo, em  
 quanto Filho do Eterno Pa-

dre: *Generationem ejus quis  
 enarrabit?* pondêra duas re-  
 soluções admiraveis do mes-  
 mo Padre, & que de nenhum  
 pay se podêraõ crer em res-  
 peito de seu filho. Por isso  
 começa, dizendo, & como  
 duvidando se havcrã alguem,  
 que lhe dê credito: *Quis cre-*  
*didit auditui nostro?* E que Ib. I.  
 duas resoluções foraõ estas?  
 A primeira, que para nos li-  
 vrar, tirou as nossas culpas  
 de nõs, & as poz em feu Fi-  
 lho: *Posuit Dominus in eo*  
*iniquitatem omnium nostram:* Ib. 6.  
 a segunda, que para nos justi-  
 ficar, tirou os merecimentos  
 do Filho, & os poz em nõs:  
*Pro eo quod laboravit anima*  
*ejus justificabit ipse justus ser-*  
*vus meus multos.* Assim foy Ib. II.  
 huma, & outra cousa. Tirou  
 o Eterno Padre as culpas de  
 nõs, & polas em feu Filho,  
 porque nõs nam podiamos  
 satisfazer à divina Justiça  
 por nossas culpas, & Christo  
 foy o que tomandoas sobre  
 sy, satisfez por ellas. E tirou  
 os merecimentos de seu Fi-  
 lho, & polos em nõs, porque  
 Christo não merecêo para sy  
 a graça, nem a gloria, nem  
 nõs alcançamos, nem podia-  
 mos

mos alcançar huma, & outra, senão pelos merecimentos de Christo. Sendo pois certo, & de Fé, que o Padre tirou de nós as culpas, & as poz em feu Filho, & tirou de feu Filho os merecimentos, & os poz em nós; quanta fé he necessaria para nam crer, que amou mais aos homens, que ao Filho? Bastava sò hum destes dous excessos, ou ametade delles, como dizia, para que todo o mundo o julgasse assim.

384 Rebecca tinha dous filhos, Iacob, & Esaù; mas o que mais amava era Iacob:

*Genes. Rebecca diligebat Iacob.* E  
25.28 donde se prova este mayor amor? Nam sò se prova das palavras da Escritura, que he a primeira fé, senam tambem das obras, que he a segunda. Todos sabemos, que pertencendo a benção a Esaù, Rebecca com as suas industrias a tirou a Esaù, & a poz em Iacob. E máy que tira a benção a hum filho, cuja era, & a dà a outro filho, a quem nam pertencia, & faz que o que Esaù tinha trabalhado, suado, & merecido, que o logre Iacob a mãos lavadas, &

sem trabalho; claro está que a Iacob ama mais q̄ a Esaù antes que sò a Iacob ama, isto quer dizer a palavra do Texto: *Rebecca diligebat Iacob.* Agora pergunto: E assim como Rebecca tirou a benção de Esaù, & a poz em Iacob, tirou tambem alguma culpa de Iacob para as pôr em Esaù? Nam. Logo Rebecca nam fez, ou nam arremedou por amor de Iacob mais que ametade de q̄ fez o Eterno Padre por amor de nós. Porque Rebecca só tirou a benção a Esaù para pôr em Iacob: & o Eterno Padre tirou a benção do Filho para a pôr no homem, & tirou a culpa do homem para a pôr no Filho. Pois se ametade só, ou huma semente lhança de ametade do q̄ fez o Padre pelos homens, bastou para provar, & ser de fé, que Rebecca amava mais a Iacob, que a Esaù: dobrada prova tinha a nossa razão para cuidar que amou mais o Padre aos homens, que a feu Filho. Não foy assim, porque ensina o contrario a Fé; mas esteve tam perto de o ser, que parece que o foy.

vamos a outros filhos.

385 Os excessos a que amor do Padre fugeitou, & brigou a seu Filho no dia a Encarnação, foraõ tam superiores, tam oppostos, & tam verdadeiramente côtrarios a tudo o que o amor paternal intenta, ainda quando mais empenhado; que para os entêder, he necessario fingir. Quando os filhos do Zebedêo pertendêraõ as duas cadeiras do Reyno de Christo, & o Senhor lhe respondeu, que para subir à cadeira, era necessario beber o caliz: se o amor da mãy, que fez a petição, fora tam desigual como o de Rebecca, pôdera replicar desta maneira. Aceito, Senhor, o despacho, como tam proprio de vossa Divina Justiça; mas para que ella se mantenha em todo seu vigor, & a esperança, que me trouxe a vossos pés, não fique de todo frustrada: supposto que os meus filhos são dous, partase entre ambos a minha petição, & tambem o vosso despache. Mereça hum com o trabalho, & logre o outro o premio: beba hum o caliz, &

suba o outro à cadeira: assente-se na cadeira João, & beba o caliz Jacobo. Se assim replicàra a mãy dos Zebedêos, não haviamos de entender, q̄ amava mais a João, que ao outro filho? He sem duvida. E posto q̄ eu não digo, q̄ entendamos o mesmo do amor do Padre; digo porê m, que saybamos que assim o fez. Para o homem se assentar na cadeira da Gloria, segundo as Leys, & Decretos da Divina Justiça, era necessario, que o caliz da Paixão se bebesse primeiro: & que fez o amor do Padre? Partio o caliz, & a cadeira entre o Filho, & o homem; & o homem quiz que subisse à cadeira, & o Filho que bebesse o caliz. Assim o disse o mesmo Filho, fallando de sy, & do Padre: *Calicem quem de-* *Joan.*  
18.11  
*dit mihi Pater, non vis at-*  
*bam illum?* E que não seja isto amar mais ao homem q̄ ao Filho? Tanta fé he necessario para crer, que nos nam ameu mais, como para crer, que fez tanto.

386 Mas vamos com a parabola, ou com o fingimento por diante. A mãy dos Ze-

Zebedões como amava tanto a hum filho, como ao outro, nem pedio aquella partilha; mas se ella a pedira, & o Senhor lha concedera, & Jacobo replicara huma, & muitas vezes, que pois Joaõ havia de levar a cadeira, bebesse tãbem Joaõ o caliz, & não elle: & a mãy com tudo estivesse inexoravel a todas estas replicas, & sem nenhum movimento de piedade persistisse na mesma resolução, de que Jacobo bebesse o caliz, & finalmente o obrigasse a isso; não se provaria nesta segunda instancia ainda com mayor evidencia, que amava mais a Joaõ? Pois este he o caso, em q̄ estamos, & assim o executou o Padre com seu Filho. Eitando Christo no Horto deu licença à parte inferior da Alma, a que fallasse por boca da natureza, & exprimisse todos seus affectos: & o que disse

*Marc.*

14.36.

*Mat.*

26.39.

forão estas palavras: *Pater omnia tibi possibilia sunt: si possibile est, transfer calicem hunc à me:* Pay meu, tudo vos he possível; & se he possível, que Eu não padeça, transferi de

*Luc.*

22.42.

minha este caliz. Da mesma

palavra *transfer* usa São Lucas, & transferir he passar de hum lugar para outro lugar ou de huma pessoa para outra pessoa. Onde se vê, que Christo não pedia, que o mundo se não remisse, nem que o caliz se suspendesse, ou derramasse, mas que não fosse elle, o q̄ o bebesse, senão outro, em quem se transferisse: *Transfer calicem hunc à me.* por isso allegava a possibilidade desta commutação. Porque como resolvem os Theologos, ainda que para satisfação de rigor de justiça era necessario, que o homem, que ouvesse de satisfazer, fosse juntamente Deos; de liberalidade poderiam, & de graça, bem podiam Deos accitar a satisfação de hum puro homem. Fallando pois Christo neste sentimento, a sua petição foy, como se differa: Já que o homem peccou, pague elle pelo seu peccado, & já que ha de ir à Gloria, que lhe não he devidada, beba elle o caliz, para q̄ de algũ modo a mereça. Beba elle o caliz outra vez, & não Eu, que nunca pequey, & sou a mesma innocencia: beba

beba elle o caliz, & não Eu, quem não he necessario ganhar, ou merecer a Gloria, pois que he minha. E que sendo esta petição tão justificada, & de materia não impossivel: & fazendo o Filho tres vezes com tanta efficacia, & efficacia, que chegou a suar sangue; que o Padre com tudo invocado como Pay, não ouça a primeira oração, nem ouça a segunda, nem ouça a terceira, & que resolutamête queira, & mande, que para que o homem se assente na cadeira, beba o Filho o caliz, & para que o homem peccador triunfe, o Filho innocente padeca: effeito foy de amor, que excepe toda a admiração. E que vista de tudo isto haja de cuidar o entendimento humano, que no dia, em q̄ este decreto se intimou a Christo q̄ foy o dia da sua Encarnação ) o Padre, q̄ assim o ordenou, não amasse mais aos homens, que ao Filho?

## §. III.

387 Ora, Senhor, eu já não quero discurrer cõ sup-

posições, nem argumentos humanos, mas quero, q̄ vós mesmo nós digais voffo parecer; para que vejamos, & vejais quam bem fundado he o nosso. Quiz Deos averiguar por experiencia a qual de dous amava mais Abraham: se ao mesmo Deos, se a seu Filho Isaac. A razão de fazer esta prova era muito bem fundada; porque ha muitos pays, que amão mais os filhos, q̄ a Deos, & Abraham verdadeiramente amava muito aquelle filho. E que meyo tomou Deos para experimentar qual era o mais amado? Todos sabemos o caso. Manda a Abraham, que lhe sacrifique a Isaac: *Tolle Genes. filium tuum, quem diliges, 22. 2. Isaac, & offeres eum in holocaustum. O quem diligis mostrava bem o motivo do sacrificio. Toma pois Abraham ao Filho, levao ao monte, atao, poemno sobre a lenha, tira pela espada. Basta, diz Deos, já ettou faristeito: Nunc cognovi quod times Ib. 12. Deum, & non peperisti unigenito filio tuo propter me. Não perdoaste a teu filho, & quizeste-o sacrificar por amor*

mor de mim? Claro está que me amas mais a mim, que a elle. Pois se isto, Senhor, vos pareceo a vós, porque me não parecerá a mim o que digo? Não he o parecer meu, he vosso. Vós dizeis de Abraham: *Non perpecesti unigenito filio tuo propter me:* & Sam Paulo diz de vós: *Rom.8 32. Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum.* Se querer sacrificar o pay ao filho por amor de Deos, he amar mais a Deos que ao filho: sacrificar Deos com effeito ao Filho por amor dos homens, porque não será amar mais aos homens, que ao Filho? Eu não posso dizer, que he assim, mas Deos não pôde dizer que o não parece. Deos disse: *Nunc cognovi:* & nós podemos dizer o mesmo, & cõ muito mayor razão. Abraham quiz sacrificar o filho, mas não o sacrificou; o Padre quiz sacrificar o Filho, & sacrificou-o: Abraham poz o filho sobre a lenha, mas não lhe meteo o ferro; o Padre poz o filho sobre a Cruz, & pregou-o nella cõ tres cravos, atê dar a vida: Abraham se deu hum

filho, ficavalhe outro; o Padre deu hum Filho, mas não tinha outro, nem o podia ter: o amor de Abraham foy foy çado com preceito; o amor do Padre foy livre, & espontaneo: o amor de Abraham foy misturado com temor. *Nunc cognovi quod timere Deum.* O amor do Padre timido foy amor, porque não tinha a quem temer, & só temeo, que os homens se pedessem, que foy mayor custancia de amor. Por sendo tanta a differença de Pay a Pay, de Filho a Filho, & de amor a amor; se dá Abraham o filho por amor de Deos foy amar mais a Deos, que ao filho; dar Deos o Filho por amor dos homens, porque não será amar mais aos homens, que ao Filho? Parece-o tanto, que he necessario, que a Fê nos feche os olhos, para crer, que não foy assim.

388 Viveo em fim Isaac mas né por isso deixou Deos de aperfeiçoar o sacrificio & como? Com hum cordeiro, que alli appareceo prezado pela cabeça entre huns espinhos; *Arietem inter vepres*

erentem cornibus. Este, diz  
 Texto, que sacrificou A-  
 abram em lugar do filho:  
*quem assumens obtulit holo-*  
*caustum pro filio: & assim*  
 abou em alegria aquella  
 mofa tragicomedia. Mas  
 neste ultimo acto della me-  
 ra licito perguntar a Deos,  
 perguntaralhe eu duas cou-  
 ras: a primeira, se amava mais  
 este cordeiro, que alli trou-  
 ra milagrosamente para ser  
 sacrificado, ou a Isaac, a quem  
 trou da garganta a espada  
 Pay, & livrou do sacrifi-  
 cio? He certo, que havia de  
 responder Deos, q̄ mais ama-  
 va Isaac, que ao cordeiro.  
 Sobre esta reposta, a segun-  
 da cousa q̄ eu havia de per-  
 guntar, he, quem era aquelle  
 cordeiro? E tambem he cer-  
 to, que me havia de respon-  
 der Deos que, Isaac era figu-  
 ra do homem, estava cô-  
 roado a morte, & o cor-  
 deiro coroadado de espinhos,  
 sacrificado, figura de seu  
 Filho, q̄ morreo, para que o  
 homem não morresse. Pois  
 Isaac foy mais amado que  
 o cordeiro, & o cordeiro era  
 figura do Filho, & Isaac fi-

gura do homem; porque não  
 entenderemos nós, & se nos  
 affigurará quando menos,  
 que quando o Padre matou  
 o Filho, para que o homem  
 vivesse, amou mais ao ho-  
 mem, que ao Filho?

## §. IV.

389 He tanto assim ver-  
 dade; que postos neste acto  
 de huma parte os homens, &  
 da outra o Filho, & o Padre  
 entre ambos, dos homens pa-  
 rece que era Pay, & do Fi-  
 lho não. He juizo humano,  
 mas de Sabedoria Divina.  
 Vieraõ duas mulheres diante  
 de Salamaõ com huma de-  
 manda notavel. Traziaõ cô-  
 sigo dous mininos, hum  
 morto, outro vivo: o vivo  
 cada hum dizia que era seu  
 filho, o morto cada huma di-  
 zia que o não era. Que faria  
 o grande Rey nesta perple-  
 xidade? *Dividite infantem*  
*vivum: Partafe o minino vi-*  
*vo pelo meyo, & leve cada*  
*huma a sua parte. Ouvida a*  
*sentença, huma das mulheres*  
*consentio, & disse partafe: a*  
*outra não consentio, & disse,*  
*viva o minino, & leveo em-*  
*borra*

3. Reg.  
 3. 25.

bora minha competidora. E qual destas duas era a verdadeira mãe? A que disse, viva o minino. Assim o julgou Salamao, & assim era: porque a que disse, morra, mostrou que não amava; a que disse, viva, provou que amava, & da que amava o minino, desta era filho. Voltemos agora o passo, & venha a juizo o amor do Eterno Paore. No dia da Encarnação estava o homem morto, & o seu Filho vivo: & o Eterno Paore que disse? Disse, morra o Filho, para que viva o homem. Morra o Filho, & viva o homem? Logo do homem he Pay, & do Filho não. Alli está o amor, & não aqui. A mãe do vivo amava-o tanto, que o quiz vivo, ainda que ficasse alheio: a mãe do morto amava-o tão pouco, que antes queria o vivo alheio, que o morto seu. E o Eterno Paore, sendo Pay do vivo, amou tanto o morto, que quiz que morresse o vivo, para que o morto vivesse. Vede, se amava mais ao homem que ao Filho, & se do homem parecia Pay, & do Filho não. Se assim o

havia de julgar Salamao, que muito he que a mim mo pareça?

390 Sedulio Paore antigo, & Poeta illustre da Lybia da Graça, conta hum caso admiravel. Foy à caça hum famoso tirador da Thessalia, & deixou hum Filho pequeno ao pé de huma arvore, em quanto se meteo pelas brenhas. Quando tornou vio que estava enroscada hum ma serpente no minino. E o conselho tomaria o pay em hum caso tam perigoso? Se atirava à serpente, arriscava-se a matar o filho: se lhe não atirava, mordida a serpente o minino, & matava-o. A resolução foy, que embebedou huma setta no arco, & mediu a corda com tanta certeza, & fez o impulso com tanta igualdade, que matando a serpente, não tocou no minino. Pasma Sedulio da felicidade do tiro, & diz assim: *Ars fuit esse patrem.* Não cuida ninguém que foy isto destreza da arte, foy ser pay. Aquella serpente do Paraíso enroscouse em Adam, & enroscouse em Christo: Em Adam, porque foy o author da



a culpa; em Christo, porque tomou a culpa de Adam sobre sy. Quiz o Eterno Padre matar a serpente; mas como se ouve? Faz hum tiro à serpente, que estava enroscada no homem, mata a serpente, & não toca no homem: faz outro tiro à serpente, que estava enroscada no Filho, mata a serpente, & não toca a parte do Filho. Pois ao Filho mata, & ao homem não toca? Sim. O Filho atirou com tanto pouco reparo, como se namora seu Filho; & ao homem com tanto tento, como se foga seu Pay: *Ars fuit esse patrem*. Se o amor se ha de julgar pelas fetas, na do homem mostrou o Padre, que era Pay; na do Filho, que o não era. No dia de a manhaã se vio isto mesmo publicamente, & em proprios termos.

391 Quando Christo, & Barrabàs foraõ propostos por Pilatos à eleição do Povo, clamou o mesmo Povo solicitado pelos Principes dos Sacerdotes: Morra Christo, & viva Barrabàs. Grande injustiça, mas muito mayor mysterio, diz Santo

Athanasio. E qual foy? Que logo na primeira sentença, com que Christo foy condemnado à morte, se visse publicamente nos effectos della, q morria, & era condemnado para dar vida, & absolver condemnados. *O res mira, praterque omnem opinionem. Subit sententiam mortis Christus, & statim Barabbas absolvitur. Condemnationes ingressus liberationis condénatorum quiddam ingressus fuit.* O Povo, que costumava ser voz de Deos, sem entender o que diziaõ as suas vozes, foy o pregoeiro da sentença do Padre, que primeiro tinha ditto: Morra meu Filho, & viva o homem. E vede como em nenhuma figura se podia melhor representar o caso, q na de Barrabàs. Barrabàs, como dizem S. Lucas, & S. Marcos, era ladraõ, & homicida. & Por isso propriissima figura do primeiro Homem, q foy ladraõ, roubando o fruto da arvore vedada; & homicida, matandose a sy, & a todos seus descendentes. E quando o Padre mata, & condena o Filho para dar vida, & absolver o homem, qual delles

diremos que he o Filho do Padre? Digo confiadamente, q̄ não he, segundo parece, o Filho, senão o homem. Pois o homẽ representado em Barrabàs, ou o mesmo Barrabàs he o filho? Sim: & outra vez sim, com milagrosa propriedade; porq̄ Barrabàs na lingua Hebraica quer dizer: *Filius Pa-*

*Ambr. tris: o filho do Padre. Barabas in cap. filius Patris Latinè dicitur: diz*

23.

*Lug.*

Santo Ambrosio. E a ração da etimologia he, porque Bar em Hebrèu quer dizer filho, & Abbas quer dizer pay. De forte, que quando o Filho he condemnado, para que o homem se livre, & quando o Filho morre, para q̄ o homem viva; então o homem se chama Filho do Padre: *Filius Patris*; porque o homem verdadeiramente neste caso, o homem parece q̄ he o Filho do Padre, & o Filho não.

392 Ah Filho de Deos, que não sey se me compadega de vós! O certo he, que se de Deos podèra haver ciumes, & no Filho de Deos podèra haver enveja, caso, & occasião era esta, em que Christo podèra ter envejas dos homens, & ciumes do a-

mor de seu Padre. O mesmo Christo o disse, ou descrevêdo assim. Quando o Pay recebeu o filho Prodigio com tanta festa, & matou o vitello regalado (que eraõ as delicias naturaes daquelle bom tempo) para lhe fazer o banquete, o filho mais velho, que estava fóra, & teve noticia do que passava, se mostrou tam sentido, & queixoso, que para entrar em casa, foy necessario que o Pay sahisse ao buscar, & darlhe satisfacões. E quem era este Pay, & estes dous filhos? O Pay era o Eterno Padre, o Filho mais velho Christo, que em quanto Deos foy gerado ab eterno; & o filho mais moço o homem, que foy criado em tempo. Pois se o Filho mais velho era Christo, como se mostra tam sentido dos favores, & regalos, que o Pay fez ao mais moço, que nam só parece lhe tem enveja, senão ainda ciumes do amor do mesmo Pay? A ração he, porque consideradas todas as circumstancias do mysterio da Encarnação do Verbo, & redempção do genero humano, são taes os excess-

los,

os, que Deos fez pelo honorem, & a differença, com que tratou a seu Filho; que se o Filho de Deos fora capaz de invejas, & no amor de Deos ouvera lugar de ciúmes; tivera o Filho grandes ciúmes do amor do Padre, & grandes invejas tâbem ao favor, & regalo, com que tratou os homens.

393 O regalo do vitello morto para o banquete, he o que o filho mayor se mostrou mais queixoso, & o que particularmente lançou em rosto ao Pay. Mas tende mão, magoadado, & innocente Filho, tende mão na vossa justiça, & sentimento: que a occasião da queixa, do ciúme, & da inveja, ainda se não declarou, nem mostrou até onde ha de chegar. Dizeyne, se em lugar do vitello, que vosso Pay matou para vosso irmão, vos matàra a vós, para da vossa carne, & do vosso sangue lhe fazer hum novo prato, que excessivo nunca visto seria este? Pois sabey, que assim ha de ser, & que dessa mesma carne, & desse mesmo sangue, que hoje tomastes, lhe ha de guizar

a omnipotencia, a sabedoria, & o amor de vosso Padre hum tam exquisito manjar, que nam tenha comparaçõ com elle o Mannã do Ceo. Assim foy, & assim o confessou o mesmo Christo, publicando que a instituiçã do Sacramento, antes de ser obra sua, fora dadiva do Padre: *Non Joann. Moyses dedit vobis panem de cælo, sed Pater meus dat vobis panem de cælo verum.* A tanto chegou, a tanto se estendeo o *Dilexit* do Padre no dia da Encarnaçã: & tanto deu aos homens, quando lhe deu seu Unigenito Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret.*

## S. V.

394 Mas se no dia da Encarnaçã amou tanto o Padre aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Filho, contrapondo agora hum dia a outro dia, & hum amor a outro amor, vejamos tambem como no dia de hoje amou tanto o Filho aos homens, que parece amou mais aos homens que ao Padre. E posto que o *Dilexit* daquelle primeiro dia nos

abriu mais largo campo, & nos deu mais ampla, & copiosa materia com as obediencias entam impostas por seu Padre ao Verbo recentemente encarnado, cujas execuções se estenderão até a hora da morte, à qual principalmente se ordenaram: & pelo contrario o *Dilexit* deste dia se estreita, & limita sómente às acções de poucas horas, sem mais teatro, q̄ o de hũ Cenaculo, nem mais campo, que o de hum Horto; espera com tudo o amor de hoje confiadamente, que sem sair da estacada ha de correr, & quebrar as lanças com tal esforço, que se lhe nam duvide a vitoria.

395. *Suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* O que muito se deve reparar nestas palavras do Evangelista, he que ao Padre chama sómente Padre, & nam lhe chama seu, & aos homens chama sómente seus, & nam lhe dà outro nome. Ao Padre chama sómente Padre, & nam lhe chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem:* aos homens chama sómente seus, & não lhe dà outro no-

me: *Suos qui erant in mundo in finem dilexit eos.* Em quasi todas as paginas do Evangelho chama Christo a seu Padre, meu Padre, & do mesmo modo aos homens, cõ quem tratava, humas vezes lhe chama servos, outras discipulos, outras amigos, outras filhos. Pois se o mesmo Christo a seu Padre chamava seu, & aos homens nomeava variamente segundo o pedia a occasião com tão diferentes titulos; como neste dia finalmente (*Ante diem festum Pasche*) muda o Evangelista de estylo, & com termos nem antes, nem depois usados, aos homens chama sómente seus: *Suos qui erant in mundo;* & ao Padre nam chama seu: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem.* O certo he, que Sam João como Secretario do peito, & amor de Christo, nam sahio neste dia com huma novidade tam singular, sem muito grande, & bem fundada causa. Qual esta fosse, nam me toca a mim hoje especular; o que só pertence a meu intento, he dizer o que parece. Digo pois, que esta palavra,

Seu, quando nã significa dominio, senã especialidade (como aqui) nam só he denominaçã de amor, senã de mayor amor. Aparentado ElRey Ezechias pelos exercitos dos Assyrios, mandou pedir ao Profeta Isaias, que encomendasse a Deos aquella grande necessidade, & o consultasse nella: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus verba Rãsfãcis, quem misit Rex Assyriorum ad blasphemandum Dominum Deum viventem, & exprobrandum sermonibus, quos audivit Dominus Deus tuus.* Estas forã as palavras do recado, nas quaes he muito para notar, que pede o Rey a Isaias, nã só que encomende o caso a Deos, senã ao seu Deos: seu de Isaias, & nam seu do mesmo Rey: *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus: quos audivit Dominus Deus tuus.* ElRey Ezechias, & o Profeta Isaias ambos criaõ, & adoravaõ o mesmo Deos verdadeiro. Pois se o Deos do Rey, & o do Profeta era o mesmo, porque se chama Deos seu do Profeta, & nam Deos seu do Rey? A razã

literal he, porque esta denominaçã de seu, nã se funda só na fé, senã no amor. Neste sentido dizia Santo Agustinho: *O Deus, utinam possem dicere meus?* Chamo-vos Deos, porque vos creyc, mas nã me atrevo a vos chamar meu, porque vos nam amo. Porẽm esta razã, ou exceiçã nã tinha lugar em Ezechias, porque Ezechias era Rey santo, & amava muito a Deos. Pois se Ezechias tambem amava a Deos, porque lhe nã chama meu, ou nosso, senã seu de Isaias: *Deus tuus?* Porque Isaias, como Profeta de tam singular, & levantado espirito, amava, & era amado de Deos muito mais que o Rey, & que todos quantos entã havia em Israel; & este nome, ou titulo de seu, nam só he denominaçã de amor, senã de mayor amor; nem só significa ser amado, senã mais amado.

396 He tam certa, & tam geral esta regra (para q̄ senã duvide della, nem pela parte do Padre, nem pela nossa) que nam só se verifica do amor para com Deos.

fenaõ tambem do amor para com os homens. Quando Deos ouve de levar para o Ceo a Elias, assim os Profetas de Bethel, como os de Jericõ, disserão a Eliseu pelas  
 4. Reg. mesmas palavras : *Nunquid*  
 2. 3. *noſti quia hodie Dominus tollet Dominum tuum à tè?* Sabes, que hoje ha Deos de levar para ſy a teu Senhor? Affim chamavaõ por reverencia a feu Mestre. Mas ſe Elias Mestre de Eliseu tãbem era Mestre de todos os outros Profetas, que viviaõ naquelles desertos, porque não chamãraõ a Elias, noſſo Mestre, fenaõ feu de Eliseu : *Dominum tuum* ? Era de todos, & fó de Eliseu era feu ? Sim : porque entre todos os Discipulos o que mais amava, & o mais amado de Elias, era Eliseu ; & este nome, ou perrogativa de feu, he tam propria, & singular do mayor amor, que ſendo Elias feu Mestre de todos, de Eliseu fó era feu, & dos outros nam. Por iſſo em confirmação do mesmo amor, & da mesma singularidade nam differam, que Elias os havia de deixar a elles, fenaõ a elle: *Tollet à te.*

E comõ o ſer feu, ou não ſer feu, he o mesmo que ſer, ou nam ſer o mais amado, vendo nõs hoje, que fallando S. Joã do amor de Chriſto, aos homens chama ſeus : *Suos qui erant in mundo*, & ao Padre nam chama feu : *Ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem.* que havemos de arguir, ou inferir deſta differença ? Por ventura havemos de inferir, que ao Padre, que ſe não chama feu, amou Chriſto menos ; & aos homens, que ſe chamaõ ſeus, amou mais ? Nenhum Chriſtaõ he tam ignorante, que lhe ouveſſe de vir ao pensamento tal erro. Mas huma couſa he o que he, outra o q parece. Sempre Chriſto infinitamente, & ſem nenhũa comparação, amou mais ao Padre que aos homens ; porẽm neste dia, em que o Evãgelista ſingularmẽte lhe chama ſeus, foraõ taes os extremos de amor, que o mesmo Filho de Deos fez por elles ; que parece amou mais aos homens, que ao Padre.

## S. VI.

397 Ora discorramos por todas as acçoens de Christo neste mesmo dia sem sair delle; & veremos, como todas confirmão este parecer. Quando o amoroso Senhor deo principio à primeira, q̄ foy lavar os pés aos Discipulos, nota, & pondera o Evangelista, que se deliberou o Divino Mestre a huma acção tam prodigiosa, considerando, & advertindõ, que seu Padre lhe tinha posto tudo nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, cepit lavare pedes discipulorum.* Muitas outras vezes se faz menção no Texto sagrado deste tudo dado a Christo por seu Eterno Padre. *Omnia mihi tradita sunt à Patre meo. Omnia quaecumque habet Pater, mea sunt. Omnia quae dediisti mihi, abs te sunt.* E em outros muitos lugares. Pois se tantas vezes se repete, que o Padre, deo tudo a seu Filho, porque razão só neste lugar se diz, que esse tudo lho poz nas mãos: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus:*

Sem duvida pela correspondencia, & opposição que tem as mãos com os pés. O intento do Evangelista era encarecer o amor de Christo, neste dia, para com os homens: & haver o Filho de Deos de lavar os pés aos homens com aquellas mesmas mãos, em que o Eterno Padre tinha posto tudo, parece que levantava tanto a baixaza da mesma acção, que chegava a tocar no Padre. Por isso disse, *Pater*, com grande advertencia. Bem podera o Evangelista dizer Deos, como logo continuou: *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit*: mas disse nomeadamente, Padre: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*; para assim como cõtrapõr as mãos aos pés, cõtrapõr tambem o Padre aos homens. E verdadeiramente nesta opposição de mãos a pés, & de Padre a homens, parece, que foraõ mais amados os homens, que o mesmo Padre.

398 O amor todo he estimação. E quem haverá, que vendo ao Filho de Deos lavar os pés aos homẽs com

aquellas mesmas mãos , em que o Padre tinha posto tudo, não lhe pareça , que a olhos vistos fez mais estimagam o Filho dos pés dos homens , que das dadivas do Padre? O Padre estimou tanto ao Filho , que tudo quanto tinha poz nas mãos do Filho : *Omnia dedit ei Pater in manus* : & o Filho estimou tanto aos homens , que com tudo quanto o Padre lhe tinha posto nas mãos , poz as mesmas mãos aos pés dos homens : *Capit lavare pedes discipulorum*. Notay este modo de lavar , que foy muito diverso do que costuma ser. Não lavou os pés aos homens com as mãos vazias, senão com as mãos cheias. Assim lavou , & assim havia de lavar , porque assim lava Deos. Deos quando lava , não só alimpa , mas enriquece : alimpa , porque nos tira as manchas da culpa ; & enriquece , porque juntamente nos enche dos thesouros da Graça. Assim q̄ sendo Deos o que lavava os pés aos Discipulos , claro está , que nam havia de ser com as mãos vazias , senão cheias. Mas se

estavaõ cheias de tudo o que nellas poz o Padre : & essas mesmas mãos poem Christo debaixo dos pés dos homens , como se não ha de entender que estima mais os mesmos pés , que tudo quanto o Padre lhe poz nas mãos ?

399 Dos Christãos da primitiva Igreja diz São Lucas, que tudo quanto tinhaõ , vendiaõ , & punhaõ o preço aos pés dos Apóstolos: *Afferrebant pretia eorum , que vendebant , & ponebant ante pedes Apostolorum*. E porque lho punhaõ aos pés , & não lho entregavaõ nas mãos , se era o preço de tudo ? Para mostrar , diz Sam Chrysofomo , que estimavaõ mais os pés dos Apóstolos , que tudo quanto davaõ , & quanto tinhaõ. Entregarlho nas mãos , seria fazer estimagam do que davaõ ; pôrlho aos pés , era protestar a veneraçãõ das pessoas : & como estimavaõ mais as pessoas , que as dadivas , por isso lhas punhaõ aos pés , & não lhas davaõ nas mãos : *Ponebant ante pedes Apostolorum*. Oh dadivas do Padre! Oh pés dos homens! Oh amor , & estimagam de

Christi



Christo! O Padre deo tudo, quanto tinha, ao Filho, & não lho poz aos pés, senão nas mãos; porque estimou o que lhe dava, quanto a mesma dadiua merecia, pois era tudo quanto tinha Deos. E que este tudo do Padre, de que estavam cheias as mãos do Filho, o puzesse o Filho, & mais as mesmas mãos aos pés dos homens!

400 O que podia daqui inferir o discurso, se não tivesse mão nelle a Fé, he que prezou Christo mais os pés dos homens, que as dadiuas do Padre. Mas o certo, & a verdade he, que não foy, nã podia ser assim. Amou, & estimou o Filho summamente as dadiuas de seu Padre, não pelo que eraõ em sy, como pelas mãos de quem vinhaõ. Porém esta mesma estimação não desfaz, antes reforça mais o mesmo discurso; porque delle se infere estima com sobre estimação, & amor sobre amor. Quando a Madalena poz aos pés de Christo os alabastrõs, os unguetos, os cabellos, os olhos, as lagrimas, as mãos, a boca, & a sy mesma, não foy por-

que nam estimasse tudo isto, senão porque tudo isto era o que mais estimava. E que consequência tirou dalli, não outrem, senão o mesmo Christo: *Quoniam dilexit multum. Luc. 7.* De por tudo o que mais estimava, & a sy mesma a seus pés, inferio o Senhor o grande excesso com que amava. E assim era. Porque quando o que se preza muito em hum amor se poem aos pés do outro, então se prova que este segundo he mayor. Logo se assim o inferio Christo, porque nam inferiremos nõs o mesmo? Se tudo quanto o Padre poz nas mãos do Filho, & as mesmas mãos, & a sy mesmo prostrado em terra, poem o Filho aos pés dos homens, como nam ha de parecer que os homens são os que mais estima, & os homens os que mais ama?

401 Para declarar o amor do Padre, foynos necessario fingir parabolãs: para inferir o do Filho nam he necessario fingilas, basta applicar huma, & sua. Quando o filho Prodigio em terço de outro amor empregou quãto tinha recebido de seu

Pay, & sua propria pessoa, até se abaixar ás mayores vilezas de fervo, nam he certo que amou mais a quem se tinha rendido, que a seu Pay? Pois este Prodigio foy Christo, diz Guerrico Abbade, & depois d'elle Guilielmo, ainda com mayor energia. *Quis unicus Prodigus invenitur, sicut ille unigenitus Patris? O unico Prodigio que houve no mudo, foy o Filho do Eterno Padre. E porque Prodigio, & unico? Prodigio, porque se pareceo com o Prodigio; & unico, porque o excedeo. Pareceuse com o Prodigio; porque assim como o Prodigio tudo quanto tinha recebido do Pay, & a sy mesmo empregou em serviço, & amor de quem o não merecia; assim Christo com tudo quanto lhe tinha dado seu Padre, & cô sua propria Pessoa, servio, & amou aos homens: & (para que a parabola ficasse inteira) a homens peccadores. E excedeo muito ao mesmo Prodigio; porque o Prodigio obrigado da fome foy buscar o pão a casa do Pay; & Christo nam o foy buscar a outra*

*Guerr.  
serm.  
in Pct.  
Guil.  
apud  
Euseb.  
in  
Theo-  
pol. p. 1.  
lib. 1.  
c. 4.*

parte, mas desentranhouse sy mesmo, & fezse pão: o Prodigio arrepedeote do seu amor, & pediu perdao do que tinha amado; & Christo nam se arrependeo já mais, mas perseverou constate no mesmo amor até o fim: *In finem dilexit eos.*

4º Do ministerio humilde do lavatorio passou o Senhor ao mysterio altissimo do Sacramento, & aqui se declarou seu amor muito mais por parte dos homens. E porque? Porque para o Padre instituido o Sacramento como Sacrificio, para os homens instituido o Sacrificio como Sacramento; & posto q̃ o mysterio seja o mesmo, mayor amor se argue d'elle em quanto Sacramento, que em quanto Sacrificio. Como Sacrificio consume-se; como Sacramento conserva-se; como Sacrificio he acção transeunte; como Sacramento, permanente; como Sacrificio tem horas do dia certas; como Sacramento he de todo o tẽpo, de dia, & de noite; como Sacrificio nam se aparta do alrar, & de sobre a ãra; como Sacramẽ-

o fae às ruas, & entrã em  
nossas casas: como Sacrificiõ  
em fim tem por fim o culto,  
& adoraçam do Padre; co-  
mo Sacramento a presença, a  
assistencia, & a uniaõ com os  
homens; vede a differença  
do amor na mesma institui-  
çam, & na mesma mesa, que  
foy a mesa, & o altar: *Tibi,*  
o Padre? *gratias agēs. Dis-*  
*cipulis,* aos homens? *accipite,*  
& *comedite.* Ao Padre deo  
as graças, aos homens fez o  
banquete: ao Padre offere-  
ceõse, com os homens unio-

403. E como se unio?  
He tal a uniaõ, que os homẽs  
contrahem com Christo no  
Sacramento, que comparada  
com a mesma uniaõ, que o  
Filho tem com o Padre, se a  
nam excede em quáto uniaõ,  
excedea muito em quanto  
amorosa. Revellando Chri-  
sto a uniaõ altissima que tem  
com seu Padre, diz: *Ego in*  
*Patre, & Pater in me est:* Eu  
estou no Padre, & o Padre  
estã em mim. E declarando  
a uniaõ que tem com o ho-  
mem no Sacramento, diz pe-  
los mesmos termos: *In me*  
*manet, & ego in illo:* Elle estã

em mim, & eu nelle. E qual  
destas duas unioens tam pa-  
recidas he mayor? A que o  
Filho tem com o Padre he  
mayor em genero de uniaõ;  
porque he unidade: porẽm  
a que Christo tem com o ho-  
mem no Sacramento, he ma-  
yor em genero de amorosa;  
porque a fez o amor. Pois a  
uniaõ que tem o Filho com  
o Padre, nam a fez o amor?  
Nam. Porque a uniaõ entre  
o Padre, & o Filho fundase  
na geraçam eterna antecede-  
te a todo acto da vontade. A  
nossa he obra da vontade do  
Filho: a do Filho he obra do  
entendimento do Padre. O  
Filho estã no Padre, & o Pa-  
dre no Filho; porque o Pa-  
dre se conheceo & nõs esta-  
mos em Christo, & Christo  
em nõs; porque o Filho nos  
amou. Logo ainda em com-  
paraçam da uniaõ, que o Fi-  
lho tem com o Padre, vence  
sem controversia, nem bata-  
lha o amor dos homens.

404. Isto no Sacramento  
em quanto Sacramento. E  
passando ao Sacrificio em  
quanto Sacrificio; digo que  
tambem o mesmo Sacrificio  
se ordenou a mayor uniaõ de  
Chri-

Aug.  
gust.  
lib.4.  
Trin.  
cap.  
14

Christo com os homens, que do mesmo Christo cõ o Padre. Santo Agustinho distinguindo esta uniaõ, & admirando o amor de Christo nella, depois de advertir que todo o Sacrificio se compoem de quatro partes: *Quid offeratur, à quo offeratur, cui offeratur, pro quibus offeratur*: Quem offerece, o que offerece, a quem offerece, & por quem offerece; diz que o fim, que Christo teve no admiravel invento do seu Sacrificio, foy fazer que todos estes quatro por meyo delle fossem huã só cousa. *Ut idem ipse unus, verusque mediator per sacrificium pacis reconcilianos Deo, unam cum illo maneret, cui offerbat: unum in se faceret, pro quibus offererebat: unus ipse esset, qui offererebat, & quod offererebat.* Só a agudeza de Agustinho podéra penetrar os intimos secretos de tam intricado, & bem tecido laberinto de amor. No Sacrificio do Altar, quem offerece, he Christo; o que offerece, he seu Corpo; a quem offerece, he o Padre, por quem offerece, são os homens. E como pôde

ter, que todos estes quatro em hum só Sacrificio se unam de tal sorte, que sejaõ huma & a mesma cousa? Deste modo. Para que Christo, que he o Sacerdote, que offerece, fosse a mesma cousa com o Sacrificio; fez, que o Sacrificio fosse de seu Corpo para que os homens, por quem se offerece, fossem a mesma cousa com o Sacrificio, & com o Sacerdote; fez que os homens o comessemos: E para que o Padre a quem se offerece, fosse a mesma cousa com os homens, & com Christo; fez que por meyo do mesmo Sacrificio se reconciliaffe o Padre com os homens. Só o amor omnipotente podia inventar huã bocado, em que sendo hum só o que o come, fossem quatro, & taes quatro, os que ficassem unidos.

405 Agora perguntou eu: E nesta uniaõ tam maravilhosa, como verdadeira, à qual Christo ordenou o mesmo Sacrificio, que offerece ao Padre, quem são os que ficão mais unidos a Christo, o Padre, ou os homens? Não ha duvida, que

ão õs homens. Porque a  
 ossa uniaõ com Christo he  
 mediata , & directa , a  
 uniaõ do Padre com o me-  
 so Christo he mediata , &  
 reflexa. A nõs unionos Chri-  
 sto immediatamente a sy ,  
 o Padre uniose o mesmo  
 Christo por meyo de nõs.  
 Porque o Padre se unio a  
 nõs , porisso Christo se unio  
 ao Padre. De sorte , que a  
 uniaõ de Christo com o Pa-  
 dre foy o effeito , & a uniaõ  
 do Padre comnosco foy o  
 motivo. Tornay a cuvira  
 palavras de Agustinho , &  
 ouvias com atençaõ : *Ut ip-  
 se unus per sacrificium pacis  
 reconcilians nos Deo , unum  
 cum illo maneret , cui offere-  
 rat* : Offereceose Christo ao  
 Padre em Sacrificio , para  
 que por meyo do mesmo  
 Sacrificio reconciliandose o  
 Padre com os homens , se  
 unisse Christo ao mesmo Pa-  
 dre. Pois para Christo se unir  
 ao Padre , he necessario que  
 o Padre primeiro se una aos  
 homens , & reconcilie com  
 elles ? Sim : que debaixo des-  
 tas condiçoens ama Deos  
 quando parece que antepoem  
 o amor dos homens ao seu

amor. *Si offers munus tuum. Mat-  
 ad altare , & ibi recordatus. 5. 24.  
 fueris , quia frater tuus habet  
 aliquid adversum te : vade  
 prius reconciliari fratri tuo ,  
 & tunc offeres munus tuum :*  
 Se tiveres poita a tua offerta  
 ao pè do meu altar ( diz  
 Deos ) & não estiveres re-  
 conciliado com teu proximo  
 , vay primeiro reconcili-  
 arte com elle , & entaõ acei-  
 tarey a tua offerta. Ao mesmo  
 modo , & debaixo da mes-  
 ma condiçaõ se une Christo  
 ao Padre no Sacrificio de  
 seu Corpo. Assim como Deos  
 não aceita a offerta do ho-  
 mem antes de o homem es-  
 tar reconciliado com o pro-  
 ximo ; assim Christo não se  
 une ao Padre antes de o Pa-  
 dre se reconciliar com os ho-  
 mens : *Ut reconcilians nos  
 Deo , unum cum illo maneret.*  
 Oh affombro ! Oh prodigio  
 do amor de Christo para  
 com os homens , ainda em  
 respeito do Padre ! O mayor  
 Interprete dos Evangelistas  
 commentando este texto in-  
 fere delle , que Deos em cer-  
 to modo antepoem o amor  
 do proximo ao seu proprio  
 amor : *Dilectioni quodam-*  
*modo*

*Mal-  
 donat.  
 ibi.*

modo *sui proximi dilectionem anteposit.* E se esta força tem a condição de estar primeiro reconciliado o homem com o proximo para Deos accitar a sua offerta ; porque não terá a mesma consequencia o estar primeiro reconciliado o Padre com os homens , para Christo se unir ao Padre? E para que se veja quanta certeza tem isto que se chama em certo modo , ouçamos ao mesmo Christo neste mesmo dia , & na mesma mesa , em que instituiu o mesmo mysterio. *Ipse Pater amat vos , quia vos me amastis :* O Padre amavos a vós , porque vós me amastes. A força deste porque he igual em hum , & outro caso. Assim como o Padre ama aos homens , porque os homens amaõ ao Filho , assim o Filho se une ao Padre , porque o Padre se une aos homens. Logo se amar o Padre aos homens , porque os homens amaõ ao Filho , he final de amar o Padre mais ao Filho que aos homens : tambem o unir-se o Filho ao Padre , porque o Padre se une aos homens , será final

Ioan.  
16.27.

de amar o Filho mais aos homens que ao Padre? A Fé não pode afirmar , que seja assim ; mas o entendimento não pode negar , q o parece.

## §. VII.

406 Acabados os mysterios da sagrada Cea , querendo o Senhor partir do Cenaculo para o Horto , onde finalmente se despedio dos seus para sempre , fallou aos Discipulos nesta fórma : *Uc cognoscat mundus , quia diligo Patrem , & sicut mandatum dedit mihi Pater , sic facio : surgite ; eamus hinc.* Para que conheça o mundo quanto amo a meu Padre , & quam obediente sou a seus preceitos : levantai vos , vamos daqui. Destas palavras se prova hũa cousa certamente , & parece que se prova outra. A que se prova certamente , he , que não tinha Christo neste mundo cousa , que mais amasse , que os homens , nem que mais lhe ouvesse de custar , que apartar-se delles ; pois este era o mayor exemplo , & demonstração , por onde o

mu-

Quando havia de conhecer tanto o mesmo Senhor amava a seu Padre. Mas daqui mesmo parece se prova com evidencia ( contra o que agora queriamos arguir ) que muyto mayor he , & muyto mais pode com Christo o amor do Padre, que o amor dos homens ; pois cuidando tanto ao seu coração deixallos , & apartarse delles , em conficto de amor com amor , prevalece o amor do Padre. Assim parece ; mas não he assim : antes das mesmas palavras de Christo se convence o contrario ; & que mais forte era no seu coração o amor dos homens que o amor do Padre. Provo. Porque o Senhor não diz que o ama , & o aparta dos homens só o amor do Padre , senão o amor do Padre , & mais a obediencia do Padre : *Quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* Se o amor do Padre contendèra só por só com o amor dos homens , & prevalecèra , então se inferia bem que era mais poderoso , mas se elle se não atreveo a entrar na contenda senão acompa-

nhado da obediencia ( a que não era licito resistir ; ) dahi mesmo se infere claramente , & se convence , que se não fiava só das suas forças , nem forão ellas só as que prevalecèrao. Porque se não atreveo nunca os Filisteos contra Samsam , senão quando Dalila o tinha atado ? Porque reconheciao , que Samsam era mais valente que elles. A Dalila , que atou as mãos ao amor , com que Christo amava os homens , foy a obediencia : E como o amor , com que amava ao Padre , arcou com elle estando com as mãos atadas ; que muyto he que prevaleceffe : Assim foy vencido Samsam , sendo mais forte.

407 Mas ainda a sua historia tem mais semelhanças do nosso caso. Não só foy vencido Samsam , porque o atou Dalila , mas porque foy subornado o seu amor. Para que o amor do Padre prevaleceffe em Christo ao amor dos homens , não só empenhou o Padre as razões do seu amor , & os poderes da sua obediencia , mas subornou o mesmo amor , com que

que Christo amava aos homens , para que não só como obrigado , & obediente , mas como interessado , se deixasse render. E que suborno foy este ? Foraõ os doens do Espirito Santo , os quaes decretou o Padre , que Christo não podesse dar , ou mandar aos homens , senão depois de subir ao Ceo , & estar com o mesmo Padre.

*Joan. Expediit , ut Ego vadam : si 16. 7. enim non abiero , Paraclitus non veniet ad vos ; si autem abiero , mittam eum ad vos.* Vede quam poderoso foy , & quam engenhoso juntamente o empenho do Padre para render , & obrigar a Christo , a que se apartasse dos homens. Subornou-o com os doens , que havia de dar aos mesmos homens ; mas com condiçãõ , & decreto , que lhos não podesse dar , senão apartandose primeiro delles. O amor de Dalila , como amor falso , deixou-se subornar dos doens que recebeo para sy : o amor de Christo , como verdadeiro , só pode ser subornado dos doens , que recebeo para dar aos homens. Agora ficará

bem entendido ; & concordado aquelle encontro de S. Paulo com David , que tanta discordia tem causado entre os Expositores. S. Paulo diz , q̄ subindo Christo ao Ceo , deu doens aos homens *Ascendens in altum , dedit dona na hominibus* : E David não diz que os deu , senão que o recebeo : *Ascendisti in altum accepisti dona in hominibus* Pois se S. Paulo cita ao mesmo David , & David diz que Christo subindo ao Ceo recebeo os doens , como diz & treslada S. Paulo , não que os recebeo , senão que o deu ? Porque tudo foy. Recebeo os do Padre para os dar aos homens. O mesmo David o declarou assim : *Accepisti dona in hominibus*. Não diz que recebeo os doens em sy , senão que os recebeu nos homens : *In hominibus* porque para os dar aos homens os recebeo. Desta maneira subornou o Padre o amor de Christo com grande credito do mesmo amor , o qual quando he verdadeiro só se deixa subornar das conveniencias do amado : *Expediit vobis , ut Ego vadam*



o nome, porque a vós vos  
 envem, que eu me va.  
 como se differa o amoroso  
 Senhor a os homens: Não  
 é só o Padre o que me le-  
 va, também vós sois os que  
 me levais. Não só vou para  
 o Padre, porque he obe-  
 diencia sua, fenaõ porque  
 he conveniencia vossa: não  
 é porque o amo a elle, fe-  
 naõ porque vos amo a vós.  
 Se o amor do Padre nesta  
 occasião se valeo para com  
 Christo do mesmo amor dos  
 homens; bẽm parece que  
 amava mais Christo aos ho-  
 mens, que ao Padre. Senaõ  
 ora assim, quando o Evan-  
 gelista disse: *Ut transeat ex  
 hoc mundo ad Patrem*, disse-  
 ra: *In finem ditekxit eum*: mas  
 como diz, *Dilexit eos*: pare-  
 ce que nos confirma o mes-  
 mo parecer.

408 Vay por diante a  
 pratica, vay se desafogando  
 amor; & sempre em no-  
 vos argumentos a favor dos  
 homens. Desenganados os  
 Discipulos da partida por  
 parte da obediencia do Pa-  
 dre forçosa, & por parte dos  
 seus interesses convenientes;  
 outro motivo com que o be-

nignissimo Senhor os conso-  
 lou, foy a promessa de que  
 ainda o haviaõ de tornar a  
 ver, se bẽm por breve tem-  
 po: *Iterum modicum, & vi-* Joan.  
*debitis me, quia vado ad Pa-* 16.16  
*trẽm.* Da intelligencia destas  
 palavras duvidaraõ com tal  
 admiracão os Discipulos, q̃  
 se perguntavaõ huns aos ou-  
 tros: *Quid est hoc, quod dicit* Ibid.  
*nobis: modicum, & quia va-* 17.  
*do ad Patrem?* E finalmen-  
 te se resolvẽo entre todos,  
 que nenhum delles sabia,  
 nem podia entender o que  
 Senhor dizia: *Nescimus quid*  
*loquitur.* Notavel caso! Se  
 as palavras eraõ tam claras,  
 que todos as entendemos;  
 como se naõ achou em toda  
 a Escola de Christo quem as  
 foubesse entender; & mais  
 estando alli S. Ioaõ, o qual  
 pouco antes reclinado sobre  
 o peito do mesmo Senhor  
 tinha aprendido, & recolhi-  
 do delle os thesouros da mais  
 alta sabidoria? Com tudo  
 todos elles confessaraõ, que  
 nenhum sabia, nem enten-  
 dia, o que queriaõ dizer  
 aquellas palavras. E o que  
 menos as entendia, era o  
 mesmo S. Ioaõ, porque en-

Bb      tendia.

tendia melhor que todos o que dellas se entendia. Cada huã das partes da proposição era muito facil, mas ambas juntas não cabião em nenhũ entendimento. Huma parte dizia, que Christo se paria para o Padre: *Quia vado ad Patrem*: a outra parte dizia, que o tempo, que se detivesse na terra cõ os Discipulos, havia de ser pouco: *Modicum, & videbitis me*: & que o tempo desta demõra, sendo tempo que dilatava a Christo a ida para seu Padre, ouvesse de ser pouco, & muito pouco, (que isto quer dizer *modicum*) esta era a dificuldade, que os embáraçava, & se não deixava entender. E porque? Porque della se inferia por natural consequencia huma grande implicação no amor de Christo: a qual depois se declarou ainda mais, mostrando a experiencia, que aquella demõra, ou tardança, foy de quarenta dias.

409 Não há cousa, que mais alargue o tempo na ausencia, & na faudade, que a dilação: as horas se fazem annos, & os dias seculos:

Pois se as faudades, & dezos de Christo subir ao Padre eraõ quaes devião ser de hum Filho, & tal Filho para ver hum Pay, & tal Pay depois de huma ausencia trinta, & quatro annos, como podia ser breve tempo & tam breve o de tam lar dilação? O que daqui se inferia naturalmente, he que no coração do Senhor reynava outro affecto dominante, o qual em opposição do amor do Padre, como mais poderoso que elle, estreitava as distancias, & encurtava os espaços àquelle mesmo tempo. O tempo define-se *Mensura primi mobilis*: medida do primeiro movevel & o primeiro movevel neste mundo pequeno, que chamamos homem, he o coração. Daqui vem, que segundo os movimentos do mesmo coração pôde o mesmo tempo com diferentes respeitos ser longo, & breve. E taes se convencia pelo discurso serem em respeito do Padre, & dos homens aquelles quarenta dias. Para ir ao Padre, eraõ dias, & quarenta; mas para se deter

com os homens, eraõ huñs minutos, ou momentos tam breviados, que não chegãõ a fazer numero. Isto que a dizer a palavra *Modicum* muito mais a palavra *Vado*. Suppõto que o Senhor promettia aos Discipulos, se havia de deter com elles algum tempo, parece que não havia de dizer, Vou, senão, Hey de ir. Antes mais propriamente havia de dizer, não vou, ou não irey amanhã depressa, que não te achais tempo de me ver. Pois se o Senhor não hia ainda senão, quando o dizia, nem depois de sua Resurreiçãõ havia de ir, senão dahi a quarenta dias, como diz que já naquelle mesmo dia, & naquella mesma hora hia: *Quia vado?* Porque como aquelles dias eraõ de estar com os homens, o amor dos mesmos homens os abreviava, unia, & penetrava entre sy de tal sorte, que não só cabiaõ todos, mas todos estavaõ resumidos àquella mesma hora. Por isso quando, segundo as leys do tempo, parece que havia de dizer, hey de ir, segundo as

experiencias do seu amor, dizia, vou, *Vado*. Grande prova no mesmo Texto Evangelico.

410 Na madrugada do primeiro dos mesmos quarenta dias, que foy o da Resurreiçãõ, o recado, que apparecendo o Senhor à Madalena lhe deu, para que o levasse aos Apostolos, foy este. Dize a meus Discipulos, que vão esperar por mim a Galilèa, por quanto subo ao Padre: *Ascendo Ioan. ad Patrem meum, & Patrem vestrum* 20.17. E como a Madalena se quizesse lançar a seus pès, prohibiolhe o Senhor esta detença, dizendo, que ainda não tinha subido ao Padre: *Nondum ascendi ad Ibid. Patrem*. Pois se o Filho não havia de subir ao Padre, senão dahi a quarenta dias; como não diz que havia de subir, senão que já subia: *Ascendo?* E se aos Apostolos mandou dizer que subia, à Madalena porque diz que não tinha subido: *Nondum ascendi?* Não se podia melhor declarar, como todas as differenças do tempo no coraçãõ, & amor

de Christo estavaõ refumidas àquella hora. A madrugada da Ressurreiçãõ era a primeira hora dos quarenta dias, depois dos quaes o Senhor havia de subir ao Padre; mas o amor, & dezejo de estar com os homens lhe faziaõ tam breves todos aquelles dias, que o principio do primeiro lhe parecia já o fim do ultimo. Por isso não diz que havia de subir, senão que já subia: *Ascendo*. E assim como o mesmo amor, & dezejo, sendo o prazo tam distante, lhe fazia o futuro presente; assim sendo a duraçãõ tam comprida, lhe fazia tam breve o mesmo presente, que já podia parecer passado. Por isso disse à Madalena, que ainda não tinha subido: *Nondum ascendi*. No *ascendo* tinha ditto nomeadamente *ad Patrem*: E no *ascendi* tornou a repetir do mesmo modo, *ad Patrem*: para que se veja os poderes, que tinha no peito de Christo, ainda em concurso do amor do Padre, o amor dos homens. E se o amor, na presença do que ama, abrevia o tempo, & na auzencia o

alonga; quando o mesmo tempo em quanto dilatava a Christo a partida para o Padre, lhe não parecia largo, & em quanto lhe permittia estar com os homens, lhe parecia tam breve; quem não julgará nesta differença, que amava mais aos homẽs, que ao Padre? Isto era o que naturalmente se inferia das palavras de Christo, & esta foy a difficuldade, ou implicação, porque todos os Apostolos, & muito mais S. Ioaõ, as não entendiaõ: *Nescimus quid loquitur*.

411 Ouve de apartarse finalmente o soberano Senhor, & porque este apartamento não causasse nos Discipulos o que naturalmente costuma nos homens; exhortando-os a estarem sempre unidos com elle por memoria, & por amor, lhe declarou a importancia desta uniaõ com o exemplo da vinha, em que as vides não podem dar fruto, senão unidas à cepa, & disse assim: *Ego sum vitis, vos palmites; Pater meus agricola est*: Eu, Discipulos meus, sou a cepa, vós sois as vides, & meu Padre he o Lavrador. Aqui temos

temos outra vez o Padre , os homens , & o mesmo Christo , que he todo o concurso da nossa questaõ ; mas a Pessoa do Padre, que não está applicada , como pedia a propriedade natural da parabola. Se Christo se compara à cepa , & os Discipulos às vides ; parece que o Padre se havia de comparar à raiz ; & não ao Lavrador. Christo he Filho do Padre , & os Discipulos são filhos de Christo , como o mesmo Senhor lhe chamou nesta occasião : *Filioli , adhuc modicum vobiscum sum : ( Filioli , diz : E quem poderá comprehender a immensidade de amor , que naquelle diminutivo se encerra ? )* Pois se os Discipulos eraõ filhos de Christo , & Christo Filho do Padre , & elle se compara à cepa , & os Discipulos às vides , porque não compára o Padre a raiz , como pedia a natureza da metaphora , senão ao Lavrador ? Porque o Lavrador não está pegado à cepa , às vides sim. E neste dia parece que todo o cuidado do amor de Christo era despe-

garfe do Padre , & pegarie aos homens. Dos homens fallava como de filhos , do Padre , como se não fora Pay : ao Padre dava o nome do poder , aos homens o do amor : ao Padre como separado , aos homens como unidos : Em fim semelhante àquella planta , que entre todas só sabe chorar apartamêtos : fugeita porém , como as de mais , a não se puder apartar da terra , sem se arrancar.

412 Chegado o Senhor ao Horto , & apartandose dos Discipulos para ir orar ao Padre , diz o Evangelista S. Lucas , que se arrancou delles : *Arulsus est ab Luc. eis.* Esta manhaã ponderey 22. 41 este passo a outro intento : agora acrescento , & noto mais : que apartandose do Padre na mesma oração , & tornando aos Discipulos , nem o mesmo S. Lucas , nem algum outro Evangelista diz que se arrancou , senão que veyo : *Venit ad Discipulos suos.* Pois se quando do vay dos Discipulos para o Padre se arranca , quando vem do Padre para os

Discipulos ; porque senão arranca tambem ? Porque essa he a differença de estar pegado , como dizia , ou não estar pegado. Quando se vay o que está pegado , arranca-se ; quando vem o que não está pegado , vem. Assim hia o Senhor quando hia , & assim vinha quando tronava. E se o ir dos homens para o Padre , he arrancar-se , & o vir do Padre para os homens , he fomen-te vir ; que havemos de dizer , ou cuidar que parece isto , não notado por nós , mas advertido pelos mesmos Evangelistas ? O menos que se pôde cuidar , & o muito que se não pôde dizer , he que o amor de Christo hoje amou mais aos homens , que ao Padre.

413 Mas quem se atreverá a pronunciar por palavras , o que o mesmo amor , emmudecido por respeito , se não atreve a significar , senão por acenos , & por acções. Tres horas durou aquella oração do Horto , & tres vezes nas mesmas tres horas veyo o Senhor a visitar os Discipulos , sem ser

bastante o descuido com que os vio , & o desamor que nelles experimentou , para não tornar huã , & tantas vezes. E bem , Filho sempre amantissimo de vosso Eterno Padre , ao mesmo Padre deixais vós , & tam repetidamente por vir aos homens ? Não argumento por parte do respeito , que tambem podéra ter sua demanda neste caso : só duvido por parte do amor. O centro do vosso amor não he o Padre ? Sim he , nem pôde deixar de ser. Pois como se inquieta tanto o vosso coração , se está no seu centro ? Dizer que o Padre era o centro do amor , & os homens o centro do cuidado , não he boa soluçãõ ; porque o amor , & o cuidado não se distinguem. Pois se estais com o Padre só tres horas , como tres vezes em tres horas deixais o Padre para vir aos Discipulos ? Sey eu , que tres dias deixastes vós a Mãe , sobre todas as criaturas amada , & a satisfação que lhe destes , foy que estaveis com vosso Padre. Mas isso foy entãõ , & não no dia de hoje,

em que os privilegios do amor dos homens não tem exemplo. Não entendo , o que isto he , mas não posso deixar de dizer o que parece. Parece , que também quizestes dar satisfação aos homens ; & porque era ella tal , que não cabia em palavras ; com o amor , com o cuidado , & com as acçoens lhe dissestes por ultima despedida : que ? Ainda tremo de o pronunciar. Parece , que nos quizestes dizer assim : Já que neste dia hey de deixar huma vez os homens por amor do Padre , quero deixar tres vezes o Padre por amor dos homens.

414 Agora sim , que se desquitou bem o amor de Christo. Porque se o amor do Padre ( como vimos ) foy tal , que podêra dar ciumes ao Filho ; esta acção do amor do Filho he tal , que podêra causar ciumes ao Padre. Saul chegou a negar de filho a Jonatas ; porque amava mais a David , que ao proprio pay. E à manhã , quando se ouvir , que o Padre deixa a seu Filho : *Ut quid dereliquisti me* : não

faltarà quem cuide , que o Padre o deixa , porque elle também deixou ao Padre por amor dos homens. Mas he tanto pelo contrario , que nunca tanto o Filho agradou ao Padre , nem o Padre o reconheçô mais por Filho , que por estes mesmos extremos com que amou aos homens. *Filius Hebr. meus es tu : Ego hodie genui* 1. 5. te : Hoje , hoje vos reconheço mais que nunca por Filho , pois em amar aos homens , como os amastes , mostrastes bem ser Filho de vosso Pay. Porque se Eu no dia da Encarnação , que foy o primeiro , os amey tanto , que parece amey mais aos homens , que ao Filho , como haviéis vós de mostrar , que ereis meu Filho no dia de hoje , que he o ultimo , senão amando tanto aos mesmos homens , que pareça amastes mais aos homens , que ao Padre ?

## §. VIII.

415 Esta foy na competência de hum dia com outro dia , & de hum amor

com outro amor, esta foy a igualdade do *Dilexit* do Padre: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret: & esta a igualdade do Dilexit do Filho: Suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Mas nesta mesma igualdade, em que se não conhece ventagem, confitio (como prometti) a vitoria do amor de hoje. E porque, ou como? Porque Christo pela parte que tem de homem, he menor que o Padre, como elle mesmo nos ensinou: *Quia Pater maior me est*: & nas batalhas de menor a mayor, quando o menor iguala o mayor, o igualar he vencer. Na luta que teve Jacob com o Anjo, nem o Anjo derrubou a Jacob, nem Jacob derrubou ao Anjo: & com tudo o Texto Sagrado não só huma, senão muitas vezes celebra a vitoria de Jacob: & por ella lhe mudou Deos o nome de Jacob em Israel, dizendo: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines praevaleris.* Pois se Jacob não venceo o Anjo, & o Anjo sómente reconhe-

ceo que o não podia vencer: *Cum videret quod eum superare non posset*; porque se attribue a vitoria a Jacob? Digase que não foy vencido; mas não se diga que venceu. Antes porque não foy vencido, por isso mesmo se diz que venceu; porque nas batalhas de menor a mayor, o não fer vencido, he vencer. Se a luta fora de homem a homem, ou de Anjo a Anjo, então era necessario derrubar hum ao outro para ficar vencedor; porém como era de homem a Anjo, & de menor a mayor, a igualdade no menor foy vitoria, & o não fer vencido, vencer. Mas quem era este Anjo, quem era este Jacob, & qual foy esta batalha? O Anjo representava ao Padre, que por isso disse: *Si contra Deum fortis fuisti*: Jacob representava a Christo, que muitas vezes na Escritura se chama Jacob, & a batalha era de amor, que por essa razão foy luta, que são abraços. E como nesta competencia amorosa nem o Padre pode vencer o Filho, nem o Filho vencer o Padre; bem se conclue

Joan.  
14.28.

Genes.  
32.28.



inclue da mesma igualdade amor de ambos, que a a vitoria ficou pelo *dilexit* de hoje. *In finem*: *gloriosa S. Chrysolomus: victoriam dilexit eos.*

## §. IX.

416 Os despojos desta vitoria pede o amor que se fez aos coraçoes dos homens, não igual, & tam excessivamente amados do Padre, & Filho. Muito sentio o amoroso Senhor, que de só os coraçoes, que se achão no Cenaculo, lhe faltaram: *Cum diabolus jam esset in cor, ut traderet eum.* E que seria se estes os que tanto abominamos aquella ingratição, & deslealdade, ouvesse muitos igualmente desleaes, & mais de o mesmo Judas ingrato? Que seria, se quando o Padre, & o Filho cometerem sobre qual ha de amar mais aos homens, os homens ouvessemos como à competencia de quem mais ha de vender ao Padre, q̄ nos deu o proprio Filho, & ao Filho, q̄ se nos deu a sy mesmo?

417 Os mais obrigados a este exemplo são os pays, & os filhos. Os pays, para que amem mais a Deos que aos filhos, por cuja causa muitos se condenaõ: & os filhos, para que amem mais a Deos que aos pays, por cujo temor, ou respeito não tomaõ aquelle estado, em que mais se segura a salvação. Quantos pais ha que por amarem falsa, & erradamente os filhos, & os quererem antes para o mundo, que para Deos, lhe impedem o servir a Deos? E quantos filhos, que por não desagradarem aos pays, nem se apartarem delles: deixaõ a Deos, & fervem ao mundo? Oh ditosas, bem entendidas, & valerosas Almas Dama, vós que com tam animosa, & prudente resolução deixastes a Gerarchia desse Coro tam alto, & desprezastes todas as promessas, & esperanças do mundo, onde elle he mais mundo: & na idade mais sujeita a seus enganos, não só lhe voltastes o rosto, mas o metestes debaixo dos pés. Se Christo hoje chamou seus aos que

*Allude ás Damas do Paço, que naquelle Quarta-feira se fizeram o Resoluto.*

chamavaõ

estavaõ no mundo: *Suos qui erant in mundo*: só porque o mundo não estava nelles; a vós que não estais já no mundo, nem elle pôde estar em vós para sempre, que nome vos terá dado o seu amor, & que lugar o seu coração? E se as filhas, em que a delicadeza, & o mimo he tam natural, com tam galharda resistencia, & tam constante desapego deixaõ as casas dos pays, & não lhe faz horror o claustro, nem o cilicio; nos filhos (comvosco fallo) nos filhos, que nascerão com obrigaçoens de mayor valor, & o mostraõ tanto, onde não convinha; porque se não verã semelhantes desenganos? Porque se não acabaraõ de resolver tantas mocidades enganadas a deixar o mundo, a desprezar o mundo, a conhecer o mundo, & o tratar como elle merece, & Deos nos merece?

418 Desenganemonos, que he necessario deixar o mundo, antes que elle nos deixe. E que occasião mais aparelhada, & ainda mais forçosa, & mais fidalga, que

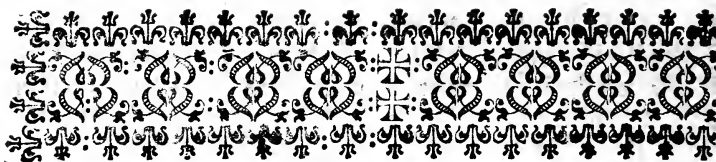
deixalo, quando quem criou, & nos criou, o deixa? Serã bem, que se pãta Christo do mundo: *Transseat ex hoc mundo*: & que faça esta jornada só; sem haver quem o acompanhe, o siga? Que coração haverã tam esquecido de Deos, & de sy, que ouvindo aquelle rebate, ou aquelle pregação do Ceo: *Sciens Jesus quia venit hora ejus*: lhe não caua se hum grande abalo na Alma, & diga resolutamente comsigo: Esta ferã tambem a minha hora? Nenhum Christoã ha de conscienciar tam perdida, que não faça conta de se converter, & dar a Deos alguma hora: se ha de fer alguma hora, que hora como esta? Oh como he para temer, que quem se não aproveitar desta hora lhe falte outra! Se cada hum de nós soubera a hora, em que ha de passar deste mundo, como Christo sabia a sua; *Sciens quia venit hora ejus*: menos cegueira fora mas se este secreto he occulto a todos, & ninguem sabe o dia, nem a hora: *Qui nescitis diem, neque horam* porqu

orque havemos de perder  
 l hora como esta , & tal  
 a como o de hoje. Tal dia  
 o de hoje , torno a  
 zer. Hum dia , em que se  
 untarãõ os dous mayores  
 as do Amor , & Miseri-  
 rdia Divina. O dia em  
 ue Jesu , nosso Deos , &  
 esso Redemptor , se parte  
 o mundo , & o deixa , para  
 ue nõs o sigamos , & o dia  
 m que veyo ao mundo , &  
 eixou o Ceo , para que nõs  
 o menos deixemos a terra.  
 Oh maldita terra, oh maldi-  
 o mundo , que nenhum  
 xemplo basta para te dei-  
 armos , nenhum defenga-  
 a para te conhecermos ,  
 nenhum amor de Deos , para  
 e não amarmos?

hoje està voffo amor tam  
 vencedor de tudo , vença  
 tembem , & triumfe destes  
 coraçoens , tam duros , tam  
 ingratos , tam cegos. Abran-  
 day, Senhor, esta dureza ,  
 converttey esta ingraticidãõ ,  
 alumia y esta cegueira : tro-  
 cay , & transformay de huã  
 vez a rebeldia destas vontades,  
 para que só a vòs amem ,  
 só a vòs queiraõ , só a vòs de-  
 zejem , só por vòs suspirem ,  
 só de vòs esperem , só em  
 vòs vivaõ , só por vòs mor-  
 raõ : até que chegue aquel-  
 la ultima , & felice hora de  
 passar comvosco deste mun-  
 do ao Padre : *Ut transeat ex  
 hoc mundo ad Patrem*. On-  
 de vos vejaõ , onde vos go-  
 zem , onde vos amem sem  
 fim. *In finem dilexit eos.*

419 Senhor Jesu, já que





# S E R M A M

DA PRIMEIRA OITAVA DA

## PASCHOA.

Na Matriz da Cidade de Belem no Gram Parà :  
Anno de 1656.

Na occasião em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das Minas, que com grandes empenhos se tinhaõ ido descubir.

*Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & estis tristes? Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel. Luc. 24.*

§. I.

+20



Em hum dia tão alegre como o de Paschoa, em que pela gloriosa Resur-  
reição de Christo, Redem-

ptor nosso, se revogou com mesma gloria a antiga sentença de morte fulminada contra Adam, & Eva, digna cousa de admirar he, que nelle nas filhas de Eva, nem nos filhos de Adam se achem feitos de alegria. Amanhe-

cè

o Sol neste fermoso dia  
 mais arrayado que nunca,  
 crescentando tantos rayos a  
 seus naturaes resplandores,  
 quantos tinha eclipfado, &  
 escondido no dia da Paixão:  
 que he o que achou no  
 mundo o mesmo Sol, ou  
 quando nascêo no Oriente,  
 ou quando se foy pôr no Oc-  
 cido? Quão nascêo, achou  
 a terra orvalhada das lagri-  
 mas da Madalena, como se  
 ella fora a Aurora daquelle  
 dia: *Mulier. quid ploras?* E  
 quando hia a se pôr, achou a  
 tristeza dos dous Discipulos  
 de Emaús: *Et estis tristes;* co-  
 mo se nelles se multiplicara  
 a cuberta de sombras a Estrela  
 da tarde, ou Vesper: *Quo-  
 niam advesperascit.* Tam tra-  
 gicos como isto foraõ os do-  
 s primeiros actos, ou appa-  
 encias desta famosa Come-  
 dia.

421 Para eu vos decla-  
 rar quam naturaes fossem as  
 causas de hum, & outro sen-  
 timento, não me he necessa-  
 rio ir buscar o exemplo mais  
 longe, pois a fortuna nestes  
 mesmos dias volo trouxe a  
 casa. Não he grande descõ-  
 lação buscar, & não achar?

Pois essa era a desconfolação  
 da Madalena, & das outras  
 Marias: *Non invento corpore* *Ibid.*  
*ejus.* Nam he bastante mo-  
 tivo de tristeza esperar, &  
 nam succeder o que se espe-  
 rava: Pois essa era a causa,  
 porque os dous Discipulos  
 hiaõ tristes: *Nos autem spe-* *Ibid.*  
*rabamus.* Em quanto os cui-  
 dados, & esperanças se poem  
 na terra, nam pôdem saltar  
 desconfolações, & tristezas  
 à terra. As Marias desconfo-  
 ladas, porque nam achãram  
 o que buscavaõ debaixo da  
 terra: *Veniunt ad monumentum:*  
 & os Discipulos tristes, por-  
 que lhe nam succedêo o que  
 esperavaõ para remedio da  
 sua terra: *Quia ipse esset redē-* *Marc*  
*pturus Israel.* *16.2.* *Luc.*  
 24 21

422 Taes considero,  
 Senhores, nesta occasião, ou  
 taes são, ainda que se nam  
 considerem, as causas, q̄ pa-  
 rece nos fizeraõ menos ale-  
 gres estas Paschoas, as quaes  
 eu dezejo a todos, & para to-  
 dos peço a Deos tam liberaes  
 dos bens do Ceo, & tambem  
 dos q̄ nam são do Ceo, quan-  
 to o mesmo Senhor sabe, que  
 nos convem. Foraõ se buscar  
 debaixo da terra as minas de

Marc  
16.1.

ouro, ou prata, & não se tendo achado depois de tanto trabalho; assim como as Marias se desconsoláraõ de verem mal logradas as suas diligencias, as suas prevençoens, & ainda as suas despezas: *Emerunt aromata*: assim confesso vos pôde desconsolar o muito que nesta infelice jornada se tem gastado de tempo, de cuidado, & de fazenda. E assim como os Discipulos hiaõ tristes, por ver baldadas, & perdidas as esperanças, com que dezejavaõ ver melhora da a sua patria, & restaurado o seu Reyno: *Quia ipse esset redempturus Israel*: assim vos concedo, que he para entristecer, & sentir, não se ter conseguido a opulencia propria, & da Monarchia, que das mesmas minas desvanecidas com tanto boato se esperavaõ. He comtudo tam bom consolador Christo, & tam apressado, que na mesma manhaã enxugou as lagrimas das Marias, & na mesma tarde serenou a tristeza dos Discipulos; como eu tambem de termino aliyar a vossa hoje.

423 Resumindome pois à hystoria do Evangelho, que sendo succedida hontem, reservou a Igreja para este segundo dia, dous affectos; ou duas paixoens naturaes do animo consolou, ou curou Christo, Senhor nosso, nos dous Discipulos de Emaüs: a tristeza declarada, & a esperança perdida: a tristeza declarada: *Et estis tristes*: a esperança perdida: *Nos autem sperabamus*. E sendo estes os mesmos dous affectos, com que os coraçõens da nossa Cidade se achaõ menos quietos, & satisfeitos; assim como o Senhor mostrando se vivo aos Discipulos, sepultou a sua tristeza, & resuscitou a sua esperanças; assim eu para consolar huã, & alentar outra, vos mostrareyivamente duas verdades. A primeira, que muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas, que descobrirem se. A segunda, que em lugar das minas incertas, que se não descobriã, vos descobriã Deos outras certas, & muito mais ricas. Ambos estes assumpto

ptos parecem temporaes, como tambem eraõ por causas temporaes a tristeza, & desesperaçãõ dos dous Discipulos à ida: mas nem por serem temporaes, deixou de as consolar o Divino Mestre, para as converter a ellas, & a elles, em espirituaes, como tornãrãõ à volta. O mesmo pretendo eu com a Graça do Ceo, que me ajudareis a alcançar.

*Ave Maria.* med no: ave so

II. pla teu graç

*Quia sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & estis tristes?*

Quas praticas são estas, que ides conferindo entre vós, & de que estais tristes? Esta foy a pergunta, q̄ fez Christo, Redemptor nosso, aos dous Discipulos, que hiaõ de Jerusaleem para Emaus. E se eu fizesse a mesma no nosso Belem, & perguntasse às vossas Converseiraes, porque estais tristes, he certo, que me havieis de responder, como elles responderãõ: *Nos autem sperabamus*: Esperavamos de ter minas, & esta-

mos defenganados; de que as não ha: ou esperavamos, que se descobrissem, & não se descobrião. E se eu insistisse mais em querer saber o discurso, ou consequencia, com que sobre este defengano fundais a vossa tristeza; tambem he certo havieis de dizer, como elles disserãõ, que no successo, que se dezejava, & suppunha, estavaõ livradas as esperanças da redempção, não só desta vossa Cidade, & de todo o Eslado, senão tambem do mesmo Reyno: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel.* Ora ouvime attentamente, & (contra o que imaginaveis, & por ventura ainda imaginais) vereis como nesta, que vos tendes por desgraça, consistio a vossa redempção, & de quantos trabalhos, infortunios, & cativinhos vos rimio, & vos livrou Deos, em não succeder o que esperaveis.

425 Primeiramente havemos de supôr, que muitas vezes está a nossa perdição em succederem as coulas como esperamos, & con-

contrario está o nosso remedio, & a nossa conservação, em não terem o successo que se pertendia. Em hũa maldiçaõ, muito enca-recida de Iob temos o mais claro, & mais notavel espe-lho, que se pôde imaginar, desta verdade. *Pereat nox, in qua dictum est, Conceptus est homo: expectet lucem, & non videat, nec ortum surgentis aurora:* Maldita seja a noite, em que fuy concebido, diz Iob: espere pela luz, & nunca amanheça: espere pela aurora, & nunca venha. Parecemos ha ( como pareceo aquem o disse ) que podia succeder desgraça que podia succeder à Noite, & a mayor praga, que se lhe podia rogar; mas bẽm considerado o caso, não era senão a mayor ditta, & a mayor ventura. O mayor inimigo, que tem a Noite, he a Aurora: emquanto não amanhece, conserva-se; & persevera a Noite; tanto que amanheceo, ficou acaba-da, & perdida: logo aquela, que parecia maldiçaõ, não era maldiçaõ, antes era o mayor bem, & a mayor feli-

cidade, que se podia dezer; porque se a Noite esperasse pela manhaã, em lhe succeder como esperava, estava a sua perdiçaõ, & o seu fim: & em lhe não succeder como esperava, estava a sua conservação, o seu augmento, & o seu ser.

426 O mesmo digo Sennhores, da esperança das vossas minas; aqual eu nunca tive por bem fundada, & perguntado assim o disse. Lá se mostrou ouro, & prata; mas estes dous metaes as mais das vezes são como os dous cabritinhos de Iacob, com q̄ enganou ao Pay cego para levar a bençaõ de Esau. Disse Iacob, que o guizado, que presentava ao Pay, era da caça, & elle não era do mato, senão do rebanho. Assim he o ouro, & prata que lá leuão: dizem q̄ foy cavado da bêta; & elle he fundido da bolça. Por isso as minas não são minas para quem faz as despezas; & só são minas, como a bençaõ de Iacob, para os mesmos q̄ as fingirão, & vem ricos de merces, & salarios, & cheyos de



de jurdiçoens, & omnipotencias, com que fa fazem mais ricos. Mas ou se não descobriſſem as minas, porque as não ha; ou porque havendoas, não quiz Deos que se descobriſſem; vede de quantos perigos, & trabalhos vos remio, & livrou a misericordia, & Providencia Divina em não ſucceder, eſte deſcubrimento como eſperaveis,

III.

427 E para que comecemos pelos perigos, que podem vir de fóra, & de mais longe; ſe eſte Eſtado ſem ter minas, foy já tão requetado, & perſeguido de armas, & invaſoens eſtrangeiras que ſeria ſe tivesse eſſes theſouros? Lá traz Chriſto, Senhor noſſo, a comparação de hum campo, que era cultivado ſómente na ſuperficie da terra, fertil de flores, & frutos: porém ſabendo hum homem açaſo, que no meſmo campo eſtava enterado, & eſcondido hum theſouro: *Theſauro abſcondito in agro*: o que fez com todo

o ſegredo, & diligencia, roy ir logo comprar o campo a todo custo, & deſte modo ficou Senhor, não do campo por amor do campo, ſe não do campo por amor do theſouro. De ſorte, que toda a deſgraça do campo em mudar de ſenhorio, & paſſar de hum dono a outro dono, eſteve em ter theſouro dentro em ſy, & ſaberſe que o tinha. Contentemonos de q̄ nos dem os noſſos campos pacificamente, o que a agricultura colhe da ſuperficie da terra, & não lhe dezejem os theſouros eſcondidos nas entranhas, que eſpertem a cubiça alheia: principalmente quando os meſmos campos não eſtão cercados de tam fortes muros, que lhe poſſão facilmente defender a entrada.

428 Conta a Sagrada Eſcritura no capitulo trinta & oito de Ezechiel (ou ſeja hystoria do paſſado, ou profecia do futuro) que ſabendo as Naçoens de Gog, & Magog, que os Hebréos viviaõ ricos, & deſcãgados nas ſuas terras; fizeraõ conſelho entre ſy de os irem conquistar,

fundando esta deliberação em dous motivos : o primeiro, que tinhaõ ouro, & prata : o segundo, que não tinhaõ muros. Hum motivo os excitou à conquista, & o outro lha facilitou. O que os excitou, foy o ouro, & a prata : *Ecce ad diripiendam prædam congregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum, & aurum: & o que os facilitou, foy, sêrem terras habitadas sem muros, nem fortificaçoens : Ascendam ad terram absque muro, veêtes, & portæ non sunt eis. E terras, que tem ouro, & prata, & não tem muros fortes, que as defendão, naturalmente estaõ expostas à cubiça, & invasão dos inimigos, porque o ouro, & a prata, que tem, excita a cubiça; & os muros, & fortificaçoens, que não tem, facilitaõ a invasão.*

Ezech.  
38.13.  
11.8.

429 He verdade, que os Hebreos naquelle tempo estavaõ muito seguros com a paz das outras Naçoens, & já livres de suas armas : *Ad terram, quæ reversa est à gladio : adquiescentes, habitantesque securè.* Mas esta segurança he muito enganosa,

Onde ha nova occasião de interesse, não ha confederação que dure. Ouvi hum ditto notavel de Jeremias. *Numquid fæderabitur ferrû ferro ab Aquilone, & æs? Cuidais, q̃ o ferro do Norte ( do Norte diz nomeadamente, ab Aquilone ) cuidais, que o ferro do Norte se pôde confederar com outro ferro, & o seu bronze com outro bronze? Enganaifvos, diz o Profeta àquelles, com quem fallava : & o mesmo vos certifico eu, sem ser Profeta. Livrouvos Deos da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte com a prata liga os outros metaes; & a cubiça com a prata desfaz, & rompe todas as ligas.*

430 Confederados estavaõ os Israelitas com os Babilonios, & era tanta a amizade, & boa correspondencia entre hum, & outro Rey, que Baradac Rey de Babilonia, soberbissimo, & potentissimo, sabendo que Ezechias Rey de Israel tinha convalescido daquella grave enfermidade, em que esteve à morte, lhe mandou Embaixadores com grandes pre-

presentes a lhe dar o parabem da faude. Quizse mostrar agradecido Ezechias, & em sinal de benevolencia, & confiança levou os mesmos Embaixadores ao mais secreto do feu Palacio, & alli lhe descobrio, & manifestou todos os seus thesouros. Elle, & elles ficaraõ muy satisfeitos: mas não eraõ passadas vinte & quatro horas, quando Deos mandou annunciar a Ezechias as perigosas, & tristes consequencias daquelle descobrimento: *Ecce dies venient, & auferentur omnia, que in domo tua sunt, & que thesaurizauerunt Patres tui usque in diem hanc, in Babylonem: non relinquetur quidquam, dicit Dominus: & de filiis qui exhibunt de te, quos genueris, tollent, & erunt Eunuchi in palatio Regis Babylonis.* E vós Ezechias fostes tam inconsiderado, que manifestastes os vossos thesouros aos Embaixadores de Babilonia? Pois sabey, diz Deos, q̄ os Babilonios os viraõ buscar, & não só se faraõ senhores dos mesmos thesouros, sem delles deixar

cousa alguma; senão que até a vossos proprios filhos cattivarão, & levarão prezos a Babilonia, para là se servirem delles. Eisaqui em que paraõ as amizades, as pazes, & as confederaçoens, em havêdo descobrimento de thesouros. Day graças a Deos de se frustrarem as vossas esperanças, & não lhe sejais ingratos com vos entristecer, pois assim vos quiz livrar de tamanhos perigos.

431 Se em Hespanha não ouvera minas de ouro, & prata (das quaes diz Estrabo, que eraõ as mais ricas do mundo) nunca os Romanos iriaõ a lhe fazer guerra de tam longe, nem com tanto empenho, & pertinacia. Assim o dà a entender a mesma Escritura Sagrada no primeiro Livro dos Machabêos, referindo as conquistas dos Romanos, & a fama das suas vitorias: *Et quanta fecerunt in regione Hispania, & quod in potestatem redegerunt metalla argenti, & auri, que illic sunt.* Não diz, que conquistaõ os homens, senão as minas, porque as minas foraõ o motivo da guerra,

guerra, & da conquista. Como a gente de Hespanha era tanta, tam remota, & tam forte, gastou a potencia Romana na pertinencia desta Conquista, duzentos & trinta & cinco annos: (Vede se serão cã necessarios tantos?) até que finalmente a terra, as minas, & os moradores ficaram todos fugeitos ao jugo, & dominio estranho, prestidiados de suas Legioens, tributarios à sua cubiça, governados, & opprimidos da sua tyrania: & o mesmo ouro, & prata (que, como diz o Espirito Santo, muitas vezes he redempção do homem) para elles foy a causa da servidão, & o reclamo, q̄ chamou de tam longe, & lhemertão em casa o cativoiro.

## §. IV.

432 Mas dado que as minas tam esperadas, & apetidas não tivessem por consequencia de sua fama estes perigos de fóra; bastava a consideração dos trabalhos, & misérias domesticas, que com ellas se vos haviaõ de levantar de debaixo dos pés,

para que o vosso juizo, se tivesséis, tratasse antes de sepulturar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar, & descobrir, ainda que forão muito certas. Hum dos mayores castigos, que Deos podia dar a esta Cidade, & a este Estado, era descobriremse nelle minas. E não fou eu o que o digo, senão a prudencia, & verdade, de quem se não podia enganar.

433 No Psalmo dezezeis pede David a Deos lhe faça justiça, & de a seus inimigos o castigo q̄ merecem, pela deshumanidade de feras com que perseguiaõ sua innocencia. E depois de dizer que Deos tinha ouvido sua petição, profetiza o castigo, que o justo Juiz havia de dar aos mesmos inimigos, & como se já lho tivera dado, refere-o assim em poucas palavras. *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum:* Fartastes, Senhor, a sua fome com os encher dos vossos escondidos. Entraõ agora os Interpretes a examinar quaes são os escondidos de Deos? E o sentido mais proprio, & mais

mais literal, com Simaco, & outros, he que os escondidos de Deos são as minas de ouro, & prata. O ouro, & a prata, temnos Deos escondidos lá no profundo da terra, onde os criou, & quando o mesmo Senhor he servido, q se descubraõ as minas, entao apparecem, & se manifestaõ estes escondidos de Deos: *De absconditis tuis.* Mas se David tinha pedido a Deos que lhe fizesse justiça, & castigasse a seus inimigos: & o mesmo Deos lhe tinha promettido de o fazer assim, & de os castigar; como diz, que lhe ha de descobrir o ouro, & prata, que tem escondidos nas minas, & os ha de fatar dellas: *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum?* Mais apertadamente ainda. Neste Psalmo, que todo he profetico, assim como na pessoa de David he figurado Christo, assim nas perseguições de David são significadas, a crueldade, & ingratição com q Christo foy tratado em vida por seus inimigos, & as maldades, & peccados com que ainda hoje he defacatado, & offendido.

Tom. 4.

Pois em premio dessas offensas, dessas maldades, & dessas peccados descobre Deos os seus thesouros, que tem escondidos debaixo da terra, & enche, & farta de ouro, & prata aos que estão famintos de minas: Sim. Porque essas minas, que tanto se dezejão, & estimaõ, ordinariamente não as descobre, nem as dà Deos por merecimentos, senão em castigo de grandes peccados. Ouvi o commento de todos os Padres Gregos sobre o mesmo Texto, divididos em duas opinioes, mas ambas concordem no que tenho ditto. *Illud autem de absconditis, alij quidem intellexerunt de supplicijs; alij verò de fustilibus metallis.*

*Graci*

*PP.*

*apud*

*Cord.*

Aquelles que o Profeta chama os escondidos de Deos, huns dos Santos Padres entenderão, que significação castigos, & outros que significação minas: & huns, & outros não discrepaõ, mas concordão admiravelmente na mesma differença de hum, & outro sentido. Porque? Porque as minas, quando Deos as descobre, são castigos, & hum dos mayores castigos,

Cc iiij que

que Deos dà por peccados , he o descobrimento de minas : *De metallis fusilibus , de supplicijs.*

434 E notay a misteriosa propriedade , com que este genero de castigos se chamaõ tambem os escondidos de Deos : *De absconditis tuis.* Porque Deos humas vezes castiga com castigos manifestos, & outras vezes com castigos escondidos. Os castigos manifestos , são os que todos temem , & reconhecem por castigos , como são as fomes , as pestes , as guerras, & as outras calamidades temporaes : os castigos escondidos , & occultos , são aquelles , que não se reputaõ nem temem como taes, antes se estimaõ , & dezejaõ como felicidades , & boas fortunas : & deste genero são as minas, & seus descobrimentos. São castigos escondidos debaixo de apparencias contrarias; porque se appetecem, estimaõ , & festejaõ enganosa , & enganadamente, sendo certo que debaixo do preço , & esplendor do ouro, & prata se occultaõ , & escondem grandes trabalhos, afflicções,

& miserias, com que a Justiça Divina por peccados quer castigar , & açoutar as mesmas terras , onde as veyas destes metaes se descobrem. Deos tanto pôde açoutar cõ varas de ferro , como com varas de ouro , & de prata ; antes estes açoutes são muito mais pezados, quanto a prata , & ouro pezaõ mais que o ferro.

435 Aquella ponta de terra montuosa , q̄ hoje chamamos Cabo de S. Vicente , antigamente se chamava Promontorio sagrado , por estar alli o sepulchro de Tubal primeiro Pay da nossa Nação, & tambem o de Hercules , hum dos mais famosos , & amados Reys da Lusitania. Havia minas neste Promontorio , as quaes por causa da mesma veneração tambẽ era vedado cavarem-se : & dizem as hystorias daquelle tempo , q̄ só em hum caso se permitia aos moradores aproveitarem-se do ouro , & prata das dittas minas. Mas qual era este caso ? Couza verdadeiramente admiravel , & muito digna de se notar. O caso era , quando cahia

cahia do Ceo algum rayo ,  
que penetrasse a terra, & descobrisse os preciosos metaes, q̄ nella estavaõ escondidos. De sorte, que naquella terra, tambem nossa , o abriremse minas , & o cahirem rayos do Ceo , tudo vinha junto : como se o Ceo nos prégara, que o descobrimento de minas na terra não são felicidades, & boas fortunas , como se imagina, senão execuções da ira de Deos , & castigos do Ceo.

## S. V.

436 E para que vos não pareça, que são isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a tristeza , & dar especie à consolação ; troquemos este ouro, & prata em miudos, & vejamos os proveitos, & interesses, que do descobrimento de minas haviaõ de resultar à vossa terra, no caso em que se rivessẽ achado. Eu nunca fuy ao Potusí, nem vi minas; porém nos Livros, que descrevem o que nellas passa, não só causa espanto, mas horror, ler a fabrica,

& as machinas, os artificios, & a força, o trabalho, & os perigos, com que as montanhas se cavaõ, as betas se seguem, & perdidas se tornaõ a buscar : os encontros de pedernaes impenetraveis, ou de aguas subterraneas, que rebentaõ das penhas, as quaes, ou se haõ de esgotar cõ bombas, ou abrirlhe novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes : O estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, & dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes tem cento & sincoenta libras de pezo, com q̄ se batem, contaõ, & arrancaõ as pedras, ou se precipitaõ com mayor perigo do alto: & tudo isto naquellas profundissimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o rayo do Sol; alumiados malignamente aquelles infelices Ciclópes só com a luz escassa, & contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo, & vapor ardente lhe toma a respiração, & muytas vezes os afoga.

437 Faz aqui padecer a cubiça muito mais do que

Cõ IIIJ pró-

profetiza Isaias ; que fará  
 em algum tempo a peniten-  
 cia. *Introibunt in spelancas*  
*petrarum, & in voragine ter-*  
*rae : projiciet homo idola ar-*  
*genti sui, & simulacra auri*  
*sui, quæ fecerat sibi, ut ado-*  
*raret, talpas, & vespertilio-*  
*nes : metersehaõ os homens*  
 pelas covas, & pelas con-  
 cavidades mais profundas  
 da terra, nam para buscar  
 ouro, ou prata, mas abo-  
 minando, & lançando de sy  
 os idolos, que do ouro, &  
 da prata tinham feito, tou-  
 peiras, & morcegos. Vede a-  
 gora estas mesmas figuras  
 como as ajunta, & introduz  
 toda a cubiça neste escuro,  
 & horrendo theatro da pa-  
 ciencia sem virtude. Alli os  
 penitentes arrependidos en-  
 traõ pelas grutas, & conca-  
 vidades da terra ; aqui os cu-  
 biçosos, & enganados tam-  
 bem se metem, não pelas co-  
 vas, que a terra tem aber-  
 to, senão pelas que elles ca-  
 vaõ, & rompem à viva for-  
 ça, muito mais penetrantes,  
 & profundas : alli despre-  
 zaõ-se os idolos de ouro, &  
 prata, conhecida sua menti-  
 ra, & vaidade ; aqui estima-

se, & adora-se tanto a mesma  
 vaidade, que por novos, &  
 occultos caminhos de tantos  
 estadios se vay buscar, & des-  
 enterrar o ouro, & prata,  
 para se fundirem, & lava-  
 rem idolos : alli as figuras  
 dos idolos, são toupeiras, &  
 morcegos : *Talpas, & vespertilio-*  
*tiliones* : & aqui os homens  
 desfigurados como toupei-  
 ras vivem debaixo da terra,  
 sem ter olhos para ver a luz,  
 & como morcegos fogem do  
 Sol, & do dia, & se vaõ mais  
 sepultar, que viver naquella  
 escura, & perpetua noite.  
 Ainda tem outra proprieda-  
 de : porque huns como tou-  
 peiras com os pês, & maõs  
 na terra a andaõ cavando,  
 revolvendo, & mudando  
 continuamente, & outros  
 como morcegos suspenfos  
 no ar estaõ picando as pe-  
 dras, & sangrando as suas  
 veyas com o corpo, & com a  
 vida pendente de hũa corda.  
 Ouve já mais algum anaco-  
 reta dos que habitavaõ as co-  
 vas, que fizesse tal peniten-  
 cia ? Pois ainda não ouvistes  
 o mais temeroso della.

438 Solapadas por bai-  
 xo aquellas grandes monta-  
 nhas,



has, todo o pézo immenso  
ellas se sustenta sobre pila-  
res da mesma materia, q̄ vão  
deixádo a espáços, os quaes,  
e enfraquecem, ou quebraõ,  
como acontece muitas ve-  
zes, qual he o effeito? Toda  
a montanha, ou grande par-  
te della cae de repente, & a  
multidão, que andava defen-  
dendo a prata, fica sepul-  
cada com ella em hum mo-  
mento, sem outra noticia de  
o amanhã, & tão miseravel  
estrago, que a que deu aos de  
muito longe o estrondo da  
ruina, & o tremor de toda a  
terra. Isto he o que se escre-  
ve, & se escreve muito me-  
nos do que verdadeiramente  
he. Baste por prova, que a  
severicia, & crueldade dos Ne-  
ros, & Dioclecianos comu-  
mutavaõ a morte, & os tor-  
mentos dos Christãos em os  
mandar servir, & trabalhar  
nas minas: & a Igreja, que  
com tanta difficuldade, &  
consideração examina, &  
avalía os merecimentos dos  
Santos, canonizava, & vene-  
rava por Martyres, aos que  
nellas acabavaõ a vida.

439 Agora vos pergun-  
to eu: E cistes martyrios das

minas, se as vossas se desco-  
brisssem, quem os havia de  
padecer? Dos degradados  
naõ fallo; porque os q̄ ho-  
je se degradaõ para o Mara-  
nhaõ, entãõ se haviaõ de de-  
gradar todos, & muitos mais,  
para as minas. Os cavadores  
naõ ferieis os mais nobres, &  
ricos da terra; mas quem ha-  
viaõ de fer, senãõ os seus  
escravos? Quem havia de  
conduzir todos aquelles in-  
strumentos, & machinas por  
esses certoës dentro? Quem  
havia de contribuir o susten-  
to, & levalo aos trabalhado-  
res? Quem havia de cortar,  
& acarretar àquellas terras  
esterreis (como são todas) as  
lenhas para as fornalhas, &  
fundiçãoens? E aquelles lu-  
mes perpetuos, & subterra-  
neos, com que oleos se ha-  
viaõ de sustentar, senãõ com  
os dos frutos agrestes, que  
aqui se estilasssem, & não  
com os dos Olivaeas, que de  
lá viessem? Sobre tudo, se  
tantos milhares de Indios se  
tem acabado, & consumido  
em tão poucos annos, & cõ  
tão leve trabalho, como o  
das vossas lavouras, onde se  
haviaõ de ir buscar outros, q̄

supris-

suprissent , & suportassem quanto tenho ditto ? E quaes haviaõ de ser os que vendose enterrar vivos naquellas furnas , não fugissent para onde nunca mais apparecessem , levando o mesmo medo com elles aos demais ? Tudo isto não o haviaõ de fazer , nem padecer os que passeão em Lisboa ; porque tambem estas minas taõ como as da polvorã , que sempre arruinãõ , derubãõ , & poem por terra o que lhe fica mais perto . E isto he o que vòs dezejaveis para a vossa , & vos entristece , porque não succedeo como esperaveis ?

44<sup>o</sup> Ainda falta por dizer o que mais vos havia de destruir , & assolar . Quantos Ministros Reaes , & quantos Officiaes de Justiça , de Fazenda , de Guerra , vos parece que haviaõ de ser mandados cã para a extracção , segurança , & remessa deste ouro , ou prata ? Se hum só destes poderosos tendes exprematado tantas vezes , q̄ bastou para assolar o Estado , que fariaõ tantos ? Não faliais o nome do serviço Real ( contra a tenção dos mes-

mos Reys ) quanto se esten de cã ao longe , & quam vio lento he , & insupportavel . Quantos Administradores , quantos Provedores , quantos Thesoureiros , quanto Almoxarifes , quantos Escrivaens , quantos Contadores , quantos Guardas no mar , & na terra , & quantos outros officios de nomes , & jurdiçoës novas se haviaõ de criar , ou fundir com estas minas , para vos confundir , & sepultar nellas ? Que tendes , que possuis , que lavrais , que trabalhais , que não ouvesse de ser necessario para serviço d'ElRey , ou dos que se fazem mais que Reys com este especioso pretexto ? No mesmo dia haviẽis de começar a ser Feitores , & não Senhores de toda a vossa fazenda . Nem havia de ser vosso o vosso escravo , nem vossa a vossa canoã , nem vosso o vosso carro , & o vosso boy , se nam para o manter , & servir com elle . A roça haviaõvola de embargar para os mantimentos das minas : a casa haviaõvola de tomar de aposentadoria para os Officiaes das minas : o canaveal

aveal havia de ficar em ma-  
o, porque os que o culti-  
assem haviaõ de ir para as  
minas; & vòs mesmo não ha-  
vieis de ser vosso, porque vòs  
aviaõ de apenar para o que  
vèsseis, ou não tivèsseis pre-  
mio; & só os vossos Enge-  
nhos haviaõ de ter muito  
que moer, porque vòs, &  
vossos filhos haviaeis de ser os  
moldos.

§. VI.

441 Pareceme que vos  
dejo dar assenso a tudo o que  
digo (que por isso desci a  
ousas tam particulares, &  
domesticas: ) & tambem  
creio, que já a vossa espe-  
rança terá mudado de con-  
ceito à vista deste descobri-  
mento de minaraes, tam di-  
versos do que ella dezejava,  
& suppunha, os quaes he  
certo, q̄ haviaõ de ser mayo-  
res, & mais duros na expe-  
riencia, do que os pôde re-  
presentar o meu discurso.  
Pique logo por conclusão,  
que muito mayor mercê vos  
deze Deos, & muito mais bem  
fortunados fostes em nam  
de acharem as minas, que se

o ouro, & prata, que se sup-  
punha, & esperava dellas,  
se descobriisse. Ouvi a sen-  
tença de hum Gentio fun-  
dado só na razaõ natural, &  
experiencia, sem nenhum  
principio de Fè, que a nós nos  
devia levantar mais da ter-  
ra. *Aurum irrepertum, &  
sic melius situm cum terra ce-  
lat*: o ouro ( diz Horacio )  
he melhor não se achar, nem  
se descobrir, que acharle:  
*Aurum irrepertum*. E por-  
que? Porque em quanto a  
terra o esconde, & encobre:  
*Cum terra celat*: està elle no  
sitio, & lugar, que lhe deu  
a natureza, q̄ he o melhor:  
*Et melius situm*. Excelente  
razaõ. As cousas naturaes,  
em quanto estàõ no seu pro-  
prio lugar, em que as situou  
a natureza, nenhum danno  
fazem; tiradas delle, sem  
muito danozas. A agua no  
seu centro não peza; o fogo  
na sua esfera não queima; a  
terra, se sobe ao ar, faz rayos;  
o ar, se se mete debaixo da  
terra, faz terremotos, der-  
ruba casas, & cidades: Assim  
tambem o ouro, & prata  
das minas. Em quanto estàõ  
escondidas là no centro da  
terra

terra, onde as poz a natureza, conservaõse innocentes, & não fazem mal a ninguê; mas se se cavaõ, & se tiraõ fóra, então são muito perniciosas, & fazem grandes estragos. Olhay para o passado, se vos não quereis enganar com o presente.

442 Aquella Idade doumada tão celebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece que a havia de fazer o ouro, & não a fez o ouro, que havia; senão o ouro que não havia, porque ainda se não tinha descoberto. Em quanto no mundo não ouve ouro, então foy a idade de ouro; depois que apparecêo o ouro no mundo, então começou a idade de ferro. *Jamque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum prodierat.* O que era necessario, & util para a vida, & conservaçam dos homens, notou Seneca, Democrito, & ainda o mesmo Epicuro, q̄ o poz a natureza muito perto de nós, & muito descoberto, & patente, como são as plantas, os fratos, os animaes: pelo contrario o que não só era inutil, mas pernicioso, polo

muito longe de nós, occulto, & escondido, onde não vissemos: & este he o ouro; & a prata. Ouve se em tudo a natureza como may. A mãy dà a maçã ao filhinho & escondelhe a faca. Por que? Porque quer que coma, mas não quer q̄ se fira & se o minino chora pelo d̄o ha de ferir, não he justo que os homens de razão, & de juizo tenhaõ sentimento de mininos.

443 Esta mesma doutrina como tão necessaria ( porque não cuideis que he só de Filozofos ) foy a primeira, que nos ensinou a Sagrada Escritura logo no principio do mundo: *In principio creavit Deus cælum, & terram: terra autem erat inanis, & vacua.* No principio criou Deos o Ceo, & a terra; porém a terra estava vazia, & vazia. E q̄ quer dizer, que a terra estava vazia, & vazia: *Inanis, & vacua?* Quer dizer, q̄ estava vazia por dentro, & vazia por fóra: vazia por dentro: *Inanis*; porq̄ ainda não tinha Deos criado no interior da terra os mineraes; & vazia por fóra: *Et vacua,* porq̄

porque tambem não tinha criado na superficie da mesma terra as plantas, as arvores, & os animaes. Criou pois Deos todas estas cousas naquelles primeiros seis dias; & fazendo a Escritura muito particular, & miuda relação das plantas, das arvores, & dos animaes; das minas, & dos metaes não faz menção alguma. Pois se a Escritura tinha ditto, que a terra em sua primeira criação nascéra vazia por dentro, & por fóra: & relata com tanta distincção, & engrandece com tanto apparatus, como Deos a enchéo, & povoou por fóra; porque cala totalmente, & não diz tambem como a enchéo, & enriquecéo por dentro? Mais. Depois q Deos teve criado todas as cousas, & o homem, que foy a ultima, mostrou-lhe as hervas, as plantas, as arvores, & seus frutos, & disselhe: Eisaqui toda esta variedade, a qual criei, & vos dou para vosso sustento, & regalo. E fazendo vir diante do mesmo Adam todos os animaes, disselhe da mesma maneira; tambem

de todos estes vos dou o dominio, os quaes criei, para que vos ajudem, & sirvão. Agora cuidava eu, que havia de acrescentar o Senhor: & não só tenho provido, & aparelhado para vosso sustento, serviço, & conservação todas estas cousas, que vedes na superficie da terra; mas tambem lá no centro, & entranhas della criei muitas minas de metaes preciosos para mayor riqueza, grandeza, & utilidade vossa, & de vossos descendentes. Mas nada ditto disse Deos, tudo passou em silencio sem fazer das minas a menor insinuação. Pois se Deos nesta doação universal, entrega, como por lista, a Adam todas as outras cousas, que tinha criado para elle; as minas de ouro, & prata, que parecia (como hoje parece) que era a melhor, & mais rica partida de todas, porque a deixa de fóra? Porque todas as outras cousas, que estão à face da terra, & o dominio, & uso dellas era util, & necessario ao homem para sua conservação, & sustento, & ainda para seu regalo; porém

as minas ; o ouro , & a prata , não só não eraõ necessarios , nem uteis ; mas superfluos , & perniciosos , & occasião que lhe podia , & havia de ser de gravissimos danos. Por isso assim como as tinha sepultado , & escondido debaixo da terra , assim lhe escondéo , & encobrio tambem a noticia dellas , passando totalmente em silencio , & não fazendo menção de tal cousa.

444 Mas vejo , que me perguntaõ os curiosos , & me arguem os criticos : Se as minas eraõ tam danosas , & perniciosas ao homem , & por isso lhas escondéo , & encobrio Deos ; porque as criou , ou para que ? Para responder a esta pergunta , façovos primeiro outra. E a Arvore da Sciencia , que foy a occasião , & origem de todos os males do mundo , porq̃a criou Deos no Paraiso ? Ou aquella Arvore era boa , ou má ( como argumenta S. Aguilinho. ) Se era má , para que a plantou Deos : se era boa , para que a prohibio ? Ameaça ao homem com a morte se comer da-

quelle fruto ; & pinta o mesmo fruto com taes cores , & levava a poz sy os olhos *Pulchrum oculis , aspectuque delectabile* ? Sim. Porque aquelle fruto tam fermoso não foy criado , para q̃ Adam comesse , ou provasse delle : senão para que Deos tentasse a Adam , & o provasse com elle. E esta he tambem a razão por que Deos criou o ouro , & a prata , & lhe deu tanta fermosura de cores Chilon , hum dos sete Sábios de Grecia , dizia , que assim como a pedra de toque prova o ouro , & a prata ; assim o ouro & a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens , tentay-os com ouro , & com prata. Do ouro o disse o Ecclesiastico *Qui post aurum non abiectus probatus est in illo* : & da prata o disse David : *Ut excludant eos , qui probati sunt argento*. E notay , que o que nesta tentação ficou aprovado , foy hum só : *Qui probatus est in illo* : & os que ficaram reprovados , & excluidos foraõ muitos : *Ut excludant eos , qui probati sunt argento*. Or

Ora já que todos os dias pe-  
rimos a Deos que nos livre  
das tentações, ou que nos  
não meta nellas : *Ne nos in-*  
*ucas in tentationem* : demost-  
re muitas graças, pois nos  
livrou desta, em que nós nos  
inhamos metido.

445 E porque vos não  
lique a ultima desconsoação  
de não terdes, com que ba-  
er moeda na vossa terra ;  
aybaõ os que tanto a deze-  
ão, & procuraõ, que posto  
que seja com boa tenção, &  
com zelo, he esta a mayor  
traição, que podem fazer à  
sua patria. He possivel, q̄ vos  
de Deos huã terra tam abund-  
dante, & tam fertil, que só  
com a commutação dos fru-  
tos, & drogas della vos su-  
stentais, & conservais ha tan-  
tos annos tam abastada, &  
tam nobremente, sem haver,  
nem correr nella dinheiro ;  
& que dezejeis, & suspireis  
por dinheiro, sem o qual, &  
por isso mesmo, vos fez a  
vossa fortuna singulares no  
mundo ? Plinio, que foy o  
homem que mayor conheci-  
mento teve de todo elle, en-  
tre outras muitas sentenças,  
com que condena o uso do

dinheiro, & louva o da com-  
mutação dos frutos naturaes,  
diz estas notaveis palayras.

*Quam innocens, quam beata, plin.  
imò verò & delicata esset vita, in pro-  
si nihil aliud quam supra ter- em. lib.  
ras consupisceret ? Utinamque 33. &  
possit è vita totum abdicari cap. 1.*

*aurum, ad perniciem vitæ  
reperitum : quantum feliciore  
ævo, cum res ipsæ permuta-  
bantur inter se ? Quer dizer.  
Que innocente, que delicio-  
sa feria a vida dos homens,  
se elles se contentarão com o  
q̄ nasce sobre a terra. Oxalã  
se podera desterrar de todo  
o mundo o ouro descuberto  
para destruição da vida, &  
se trocarão os tempos, &  
uso presente por aquella ida-  
de felicissima, em que as cou-  
sas se commutavaõ huãs por  
outras. Atéqui o parecer  
daquelle grande juizo, que  
ajuntou em sy a sciencia, &  
comprehenção de todos os  
seculos. E que tendo-vos  
Deos feito merce de que go-  
zeis esta inestimavel rique-  
za, & felicidade natural,  
queirais abrir as portas a hu  
inimigo, tam universal, &  
pernicioso como o dinheiro,  
que*

que no dia, em que entrar na terra, vos ha de empobrecer a todos de repente: Ouvi hũ caso admiravel de Christo, Senhor nosso, com seus Discipulos.

446 Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo, & prohibiulhes nomeadamête, que não tivessem ouro, nem prata, nem levassem bolça,

*Matt.* nem dinheyro comsigo: *No-*

109. *lite possidere aurum, neque*

*argentum, neque pecuniam in*

*zonis vestres.* Vierão os Discipulos da jornada, & fez-

lhe o Divino Mestre esta

pergunta: *Quando misi vos*

*Luc.* *sine sacculo, & pera, nunquid*

22.35. *aliquid defuit vobis?* Quan-

36. do vos mandey sem bolça,

nem alforge, faltouvos algũa

cousa? Respondêraõ todos,

que nenhũa cousa lhes faltã-

tãra: *At illi dixerunt: nihil.*

Pois agora vos digo, repli-

cou o Senhor, que quem

tiver bolça, & dinheiro, o

leve comsigo, & se tiver al-

forge, tambem: *Sed nunc,*

*qui habet sacculum, tollat si-*

*militer & peram.* Com razãõ

chamey a este caso admira-

vel. Se Christo tinha manda-

dado aos Discipulos sem

bolça, nem dinheiro, & el-

les exprimentaraõ, & con-

fessavaõ, que nenhuma cousa

lhe faltãra: como depois

desta experiencia, & desta

confissãõ lhe manda agora o

contrario, & que levem di-

nheiro? Se elles tiverãõ dit-

to, que por naõ levarem di-

nheiro, lhe tinhaõ faltado

muitas cousas necessarias à

vida, entãõ se seguia bem,

q o Senhor lho concedesse.

Mas tendolhe prohibido o

dinheiro, quando foraõ a

primeira vez, & naõ lhe ten-

do faltado nada, agora lhe

diz, que o levem? Respon-

de depois de grandes admira-

raçoens São João Chrystos-

mo. Christo, Senhor nosso,

queria exercitar seus Disci-

pulos na paciencia, & que

padecessem pobreza, & falta-

do que lhe fosse necessario:

& como quando foraõ sem

dinheiro, nenhuã destas cou-

sas lhe faltou, mandoulhe,

que levassem dinheiro, para

que tudo lhe faltasse. *Ac si*

*eis dixerit: hactenus cuncta*

*vobis uberrime affuebant,*

*nunc autem volo vos & ino-*

*piam experiri.* Como se dis-

sera o Senhor ( diz Christo-

stomo: )



Tom. 4. ) Atégora sem dinheiro tudo vos sobreja; pois agora quero, que tenhais dinheiro, para que tudo vos falte, & sejais pobres. Isto he o que querem, sem entender o que querem, os que dezejaõ que entre, & corra dinheiro nesta vossa terra. Se sem dinheiro, & só com a commutação dos frutos naturaes da terra tendes abundantemente tudo o que he necessario para a vida, & muitos de vós o superfluo, para que quereis dinheiro, não para que tudo custe dinheiro, & custando tudo dinheiro, todos sejais pobres: Benzeyvos desta tentação como da outra: lo-gray o que Deos vos deo tam abundantemente sobre a terra, & de debaixo della nem queirais minas, nem o que dellas se bate.

S. VII.

447 Mas antes que acabemos este ponto ( com promessa de que o segundo será muito breve ) não quero, que me accuseis de pouco zelo da opulencia do Reyno.

Tom. 4.

E assim como vos tenho mostrado, que as minas, no caso em que se descobrissem, seriaõ de grande dano, em particular para este Estado; assim acrescento agora, que tambem para o mesmo Reyno em geral antes haviaõ de ser de mayor oppressão, & ruina, que de utilidade, & augmento. E para q̄ comecemos pelos exemplos mais vizinhos, que utilidades se tem seguido a Hespanha do seu famoso Pototsi, & das outras minas desta mesma America? A mesma Hespanha confessa, & chora, que lhe não tem servido mais, que de a despovoar, & empobrecer. Elles cavaõ, & navegaõ a prata, & os Estrangeiros a lograõ. Para os outros he a substancia dos preciosos metaes, & para elles a escoria. Lá disse Isaias falando do Reyno de Israel:

*Argentum tuum versum est Isai. in scoriam: & o mesmo te* 1.2.2.

poderá dizer sem metaphora da prata de Hespanha. Ainda com mais domestica propriedade se lhe póe applicar o dito do seu mesmo Patriaõ Santiago: *Argentum*

*Da vestrum*

*Jacob.* *vestrum eruginavit* : pois a prata se lhe tem convertido em cobre, & a fama, & opulencia de tanto milhaõ em belhaõ.

448 E para que se não engane alguém com me dizer, ou cuidar, que a evidencia deste mesmo exemplo nos servirá de doutrina, & emenda; passemos a outro Reyno, ou a outro Reynado mais sabio, qual foy sem injuria dos presentes, nem futuros, o de Salamaõ. Salamaõ com a sua universal sabidoria descobrio riquissimas minas, & não outras, segundo opiniaõ de graves Authores, senão as mesmas deste Novo Mundo. As do Perù, que os Hespanhoes descobrião sem as buscar, & as do Brasil, que nós buscamos, & não descobrimos. Fundase esta sentença no Capitulo terceiro do Segundo Livro do Paralipomenon, onde fallando do ouro, que daquellas partes vinha a Salamaõ, diz o Texto Hebréo: *Aurum erat Paruaim*. A qual palavra Paruaim he hum nome do plural, cujo singular he Perù: com que

2. *Pa-*  
*ralip.*

3. 7.

vem a dizer o mesmo Texto, que aquelle ouro se trazia de ambos os Perus, ou de hum, & outro Perù. Assim o declara Genebrardo, peritissimo na lingua Hebraica: *Aurum Paruaim in Hebræo appellatur quasi allatum ex utroque Perù*. E daqui infere, como cousa evidente, que era tirado das minas deste Novo Mundo: *Quis non cernit novum hunc orbem nominari?* E para que se veja, que hum destes Perus era o que hoje conserva o mesmo nome, & o outro este nosso, que chamamos Brasil (onde só podiaõ vir aportar as Frotas de Salamaõ;) diz o mesmo Texto Sagrado, que huã das cousas novas, & nunca vistas na Asia, que levavaõ as mesmas Frotas, eraõ certos pãos chamados *Ligna thiyina*, os quaes dizem os Hebrêos citados por Tirino, q̄ eraõ *Lignum Brasiliium*, Pão do Brasil. O Chaldéo trassada *Coralium*, Coral: dende parece lhe deão este nome pela semelhança da cor vermelha. Mas as obras, que o Texto aponta se faziaõ deste pão, não podiaõ ser do

que

que vulgarmente se chama Brasil, senão de outra maneira preciosa, das muitas q̄ nelle nascem.

449 Isto supposto ( & não supposto tambem ) ou ossem desta terra as minas de Salamaõ, ou de qualquer outra; vamos ao que rendiaõ; & em que se empregava, que he o que faz, ao meu caso. O que traziaõ as suas Frotas a Salamaõ só em ouro, eraõ seis centos & sessenta & seis Talentos, que montaõ oito milhoens, menos oito mil Cruzados. Assim o conta pontualmente a Escritura: *Pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex Talentorum auri.* E não só traziaõ as Frotas ouro, senão tambem muita prata; cuja quantidade era tam immensa na Corte de Jerusalem, que affirma a mesma Escritura igualava às pedras da rua: *Fecit que, ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalem, quanta & lapidum.* Esta he a immensidade de ouro, & prata, que rendiaõ aquellas minas. Mas antes que vejamos, em que todo

este ouro, & toda esta prata se gastava, deixai-me fazer hum reparo, digno, não só de admiração, mas de asombro, & de pasmo.

450 Mortos Salamaõ, succedéolhe na Coroa Roboaõ seu filho: & a primeira proposta, que lhe fizeraõ os povos juntos em Cortes, foy que tivesse piedade delles, & os aliviaffe dos tributos, com que estavaõ opprimidos em tempo de seu Pay, porque eraõ insupportaveis. E chegou esta instancia a termos tam apertados, & do cabo, que não querendo Roboaõ condescender no que tam justamente pediaõ, dos doze Tribus de que constava todo o Reyno, os dez lhe negáraõ a obediencia, & se rebelláraõ, & fizeraõ outro Rey, & outro Reyno, que nunca mais se fugeitou, nem restituio aos herdeiros de Salamaõ. Agora entra o meu reparo. Se o pezo do ouro, & a quantidade da prata, que contribuiaõ as minas, era tam excessiva ( além dos direitos ordinarios do Reyno, de que tambẽ faz menção a Escritura )

com toda esta immensidade de thesouros , com todos estes rios de prata , & ouro, que estavaõ sempre a correr: *Per singulos annos* ; como não se aliviava a oppressão dos vassallos , como se não levantavaõ , ou diminuiaõ os tributos dos povos , antes cresciaõ , & se multiplicavaõ ao mesmo passo com tal excesso , que os obrigaraõ a hũa tal desesperaçãõ , & reduziraõ o Reyno a extrema ruina ? Aqui vereis qual he o fruto das minas , & o que fazem esses rios de ouro , & prata , trazidos de tam longe. Com as suas enchentes inundaõ a terra , opprimem os povos , arruinaõ as casas , destruem os Reynos.

451 As causas naturaes destes effectos tam lamentaveis , não são ordinariamente outras , senão as mesmas que precederaõ no Reynado de Salamaõ. E quaes foraõ estas ? O luxo , a vaidade , a ostentaçãõ , a delicia , os palacios , as casas de prazer , as fabricas , & machinas exquisitas , & outras cousas tam notaveis , como superfluas, q̃ chamavaõ à Cor-

te de Jerusaleem os Olhos do Mundo : & vistas, desfayvaõ a admiraçãõ , como acontecêo à Rainha Sabã. As baixellas todas eraõ de ouro ( porque da prata não se fazia caso ) as meças , & todas as outras alfayas tambem de ouro , & o que se não poderá crer , se o não referira a Historia Sagrada , atê as lanças, & escudos , em grande numero , de ouro. Nestes monstros da vaidade ( que sempre he mayor q̃ o poder ) se consumiaõ aquelles immensos thesouros , & onde não chegavaõ os milhoens das Frotas, supriaõ os tributos dos vassallos. Quando as Frotas haviaõ de partir, huns concorriaõ com o prestimo de suas artes para os aprestos, outros com as contribuiçoẽs das suas herdades para os bastimentos , outros com o dinheiro amoedado , para os soldos , outros com as proprias pessoas, embarcandose forçados a huã tam dilatada, tam nova , & tam perigosa navegaçãõ. E quando as mesmas Frotas voltavaõ carregadas de ouro , & prata, nada disto era para alivio, ou reme-

remedio dos povos, senão para mais se encherem, & incharem os q̄ tinhaõ mando sobre elles, & para se excogitarem novas artes de espediçar, & novas invençoens de destruir. E se isto succedia no Reynado, & governo de Salamaõ, vede se se pòde esperar, ou temer outro tanto, quando não forem Salamaõs os que tenhaõ o governo.

452 Dos futuros condicionaes, & contingentes, ninguem he fabledor, senão Deos, & os seus Profetas. E assim não quero, que me creais a mim, senão a Iſaias. *Repleta est terra argento, & auro, & non est finis thesaurorum ejus.* Vejo a terra (diz Iſaias) toda cheia de ouro, & prata, & são tantos, & tam grandes os seus thesouros, que não tem fim. Oh ditosa, & bem afortunada terra, em que não haverá já pobreza, nem miseria; pois estando toda cheia, a todos abrangerá a riqueza, & não haverá quem não tenha com que remediar a sua necessidade! Assim parece verdadeiramente. Mas veja

mos se vê mais algũa conta o Profeta, & se he isto mesmo, que nós inferimos. Vay por diante Iſaias, & às palavras, que tinha dito, acrescenta as seguintes: *Et repleta est terra ejus equis, & innumerabiles quadrigae ejus: & repleta est terra ejus idolis: opus manuum suarum adoraverunt.*

Depois de ver a terra cheia de ouro, & prata, o q̄ mais vi, diz o Profeta, foy que a mesma terra estava cheia de cavallos, & que as suas carroças eraõ innumeraveis, & que os homens adoravaõ as obras de suas mãos, & faziaõ dellas idolos. Eis aqui os augmentos, que havia de ter o Reyno com os haveres, que lhe promettiaõ as vossas minas. Enchersehia a terra de ouro, & prata; mas esse ouro, & prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima. Não havia de chegar aos pequenos, & pobres, mas todo se havia de abarcar, & consumir nas mãos dos grandes, & poderosos; porque como bem disse o outro: as Magnetes attrahem o ferro, & os Magnates o ouro: & as

obras pias, em que esses the-  
souros se haviaõ de despen-  
der, eraõ, mais cavallos,  
& mais carroças, & mais ga-  
las, & mais palacios, & obras  
magnificas, & ostentosas: &  
tambem haviaõ de ter parte  
nelles os idolos bautizados,  
que là se adoraõ, & que tan-  
tas vidas, & fazendas tem  
destruido. E se estes eraõ os  
proveitos, com que se havia  
de adiantar o Reyno no des-  
cobrimento das vossas mi-  
nas, à custa da vossa fazen-  
da, do vosso trabalho, da  
vossa oppressão, & do vosso  
cativeiro; vede se foy gran-  
de favor, & providencia do  
Ceo, que se não descobris-  
sem, & se tanto no particu-  
lar, como no geral hia des-  
encaminhada, & errada a  
vossa esperança: *Nos autem  
sperabamos.*

### §. VIII.

453 Desenganado af-  
fim, & desvanecido o falso  
descobrimento das vossas mi-  
nas, segue-se o verdadeiro  
das minhas, que vos pro-  
metti descobrir. E porque  
he certo, & infallivel, não

necessita de tam largo dis-  
curso. Promettendo Christo  
Redemptor nosso aos Escri-  
bas, & Fariseos em lugar de  
hum milagre do Ceo, que  
lhe pedião, outro milagre  
mayor na terra, disse, que  
assim como Jonas estivera  
tres dias, & tres noites no  
ventre da Balèa, assim elle  
havia de estar no coraçãõ da  
terra outros tantos dias, &  
noites, que foraõ os que se  
contaraõ desde a tarde de sua  
sagrada morte atè a manhã  
da sua gloriosa Resurreiçãõ.  
Alguns dizem, que se cum-  
prio esta promessa, & profec-  
cia na sepultura do Senhor.  
Mas esta interpretação he in-  
sufficiente, & impropria;  
porque ainda que Christo  
na sepultura esteve debaixo  
da terra, não esteve no co-  
raçãõ da terra: *In corde ter-  
ræ.* O coraçãõ da terra não  
he junto à superficie, onde  
estava o sepulchro, senão o  
meio, & centro della, & o  
lugar mais interior, & infe-  
rior, onde o Senhor desceo,  
& se deteve aquelles tres  
dias, & isso he o que cre-  
mos, & significamos, quan-  
do dizemos, não só que foy  
sepul-

sepultado, senão que desceo ao inferno. Mas a que fim desceo Christo ao inferno, estando já em estado glorioso, a que naturalmente he devido o Ceo? Que foy buscar àquellas concavidades escuras, & subterraneas, onde nunca entrou o Sol? Foy buscar, & descobrir humas minas mais ricas que toda a prata, & todo o ouro, cujo preço, & lugar só elle conhecia, & nenhum homem, nem Anjo, senão elle as podia descobrir.

454 Quando os Authores ainda Gentios quere[m] encarcerar o extremo da cubiça furiosa, & cega, com que os homens não duvidaõ de se meter, & penetrar o mais profundo da terra, & ter sobre sy as montanhas para chegar ao escondido das minas, dizem que até o inferno vão buscar, & desenterrar o ouro, & a prata.

*Itum est ad viscera terræ.  
Quasque recondidit, Stigijque advexerat undis,  
Effodiuntur opes irritamenta malorum.*

disse com elegantes versos Ovidio. E não com menos

elegante prosa, n[on] com menor sentimento, & juizo, Plinio. *Imus in viscera ejus, & in sede manium opes querimus. Illa nos premunt, illa nos ad inferos agunt, quæ occultavit, atque demersit.* Isto pois que aquelles homens, q[ue] não tiveraõ conhecimento de Christo, disseraõ por exaggeraçã, & encarecimento dos mineiros do ouro, & prata, isto mesmo, & em proprios termos he o que realmente, & em Pessoa fez Christo, penetrando o mais escondido, & inferior da terra, & descendo verdadeiramente ao inferno, para descobrir, romper, & abrir as suas minas, não de ouro, ou prata, que accrescentaõ os males da terra, senão de outros muito mais preciosos metaes, com que se acrescenta, illustra, & enriquece o Ceo.

455 A montanha, onde começaraõ a romperse estas minas, foy o monte Calvario, os instrumentos a Cruz, & os Cravos, o sitio subterraneo, onde ellas estavam escondidas, o Seyo de Abrahaõ, & as riquezas, que dellas

Dd iiii tirou

tirou Christo depois de tantos trabalhos , as Almas. Tirou a Alma do mesmo Abraham , que deu nome ao lugar. Tirou a Alma de Abel , que foy a primeira , que alli entrou. Tirou as Almas de Adam , & Eva , que por hum appetite foraõ a causa , de que elles , & seus filhos do Paraíso da terra não fossem tresladados ao Ceo. Tirou as Almas dos antigos Patriarcha , Seth , Noè , Isaac , Jacob , Joseph , & Moysès , cuja Ley , posto que foy disposição , não teve virtude para levar os homens à Gloria , privilegio só da Ley da Graça. Tirou a Alma de Job , que no mesmo tempo se salvou na Ley da Natureza , & tambem (segundo parece) as dos cutros seus amigos que tinbaõ a mesma Fè do verdadeiro Deos. Tirou as Almas dos Keys , que foraõ Justos , & Santos ( n uito menos perêm em numero do que foraõ as Coroas : ) a Alma de Jazias , a Alma de Ezechias , a de Jozaphat , a de Manaffes , a de David. E se tambem não foy com

elle a de Salamaõ , vede que desgraça ? Tirou as Almas dos Profetas , Isaias , Jeremias , Ezechiel , Daniel , & os demais : & com cada hũ delles em triumpho as Almas que com suas prègaçoens tinham livrado do Inferno. E porque não ficaram de fóra as Mulheres ( cujas Almas não faltou quem diffesse que não foraõ criadas à imagem , & semelhança de Deos ) tirou as Almas de Sara , de Rebecca , de Rachel , a de Maria Irmaã de Moysès , a de Esther , a de Ruth , a da casta Suzanna , a da valente Judith. E com estas de mais conhecido nome , todas as outras que naquelle escuro deposito estãvãõ esperando longamente a vinda do Messias.

456 Das que là entrãvãõ depois de Deos feito homem ( se a hystoria do Rico Avaro não foy mais antiga ) tirou o Senhor singularmente a Alma do Pobre Lazaro , de que só se faz menção no Evangelho , a qual levãvãõ ao mesmo Seyo de Abraham os Anjos , ficando para sempre no Inferno



verno ardendo em fogo, & em enveja a Alma do mesmo Rico, cuja fortuna neste mundo fora tam envejada. Tambem foy notavel entre as Almas deste tempo de Simeão; aquelle Velho venturoso, que teve a Christo em seus braços, & despedindose da vida foy o que lhe levou as primeiras novas, de que já ficava no mundo o Redentor d'elle. Os Antigos tiverão para si, que havia Almas grandes, & Almas pequenas: & se isto assim foy, muito accrescentarão o numero das Almas pequenas as dos innocentes de Belem, os quaes o Senhor não livrou da espada de Herodes, para agora as levar gloriosas consigo. Finalmente sobre todo aquelle numerosissimo esquadrão avultarão com excessso entre todas as Almas grandes, quatro maiores, a de São João Bautista, a de S. Joachim, a de Santa Anna, & a do que merecéo ser chamado Pay do mesmo Christo, o incomparavel S. Joseph.

457 Estes foraõ os thesouros inestimaveis, que o

Redentor do mundo tirou daquellas suas minas, que em espaço de quatro mil annos desde o principio do mesmo mundo, se foraõ multiplicando, & crescendo sempre. Entaõ se cumprio a promessa, que dellas lhe tinha feito Deos por boca de Isaias, dizendo: que lhe daria os thesouros escondidos, & mais secretos, & encubertos de toda a terra, & quebraria para isso portas de bronze, & fechaduras de ferro: *Portas areas conteram, & velles ferreos confringam, & dabo tibi thesauros absconditos, & arcana secretorum.* Bem ley, que estas palavras foraõ dirigidas exteriormente a El Rey Cyro; mas he certo, que o interior da profecia fallava expressamente com Christo. Assim como o que tem diante de sy a Imagem de hum Santo, parece que falla com a Imagem, & falla com o Santo; assim Isaias fallando no exterior com Cyro, que era figura, & imagem de Christo, com o mesmo Christo he que fallava propriamente, & de Christo profetizava,

zava , & naõ de Cyro. O mesmo Profeta se explicou logo , & se commentou a sy mesmo , & com tal individuação de palavras, q̄ de nenhum modo se pòdem entender de Cyro, nem de outro algum homem, senaõ daquelle, q̄ era homem, & Deos juntamente. *Verè tu es Deus absconditus , Deus Israel Salvator.* Este de quem fallo debaixo do nome de Cyro, he verdadeiramente Deos escondido, Deos escondido, & Salvador. Deos escondido; porque em Christo estava a Divindade escondida debaixo da Humanidade: & Deos assim escondido Salvador; porque para Deos nos salvar se fez homem. E para tirar toda a duvida, & q̄ este Salvador naõ era homem como os outros homens da terra, senaõ Deos descido do Ceo, continua o mesmo Profeta, pedindo, & instando ao mesmo Ceo, que acabasse jã de chover là de cima o Justo, para que nascesse na terra o Salvador. *Rorate cæli desuper, & nubes pluant Justum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* Assim q̄ aquel-

*Ibid.*  
15.

*Ibid.*  
8.

le Príncipe, a quem Deos prometeo o descobrimento das minas secretas, & as riquezas dos thesouros mais occultos, & escondidos, naõ era Cyro, nem outro Rey da terra, senaõ Christo, verdadeiro Deos tambem escondido, q̄ desceo do Ceo, & q̄ desceo, naõ para outro fim, senaõ para ser Salvador.

458 Mas se Christo quando desceo do Ceo, & veio à terra, nasceo na pobreza de hum presepio: se como Filho escolheo Mãy pobre, & como Mestre Discipulos pobres: se a primeira cousa, que ensinou, & prégou, foy pobreza: se viveo de esmolas como pobre, se morreo sem casa, nem cama, & despido como extremamente pobre: se o que sempre condenou, foraõ as riquezas, & promettendo o Ceo aos pobres, só o difficultou, & quasi impossibilitou aos ricos; que thesouros são estes, que Deos lhe prometteo, & que minas secretas, & escondidas as que havia de descobrir? Naõ foraõ sem duvida, nem são outras, senaõ aquellas Almas

am preciosas, como prezas,  
 las, que no Seyo de Abra-  
 am, como em thesouro, se  
 nãõ depositando por todos  
 os seculos, não só escondi-  
 das, & encerradas, mas ver-  
 dadeiramente cativas, para  
 o seu descobrimento, liberda-  
 de, & redempção desceo  
 Christo, como diz São Pau-  
 lo, às partes mais inferiores  
 da terra: *Ascendens in altum,*  
*captivam duxit captivitatem.*  
*Quod autem ascendit, quid est,*  
*nisi quia & descendit primum*  
*in inferiores partes terræ.* E  
 porq̃ as mesmas Almas não  
 odiaõ fair daquelle lugar  
 subterraneo, onde estavaõ  
 prizas, & aferrolhadas co-  
 mo em hum carcere de bron-  
 ze; por isso juntamente com  
 a promessa destes thesouros,  
 & destas minas assegurou  
 Deos ao mesmo Christo, des-  
 cobridor, & conquistador  
 dellas, q̃ primeiro quebraria  
 as portas de bronze, & rom-  
 peria as fechaduras de ferro:  
*Portas æreas conteram, & ve-*  
*stes ferreos confringam, &*  
*dabo tibi thesauros abscondi-*  
*tos, & arcana secretorum.*

459 Assim commentaõ  
 este lugar literalmente Santo

Hieronymo. & Santo Agu-  
 stinho. Mas quem poderã de-  
 clarar dignamente o preço  
 destes thesouros, & o valor  
 destas minas? Só por com-  
 paração do ouro, & prata, q̃  
 o mundo tanto preza, & esti-  
 ma nas outras, se pôde de al-  
 gum modo rastejar, & assim o  
 fez S. Pedro, fallado daque-  
 las Almas, & das nossas. Ex-  
 hortamos S. Pedro a que con-  
 servemos puras as nossas Al-  
 mas com a obediencia dos  
 preceitos divinos, que todos  
 se encerraõ na charidade:

*Animas vestras castificantes*  
*in obedientia charitatis: & o*  
*motivo principal, q̃ para isso*  
*nos propoem, he o preço, &*  
*valor das mesmas almas:*  
*Scientes quòd non corruptibili-*  
*bus auro, vel argento redempti*  
*estis sed pretioso sanguine quasi*  
*agni immaculati Christi:*

advertindo, & considerando  
 ( diz o Principe dos Aposto-  
 los ) que essas Almas não fo-  
 raõ compradas com ouro, ou  
 prata, senãõ com o precioso  
 Sangue do mesmo Filho de  
 Deos. Não sey, se reparais,  
 q̃ não só diz S. Pedro o pre-  
 ço, com que foraõ compra-  
 das as Almas, senãõ tambem  
 o pre-

*I. Petr.*  
*1.22.*

*Ibid.*  
*18.*

o preço; com que não foram compradas. Não foram compradas, diz, com ouro, nem com prata, senão com o Sangue de Christo. E não bastava oizer, que foram compradas com o Sangue de Christo unido à Divindade, & por isso de preço infinito? Bastava, & sobejava. Mas como fallava com a baixeza, & vileza dos homens, que como feitos da terra, não sabem levantar os pensamentos da terra, & tanto prezaão, & estimaão o ouro, & a prata; por isso ajuntou, & ponderou, que não foram compradas as Almas com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do Sangue de Christo: para que acabem de entender, & de crer todos, os que tem fé, que são infinitamente mais preciosas as Almas, & infinitamente mais ricas as minas, donde Christo as foy buscar debaixo da terra, que todo o ouro, & toda a prata que se tira, ou pôde tirar das outras.

460 Que bem o entendo, assim ElRey Dom João o Segundo, quando se des-

cobrião as minas da Costa de Africa, que derao nome à mesma terra! Edificouse alli o famoso Castello de S. Jorge: mas porque as despesas erao muitas, & a terra doentia, pozse em conselho de Estado, se se largaria? E como muitos dos Conselheiros votassem, que sim: que responderia ElRey? Respondeo, que de nenhum modo se largasse. Porque eu (diz) não mandey edificar aquelle Castello, tanto para a defenza, & conservação das minas, quanto para a conversão das Almas dos Genticos: & bastame a esperança da salvação de huma só daquellas Almas, para ter por bem empregadas todas estas despesas.

## IX.

461 Estas são, Senhores meus, as minas, de q̄ Christo hoje subio tam rico do centro da terra: estas as que eu vos prometti descobrir: & estas, & não outras as minas do vosso Maranhão. Se Deos vos não deu as de ouro, & prata, como esperaveis

reis, ou vos fez merce, de que não se descobrissem, para vos livrar de tantas desgraças como ouvistes; contentayvos de vos ter dotado, & enriquecido daquellas, que na sua estimação (que só he certa, & verdadeira) foram dignas de ser compradas com seu proprio Sangue. Este grande Rio, Rey de todos os do mundo, que deo o nome à vossa Cidade, & a todo o Estado, que ribeira tem na sua principal, & mayor corrente, ou nas de seus tam dilatados braços, que em lugar das areas de ouro, de que outros fabulosamente se jactão, não esteja rico destas perolas, que assim chamou Christo às Almas? Outros lhe chamão Rio das Almazonas; mas eu lhe chamo Rio das Almazinhas: não por serem menores, nem de menos preço (pois todas custarão o mesmo) mas pelo desemprego, & desprezo, com que se estão perdendo, quando o ouro, & a prata se dezeja com tanta ancia, se procura com tanto cuidado, & se busca com tanto empenho?

Oh Almas remidas com o Sangue do Filho de Deos, que pouco conhecido he o vosso preço, & que pouco sentida a vossa perda, digna só de se chorar com lagrimas de sangue! Mas os que tam pouco caso fazem da Alma propria, como o farão das alheias?

462 Ora já que o Senhor do mundo nos descobriu estas minas, & nos encareceu tanto o preço dellas, & as poz tanto à flor da terra, nesta terra de que vos fez Senhores para este mesmo fim, não as desprezeis. Vede q̄ injuria feria da Fé, & da Charidade, & do mesmo Sangue de Christo, se descendo elle o centro da terra a buscar Almas, nós as deixassemos perder, & ir ao inferno, quando as podemos salvar para sy, para nós, & para o mesmo Christo, sem cavar, nem romper montanhas. E para que se anime o nosso zelo neste pequeno trabalho, & de tanto lucro; só quero que advirtamos todos, que fazendo-o assim, faremos em certo modo mais sem fair da

super-

superficie da terra, do que fez o mesmo Christo descendo ao centro della. He de Fé, que Christo descéo aos Infernos: *Descendit ad inferos*. Tambem he de Fé, que ha dous infernos, hum inferior, & muito mais abaixo, onde estava o Rico Avarento, & outro superior, & mais a cima, onde estava Abrahaõ, & Lazaro. Deste inferno superior tirou Christo todas as Almas, que lá estavaõ; mas do inferno inferior (ou Christo descesse lá presencialmente, ou não) não tirou Alma alguma. Com tudo David diz de sy, que o Senhor tirou a sua Alma do inferno inferior: *Eruisti animam meam ex inferno inferiori*. Pois se a Alma de David, como a dos outros Patriarchas, foy tirada do Seyo de Abraham, que he o inferno superior, como diz que a tirou Deos do inferno inferior, que he o inferno dos condenados, & que propriamente se chama Inferno? Porque a Alma de David livrou-a Deos duas vezes, & de dous infernos; huma vez em vida,

*Psal.*  
85.13.

& outra vez depois da morte. Depois da morte livrou-a do inferno superior, quando com as outras Almas Santas a tirou do Seyo de Abraham; & na vida livrou-a do Inferno inferior, ao qual estava condenada a Alma de David pelo peccado do adulterio, & homicidio, & onde havia de penar eternamente, se Deos por sua grande misericordia a não livrara, como elle mesmo diz: *Quia misericordia tua magna est super me, & eruisti animam meam ex inferno inferiori*.

463 Eisaqui o estado em que estaõ toda esta infinidade de Almas, cujo remedio, & salvaçaõ fiou Deos do nosso zelo, & da nossa Christandade. Os innocentes pelo peccado original iraõ ao Limbo, q̄ tambem he inferno, pois não haõ de ver a Deos para sempre. Porém os adultos, assim pelos peccados actuaes, como pela falta de Fé, & Bautismo, todos vaõ, & estaõ indo continuamente ao inferno inferior. E deste inferno, donde Christo hoje não

naõ tirou Alma alguã, podemos nõs tirar sem sair da terra, onde Deos nos poz, tantos milhares de Almas; & fazer dellas hum thesouro inestimavel, tanto mais rico, & precioso, quanto val mais huã só Alma que todo o ouro, & prata, & todos os haveres do mundo. Ou cremos esta verdade, Christaõs, ou naõ a cremos? Se a naõ cremos, onde està a nossa Fè, a nossa Esperança, & o nosso entendimento? Digase do nosso entendimento, & da nossa Fè, o que hoje disse Christo aos Discipulos desesperados: *O stulti, & tardi corde ad credendum?* Mas se temos Fè, & juizo, como naõ ha de prevalecer a alegria, o gosto, & a felicidade de Deos nos ter descuberto estas minas do Ceo, à falsa, & mal entendida tristeza, de naõ termos achado as da terra, que nella buscavamos?

464 Notou Santo Agustinho huã cousa digna de seu entendimento, que hoje succedéo a S. Pedro, quando a Madalena esta manhaã

naõ achou o Cõrpo do Senhor, que buscava na sepultura, veyo a toda a diligencia dar conta a S. Pedro, o qual naõ andando, senaõ correndo, foy logo a certificar-se, & ver por seus olhos, se era assim o que ouvia. E qual vos parece, que seria o dezejo, que S. Pedro levava no coraçãõ?

Santo Agustinho o diz. *Ad Aug. sepulchrum celeri crusu festinat, letior rediturus, si non inveniret, quem querebat* <sup>132. de temp.</sup>

Corria S. Pedro ao sepulchro, naõ com dezejo de achar, senaõ de naõ achar, & para tornar da jornada muito mais alegre, se naõ achasse o que buscava. Assim se alegra quem olha para as coulas com saõ juizo, & quem entende (como S. Pedro entendia). Que ha casos, em que a felicidade consiste, naõ em se achar; o que se busca, & dezeja, senaõ em se naõ achar. Emquanto se naõ achava entre todas as criaturas quem fosse semelhante a Adam: *Ade verò non inveniebatur adjutor similis ejus*; foy Adam felice; & tanto que se achou o que

*Genes. 2. 20.*

o que se não achava, dahi lhe procederaõ todos os seus desgostos, todas as suas perdas, & todas as suas, & nossas infelicidades. Alegremse pois com S. Pedro os que estavaõ tristes, por se não achar o que se buscou: & alegremse tambem, & muito mais com os dous Discipulos de Emaus, de acharem, & de lhe descobrirem tanto mais do que esperavaõ. Elles esperavaõ hum bem particular, & temporal, que era a redempção do Reyno de Israel: *Nos autem sperabamus, quòd ipse esset redempturus Israel*: & o que acnãrao sem o buscarem, foy a redempção espirital, & eterna do mundo em que consistia a salvação das suas Almas, & a de todas.

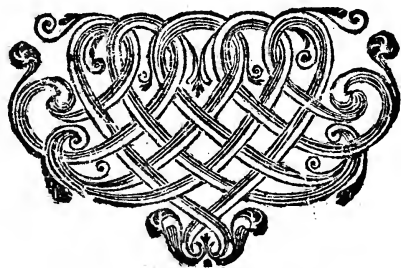
465 Todas devemos dezejar que se salvem, & por todas havemos de offerecer nossos sacrificios, & oraçoens a Deos. Mas pois não podemos cooperar á salvação de todas, ao menos não faltemos a ellas tam desemparradas, às quaes, por mais vizinhas, he mais devedo:

ra a nossa charidade. Sobre tudo trate cada hum com verdadeiro zelo Christão, da doutrina, & salvação, ao menos daquellas Almas que tem em sua casa, & muito particularmente da sua, de que muitos vivem tam esquecidos. Acabemos de entender, & de nos enganar, que só estes são os verdadeiros thesouros, & que não ha outros, posto que a nossa cegueira lhe dê este nome. Concedovos, que se descobrissem as minas, que dezejaveis, & que esta vossa Cidade estivesse lagçada de barras de prata, & cuberta de telhas de ouro, que importava tudo isto á Alma? Havia de levar alguma cousa destas consigo? Haviahe de importar alguma cousa para a conta? Pois se tudo cá ha de ficar, porque não tomamos o conselho de Christo, que tantas vezes nos disse, que fizessemos o nosso thesouro no Ceo: *Thesaurizate vobis thesauros in celo*. E notay; que diz: *Thesaurizate vobis*: Enthesouray para vòs: porque todos os outros thesou-



thesouros são para os que  
cã ficaõ. Costumavaõ os  
antigo mandar enterrar os  
seus thesouros debaixo das  
suas sepulturas: & por isso  
diz Job, que os que ca-  
vaõ thesouros, se alegrãõ,  
quando achaõ algum sepul-  
chro: *Effodientes thesaurum,*  
*gaudent vehementer cum in-*  
*venerint sepulchrum.* E não  
he melhor, que a Alma ache  
os seus thesouros no Ceo,  
& se alegre com elles, do-  
q̃ alegraremse outros com a  
vossa sepultura, & com a  
vossa morte, para se logra-  
rem do que vós não podeis  
levar convosco: Ora tenha-  
mos, tenhamos Fé, & en-  
tristeçaõnos sómente nossos  
peccados, & alegrenos só-  
mente a esperança bem fun-

dada de nossa salvaçaõ. E  
para que atẽ das minas, que  
não achastes, tireis algum  
fruto: seja o primeiro a  
confusaõ de fazernos tan-  
tas diligencias pelos thesou-  
ros da terra; quando taõ pou-  
ca fazemos pelos do Ceo,  
que haõ de durar para sem-  
pre: & o segundo, o exem-  
plo, & resoluçaõ de fazer  
ao menos outro tanto pela  
salvaçaõ da Alma, & Gra-  
ça de Deos, a qual nos pro-  
mette o mesmo Deos que  
acharemos sem duvida, se  
assim a buscarinos. *Si qua-* Prov.  
*seris eam, quasi pecuniam,* 2. 4.  
*& sicut thesauros effoderis il-*  
*lam; tunc intelliges timorem*  
*Domini, & scientiam Dei in-*  
*veqies.*





# S E R M A M

N A S

## EXEQUIAS

Da S. D. Maria de Ataíde , Filha dos Condes de  
Atougia , Dama de Palacio.

No Convento de São Francisco de Enxobregas.  
Anno de 1649.

*Maria optimam partem elegit. Luc. 10.*

S. I.

466



Estas palavras  
( que são de  
Christo por S.  
Lucas ) canta-  
va solenne-  
mente a Igreja em vinte &  
dous de Agosto, que foy o dia  
( entre tantos funestos deste  
anno ) a cuja memoria , a

cujo sentimento , & a cujo  
alivio se dedica o Reli-  
gioso , & o humano de-  
sta piadosa acção. O mes-  
mo dia , que nos levou o  
assumpto, nos deixou o the-  
ma. Era a Oitava gloriosa  
da Assumpção da Mãe de  
Deos : felice dia para dei-  
xara terra , feroso dia pa-  
ra entrar no Ceo. O dia da  
morte

morte chamase nas Escrituras temerosamente dia do Senhor: *Veniet dies Domini ut fur*. Ditosa Alma, a quem cahio o dia do Senhor no dia da Senhora. Concorrer hum dia tam temeroso com hum dia tam privilegiado: grande argumento foy de felicidade! He opiniaõ de Doutores piadosa, & bem recebida, que em todos os dias consagrados a alguma Festa da Senhora, estãõ mais franqueadas as portas do Ceo. Mas que este privilegio seja particularmente concedido à mayor Festa de todas, q̄ he a da Assumpção gloriosa, não tem só a probabilidade de opiniaõ, mas he cousa certa. Affirma o S. Pedro Damiaõ, & o confirma com graves exemplos. Até nesta circumstancia soube escolher Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit*.

467 Principes ouve, que decretando sentenças capitães, deraõ a escolher o genero de morte, como Nero a Seneca. Se Deos quando decreta a morte, dera a escolher o dia, todo o mun-

do se guardara para morrer neste. Que dia se pôde dezejar mais fausto para acometer a perigosa jornada da outra vida, que em seguimento dos passos daquella Senhora, que para guiar he Estrella, para subir he Escada, para entrar he Porta: Estrella da manhãa, Escada de Jacob, Porta do Ceo lhe chama a Igreja. Quando os Filhos de Israel caminhavaõ do Egypto para a Terra de Promissão, a ordem com que marchavaõ, era esta. Hia diante a Arca do Testamento em distancia de dous mil passos; seguia-se logo o corpo de todo o Exercito repartido, & ordenado em Esquadroens: por fim (que este he o lugar que lhe daõ os Expositores) eraõ levados em hum tumulo portatil os ossos de Joseph. Este caminho dos Israelitas (que quer dizer os que vem a Deos) era figura da jornada, que fazem as Almas do Egipto deste Mundo, para a Terra de Promissão da Gloria. Mas em nenhuma occasião com tanta propriedade, como

Ec ij      nesta,

nesta. Foy diante a verdadeira Arca do Testamento a Virgem Maria no dia de sua triumphante Assumpção, q em tal dia nomeadamente lhe chamou Arca do Testamento David: *Surge, Domine, in requiem tuam, tu, & Arca sanctificationis tue.* Seguiete logo em proporção da distancia, quanto vay do Dia à Oitava, não o Corpo do Exercito, mas o Exercito da Alma. Huma Alma armada com todos os Sacramentos da Igreja, assistida dos Anjos, acompanhada das boas obras, seguida de tantos suffragios, & sacrificios, que outra cousa he, senão hum Exercito ordenado, & terrivel? Assim lhe chamaõ, não sem admiração, aquelles Espiritos sentinellas do Ceo, que desde suas amêas estaõ vendo subir huma Alma: *Quæ est ista, quæ ascendit terribilis ut castrorum acies ordinata?* Por fim de tudo ( que tal he o fim de tudo ) rematase hoje esta pompa gloriosa, & invisivel no que só vem, & no que só podem ver nossos olhos, em hũas Cinzas, & hũ

*Psal.*  
131.8.

*Cant.*  
3. 6.  
*Cant.*  
6. 3

Tumulo. Tambem aquelle Tumulo, & aquellas Cinzas, vão caminhando, mas com passo tão vagaroso, com movimento tam tardo, que não chegarão ao Ceo, donde já descança a Alma, senão no dia da Resurreicão Universal. Cedo as perderemos de vista, para nunca mais. Agora são só presentes a nossos olhos para nova commiseracão, para ultimo desenganho, para perpetuo exemplo. A mesma Senhora, que já tem dado a Gloria ao bemaventurado Assumpto de nossa Oraçãõ, peçamos nos queira tambem dar a Graça, que havemos mister para fallar dellê: *Ave Maria.*

*Maria optimam partem  
elegit.*

II.

468 **D**Eu occasiã a esta sentença de Christo huma queixa piadoza, mas tam atrevida, que chegou a lhe tocar ao Senhor, não menos que no attributo de sua providencia: *Domine, non est*

*est tibi cura?* Senhor, não tendes cuidado? Casos succedem no mundo, que parece se descuida Deos do governo d'elle: & se alguns são à nossa admiração mayores motivos, são os da vida, & da morte. Esta admiração introduzio no juizo dos homens o erro de Fados, & de Fortuna, que se bem entre nós perdêrao a divindade, ainda conservaõ os nomes. Se repararmos com attenção, quem vive neste mundo, & quem morre, he necessaria muita Fé, para crer que ha providencia. Todo o motivo desta queixa de Marta, foy ver, que a deixara Maria, & que estava com Deos. Tal he o motivo, que temos presente, mas com mayores circumstancias de dôr ( não sey se diga de femração ) & assim havemos de ouvir hoje mais queixas.

469 Em fim Maria está com Deos: *Sedens secus pedes Domini*: desatou se dos cuidados, & das obrigações do mundo, rompêo os laços da humanidade, deixou em soledade o san-

gue, o amor, & a mesma vida: *Reliquit me solam.* *Luc.* Contra este não esperado apartamêto temos tres queixosas a modo de Marta, & não queixosas de Maria, porque o executa, senão de Deos, porque o permite: *Domine, non est tibi cura?* E que queixosas são estas? A primeira he a Idade, a segunda a Gentileza, a terceira a Discrição. Parãrao todas ( como Marta: *Que stetit, & ait* ) E que conformemente se queixaõ! Corpo, Alma, & Uniaõ he toda a fabrica do composto humano. Por parte da Uniaõ queixase a Idade cortada: por parte da Alma queixase a Discrição emmudecida: por parte do Corpo queixase a Gentileza eclipçada. Chora a Idade o golpe, chora a Discrição o silencio, chora a Gentileza o eclipse: porque não lhe valêrao contra a morte, nem à Idade o mais florente, nem à Gentileza o mais florido, nem à Discrição o mais flòrido. Vamos ouvindo estas queixosas, depois responderemos a ellas.

## III.

470 Primeiramente queixale a Idade contra a morte , & que justificada se queixa ! David pasmava de ver quaõ estreitamente lhe medira Deos a vida : *Ec-38.6. ce mensurabiles posuisti dies meos : & viveo oitenta annos David. Jacob chama-va a seus dias , poucos , & maos : Dies peregrinationis 47.9. meae parvi , & mali : & viveo cento & quarenta & sete annos Jacob. Job assombra-va-se da brevidade , com que se via caminhar à sepultura : Dies mei breviantur , & solum mihi superest sepulchrum : & viveo duzentos & setenta annos Job. Pois se a Job , se ao espelho da paciencia , sendo tam largos seus dias , lhe parecem breves : se a David , se à columna da fortaleza lhe parecem mal medidos : se a Jacob , se ao exemplo da constancia lhe parecem poucos , & maos : que razãõ não terà para queixarse hũa Idade tanto mais curtamente medida , tanto mais brevemente contada , tanto mais apoucada nos*

dias , tanto mais em flor cortada ? Se se queixaõ os oitenta , se se queixaõ os cento & quarenta ; se se queixaõ os duzentos & setenta annos ; como se não haõ de queixar vinte & quatro ? Oh morte cruel , que enganados vivem contigo os que dizem , que es igual com todos !

471 Temse acreditado a morte com o vulgo de muito igual , pelo despeito com que piza igualmente os Palacios dos Reys , & as Cabanas dos Pastores : *Aquo pulsat pede pauperum tabernas , Regumque turres. Que os Palacios dos Reys , por mais cercados que estejaõ de guardas , não possaõ resistir às execuçoens da morte , bem o experimentou esta vida. Justo era , que aquellas portas , que tam cerradas costumãõ eitar às verdades , lhe deixasse ao menos a natureza aberto este postigo aos defenganos. Mas nesta mesma igualdade comete grandes desigualdades a morte. He igual , porque não faz exceiçaõ de pessoas ; he desigual , porque*

não faz differença de Idades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguem, igualdade he: mas tirar a vida a huns tam tarde, & a outros tam cedo: deixar os que são embaraço do mundo, & levar os que eraõ o ornato d'elle; q̄ desigualdade mayor? Todos se queixaõ da pressa com que corre a vida; eu não me queixo senão da desigualdade, com q̄ caminha a morte. Notay.

472 Apareceo hũa vez a morte ao Propheta Abachuc, & vio que hia andando no triunfo de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors.* Apareceo outra vez a morte a S. João no Apocalypse, & vio que vinha pizando sobre hum cavallo: *Et ecce equus, & qui sedebat super eum, nomen illi mors.* Apareceo terceira vez a morte ao Propheta Zacharias, & vio huma fouce com azas: *Vidi, & ecce falx volans.* De maneira que temos a morte a pé, morte a cavallo, & morte com azas. A vida sempre caminha ao mesmo passo, porque segue o curso do

tempo: a morte nenhũa ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Hũas vezes he huma anatomia de offos, que anda; outras, hum cavalleiro, que corre; outras, hũa fouce, que voa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Sea morte ou para todos andãra, ou para todos correra, ou para todos voãra, era igual a morte. Mas andar para huns, para outros correr, & para mim voar? Oh morte, quem te cortãra as azas! Mas bem he que bata as azas, para que nõs abatamos as rodas. Pinta-se a Morte com huma fouce segadora na mão direita, & hum relógio com azas na mão esquerda. Se algũa hora foy assim a morte, troquese daqui por diante a pintura, que já não he assim: *Ecce falx volans.* Tirou a morte as azas do relógio da mão esquerda, & passou-as à fouce da mão direita; porque he mais aprêfada a fouce da morte em cortar, que o relógio da vida em correr. Ainda quando a morte não voa, corre mais

que a vida. Aquelle cavallo, em que São João vio a morte, diz o Texto na versão de Tertulliano, que era verde : *Et equus viridis*. Quem vio já mais cavallo verde? Mas era o cavallo da morte. Vestete este animal indomito da cor dos annos, que corta, arrease das esperanças, que piza, pintafe das primaveras, que atropella. Todos os annos estão fugeitos à morte, mas nenhuns mais que os que pareciao mais seguros, os verdes.

473 Mostrou Deos huma vidaõ ao Propheta Amos ( que era homem do campo) & perguntoulhe que via:

Amos  
8. 2.

*Quid vides tu Amos?* Respondeo o Propheta : Senhor, *Ucinum pomorum*: o que vejo, he humia vara comprida, & farpada, com que os rusticos alcançamos a fruta, & a colhemos das arvores. Pois essa vara, que vês, diz Deos, he a morte. Todo este mappa do mundo he hum pomar: as arvores, humas altas, outras baixas, são as diversas geraçoens, & familias: os fru-

tos, hunos mais maduros, outros menos, são os homens: a vara, que alcança ainda os ramos mais levantados, he a morte: colhe hunos, & deixa outros. Ah Senhor! que essa he a morte como havia de ser, & não como he. Quem entra a colher em hum pomar, passa pelos pomos verdes, & colhe os maduros, mas a morte não faz assim: vemos que deixa os maduros, & colhe os verdes. E já se colhera só os frutos verdes, colhera frutos, mas a queixa minha he que deixa de colher os frutos, & colhe as flores. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* Apparecêraõ as flores na nossa terra, não lhe aguardou mais tempo a morte: apparecêraõ, deapparecêraõ. Alerta, flores, q̄ a Primavera da vida he o Outono da morte. A fouce segadora, que traz na mão, instrumento he do Agosto, & não do Abril; mas armafe assim com ardilosa impropriedade a morte, ameaça às espigas, paraque se descautelem as flores. Ha tal crueldade



Idade ! Ha tal engano ! Não  
 ne queixo do golpe , se-  
 não do tempo : *Flores ap-  
 baruerunt, tempus putationis!*  
 Que haja tempo de florecer ,  
 & tempo de cortar , he na-  
 tureza , mas que o tempo  
 de florecer , & o de cortar  
 seja o mesmo ! Que a Idade  
 mais florida seja a mais mortal  
 ! Que a vida mais digna  
 de viver , seja a mais fugei-  
 ta à morte ! E que haja im-  
 perio superior , que domine  
 este tyranno ! Que haja pro-  
 videncia no mundo , que o  
 governe ! *Domine, non est ti-  
 bi cura?*

## IV.

474 A estas queixas tão  
 justificadas da Idade , se se-  
 guem as da Gentileza , não  
 menos lastimosa , mas mais  
 para lastimar. Por isso lá Je-  
 remias no pranto de Beliem,  
 as lagrimas , que ouveraõ de  
 ser de Lia , tresladouas aos  
 olhos de Rachel ; não por-  
 que ouvessem de ser mais  
 sentidamente choradas , mas  
 porq̃ haviaõ de ser mais lasti-  
 mosamente ouvidas. Quei-  
 xa-se a Gentileza contra a

morte , por conceder a tan-  
 to luzimento tam breves  
 dias , a tanta representaçõ  
 tam pouco theatro. E pois  
 as queixas da boca de Ra-  
 chel são melhor ouvidas ,  
 seja Rachel a primeira alle-  
 goria destas queixas. Muito  
 tenho reparado em quam  
 desigualmente se ouveraõ  
 com Rachel , quem lhe deu  
 o ser , & quem lho tirou ;  
 Labaõ , & a morte. Pedia  
 Jacob a Labaõ o premio dos  
 primeiros sete annos , que  
 servira , & doulhe Labaõ a  
 Lia em lugar de Rachel ,  
 allegando que Lia era a fi-  
 lha primeira , & que havia  
 de preceder. Teve pacien-  
 cia Jacob , servio outros sete  
 annos , & em hũa jorna-  
 da , que depois fez de Be-  
 thel a Bellem , morreo Ra-  
 chel , & ficou sepultada no  
 caminho , & Lia depois deste  
 successo viveo ainda mui-  
 tos annos. Não sey se no-  
 tais a desigualdade. De ma-  
 neira , que Labaõ quando ou-  
 ve de dar esta a hũa das fi-  
 lhas , reparou na prerogati-  
 va dos annos , & precedeo  
 Lia : & a morte quando ou-  
 ve de dar sepultura a huma  
 das

das Irmaãs, não reparou nos privilegios da idade, & precedeo Rachel. Pois se se ha de dar primeiro casa a Lia, que a Rachel; porque tem mais annos Lia: porque se ha de dar primeiro sepultura a Rachel, que a Lia; se tem menos annos Rachel? He possivel, que para a casa ha de Rachel ser a ultima, & para a sepultura a primeira? Sim, que isso he ser Rachel. Nas leys de Labão tem precedencia para a casa a mayor Idade: nas leys da morte tem precedencia para a sepultura, a mayor belleza.

475 Desde a terra até o Ceo está estabelecida esta ley. Na terra a Rosa Rainha das flores he efimera de hum dia; toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada, de que se veste; pela manhã são mantilhas, ao meio dia galas, à noite mortallas. No Ceo a Lua Rainha das Estrellas, quem a vio cheia retrato da fermosura, que logo a não viffe minguanete depois da mudança? Quando resplandece com toda a roda, en-

tao se eclypsa, quando faz opposiçoens ao Sol, então a encobre a terra. Ajuntese a fermosura da terra com a do Ceo, & na uniaõ de ambas veremos o mesmo exemplo. Transfigurouse Christo no Thabor, appareceraõ logo no mesmo monte com o Senhor Moysès, & Elias: *Et loquebantur de excessu, quem completurus erat in Hierusalem.* Ha tal pratica em tal occasião! Huma vez que a fermosura de Christo quiz fazer estentação de suas galas, que logo os Prophetas lhe hajaõ de cortar os lutos? Sim, & muito a seu tempo: porque a mesma fermosura, que viaõ, era prophecia da morte, em que fallavaõ: *Loquebantur de excessu: de hum excessu arguiaõ o outro: que quem excedia tanto na fermosura, não podia durar muito na vida.* Quanto se disse no Thabor, foraõ pregoens deste desengano. No Thabor fallãraõ os dous Prophetas, & fallou S. Pedro. S. Pedro fallou como nescio; porque cuidou que fermosura tam grande podia premanecer muito nesta vida;

ida: *Bonum est nos hic esse*:  
 os Prophetas fallãrão como  
 discretos; porque tanto que  
 irãõ o extremo da fermo-  
 ura, logo deraõ por infal-  
 vel o excesso da morte:  
*Loquebantur de excessu*. An-  
 tes se bem repararmos, a  
 mesma fermosura de Chri-  
 sto no Thabõr, foy a mayor  
 confirmação de sua pouca  
 dura. Dizem os Evangelis-  
 tas: *Resplenduit facies ejus  
 sicut Sol, vestimenta autem  
 ejus facta sunt alba sicut nix*:  
 Que o rosto de Christo fi-  
 cou resplandecente como o  
 Sol, & suas vestiduras bran-  
 cas como a neve, fermosura  
 de neve, & Sol, he gran-  
 de, mas de dias breves.  
 Quando o Sol se vê junto  
 com a neve, são breves os  
 dias do Sol, quando a ne-  
 ve se vê junta com o Sol,  
 são poucas as horas de ne-  
 ve. Bem se vio: tanta Neve,  
 e tanto Sol, que duraçãõ  
 viverãõ? Sabe-se, que foy  
 e hum só dia, não se sabe  
 e quantas horas.

476 Oh Neve derretida  
 raios do Sol! Oh Sol fe-  
 ultado em occasos de ne-  
 ve! Que larga materia de

afinar a queixa offerreceis  
 neste passo à minha Oraçãõ;  
 se eu tivera, não digo já  
 eloquencia, mas a confian-  
 ça de hum Jeronymo! Os  
 que leraõ a São Jeronymo;  
 ou na Consolação de Juliano  
 sobre a morte de Faustina,  
 ou no Epitaphio de Paula  
 a Eustochio, ou nas Memo-  
 rias funebres de Marcella,  
 & de Fabiola, sey que hãõ  
 de culpar o humilde do estí-  
 lo, o encolhido do encare-  
 cimento, o tibio, ou o timi-  
 do dos affectos, com que fal-  
 lo neste caso. Mas como na-  
 quelles (posto que não ma-  
 yores) era outra a pessoa  
 que fallava, & em outra lin-  
 gua, & a outros ouvidos, o-  
 brigame a mim a Discrização,  
 a que remeta ao silencio o  
 enternecido destas queixas,  
 para que ouçamos o ponde-  
 roso das suas.

## V.

477 Queixase finalmen-  
 te a Discrização (que sempre  
 a Discrização he a ultima em  
 queixarse) & tomãra eu,  
 que ella tivera melhor in-  
 terprete para declarar com  
 quan-

quanto fundamento se queixa. O mayor inimigo da vida, quem vos parece que será? O mayor inimigo da vida he o Entendimento. Taõ madrastra se ouve com o Homem a Natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na Alma do homem lhe criou o mayor veneno. Se buscarmos a primeira origem da morte, na arvore da Sciencia poz Deos o fruto da mortalidade: por onde os homens quizerão ser mais entendidos, por alli começaraõ a ser mortaes. Atê no mesmo Deos teve lugar esta terrivel consequencia. Ouve de encarnar, & morrer hũa das Pessoas Divinas, & porque mais o Filho, que algũa das outras? A verdadeira razaõ sabe a Deos. Eu só sey, que à Pessoa do Filho se attribue o Entendimento, & que à Pessoa do Filho se unio a mortalidade. Como o Verbo ab eterno procedeo por entendimento, ab eterno propendeo para mortal. Se isto foy em Deos, que será nos homens? To-

dos os homens. são mortaes, mas o mais entendido, mais mortal que todos. Naquelle Parabola das dez Virgens as vodas significaõ a morte; & he muito de notar, que sendo cinco as entendidas, & cinco as nécias, todas as cinco entendidas morrerão primeiro. Entender muito, & viver muito, ou no entendimento he engano, ou na vida milagre. A razaõ disto a meu juizo deve ser; porque cada hum sente como entende. Quem entende muito, não pôde sentir pouco, & quem sente muito, não pôde viver muito. O homem he vivente, sensitivo, & racional: o racional apura o sensitivo, & o sensitivo apurado destruo o vivente.

478 Mas como os homens igualmente amaõ a vida, & se prezaõ do entendimento, daqui vem, que se persuadem difficulosamente a esta triste Philosophia. Dizia David a Deos. *Da mihi intellectum, & vivam*: Senhor, daime entendimento, & vivirey. Ah David, & como, não sabeis o que

que pedis; se quereis morrer, pedi embora a Deos, e se vos de entendimento: mas se quereis viver, pedi-lhe que vos tire o entendimento, que tendes. Não ha-remos de ir buscar a prova a outra parte. Vay depois d'isto David à Corte d'ElRey Achís, tem noticia, que o querem matar, & fazse d'ou- tro. E bem David, não creis vós o que dizeis a Deos, que vos desse entendimen- to, para viver; pois como agora para viver, vos des- fazeis do entendimento? Dantes governavase David pelo discurso, & agora pela experiencia. Pelo discurs- so parecialhe a David, que não havia cousa para viver como ser entendido: mas a experiencia mostrou depois a David, que era necessa- rio ser defendido para vi- ver. E senão, diga-o aquelle entendimento grande, do qual se temia mais David, que dos Exercites de Abfalaó. O mayor entendimen- to de todo o Reyno de Israel naquelle tempo, era Achitofel: E de que lhe aproveitou a Achitofel o seu en-

tendimento? De se matar com suas proprias mãos, por não querer seguir Abfalaó a verdade de seus conselhos. De sorte, que he tal a oppo- sição, que tem entre sy a vi- da, & o entendimento (prin- cipalmente nas Cortes) que ninguem os pôde conservar ambos juntos. Ou haveis de deixar o entendimento, ou haveis de deixar a vida: ou endoudecer como Da- vid, ou matarvos como Achitofel. Se amais mais a vida, que o entendimento como David endoudeceis; se amais mais o entendi- mento que a vida como Achitofel, matai-vos. Não ha re- medio.

479 Já dêmos a razão dis- to em quanto natureza, dê- mola agora em quanto fem- ração. Seja por hum exem- plo. Entrarão pelo Horto os Soldados, que vinhão pren- der a Christo; mete mão à espada San Pedro, enveste a Malcho, & fere-o. Sem- pre reparei muito nella en- vestida, & neste golpe. Se Pedro quer defender a feu- Mestre, avance aos Esqua- droens armados, envitta, &

& matefe com elles : Mas a Malcho ? A Macho , que não trazia na mão mais que hũa lanterna , com que alumiaua ? Eisahi como trata o mundo as luzes. Em apparecendo a luz , todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que ttaziaõ as armas , arremete ao que trazia a luz : porque de nenhũa cousa se dão os homens por mais offendidos , que da luz alheia. Se vierdes com Exercitos armados , *Cum gladijs, & fustibus*, ter vos hão quando muito por inimigo , mas não vos farão mal ; porém se vos coube em forte a lanterna , se Deos vos deo hũa pouca de luz ( ainda que não seja para luzir , senão para alumiar ) soltes moftino, aparelhay a cabeça , que ha de vir S. Pedro sobre vós. Grande miseria ! Que nos offendiaõ mais as luzes, que as lanças , & que queiramos antes ser feridos , que alumiaados ? Grande miseria outra vez ! Que nos mostremos valentes contra hũa luz defarmada , & que em vez de trarmos de resistir a quem se arma , só nos armemos con-

tra quem alumia ! Oh desgraçadas luzes em tempo que tanto reynaõ as trevas.

480 Mas no meio della desgraça tão grande acho eu a luz duas razoens muito maiores , com que se consolar. Os golpes , que se atirãraõ à luz , forãõ reprehendidos por Christo , & forãõ attirados por Pedro. Por Pedro , que antes desta acção tinha dormido tres vezes , & depois della negou outras tres. Sabeis , Luzes , quem vos pressegue ? Quem dorme antes , & quem hãõ negar depois : quem antes falta ao cuidado , & depois ha de faltar à Fé. Cantará o gallo , & verseha certa a profecia de Christo. De tudo o dito se colhe , q quando vemos saltar ante tempo as luzes , ou porque morrem , ou porque as mataõ , ou porque se mataõ ; não temos materia de espanto , posto que a tenhamos grande de queixa : de espanto não ; porque este he o mundo : de queixa sim ; porque o governa Deos : *Domine, non est tibi cura* ? He possivel , Senhor , que tendes providen-

a, & que ham de viver as  
 evas, & morrer as luzes? O  
 escio sepultado nas trevas  
 a ignorancia ha de ter pazes  
 com a morte : & o entendi-  
 o alumiado com as luzes  
 a razão , ha de andar em  
 guerra com a vida ? Amea-  
 ando David os poderosos  
 com o inevitavel da morte,  
 diz, que os necios , & os  
 entendidos todos haviaõ de  
 morrer juntamente : *Cum  
 viderit sapientis morientes, si-  
 mul insipiens, & stultus peri-  
 unt.* Se assim fora, ainda  
 era desigualdade : mas que  
 morte apressada seja tri-  
 buto do entendimento , &  
 vida larga attributo da  
 ignorancia ? Não lhe basta  
 a aos necios hum attribu-  
 to ? Não lhe bastava serem  
 infinitos no numero , senão  
 também eternos na duraçãõ ?  
 Que no Paraíso dé frutos de  
 morte a Arvore da Sciencia :  
 & que no mundo a ignoran-  
 cia seja arvore da vida ! Que  
 dentro de nós seja enfermi-  
 dade mortal o entendimen-  
 to : & que fóra de nós seja  
 delito mortal o uso da ra-  
 zão ! Que sendo o racional  
 natureza , ninguem possa ser

racional sob pena da vida !  
 E que estas injustiças da  
 morte sejaõ disposiçoes da  
 providencia : *Domine, non  
 est tibi cura ?*

## VI.

481 Temes ouvido contra  
 as semrazoes da morte  
 as tres queixosas , que no  
 principio lhe oppuzemos.  
 Mas vejo reparar a todos,  
 que entre estas queixas, sen-  
 do tão naturaes, se não eu-  
 ção as do mayor affecto da  
 natureza , as do amor ma-  
 terno. Digno he de repãro  
 este silencio ; mas mais di-  
 gna de admiraçãõ , & me-  
 moria a causa delle. Não se  
 ouvem, nem se ouviraõ nes-  
 ta occasiãõ as queixas do  
 amor materno ; porque se  
 portou nas mais apertadas  
 circumstancias della , tão fi-  
 no , que parecêo cruel ; tão  
 generoso , que não parecêo  
 amor. Faltou às dividas da  
 natureza , por não faltar às  
 obrigaçoes do officio , &  
 assistio com tanta pontuali-  
 dade, onde servia, que pa-  
 recêo que aborreçia, onde  
 amava. Oh raro exemplo  
 de

de servir a Principes! Servir aos Principes como Deos quer ser servido; não se pôde chegar a mais. Diz Christo no Evangelho: Os pays, que não aborrecem a seus filhos, não me podem servir a mim. He tam encarecida esta doutrina, que tem necessidade de explicação. Não quer dizer Christo absolutamente, que os pays aborrecão aos filhos; porque os documentos divinos não encontrão os preceitos naturaes: mas quer dizer, que quando se encontrar o amor dos filhos com o serviço de Deos, de tal maneira se ha de acudir ao serviço de Deos, como se se aborreceraõ os filhos. Este he o mais alto ponto, a que Deos subio a fineza, com que dezeja ser servido. E tal foy neste caso a com que vimos servidos os nossos Principes. Chegou com a obra no servir, onde Deos chegou com o dezejo em querer ser servido. Oh espirito generoso, & na mayor desgraça felice! Não sey se diga, que pudera estimar a occasião, só por lograr a fineza. O cer-

to he, que se pôde pôr em duvida, se foy mais digno de enveja pelo que obrou ou de lastima pelo que perdeu. Não se le mais em semelhantes casos, nem da Livias, & das Rutilias, nem das Paulas, & das Melanias, que tanto honrãraõ com seu valor huma, & outra Roma; a Gentilica, & a Christãa. Mas se as Matronas Romanas tirãraõ a Portuguezas o serem as primeiras, grande gloria he de nossa Nação, que tirem as Portuguezas às Romanas o serem singulares.

482 Oh como se avia de perder neste caso o juizo de Salamão, se nelle dera sentença. Na demanda das duas máys sobre os dous filhos, morto, & vivo, julgou Salamão, que a que mais amava, era verdadeira máy; & acertou. Nesta controversia tambem avia de julgar, que o mais amado era o verdadeiro filho, mas enganarase; porque sendo humo o assistido, e outro o deixado, o deixado era o filho, & o assistido não. Salvo se dissermos, que ambos eraõ



erão verdadeiros filhos; mas mais filho ( & por isso mais amado ) aquelle , a quem se dá o ensino , que aquelle a quem se dera o ser. Lembrome , que pedindo hum filho a Christo licença para ir enterrar a seu pay , o Senhor lha negou , porque estava em seu serviço. Grande moralidade acho na proporção destes dous casos. No primeiro pede hum filho licença ao Rey para assistir à sepultura de seu pay , & negalha o Rey ; no segundo offerece licença o Rey à mãy para assistir à morte de sua filha ( & tal filha ) & não a aceita a mãy ; mas tudo bem merecido. No primeiro caso a imperfeição , com que a licença se pediu , merecêo o rigor de se negar : no segundo caso a benignidade , com que a licença se offerecêo , merecêo a fineza de se não admittir ! Oh que grande usura he nos Principes a benignidade ! Sejaõ os Principes liberaes do que não custa nada , & ferraõ os vassallos agradecidos no que tal vez dá muito. Em fim viraõse aqui emendadas

as queixas de Mártha. Lá antepunhase a soledade ao ministerio , aqui antepoemse o ministerio a soledade : *Relique me solam ministrare.*

## VII.

483 Mas acudamos já pela Providencia Divina , & respondamos às nossas tres queixas , que he tempo. A todas tres satisfaz Christo com a mesma resposta : *Maria optimam partem elegit.* Não se queixe a Idade por cortada , nem a Diferença por emmudecida , nem a Gentileza por eclypsada , que para todos escolheo Maria a melhor parte. He verdade , que morreo , mas por meyo da morte eternizou a Idade , melhorou a Gentileza , canonizou a Diferença . Vede , se tem razão de estarem queixosas , ou agradecidas.

484 Primeiramente eternizou a Idade , porque cortala foy artificio de a eternizar. Dizia Job : *In nidulo meo moriar , & sicut Phoenix* 29.18. *multiplicabo dies meos : Morrererey , & multiplicarey meus*

dias. Notavel modo de falar ! Parece que avia de dizer Job : *Morrerey , & acabarey meus dias : mas morrerey , & multiplicarey meus dias : Moriar , & multiplicabo dies meos !* Como pôde ser isso ? O mesmo Job disse como : *Sicut Phenix*. Reparo , diz Job , que eu não fallo como homem , fallo como Phenix : o homem diz , *morrerey , & acabarey meus dias* , porque com a morte acaba : a Phenix pelo contrario , diz , *morrerey , & multiplicarey meus dias* ; porque na Phenix o cortar a vida he artificio de multiplicar a Idade. Calese logo a Idade queixosa , que não merece queixas quem morre Phenix. Entre todas as mortes , só huma ha no mundo , que não seja digna de sentimento , he a da Phenix. Se a Phenix morrera para acabar , fora sua morte mais lastimosa , & mais digna de sentimento que todas , porque he unica : mas como a Phenix morre para renascer , como a Phenix diminue a vida para multiplicar a Idade , não

he digna de lagrimas a sua morte , senão de applausos. Mas contra estes applausos pôde replicar alguém , que a nossa Phenix , se bem se considera , não multiplicou os dias : porque perder os dias em huma parte , para os lograr em outra , he mudallos , não he multiplicalos. Que bem acudio a esta replica o mesmo Job com a differença dos dias : *Multiplicabo dies meos*. Notay , que não diz , *multiplicarey os meus dias* , senão emphaticamente , os dias meus. Os dias desta vida não são dias nossos. Se foraõ nossos , tiveramolos em nosso poder , & estivera em nossa mão logralos. Mas estão em poder de tantos tyrannos , quantas são as miserias da vida : só os dias da Eternidade são dias nossos , porque ninguem no los pôde tirar. Bem diz logo Job , que este modo de morrer , he artificio de multiplicar , porque perder os dias , q̄ são alheios , para multiplicar os dias , que são meus , he verdadeiramente acrescentar os dias : *Multiplicabo dies meos*.

485 Sendo porém estes dias, dias da Eternidade, parece com nova instancia, que de nenhum modo se podia multiplicar; porque a Eternidade não admite multiplicação, nem augmento. Mas este foy o impossivel, que venceu o engenho da nossa Phenix: cortar o passo à vida, para acrescentar espaços à Eternidade. A Eternidade de Deos não pôde crescer, a dos homens sim. A Eternidade de Deos não pôde crescer, porque he Eternidade sem principio, & sem fim: A Eternidade dos homens pôde crescer, porque ainda que não tem fim, tem principio. Não pôde crescer à parte post, da parte dalém, mas pôde crescer à parte ante da parte dâquem. E assim quanto se corta à vida, tanto se acrescenta à Eternidade. Quiz tambem huma hora o Propheta Michêas dar augmentos à Eternidade, mas, com licença sua, não acertou: *Ambulabimus in vijs Domini in aeternum, & ultra*: Adoraremos, & serviremos a Deos por toda a

Eternidade; & ainda mais além. Acertou o Propheta com o acrescentamento, mas não acertou com a parte: que esse acerto ficou para a eleição de Maria: *Maria optimam partem elegit*. O Propheta quiz acrescentar a Eternidade pela parte dalém, & foy acrescentamento imaginario, Maria acrescentou a Eternidade pela parte dâquem, & foy acrescentamento verdadeiro. O Profeta quiz acrescentar a Eternidade, & guardar a vida, Maria cortou pela vida por acrescentar a Eternidade. Só desta mansira podia pagar a Deos. O amor de Deos para conosco, falando neste sentido, tem duas Eternidades; porque nos amou sem principio, & nos ha de amar sem fim. O nosso amor para com Deos, tem huma só Eternidade, porque ainda que o avemos de amar sem fim, amamo-lo com principio. E como Maria não podia pagar a Deos duas Eternidades de amor com outras duas Eternidades, deulhe huma, mas essa acrescentada: acrescentou

tou à Eternidade toda a parte , que tirou à vida: *Optimam partem elegit.*

## VIII.

486 Tambem a Gentileza não tem razão nas suas queixas. O morrer não foy perder, foy melhorar a fermosura. Oh se a cegueira do mundo tivera olhos para ver esta verdade , q̄ menos idolatras das foraõ suas apparencias. Apareceõ hũ Anjo a S. Joã no Apocalypse , & com ser Aguia S. Joã , cegaraõno tanto os rayos daquella fermosura, q̄ se lançou por terra para o adorar. Notavel caso! S. Joã não tinha visto a Christo na transfiguração? Não o tinha visto resuscitado? Não o tinha visto subir ao Ceo com tanta gloria , & magestade? Pois se a vista gloriosa de Christo não causou estes effeitos em S. Joã, como a vista de hum Anjo o cega quasi a idolatra de sua fermosura? Aqui vereis quanta vantagem faz a fermosura do espirito à fermosura do corpo. A fermosura de Christo , ainda q̄ celestial, ainda q̄ gloriosa, era fermosura do corpo : a fermosura do Anjo era fermo-

sura de espirito: & com a fermosura de hum Espirito nenhuma comparação tem a mayor fermosura do corpo. Virà tempo , & ferà depois da Resurreição universal , quando a natureza humana restituida à sua natureza poderà gozar juntamente ambas estas fermosuras: & supposto que antes de chegar àquelle termo não se pode gozar mais que hũa só, despirse da fermosura do corpo , por se reveſtir da fermosura da Alma , foy escolher das duas a melhor parte : *Optimam partem elegit.* Oh que admiraveis transformaçoens de fermosura faz invisivelmente a morte debaixo da terra? Os Chemicos não achãrãõ atè agora a Pedra Philosophal, porque não fizeraõ ensayo nas pedras de hũa sepultura. Fallando Deos a Abraham na gloriosa descendência de seus filhos , humas vezes comparou-os a pò , & outras a Estrellas. Para ensinar ( diz Philo ) que o caminho de se fazerem Estrellas , era desfazeremse em pò. Que cuidais que he huma sepultura, senãõ hũa officina de Estrellas?

as ! Ainda a mesma natureza produz mayores quillares de fermosura em baixo, que em cima da terra. As flores ; fermosura breve, criaõse na superficie, as pedras preciosas, fermosura permanente, nõ centro Julgue agora a enganada Gentileza se foy injuriosa a Rachel a sepultura, ou se soube escolher Maria a melhor parte. Enterrouse flor, para se congelar diamante : defezse em cinzas, para se formar em Estrella.

487 Mas quando por meyo da morte nõ alcançara a Gentileza a melhoria da transformação. Pergunto : E fora pequeno beneficio livrar-se por esta via dos daunos da mudança ? Este engano apparente, a que os homens chamaõ fermosura, ainda tem mais inimigos que a vida, com ser tam fragil. A vida tem contra sy a morte, a fermosura ainda antes da morte tem contra sy a mesma vida : *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor.* Os primeiros tyrannos da fermosura

faõ os annos, & a sua primeira morte he o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo mudase : & se alguem perguntara à fermosura, qual lhe està melhor, se a morte, ou a mudança ; nõ ha duvida, que havia de responder, antes morta, que mudada. A fermosura morta sustenta se na memoria do que foy, a fermosura mudada afrontase no testimonho do que he. A vitoria, que da fermosura alcança a morte, he hum rendimento secreto ; cobreo a terra : a vitoria, que da fermosura alcança o tempo, he hum triumpho publico ; todos a vem : & trazer o epitaphio no rosto, cu telo na sepultura, vay n'uita dizer. Parece esta razaõ demasiadamente humana, mas Deos a fez divina. A mayor fermosura do mundo ( sem ser afronta em hum homem ) foy a de Moyfès : taõ grande, que era necessario cubrir o rosto com hum veo para que nõ cegassem os olhos, que o viaõ. Morre Moyfès, sepulta-o Deos com

*Dent.* 34. 6. tuas proprias mãos : *Et non cognovit homo sepulchrum ejus* : E ninguém soube até hoje onde está a sua sepultura. Pois porque não quiz Deos , que tivessem os homens noticia da sepultura de Moysês ? A razão não he menos que de Santo Agostinho : *Ne faciem , quæ radiaverat , supressam videret* : porque aquelle roito , em que se tinhão vistos tantos resplandores , não se viu mudado. De maneira que occultou Deos o sepulchro de Moysês , não porque os homens o não vissem morto , mas porque não vissem a sua fermosura mudada : morta sim ; mudada não , ninguém a ha de ver. Assim trata Deos a fermosura , a que quer fazer o mayor favor ; & tão certo he o juizo do mesmo Deos , que lhe está melhor à fermosura a morte , que a mudança. Chegada pois a Gentileza humana àquelle termo preciso de sua perfeição , em que o parar he vedado , o crescer impossivel , & o diminuir forçoso ; fazer treguas com a morte ;

por não se fugeitar à tyrannia do tempo , se não foy eleger a melhor parte , foy ao menos aceitar o melhor partido : *Maria optimam partem elegit*.

## IX.

488 Finalmente a Discricião não tem razão de queixarse : porque se a morte a emudeceo , a morte a canonizou. A Discricião verdadeira não consiste em saber dizer , consiste em saber morrer. Até à morte ninguém se pode chamar com certeza nescio , ou discreto. O ultimo acerto , ou o ultimo erro , he o que dá nome ao juizo de toda a vida. Por isso Deos no principio do mundo approvando todas as creaturas , só ao homem não approvou ; porque a approvaçào do homem está sempre dependendo do fim : *Non in exordio , sed in fine laudatur homo* : disse Santo Ambrosio : não se pode seguramente louvar o homem , nem quando começa , nem quando he , senão quando acaba de ser. Em quanto não chegou

chegou o dia ultimo , esta-  
va em opinioens a pruden-  
cia das dez Virgens , assen-  
toufe a morte na suprema  
cadeira , definio quaes eraõ  
as nefcias , & quaes as pru-  
dentes. Em nenhuma coufa  
se vè tanto o acerto da elei-  
çãõ , como naquillo que  
acertado huma vez , não pô-  
de ter mudança , ou errado  
hũa vez não pôde ter emen-  
da. He a eleiçãõ de que de-  
pende tudo , & huma parte ;  
que encerra em si o todo ,  
& por isso a melhor parte.  
*Optimam partem elegit.*

489 Para prova desta  
ultima verdade , quero acu-  
dir a hum escrupulo , com  
que vejo me estaõ ouvindo  
desde o principio , ainda os  
ouvintes de menos delicada  
consciencia. A morte , de  
que fallamos , foy caso , não  
foy eleiçãõ: logo impropria-  
mente parece lhe applica-  
mos as palavras : *Maria op-  
timam partem elegit.* Primei-  
ramente digo , que o ser  
caso não impede ser eleiçãõ.  
No mesmo Texto o temos.  
Onde a Vulgata le , *Opti-  
mam partem elegit* : Esco-  
lhêo a melhor parte , o ori-

ginal Grego tem : *Optimam  
sortem elegit* : Escolhêo a  
melhor forte. Sorte he ca-  
so , & com tudo chamalhe  
o Texto eleiçãõ : *Elegit* :  
porque não implica ser a  
mesma coufa caso , & ser  
eleiçãõ. Mas ha repostas ,  
que saõ mais faceis de pro-  
var , que de entender. Co-  
mo pôde ser eleiçãõ o que  
he caso ? Ponhamos a que-  
staõ em termos mais Chri-  
staõs. O que vulgarmente  
chamamos caso , he provi-  
dencia; providencia nenhũa  
outra coufa he , que aquel-  
la disposiçãõ ordenada dos  
decretos divinos : Como  
põde logo ser eleiçãõ nossa ,  
o que he disposiçãõ de Deos?  
Respondo que por virtude  
da conformidade. Todas as  
vezes que nos conformamos  
com as ordens de Deos ,  
fazemos que a eleiçãõ , que  
he sua , seja tambem nussa.  
Neste sentido dizia David,  
*Mandata tua elegi* : Senhor, *Psal.*  
eu elegi os vossos precei- *118.*  
tos. Nos preceitos elege *173.*  
quem manda , & não quem  
obedece : David obedecia ,  
Deos mandava : logo a elei-  
çãõ era de Deos. Pois se

*Et iiii] a elei-*

a eleição era de Deos : como diz David , que he sua : *Mandata tua elegi* ? Porque David obedecendo conformavase cõ a vôtade de Deos, & por virtude da conformidade , a que era eleição de Deos , era tambem eleição de David. Tal foy a eleição neste caso , ella voluntariamente forçosa , como elle felizmente adverso. *Maria optimam partem elegit* : Foy eleição de Deos , & foy eleição de Maria. Em Deos, foy eleição por providencia , em Maria foy eleição por conformidade ; & em ambos foy eleição do melhor ; em Deos , porque escolheu para sy a Maria, em Maria porque se foy para Deos : *Optimam partem elegit*.

490 Só poderá cuidar alguem, que eleger por conformidade ferá algum imperfeito modo de eleição. Digo , & acabo , que mais perfeito modo de eleição he eleger por conformidade , que eleger por deliberação. Porque quando elegemos por deliberação , queremos pela vontade propria; quan-

do elegemos por conformidade , queremos pela vontade divina. Quando eu elejo , faço a minha vontade , quando me conformo , faço minha a vontade de Deos. E não pôde aver mais perfeito acto que aquelle , em que Deos , & eu queremos pela mesma vontade. Não ha acção mais parecida às de Christo. As acçoens de Christo eraõ divinas , & humanas pela uniaõ das naturezas ; esta acção he humana , & divina , pela transformação das vontades. Philosophia notavel ! Que se acrecente o meritorio , onde parece que se diminue o voluntario ! O sacrificio mais voluntario , que ouve no mundo , foy o da morte de Christo : *Oblatus est quia ipse voluit*. Com tudo he muito para notar , que se não attribue à morte de Christo principalmente a charidade , senão a obediencia : *Factus est obediens usque ad mortem*. Pois porque mais a obediencia , que a charidade ? Porque a charidade segue os impulsos da vontade propria,



pria , a obediencia tegue a eleição da vontade alheia. E não era tam generoso acto em Christo sacrificar-se à morte , por satisfazer à sua vontade, quanto por se conformar com a divina : *Non mea , sed tua voluntas fiat.* Todas aquellas repugnancias do Horto foraõ encaminhadas , não a escufar a morte , se não a apurar a conformidade. Oh que generoso conformar ! Oh que discreto morrer ! Parecêo caso , & foy eleição : parecêo força , & foy vontade. E se alguma cousa teve de repugnante , ou de violento , foy para dar circumstancia ao merito , & effenciã ao sacrificio. Mude logo a Discricião a linguagem , & dê graças à morte, em vez de queixas : pois só na morte ficou calificada , & consumada a Discricião , quando naquelle ponto , em que acaba tudo , & de que depende tudo , entre o voluntario , & preciso , soube escolher Maria a melhor parte : *Maria optimam partem elegit.*

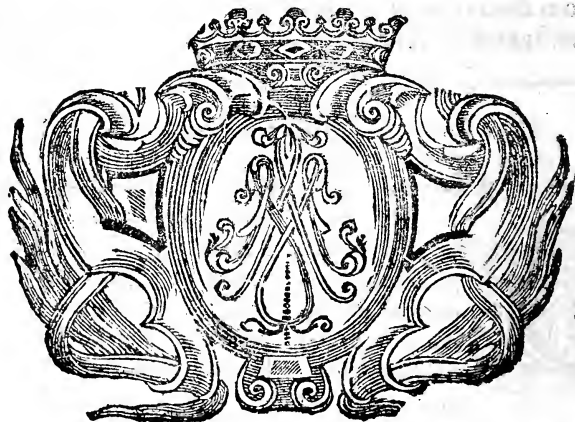
## X.

491 Tenho acabado , & fatisteito , se me não enganão às nossas tres queixosas. Mas se ellas tiveraõ tempo para se queixar de novo , & eu forças para dizer ; & vós paciencia para ouvir ; he certo , que as queixas , que se fizeraõ tanto sem razão contra esta morte , se aviaõ de converter todas , & com muita razão , contra nossas vidas. Oh Idades cegas ! Oh Gentilezas enganadas ! Oh Discriciões mal entendidas ! Vive a Idade , como se não ouvera morte. Vive a Gentileza , como se não passára o tempo. Vive a Discricião , como se não temera o Juizo. Oh acabemos já algum dia de ser cegos. Ponhamos diante dos olhos estas Imagens funestas , retratos de nós mesmos , que não sem particular providencia nos mete Deos em casa tam repentinamente. Apenas ha casa illustre em Portugal , que se não visse cuberta de lutos este anno : & ainda não he acabado ! Já que

458 *Sermam nas Exéquias da S. D. Maria de Ataíde*

que os parentes morrem para sy, & para Deos, morraõ tambem para nõs. Deixemos por herdeiros de seus defenganos. Consideremos, que toraõ o que somos. Que havemos de ter o que são. Que alli vay aparar tudo. E que tudo o que alli não aproveita, he nada. Se nos dà confianças a Idade, reparemos; quaõ fragil he, & quaõ fugeita ao menor accidente. Se a Gentileza nos engana, defengue-nos

huma Caveira, que he o que só tem duravel a mayor fermofura. Se a Discriçaõ finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que he saber salvarnos. Já que tanta vida se tem dado ao mundo, & à vaidade, demos se quer a Deos esta ultima parte, que nos reitar, que sempre terá a melhor. E desta maneira ficaremos escolhendo com Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*





# S E R M A M

DE

## S. ROQUE

Na Capella Real. Anno 1652.

Tendo o Author prègado no dia do mesmo Santo em S. Roque  
que Igreja da Casa Professa da Companhia de Jesu.

*Beati sunt servi illi. Luc. 12.*

§. I.



**Q**ua vida de S. Roque foy errada, ou todo o mundo he louco. Assim o dizia eu naõ ha muitos dias: & quanto mais considero nos passos, que leva o mundo, & nos q̃ seguio Sam Roque, tam en-

contrados, tanto mais me cõfirmo nesta verdade. Vejamos o que fez São Roque na eleição de sua vida, & o q̃ fizera no mundo em semelhãte occasiã qualquer outro da sua idade, da sua fortuna, & do feu nascimento. Foy tam venturoso São Roque, q̃ lhe faltaraõ seus Pays antes de cumprir os vinte annos. Desgraça se chamava isto anti-

antigamente: mas eu lhe chamey ventura, por me accommodar à frase do tempo. Nenhũa cousa parece que sentem hoje mais os filhos, que à larga vida dos pays. Quem não quer esperar a herdalos depois da morte, como lhe pôde dezejar longa vida? Quasi todos os Titulos, que acabãrão estes annos na nossa Corte, nascêrão unicos, & morrerão gemios: primeiro os logrãrão juntamête os filhos, do que os deixassem os pays. Huma capa, diz o Espírito Santo, não pôde cobrir a dous. Mas querem os homens poder mais do que Deos sabe. Hum se cobre cõ o direito da capa, & outro com o avesso no mesmo tempo. Tam larga lhes parece aos filhos a vida dos pays, q̄ não se atrevem a lhe esperar pela morte. Em fim, ou seja indecencia nos filhos de hoje, ou fosse ventura em Sam Roque, elle se vio em vinte annos de idade sem sujeição de filho, Senhor da Cidade, & Estado de Monpilhher, que era de seus Pays, herdeiro de grande Casa, & riquissimos thesouros, que desde seus

antepassados se guardavaõ, & acrescentavaõ nella.

493 Isto supposto, que resolução vos parece que tomaria no tal caso aquelle filho, ou que faria qualquer dos presentes, se nelle se achãra com sangue illustre, com Estado, com vassallos, com tantas riquezas, & com tam poucos annos? Parece-me a mim, julgando o q̄ cuido, pelo que vejo, que tomariis huma de duas resoluções. Ou passados os lutos, vos partiriis para a Corte (& mais sendo a Corte de Paris, aquelle mundo abreviado) para luzir, para ostetar, para competir em gallas, em apparatus, em grandezas: & juntamente para assistir, para servir, & para merecer diante do Rey, & por esta via alcançar novos acrescentamêtos à Casa, & à Pessoa. Esta era a resolução mais viva, & mais propria daquella idade. Mas se o vosso juizo fosse mais assentado, se vencesse na madureza os annos, & se aconselhasse, ou se deixasse aconselhar sezudamête; julgaria eu pelo contrario, que renunciando pensamêtos de

Corte, como mar turbado, inquieto, & em nenhum tempo seguro, vos deixariais ficar no vosso estado, conferando nelle melhor, & amenos custo a authoridade, gozando com descanso o que vossos avós com trabalho vos tinhaõ ganhado, & governando em paz, & quietação vossos vassallos, sendo amado, servido, & reverenciado delles.

494 Não ha duvida, que uma destas duas resoluções tomaria qualquer dos presentes, cada hum segundo o mais, ou menos repouso do seu juizo. Mas a Roque (& sendo Francez) nenhũa dellas lhe parecêo bem, seguiu muito differente caminho. Manda vir diante de sy seus thesouros, abre-os, & a primeira cousa que vio nelles, foraõ os coraçõens de todos seus antepassados. Contento de não achar tambem alli o seu; chama os pobres de toda a Cidade; troca com elles a fortuna, fallos ricos, & fica pobre. Já eu vou vendo, que quem isto obra com as mãos, muito mayores, & mais altos pensamêtos revolve no pei-

to. Faz hum Notario, renuncia publicamente o Estado, & tudo o que nelle tinha, & lhe podia pertencer; vestise no Habito da Terceira Ordem de Sam Francisco, toma bordão, & esclavina, & parte peregrino pelo mudo a buscar, & a servir só aquelle grãde Senhor, que em todo o lugar tem a sua Corte, porque está em todo o lugar. Isto que nenhum outro fizera, fez São Roque: & por isso elle só, como dizia, he o fezudo, & o resto do mundo o louco. Notay. Poderá Sam Roque ir servir a El Rey na Corte d'El Rey, & não quiz servir: poderá Sam Roque mandar os seus vassallos na sua, & não quiz mandar: resolve-se a servir só a Deos, livre de todo o outro cuidado: & com estas tres resoluções conseguiu toda a felicidade, não só da outra vida, senão tambem desta, que he o que diz a proposta do nosso texro: *Beati sunt servi illi*. Todos os homens, & mais os Cortezaõs, andão buscando a felicidade desta vida. E que fazem para alcançar? Todos occupados

em

em servir, & todos morrendo por mandar, & por isso nenhum acaba de achar a felicidade que busca. Quereis conseguir a verdadeira felicidade, não só da outra, senão também desta vida? Tomay as tres resoluçoens de Sam Roque. Servir? Só a Deos. A homens? Nem servir, nem mandar. Nisto consistte toda a prudencia, & felicidade humana: nisto consistte toda a prudencia, & felicidade Christãa. Se somos Christãos, havemos de tratar de Deos: se somos homês, havemos de tratar cõ os homens. Pois que remedio para ter felicidade com os homês, & para ter felicidade com Deos? Imitar a S. Roque. Para ter felicidade com Deos, servir a Deos: para ter felicidade com os homês, nã servir a homês, nem mandar homês. Tres pontos de prudencia, tres pontos de felicidade, & tres pontos de Sermão. A homens, nem servir, nem mandar a Deos, & só a Deos servir. *Beati sunt servi illi.*

§. II.

495 A primeira resoluçam de Sam Roque, como se

fora mais que homem; ou menos que homem, foy não querer servir a homens, nem mandar homens. Não querer servir a homens, ainda que fossem Reys, parece muita feberba: não querer mandar homens, ainda que fossem vassallos, subditos, & criados proprios, parece pouco valor. Mas nem o primeiro foy arrogancia, nem o segundo puzilanimidade: grande juizo, grande animo, grãde generozidade, fim. Obrou São Roque como homem, como Christão, como Santo. E pois a mim me toca hoje declarar as razões, q̃ elle teve, & persuadir a q̃ tenha imitadores, ao mesmo São peço se dignede assistir com tal espirito ao meu discurso, q̃ se não afaste muito dos seus pêsamentos.

496 Primeiramente não quiz São Roque servir a homens; porque não quiz deixar de ser homem. Ao homem felle Deos para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebellãrao contra Adam, & não quizerao servir ao homem, tendo tam inferiores; triste, & miseravel condiçãõ he haver hum ho-

mem

sem de servir a outro, sendo todos iguaes. A primeira vez que se profetizou neste mundo haver hum homem de servir a outros, foy com nome de maldiçaõ. Assim foy Noè a seu neto Canaan em castigo do pay, & mais o filho. Ainda entam senão abia no mundo, que coufa ra servir, entãõ se começou a entender a maldiçaõ pelo delito, & a miseria pelo castigo. Meyos homens chamou depois o Poeta Lyrico aos que servem, & disse bem. Toda nobreza, & excellencia do homem consiste no livre alvedrio; & o servir, se não he perder o alvedrio, he cativãllo. Razaõ teve logo São Roque de não querer servir a outros, por não deixar de ser homem.

497 De homens, sem he chamar mais que homẽs, alla David no Pãlmo sessenta & cinco, & declara com hum notavel encarecimento o que quasi se padece sem reparo do costume: *Quoniam probasti nos Deus: igne nos examinasti, sicut examinatur argentum. Induxisti nos in laqueum, posuisti tribulationes in*

*dorso nostro: imposuisti homines super capita nostra. Quizestes, Senhor, provar, & experimentar em nõs quanto põde suportar a paciencia, & aturar a constancia humana; & a huns examinastes cõ fogo ( como a Leureço: ) *Ignenos examinasti: a outros metestes em prizoens, & cadeas ( como a Pedro, & Paulo: ) Induxisti nos in laqueum: a outros carregastes de tribulaçoens, & trabalhos ( como os outros Martyres, & Confessores: ) Posuisti tribulationes in dorso nostro: & sobre tu do fugeitantes huns homẽs a outros homens, & puzestes a huns sobre a cabeça dos outros: Imposuisti homines super capita nostra. Pois a mayor prova, a mayor experiencia, o mayor exame, & o mayor encarecimẽto da paciencia, & sofrimento humano, he põr Deos huns homens sobre a cabeça dos outros: Sim. Porque os que estãõ de cima, sãõ, os que mandãõ, os que estãõ debaixo, sãõ os que servem; & sendo os que servẽ iguaes aos outros por natureza, que estes os tragam sobre a cabeça, & que elles os**

me-

metao debaixo dos pès: *Homines super capita nostra*: nem toda a penitencia dos Confessores iguala esta dôr, nem todos os tormêtos dos Martyres este martyrio.

498 Mais diz o Texto. Mas antes que passemos avante, parece que por isto mesmo havia S. Roque de querer servir a homens, ao mesmo como Santo. Assim he, & assim o fez a paciencia, & constancia de Sam Roque, padecendo fóra da patria, & dentro nella, & por mãos de seus proprios vassallos, feridas, afrontas, falsos testemunhos, prizoões, & carcere perpetuo até a morte. Mas tudo isto quilo elle padecer por amor de Deos, & não por servir aos homens. E fez muito bem, & com muito mayor razão do que temos visto. Torne agora o Texto. Onde a nossa Vulgata le, *Imposuisti homines super capita nostra*, no original Hebréo está, *Equitare fecisti homines super capita nostra*: fizeltes, Senhor, para provar a nossa paciencia, que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Vede se vay muito

de huma cousa à outra. De sorte que aos miseraveis, que servem debaixo, não se contentaõ os que ferraõ de cima, de os pizar com os seus pès; senaõ tambem cõ os dos cavallos: *Equitare fecisti homines super capita nostra*. Se me perguntarem porém, onde pôdem succeder taes casos, que homens tratem assim a homens, & a homens, que os servem? Respondo, que onde Sam Roque nam quiz ir; nas Cortes. Para intelligencia desta verdade (de que bastava por prova a experiencia) havemos de suppor, que nas Cortes, por Christaãs, & Christianissimas que sejam, nam basta só ter a graça do Principe supremo, senam se alcança tambem a dos q̄ lhe assistem. Falla não menos que da Corte de Deos o Evangelista São Joaõ no seu Apocalypse, & lauda desta maneira aos Bispos da Asia, a quem escreve: *Gratia vobis, & pax ab eo, qui est, & qui erat, & qui venturus est; & à septem Spiritibus, qui in conspectu throni ejus sunt: & à Jesu Christo, qui est testis fidelis, primogenitus mortuorum*



*princeps Regum terra.* A graça, & a paz de Deos Padre, & dos sete Espiritos, que assistem ao seu trono, & a de Christo Jesu seu Filho primogenito, & Principe dos Reis da terra, esteja com vobos. Parece-me, que todos tẽdes já reparado nos termos desta faudação, & imprecação do mais bem entendido de todos os Apostolos. Se leveje àquelles Prelados da sua Diocese a graça de Deos Padre, supremo Senhor, & Governador de tudo; porque lhe pede tambem a dos Ministros, que assistem ao seu trono: & se à graça do Padre ajunta tãbem a de seu Filho primogenito, o Principe dos Reis da terra; porque poem esta no terceiro lugar, & a dos Ministros no segundo? Porque fallava o Evãgelista da Corte do Ceo a semelhança das Cortes do mundo. Não basta ter a graça do Rey, & a graça do Principe, senão tiverdes tambem a dos Ministros, que assistem ao trono. Bem sey eu quem tem a graça do Pay, & mais a do Filho: & se o seu interesse se não cõtẽtãra só cõ

a graça; pôde fer que os Ministros, que se atravessão entre hum, & outro, lha não deixãraõ em paz: *Gratia vobis, & pax.* Esta he a primeira suppozição da guerra, que padecem, ou pô tem padecer nas Cortes; ainda os homens que melhor servem, se tem outros sobre sy: *Imposuisti homines super capita nostra.*

499 Mas quaes são os que os pizaõ, não só com os seus pés, senão com os dos seus cavallos: *Equitare fecisti.* He certo, que não são os Reis; porque os pés Reaes nam pizaõ, nem magoaõ; honraõ, & authorizaõ. Por isso se lãçaõ a seus pés os vassallos, & quanto mayores, & mais dignos, mais lhe metem debaixo dos pés as cabeças. Lá disse Tertulliano, q̃ Minerva calçava na cabeça o capacete: *Minerva calceans galeam.* Assim he o calçado dos Reis. Os seus çapatos nam pizaõ, coroaõ. Quaes são logo as que pizaõ tam honradas cabeças, como aquellas entre as quaes se cõtava a de David, & nam só com os seus pés, senão com

os dos seus cavallos: *Equitare fecisti hominis super capita nostra?* Aqui entra agora a segunda, & mais lastimosa suppozição, & menos digna de se crer, senão differa Salamaão, que a vio cê seus elhos:

*Ecc. 10.7. Vide servos in equis, & Principes ambulantes super terram:* Vi os servos a cavallo, & os Principes a pé. Sem duvida, que isto vio Salamaão profeticamente, quando vio apeado a Roboaão seu filho, & a Jeroboam seu servo entronizado. E em outros Reynos quando acontece isto mesmo? Bem he que o perguntemos, pois nam vemos no nosso esta desgraça, que bastara a corromper todas suas felicidades. Acontece isto, quando o Principe, a quem toca ter as redeas na mão, por desidia, & negligencia, as larga, & entrega ao servo. Então he, que o servo montado a cavallo, vendose imposto sobre as cabeças dos homêes, nam só aspiza a dous pés, senão a quatro. Diga-o Mardocheo debaixo de Aman no Reynado de Assuero, & Daniel com os Satrapas no de Nabuco, & Dario. Em

taes tēpos em vez de os homêes servirem gloriosamente aos Reys, são ignominiosamente servos dos servos, & padecem, sem lhe valer a cordo rosto ( onde só lhe faltaão os ferretes ) a maldiçaão de Chanaan, que hoje se cūpre nos Cafres, & nos Etiopios: *Maledictus Chanaan servus servorum erit fratribus suis.* Para que se veja, se hum espirito tam generoso como o de Sam Reque havia de fugiitar a sua cabeça, ou expolar por nenhum preço a semelhantes abatimentos.

500 Bem vejo, que a sua calidade, & grandeza tinha altos fundamentos para esperar na Corte diferentes respeitantes. Mas os meyoos, por onde estes se conservaão, ainda eraão mais alheios da inreizeza do seu espirito. Quiz conservar David na Corte d'El Rey Achis o grande lugar que tinha na sua graça: & que meyo tomou, para que os que estavaão ao lado do mesmo Rey, o naão descompuzêsem, & ainda destruissem? Já sabemos, que se fingio doudo, & para fazer mais publica a sua doudice, diz

liza a Hystoria fagrada, que andava com os pés para cima, & a cabeça para baixo. Era habilidade, & destreza, em que David se tinha exercitado por jogo, quando patorinho, como moço de tantas forças, & agilidade, & agora se aproveitou della para este disfarce; que todo o labor serve. En summa, que sustentandose, & movendose sobre as mãos, andava com a cabeça para baixo, & os pés para cima: & isto quer dizer.

*Ferabatur in manibus suis.*  
 Texto que tanta difficuldade causou a São Agustinho, & ninguem depois d'elle, que eu sayba, o explicou ategoriamas este he o sentido proprio, & literal daquellas palavras. E o moral, & politico de huma açao tam extraordinaria, qual será? He que para hum homem se conservar na Corte, & na graça dos Reys, como David se queria conservar na d' El Rey Achís; o meyo mais proporcionado, & effectivo, & ainda forçoso, he andar as avessas. Os pés para cima, a cabeça para baixo: & para não tomar o Ceo com as mãos, trazer as mãos

pela terra: *Ferabatur in manibus suis.* E seria bem, que hum coração tam generoso, tão inteiro, & tão recto como o de Sam Roque, & hum homem mais de quebrar q torcer, se torcesse, & abatesse a semelhantes indignidades: Não ha duvida, que seria pôr a mão no chão, como pouco honrado, & ainda os pés no Ceo, como mão Christã. Por isso não quiz nada da Corte, nem servir a homens, ainda que fossem Reys. Fôra, fôra: & muito longe.

### §. III.

501 Parece-me que o ditto baste, senão para persuadir a imitação, ao menos para provar a prudencia, & acertado juizo, com que Sam Roque se resolvéo a não servir a homens. A eleição poderá de os não querer mandar, não digo só que haverá muito poucos, que a imitem; mas duvido, que haja algum que a não estranhe; & ainda condene. Tam natural he ao homem o dezejo, & appetite de mandar homens. Diz o Apollolo Sam Paulo, que

1. *Thi.*  
*mo: h.*  
 2. 15.

a mulher se salvará pela geração dos filhos: *Salvabitur autem (mulier) per generationem filiorum.* E a explicação commua desta sentença, he q

a primeira mulher, que foy Eva, se salvou pela geraçam de hum filho seu, q he Christo. Mas este genero de salvação não compete só à mulher, senão igualmente ao homem, & tanto a Adam, como a Eva. Logo, que salvação he esta, de que goza só a mulher, & não o homem pela geração dos filhos? Direy. Em Eva ouve duas condemnaçoens; huma a morte, & ao Inferno pelo peccado, de que a salvou, & livrou Christo, & esta foy cômua ao homem, & à mulher: outro particular, & propria só da mulher, em que Deos a condenou a estar sujeita ao homem: *Sub Genes. 3. 16. viri potestate eris:* & desta segunda condemnação se salva, & restitue a mulher pela geração dos filhos: *Per generationem filiorum.* E porque, ou de que modo? Porque pela geração dos filhos fica mãy: & ainda que como mulher está sujeita ao homem, que he o marido, em quanto mãy

pode mandar homens; que são os filhos. Daqui vem, q por linha direita de Eva, & por força da mesma geração nascem todos os homens inclinados a mandar homens. Veddo em Jacob, & Esaú, ainda antes de nascidos. Lutavaõ hum contra o outro no ventre da mãy, & sobre que batalhavaõ? Sobre qual dos dous havia de mandar, & o outro servir. Assim o declarou o mesmo Deos, quando sentenceou a contenda, respondendo à mãy. (de quem foy consultado) que o menor havia de ser o que mandasse, & o mayor o que servisse: *Maior serviet minori.*

502 Sendo pois o desejo de mandar no homem não só soberania da natureza no seu primeiro estado, como em Adam; mas reparo, & alivio do segundo, como em Eva: & nascendo o mesmo desejo, antes sendo gerado commosco, como em Jacob, & Esaú: porque não quer mãdar Sain Roque? O mesmo entendimento, & alto juizo, com que não quiz servir, o obrigava a que quizesse mandar; porque he primeiro

meiro principio da politica natural, como ensina Aristoteles que aos mais bem entendidos pertence o mandar, como aos q̄ menos entendem o servir. Logo contra todos estes ditames da natureza, & da razão parece que obrou Sam Roque em demittir de sy o mando, & governo dos subditos, de que o nascimẽto o fizera herdeiro, & o entendimento Senhor? O não querer servir a homens, seja em bora prudente resolução, pelos motivos que apontamos; mas o não querer mandar homens, & rães homens, que fundamentos podia ter bastantes não digo já, que aproveem hũa tam extraordinaria acção; mas que racionalmẽte a não eltranhem, & ainda condenem? Bem creio, que não occorrerão facilẽmente as razoens à ambiçam, & appetite cego, cõ que se governa o mundo, por isso tam mal governado. Respondo porẽm, & digo, que se Sam Roque teve grandes razoẽs para nam servir a homens; jas mesmas, & muito mayores teve para não querer mádar homens. E porque? Porque

mayor servidaõ he o mandalos, que o servirilos.

503 Fallando El Rey Antigonõ com o Principe seu filho sobre a administração, & governo do Reyno, de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoso moço de tamanhas obrigaçoens, & encargos, refere Eliano, que lhe disse o Pay: *An non novisti, fili mi, Regnum nostrum esse nobilem servitutum?* E ainda nam tabias, filho meu, que o nosso reynar não he outra cousa, q̄ hũa servidaõ hõrada? Hõrada disse, & cõ grãde juizo. Porq̄ a servidaõ dos servos, he servidaõ sem hõra, & por isso menor, & menos pezada. Mas sobre o pezo da servidaõ haver de sultentar tan bem o da honra, he muito mayor fugiçaõ; & muito mais pezada carga. He servir à fama, & às bocas dos homens, cujos gostos são tam varios, & tam estragados, que até o Manã os enfastia. Se hum homem nam pôde servir a deus, como disse Christo, como poderã servir a tantos mil? A cada homem deo Deos hum Anjo da Guarda, & não mais

que hum homem a cada Anjo : & se hum Anjo, que move, & governa com tanto cô-certo, & ordem todo o Ceo das estrellas, nam basta para guardar a hum homem de sy mesmo, & governar ordenada, & concertadamente a hũ homem, entre os outros; como bastará hũ só homem para conter dentro das Leys, & manter em justiça a tantos homens? Não sabe o que são homens, quem isto não considera, & penetra: penetrou-o porêm alta, & profundamēte São Roque na verdura dos seus annos com o sizo, & madureza, que não vemos em tantas idades decrepitas.

504 Os Filozofos antigos chamãrão ao homẽ mudo pequeno; porêm S. Gregorio Nazianeno, melhor Filozofo que todos elles, & por excellencia o Theologo, disse, que o mundo comparado com o homem he o pequeno, & o homem em comparação do mundo, o mundo grande : *Mundum in parvo magnum*. Não he o homem hum mundo pequeno, que está dentro do mundo grande; mas he hum mundo, &

saõ muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo hũa pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza, & redondeza do mundo. Pois se nenhum homẽ pôde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada hum mayor q̃ o mesmo mundo, & mais difficuloso de temperar q̃ todo elle? Ademonstração he manifesta. Porque nesta machina do mundo, entrando também nella o Ceo, as Estrelas tem seu curso ordenado, que não prevertem já mais: o Sol tem seus limites, & tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar, com ser hum môstro indomito, em chegando às areas, para: as arvores, onde as poeas, nam se mundaõ: os peixes contentaõse com o mar; as aves com o ar; os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro, ou chimera de todos os elementos, em nenhũ lugar para, com nenhũa fortuna se contenta, nenhuma

ambição, nem appetite o far-  
ta: tudo perturba, tudo pre-  
verre, tudo excede, tudo cõ-  
funde, & como he mayor q̃  
o mundo, não cabe nelle.  
Grande exemplo no mesmo  
mundo, não cheio como ho-  
je està, mas vazío, & despo-  
vado cõ os filhos de Adam,  
& Noè. A Adam deu he  
Deos o imperio sobre todo o  
mundo, sobre os peixes, sobre  
as aves, sobre os animaes da  
terra, & não pode governar  
em paz dous homens, & effes  
irmaos, sem que hum mata-  
se ao outro. Noè governou  
todos os animaes, & conser-  
vou-os pacificamente dentro  
em huma Arca, & fóra della  
não pode governar tres ho-  
mens, sem que hum o nam  
descompuzesse, & afronta-  
se, sendo todos tres seus fi-  
lhos. Vede se he mais peza-  
da servidaõ, & mais difficul-  
tosa a de governar, & man-  
dar homens, que a de servir?  
Quem serve, como não pôde  
servir mais que a hum, fugei-  
tase a huma só vontade: mas  
quem manda, como ha de  
governar a todos, ha de su-  
geitar a syas vontades de to-  
dos, & effas não de filhos, em

que he natural a obediencia,  
& o amor, nem de irmaos en-  
tre sy, em que as calidades  
são iguaes, & as naturezas fe-  
melhantes; mas de tantas, &  
tam diversas condiçoens, &  
inclinaçoens; como são nel-  
les os roltos, & os intentos.

## §. IV.

505 Daqui se segue (o  
que ainda humanamente pe-  
zou não pouco no juizo de  
Sam Roque) que o que ser-  
ve, por dura que seja a sua  
servidam, sempre tem horas  
de alivio, & descanso; o que  
manda, nenhũa. *Ut Sol sta-  
renescit, ita tu Imperator:* dis-  
se Pacato em hum panegiri-  
co ao Emperador Theodo-  
sio Magno: assim como o  
Sol nunca pára, assim vós, ò  
grande Emperador, & por  
isso grande. Fez Deos ao Sol  
Principe do mundo: *Lumi-  
nare maius, ut præestit diei:* 1. 16.  
& desde o dia, em q̃ lhe deu  
este officio, até hoje, não des-  
cançou hum momento. Tam  
grande trabalho he ser Sol, &  
tam grande a sua fugeiçam,  
posto que em lugar tão alto.  
Hũa inquietaçam perpetua,

Gg iiii hum

hum movimento continuo , hum correr , & rodear sempre , & dar mil voltas ao mundo , sem descansar , nem parar já mais. Quando dizemos , q̄ o Sol se poem , he engano : porque entam se parte a governar os antipodas. Nam vamos buscar a prova da semelhança mais longe , pois a temos de casa , & nos nossos Reys mais propria , que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dorme , & descansam , parece q̄ hum Rey de Portugal faz o mesmo depois do governo , & trabalho de todo o dia ; & nam he senão que passou aos antipodas. Lá anda com o pensamento , & com o cuidado pela China , pelo Japão : pelos Reynos do Idalcaõ , do Samorì , do Mogòr : pelo Cabo de Boa Esperança , pelo do Comori , pelas Javas : pelos Mares , & Coistas da Africa , da Asia , & da America , visitando Armadas , & Fortalezas , compôdo pazes , abrindo commercios , & meditando sempre augmentos do Reyno de Deos , & do seu , sem outra quietação , ou descanso mais que apparete

aos olhos ; porque o Sol não tem verdadeiro occaso. O relógio , que he o substituto do Sol na terra , nam soa , nem se ouve por fóra , senam a certos tempos ; mas nem por isso está ocioso , ou quieto , sempre os pezos estão a carregar , sempre as rodas estão a moer ; & taes são os cuidados do Príncipe de dia , & de noite. Para os subditos , que obedecem , & servem , ha differença de dias , & noites , para o Príncipe , que governa , & manda , sempre he dia. Assim o dizia Job dos seus cuidados : *Noctem verterunt in diem.*

506 Entre o Senhor , que manda , & os subditos , que servem , ha a mesma differença , que entre o coração ; & os sentidos. Dorme o homem , & todos os sentidos descansão. Os olhos nam veem , os ouvidos não ouvem , a lingua nam falla , & assim dos demais. Mas se neste mesmo tempo a esse mesmo homem lhe puzerdes a mão sobre o peito ; vereis como está batendo nelle , & palpitando o coração. E se tornardes depois hã , & muitas



vezes, & a qualquer hora, sempre o haveis de achar no mesmo movimento. Pois os sentidos iguaes na baixeza aos dos brutos, dormindo a sono solto, & o coraçam principio da vida, & nobilissima parte do homem, sempre velando, sem descansar já mais? Sim: que isso he ser coraçam. O coraçam da Republica he quem a manda, & governa. E quando a mesma Republica lhe deo a soberania desse cuidado, depositou nelle todos seus cuidados. Elle ha de cuidar sem descanso, para que todos descansem, & elle vigiar, para que todos durmam. *Ego dormio, & cor meum vigilat*: dizia Salamaõ: & o Leão Rey dos animaes dorme cõ os olhos abertos. Vigiar, como o coraçam, quando todo o corpo dorme, he ser Leão entre os animaes, & Salamaõ entre os homens.

507 Muito me admirou sempre na fabrica do leito do mesmo Salamaõ, q̃ os travezeiros, em que havia de inclinar a cabeça, os fizesse de ouro: *Reclinatio ium aureum, ascensum purpureum*.

A cubida de purpura, mas a cabeceira de ouro. Parecese-me isto com o que cuidaõ os rusticos, que os Reys dormem em lançoas de brocado. Travezeiros de ouro são ricos, & preciosos, sim; mas muito duros, muito frios, & muito defagalhados. Quanto melhor he huma manta no Bugaco, ou huma cortiça na Arrabida? Porém Salamaõ cõ toda a sua sabedoria nam soube traçar a cama dos Reys outra cabeceira mais brada, porq̃ não era feita para conciliar o sono, senão para o inquietar. Assim dormia inquieto Farão, sonhando nos sete annos de fartura do seu Reyno, & nos sete da fome. Assim dormia inquieto Nabucodonozor, sonhando na duraçao de sua Monarchia, & das tres, que lhe haviaõ de succeder. E até Joseph, a quem Deos hia criando para mandar, & ser Principe, em quanto os Lavradores seus irmaõs repoufavaõ, elle sendo de menos annos, nam podia dormir quieto. Lá andava sonhando com as paveyas, & com as estrellas, & revolvendo no pensamẽto o

Ceo,

Ceo, & mais a terra. A purpura pôdeña despir os Principes, quando se deitaõ; mas os cuidados, que os desvelaõ, nam podem. Quando a Christo no Pretorio de Pilatos o fizerão representar figura de Rey, coroãraõno de espinhos, & vestiraõno de purpura. E notou advertidamente Sam Paichasio, que a purpura tornãraõlha a despir, mas a coroa de espinhos nunca a largou da cabeça: *Porro spinas, quas capite gestavit, non mutavit, nec alicubi transposuit.* As espinhas faõ os cuidados, como lhe chamou o mesmo Christo; & a quem he Rey, ou o representa no mando, sempre estas espinhas lhe estaõ picando a cabeça, sempre lhe estaõ roendo os pensamentos, sempre lhe estaõ inquietando os sentidos, sem o deixar descansar nem dormir. Aos que servem, não ha senhor tam tyranno, que lhe não permita horas de descãço: aos que mandaõ, he tal a tyrannia do mesmo mandar, que se nam tomaõ por alivio os mesmos cuidados (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem

momento lhe consentem de quietaçãõ, & repouso.

508 Só se pôde replicar contra o encarecido destes ditames (posto que verdadeiros) com o desuso, & desprezo deilles, & com a singularidade dos mesmos exemplos taõ raros no governo do mundo, como a obediencia das Leys, nos que tem o arbitrio dellas. O ordinario he tomarse do mando a parte só do poder, da Magestade, & da grandeza, & deixar se a do pezo, & dos cuidados, com pouca, ou nenhuma atençaõ mais que ao descanso, à delicia, ao regalo, & a todos os antojos do appetite livre, & poderoso; em fim a igualar as indulgências da suprema fortuna com os goistos, & prazeres da vida. Mas esta mesma replica não desfaz, antes confirma mais tudo o que dissemos: porque se os que tem o mando, fazem, & padecem, quanto o mesmo mando os obriga; dura, & triste servidaõ he a sua. E se o não fazem, nem o querem padecer, ainda he mais triste, & mais dura. *Judicium durissimum his, qui presunt, e fiet.*

fiet. Não só duro , mas duríssimo ( diz o Espirito Santo ) será o juizo de Deos sobre os que tiverão mádo neste mundo ; porque de tudo o que fizerão , & deixãrão de fazer , se lhes tomará estreitissima conta , & muito particularmente dos seus cuidados : *Quoniam interrogabit opera vestra , & cogitationes scrutabitur.* Dã conta da tua vida , em que empregaste todos teus cuidados : & dà cõta das alheias , & de quanto padecêrão por teus descuidos. Padecêrão na quietação , na fazêda , na honra , nas mesmas vidas , & o que he mais , na perdição das Almas , & de tudo , & de todas , tu que tiveste o mando sobre os homens , me has de dar cõta. Esta foy a consideração , com que Pepino em França , Ratchiso em Italia , Sigiberto em Inglaterra , Trebellio em Bulgaria , Henrique em Chipre , João em Armenia , Ludovico em Sicilia , Ramiro em Aragaõ , Versmundo em Castella : esta foy , digo , a consideração , da qual fortissimamente convêcidos estes , & outros Principes , ou sendo

Reys , renúciãrão as Coroas ; ou sendo filhos de Reys , as heranças : elegendo antes ser subditos , & servir em huma Religião , que mandar , & ser Senhores no mundo. E posto que o Estado de São Roque não era tam grande ; foy com tudo igual a sua razão de estado. Renunciou o seu Estado , por não dar conta delle ; & para tratar só da salvação de hum homem , nam quiz mandar homens.

## §. V.

509 Temos visto quam grande servidaõ he o servir a homens , & quanto mayor servidaõ o mandar homens : dêmos agora huma volta ao discurso , & vejamos da parte dos mesmos homens , ou servidos , ou mandados , qual he o pago , que elles costumão dar , tanto a quem bem os serve , como a quem bem os manda. Dous homens houve no mundo , hum que melhor q todos soube servir , & outro que melhor que todos soube mandar. O que melhor soube servir , foy David , o que melhor soube mandar , foy Moy-

Moyfês : E que succello a hum, & a outro? Ambos forão os dous mayores exemplos, & ambos os dous mayores defenganos de que he fervir a homens, ou mandar homens.

510 Foy chamado David a Palacio, pela boa informação que teve El Rey Saul de suas excellentes partes: & porque o Rey padecia graves malencollas causadas de hum mão espirito, que lhe entrava no corpo, era tal a arte, & suavidade, com que David tocava huma harpa, q̄ não só se aliviava Saul das suas tristezas; mas até o mesmo Demonio, inimigo de toda a consonancia, o largava. E como pagou Saul estes exorcismos tam doces? Com deitar mão a huma lança, depois de se ver livre do demonio, & fazer tiro com ella a David, para o pregar a huma parede. Assim pagava hum Rey, a quem lhe tirava o demonio do corpo: & pode ser, pôde ser, que no mesmo tempo se visse mais medrado em seu serviço, quem lhe metesse o demonio em casa: Não quebrou a harpa David

com o primeiõ defengano, porque ainda depois tornou a fervir a Saul com ella. Retirou se porẽm para a sua cabana, lançando huma benção ao Paço ( como podera muitas maldiçoens ) & restituído à soledade do campo, & à innocência das suas ovelhas, diz a Hystoria sagrada, que jugava com os Leoens, como com Cordeiros: *Cum leonibus lufit quasi cum agnis.* Tãben os Leoens eraõ feras coroadas, mas não tinha medo delles, porque não eraõ homens. Era tam homem David já neste tempo, nam cõtando ainda vinte annos, que elle só se atrevêo a sair contra o Gigante, de quem os exercitos de Israel tremiaõ. Vendo Saul hũa tam valête determinação, perguntou, q̄ moço era aquelle. A quem nam fará lastima esta perguntã? Este moço, Senhor, he aquelle, que por sua fama vos mandastes pedir a seu Pay: Este aquelle, que vos assistia todos os dias nas horas da tristeza; este o que tocava a harpa, este o que vos recreava, & aliviava o animo; este o q̄ fazia fugir o demonio,

monio. Não ha mais que de-  
 zoitto mezes q̃ falta de vos-  
 sos olhos, & já o não conhe-  
 ceis? He possível, que tam  
 depressa se esquecẽ os Prin-  
 cipes, & desconhecem a quẽ  
 os serve: Pouco era ser possi-  
 vel, he costume. Derruba fi-  
 nalmẽte David o Gigante,  
 cortalhe a cabeça, poemna  
 aos pês de Saul, & este q̃ foy  
 o mayor triumpho da sua Na-  
 ção, & a mayor gloria da sua  
 patria, foy a sua mayor des-  
 graça para com o Rey. Sete  
 vezes lhe procurou Saul tir-  
 rar a vida, já por arte, já por  
 traiçoens, já por violencias  
 publicas, & declaradas: hũas  
 vezes por seus ministros, ou-  
 tras por sua propria pessoa  
 com gente armada, servindo  
 as mesmas batalhas, em que o  
 defendia, & as mesmas vito-  
 rias, com que o honrava, de  
 novos incentivos ao odio. E  
 David? Perseguido, fugiti-  
 vo, desterrado, bandido, sem-  
 pre leal, sempre fiel, sempre  
 venerador do seu Rey, & só  
 inimigo de seus inimigos: aos  
 quaes perseguido perseguiu,  
 & fazia cruel guerra. Sobre  
 tudo estava David unguido  
 por Rey de Israel para suc-

ceder ao mesmo Saul, & com  
 licença de Deos para o matar,  
 & tendoo tres vezes debaixo  
 da espada, tres vezes lhe per-  
 doou a vida, & lhe deixou a  
 cabeça, & a coroa. E que a  
 hum vassallo, a quem Saul  
 por tantos modos devia quá-  
 to tinha, & quanto era; &  
 que sobre tantas offensas, &  
 semrazoens, o servia, amava,  
 venerava, & guardava com  
 tantos extremos de fineza;  
 elle o aborrecesse, & perse-  
 guisse com taes excessos de  
 ingraticão, de vingança, de  
 rayva, de odio? Mas era ho-  
 mem Saul, ainda que Rey, &  
 assim pagaõ os homẽs a quẽ  
 os serve.

511 Ao exemplo, ou  
 desfengano do que melhor q̃  
 todos soube servir, seguefe,  
 & não sey se com mayor af-  
 sombro, o de quem melhor  
 que todos soube mãdar. Fez  
 Deos a Moyses supremo Go-  
 vernador do seu Povo, &  
 não podem os homens, nem  
 dezejar, nem fingir algũ mo-  
 do de mãdar, nem mais util,  
 nem mais grato, nem mais  
 humano, nem ainda mais di-  
 vino, & mais digno de ap-  
 plauso, & admiração em tu-  
 do

ruo, que o de Moyses. Que podem dezejar os homẽs, em quem os manda, & governa? Hum grande amor, & zelo do bem publico? E Moyses amou, & zelou com tal extremo o Povo de Israel, ainda antes de lhe estar encomendado; que mais quiz ser affligido, & padecer com elle no cativoiro, que ser filho da filha d'ElRey Faraõ, como nota, & encarece S. Paulo. Que mais podem dezejar? Que remedee suas misérias, & os alivie de seus trabalhos? E Moyses fello tanto assim, que os libertou do Egypto, & da durissima vidaõ, & tyrannico jugo, com que elles, & seus pays, & avõs, tantos annos havia, estavaõ opprimidos, & os passou ao dominio da Terra de Promissaõ, a mais abundante, & deliciosa do mundo. Que mais podem dezejar? Riquezas? E Moyses juntamente com a liberdade não só os fez sair com todos seus gados, sem ficar delles no Egypto nem huma unha, como diz o Texto, mas carregados de ouro, & de todas as joyas dos Egypcios em satisf-

fação do injusto serviço, a q̃ os tinhaõ obrigado. Que mais podem dezejar? Victoria, & vingança de seus inimigos, com seguraça de nunca mais lhe serem fugeitos? E tudo isso lhe deu logo Moyses, sepultando Faraõ, & todos seus exercitos no fundo do Mar Vermelho, vencendo os Hebrẽos sem batalha, & triumphando sem armas, & despindo nas prayas os corpos, que elles não tinhaõ morto, para tãbem levarem os despojos. Isto he quanto podiaõ dezejar, & fingir no pensamento. Vamos agora ao que nem dezejar podiaõ. Podiaõ dezejar ser providos de todo o sustento, & ainda de todo o regalo sem despeza, nem trabalho? Não podiaõ. E Moyses para comer lhes deo o Manã, em que estavaõ guizados ao gosto de cada hum todos os sabores: & para beber, copiosas fontes de agua purissima, que cõ a mesma penha, de q̃ manavaõ, os hiaõ seguindo. Podiaõ dezejar, que de dia os não queimasse, ou encalmasse o Sol, & de noite não ficassem em trevas, & às escuras?

curas? Não podiaõ. E Moyses por meyo de duas columnas prodigiosas, que pelo ar os acompanhavaõ; de noite os alumiaava, com huma que era de fogo, & de dia os defendia do Sol com outra, que era de nuvem. Podiaõ dezejar, que sendo tres milhoens de homens de todas as idades, nenhum delles adoeceffe, nem estiveffe enfermo? Não podiaõ. E Moyses com virtude superior a toda a natureza, & fraqueza humana, os conservava a todos sãos, & com inteira, & robusta saúde: *Et non era in tribus eorum infirmus.* Podiaõ dezejar, que o vestido, & calçado em quarenta annos de caminho, não envelhecesse, nem se gastaße; Não podiaõ. E Moyses com menos necessario milagre (porque tinhaõ as láas, & pelles dos seus rebanhos) com os mesmos vestidos, & com o mesmo calçado, com que tinhaõ sahido do Egypto, os levou até a Terra de Promissaõ, a cuja vitta lhes disse: *Quadraginta annis per desertum non sunt attrita vestimenta vestra, nec calceamenta pedum vestrorum*

*consumpta.* Finalmente, podiaõ dezejar, que Moyses antepuzesse a conservaçam do mesmo Povo à sua propria salvaçaõ, & a vida temporal dos que governava à sua propria bemavéturança, & vida eterna? Não podiaõ. E com tudo quádo Deos pelo peccado da Idolatria quiz acabar de huma vez com o mesmo Povo Hebrêo, & extingui-lo, & tiralo do mundo para sempre, prometendo a Moyses, que o faria Princepe, & Senhor de outra muito mayor, & melhor Naçaõ; foy tal o excessõ de heroico amor, com que elle se oppoz a esta resoluçaõ; que chegou a dizer a Deos declaradamente, que ou perdoasse ao Povo, como lhe pedia, ou senaõ, que o riscasse a elle do seu Livro: *Aut dimitte eis Exod. 32.32. hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti.* Este livro, a que se referia, he o livro, em que estaõ escritos os Predestnados para a Gloria, o qual na Escritura se chama, *Liber vite*: & quiz Moyses ser riscado delle (salva sómente a graça) no caso, em que Deos não perdoasse

doesse ao seu Povo. Como se differa: Desde o dia, em que vòs, Senhor, me obrigastes a aceitar o mando, & governo, que eu tanto repugnava: como eu fiquey fendo a cabeça deste Povo, & elle o corpo; elle he eu, & eu sou elle: assim que o bem, ou o mal ha de ser commum de ambos: se elle parecer, a sua perdição ha de ser tambem minha; & se eu me salvar, a minha salvação ha de ser tambem sua. Pelo que nam ha outro meyo neste negocio, fenaõ, ou a elle perdoarlhe, ou a mim condenarme; porque nã a mesma gloria quero só para mim sem o bem daquelles, a quem igualmente amo. Disse Moyses: & nam reve Deos que responder, fenaõ perdoar, gloriandose de ter escolhido tal homem para Cabeça, & Governador do seu Povo.

512 E com que graças, com que louvores, com que applausos celebrariaõ aquelles venturosos homens as fizes, os beneficios, os milagres, com que hũ tal homem os tinha desde principio do seu governo libertado, de-

fendido, conservado, regalado, & com tantos extremos amado? Oh affombro da fereza, & ingratição humana? Oh dezengano mal conhecido sempre, & só aqui bem experimentado do que he mandar homens! O pago, que aquelle mesmo Povo deo a Moyses, foraõ perpetuas murmuraçoens, perpetuas queixas, perpetuos clamores, perpetuos arrependimẽtos, e faudades do mesmo cariveiro, de q̃ os tinha libertado; & taes dissençoës, taes rebellioës, taes injurias, & a-frõtas, & taes perigos de o apedrejarem, & lhe porem as maõs; se se não acolhẽra no Tabernaculo, & o mesmo Deos o escondẽra; q̃ fendo o sofrimento, & mansidaõ de Moyses por testemunho da mesma Escritura a mayor de todos os homens: *Erat enim Moyses vir mitissimus super omnes homines, qui morabantur in terra*: não podendo já com o pezo de sustentar aos hombros os mesmos, que trazia no coração, pediu finalmente a Deus, que ou o descarregasse do governo, ou quando assim nam quizesse, lhe



lhe tirasse a vida: *Sin aliter tibi videtur, obsecro, ut interficias me.* Eisaqui o que he mandar homens, a quem nê os beneficios obrigaõ, nem os regalos abraõ, nem as finças enternecem, nem os milagres sugeitam, nem pôde haver quem os contente, & satisfaça.

513 Pareceme, Senhores, que estes dous exemplos de David servindo, & de Moysês mandando, nam só tem provado a verdade do q̄ eu dizia, & approvado a resolução de Sam Roque, mas defenganado a todo o entendimêto, por obsequioso, ou ambicioso que seja, do que he servir a homens, ou mandar homens. Mas agora digo, que nem o primeiro caso, nem o segundo, por mais que pareçaõ encarecidos, chegaõ a declarar de muito longe, nem a pensam do servir, nem o perigo do mandar. Aparelhay nos entendimentos a Fê, porq̄ sem ella não se pôde crer, nem se poderá imaginar o que de novo haviéis de ouvir. Duas resoluçoens tomou Deos acerca dos homens, a primei-

ra de os mandar, a segunda de os servir. Antes de Deos se fazer homem, mandava os homens como Rey: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus,* 43.5. *qui mandas salutes Jacob:* depois de se fazer homê, veyo servir a homens, como elle mesmo disse: *Non veni ministrari, sed ministrare.* E Sam Paulo: *Formam servi accipiens.* E que lhe succedeo a

Matt.

20.28

Phil.

2.7:

Deos em hum, & outro estado, quando mandou, & quando servio aos homens? Aqui pasma a mesma Fê. Quando os mandou, tiraraõlhe o Reyno: quando os servio, tiraraõlhe a vida. Que lhe tirassem a vida, todos o sabê: q̄ lhe tirassê o Reyno, o mesmo Deos o disse a Samuel: *Non te abjecerunt, sed me, ne regnê super eos.* E se Deos quádo manda homens, se descontentaõ delle, que lhe tiraõ o Reyno: & se o mesmo Deos quando serve a homens, lhe pagaõ de tal sorte, q̄ o poem em huma Cruz, & lhe tiram a vida; vede, se são loucos todos os que querem mãdar homens, ou servir a homens, & quam fezudo, & bem aconselhado foy Sam Roque

1.Reg.

8.7.

em os nam querer mandar ,  
nem servir.

514 Cuidaõ todos, que  
Sam Roque começou a fer  
Avogado da peste , quando  
no fim da vida curava os a-  
pestados cõ o sinal da Cruz,  
& he engano. Quando Sam  
Roque se benzeo de servir a  
homens, & mandar homens,  
entam he que começou a ter  
imperio,naõ sobre huma,se-  
naõ sobre duas pestes, huma  
que he o mandar, outra q he  
o servir.O servir,& o mädar  
ambos começãrãõ juntamẽ-  
te no dominio de Membrot.  
Nelle começou o imperio,  
& c m elle a servidaõ. Assim  
o nota Sam Jeronymo: *Quia  
primus hic fuit , qui alios sibi  
servire coegit.* E este domi-  
nio de Membrot quando co-  
meçou? Segundo a mais cer-  
ta chronologia, começou no  
anno de Mil & novecentos  
& trinta & dous da criaçam  
do mundo, que foy o mesmo  
anno, em que nascéo Abra-  
ham. Agora noto eu , & he  
coufa muito digna de se ad-  
vertir, que quando começou  
o mandar, & o servir, entam  
se encurtãram as vidas dos  
homens, porque dalli por-

diante, como consta da sa-  
grada Escriptura, raros foram  
os que chegãrãõ a cem an-  
nos, & rarissimos os que os  
excederãõ. De forte que  
antes de haver no mudo ser-  
vir, nem mandar, viviaõ os  
homens oitocentos, nove-  
centos, & mais annos; po-  
rẽm depois que estas duas  
pestes entrãrãõ, depois que  
os homens começãrãõ huns  
a mandar, & outros a servir,  
nenhum cuve a quẽ a morte  
nam tirasse as sete,ou as oito  
partes da vida. E verdadei-  
ramente,que se os trabalhos,  
& os desgostos mataõ,naõ he  
muito que o servir, & o mädar  
sejaõ enfermidades mor-  
taes. Estas duas pestes curou  
Sam Roque em sy, naõ que-  
rendo mandar, nem servir a  
homens; & tambem as põde  
curar em nós com seu exem-  
plo, nam para que vivamos  
nesta vida mais tempo, mas  
para que a vivamos com des-  
canço,& sem desgostos, que  
he a felicidade,& bemaven-  
turaõ,que nella se põde só  
alcançar.

§. VI.

515 A bemaventurança  
da

da outra vida seguiu a Sam Roque com a segunda, & melhor parte da sua resolução, q̃ foy servir só a Deos. Isto nam ha mistler discurso, nem prova; porque he Fẽ. Mas porque o servir a Deos, & o servir aos homens tudo tem nome de servir; vejamos sómente quam grande foy a prudẽcia de Sam Roque em saber distinguir esta equivocação, & quanta he a differença, que ha entre hum servir, & outro servir; para que todos os que servem, & os q̃ mandaõ, queiraõ antes servir a Deos, & só a Deos.

516. Os homens quando mandaõ ) & mais se tem o mando supremo ) ou seja ingratição natural, ou suberania, nem estimaõ, nem pagão os serviços, que se lhe fazem, como deveraõ; porque cuidaõ, que tudo se lhe deve. Pelo contrario, Deos, a quẽ devemos tudo o que temos, & tudo o que somos, nenhũa cousa manda, a cuja remuneração se nam obrigue como devedor. A Arca, em que se guardavaõ as Taboas da Ley, chama se *Arca federis*: Arca do contrato. E porque do

contrato, se era das Leys: Porque sendo Deos supremo Senhor, a quem devemos obedecer em tudo, de tal mantira nos quiz obrigar a fazer o que nos manda, que juntamente se obrigou, & fez devedor a sy mesmo de nos pagar o que fizemos. O que fizemos, disse; & disse pouco. Não só està obrigado Deos pelo mesmo contrato a nos pagar o que fizemos, senão tambem o que nam fizemos. Os homens nas suas Leys, se mataites, ou furtaites, castigaõvos; mas se não matais, nem furtais, não vos daõ por isso nada. Não assim Deos. Não só vos remunera quando fazeis o que vos mandar fazer, senam tambẽ quando não fazeis o que vos manda que não façais. Oh quam endividado se acharia Deos com Sam Roque no dia de sua morte, crescendo sempre mais, & mais estas gloriosas dividas em todos os empenhos de sua vida! Nam só devẽo Deos a Sam Roque o fazer tudo o que manda, nem só lhe devẽo o nam fazer tudo o que prohi-be; mas devẽo lhe todas

Hij aqvel-

aquellas acçoens, & finezas heroicas, que sem prohibiçam, nem preceito deixou o mesmo Deos livres aos que desprezando tudo o mais, a elle, & só a elle quizessem servir.

517 Os homens quádo pagão, ou cuidão que pagão os serviços, que lhe fizestes, elles são os que os avalião. O estylo de Deos em remunerar a quem o serve, vede quam differente he. Nós fomos os q̄ avaliamos, & elle o que paga. Disse São Pedro em nome seu, & dos outros Pescadores, que seguião a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Senhor, nós deixámos tudo por vos seguir; com que nos haveis de pagar? parece, que devia Christo replicar ao excesso desta avaliaçam, & dizer: Se vós nam deixastes mais que hum barco, & hũa rede como dizeis que deixastes tudo? Mas tão fóra esteve o Senhor de fazer esta replica, que dando por boa a avaliaçam, lhe deo por paga daquelle tudo, o serem no Juizo universal arbitros de

tudo: *Cum federi Filius hominis in sede maiestatis suae, sedebitis & vos.* E bastou isto? Não. *Et omnis, qui reliquerit domum, &c. centuplū accipiet:* & a qualquer q̄ por mim deixar alguma cousa, pagarey cento por hũ. Avaliay por quam subido preço quizerdes o que deixastes, ou fizestes por mim; q̄ a minha paga, & a minha avaliaçam deffes mesmos serviços, ha de ser mayor que a vossa, & cem vezes mayor. Comparayme agora a barca, & as redes de Sam Pedro com o que deixou Sam Roque, & julgay qual ferá a paga, que tem recebido de Deos? Deixou a patria, deixou o descanço, deixou os thesouros, deixou o Estado: & não fallo na differença do seu nascimento comparado com o de Pedro, porque esta he outra, & nam pequena, que se ulla, & está introduzida entre os homens, & nam tem lugar em Deos.

518 Os homens para fazer as merces, olhão para o nascimento de quem os servio; Deos só respeita, & faz caso do merecimento, & das

Mat.  
19.27

*liquimus omnia, & sequuti sumus te: quid ergo erit nobis?*

acçoens de cada hum , & nenhum do nascimento. Isaac quiz dar a benção, & o morgado a Esau, Deos nam quiz que o levasse senão Jacob: & porque? Vamos ao caso, & acharemos a razão. Esau nascêo primeiro que Jacob; porém na luta, que ambos tiveram no ventre da mãy, Jacob lutou melhor que Esau. O mesmo Esau sendo competidor, o nam pode negar, & o confessou, dizendo: *Supplantavit enim me in altera vice.* Lutou melhor Jacob q̄ Esau? Pois essa foy a razão da differença, nem ha outra para com Deos. Isaac como homem para dar a benção, & o morgado, teve respeito ao nascimento; Deos, como Deos, nem respeitou, nem fez conta do nascimento, senão só do mayor valor, & do merecimento. Se os Soldados da fortuna a querem ter boa, sirvão a Deos. Os nascimentos levarão as comendas dos homens, as de Deos só para o merecimento as tem guardadas. Por isso Sam Roque, sendo de tam alto nascimento, o renunciou, & não fez caso d'elle, porque quiz

mais generosa, & mais fidalgamente ser despachado na Corte da verdade, & da justiça, pela nobreza, & calidade das obras, que eraõ suas; & não pelas dos pays, & avós, que são alheias.

519 Os homens, a quem os serve, medemlhe os merecimentos pelos annos; Deos mede-os pelos coraçoes. Quando o Profeta Samuel foy a casa de Jessé para ungir em Rey hum de seus filhos, vendo a Eliab, q̄ era o mais velho, & de galharda presença, julgou, que o eleito por Deos sem duvida era aquelle; mas Deos o desenganou logo, dizendo, q̄ elle nam olhava para os corpos, nem para os annos, senão para os coraçoes: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.* David o menor filho de todos foy o eleito: & logo mostrou qual era o seu coraçam. Todo o exercito de Saul estava cheyo de Soldados velhos, & Capitaens muito antigos, mas todos desmayados, & tremendo só de ver o Gigante; & David, que tinha o coração, que a elles lhe faltava, ven-

*1. Reg. 16. 7.*

cendo, & matando o mesmo Gigante, fez, & merecêo mais em huma hora, que todos os outros em tantos annos. Os homens medindo os merecêtos sô pelos annos fazem huma grande injustiça; porém Deos, que he justissimo, medeos sô pelos coraçõens; porque elle sô os vê. No mesmo dia, & na mesma hora, em que a Magdalena se lançou aos pés de Christo, disse o Senhor, que tinha amado muito: *Quo-*

*Luc. 7. 47. niam dilexit multum.* Parece muito dizer. Digase q̄ amava, mas nam se diga muito, que ainda entam começava a amar: & já que se dà nome de muito ao seu amor, diga-se que amava, & nam que tinha amado: *Dilexit?* Mas tudo està tão bem ditto, como quem o disse, porque Deos nam mede o coraçam pelo tempo, fenaõ o tempo pelo coraçam. Oh se os homens vissem os coraçõens, quam endividados se achariaõ os de muitos, que cuidaõ, que os servem pouco! Por isso sô se pôde servir a quem vê o coraçam. E se em poucos instantes de tempo

cabem muitos seculos de amor, que eternidades seriaõ as que Deos tinha contado no coraçam, & amor de São Roque em tantos annos de suas peregrinaçõens, de seus carceres, de suas perseguiçõens, & afrontas, que saõ o crizol do amor? Se os que vieraõ na undecima hora do dia, que he a velhice, porque supriã a tardança com a diligencia, foraõ igualmente pagos, & premiados; qual ferã o premio daquelle coração, que entre as lizonjas dos mais floridos, & enganosos annos se entregou todo a amar, & servir sô a Deos?

520 Os homens, a quem servis, pôdem pouco, & querem menos. Se quizessem dar muito, nam pôdem; & esse pouco, que pôdem, não querem. Deos pelo contrario pôde tudo, & sempre quer. Vieraõ dous pobres a Christo pedir remedio para suas enfermidades, & cada hum ( que he muito eloquente a necessidade ) pedio por sua fraze. Hum disse: *Si quid potes, adjuva nos:* Senhor, se podeis, remediay-me: o outro disse: *Si vis, potes*

*Si potes me mundare*: Senhor, se vós quizerdes remediarme, podeis. De maneira, que hũ, que ainda nam cria, pedio-lhe a vontade, & duvidou-lhe o poder: o outro, que já cria, confessoulhe o poder, & pediolhe só a vontade. E que respondeo o Senhor ao que disse: *Si potes*: & ao que disse: *Si vis*? Ao que lhe pedio a vontade, & lhe duvidou o poder, respondeo, que podia, & que queria: & ao que lhe confessou o poder, & lhe pedio a vontade, respondeo, que queria o que podia: & a ambos satisfez como desejavao. Quando os homens pedem aos homens, ainda q̃ sejaõ Reys, pedem huns pobres a outros: só quando pedem a Deos, pedem a quem verdadeiramente he rico. *Dives in omnes, qui invocant illum*: diz Sam Paulo; que Deos he rico para todos, os q̃ o invocaõ. Os Reys quando muito saõ ricos para alguns, Deos he rico para todos: *Dives in omnes*. Por isso Sam Roque se fez pobre para servir a quem só o podia fazer verdadeiramente rico. O seu Rey, ainda que fosse

tam liberal como Affuero, podia prometter ametade do Reyno de França; Deos a quem o serve, dalhe todo o seu Reyno, & quanto mais a quem deixou tudo, só pelo servir a elle.

521 Os homeus (já que fallamos nos seus poderes) se deres por elles a vida, como tantos a estaõ dando nestas campanhas; ainda que sejaõ Reys, & Monarchas, assim como elles vola não deraõ, assim vola não podem restituir. E Deos, sendo elle o que vos deu a vida, ainda que vós a não deis por elle, se a empegardes em seu serviço, dâvos pela temporal a eterna. Rey era, & Rey, que andava nos exercitos, o que deu este defengano a todos os homens: *Nolite confidere in Principibus, in quibus non est salus*. Homens, nam ponhais a vossa esperança em homens, ainda que sejam Reys, porque nam podem dar vida. Os Reys chamaõ-se senhores da vida, porque com justiça, ou sem ella a podem tirar; mas dälla, nem a seus filhos, nem a sy mesmos podem. Sõ Deos he

verdadeiro Senhor da vida, porque a dà no nascimento, porque a conserva na duração, porque a resuscita depois da morte, & a eterniza na Patria. Vede a differença da vossa mesma vida sacrificado a Deos, ou aos homens: se a dais por amor de Deos, ficais bemaventurado: se a dais por amor dos homens, ficais morto. Os que a deraõ por amor de Deos, faõ os que adoramos naquelles altares: os que a deram por amor dos homẽs, os que pizamos nessas sepulturas. Antes que Roma pozesse no altar a Sam Roque, o poz o mundo, & o ouve por bem a mesma Igreja: Porque? Porque deu a vida só a Deos, & a empregou só em seu serviço. E foy este serviço tam aceito a Deos, & tão bem pago por elle, que deu authoridade ao mesmo Sam Roque, para que nós tambem lhe pedissemos a vida, & poder para que no la desse.

522 Os homens (para que, fallem os tambem pela sua boca, & nam só pela divina) quando vos haõ mitter, fois seu; quando os ha-

veis mitter, fois vosso. Assim o cantou ao som do Lima aquella grande, & defengana-do espirito, que por nam ver as Ribeiras do Tejo, fugio dellas para tão longe. Quando te haõ mitter, es seu; quando os has mitter, es teu: que nam tens donos entã. E Deos pelo contrario he tam bom Senhor, & tão bom dono, que nam havendo mitter a ninguem, quando nos faz mercê de se querer servir de nós, fomos, com grande honra, seus: & quando nós o havemos mitter (que sempre havemos) nunca deixa de ser nosso. Serviraõ Abraham, Isaac, & Jacob a Deos, & não foraõ elles os que tomãram o sobrenome do Senhor, fenaõ o Senhor o dos Servos. Não se chamãraõ elles Abraham de Deos, Isaac de Deos, Jacob de Deos: mas Deos foy o que se chamou Deos de Abraham, Deos de Isaac, Deos de Jacob. Assim o disse o mesmo Deos a Moysès: *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob.* E para que? Para que conhecesse o mundo, que se os servos eraõ seus do



Senhor; tambem o Senhor era feu dos servos. Se Deos ha de mitter a Abraham para Pay da Fê, Abraham he de Deos: & se Abraham ha mitter a Deos para o livrar dos dous Reys do Egypto, & de Geraris, Deos he de Abraham: *Deus Abraham.* Se Deos ha mitter Isaac para o sacrificio, & para experimentar o amor de feu Pay, Isaac he de Deos: & se Isaac ha mitter a Deos para o livrar da espada, & o trocar com o cordeiro, Deos he de Isaac: *Deus Isaac.* Se Deos ha mitter a Jacob para fundador dos doze Tribus, Jacob he de Deos: & se Jacob ha mitter a Deos para o livrar da ira de Esaù, & dos enganos de Laban, Deos he de Jacob: *Deus Jacob.* Se considerarmos os trabalhos, & perigos de Sam Roque, acharemos que nam foraõ menores que os dos tres Patriarchas; mas assim como Roque se fez todo feu de Deos, servindo-o sô a elle, assim Deos se fez todo feu de Roque, livrando-o de todos. E tam feu, & sempre feu, que ainda hoje nos està livrando

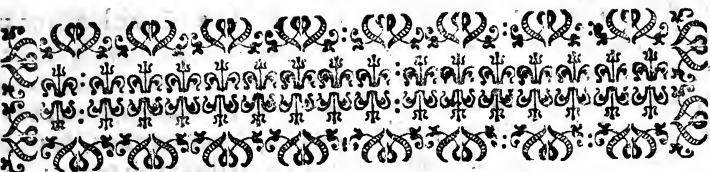
a nós sô por sua intercessã, & por feu respeito.

523 Finalmente os homens, a quem, servimos, posto que sejaõ Reys, sã mortaes, & lhe succedem outros: porê m Deos, quando nam tiveramos tantas obrigaçes de o servir, sô por ser immortal, & sempre o mesmo, sem cutro que lhe haja de succeder, o deveramos servir sô a elle. Entendêrãõ isto tanto assim muitas Naçoens, que na morte dos Reys se sepultavaõ com elles os seus criados: nam sô por fineza do muito que os amavaõ, mas por nam viverem em tempo de outros Principes, que naõ conhecessem seus serviços, & merecimentos. Naõ ouve mayor mudança de fortuna que a dos filhos de Israel no Egypto. Ao principio enriquecidos, queridos, estimados, venerados: depois desprezados aborrecidos, opprimidos, a vexados, cativos. E donde nascêo huma tam notavel mudança? O Texto sagrado o diz: *Surrexit Rex novus, qui ignorabat Joseph: Exod. 1.8.* succedêo no imperio hum Rey novo, que naõ conhecia a Jo-

a Joseph. O Rey velho acõ-  
tehnavafe com Joseph, segua  
os ditames de Joseph, & luc-  
cedialhe tão bem com elles,  
que lhe poz por nome, Sal-  
vador do Egypto, & por isso  
favorecia seus Irmãos; po-  
rê.n o Rey novo, que veyo  
depois, como não conhecia  
a Joseph; nenhuma valia ti-  
nha com elle a sua memoria,  
nem os seus grâdes serviços,  
& a todos os seus descendê-  
tes não sô não dava nada de  
novo, mas ainda o que ti-  
nhaõ, até a mesma liberdade  
lhe tirava. Oh discretissimo  
mancebo, ò prudentissimo

varaõ Sam Roque! Na vida  
de Sam Roque, sem fer mui-  
to larga tambem ouve dous  
Reys em França, Carlo Ma-  
gno, & Ludovico Pio. E  
porque elle sabia pelos eily-  
los das Cortes, que se fosse  
favorecido de hum, havia de  
fer desvalido do outro; por  
isso quiz servir ao Rey, que  
nem morre, nem desconhe-  
ce; que he Deos, & sô Deos.  
Ditoso elle, & bemaventura-  
do, que assim o fez: & nós  
tambem seremos ditosos, &  
bemaventurados, se assim o  
fizermos: *Beati sunt servi illi.*





# S E R M A M

D A

## E P I P H A N I A ,

Na Capella Real. Anno 1662.

Prêgado à Rainha Regente na menoridade d'ElRey, em presença de ambas as Magestades : na occasião em que o Autor, & outros Religiosos da Companhia de Jesu chegãrão a Lisboa expulsados das Missões do Maranhão pela fúria do Povo, por defenderem os injustos cativeiros, & liberdade dos Indios, que tinhaõ a seu cargo.

*Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt. Matth. 2.*

S. I.

dor. Esta he a novidade, que trago do Mundo Novo. O estylo era, que o Prêgador explicasse o Evangelho: hoje o Evágelho ha de ser a explicação do Prêgador. Nam fou eu o que hey de commentar o Texto, o Texto he o que me ha de commentar  
amim,

**P**

Ara que Portugal na nos-  
sa idade pos-  
sa ouvir hum  
Prêgador Evá-  
gelico, serà

hoje o Evangelho o Prêga-

a mim. Nenhuma palavra direy, que nam seja sua, porque nenhuma clausula tem, que nam seja minha. Eu repetirey as suas vozes, elle bradarà os meus silencios. Praza a Deos, que os ouçam os homens na terra, para que nam cheguem a fer ouvidos no Ceo.

525 Havendo porèm de prègar o Evangelho, & com tam novas circumstancias, como as que promette o exordio; nem por isso cuide alguèm, que o Prègador, & o Sermaõ ha de faltar ao Mysterio. Antes pòde bem fer, que rara vez, ou nunca se prègasse neste lugar a materia propria deste dia, & desta solemnidade, sennão hoje. O Mysterio proprio deste dia he a vocação, & conversão da Gêtilidade à Fè. Atègora celebrou a Igreja o Nascimento de Christo, hoje celebra o nascimento da Christandade: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda.* Este

*Mat. 2. 1.* foy o nascimento de Christo, que já passou. *Ecce Magi ab Oriente venerunt:* este he o nascimento da Christandade, que hoje se celebra. Nas-

céo hoje a Christandade; porque os tres Reys, q̄ neste dia vieraõ adorar a Christo, foraõ os primeiros, q̄ o reconhecerãõ por Senhor, & por isso lhe tributaraõ ouro: os primeiros, que o reconhecerãõ por Deos; & por isso lhe consagraraõ incenso: os primeiros que o reconhecerãõ por homem em carne mortal; & por isso lhe offereceraõ myrrha. Vieraõ Gèntios, & tornaraõ Fieis; vieraõ idolatras, & tornaram Christaõs: & esta he a nova gloria da Igreja, q̄ ella hoje celebra, & o Evangelho, nosso Prègador, refere. Dêmoshe atençaõ.

## §. II.

526 *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.* Estas são as primeiras palavras do Evangelho, & logo nellas parece que repugna o mesmo Evangelho a fer meu interprete; porque a sua historia, & o seu mysterio he da India Oriental: *Ab Oriente venerunt:* & o meu caso he das

das Occidentaes. Se appello para os Reys, & para o sentido mytico, tambem està contra mim; porque totalmente exclue a America, que he a parte do mundo, donde eu venho. Santo Agustinho, Sam Leão Papa, Sam Bernardo, Santo Anselmo, & quasi todos os Padres repa- raõ por diversos modos, em que os Reys, que vieraõ adorar a Christo, fossem tres: & a limitação deste mesmo numero he para mim, ou contra mim o mayor reparo. Os Profetas tinhaõ ditto, que todos os Reys, & todas as Gentes haviaõ de vir adorar, & reconhecer a Christo: *Adorabunt eum omnes Reges terra, omnes gentes servient ei: Omnes gentes quascumque fecisti, venient, & adorabunt coram te Domine.* Pois se todas as Gentes, & todos os Reys do mundo haviaõ de vir adorar a Christo; porque vieraõ sómente tres? Por isso mesmo respondem o Veneravel Bêda, & Ruperto Abbade. Foraõ tres, & nem mais, nem menos que tres, os Reys que vieraõ adorar a Christo; porque nelles se representavam

todas as parte sdo n undõ, q tambem são tres, Asia, Africa, & Europa. *Tres Reges tres partes mundi significant, Asiam, Africam, & Europam:* diz Bêda. E Ruperto com a mesma distincão: *Magi tribus partibus orbis, Asia, Europæ, atque Africa, Fidei, atque adorationis exemplar existere meruerunt.* Isto he o que dizem estes grandes Autores como interpretes do Evangelho; mas o mesmo Evangelho para ser meu interprete, ainda ha de dizer mais. Dizem, que os tres Reys significavaõ a Asia, a Africa, & a Europa; & onde lhe ficou a America? A America nam he tábem parte do mundo, & a mayor parte? Se me differem, que nam apparecêu no Presépio, porque tardou, & veyo muitos seculos depois; tambem as outras tardãrãõ: antes ella tardou menos; porque se convertêo, & adorou a Christo mais depressa, & mais sem repugnancia que todas. Pois se cada huma das outras partes do mundo teve seu Rey, q as presentasse a Christo, porque lhe ha de faltãrã

pobre America? Ha de ter Rey, que receba, & se enriqueça com os seus tributos, & nam ha de ter Rey, que com elles, ou sem elles, a leve aos pés de Christo? Sey eu ( & não o pôde negar a minha dor ) que se a primeira, & a segunda, & a terceira parte do mundo tiveram Reys tambem o teve a quarta, em quanto lhe não faltou o Quarto. Mas vamos ao Evangelho, & conciliemos cõ elle esta exposiçãõ dos Padres.

*El Rey  
D. Joã  
o IV.  
que já  
era  
morto.*

527 *Ecce Magi ab Oriēte venerunt.* Diz o Evangelista, que os Reys do Oriente vierãõ a adorar a Christo, & nesta mesma limitaçam, com que diz que vierãõ nomeadamente os do Oriente, & nam outros, se reforça mais a duvida; porque assim no Testamēto Velho, como no Novo estã expresso, que não sãõ haviaõ de vir a Christo os Gentios do Oriente, senam tambem os do Occidente. No Testamēto Velho Isaias fallando com a Igreja: *Ab Oriente adducam semen tuum, & ab Occidente congregabo te:* & no Testamento Novo a

*Isai.  
455.*

profecia, & oraculo de Christo: *Dico vobis, quod multi ab Oriente, & Occidente venient.* Pois se não sãõ haviaõ de vir a Christo os Reys, & Gentes do Oriente, senam tambem as do Occidente, como diz nomeadamente o Evangelista, que os que vierãõ, eraõ todos do Oriente, ou como vierãõ sãõ os do Oriente, & os do Occidente não? A tudo satisfez o mesmo Evangelista, & na simplez narraçam da hyistoria concordou admiravelmente o seu Texto com o dos Profetas. Que diz o Evangelista? *Cum natus esset Jesus in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriēte venerunt.* Diz, que nos dias de Herodes, sendo nascido Christo, o vierãõ adorar os Reys do Oriente; & nestas mesmas circunstancias do tempo, do lugar, & das pessoas, com que limitou a primeira vocaçãõ da Gentilidade, mostrou q̃ não havia de ser sãõ huma, senam duas, como estava profetizado. A primeira vocaçãõ da Gentilidade foy nos dias de Herodes: *In diebus Herodis Regis:* a segunda quasi em

em noſſes dias. A primeira foy quando Chriſto naceo: *Cum natus eſſet Jeſus*: a ſegunda quãdo já ſe contavaõ Mil & quinhentos annos do naci-mento de Chriſto. A primeira foy por meyo dos Reys do Oriente: *Ecce Ma- gi ab Oriente venerunt*: a ſegunda por meyo dos Reys do Occidente, & dos mais Occidentaes de todos, que ſão os de Portugal.

528 Para melhor intelligencia deſtas duas vocações, ou deſtas duas Epiphaniaſ, havemos de ſuppor q̃ neste meſmo mundo em diferentes tempos ouve dous mundos: o Mundo Velho, que conhecêraõ os Antigos, & o Mundo Novo, q̃ elles, & o meſmo mundo nam conhecêo, atê que os Portuguezes o deſcobrião. O Mundo Velho compunhaſe de tres partes, Aſia, Africa, & Europa; mas de tal maneira, que entrãdo neste primeiro compoſto toda a Europa, a Aſia, & a Africa não entravaõ inteiras, ſenaõ partidas, & por hum ſó lado: a Africa com a parte, que abraça o Mar Mediterraneo, & a Aſia

com a parte a que ſe eſtende o Mar Eritréo. O Mundo Novo muito mayor que o Velho, tambem ſe cõpoem de tres partes, Aſia, Africa, & America; mas de tal maneira tambem, que entrãdo neste ſegundo compoſto toda a America, a Aſia, & a Africa ſó entrãdo nelle partidas, & com os outros dous lados tão to mais vallos, & tanto mais dilatados, quando o Mar Occeano, que os rodêa, excede ao Mediterraneo, & Eritréo. E como os Authores antigos ſó conhecêraõ o Mundo Velho, & nam tive- raõ, nem podião ter conhecimento do Novo; por iſſo Bêda, & Buperto diſſeram com muita propriedade, que os tres Reys do Oriente re- preſentavaõ as tres partes do mundo, Aſia, Africa, & Europa. Com tudo Sam Bern- nardo, que foy contempora- neo de Ruperto, combinan- do o noſſo Evangelho cõ as outras Eſcrituras, conheceo com ſeu grande eſpirito, ou quando menos arguo com ſeu grande engenho, que aſ- ſim como ouve tres Reys do Oriente, que levãraõ as Gê- uli-

Bern.  
Ser 3.  
de Na  
ivit.

tilidades a Christo, assim havia de haver outros tres Reys do Occidente, que as trouxessem à mesma Fè. *Vide autem, ne forte ipsi sint & tres Magi venientes jam non ab Oriente, sed etiam ab Occidente.* Quem fossem, ou quem ouvessem de ser estes tres Reys do Occidête, que Sam Bernardo antevio, não o disse, nem o pode dizer o mesmo Santo, posto que tam devoto de Portugal, & tam familiar amigo do nosso primeiro Rey. Mas o tempo, q he o mais claro interprete dos futuros, nos ensinou delli a Quatrocentos annos, que estes felicissimos Reys foraõ, El Rey Dom Joaõ o Segundo, El Rey Dom Manoel, & El Rey Dom Joaõ o Terceiro: porque o primeiro começou, o segundo proseguio, & o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das noívas Conquistas, & todos tres trouxeram ao conhecimento de Christo aquellas novas Gentilidades, como os tres Magos as antigas. Os Magos levado a luz da Fè do Oriente para o Occidente; elles do Occidente para o Oriente:

os Magos presentando a Christo a Asia, Africa, & Europa; & elles a Asia, Africa, & America: os Magos estendendo os rayos da sua Estrella por todo o Mundo Velho até as gargantas do Mediterraneo: & elles aluminiando com o novo Sol a todo o Mundo Novo até às balizas do Oceano.

529 Huma das cousas mais notaveis, que Deos revelou, & promettêo antigamente, foy, que ainda havia de crear hum novo Ceo, & huma nova terra. Assim o disse por boca do Profeta Isaías: *Ecce ego creo celos novos; & terram novam.* He certo, que o Ceo, & a terra foram creados no principio do mundo: *In principio creavit Deus calorum, & terram:* & tambem he certo entre toos os Theologos, & Philosophos, que depois daquella primeira creação, Deos nam creou, nem cria subitancia alguma material, & corporea; porque sòmente cria de novo as Almas, que são espirituas: logo que terra nova, & que Ceos novos são estes, que Deos tanto tempo antes pro-



promettéo; que havia de crear? Outros o entendem doutra maneira, não sey se muito conforme à letra. Eu seguindo o que ella simplesmente foa, & significa, digo que esta nova terra, & estes novos Ceos são a terra, & os Ceos do Mundo Novo descoberto pelos Portuguezes. Não he verdade, que quando os nossos Argonautas começaraõ, & proseguiraõ as suas primeiras navegaçoens, hiaõ juntamête descobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos Ceos, novas Estrellas? Pois essa he a terra nova, & esses são os Ceos novos, que Deos tinha prometido, que havia de crear: não porque não estivesse já creados desde o principio do mundo; mas porque era este Mundo Novo tam occulto, & ignorado dentro no mesmo mundo, q̄ quando de repente se descobrio, & appareceo, foy como se entaõ começara a ser, & Deos o creara de novo. E porque o fim deste descobrimento, ou desta nova creação era a Igreja tambem nova, que Deos pretendia

fundar no mesmo Mundo Novo, acrescentou logo ( pelo mesmo Profeta, & pelos mesmos termos ) que tambẽ havia de crear hũa nova Ierusalem, isto he huma nova Igreja, na qual muito se agradasse: *Quia ecce creco Ierusalem exultationem, & populũ ejus gaudium.* *Isai. 65 18.*

530 Não tenho menos Autor deste pensamento que o Evangelista dos segredos de Deos, São Joã no seu Apocalypse. *Et vidi calum novum, & terram novam: primum enim calum, & prima terra abiit, & mare jam non est. Et vidi civitatem Ierusalem novam descendentem de celo.* Primeiramente diz São Joã, que vio hum Ceo novo, & huma terra nova: *Vidi calum novum, & terram novam*: esta he a terra nova, & o Ceo novo, que Deos tinha prometido por Isaias. Logo acrescenta o mesmo Evangelista, como Commentador do Profeta, que à vista deste Ceo novo, & desta terra nova, o Ceo, & a terra antiga desapparecêraõ, & que o mar já não era: *Primum enim calum, & prima terra abiit,*

*Et mare jam non est*: & assim acontecêo no descobrimento do Mundo Novo. Desapparecêo a terra antiga; porquê a terra dalli por diante já não era a que tinha sido, senão outra muito mayor, muito mais estendida, & dilatada em novas Costas, em novos Cabos, em novas Ilhas, em novas Regioens, em novas Gentes, em novos animaes, em novas plantas. Da mesma maneira o Ceo tambem começou a ser outro. Outros astros, outras figuras celestes, outras alturas, outras declinaçõs, outros aspectos, outras influencias, outras luzes, outras sombras, & táras outras cousas todas outras. Sobre tudo, o mar que fora, já não he: *Et mare jam non est*: porque até entam o que se conhecia com nome de mar, & nas mesmas Escrituras se chamava *Mare magnum*, era o Mediterraneo; mas depois que se descobrio o Mundo Novo, logo se conheçêo tambem, que não era aquelle o Mar, senão hum braço delle, & o mesmo nome, que injustamente tinha usurpado, se passou sem con-

troverfia ao Oceano, que he só o que por sua immensa grandeza absolutamente, & fê outro sobrenome, se chama mar. E porque toda esta novidade do novo Ceo, da nova terra, & do novo mar se ordenava à fundaçãõ de outra nova Igreja; esta foy a que logo vio o mesmo Evangelista com nome tambem de nova: *Et vidi civitatem Ierusalem novam descendentem de caelo*. Finalmente para quẽ ninguem duvidasse de toda esta explicaçãõ; conclue, que a mesma Igreja nova, quẽ vira, se havia de compor de Naçoens, & Reys Genticos; que nella receberiaõ a luz da Fé, & fugeitariaõ suas Correas ao Imperio de Christo: *Et ambulabunt gentes in lumine ejus, & Reges terræ offerent gloriam suam, & honorem in illam*. Que he tudo o que temos visto no descobrimento do Mundo Novo, ou nesta nova creaçãõ delle: *Ecce caelos novos, & terram novam*.

531 Ouve porém nesta segunda, & nova creaçãõ do mundo huma grande differença da primeira, & de no-

vã, & singular gloria para a nossa Nação. Porque havêdo Deos creado o mundo na primeira creação por sy só, & sem ajuda, ou concurso de causas segundas; nesta segunda creação tomou por instrumêto della os Portuguezes quasi pela mesma ordẽ, & com as mesmas circunstâncias, com que no principio tinha creado o mûdo. Quando Deos creou o mundo, diz o sagrado Texto, que a terra não se via, porque estava escondida debaixo do elemento da agua, & tudo escuro, & cuberto de trevas: *Terra autem erat invisibilis* (como lem os Setenta) & *tenebrae erant super faciem abyssi*. Então dividio Deos as aguas, & apparecêo a terra; creou a luz, & cessárao as trevas: *Divisit aquas: facta est lux: appareat arida*. Este foy o modo da primeira creação do mundo. E quem não vê, que o mesmo observou Deos na segunda por meyo dos Portuguezes? Estava todo o Novo Mundo em trevas, & às escuras, porque não era conhecido. Tudo o que alli havia, sendo tanto, era como se não

fosse nada; porque assim se cuidava, & tinha por fabula. *Terra autem erat vanitas, & nihil*: como diz o Texto Hebrêo. O que encobria a terra, era o elemêto da agua; porque a immensidade do Oceano, q̃ estava em meyo, se julgava por insuperavel, como a julgarao todos os Antigos, & entre elles Santo Agostinho. Atreveose finalmente a ousadia, & zelo dos Portuguezes a desfazer este encanto, & vencer este impossivel. Começarao a dividir as aguas nunca d'antes cortadas com as venturosas proas dos seus primeiros Lenhos: foraõ apparecendo, & surgindo de huma, & outra parte, & como nascendo de novo as terras, as gentes, o mundo, que as mesmas aguas encobriaõ; & não se acabaraõ entãõ no mûdo antigo as trevas desta ignorãcia; mas muito mais no novo, & descuberto as trevas da infidelidade; porque amanhecêo nellas a luz do Evangelho, & o conhecimento de Christo, o qual era o que guiava, & levava os Portuguezes, & nelles, & cõ elles navegava.

Tudo estava vido o mesmo Profeta Isaias deste descobrimento, quando fallando cõ aquella nova Igreja pelos mesmos termos da primeira creação do mundo lhe disse:

*Isai.*  
60.2.  
3.

*Quia ecce tenebrae operient terram, & caligo populos, super te autem orietur Dominus, & gloria eius in te videbitur, & ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in splendore ortus tui.*

§. III.

532 Isto he o que fizeram os primeiros Argonautas de Portugal nas suas tão bem afortunadas Conquistas do Novo Mundo, & por isso bem afortunados. Este he o fim, para que Deos entre todas as Naçoens escolheu a nossa com o illustre nome de pura na Fé, & amada pela piedade: estas são as Gentes estranhas, & remotas, aonde nos promettéo, que haviamos de levar seu Santissimo Nome: este he o Imperio seu, que por nós quiz amplificar, & em nós estabelecer: & esta he, foy, & será sempre a mayor, & melhor gloria do valor, do zelo, da Religião,

& Christandade Portugueza. Mas quem differa, ou imaginara, que os tempos, & os collumes se haviaõ de trocar, & fazer tal mudança, q̄ esta mesma gloria nossa se visse entre nós eclipçada, & por nós escurecida? Nam quizera passar a materia tam triste, & tam indigna (que por isso a fuy dilatando tanto, como quem rodêa, & retarda os passos, por não chegar aonde muito repugna.) Mas nem a força da presente occasião mo permitte, nem a verdade de hum discurso, q̄ promettéo ser Evangelico, o consente. Quem imaginara, torno a dizer, que aquella gloria tam heroicamente adquirida nas tres partes do mundo, & tam celebrada, & esclarecida em todas as quatro, se havia de escurecer, & profanar em hum Rincaõ, ou Arrebalde da America.

533 Levantou o demónio este fumo, ou assoprou este incendio entre as palhas de quatro choupanas, que com nome de Cidade de Belem podêraõ ser patria do Antechristo. E verdadeiramente, que se as Escripturas

nos não ensinãrão , que este monstro ha de sair doutra terra , & doutra Nação , já poderamos cuidar que era nascido. Treme, & tem horror a lingua de pronunciar o que virão os olhos, mas sendo o caso tam feyo, tão horrendo, tam atroz, & tam sacrilego, que se não pôde dizer, he tam publico , & tam notorio, que se não deve calar. Oução pois os excessos de tam nova, & tam estranha maldade, os que só lhe pôde pôr o remedio : & se elles (o que se não cre ) faltarem à sua obrigação, não he justo, nem Deos o permittirã, que eu falte à minha. O officio, que tive naquelle lugar, & o que tenho neste ( posto que indigno de ambos ) são os q̄ com dobrado vinculo da consciencia me obrigaõ a romper o silêcio atégora observado, ou suprimido, esperando que a mesma causa, por ser de Christo, fallasse, & perorasse por sy , & não eu por ella. Assim o fizeraõ em semelhantes, & ainda menores casos, os Athanasios, os Basilios, os Nazianzenos, os Chrysoptomos, os Hilarios, & todos aquelles grãdes Pa-

dres, & Mestres da Igreja, cujas acções, como inspiradas, & aprovadas por Deos, nam só devemos venerar, & imitar como exemplos, mas obedecer, & seguir como preceitos. Fallarey pois com a clareza, & publicidade, com que elles fallaraõ, & prova-rey, & farey certo o que differ, como elles o fizeraõ; porque sendo perseguidos, & desterrados, elles mesmos eram o corpo do delicto, que accusavam, & elles mesmos a prova. Assim permittio a Divina Providencia, que eu em tal fórma, & as pessoas reverendas de meus Companheiros viessemos remettidos aos olhos desta Corte, para que ella visse, & não duvidasse de crer o que doutro modo parecia incrível.

534 Quem havia de crer, que em huma Colonia chamada de Portuguezes se visse a Igreja sem obediência, as Censuras sem temor, o Sacerdocio sem respeito, & as pessoas, e lugares sagrados sem immuniidade? Quem havia de crer, que ouvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos Religiosos, & levalllos presos entre

Beleguins, & espadas nuas pelas ruas publicas, & tellos aferrolhados, & com guardas até os desterrarem: Quem havia de crer, que com a mesma violencia, & afronta lançassem de suas Christandades aos Prégadores do Evangelho, com escandalo nunca imaginado dos antigos Christãos, sem pejo dos novamente convertidos, & à vista dos gentios attonitos, & pasmados? Quem havia de crer, que ate aos mesmos Parochos nam perdoassem, & que chegassem aos despojar de suas Igrejas, com interdito to tal do culto divino, & uso de seus ministerios: as Igrejas ermas, os Baptisterios fechados, os Sacrarios sem Sacramento; sem fim o mesmo Christo privado de seus altares, & Deos de seus sacrificios? Isto he o q̃ là se vio entam: & que será hoje, o que se vê, & o que se nam vê? Nam fallo dos auctores, & executores destes sacrilegios, tantas vezes, & por tantos titulos excômungados; porque là lhe ficão Papas, que os absolvaõ. Mas que serã dos pobres, & mise-

raveis Indios, que são a preza, & os despojos de toda esta guerra? Que serã dos Christãos? Que serã dos Catecumenos? Que serã dos Gentios? Que serã dos pays, das mulheres, dos filhos, & de todo o sexo, & idade? Os vivos, & saõs sem doutrina, os enfermos sem Sacramentos, os mortos sem suffragios, nem sepultura, & tanto genero de Almas em extrema necessidade sem nenhum remedio? Os Pastores, parte prezos, & desterrados, parte mettidos pelas brenhas: os rebanhos despedaçados, as ovelhas, ou roubadas, ou perdidas; os lobos famintos, fartos agora de sangue, sem resistencia: a liberdade por mil modos trocada em servidaõ, & cativeiro; & só a cubiça, a tyrannia, & sensua- lidade, & o inferno comêtes. E que a tudo isto se atrevessem, & atrevaõ homens com nome de Portuguezes, & em tempo de Rey. Portuguez?

535 Grandes descon- certos se lem no mesmo Capitulo do nosso Evangelho; mas de todos acho eu a es- cusa

culpa nãs primeiras palavras delle: *In diebus Herodis Regis*. Se succederaõ semelhan-tes escandalos nos dias d'El-Rey Herodes, o tempo os desculpava, ou culpava me-nos: mas nos dias daquelle Monarcha, que com o nome, & com a coroa herdou o ze-lo, a Fè, a Religiaõ, à piedade do grande Affonso Pri-meiro? Oh que paraléllo tam indigno do nome Portu-guez se podera formar na cõ-paraçaõ de tempo a tempo! Naquelle tempo andavaõ os Portuguezes sempre com as armas costas contra os ini-migos da Fè; hoje tomaõ as armas contra os Prègadores da Fè: entam conquistavaõ, & escalaõ Cidades para Deos, hoje conquistam, & escalaõ as casas de Deos, en-tam lançaõ os Caziques fóra das Mesquitas, hoje lã-çaõ os Sacerdotes fóra das Igrejas: entam consagraõ os lugares profanos em casas de Oraçaõ, hoje fazem das casas de Oraçaõ lugares pro-fanos: entam finalmète eraõ Defensores, & Prègadores do nome Christaõ, hoje saõ per-seguidores, & destruidores,

& oprobrio, & infamia do mesmo nome.

536 E para que até a Corte, & assento dos Reys, que lhe succederaõ, nam fi-casse fóra deste paraléllo; en-taõ sahiaõ pela Barra de Lis-boa as nossas Naos carrega-das de Prègadores, q̄ volun-tariamète se desterravaõ da patria para prègar nas Con-quistas a Ley de Christo, hoje entraõ pela mesma Barra, trazendo desterrados violè-tamente os mesmos Prèga-dores, só porque defendem nas Conquistas a Ley de Christo. Naõ se envergonhe já a Barra de Argel, de que entrem por ella os Sacerdo-tes de Christo cativos, & pre-zos, pois o mesmo se vio em nossos dias na Barra de Lis-boa. Oh que bem empregado prodigio fora neste caso, se fugindo daquelle Barra o mar, & voltando atràs o Te-jo, lhe poderemos dizer co-mo ao rio, & ao mar da terra, que entam começava a ser santa: *Quid est tibi mare, quod fugisti, & tu jordanis, qui conversus es retrorsum?* *psal.* 113.5. Glor-riavale o Tejo, quando nas suas ribeyras se fabricavaõ,

& pelas suas correntes sahiaõ as Armadas conquistadoras do Imperio de Christo: gloriavasse, digo, de ser elle aquelle famoso Rio, de quem cõtavaõ os versos de David:

*Pf. 71. Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum:* mas hoje envergonhado de tam afrontosa mudança, devèra tornar atràs, & irse esconder nas grutas do seu nascimento, senão he q̃ de corrido correr ao mar, para se afogar, & sepultar no mais profundo delle. Desenganese porèm Lisboa, que o mesmo mar lhe està lançando em rosto o sofrimento de tamanho escandalo, & que as ondas, cõ que escumando de ira bate as suas prayas, são brados, com que lhe està dizendo as mesmas injurias, que antigamente a Sydonia: *Erubescet Sydon, ait mare.*

557 E não cuide alguém, que estas vozes de tam justo sentimento nascem de estranhar eu, ou me admirar de q̃ os Prêgadores de Christo, & o mesmo Christo seja perseguido; porq̃ esta he a estrella, em que o mesmo Senhor nas-

cêo: *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis.* Ainda Christo nam tinha quinze dias de nascido, quando já Herodes tinha poucos menos de perseguidor seu; para que a perseguiçãõ, & o perseguido nascessem juntos. E nam só nascêo Christo com estrella de perseguido em Belem, senam em todas as partes do mundo; porque em todas teve logo seu Herodes, que o perseguisse. Vou suppondo, como verdadeiramente he, que Christo nam só nascêo em Belem, mas que nascêo, & nasce em outras muitas partes, como ha de nascer em todas. Por isso o Profeta Malachias muito discretamente comparou o nascimêto de Christo ao nascimêto do Sol: *Orietur vobis Sol justitia.* O Sol vay nascendo successivamente a todo o mundo, & ainda que a hũas terras nasce mais cedo, a outras mais tarde; para cada terra tem seu nascimento. Assim tambem Christo verdadeiro Sol. A primeira vez nascêo em Belem, depois foy nascendo successivamente por



todo o mundo, conforme o  
forão prégando os Apосто-  
los, & seus successores: a  
humas terras nascéo mais de-  
preffa, a outras mais de-  
vagar: a humas muito antes, a  
outras muito depois; mas  
para todas réve seu nascimẽ-  
to. He a energia, com que  
fallou o Anjo aos Pastores:  
*Natus est vobis hodie Salva-  
tor*: nascéo hoje para vós o  
Salvador. Como se differa:  
hoje nascéo para vós, os ou-  
tros tambem terã seu dia,  
em que ha de nascer para el-  
les. Assim havia de ser, &  
assim foy, & assim tem nasci-  
do Christo em diferentes  
tempos em tam diversas par-  
tes do mundo; mas em nen-  
hum tempo, & em nenhuma  
parte nascéo, onde logo não  
tivesse hum Herodes, que o  
perseguisse.

538. Vio Sam João no  
Apocalypse aquella Mulher  
celestial vestida de Sol, a  
qual estava em vesporas do  
parto, & diz que logo appa-  
recéo diante della hum dra-  
gão feroz, & armado, o qual  
estava aguardãdo que sahisse  
a luz o filho, para o tragar,  
& comer: *Et draco stetit an-*

*te mulierem, quæ erat paritu-  
ra, ut cum peperisset, filium e-* Apoc. 12. 4.  
*ius devoraret.* Que mulher,  
que filho, & que dragão he  
este? A mulher foy a Vir-  
gem Maria, & he a Igreja. O  
Filho foy, & he Christo; que  
assim como a primeira vez  
nascéo da Virgem Santíssima,  
assim nascéo, & nascé  
muitas vezes da Igreja por  
meyo da Fè, & prégagam de  
seus Ministros em diversas  
partes do mundo. E o dra-  
gão, que apparecéo com a  
boca aberta para o tragar, tão-  
to que nascesse, he cada hum  
dos tyrannos, que logo o  
mesmo Christo tem arma-  
dos contra sy, tanto que nasce,  
& onde quer que nasce.  
De maneira que não ha nasci-  
mento de Christo sem o  
seu perseguidor, ou o seu  
Herodes. Nascéo Christo  
em Roma pela prégagam de  
Sam Pedro, & logo se levanta-  
tou hum Herodes, que foy o  
Emperador Nero, o qual  
crucificou ao mesmo Sam  
Pedro. Nascéo Christo em  
Hespanha pela prégagam de  
Santiago, & logo se levantou  
outro Herodes, que foy El-  
Rey Agrippa, o qual dego-  
lou

lou ao mesmo Santiago. Nasceu Christo em Ethiopia pela pregação de Sam Mattheus, & logo se levantou outro Herodes, que foy El-Rey Hirtaco, o qual tirou também a vida ao mesmo Sam Mattheus, & estando sacrificando o Corpo de Christo, o fez victima de Christo. E para que dos exemplos do Mundo Velho passemos aos do Novo; nasceu Christo no Japão pela pregação, & milagres de Sam Francisco Xavier, & logo se levantará, não hum, senão muitos Herodes, que foraõ os Nabunangas, & Taicozamas, os quaes tanto sangue derramáraõ, & ainda derramaõ dos filhos, & successores do mesmo Xavier. Finalmente nasceu Christo na Conquista do Maranhão, que foy a ultima de todas as nossas; & para q̄ lhe não faltassem naquelle Belem, & fóra delle os seus Herodes, se levantará agora, & declararáõ côtra Christo em sy mesmo, & em seus Prêgadores, os que tã impia, & barbaramente, nam sendo barbaros, o perseguem. Asi n que não he coula no-

va, nem materia digna de admiração, que Christo, & os Prêgadores de sua Fê sejam perseguidos.

539 O que porẽm excede todo o espanto, & se não pôde ouvir sem horror, & affombro, he, que os perseguidores de Christo, & seus Prêgadores neste caso nam sejaõ os Infeis, & Gentios, senão os Christãos. Se os Gentios indomitos, se os Tãpuyas barbaros, & feros daquellas brenhas se armãram medonhamente contra os q̄ lhe vaõ pregar a Fê; se os cobriãõ de feras, se os fizeraõ pedaços, se lhe arrancãraõ as entranhas palpitantes, & as lançaãõ no fogo, & as comẽraõ; isso he o que elles já tem feito outras vezes, & o que là vaõ buscar, os que pelos salvar deixaõ tudo; mas que a estes homẽs com o caracter de Ministros de Christo os persigaõ gentilicamẽte os Christãos, quando essas mesmas feras se lhe humanaõ, quando esses mesmos barbaros se lhe rendem, quando esses mesmos Gentios os reverenceãõ, & adoraõ: Este he o mayor extremo de per-

perseguição, & a perseguição  
 mais feya, & afrontosa, que  
 nunca padecêo a Igreja. Nas  
 perseguições dos Neros, &  
 Dioclecianos, os Genticos  
 perseguiaõ os Martyres, & os  
 Christãos os adoravaõ; mas  
 nesta perseguição nova, &  
 inaudita, os Christãos são os  
 que perseguem os Prégadores,  
 & os Genticos os que os  
 adoraõ. Só na perseguição  
 de Herodes, & na paciencia  
 de Christo se achão juntos  
 estes extremos. No Evange-  
 lho temos a Christo hoje per-  
 seguido, & hoje adorado:  
 mas de quem adorado, & de  
 quem perseguido? Adorado  
 dos Genticos, & perseguido  
 dos Christãos; adorado dos  
 Magos, que eraõ Genticos, &  
 perseguido de Herodes, &  
 de toda Jersalem, que eraõ  
 os Christãos daquelle tem-  
 po.

540 Ninguém repare  
 em eu lhe chamar Christãos;  
 porque ha Christãos de Fé,  
 & Christãos de Esperança.  
 Os filhos da Igreja somos  
 Christãos de Fé, porque cre-  
 mos, que Christo já veyo: os  
 filhos da Synagoga eraõ  
 Christãos de Esperança, por-

que criaõ, & esperavaõ, que  
 Christo havia de vir. E que  
 homens, que criaõ em Chri-  
 sto, & esperavaõ por Christo,  
 & eraõ da mesma Naçam, &  
 do mesmo Sangue de Chri-  
 sto, perúgaõ tam barbaramen-  
 te a Christo: & que no mes-  
 mo tempo, para mayor esca-  
 dalo da Fé, & da natureza os  
 Magos o busquem, os Gen-  
 tios o creao, os idolatras o  
 adorem? Bem ditto se jáis,  
 Senhor, que tal contradicão  
 quizestes padecer, & bem-  
 ditto mil vezes pela parte q  
 vos dignastes communicar  
 della aos que tam indigna-  
 mente vos servem: Nam de  
 balde nos honraes co o no-  
 me de Companhia de Jesu,  
 obrigádonos a vos fazer cõ-  
 panhia no que padecestes  
 nascido debaixo do mesmo  
 nome: *Cum natus esset Jesu, in  
 Bethlehem Juda.* Vós em Be-  
 lem de Juda, para que os vos-  
 sos perseguidores fossem da  
 vossa mesma nação; nós em  
 Belem, não de Juda, para que  
 os nossos fossem tam-bem da  
 nossa: vós na mesma terra, &  
 no mesmo tempo persegui-  
 do de Herodes, & adorado  
 dos Magos; & nós tam-bem,

por-

por mercê vossa, no mesmo tempo, & na mesma terra perseguidos dos Christãos, & pouco menos que adorados dos Gentios. Assim o experimentação hoje os que por escapar à perseguição andam fugitivos por aquellas breñas, se bem fugitivos nam por medo dos homens, senão por amor de Christo, & por seguir seu exemplo. Daqui a poucos dias veremos fugir a Christo: mas de quem, & para quem? De donde, & para onde? Não se poderá crer, se o não mandara Deos, & o dissera hum Anjo. *Fuge*

*Matt.*  
2. 13. *in Ægyptum*: fugi para o Egypto, da terra dos Fieis para a terra dos Gentios: & para a terra daquelles mesmos Gentios, donde antigamente fugirão os filhos de Israel? Sim. Que tão mudados estão os tempos, & os homens, & a tanto chega a força da perseguição. *Futurum est enim, ut Herodes querat Puerum ad perdendū eum.* Foge Christo, & fogem os Pregadores de Christo, dos Fieis para os Infiéis, & dos Christãos para os Gentios;

*Matt.*  
2. 13.

*Ibid.*

porque os Christãos os deterrão, & os Gentios os amparaão; porque os Christãos os maltrataão, & os Gentios os defendem: porq̃ os Christãos os perseguem, & os Gentios os adoraão.

541 Nam foy grande maravilha, que Joseph prezou, & vendido de seus proprios Irmaos, os Egypcios o venerassem, & eltimassem tanto, & abaixo do seu Rey, o adorassem? Pois muyto mayor he a differença, que hoje experimentação entre aquelles Gentios os venturosos homiziados da Fé, que escapando das prizoens dos Christãos se retiraraão para elles. Os Egypcios, ainda q̃ Gentios, eraõ homẽs: aquelles Gentios, que hoje començaõ a ser homẽs, hontem eraõ feras. Eraõ aquelles mesmos barbaros, ou brutos, que sem uso de razão, nem sentido de humanidade, se fartavaõ de carne humana: que das caveiras faziaõ taças para lhe beber o sangue, & das canas dos ossos frutas, para festejar os convites. E estas são hoje as feras, que em vez de nos tirar a vida,

nos

nos acolhem entre sy, & nos veneraõ como os Leões a Daniel: estas as aves de rapina, que em vez de nos comem, nos sustentam, como os corvos a Elias: estes os monstros (pela mayor parte marinhos) que em vez de nos rugar, & digerir, nos metem dentro nas entranhas, & nelas nos conservaõ vivos, como a Balæa a Jonas. E se assim nos trataõ os Gentios, & as Nações Gentios, quando assim nos trataõ os Christaõs, & os Christaõs da nossa Nação; & do nosso sangue; quem se chamaõ assombra de huma tam grande differença?

## §. IV.

542 Vejo, que estaõ dizendo dentro de sy todos os que me ouvem, & tão mais, quanto mais admirados della mesma differença; que tam grandes effeitos nam podem nascer senaõ de grandes causas. Se os Christaõs perseguem os Prêgadores da Fé, alguma grãde causa tem para os perseguir. E se os Gêntios tanto os amaõ, & veneraõ, alguma causa tem, tambem grande, para os venerar, & amar. Que causas serãõ estas:

lito he o que agora se segue dizer. E se alguma vez me destes attençaõ, seja para estes dous pontos.

543 Começando pelo amor, & veneração dos Gentios, aquella Estrella, que trouxe os Magos a Christo, era huma figura celestial; & muito illustre dos Prêgadores da Fé. Assim o diz San Gregorio, & os outros Padres commumente; mas a mesma Estrella o disse ainda melhor. Que officio foy o daquella Estrella? Alumiar, guiar, & trazer homens a adorar a Christo, & nam outros homens, senaõ homens infieis, & idolatras, nascidos, & criados nas trevas da Gêntilidade. Pois esse mesmo he o officio, & exercicio naõ de quaesquer Prêgadores, de naõ daquelles Prêgadores, de que fallamos, & por isso propriamente Estrellas de Christo. Repara muito S. Maximo, em que esta Estrella, que guiou os Magos, se chame particularmente Estrella de Christo: *Stella ejus*: & argue assim. Todas as outras Estrellas nam são tambem Estrellas de Christo, q̄ como Deos as criou: Sim são. Pois por-

porque razaõ esta Estrella mais que as outras se chama especialmente Estrella sua: *Stella ejus*? Porque as outras Estrellas foraõ geralmente criadas para tochas do Ceo, & do mundo; esta foy criada especialmente para Prê-gadora de Christo. *Quia quã-vis omnes ab eo creatae stellae ipsius sint, haec tamen propria Christi erat, quia specialiter Christi nuntiabat adventum.* Muitas outras Estrellas ha naquelle Emisferio, muito claras nos resplandores, & muito uteis nas influencias, como as do Firmamêto; mas estas, de que fallamos, são propria, & especialmente de Christo, nam só pelo nome de Iesu, com que se professão por suas; mas porque o fim, o instituto, & o officio para que foraõ criadas, he o mesmo que o da Estrella dos Magos, para trazer Infeis, & Gêtios a Fê de Christo. Ora se estas Estrellas fossem tam diligentes, tam sollicitas, & tam pontuaes em acampañhar, & guiar, & servir aos Gentios, como a que acompanhou, guiou, & servio aos Magos; nam teriaõ os mes-

mos Gentios muita razaõ de as quererê, & estimarem, de sentirem muito sua falta, & de se alegrarem, & consolarerem muito cõ sua presença? Assim o fizeraõ os Magos, & assim o diz o Evangelista, naõ acabando de encarecer este contentamento: *Videntes autem stellam gavisifunt,* <sup>2</sup> *gaudio, magno, valde.* Pois vamos agora seguindo os passos daquella Estrella desde o Oriente até o Presépio, & veremos como as que hoje vemos tam mal vistas, & tam perseguidas, naõ só imitaõ, & igualaõ em tudo a Estrella dos Magos; mas em tudo a excedem com grandes vantagens.

544 Primeiramente dizem es Magos, que onde viraõ a Estrella foy no Oriete: *Vidimus stellam ejus in Oriente.* De maneira que podêdo a Estrella ser vista de muito longe, como se vem as outras Estrellas, ella os foy buscar à sua terra. Nesta diligencia, & neste caminho se avantejou muito a Estrella dos Magos aos Anjos, que appareçraõ aos Pastores. Os Anjos tambem alumiaõ aos Pa-  
sto;

flores : *Claritas circumfulsit illos* : & tambem lhe annunciaraõ o nascimẽto de Christo : *Evangeliço vobis gaudiũ magnum, quia natus est vobis hodie Salvator* : mas essa luz, & esse Evangelho aonde o levãraõ os Anjos ? Não às terras do Oriente, ou a outras remotas, como a Estrella; mas a quatro passos da Cidade de Belem, & nos mesmos arrebaldes della, hum transito muito breve: *Transcimus usque Bethlehem*. E quanto vay de Belem ao Oriente, tanto vay de hum evãgelizar a outro. Isto he comparando a Estrella com os Anjos, & muito mais se a compararmos com os mesmos Pastores. Estes Pastores de Belem saõ os mais celebrados da Igreja, & os que ella allega por exemplo, & propoem por exẽplar aos Pastores das Almas. Mas que fizeraõ, ou que faziãõ estes bons Pastores ? *Pastores erant in regione eadem custodientes vigiliis noctis super gregẽ suum*. Eraõ tam vigilantes, & cuidadosos do seu gado, que com ser à meya noite, nam dormiaõ, senam que o estavaõ guardã-

do, & velando sobre elle. Muito bem. Mas nam sey se advertis o que nota o Evangelista acerca do lugar, & acerca do gado. Acerca do lugar, diz q̃ estavaõ na mesma regiaõ : *Et pastores erant in regione eadem* : & acerca do gado, diz que as ovelhas eraõ suas : *Super gregẽ suum*. E em ambas estas cousas consistia a ventagem, que lhe fez a Estrella. Os Pastores estavaõ na sua regiaõ, & a Estrella foy a regioens estranhas: elles guardavaõ as ovelhas suas, & ella foy buscar ovelhas para Christo. E guardar as suas ovelhas na sua regiaõ, ou ir buscar ovelhas para Christo a regioens estranhas; bem se vê quanto vay a dizer.

545 Mas ainda que tudo isto fez a Estrella dos Magos, saltoulhe muito para se igualar com as nossas Estrellas. Ella foy buscar Gêtios a huma regiaõ remota, mas distante sómente treze dias de caminho: as nossas vão buscar em distancia de mais de mil legoas de mar, & por rios, que sãõ o das Amazonas, sen se lhe saber

naí

naſcimento, tem quatro mil de corrente. A Eſtrela dos Magos nunca ſahio do ſeu elemento: as noſſas já no da terra, já no da agua, já no do ar, & dos vêtos ſoportaõ os perigos, & rigores de todos. A dos Magos caminhou da Arabia à Meſopotamia ſempre dentro dos meſmos orizontes: as noſſas vão do ultimo Cabo da Europa ao mais interior da America, dando volta a meyo mundo, & paſſando deſte emisferio aos Antipodas. Finalmente (para que ajuntemos à diſtancia a differença das terras) a Eſtrela dos Magos hia com elles para a Terra de Promiſſão, a mais amena, & deliciſa, que creou a natureza: as noſſas deſtterraõ ſe para toda a vida em companhia de degradados, nam como elles, para as Colonias maritimas, onde os ares ſão mais benignos; mas para os certoens habitados de feras, & minados de bichos venenofos, nos climas mais nocivos do Zona Torrida. Não he porẽm eſte o mayor trabalho.

546 *Vidimus ſtellam  
ejus. Perguntõ aqui os In-*

terpretes, porque ma...  
Chriſto aos Magos hum  
Eſtrela, & nam hum Anjo,  
ou hum Profeta? Os Prote-  
tas ſão os Embaixadores or-  
dinarios de Deos, os Anjos  
os extraordinarios, & tal era  
eſta embaixada. Porque não  
mandou logo Chriſto aos  
Magos hum Anjo, ou hum  
Profeta, ſenaõ huma Eſtrel-  
la? Arazaõ foy (dizem to-  
dos) porque era convenien-  
te, que aos Magos ſe enviaſ-  
ſe hum Embaixador, que lhe  
fallaſſe na ſua propria lin-  
gua. Os Magos e aõ Aſtro-  
logos: a lingua, por onde os  
Aſtrotologos entendem o que  
diz o Ceo, ſão as Eſtrelas:  
& tal era eſta meſma Eſtrel-  
la, à qual chama Santo Agu-  
ſtinho, *Lingua cali*: lingua  
do Ceo: pois vã hũa Eſtrela  
aos Magos, para que ella lhe  
falla na lingua, & q̄ elles en-  
tendem. Se eu nam entendo  
a lingua do Gentio, nem o  
Gentio entende a minha, co-  
mo o hey de converter, &  
trazer a Chriſto? Por iſſo te-  
mos por regra, & iſtituto  
aprender todos a lingua, ou  
linguas da terra, onde imos  
pregar; & eſta he a mayor  
diffi-



difficuldade, & o mayor trabalho daquella espiritual cõquista, & em que as nossas Estrellas excedem muito a dos Magos. Notay. Os Magos entendiaõ a lingua da Estrella, & o que ella lhes dizia; mas porque a entendeaõ? Porque como Astrologos que eraõ, pelos livros dos Caldèos sabião q̄ aquella Estrella era nova, & nunca vista: & como discipulos q̄ tambem eraõ de Balam, sabião pelos livros da Escritura, que huma Estrella nova, que havia de apparecer, era sinal da vinda, & nascimento do Messias descendente de Jacob: *Orietur stella ex Jacob*: & por esta sciencia adquirida cõ dobrado estudo poderaõ alcançar, & entender o que a Estrella significava, & lhe dizia. Cã nam he assim, senam às aveças. Lã para entender a Estrella, estudavaõ os Magos; cã para entender o Gentio, haõ de estudar as Estrellas. Nõs, que os imos buscar, somos os que lhe havemos de estudar, & saber a lingua. E quanta difficuldade, & trabalho seja haver de aprender hum Eu-

ropeo, nam com mestres, & com livros, como os Magos, mas sem livro, sem mestre, sem principio, & sem documento algum, nam huma, senaõ muitas linguas barbaras, incultas, & horridas: só que o padece, & Deos por quem se padece, o sabe.

547 Quando Deos confundio as linguas na Torre de Babel, ponderou Philo Hebrèõ, que todos ficãram mudos, & surdos, porque ainda que todos fallavaõ, & todos ouviaõ, nenhum entedia o outro. Na antiga Babelouve setenta & duas linguas: na Babel do Rio das Almazonas jã se conhecem mais de cento & sincoenta, tam diversas entre sy como a nossa, & a Grega; & assim quando lã chegamos, todos nõs somos mudos, & todos elles surdos. Vede agora quanto estudo, & quãto trabalho serã necessario, para q̄ estes mudos fallem, & estes surdos ouçaõ. Nas terras dos Tyrios, & Sydonios, que tãbem eraõ Gentios, trouxeram a Christo hum mudo, & surdo para que o curasse; & diz Sam Marcos; que o Se-

nhor se retirou cõ elle a hũ lugar apartado, que lhe meteo os dedos nos ouvidos, q̃ lhe tocou a lingua com saliva tirada da sua, que levatou os olhos ao Ceo, & deu grãdes gemidos, & entã fallou o mudo, & ouviu o surdo:

*Marc. Apprehendens eum de turba*  
7.33. *seorsum, misit digitos suos in*

34 *auriculos ejus, & expuens, tetigit linguam ejus, & suspiciens in celum, ingemuit, & ait illi:*

*Ephetha, quod est adaperire.* Pois se Christo fazia os outros milagres tam facilmente, este de dar falla ao mudo, & ouvidos ao surdo, como lhe custa tanto trabalho, & tantas diligencias? Porque todas estas são necessarias a que ha de dar lingua a estes inudos, & ouvidos a estes surdos. He necessario tomar o barbaro à parte, & estar, & instar com elle muito só por só, & muitas horas, & muitos dias: he necessario trabalhar com os dedos, efcreverendo, apontando, & interpretando por acenos o que se não pôde alcançar das palavras: he necessario trabalhar com a lingua, dobrandoa, & torcendoa, & dando-lhe mil

voltas, para que chegue a pronunciar os accentos tam duros, & tam estranhos: he necessario levantar os olhos ao Ceo, hũa, & muitas vezes com a oraçãõ, & outras quasi com desesperaçãõ: he necessario finalmente gemer, & gemer com toda a Alma: gemer cõ o entendimento; porque em tanta escuridade não vê fãida; gemer com a memoria, porque em tanta variedade não acha firmeza; & gemer atẽ com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tãtas difficuldades desfalece, & quasi desfama. Em fim cõ a pertinacia da industria ajudada da Graça Divina fallaõ os mudos, & ouvem os surdos; mas nem por isso cessaõ as razõens de gemer; porque cõ o trabalho deste milagre ser tam semelhante ao de Christo, tem muy diferente ventura, & muy outro galardão do que elle teve. Vendo os circunstantes aquelle milagre começãram a aplaudir, & dizer: *Bene omnia fecit, & surdos fecit audire, & mutos loqui*, nam ha duvida, q̃ este Profeta tudo faz bem, porq̃ faz

faz ouvir os surdos, & fallar  
 os mudos. De maneira que  
 Christo bastoulhe fazer fal-  
 lar hum mudo, & ouvir hum  
 surdo, para dizerem que tu-  
 do fazia bem feito; & a nós  
 nam nos basta fazer o mes-  
 mo milagre em tantos mu-  
 dos, & tantos surdos, para q̃  
 nos nam tenhaõ por malfei-  
 tores. Mas vamos seguindo  
 a Estrella.

548 Quando os Magos  
 chegãram a vista de Jerusa-  
 lem, escondese a Estrella: &  
 esta foy a mais bizarra acção  
 & a mais luzida, que eu del-  
 la confidero. Basta, Luzeiro  
 celestial, que sois Estrella de  
 Reys, & escondeifvos, & fu-  
 gis da Corte? Ainda nam  
 entrastes nella, & já a conhe-  
 ceis? Mas bem mostrais  
 quanto tendes de Deos, &  
 quanto o quereis servir, &  
 louvar todas as Estrellas,  
 como diz David, louvam a  
 Deos: *Laudate eum omnes  
 stelle, & lumen*: mas o mes-  
 mo Deos disse a Job, que os  
 louvores das Estrellas da ma-  
 nhaã eraõ os que mais lhe a-  
 gradavam: *Cum me laudarēt  
 astra matutina*. E porque  
 agradam mais a Deos os lou-

vores das Estrellas da ma-  
 nhaã, que os das Estrellas da  
 noite? Porque as Estrellas  
 da noite louvem a Deos lu-  
 zindo, as Estrellas da ma-  
 nhaã louvam a Deos escon-  
 dendose: as Estrellas da noi-  
 te communicam as influen-  
 cias, mas conservam a luz: as  
 Estrellas da manhaã perdem  
 a luz para melhor lograr as  
 influências: Em fim as Estrel-  
 las da noite luzem, porque  
 estam mais longe do Sol; as  
 Estrellas da manhaã escon-  
 demse, porque estaõ mais  
 perto. Isto he o que fez a  
 Estrella dos Magos, mas por  
 poucas horas: as nossas por  
 toda a vida. A Estrella dos  
 Magos quando se escondêo,  
 não luzio, mas não alumiou:  
 as nossas escondemse onde  
 alumiaõ, & nam luzem: a  
 dos Magos alumiaua, onde a  
 viaõ os Reys: *Vidimus stel-  
 lam ejus*: as nossas alumiam  
 onde nam são vistas, nem o  
 põdem ser; no lugar mais  
 desluzido, & no canto mais  
 escuro de todo o mundo. E  
 isto he verdadeiramente es-  
 conderse, porque nam só he  
 desterrar-se para sempre, mas  
 enterrar-se.

549 Assim esteve escondida a Estrella, em quanto os Magos se detiverão em Jerusaleem; mas tanto que sahiram para continuar seu caminho; logo tornou a se descobrir, & apparecer: *Et ecce stella, quam viderant in Oriente, antecedebat eas.* Reparay no *Antecedebat.* Hia a Estrella diante, mas de tal maneira diante, que sempre se acomodava, & em tudo ao passo dos que guiava. *Ambulate Mago stella ambulat, sedente stat, dormiente excubat:* diz S. Pedro Chryzologo. Quando os Magos andavam, andava a Estrella; quando se assentavam, parava; quando dormiam, velava; mas nam dava hum passo mais que elles. Pedêra a Estrella fazer todo aquelle caminho do Oriente ao Occidente em dous momentos: *Sicut fulgur exit ab Oriente, & parat usque ad Occidentem.* E que ella contra a sua velocidade natural, já movendose vagarosa, & tardamente; já parando, & ficando immovel, se fosse acomodando, & medindo em tudo com a condiçam, & fraqueza daquelles, a quem

guiava, quanto, quando, & como elles podiam, grande violencia? E mais se levantasse os olhos ao Firmamento, & visse, q̄ as outras do seu nome davaõ volta ao mundo em vinte & quatro horas, & ella quasi parada. Mas assim faz, & deve fazer quem tem p̄r officio levar Almas a Christo. Aquelles quatro animaes do Caro de Ezechiel, que olhavam para as quatro partes do mundo, & significavam os quatro Evangelistas, todos tinham azas de Aguia: mas nota o Texto, que os pés, com que andavam, eraõ de Boy: *Et planta pedis eorum, quasi planta pedis vituli.* E que se haja de mover a passo de Boy quem tem azas, & azas de Aguia? Sim: que isso he ser Evangelista, isso he ter officio de levar o Evangelho a gentes estranhas, & isso he o que fez a Estrella: *Antecedebat eos.*

550 Mas estes (eos) que eram? Aqui está a differença daquella Estrella às nossas. A Estrella dos Magos acomodavase aos Gentios, q̄ guiava; mas esses Gentios eraõ os Magos do Oriente, os

Matt.  
2. 9.

Matt.  
24. 27

homens mais sabios da Cal-  
dèa, & os mais doutos do  
mundo: porèm as nossas Es-  
trellas depois de deixarem as  
cadeiras das mais illustres  
Vniuersidades de Europa  
( como muitos delles deixã-  
ram ) accomodaõse à gente  
mais sem entendimento, &  
sem discurso, de quantas cri-  
ou, ou abortou a natureza, &  
a homens, de quem se duvi-  
dou se eraõ homens, & foy  
necessario, que os Pontifices  
dissinisse[m] que eraõ racio-  
naes, & não brutos. A Estrel-  
la dos Magos parava, sim;  
mas nunca tornou atrás: as  
nossas Estrellas tornam hũa,  
& mil vezes a delandar o já  
andado, & a ensinar o já ensi-  
nado, & a repetir o já apre-  
ndido, porque o barbaro bu-  
çal, & rude, o Tapuya cerra-  
do, & bruto, como nam faz  
inteiro entendimento, nam  
imprime, nem retem na me-  
moriam. Finalmente para o  
dizer em huma palavra, a  
Estrella dos Magos guiava a  
homens, que caminhavam  
nos Dromedarios de Ma-  
dian, como antevio Isaias:  
*Dromedarij Madian, &  
Epha: omnes de Sabba veniēt,*

*auram, & thus deferentes: &  
accomodar-se ao passo dos  
Dromedarios de Madian, ou  
ao sono das Preguiças do  
Brasil, bem se vê a differen-  
ça.*

551 Ainda a palavra  
( *eos non insinua outra, que  
se nam deve passar em silen-  
cio. A Estrella, guia, & prê-  
gadora dos Magos, conver-  
têo, & trouxe a Christo Al-  
mas de Gentios; mas de que  
Gentios, & que Almas? Al-  
mas illustres, Almas coroa-  
das, Almas de Gentios Reys:  
as nossas Estrellas també tra-  
zem a Christo, & convertem  
Almas; mas Almas de gente  
onde nunca se vio cetro, nem  
coroa, nem se ouvio o nome  
de Rey. A lingua geral de  
toda aquella Coiça carece de  
tres letras. F.L.R. De F. por-  
que nam tem Fê, de L. por-  
que nam tem Ley, de R. por-  
que nam tem Rey: & esta he  
a policia da gente, com que  
tratamos. A Estrella dos  
Magos fez a sua missãõ entre  
purpuras, & brocados, entre  
pêrolas, & diamantes, entre  
ambares, & calábucos; em fim  
entre os thesouros, & delicias  
do Oriēte: as nossas Estrellas*

fazem as suas missoens entre as pobrezaas, & desemparos, entre os ascos, & as miserias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantos nasceram no mudo. Huma gente, com quem me- teo tam pouco cabedal a natureza, com quem se empenhou tam pouco a arte, & a fortuna; que huma arvore lhe dà o vestido, & o sustêto, & as armas, & a casa, & a embarcaçam. Com as folhas se cobrem, com o fruto se sustentam, com os ramos se ar- maõ, com o tronco se abri- gaõ, & sobre a casca nave- gaõ. Estas são todas as Al- fayas daquella pobrissima gente; & quem busca as Al- mas destes corpos, busca só Almas. Mas porque o mun- do nam sabe avaliar esta ac- çaõ, como ella merece, ouça o mesmo mundo o preço, em que a estimou quem só a pô- de pagar.

552 Quando o Bauti- sta mandou seus discipulos q̄ fõssẽ perguntar a Christo, se era elle o Messias, a resposta do Senhor foy esta: *Euntes, Mat. 11. 4. renũtiãte Joanni, que audistis,*

*& vidistis: ide, dizey a Joaõ o que visteis, & ouvistes. E que he o que tinhaõ visto, & ouvido? O que tinham vi- sto, era que os cegos viaõ, os mancõs andavaõ, os leprofos saravaõ, os mortos resuscita- vaõ: Cæci vident, claudi am- bulant, leprosi mundantur, mor- tui resurgunt. E nam basta- vam todos estes milagres vi- stos para prova de ser Chri- sto o Messias? Sim bastavaõ: mas quiz o Senhor acrescen- tar ao que tinham visto, o q̄ tinham ouvido, porque ain- da era mayor prova, & mais certa. O que tinhaõ ouvido os discipulos do Bautista, era que o Evangelho de Christo se prégava aos pobres: *Pau- peres evangelizantur: & esta foy a ultima prova, com que o Redemptor do mundo ca- lificou a verdade de ser elle o Messias; porque prégãr o E- vangelho aos pobres, aos mi- seraveis, aos que não tem na- da do mundo, he açã tam propria do espirito de Chri- sto, que depois do testimo- nho de seus milagres a poz o Filho de Deos por sello de todos elles. O fazer mila- gres, pôdeo attribuir a malicia**

cia a outro espirito; e o evangelizar aos pobres, nenhuma malicia pôde negar que he espirito de Christo.

553 Finalmente acabou a Estrella o seu curso: parou; mas onde foy parar? *Vsque dum veniens staret supra ubi erat Puer.* Foy parar em hum Presépio, onde estava Christo sobre palhas, & entre brutos, & alli o deo a conhecer. Oh que Estrella tam santa, & tam discreta! Estrella que nam quer apparecer em Jerusaleem, & se vay parar no Presépio: Estrella, que antes quer estar em huma choupana com Christo, que em hũa Corte sem elle? Discreta, & santa Estrella, outra vez! Mas mais discretas, & mais fantas as nossas. A razã he clara. Christo naquelle tẽpo estava no Presépio, mas nam estava na Corte de Jerusalẽ: de forte, que se a Estrella quizesse ficar na Corte, havia de ficar sem Christo. Nas Cortes da Christandade não he assim. Em todas as Cortes està Christo, & em todas se pôde estar com Christo. Agora vay a differença, & a ventagem. Trocar Jerusaleem

pelo Presépio, & querer antes estar em huma choupana com Christo, que em huma Corte sem elle, não he fineza, he obrigaçam; & isso fez a Estrella dos Magos. Mas querer antes estar no Presépio com Christo, que em Jerusaleem com Christo: querer antes estar na choupana com Christo entre brutos, que na Corte com Christo entre Principes: isto he nam só deixar a Corte pelo Presépio, senão deixar a Christo por Christo, & o seu mayor serviço pelo menor. Deixar a Christo onde està acompanhado, para o acompanhar onde està só: deixar a Christo onde està servido, para o servir onde està desemparrado, deixar a Christo onde està conhecido, para o dar a conhecer onde o não conhecem.

554 A Estrella dos Magos tambem deo a conhecer a Christo; mas a quãtos homens, & em quanto tempo? A tres homens, & em dous annos. Essa foy a razã porque Herodes mandou matar todos os Innocentes de dous annos para baixo, conforme

o tempo em que a Estrella  
 tinha apparecido aos Ma-  
 gos : *Secundum tempus, quod*  
*Mat. 2. 16. exquisierat à Magis.* Vede a-  
 gora quanto vay daquella  
 Estrella às nossas Estrellas, &  
 da sua missão às nossas. Deixadas as mais antigas, fizeram-se ultimamēte duas, hũa pelo Rio dos Tocantins, outra pelo das Almazonas : & com que effeito? A primeira reduzio, & trouxe a Christo a Naçam dos Topinambáz, & a dos Pochiguãras; a segunda pacificou, & trouxe à mesma Fê a Naçam dos Nheengãbas, & ados Mameyanazes; & tudo isto em espaço de seis mezes. De maneira, que a Estrella dos Magos em dous annos trouxe a Christo tres homens, & as nossas em meyo anno quatro Naçoens. E como estes Prêgadores da Fê por officio, por instituto, por obrigação, & por charidade, & pelo conhecimento, & fama geral, que tem entre aquelles barbaros, os vão buscar tam longe, com tanto zelo, & lhes fallaõ em suas proprias linguas com tanto trabalho, & se accomodaõ à sua capa-

cidade com tanto amor, & fazê por elles tantas outras finezas, que até nos brutos animaes costumão achar agradecimento; nam he muito que elles os amem, que elles os estimem, que elles os defendão, & que antes, ou depois de conhecerem, & adorarem a Christo, quasi os adorem.

## §. V.

555 Agora se segue em contraposiçam admiravel, ou estupenda (& por isso mais digna de attençaõ) ver as causas porque os Christãos perseguem, aborrecem, & lançaõ de sy estes mesmos homens. Perseguirẽ os Christãos a quem defendem os Gentios, aborrecerem os do proprio sangue a quem amaõ os estranhos, lançaõ de sy os que tẽ uso de razaõ a que recolhem, abraçam, & que-rem cõsigo os barbaros; coufa era incrível, se não estivesse tam experimentada, & tam vista. E supposto que he assim, qual pôde ser a causa? Com serem tam notaveis os effeitos, ainda a causa he mais



notavel. Toda a causa de nos perseguirẽ aquelles chamados Christaõs, he porque fazemos pelos Gentios o q̃ Christo fez pelos Magos.

*Procidentes adoraverunt eum: & responsõ accepto ne redirẽt ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in Regionẽ suam.*

Toda a Providencia Divina para com os Magos cõsistio em duas acçoens: primeira, em os trazer aos pès de Christo por hum caminho: segunda, em os livrar das mãos de Herodes por outro. Nam fora grande semrazaõ, nam fora grande injustiça, nam fora grande impiedade, trazer os Magos a Christo, & depois entregãlos a Herodes: Pois estas faõ as culpas daquelles Prégadores de Christo, & esta a unica causa, porque se vem, & os vedes tam perseguidos. Querem que tragamos os Gétios à Fé, & que os entreguemos à cubiça: querem que tragamos as ovelhas ao rebanho, & que as entreguemos ao cutello: querem que tragamos os Magos a Christo, & que os entregamos a Herodes. E porque encontramos esta semrazaõ, nõs somos os

defarrezoados: porque resistimos esta injustiça, nõs somos os injustos: porque cõtradizemos esta impiedade, nõs somos os impios.

556 Acabe de entender Portugal, que não pôde haver Christandade, nem Christandades nas Conquistas, sem os Ministros do Evangelho terẽ abertos, & livres estes dous caminhos, que hoje lhes mostrou Christo. Hũ caminho para tazerem os Magos à adoraçaõ, & outro para os livrarem da perseguiçaõ: hum caminho para trazerem os Gétios à Fé, outro para os livrarẽ da tyrannia: hum caminho para lhe salvarem as Almas, outro para lhe libertarem os corpos. Neste segundo caminho està toda a duvida, porque nelle consilte toda a tentaçam. Querem que aos Ministros do Evangelho pertença sò a cura das Almas, & que a servidaõ, & cativoiro dos corpos seja dos Ministros do Estado. Isto he o que Herodes queria. Se o caminho, por onde se salvãraõ os Magos, estivera à conta de Herodes, muito boa conta daria delles: a que deu dos Innocen-

centes. Não he esse o governo de Christo. A mesma Providencia, que teve cuidado de trazer os Magos a Christo por hum caminho, essa mesma teve o cuidado de os livrar, & pôr em salvo por outro: & querer dividir estes caminhos, & estes cuidados, he querer que não haja cuidado, nem haja caminho. Ainda que hum destes caminhos pareça só espiritual, & o outro temporal, ambos pertencem à Igreja, & as Chaves de Sam Pedro, porque por hum abremse as portas do Ceo, & por outro fechaõse as do Inferno. As Igrejas novas haõse de fundar, & estabelecer, como Christo fundou, & estabeleceu a Igreja universal, quanto tambem era nova. Que disse Christo a Sam Pedro?

*Mat. Super hanc petram edificabo*  
 16.18 *Ecclesiam meam: Tibi dabo*  
 19. *claves Regni calorũ: & porte inferi non praevalerunt adversus eam.* Que importa, que Pedro tenha as chaves das portas do Ceo, se prevalecerem contra elle; & contra a Igreja as portas do Inferno? lito não he fũdar noya Igreja,

he destruilla em seus proprios fundamentos.

557 Não sey se reparais em que deo Christo a Sam Pedro não só chave, senam chaves: *Tibi dabo claves.* Para abrir as portas do Ceo, bastava huma só chave: pois porque lhe dà Christo duas? Porque assim como ha caminhos contra caminhos, assim ha portas contra portas: *Portae inferi non praevalerunt adversus eam.* Ha caminhos contra caminhos; porque hum caminho leva a Christo, & outro pôde levar a Herodes: & ha portas contra portas; porque humas são as portas do Ceo, & outras as portas do Inferno, que o encontraõ. Por isso he necessario, que as chaves sejaõ duas, & que ambas estejaõ na mesma maõ. Huma com que Pedro possa abrir as portas do Ceo, & outra com que possa afferrolhar as portas do Inferno: huma com que possa levar os Gentios a Christo, & outra com que os possa defender do demonio, & seus ministros. E toda a teima do mesmo demonio, & do mesmo Inferno, he que

estas chaves, & estes poderes se dividiaõ, & que estejaõ em diferentes maõs.

558 Naõ o entenderãõ assim os Senhores Reys, que fundarãõ aquellas Christianidades, & todas as das nossas Conquistas, os quaes sempre uniraõ hum, & outro poder, & o fiarãõ sómente dos Ministros do Evangelho; & a razaõ Christãã, & politica, que para isso tiverãõ, foy por terem conhecido, & experimentado, que só quem converte os Gêtios, os zela, & os defende: & que assim como dividir as Almas dos corpos, he matar, assim dividir estes dous cuidados, he destruir. Por isso estaõ destruidas, & deshabitadas todas aquellas terras em tam poucos annos: & de tantas, & tam numerosas Povoações, de que sò ficarãõ os nomes, naõ se vem hoje mais que ruinas, & cemeterios. Necessario he logo naõ só para o espirital, senãõ tambem para o tẽporal das Conquistas, que os mesmos, que edificaõ aquellas novas Igrejas, assim como tem o zelo, & a arte para as edificar, tenhaõ juntamente

o poder para as defender. Quando os Israelitas reedificavaõ o Templo, & Cidade de Jerusalem, diz a Escritura sagrada, que cada hum dos officiaes com huma maõ fazia a obra, & na outra tinha a espada: *Vna manu faciebat 2. Esopus, & altera tenebat gla. dr. 4. dium.* Pois naõ era melhor 17. trabalhar cõ ambas as maõs, & fariaõ muito mais? Melhor era; mas naõ podia ser: porque naquella mesma terra moravaõ os Samaritanos, os quaes, ainda que diziam que criaõ em Deos, resficiaõ, & faziaõ cruel guerra à edificação do Templo; & como aos Israelitas lhe impediraõ a obra; era forçãõ fazella com huma maõ, & defendella com a outra, sopena de naõ ir a fabrica por diante. O mesmo lhe acontece aos edificadores daquellas novas Igrejas. Muito mais se obraria nellas, se naõ fosse entre inimigos, & entre homens de meya fé, quaes eraõ os Samaritanos. Mas como estes com todas as forças do seu poder (ou do poder, que naõ he, nem pòde ser seu) impedem o edificio; he necessaria-

cessario trabalhar, & junta-  
mête defender. E se os mes-  
mos trabalhadores nam tive-  
rem espada, com que defen-  
daõ o que trabalhaõ, não só  
parará, como está parada, a  
obra; mas perderseha, como  
se vay perdendo, quanto cõ  
tãto trabalho se tem obrado.

559 Sim. Mas a espada  
he instrumento profano, &  
leigo, & não diz bem em  
mãos sagradas. Primeiramê-  
te quê poz a espada na mão  
dos que edificavaõ o Tem-  
plo, foy Nehemias, o mais  
sabio, o mais santo Principe,  
& o mais zelador da honra  
de Deos, que entãõ havia no  
mundo. E se alguém tem os  
olhos tam delicados, que os  
offe nda esta apparencia (que  
não he razaõ, senãõ pretexto)  
aparteos hum pouco de  
nõs, & pønhaos em São Pau-  
lo. Nam vedes a Sam Pau-  
lo com a espada em huma  
mão, & o livro na outra?  
Estes são os istrumentos, &  
as insignias, com q̄ nos pinta,  
& represêta a Igreja aquelle  
grãde homẽ, por antonomas-  
ia chamado o Apostolo. E  
porque? Porque traz Paulo  
em huma mão o livro, nou-

tra a espada? Porque Paulo  
entre todos os outros Apo-  
stolos foy o vaso de eleiçaõ  
escolhido particularmente  
por Christo para Prêgador  
dos Gentios: *Vas electionis  
est mihi iste, ut portet nomen  
meum coram gentibus*: & quê  
tem por officio a prêgaçaõ,  
& conversaõ dos Gentios, ha  
de ter o livro em huma mão,  
& a espada na outra: o livro  
para os doutrinar, a espada  
para os defender. E se esta  
espada se tirar da mão de  
Paulo, & se meter na mão de  
Herodes, que succederã?  
Nadarã todo Belem em fan-  
gue innocente: & isso he o q̄  
vemos.

560 Mas porque não  
faça duvida o nome de espa-  
da, troquemos a espada em  
cajado, que he instrumento  
proprio dos Pastores (co-  
mo alli fomos.) E respondey-  
me. Quem tem obrigaçam  
de apascentar as ovelhas? O  
Pastor. E quem tem obriga-  
çaõ de defender as mesmas  
ovelhas dos lobos? O Pastor  
tambem. Logo o mesmo Pa-  
stor, que tem o cuidado de  
as apascentar, ha de ter tam-  
bem opoder de as defender.

Esse

Esse he o officio do Pastor, & esse o exercicio do cajado. Lançar o cajado á ovelha para a encaminhar, & terçallo contra o lobo para a defender. E vòs quereis, que este poder esteja em huns, & aquelle cuidado em outros. Não seja isso côselho dos lobos! Quando David andava no campo apascentando as suas ovelhas, & vinha o uffo, ou o leão para lhas comer, q̄ fazia? Hia a Jerusaleem butcar hum Ministro d'ElRey Saul, para que lhas viesse defender? Não seria David, nem Pastor, se assim o fizesse. Elle era o que as apascentava, & elle o que as defendia. E defendia-as de tal sorte, que das gragantas, & das entranhas das mesmas feras as arrancava: porque se o lobo, ou o leão lhe tinha engolido o cordeiro pela cabeça, tiravalho pelos pès, & se lho engolia pelos pès, tiravalho pelas orelhas. Assim diz o Profeta Amòs (como què tinha exercitado o mesmo officio) que faz, & deve fazer quam he Pastor: *Quomodo servat Pastor de ore leonis duo crura, aut extremum*

*auricule.*

561 E porque algum Politico mão Grammatico, & peor Christão, não cuida, que a obrigação do Pastor he fômente apascentar, como parece o que significa a derivação do nome; sayba, que só quem apascenta, & defende, he Pastor, & quem nam defende, ainda que apascenta, não. Faz Christto comparação entre o Pastor, & o Mercenario, & diz assim: *Bonus Pastor animam suam* Joan. 10.11 *dat pro ovibus suis: o bom Pastor defende as suas ovelhas, & dà por ellas a vida, se he necessario. Mercenarius autem, & qui non est Pastor: porèm o Mercenario, & o q̄ não he Pastor, que faz? Videt lupum venientem, & fugit, & lupus rapit, & dispergit oves: Quando vê vir o lobo para o rebanho, foge, & deixa-o roubar, & comer as ovelhas. O meu reparo agora, & grande reparo, he dizer Christto, que o Mercenario não he Pastor: Mercenarius autem, & qui non est Pastor. O Mercenario, como diz o mesmo nome, he aquelle, q̄ por seu jornal apascenta as*  
 ove-

ovelhas. Pois se o Mercenario tambem apascêta as ovelhas; porque diz Christo, que não he Pastor: Porque ainda que as apascenta, não as defende: vê vir o lobo, & foge. E he tão essencial do Pastor o defender as ovelhas, q se as defende, he Pastor; se as não defende, não he Pastor: *Non est Pastor*. Como Christo tinha fallado em bõ Pastor, cuidava eu que havia de fazer a cõparaçam entre bom Pastor, & mão Pastor; & dizer, que o bõ Pastor he aquelle, que defende as ovelhas, & o mão Pastor aquelle que as não defende. Mas o Senhor não fez a comparaçãõ entre ser bom, ou ser mão, senãõ entre ser, ou não ser. Diz, que o que defende as ovelhas, he bom Pastor, & não diz, que o que as não defende, he mão Pastor: porque? Porque o que não defende as ovelhas, não he Pastor bom, nem mão. Hum lobo não se pôde dizer, que he bom homem, nem que he mão homem, porque não he homem. Da mesma maneira o que não defende as ovelhas, não se pôde dizer que he bom Pastor, nem mão Pa-

stor; porque não he Pastor: *Non est Pastor*. E sendo assim, que a essencia do Pastor consiste em defender as ovelhas dos lobos; não seria cousa muito para rir, ou muito para chorar, que os lobos pozessem pleito aos Pastores, porque lhe defendê as ovelhas? Là dizem as Fabulas, que os Lobos se quizeraõ concertar com os Rafeiros; mas que citassem aos Pastores, se lhe quizessem armar demanda, porque lhe defendiaõ o rebanho. Isto não o differaõ as Fabulas, dilohaõ as nossas Hyistorias.

562 Mas quando differem isto dos lobos, tambem dirãõ dos Pastores, que muitos deraõ as vidas pelas ovelhas: huns afogados das ondas, outros comidos dos barbaros, outros mortos nos cercoens de puro trabalho, & desamparo. Dirãõ, que todos expuzeraõ, & sacrificãram as vidas pelos bosques, & pelos desertos entre as serpentes; pelos lagos, & pelos rios entre os Crocodilos; pelo mar, & por toda aquella Costa, entre parceis, & baxios os mais arriscados, & cegos de todo o

Oceano. Finalmente dirão , que foraõ perseguidos , que foraõ prezos , que foram desterrados ; mas nam dirãm , nem poderãm dizer, que faltassem à obrigaçam de Pastores , & que fugissem dos lobos , como Mercenarios : *Mercenarius autem fugit*. E esta he a razaõ, & obrigaçoã, porque eu fallo aqui , & fallo tam claramente. S. Gregorio Magno commentado estas mesmas palavras : *Mercenarius autem fugit* : diz assim : *Fugit , quia injustitiam vidit, & tacuit : fugit, quia se sub silentio abscondit*. Sabeis , diz o supremo Pastor da Igreja , quando foge o que nam he verdadeiro Pastor ; foge quando vê as injustiças , & em vez de bradar contra ellas , as calla : foge , quando devendo fair a publico em defenfa da verdade , se esconde , & esconde a mesma verdade debaixo do silencio. Bem creyo , que alguns dos que me ouvem , teriam por mais modestia , & mais decencia , que estas verdades , & estas injustiças se calassem : & eu o faria facilmente como Religioso , sem pedir grandes

foccorros à paciência ; mas que seria , se eu affirm o fizesse ? Seria ser Mercenario , & nam Pastor : *Fugit, quia mercenarius est* : seria ser confessor das mesmas injustiças que vi , & estando tam longe , não pudo atalhar : *Fugit, quia injustitiam vidit, & tacuit* : seria ser proditor das mesmas ovelhas , que Christo me entregou , & de que lhe hey de dar conta nam as defendendo , & escondendome onde só as posso defender : *Fugit, quia se sub silentio abscondit*.

## S. VI.

563 E porque na appellaçam deste pleito , em que a injustiça , & violencia dos lobos ficou vencedora , he justo , que tambem elles sejam ouvidos ; assim como ouvistes ballar as ovelhas no que eu tendo ditto , ouvi tambem uyvar os mesmos lobos , no que elles dizem.

Dizem , que o chamado zelo , com que defendemos os Indios , he interesseiro , & injusto : interesseiro ; porque o defendemos , para que nos sirvaõ a nós : & injusto ; porque defendemos , que sirvaõ ao Povo. Provaõ o primei-

ro, & cuidaõ que com evidencia; porque vem, que nas Aldeas edificamos as Igrejas com os Indios: vem, que pelos rios navegamos em canoas esquipadas de Indios: vem, que nas Missõens por agua, & por terra nos acompanhã, & conduzem os Indios: logo defendemos, & queremos os Indios, para que nos sirvaõ a nõs. Esta he a sua primeira consequencia muito como sua: da qual porẽm nos defende muito facilmente do Evangelho. Os Magos, que tambem eraõ Indios, de tal maneira seguiaõ, & acompanhavam a Estrella, que ella nam se movia, nem dava passo sem elles. Mas em todos estes passos, & em todos estes caminhos, quem servia, & a quẽ? Servia a Estrella aos Magos, ou os Magos à Estrella? Claro està, que a Estrella os servia a elles, & nam elles a ella. Ella os foy buscar tam longe, ella os trouxe ao Presèpio, ella os alumiaava, ella os guiava; mas não para q̃ elles a servissem a ella, senão para q̃ servissem a Christo, por quem ella os servia.

Este he o modo, com que nõs servimos aos Indios, & com que dizem que elles nos servem.

564. Se edificamos com elles as suas Igrejas, cujas paredes são de barro, as colunas de pau tofco, & as abobodas de folhas de Palma, sendo nõs os mestres, & os obreiros daquella architectura com o cordeal, com o prumo, com a enxada, & com a ferra, & os outros instrumentos (q̃ tambem nõs lhe damos) na mão; elles fervem a Deos, & a sy, nõs servimos a Deos, & a elles; mas não elles a nõs. Se nos vem buscar em huma canoã, como tem por ordem nos lugares, onde não residimos, sendo isto, como he, para os ir doutrinar por seu turno, ou para ir sacramentar os enfermos a qualquer hora do dia, ou da noite, em distancia de trinta, de quarenta, & de sessenta legoas, não nos vem elles servir a nõs, nõs fomos os que os imos servir a elles. Se imos em Missõens mais largas a reduzir, & descer os Gentios, ou a pè, & muitas vezes descalços, ou embarcados em grãdes tropas à ida



& muito mayores à vinda , elles, & nós imos em serviço da Fé, & da Republica, para que tenha mais subditos a Igreja, & mais vassallos a Coroa : & nem os que levamos, nê os que trazemos, nos servem a nós, senão nós a huns, & a outros , & ao Rey , & a Christo. E porque deste modo, ou nas Aldeas, ou fóra dellas nos vem sempre com os Indios, & os Indios conosco, interpretaõ esta mesma assistencia tão às aveças, que em vez de dizerem que nós os servimos, dizem que elles nos servem.

565 Veyo o Filho de Deos do Ceo à terra a salvar o mundo : & sempre andava acompanhado , & seguido dos mesmos homens, a quem veyo salvar. Seguião no os Apostolos, que erão doze : seguião no os Discipulos , q̄ erão setenta & dous : seguião no as Turbas, que erão muitos milhares : & quem era aqui o que servia, ou era servido ? O mesmo Senhor o disse : *Non veni ministrari, sed ministrare* : Eu não vim a ser servido, senão a servir. E todos estes, que me seguem,

& me assistem, todos estes, q̄ eu vim buscar, & me buscao, eu sou o que os sirvo a elles, & não elles a mim. Era Christo Mestre, era Medico, era Pastor , como elle disse muitas vezes. E estes mesmos são os officios, em que servem aos Gentios, & Christãos aquelles Ministros do Evangelho. São Mestres, porque catechizaõ , e ensinão a grandes , & pequenos, & não huma, senão duas vezes no dia: & quando o Mestre está na Aula, ou na Escola, não são os Discipulos os que servem ao Mestre, senão o Mestre aos Discipulos. São Medicos, porque não sô lhe curaõ as Almas, senão tambem os corpos, fazendolhe o comer, & os medicamêtos, & applicadolhos por suas proprias mãos, às chagas, ou às doenças, por asquerofes que sejaõ : & quando o Medico cura os enfermos , ou cura delles, não são os enfermos os que servem o Medico, senão o Medico aos enfermos. São Pastores, porque tẽ cuidado de dar o pasto às ovelhas, & a criação aos cordeiros , vigiando sobre todo o

rebanho de dia, & de noite : & quando o Pastor assim o faz, & nisso se desvella, não são as ovelhas as que servem ao Pastor, senão o Pastor às ovelhas. Mas porque isto não serve aos lobos, por isso dizem que os Pastores se servem.

566 Quanto aos interesses não tenho eu que dizer ; porque todos os nossos avers elles os têm em seu poder. Assim como nos prendirão, & desterrarão, assim se apoderarão também das nossas choupanas, & de quanto nelas havia. Digão agora o que acharão. Acharão ouro, & prata; mas só a dos Calices, & Custodias. Nos altares acharão Sacrarios, Imagens, & Reliquias : nas Sachristias ornamentos, não ricos, mas decentes, & limpos: nas cellas de tayas pardas, & telha vaá alguns Livros, Catecismos, disciplinas, cilicias, & huma tabua, ou rede em lugar de camas, porque as que levámos de cá se dedicáram a hum Hospital, que não havia : & se nas nossas guardaroupas se acharão algũs mantes, & totanas remendadas, erão de Algodão grosseiro

tinto na Lãma, como o calçado de pelles de veado, & porco montez, q̄ são as mesmas galas, com que aqui apparecemos. Finalmente he certo, que os Magos achariaõ no Presepio mais pobreza, mas mais provado desinteresse nam. Diz o Evangelista, que os Magos abrindo os seus thesouros, offerecerão a Christo ouro, incenso, & mirrha : *Apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, auram, thus, & mirrham.* Mas não sey se reparais, que dizêdose que os thesouros forão offerecidos, não se diz se forão aceitados, ou não. A opiniaõ commum dos Doutores he que sim : comtudo outros duvidão, & com fundamento; porque dahi a poucos dias indo a Virgem Mãy presentar o seu Primogenito no Templo conforme a Ley, & dispondo a mesma Ley, que os pobres offerecessem duas rolas, ou dous pombinhos, & os que tivessem mais posses, hum cordeiro : a Senhora não offerceó cordeiro, senão, como diz o Texto: *Par turturum, aut duos pullos columbarum.* Donde parece se colhe, que a santa familia

do Presépio não aceitou os thesouros dos Magos; porque se tivera ouro, offerecêra cordeiro. De maneira, que he certo, & de Fé, que os thesouros se offerecêrao, mas ficou em opiniam, & em duvida, se se aceitarão, ou nam. Por isso eu digo, que sendo tam grãde a pobreza do Presépio, a nossa naquellas terras està mais provada. Na pobreza do Presépio he certo, que ouve thesouros, & he duvidoso se foraõ accitados: na nossa, nem ha esta certeza, nem pôde haver esta duvida; porque os Magos, que trazemos a Christo, & a gente, a quem servimos, he tam pobre, & tam miseravel, que nem elles tem que offerecer, nem nós temos que aceitar.

567 Resta a segunda parte da queixa, em que dizem, que defendemos os Indios, porque nam queremos, que sirvaõ ao Povo. A tanto se atreve a calumnia, & tanto cuida, que pôde desmentir a verdade. Consta autenticamente nesta mesma Corte, que no anno de 1655. vim eu a ella, só a buscar o remedio desta queixa, & a estabelecer (como levey estabele-

cido por Provisõens Reaes) que todos os Indios sem exceiçam servissem ao mesmo Povo, & o servissem sempre: & o modo, a repartiam, & a igualdade, com que o haviam de servir, para que fosse bem servido. Vede se podia dezejar mais a cubiça, se com ella podesse andar junta a consciencia. Nam posso porém negar, que todos nesta parte, & eu em primeiro lugar, somos muito culpados. E porque? Porque devendo defender os Gëtios, que trazemos a Christo, como Christo defendeo os Magos; nós acomodandonos à fraqueza do nosso poder, & à força do alheio, cedemos da sua justica, & faltamos á sua defenſa. Como defendeo Christo os Magos? Defendeu-os de tal maneira, que nam consentio, que perdessem a patria, nem a soberania, nem a liberdade: & nós, não só cõsentimos, q os pobres Gëntios, que convertimos, percaõ tudo isto, senam que os persuadimos a que o percaõ, & o capitulamos com elies, só para ver se se pôde contetar a tyrania dos Christaõs; mas nada basta. Christo não

*M. u.*  
2. 12.

consentio, q̄ os Magos perdessem a patria; porque *re-  
versi sunt in regionem suam:*  
& nós não só consentimos, q̄  
percaõ a sua patria aquelles  
Gentios, mas fomos os que à  
força de persuaçõens, & pro-  
meissas (que se lhe não guar-  
daõ) os arrancam das suas  
terras, trazendo as Povo-  
açõens inteiras a viver, ou  
a morrer junto das nossas.  
Christo nam consentio, que  
os Magos perdessem a sobe-  
ranía, porque Reys vieram,  
& Reys tornáraõ: & nós não  
só consentimos, que aquelles  
Gentios percam a soberania  
natural, com que nascêram,  
& vivem izentos de toda a  
sugeiçam; mas somos os que  
sugeitando-os ao jugo espiri-  
tual da Igreja, os obrigamos  
tambem ao temporal da Co-  
roa, fazendoos jurar vassal-  
lagem. Finalmente Christo  
não consentio, que os Ma-  
gos perdessem a liberdade;  
porq̄ os livrou do poder, &  
tyrannia de Herodes: & nós  
não só nam lhe defendemos  
a liberdade; mas parteamos  
com elles, & por elles, como  
seus curadores, que sejam  
meyos cativos, obrigandose

a servir alternadamête ame-  
tade do anno. Mas nada dis-  
sto basta para moderar a cu-  
biça, & tyrannia dos nossos  
calumniadores, porque dizê,  
que são negros, & haõ de ser  
escravos.

568. Já confiderey al-  
gumas vezes, porq̄ permit-  
tio a Divina Providencia, ou  
ordenou a Divina Justiça, q̄  
aquellas terras, & outras vi-  
sinhas fossem dominadas dos  
Hereges do Norte. E a ra-  
zão me parece que he, por-  
que nós somos tam pretos  
em respeito delles, como os  
Indios em respeito de nós: &  
era justo, que pois fizemos  
taes Leys, por ellas se exe-  
cutasse em nós o castigo. Co-  
mo se dissera Deos: já que  
vós fazeis cativos a elles,  
porq̄ sois mais brancos que  
elles, eu vos farey cativos de  
outros, que sejaõ també mais  
brancos que vós. A grande  
semrazão desta injustiça de-  
clarou Salamaõ em nome  
alheio com huma demõstra-  
ção muito natural. Introduz  
a Ethiopiza mulher de Moy-  
sês, que era preta, fallando  
com as Senhoras de Jerusalê,  
que eraõ brancas, & por isso  
a def-

a desprezavaõ, & diz assim: *Filia Ierusalem, nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me Sol: se me defestimais, porque seis brancas, & eu preta; não considereis a cor, consideray a causa: cõsideray, que a causa desta cor he o Sol, & logo vereis quam inconsideradamente julgais. As Naçoens, humas são mais brancas, outras mais pretas, porque humas estão mais vizinhas, outras mais remotas do Sol. E pôde haver mayor incõsideração do entendimento, nem mayor erro do juizo entre homens, & homens, que cuidar eu, que hey de ser vosso Senhor, porque nasci mais longe do Sol, & que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes mais perto?*

569 Dos Magos, que hoje vierão ao Presépio, dous eraõ brancos, & hum preto, como diz a trãdição: & seria justo, que mandasse Christo, que Gaspar, & Balthazar, porque eraõ brancos, tornassem livres para o Oriente, & Belchior, porque era pretinho, ficasse em Belem por escravo, ainda que fosse de

Sam Joseph? Bem o podera fazer Christo, que he Senhor dos Senhores: mas quiznos ensinar, que os homens de qualquer cor todos são iguaes por natureza, & mais iguaes ainda por Fê, se crem, & adoraõ a Christo, como os Magos. Notavel cousa he, que sendo os Magos Reys, & de diferentes cores, nem huma, nem outra cousa differesse o Evangelista! Se todos eraõ Reys, porque não diz, que o terceiro era preto? Porque todos vierão adorar a Christo, & todos se fizeraõ Christãos. E entre Christão, & Christão não ha differença de nobreza, nem differença de cor. Não ha differença de nobreza, porque todos são filhos de Deos, nem ha differença de cor, porque todos são brancos. Essa he a virtude da agua do Bautismo. Hum Ethiope se se lava nas aguas do Zayre, fica limpo; mas não fica branco: porém na agua do Bautismo sim, huma cousa, & outra.

*Asperges me byssopo, & mun-* *psal.*  
*dabor: eylo ahi limpo: La-* *50. 9.*  
*vabis me, & super nivem de-*  
*albabor. eylo ahi branco. Mas*

he tam pouca a razaõ, e tam pouca a Fè daquelles inimigos dos Indios , que depois de r õs os fazermos brancos pelo Bãutifmo, elles os querem fazer escravos por negros.

570 Não he minha tenção , que não haja escravos : antes procurey nesta Corte , como he notorio , & se pôde ver da minha Proposta , que se fizesse , como se fez , huma Junta dos mayores Letrados sobre este ponto , & se declarassem , como se declarãraõ por Ley ( que là está resistada) as causas do cativeiro licito. Mas porque nos queremos só os licitos , & defendemos os illicitos ; por isso nos não querem naquella terra , & nos lançam della. O mesmo succedeo a Sam Paulo , se bem a terra não era de Christãos. Em Philippos, Cidade de Macedonia , havia huma escrava possuida do Demonio , o qual fallava nella , & dava oraculo , & adivinhava muitas causas, & por esta habilitade ganhava muito a escrava a seus Senhores. Compadeceõse della Sam Paulo , q

alli se achava em Missãõ cõ seu companheiro Sila : lançou fóra o Demonio daquelle corpo duas vezes cativo. E que premio , ou agradecimento teve elle, & seu companheiro deste beneficio: Amotinouse contra elles todo o Povo : prendêraõnos , maltrataraõnos, & lançaõnos da Cidade. Pois porque os Apostolos lançaõ o Demonio fóra da escrava , por isso os lançaõ a elles fóra da terra ? Por ventura Paulo, & Sila tirãraõ a escrava a seus Senhores , ou disserãõ , que não era escrava , & que os não servisse ? Nem por pensamento. Pois porque os maltrataõ , porque os prendem , porque os desferãõ ? Porq̃ os Senhores da escrava não só queriaõ a escrava, se não a escrava, & mais o Demonio. Aqui bate o ponto de toda a controversia , & por isso não concordamos. Nõs queremos , que tenhaõ escravos, mas sem Demonio; elles não querem escravos senãõ com o Demonio : & porq̃ ? O mesmo Texto dá a razaõ , que em huns , & outros he a mesma: *Quia exivit*

*spes questus eorum* : porque tendo a escrava sem o Demonio, perdiam toda a esperança dos seus interesses. Os escravos licitos, & sem Demonio são muito poucos, os illicitos, & com o Demonio, são quantos elles querem captivar, & quantos cativaõ: & como o seu interesse ( posto que interesse infernal ) consiste em terem escravos com o Demonio; por isso querem antes o Demonio, que os Apostolos, & por isso os lançam de sy : *Quia exivit spes questus eorum, perduxerunt Paulum, & Silam.*

571 Convencidos, & confundidos desta evidência, ainda fallaõ, ainda replicaõ, & que dizem? O que se não atrevéo a dizer Herodes, posto que o fez. Dizem, que senam pôdem sustentar, nem o Estado se pôde conservar doutro modo. Vede, que razão esta para se ouvir com ouvidos Catholicos, & para se articular, & apresentar diante de hum Tribunal, ou Rey Christaõ. Nam nos podemos sustentar doutra sorte, senaõ com a carne, & sangue dos miseraveis Indios, Entaõ

elles são os que comem gente? Nõs, nós somos os que os imos comer a elles. Esta era a fome insaciavel dos mãos criados de Job : *Quis lob. 31 det de carnibus ejus, ut saturemur* : & esta era a injustiça, & crueldade, de que Deos mais se sentia em seus mãos Ministros: *Qui devorant plebem meam sicut escam panis.* 4.

E porque os Prêgadores do Evangelho, que são os que vão buscar estas innocentes victimas, & as nam querem entregar ao açougue, & matadeiro; fóra, fóra das nossas terras. Quando Christo chamou aos Apostolos, disse-lhes, q os havia de fazer pescadores de homens : *Faciam vos feri piscatores hominum.* 4. 19. Assim nos fez, & assim o fazemos nõs, & nisso se occupaõ as nossas redes, & se cançaõ os nossos braços. Mas para que entendaõ, & se desenganem todos, là, & cá, que esses homês nam os havemos nõs de pescar, para que elles os comaõ ; advirtam, & notem bem, que se Christo chamou aos Apostolos pescadores, tãbem lhes chamou sal: *Vos estis sal terra.* Pois os *Mat. 5. 13* pes-

peccadores não de ser sal, & os Apóstolos sal, & juntamê-  
re pescadores? Sim. O pec-  
cador pesca, o sal conserva.  
Esta he a differença, que ha  
entre os pescadores de ho-  
mens, & os pescadores de  
peixes: os pescadores de pei-  
xes pescam os peixes, para q̃  
se comaõ; os pescadores de  
homens não de pescar os ho-  
mens, para que se cõservem.  
Veja se em todo o resto da-  
quella America se houve al-  
guns Indios, que se conser-  
vassem, senam os da nossa  
doutrina. Por isso nos nam  
querem a nós, por isso que-  
rem os que lhos ajudaõ a co-  
mer: & estas são as nossas  
culpas.

572 O justo castigo, que  
os homens nos dão por ellas,  
bem se vê: o que Deos lhes  
ha de dar a elles, & o premio,  
com que nos ha de pagar a  
nós, o mesmo castigo; tam-  
bem o tem promettido. An-  
tevia Christo, como Sabido-  
ria infinita, que os seus Apo-  
stolos, a quem mandava prê-  
gar pelo mundo, haviam de  
encontrar com homens tam  
inimigos da verdade, & da  
justiça, que os nam consen-

tiriaõ consigo, & os lança-  
riam das suas terras (bem as-  
sim como os Gerazenos lan-  
çaram das suas ao mesmo  
Christo: ) & para que esti-  
vessem, & fossem preveni-  
dos; primeiramente deulhes  
a instrução do modo com  
que se haviaõ de haver em  
semelhantes casos. *Quicum-  
que non receperint vos, neque  
audierint sermones vestros, Euc  
exeuntes foras de domo, vel ci-  
vitate, excutite pulverem de Ma  
pedibus vestris, in testimonium 6. 1  
illis: quando os homens,  
quaesquer que sejam, nam  
receberem vossa doutrina, &  
vos lançarem de suas casas, &  
Cidades, o que haveis de fa-  
zer autenticamente diante  
de todos, he facudir o pò dos  
çapatos, para que esse pò se-  
ja testimunha, de que puzes-  
tes os pés naquella terra, &  
ella vos lançou de sy. Assim  
o fizeram Sam Paulo, & Sam  
Barnabè, quando foraõ lan-  
çados de Pizidia; & assim o  
fiz eu tambem. E que mais  
diz Christo? Para que os  
mesmos Apóstolos se nam  
desconsolassem, antes se glo-  
riassem muito destes detter-  
ros, & da causa delles? Sabey,  
Ihe*



lho diz o mesmo Senhor, que quando os homens assim vos aborrecerem, & vos apartarem, & lançarem de sy, entam fereis bemaventurados; porque entam fereis meus verdadeiros discipulos; & depois o fereis tambem, porque no Ceo tereis o galardão, que vos nam sabe, nem pôde dar a terra: *Beati eritis cum vos oderint homines, & cum separaverint vos, & exprobrauerint, & ejerint nomen vestrum tãquam malum propter Filium hominis: gaudete, & exultate: ecce enim merces vestra multa est in celo.*

573 Este he o premio com que Christo (bemdito elle seja) nos ha de pagar, & paga já de contado a paciencia destas injurias, remunerando de antemaõ no seguro de sua palavra estes trabalhos cõ aquelle descanso, estes desferros cõ aquella Patria, & estas afrontas com aquella Gloria: para q̄ ninguẽ nos tenha lastima, quando o Ceo nos tẽ inveja. Mas porq̄ os Autores de tamanhos escandalos nam cuidem, que elles, & suas terras haõ de ficar sem o devido castigo, cõ-

clue finalmente o justo Juiz com esta temerosa sentença, *Amen dico vobis, tolerabilius erit terra Sodomorum, & Gomorraeorum, quam illi civitati:* de verdade vos digo, que o castigo das Cidades de Soddõna, & Gomorra, sobre as quaes choveram rayos, ainda foy mais moderado; & mais toleravel, do que serà o que està aparelhado, nam só para as pessoas, senão para as mesmas terras; donde os meus Prégadores forem lançados. Tal he a sentença, que tem decretado a Divina Iustica contra aquella mal aconselhada gente, por cujo bem, & remedio eu tenho passado tantos mares, & tantos perigos. Praza à Divina Misericordia perdoar lhes, pois não sabem o que fazem. E para que lhes nam falte o perdão da parte; assim como meus Companheiros, & eu lho temos já dado muito de coraçam, assim agora lho torno a ratificar aqui publicamente coram Deo, & hominibus, em nome de todos.

## §. VII.

574 Supposto pois que nam peço, nem pertendo castigo, & o que só dezejo, he o remedio; quero acabar este largo, mas forçoso Discurso, apontando brevemente os q̄ ensina o Evangelho. O primeiro, & fundamental de todos era, que aquellas terras fossem povoadas com gente de melhores costumes, & verdadeiramente Christãa. Por isso no Regimento dos Governadores a primeira cousa, que muito se lhes encarrega, he que a vida, & procedimêto dos Portuguezes seja tal, que com o seu exemplo, & imitaçam se convertam os Gentios. Assim està disposto santissimamente; porque, como diz Sam João Chrystostomo, se os Christãos viverão conforme a Ley de Christo, toda a Gentilidade estivera já convertida: *Nemo profectò gentilis esset, si ipsi, ut oportet, Christiani esse curarenus.* Mas he cousa muita digna, nam sey se de admiraçam, se de rizo, que no mesmo tem-

po, em que se dà este Regimento aos Governadores, & nos mesmos navios, em que elles vão embarcados, os povoadores, que se mandaõ para as mesmas terras, são os criminosos, & malfeitores, tirados do fundo das Enxovias, & levados a embarcar em grilhoens, a quem já não pôde fazer bons o temor de tantas justicias. E estes degradados por suas virtudes, & tal vez marcados por ellas, são os fantinhos, que lá se mandaõ, para que com o seu exemplo se convertam os Gentios, & se acrecente a Christandade. Aquelles Samaritanos, que assim dissemos impediaõ a edificaçam do Templo, eraõ degradados por ElRey Salmanazar de Assyria, & Babilonia, para povoadores de Samaria, q̄ elle tinha conquistado: & diz a Hystoria sagrada, que o que lá fizeram, foy ajuntar os costumes, que levavaõ da sua terra, com os q̄ achãraõ em Samaria; & assim eram meyos fieis, & meyos Gentios: *Et cum Dominum colerent, Dijs quoque suis serviebant juxta consuetudinem gentium,*

*tium, de quibus translati fuerant Samariam.* Isto mesmo se experimenta, & he força, que succeda nas nossas Conquistas com semelhantes povoadores. Mas como este erro fundamental já não pôde ter remedio, vamos aos q̄ de presente, & para o futuro nos ensina o Evangelho.

585 — O primeiro he a boa eleição dos sujeitos, a quem se comete o governo. E para que a eleição seja boa, que partes haõ de ter os eleitos? Eu me contento cõ huma só. E qual? Que sejaõ ao longe, o que promettem ao perto. Herodes en-cõm êdou muito aos Magos, que fizessẽ diligencia pelo Rey nascido, que buscavam, & que tanto que o achassẽ, lhe fizessẽ logo aviso, para que tambem elle o fosse adorar: *Ut & ego veniens adorem eum.* Ah hypocrita! Ah traidor! E para tu adorares a Christo, he necessario q̄ vas onde elle estiver: *Ut & ego veniens?* Tanto podia Herodes adorar a Christo des-de Jerusaleem, onde elle estava, como em Belã, ou em qual-quer outra parte, onde o Se-

nhor estivesse: mas estas saõ, & elles costumam ser os Herodes. Em Belem & ao perto adoram; des-de Jerusaleem, & ao longe, nam adoram. Antes de ir, & quando vem, adoraõ. *Ut & ego veniens:* mas em quanto estaõ là tam longe, nem adoram, nem tem pensamento de adorar, como Herodes: & se não machinam contra o Rey em sua Pessoa, n achinam cõtra elle, & suas Leys à culta da vida, & sangue dos innocentes. Bom Daniel, & fiel Ministro de seu Senhor. Estava Daniel em Babilonia, & diz o Texto sagrado, que todos os dias tres vezes abria as janellas, q̄ ficavaõ para a parte de Jerusaleem, & prostrado de joelhos adorava: *Apertis Dan. fenestris in canaculo suo contra* 6. 10. *Jerusalem tribus temporibus in die flectebat genua sua, & adorabat.* De Babilonia não te podia ver Jerusaleem distante tantos centos de leguas, quantas ha des-de o Monte Sion ao Rio Eufrates: pois porque adorava Daniel para a parte de Jerusaleem? Porque Jerusaleem naquelle tempo era a Corte de Deos, o

Templo o seu Palacio, & o Propiciatorio sobre azas de Cherubins o seu Throno: & essa era a obrigação de fiel Ministro: adorar a seu Senhor, & adoralo sempre, & adoralo de toda a parte, ainda que fosse tão distante como Babilonia. Em Ierusalem adorava Daniel de perto, em Babilonia adorava de longe; isto he o que nota, & encarece a Escritura não que adorasse de perto, que isso fazem todos, mas que adorasse de longe, & de tam longe. E porque ao longe ha poucos Danieis, & muitos Herodes; por isso convem, que os q̄ haõ de governar em terras tam remotas, sejam aquelles, que fação ao longe o que promettem ao perto.

576 Mas costuma isto ser tanto pelo contrario, que só o veremse tam longe, lhes tira todo o temor do Rey, & toda a reverencia do seu nome. Entrarão os Magos por Ierusalem perguntando: *Ubi est qui natus est Rex Iudeorum?* E que effeitos causou em Herodes esta voz do nome Real? *Audient autem Herodes Rex turbatus est: man-*

to que ouviu nomear Rey; turbouse, perdeu as cores, & ficou fóra de sy de medo. Assim h avia de ser o nome de Rey, ou pronunciado, ou escrito em qualquer parte da sua Monarchia, por distante que seja. Havia de ser hum trovaõ prenhe de rayos, que fizesse tremer as Cidades, as Fortalezas, os Portos, os Mares, os Montes, quanto mais os Homens. Mas os que se vem àlem da Linha, ou de baixo della, fazem tam pouco caso deitas trovoadas, que em vez de tomarem do coraçam de Herodes o *Turbatus est*, tomão da boca dos Magos o *Ubi est*. Onde está El Rey? Em Portugal? Pois se elle là está, nõs estamos cá. *Ille se jactet in aula*. Mande elle de lá o que mandar, nõs faremos cá o que nos bem estiver. Saõ como aquelles Hereges, que construindo a seu sabór o verso de David, diziaõ: *Celum caeli Domino, terram autem dedit filijs hominum*. Este jase Deos no seu Cêo, que nõs estamos cá na nossa terra. E que ha de fazer a pobre terra com taes Governadores? O que elles qui-

*Matth.*  
2. 2.

*Ib. 3.*

*Pf.*  
11  
16

quizerem ; ainda que seja muito contra sy , & muito a seu pesar. Não temos o Texto longe.

577 *Turbatus est Herodes , & omnis Ierosolyma cum illo* : perturbouse Herodes , & toda Ierusalem com elle. Perturbarse Herodes Rey intruzo , & tyranno , temendo que o legitimo Senhor o privasse da Coroa , que nam era sua , razam tinha : mas que se perturbe juntamente Ierusalem , quando era a melhor , & mais alegre nova , q podia ouvir ? Nam suspirava Ierusalem , & toda Judea pela vinda do Messias ? Nam gemia debaixo da violencia de Herodes ? Nam dezejava sacudir o jugo , & libertarse de sua tyrannia ? Pois porque se perturba , ou mostra perturbada , quando Herodes se perturba ? Porque tam despótica , como isto , he a fugição dos tristes Povos debaixo do dominio de quem os governa , & mais quando são tyrannos. Haõ de fazer o que elles querem , & haõ de querer o q elles fazem , ainda que lhe pese. Dizem , que os que governaõ , são espelho

da Republica : não he assim , senão ao contrario. A Republica he o espelho dos que a governaõ. Porque assim como o espelho não tem acção propria , & não he mais que huma indiferença de vidro , que está sempre exposta a retratar em sy os movimentos de quem tem diante , assim o Povo , ou Republica fugeita , se se move , ou não se move , he pelo movimento , ou socego de quem a governa. Se Herodes se não perturbára , não se havia de perturbar Ierusalê : perturbouse , porque elle se perturbou : *Turbatus est Herodes , & omnis Ierosolyma cum illo*. O perturbado foy hum , & as perturbaçoens foraõ duas : huma em Herodes , & outra em Ierusalem : em Herodes foy acção , em Ierusalem reflexo , como em espelho. Per isso o Evangelista exprimio só a primeira : *Turbatus est* : & debaixo della entendêo ambas. Assim que todas as vezes que Ierusalem se inquietta , Herodes tem a culpa : & se acaso a não tem toda , tem a primeira. *Et omnis Ierosolyma cum illo* ; ou com elle , per-

porque elle faz a inquietação; ou com elle, porque a manda; ou com elle, porque a consente; ou com elle, porque a diffimula; ou cô elle, quando menos, porque devendo, & podendo, a nam impede; mas sempre, & de qualquer modo com elle: *Cum illo*. De maneira em fim, que na eleição destes *Elles* consiste a paz, o soccego, & o bom governo das Conquittas. E este he o primeiro remedio do Evangelho, ou primeiro Evangelho do remedio.

578 O segundo remedio ne, que as Congregações Ecclesiasticas daquelle Estado sejaõ compostas de taes fugeitos, que saybaõ dizer a verdade, & que a queiram dizer. Para Herodes responder à propoita, & pergunta dos Magos, que fez? *Congregans omnes Principes Sacerdotum, & Scribas Populi sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur*. A propoita, & pergunta era, em que lugar havia de nascer o Messias, & para isso fez huma Congregaçam, ou Junta, em que entraraõ as pessoas Ec-

clesiasticas de mayor authoridade, & letras, que havia em Jerusalem. Era Herodes tyranno, & com tudo motrou estas duas grandes partes de Principe, que perguntava, & perguntava a quem havia de perguntar: as materias Ecclesiasticas aos Ecclesiasticos, & as das letras aos Letrados, & destes aos mayores. Por isso compoz a Congregaçaõ de Sacerdotes, & professores de letras; mas naõ de quaesquer Sacerdotes, nem de quaesquer Letrados, senaõ dos que no Sacerdocia, & na sciencia, na Synagoga, & no Povo tinham os primeiros lugares: *Congregas omnes Principes Sacerdotum, & Scribas Populi*. E que se seguio desta eleição de pessoas tam acertada? Tudo o que se pertendia.

579 O primeiro effeito, & muito notavel, foy q̄ sendo tantos, todos concordaraõ. Raramente se ve hũa Junta, em que naõ haja diversidade de pareceres, ainda contra a razãõ, & verdade manifesta, principalmente quando se conhece a inclinaçaõ do Rey, como aqui esta-

*Matt.*  
2. 4.

va conhecida a de Herodes na sua perturbaçam; & com-tudo todos os desta grande Junta concordarão na mesma reposta, todos allegaram o mesmo Texto, & todos o entenderão no mesmo sentido: *At illi dixerunt ei in Bethlehem Iuda: sic enim scriptum est per Prophetam. Et tu Bethlehem terra Iuda: &c.* E porque todos concordarão sem discrepância; deste primeiro effeito se seguiu o segundo, & principalmente pertendido, que era encaminhar os Magos com certeza ao lugar do nascimento de Christo, para que infallivelmente o achassem, & adorassem, como acharão, & adorarão. Tanto importa, que semelhantes Congregaçoens se jáo compostas de homens, que tenham letras. Cuydase cá, que para aquellas partes bastão Ecclesiasticos, que saybão a fórma do Bautismo, & a Doutrina Christãã; & não se repára, que elles fação os que nos pulpitos prégão de publico: elles os que absolvem de secreto nos Confessionarios (onde he mayor o perigo: ) & que elles por

disposição das Leys Reaes são os interpretes das mesmas Leys, de que dependem as liberdades de huns, as consciencias de outros, & a salvação de todos. E se estes ( como succede, ou póde succeder ) não tiverem mais letras que as do A. B. C. que conselhos, que resoluçoens, que sentenças hão de sér as suas? Pergunto. Se os Sacerdotes, & Letrados de Ierusalém se dividissem em opinioens: se huns dissessem, q̃ o Messias havia de nascer em Belem, outros em Nazareth, outros em Iericó: se huns votassem para Galiléa, outros para Judéa, outros para Samaria, que havião de fazer os Magos? He certo, que neste caso, ou desesperados se havião de tornar para as suas terras, como muitos se tornão, ou que perseverando em buscar a Christo, no meyo de tanta confusão o não acharião. Huma das principais causas porq̃ está Christo tão pouco achado, ou porque está tão perdido naquellas Conquistas, he pela insufficiencia dos sujeitos Ecclesiasticos, que lá se mandaõ.

ção. Christo huma vez que se perdeu, achouse entre os Doutores: E onde estes faltao, que lhe ha de succeder? Entre Doutores achouse depois de perdido: onde elles faltao, perderseha depois de achado. E isto he o que vemos. Por isso Herodes depois que fez aquella Congregação de homés tao doutos, logo suppoz que os Magos sem duvida haviaõ de achar a Christo: *Et cum inveneritis renuntiate mihi.*

58o Este he, como dizia, o segundo remedio, que nos descobre o Evangelho. E se acaso nos descontenta, per ser praticado de tao ruim Autor como Herodes (sem advertir que muita vezes os maõs governaõ tao bem como os bons, & melhor que os muitos bons) imitemos ao menos o exemplo do nosso grãde Conquistador El Rey Dom Manoel de felicissima memoria, tan amplificador do seu Imperio, como do de Christo, de quem lemos, que o primeiro Sacerdote, que enviou às Conquistas, foy seu proprio Confessor. Naõ sou a salvação da quellas Al-

mas, senão de quem fiava a propria consciencia; porque sabia, que estava igualmente obrigado em consciencia a tratar dellas, & dos meyoS proporcionados à sua salvação. Mas para que he recorrer a exemplos meramente humanos, onde temos presente o do mesmo Rey, & Salvador do universo. No tempo do nascimento de Christo dividiose o mundo em duas Naçoens, em que se comprehendiaõ todas, a Judaica, & a Gentilica: & para o Senhor fundar em ambas a nova Igreja Christãa, que vinha edificar, & propagar, bẽ sabemos quaes foraõ os sujeitos, que escolheo. Aos Pastores, que eraõ Judẽs, mandou hum Anjo: aos Magos, que eraõ Gentios, mandou huma Estrella. E porque Estrellas, & Anjos entre todas as criaturas? Porque as Estrellas saõ luz, & os Anjos saõ espiritos. Quem nam tem luz, nam põde guiar: quem nam tem espirito, nam põde converter. E nõs queremos converter o mundo sem Anjos, & com trevas. Notou muito bem aqui a



Glossa, que assim o Anjo, como a Estrella foraõ Missiõnarios trazidos do Ceo : & de là era bem que viessem todos: mas já que os não podemos trazer do Ceo, como Christo, porque não mandaremos os melhores, ou menos mãos da terra.

581 O terceiro, & ultimo remedio, & que sendo hum abraça muitos, he que todos os que forem necessarios para a boa administração, & cultura daquellas Almas, se lhe devem não só cõceder, mas applicar effectivamente, sem os mesmos Gêtios, ou novamente Christãos (nem outrem por elles) o pedirem, ou procurarem. Diz com advertencia, & mysterio particular o nosso Texto, que estando os Magos dormindo, se lhe deu a resposta do q̄ haviaõ de fazer, para se livrarem das mãos de Herodes: *Et responso accepto in somnis, ne redirent ad Herodem.* Na palavra *responso accepto* reparo muito. Os Magos em Belem perguntaram alguma cousa? Pediraõ alguma cousa? Fallaraõ algũa cousa? Ao menos no ponto particular de Herodes, sobre

que foraõ respondidos, he certo que nem huma só palavra differaõ. Pois se não fallaraõ, se não pediraõ, se não propuzeraõ, ou perguntaraõ; como se diz que foram respondidos: *Responso accepto?* Esse he o mysterio, & o documento admiravel de Christo a todos os Reys, que trazem Gentios à Fè. Os Magos eraõ Gêtios; ou Christãos novamente convertidos da Gentilidade: & os Gentios, ou Christãos novamente convertidos onde ha Fè, razam, & justiça, haõ de ser respondidos, sem elles fallarem, haõ de ser despachados, sem elles requererem, haõ de ser remediados, sem elles pedirem. Nam ha de haver petiçam, & ha de haver despacho: nam ha de haver requerimento, & ha de haver remedio: nam ha de haver proposta, & ha de haver resposta: *Responso accepto.*

582 Sim: mas se elles nam requerem, quem ha de requerer por elles? Muito bom procurador: quem requerêo neste caso. Sam Jeronymo diz, que o Autor da resposta foy o mesmo Christo

por sua propria Pessoa: Santo Agustinho diz, que foy por mediaçam, & ministerio de Anjos: & tudo foy. Foy Christo como verdadeiro Rey, & foraõ os Anjos como verdadeiros Ministros. Nes outros casos, & com os outros vassallos, os Reys, & os Ministros são os requeridos: neste caso, & com esta gente os Reys, & os Ministros haõ de ser os requerentes. Elles são os que lhe haõ de requerer a Fè, elles os que lhe haõ de requerer a liberdade, elles os que lhe haõ de requerer a justiça, elles finalmente os que lhe haõ de requerer, negociar, & fazer effectivo tudo quanto importar à sua conversão, quietaçam, & segurança, sem que aos mesmos Gentios, ou antes, ou depois de convertidos lhe custe o menor cuidado. Que cuidavaõ, ou que faziaõ os Magos, quando foram respondidos? He circumstancia muito digna de q̃ se considerem, os que tem a seu cargo este encargo. *Et responso accepto in somnis.* Os Magos estavaõ dormindo; bem ignorantes do seu peri-

go, & bem descuidados do seu remedio, & no mesmo tempo o bom Rey, & os bõs Ministros estavaõ traçando, & dispendo os meyoys, nam só da salvaçam de suas Almas, senão da conservaçam, descanço, & segurãça de suas vidas.

583 E se alguem me perguntar a razão desta differença, & da mayor obrigaçãõ deste cuidado acerca dos Gentios, & novos Christãos das Conquistas em respeito ainda dos mesmos vassallos Portuguezes, & naturaes; muito me espanto, que haja quem a ignore. A razão he: porque o Reyno de Portugal, em quãto Reyno, & em quanto Monarchia, està obrigado, nam só de charidade, mas de justiça, a procurar effectivamẽte a conversão, & salvaçam dos Gentios, à qual muitos delles por sua incapacidade, & ignorancia invencivel não estàõ obrigados. Tem esta obrigaçam Portugal, em quanto Reyno; porque este foy o fim particular, para q̃ Christo o fundou, & instituiu, como cõsta da mesma Instituiçãõ. E tem esta

esta obrigação em quanto Monarchia, porque este foy o intento, & contrato, cõ que os Summos Pontífices lhe concederam o direito das Conquistas, como consta de tantas Bullas Apostolicas. E como o fundamento, & baze do Reyno de Portugal por ambos os titulos he a propagação da Fè, & conversão das Almas dos Gentios, nam só perderão infallivelmente as suas todos aquelles, sobre que carrega esta obrigação, se se descuidarem, ou nam cuidarem muito della; mas o mesmo Reyno, & Monarchia tirada, & perdida a baze, sobre que foy fundado, fará naquella Conquista a ruina, que em tantas outras partes tem experimentado; & nolo tirará o mesmo Senhor, que nolo deu, como a mãos colonos: *Auferetur a vobis Regnū Dei; & dabitur genti facienti fructus ejus.*

584 Mas para que he fallar, nem trazer à memoria Reyno, quando se trata do remedio de tantos milhares de Almas, cada huma das quaes peza mais que todo o Reyno. Tomemos o exem-

plo naquelle Rey, que hoje chamou os Reys, & naquelle Pastor, que hontem chamou os Pastores. Fallando Isaias de Christo como Rey, diz que trazia o seu Imperio ao hombro: *Cujus imperium su-* *per humerum ejus: & fallan-* *do Sam Lucas do mesmo* *Christo como Pastor, diz* *que foy buscar a ovelha per-* *dida sobre os hombros: In-* *ponit in humeros suos gaudens.* *15. 5.* Pois num Imperio sobre hū hombro, & huma ovelha sobre ambos os hombros? Sim. Porque ha mister mais hombros huma ovelha, que hum Imperio. Nam peza tanto hum Imperio como hūa ovelha. Para o Imperio basta meyo Rey: para huma ovelha he necessario todo. E que pezando tanto hu na só ovelha, que pezando tanto hūa só Alma, haja consciencias Ecclesiasticas, & seculares, q̄ tomem sobre seus hombros o pezo da perdiçam de tantas mil? Venturoso Herodes, ou menos desventurado, que já de hoje em diante não serás tu o exemplo dos crueis? Que importa, q̄ tirasse a vida Herodes a tantos innocē-

tes, se lhe salvou as Almas: Os cruéis & os tyrannos são aquelles, por cuja culpa se estão indo ao Inferno tantas outras: & se hum momento se dilatar o remedio das demais, là irãõ todas. No Ceo vio S. Joam, que estavam as Almas dos innocêtes pedindo a Deos vingança do seu sangue: *Usquequò Domine, non vindicas sanguinem nostrum?* E se Almas, que estão no Ceo vendo, & gozando a Deos, pedem vingança; tantas Almas, que estão ardendo no Inferno, & arderãõ por toda a Eternidade, que brados darãõ a Deos? As Almas tambem tem sangue, que he o que Christo derramou por ellas: & que brados darãõ à Justiça Divina este Divino Sangue, quando tam ouvidos foram os do sangue de Abel?

*Apc.*  
6. 10.

### §. VIII.

585 Nos ecos destes mefmos brados quera eu ficasse suspensa a minha Oração; mas nam he bem, que ella acabe em brados, & clamores, quando o Evangelho

nos mostra o Ceo tam propicio, que se ouvem na terra os silencios. Assim lhe acontecêo aos Magos, & assim espero eu me succeda a mim, pois sou tam venturoso como elles foram, que no fim da sua viagem achãõ muito mais do que esperavam. Buscavam o Rey nascido: *Ubi est qui natus est Rex:* & achãram o Rey nascido, & a Rainha Mãy: *Invenērūt Puerum cum Maria Matre ejus.* E como a Soberana Mãy era a voz do Rey na sua minoridade, & a volta, que os Magos fizeraõ para as suas terras, correo por conta da mesma Senhora; foy esta Missãõ, que tomou por sua, tão bem instruida, tam bem fundada, & tam gloriosa em tudo, que della, & das que della se foram propagando, disse Salomão nos seus Canticos: *Emissões tuas Paradisus.* Atêgora, Senhora, porque as Missõens se nam fizeram em nome, & debaixo da Real protecção de vossa Magestade, os tormentos de pena, & dano, q̄ aquellas Almas padecêrãõ, se podiam chamar Missõens do Inferno; agora

as mesmas Missoens, por serem de Vossa Magestade, serã paraifo : *Emissiones tue Paradisus*. Assim o ficaõ esferendo da Real piedade, justiça, & grandeza de Vossa Magestade, aquellas tão perseguidas ; & desemparradas Almas, & assim o confiam, & tem por certo os que tendose desterrado da patria por amor dellas, padecem hoje na patria tam indigno desterro. E para acabar como comecey com a ultima clausula do Evangelho ; o que elle finalmente diz, he, que os Magos tornãraõ para a sua terra por outro caminho : *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam*. A terra foy a mesma, mas o caminho diverso : & isto he o que só dezejam, os que nam tem por sua outra terra, mais que as daquella Gentilidade, a cuja conversãõ, & doutrina por meyo de tantos trabalhos tem sacrificado a vida. Voltar para as

mesmas terras, sim ; que o contrario seria inconstãcia ; mas em fôrma , que o caminho seja tam diverso, que triunfe, & seja servido Christo, & nam Herodes. Se os Magos voltassem pelo mesmo caminho, triunfaria o tyranno, perigaria Christo, & os Magos quando escapassem, nam fariaõ o fruto, que fizeram nas mesmas terras, convertendoas, como as convertêram todas à Fè, & obediencia do Rey, que vieraõ adorar, & de cujos pès nam levãraõ, nem quizeram outro despacho. Tudo isto se conseguiu entam felizmente, & se conseguirã tambem agora com a mesma felicidade, se o Oraculo for o mesmo. Mande o soberano Oraculo, que tornem para a mesma Regiam : & mande efficaizmente, que seja outro o caminho. *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam*.

FINIS.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

# INDICE

## Dos Lugares da Sagrada Escritura.

### Os Numeros significação as Paginas.

#### Ex Lib. Genes.

**Cap. 1. 2.** **I**n principio creavit Deus Caelum, & terram: terra autem erat inanis, & vacua. 412 496.

1. 2. Et tenebra erant super faciem abyssi 336 499.

16. Luminare manus, ut praesset diei. 471.

**Cap. 2. 20.** Adde vero non inveniebatur adjutor similis ejus. 431.

**Cap. 3 1.** Nequaquam morietur, eritis sicut Dij. 299.

1. Cur praecipit vobis Deus, ne comederetis de omni ligno Paradisi. 299. 307.

6. Pulchrum oculis, aspectuque delectabile. 414.

8. Eritis. 136

12. Mulier quam dedisti mihi. 10.

16. Sub viri potestate eris. 468.

**Cap. 9 25.** Maledictus Chanaan, servus servorum erit fratribus suis. 466.

**Cap. 12. 1.** Veni in terram, quam mon-

stravero tibi. 206.

**Cap. 14. 18.** Melchisedech proferens panem, & vinum, erat enim Sacerdos Dei Altissimi. 354.

**Cap. 15. 16.** Necdum enim completae sunt iniquitates Amorrhaeorum usque ad praesens tempus. 27.

**Cap. 22. 2.** Tolle filium tuum, quem diligis Isaac, & offeres eum in holocaustum. 365.

6. Ipse vero portabat in manibus ignem, & gladum. 260.

12. Nunc cognovi quod timeas Deus, & non peperisti unigenito filio tuo propter me. 260. 365.

13. Arsetem inter vespres harentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio 366.

**Cap. 25. 28.** Rebecca diligebat Jacob. 362.

Maior serviet minori. 468.

**Cap. 27. 36.** Supplantavit enim me in altera vice. 485.

**Cap. 28. 17.** Terribilis est locus iste. 323.

- Cap. 32. 25. *Cum videret quod eum superare non posset.* 392.
28. *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines praevaleris?* 392.
- Cap. 39. 7. *Iniecit oculos in Joseph.* 100.
17. *Ingressus est servus Hebraeus, quem adduxisti, ut illuderet mihi.* 100.
- Cap. 47. 9. *Dies peregrinationis mea parvi, & mali.* 438.
- Cap. 49. 5. 6. 7. *Simeon, & Levi fratres vasa iniquitatis bellantia, in consilium eorum non veniat anima mea, & in catu eorum non sit gloria mea, quia in furore suo occiderunt virum, & in voluntate sua suffoderunt murum. Maledictus furor eorum quia pertinax, & indignatio eorum quia dura.* 219.
8. *Inda te laudabunt fratres tui.* 233.
18. *Salutare tuum expectabo.* 328.
26. *Donec veniret desiderium collium aeternorum.* 328.
- Ex Lib. Exod.
- Cap. 1. 8. *Surrexit Rex novus, qui ignorabat Joseph.* 489.
- Cap. 3. 6. *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob.* 488.
14. *Ego sum qui sum.* 215. 293.
- Cap. 4. 13. *Mitte quem missurus es.* 64.
- Cap. 28. 24. *Facies in rationali catenas sibi invicem cohaerentes ex auro purissimo, catenasque aureas junges annulis, qui sunt in marginibus ejus.* 118.
36. *Sanctum Domino.* 138.
- Cap. 32. 32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo.* 281.
32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti.* 479.
- Ex Lib. Levit.
- Cap. 11. 45. *Sancti eritis, quia ego sanctus sum.* 136.
- Ex Lib. Num.
- Cap. 11. 15. *Sen aliter tibi videtur, obsecro, ut interficias me.* 481.
- Cap. 12. 3. *Erat enim Moyses vir mitissimus super omnes homines, qui morabantur in terra.* 480.
- Cap. 13. 10. *Moriatur anima mea, morte iustorum.* 265.
- Cap. 24. 17. *Orietur stella ex Jacob.* 513.
- Ex Lib. Deuter.
- Cap. 30. 11. *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum.* 176.
12. *In Caelo situm.* 176.
13. *Trans mare positum.* 176.
14. *Sed juxta te est, sermo valde in corde tuo.* 176.
- Cap. 34. 6. *Non cognovit homo sepulchrum ejus.* 454.
- Ex Lib. Josue.
- Cap. 10. 14. *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* 358.
- Ex Lib. Judic.
- Cap. 16. 20. *Dixit in animo suo, egrediar sicut ante feci, & me excutiam, nesciens quod recessisset ab eo Dominus.* 40.
- Ex Lib. 1. Reg.
- Cap. 8. 7. *Non te abiecerunt, sed me, ne regnem super eos.* 481.
- Cap. 15. 24. *Peccavi.* 23.
- Cap. 16. 7. *Homo videt ea, qua parent, Domi-*



- Dominus autem intuetur cor.* 485.
- Cap. 17. 49. *Circumducens percussit Philistaum, & infixus est lapsi in fronte ejus.* 127.
- Cap. 18. 1. *Anima Ionatha conglutinata est anima David.* 84.
- Cap. 21. 13. *Ferebatur in manibus suis.* 467.
- Cap. 24. 18. *Tu enim tribuisti mihi bona: ego autem reddidi tibi mala.* 217.
19. *Et tu indicasti hodie, que feceris mihi bona, quomodo tradiderit me Dominus in manum tuam, & non occideris me.* 217.
20. *Quis enim cum invenerit inimicum suum, dimittit eum in via bona?* 217.
20. *Sed Dominus reddat tibi vicissitudinem hanc pro eo quod hodie operatus es in me.* 218.
21. *Nunc scio quod certissime regnaturus sis, & habiturus in manu tua Regnum Israel.* 217.
22. *Iura mihi ne deleas semen meum post me, neque auferas nomen meum de domo patris mei.* 217.
- Ex Lib. 2. Reg.
- Cap. 12. 13. *Peccavi: Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* 23. 174.
- Cap. 23. 15. *Desideravit ergo David, & ait: O si quis mihi daret potum aqua de cisterna, qua est in Betshelem.* 56.
- Ex Lib. 3. Reg.
- Cap. 3. 25. *Dividite infantem vivum.* 367.
- Cap. 6. 17. *Panem, & carnes mane, panem, & carnes vespere.* 120.
- Cap. 10. 7. 8. *Non credebam narranti-*

- bus mihi, donec ipsa veni, & vidi oculis meis, & probavi, quod media pars mihi nuntiata non fuerit: maior est sapientia, & opera tua, quam rumor, quem audivi: beati viri tui, & beati servi tui, qui stant coram te semper.* 205.
14. *Pondus auri quod afferebatur Salomoni per annos singulos sexcentorum sexaginta sex talentorum auri.* 419.
27. *Fecitque ut tanta esset abundantia argenti in Ierusalem, quanta & lapidum.* 419.
- Cap. 17. 1. *Vivit Dominus, si erit annis his ros, & pluvia nisi juxta oris mei verba.* 120.
- Cap. 21. 29. *Nonne vidisti humiliatum Achab?* 335.
- Ex Lib. 4. Reg.
- Cap. 2. 3. *Numquid nosti quia hodie Dominus tollet Dominum tuum a te.* 374.
- Cap. 17. 33. *Et cum Dominum colerent, Dijs quoque suis serviebat juxta consuetudinem Gentium, de quibus translati fuerant Samaritiam.* 539.
- Ex Lib. 1. Paralip.
- Cap. 3. 7. *ex text. Hebræo. Aurum erat Paruaïm.* 418.
- Ex Lib. 2. Esd.
- Cap. 2. *Una manu faciebat opus, & altera tenebat gladium.* 523.
- Ex Lib. Job.
- Cap. 3. 3. 9. *Pereat nox, in qua dictum est, conceptus est homo: expectet lucem, & non videat, nec ortum surgentis aurora.* 400.
22. *Effodientes thesaurum gaudent vehementer cum invenerint sepulchrum.* 433.
- Cap.

Cap. 14. 1. 2. *Homo natus de muliere : numquam in eodem statu permanet.* 191.

5. *Constituiti terminos ejus, qui praeteriri non poterunt.* 33.

Cap. 17. 1. *Dies mei breviabuntur, & solum mihi superest sepulchrum.* 438.

12. *Noctem verterunt in diem* 472.

Cap. 29. 18. *In nidulo meo moriar, & sicut Phoenix multiplicabo dies meos.* 449.

Cap. 31. 1. *Pepegi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem de virgine.* 302.

31 *Quis det de carnibus ejus, ut satureremur* 535.

Cap. 38. 7. *Cum me laudarent astra matutina* 515.

Ex Lib. Psalm.

Psalm. 2. 10. *Ecce nunc reges intelligite, erudimini qui judicatis terram: terrete Domino in timore, & exultate ei cum tremore: ne quando irascatur Dominus, & pereatis de via iusta.* 215.

Psalm. 7. 5. *Si reddidi retribuentsibus mihi mala.* 216.

5. *Si reddidi retribuentsibus mihi mala: decidam merito ab inimicis meis inanis.* 216. 225.

7. 8. *Exurge Domino in ira tua: exurge in praecpto quod mandasti, & synagoga populorum circumdabit te.* 6.

12. *Deus iudex iustus, fortis, & patient: nunquid irascitur per singulos dies?* 7.

15. *Ecce parturivi iustitiam: concepit dolorem, & peperit iniquitatem.* 15.

Psalm. 8. 6. *Minuisti eum paulo minus ab Angelis.* 325.

7. 8. *Gloria, & honore coronasti eum, & constituisti eum super opera manuum tuarum: omnia subiecisti sub pedibus ejus, oves, & boves, insuper & pecora campi: volucres caeli, & pisces maris.* 326.

Psalm. 11. 2. *Salvum me fac Domine quoniam defecit sanctus: quoniam diriventa sunt veritates a filiis hominum.* 239.

Psalm. 13. 4. *Quis devorant plebem meam sicut esca de panis.* 535.

Psalm. 16. 14. *De absconditis tuis adimpletus est venter eorum.* 404.

15. *Satiabor cum apparuerit gloria tua.* 74.

Psalm. 17. 38. 39. *Persequar inimicos meos, & comprehendam illos, & non converterar, donec deficiant: confringam illos, nec poterunt stare, cadent subius pedes meos.* 214.

12. *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* 311.

Psalm. 18. 3. *Dies diei eructat verbum: & nox noctis indicat scientiam.* 346. 349.

7. *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* 320.

8. *A summo caelo egressio ejus: & occursum ejus usque ad summum ejus.* 320.

Psalm. 21. 7. *Ego sum vermis, & non homo opprobrium hominum, & abjectio plebis.* 336.

Psalm. 26. 6. *Circuivi, & immolavi hostiam vociferationis.* 71.

Psalm. 34. 12. *Retribuebant mihi mala pro bonis.* 26.

Psalm.

- Sal. 35. 9. *Torrente voluptatis tue potabis eos.* 198.
- Sal. 38. 6. *Ecce mensurabiles posuisti dies meos.* 32.
6. *Avertantur statim erubescences, qui dicunt mihi, euge, euge.* 244.
- Sal. 39. 8. 9. *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei.* 360.
- Sal. 41. 11. *Ubi est Deus tuus?* 67.
3. *Sitivit anima mea ad Deum fontem vivum.* 74.
3. *Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei.* 74.
8. *Abyssus abyssum invocat.* 335.
- Sal. 43. 5. *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus, qui mandas salutes Jacob.* 481.
- Sal. 48. 11. *Cum videris sapientes morientes, simul inspiens, & stultus peribunt.* 447.
- Sal. 50. 6. *Tibi soli peccavi.* 238.
3. *Secundum multitudinem miserationum tuarum.* 10.
9. *Asperges me hyssopo, & mundabor: lavabis me, & super nivem dealabor.* 535.
12. *Cor mundum crea in me Deus.* 174.
- Sal. 51. 4. *Tota die iniquitatem cogitavit lingua tua.* 299.
6. *Verba precipitationis.* 300.
- Sal. 53. 7. *Averte mala inimicis meis, & in voluntate tua disperde illos.* 214.
- Sal. 61. 12. *Semel locutus est Deus, duo haec audivi.* 13.
13. *Duo haec audivi, quia potestas Dei est, & tibi Domine miseri-*

- cordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua.* 13.
- Sal. 65. 3. *In multitudine virtutis tuae mententur tibi inimici tui.* 292.
10. 11. 12. *Quoniam probasti nos Deus: igne nos examinasti, sicut examinatur argentum. Induxisti nos in laqueum posuisti tribulationes in dorso nostro: imposuisti homines supra capita nostra.* 463.
- Sal. 67. 18. *Currus Dei decem millibus multiplex.* 58.
19. *Ascendisti in alium, accepisti dona in heminibus.* 384.
31. *Ut excludant eos, qui probati sunt argento.* 414.
- Sal. 69. 4. *Avertantur retrosum, & erubescant qui volunt mihi mala.* 244.
- Sal. 70. 16. *Domine memorabor justitiae tuae solius.* 14.
- Sal. 71. 6. *Descendet sicut pluvia in vellus, & sicut stillicidia stillantia super terram.* 352.
8. *Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis terrarum.* 504.
11. *Adorabunt eum omnes Reges terrae, omnes gentes servient ei.* 493.
- Sal. 72. 8. *Cogitaverunt, & locuti sunt iniquitatem.* 300.
- Sal. 76. 6. *Cogitavi dies antiquos, & annos aeternos in mente habui.* 65.
- Sal. 84. 8. *Ostende nobis Domine misericordiam tuam, & salutare tuum da nobis.* 64.
12. *Veritas de terra orta est, & justitia de Caelo prospexit, & terra nostra dabit fructum suum.* 297.
- Sal. 85. 13. *Eruxisti animam meam ex*

- Inferno inferiori.* 430.  
 9. *Omnes gentes quas cuique fecisti, venient, & adorabunt coram te Domine.* 493.  
 13. *Quia misericordia tua magna est super me, & eruisti animam meam ex Inferno inferiori.* 430.  
 Pf. 88. 36. *Semel iuravi in sancto meo, si David mentiar, semen ipsius in aeternum manebit.* 139.  
 Pfal. 98. 8. *Tollite hostias.* 21.  
 Pfal. 100. 8. *In matutino inter sciebam omnes peccatores terra.* 5.  
 Pfal. 104. 37. *Et non erat in tribubus eorum infirmus.* 479.  
 Pfal. 109. 4. *Ex utero ante luciferum genui te.* 55.  
 Pfal. 110. 4. *Misericors, & miserator.* 10.  
 Pfal. 112. 5. *Quis sicut Dominus Deus noster, qui in altis habitat, & humilia respicit in Caelo, & in terra.* 339.  
 Pfal. 113. 5. *Quid est tibi mare, quod fugisti, & tu Iordanis, quia conversus es retrorsum?* 503.  
 16. *Celum cali Domino.* 203. 540.  
 16. *Celum cali Domino, terra autem dedit filijs hominum.* 324.  
 Pfal. 114. 4. *O Domine libera animam meam.* 74.  
 5. *Misericors Dominus, & justus.* 14.  
 Pfal. 115. 10. *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis.* 182.  
 12. 13. *Quid retribuam Domino pro omnibus quae retribuit mihi: calicem salutaris accipiam, & nomen Domini invocabo.* 184.  
 11. *Ego dixi in excessu meo, omnis homo mendax.* 181.  
 Pfal. 117. 25. *O Domine saluum me fac, o Domine bene prosperare.* 74.  
 Pfal. 118. 53. *Defectio tenuit me pro peccatoris derelinentibus legem tuam.* 5.  
 61. *Funes peccatorum circumplexi sunt me.* 40.  
 144. *Intellectum da mihi, & vitam.* 444.  
 173. *Mandata tua elegi.* 455.  
 Pfal. 119. 5. *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est.* 75.  
 Pfal. 131. 8. *Surge Domine in requiem tuam, tu, & arca sanctificationis tuae.* 436.  
 Pfal. 138. 22. *Perfecto odio oderam illos, & inimici facti sunt mihi.* 97.  
 Pfal. 145. 3. *Nolite confidere in Principibus, in quibus non est salus.* 487.  
 Pfal. 148. 3. *Laudate eum omnes stellae, & luna.* 515.  
 Ex Lib. Proverb.  
 Cap. 2. 4. *Si quiesieris eam quasi pecuniam, & sicut thesauros effoderis illam, tunc intelliges timorem Domini, & scientiam Dei invenies.* 433.  
 Cap. 8. 15. *Per me Reges regnant.* 215.  
 17. *Ego diligentes me diligo.* 103.  
 31. *Delicia meae esse cum filijs hominum.* 340.  
 Cap. 29. 5. *Homo qui blandis, fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus ejus.* 233.  
 Cap. 30. 28. *Stellato manibus nititur, & moratur in adibus Regum.* 232.  
 Ex Lib. Eccles.  
 Cap. 3. 27. *Qui amat periculum, in illo peribit.* 276.  
 Cap.

p. 5. 4. Peccavi, & quid mihi accidit triste? 8.

6. Ne adicias peccatum super peccatum, & ne dicas, miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur. 12. Misericordia enim, & ira ab illo cito proximant. 12.

5. De propitiato peccato noli esse sine metu. 41.

p. 7. 40. Memorare novissima tua, & in aeternum non peccabis. 40.

p. 10. 7. Vidi seruos in equis, & Principes ambulantes super terram. 466.

p. 14. 15. In habitatione sancta coram ipso ministravi, & in civitate sanctificata similiter requievi. 145.

p. 16. In plenitudine sanctorum delectio mea. 145.

p. 24. 8. Gyrum cali circuiui sola. 52.

2. Tunc praecepit, & dixit mihi creator omnium, & qui creavit me requieuit in tabernaculo meo, & dixi mihi in Israel, hereditare. 145.

4. Mater pulchra dilectionis. 321.

p. 31. 8. 10. Qui post aurum non abiit, probatus est in illo. 414.

p. 34. 2. Visa mendacia. 203.

p. 47. 3. Cum leonibus lusi quasi cum agnis. 476.

Ex Lib. Cantic.

p. 1. 5. Posuerunt me custodem in vineis, vineam meam non custodiui. 124.

5. Filia Ierusalem, nolite considerare quod susca sim, quia decolo-

ravit me Sol. 533.

Cap. 2. 4. Ordinavit in me charitatem. 89.

8. Ecce iste venit saliens in montibus, transliens colles. 63.

12. Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit; 440.

16. Dilectus meus mihi, & ego illi. 82.

Cap. 3. 6. Qua est ista, qua progreditur, terribilis ut castrorum acies ordinata. 436.

9. 10. Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani, columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum, media charitate constravit. 211.

10. Reclinatorium aureum, ascensum purpureum. 473.

Cap. 4. 13. Emissiones tuae Paradisus. 548.

Cap. 5. 2. Ego dormio, & cor meum vigilat. 60. 473.

16. Dilectus meus mihi, totus desiderabilis, dilectus meus totus desideria. 62.

Cap. 7. 1. Choros castrorum. 303.

Cap. 8. 1. Quis mihi det te fratrem meum, ut inveniam te foris. 67.

6. Fortis est ut mors dilectio, dura sicut Infernus amulatio. 102.

Ex Lib. Sep.

Cap. 5. 17. Accipiet Regnum decoris, & Diadema speciei de manu Domini. 198.

Cap. 6. 6. Judicium durissimum his qui praesunt, fiet. 474.

Cap. 7. 26. Candor est enim lucis aeterna. 188.

Cap.

- Cap. 10. 10. *Offendit illi Regnum Dei, & dedit illi scientiam sanctorum.* 142.
14. *In vinculis non dereliquit eum, donec afferret illi sceptrum Regni.* 113.
- Cap. 18. 14. *Cum quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet.* 319.
- Ex Proph. Isai.
- Cap. 1. 4. *Blasphemaverunt sanctum Israel.* 138.
22. *Argentum tuum versum est in scoriam.* 417.
- Cap. 2. 7. *Repleta est terra argento, & auro, & non est finis thesaurorum ejus.* 421.
8. *Et repleta est terra ejus, & innumerabiles quadriga ejus, & repleta est terra ejus idolis, opus manuum suarum adoraverunt.* 421.
19. 20. *Introibunt in speluncas petrarum, & in voragine terre, projiciet homo idola argenti sui, & simulachra auri sui, qua fecerat sibi, ut adoraret talpas, & vestertiliones.* 408.
- Cap. 5. 5. 6. *Et nunc ostendam vobis quid faciam vinea mea, auferam sepem ejus, & erit in direptionem, diruam maceriem ejus, & erit in conculcationem, & ponam eam desertam: non putabitur, & non fodietur: & ascendent vepres, & spine, & nubibus mandabo ne pluant super eam imbrem.* 39.
19. *Veniat consilium sancti Israel.* 138.
- Cap. 6. 2. 3. *Seraphim stabant, & clamabant alter ad alterum, Sanctus, Sanctus, Sanctus.* 148.
- Cap. 7. 14. *Ecce virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* 50. 338.
- Cap. 9. 3. *Latabuntur coram te sicut qui latantur in messe, sicut exultant victores capta praeda, quando dividunt spolia.* 199.
6. *Cujus imperium super humerum ejus.* 547.
- Cap. 17. 7. *Ad sanctum Israel respicient.* 136.
- Cap. 25. 1. 6. *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium, pinguium medullatorum.* 98.
- Cap. 28. 14. 15. *Audite verbum Domini viri illusores, dixistis enim, percussimus foedus cum morte: & cum Inferno fecimus pactum.* 16.
- Cap. 37. 4. *Si quomodo audiat Deus tuus verba Rabsacis, quem misit Rex Assyriorum ad blasphemandum Deum viventem, & exprobandum sermonibus, quos audivit Dominus Deus tuus.* 373.
- Cap. 38. 8. *Et reversus est Sol decem lineis per gradus, quos descenderrat.* 327.
- Cap. 39. 6. 7. *Ecce dies veniunt, & auferentur omnia, qua in domo tua sunt, & qua thesaurizaverunt patres tui usque in diem hanc in Babylone: non relinquetur quidquam dicit Dominus, & de filiis qui exhibuit de te, quos genueris, tolent, & erunt eunuchi in Palatio Regis Babylonis.* 403.
- Cap. 41. 16. *In sancto Israel lataberis.* 138.
- Cap. 43. 5. *Ab Oriente adducam semen tuum:*

Lugares da Sagrada Escritura.

559

- num : & ab Occidente congregabo te. 494.
- p. 45. 3. *Portas areas conteram, & velles ferreos confringam, & dabo tibi thesauros absconditos, & arcana secretorum.* 425.
8. *Rorate cali desuper, & nubes pluant justum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* 64. 426. 352.
15. *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.* 426.
- p. 53. 1. *Quis credidit auditui nostro.* 361.
6. *Posuit Dominus in eo iniquitatem omnium nostrorum.* 361.
7. *Oblatus est, quia ipse voluit.* 456.
8. *Generationem ejus quis enarrabit?* 361.
11. *Pro eo quod laboravit anima ejus, justificabit ipse justus servus meus multos.* 361.
- p. 55. 7. *Multis ad ignoscendum.* 10.
- p. 60. 2. 3. *Quia ecce tenebra operient terram, & caligo populos, super te autem orietur Dominus, & gloria ejus in te videbitur, & ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in splendore ortus tui.* 500.
6. *Dromedarij Madian, & Ephat omnes de Sabba venient, aurum, & thus deferentes.* 517.
- p. 64. 4. *A seculo non audierunt, neque auribus perceperunt que praparasti diligentibus te.* 195.
- p. 65. 17. *Ecce ego creo caelos novos, & terram novam.* 494.
3. *Quia ecce creo Ierusalem exul-*

tationem, & populum ejus gaudium. 497.

Ex Prophet. Jerem.

Cap. 7. 4. *Nolite confidere in verbis mendacij, dicentes, templum Domini, templum Domini, templum Domini est.* 23.

Cap. 15. 12. *Numquid faderabitur ferrum ferro ab Aquilone, & as?* 402.

Cap. 31. 22. *Creavit Dominus novum super terram: samina circumdabit virum.* 49.

Ex Proph. Ezech.

Cap. 1. 7. *Et planta pedis eorum, quasi planta pedis vituli.* 516.

10. *Facies hominis.* 237.

16. *Rota in medio rotae.* 57.

Cap. 28. 14. 15. *Tu Cherub extensus, & protegens, & posui te in monte sancto Dei, in medio lapidum ignitorum ambulasti perfectus in vijs tuis a die conditionis tuae, donec inventa est iniquitas in te.* 149.

Cap. 38. 11. *Ad terram que reversa est ad gladio: ad quiescentes, habitantesque secure.* 402.

11. *Ascendam ad terram absque muro: velles, & porta non sunt eis.* 402.

13. *Ecce ad diripiendam pradam congregasti multitudinem tuam, ut tollas argentum, & aurum.* 402.

Ex Proph. Dan.

Cap. 5. 5. *Eadem hora apparuerunt digiti.* 37.

26. *Numeravit.* 37.

27. *Inventus est minus habens.* 37.

30. *Eadem nocte intersectus est*

Rex

- Rex Balthasar. 37.*
- Cap. 6. 10. *Apertis fenestris in cœnaculo suo contra Ierusalem, tribus temporibus in die flebat genua sua, & adorabat. 539.*
- Cap. 7. 9. *Thronus ejus flamma ignis, rota ejus ignis accensus. 128.*
- Ex Proph. Osee.
- Cap. 2. 19. *Sponsabo te mihi in sempiternum. 198.*
- Cap. 7. 3. *In malitia tua latificaverunt Regem. 234.*
- Cap. 9. 12. *Vae eis cum recessero ab eis. 38.*
- Cap. 14. 3. *Convertimini ad Dominum, & dicite ei: omnem aufer iniquitatem. 21.*
3. *Tollite vobiscum verba. 21.*
- Ex Proph. Amos.
- Cap. 2. 4. 6. *Hec dicit Dominus: super tribus sceleribus Juda, & super quatuor non convertam eum: super tribus sceleribus Israel, & super quatuor non convertam eum. 33.*
- Cap. 3. 12. *Quomodo si eruat Pastor de ore leonis duo crura, aut extremum auriculæ. 525.*
- Cap. 7. 12. 13. *Quid vides, gradere, fuge in terram Iuda, & comede ibi panem, & prophetabis ibi, & in Bethel non adjicias ultra ut prophetes quia sanctificatio Regis est, & domus Regis est. 241.*
- Cap. 8. 2. *Quid tu vides Amos? Et dixit, uncinum pomorum. 440.*
- Ex Proph. Jon.
- Cap. 3. 4. *Adhuc quadraginta dies & Ninive subvertetur. 250.*
- Ne dixeris, peccavi, & quid mihi accidit triste? Altissimus enim est patiens redditor. 8.*
- Ex Proph. Mich.
- Cap. 4. 5. *Ambulavimus in vijs Domini in aeternum, & ultra. 451.*
- Cap. 5. 2. *Et egressus ejus ab initio diebus aeternitatis. 242.*
- Ex Proph. Abach.
- Cap. 3. 5. *Ante faciem ejus ibit mors. 439.*
- Ex Proph. Zach.
- Cap. 5. 1. *Vidi, & ecce falx volans. 28.*
- 459.
8. *Hæc est impietas. 28.*
- Cap. 6. 12. *Vir oriens nomen ejus. 50.*
- Ex Proph. Malac.
- Cap. 4. 2. *Orietur vobis Sol justitiæ. 504.*
- Ex Lib. I. Machab.
- Cap. 8. 3. *Et quanta fecerunt in regione Hispania, & quod in potestatem redegerunt metala argenti, & auri, quæ illic sunt.*
- Ex Evang. D. Matth.
- Cap. 1. 1. *Liber generationis Jesu Christi, filij David, filij Abraham. 354.*
- Cap. 2. 1. *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt. 491.*
2. *Ubi est qui natus est Rex Judæorum? 540.*
3. *Audiens autem Herodes Rex turbatus est. 491.*
3. *Turbatus est Herodes, & omnis Jerusalem cum illo. 541.*
4. *Congregans omnes Principes Sacerdotum, & Scribas populi sciscitabatur ab eis, ubi Christus nasceretur. 542.*



At illi dixerunt ei : in Bethlebem  
Juda, sic enim scriptum est per  
Prophetam. Et tu Bethelhem ter-  
ra Juda, &c 543.

Ex te enim exiet dux, qui regat  
populum meum. 242.

Et ego veniēs adorem eum. 539.

Et ecce stella, quam viderant in  
Oriente, antecedebat eos. 516.

Vsq̄e dum veniens staret supra  
ubi erat puer. 519.

Videntes autem stellam gavisi  
sunt gaudio magno valde. 510.

Invenērunt puerum cum Maria  
matre ejus. 518.

Procidentes adoraverunt eum : &  
responso accepto, ne redirent ad  
Herodem, per aliam viam rever-  
si sunt in regionem suam. 521.

Apertis thesauris suis, obtulerunt  
ei munera; aurum, thus, & myr-  
rhā. 530.

Fuge in Egyptum, futurum  
est enim, ut Herodes querat pue-  
rum ad perdendum eum. 508.

Secundum tempus, quod exqui-  
siverat à Magis. 520.

4. 19. Faciam vos fieri piscatores  
hominum. 535.

5. 8. Beati mundo corde. 135.

Beati crūtis cum maledixerint  
vobis homines, mentientes. 312.

Vos estis sal terra. 525.

Si offers munus tuum ad altare,  
& ibi recordatus, fueris quia fra-  
ter tuus habet aliquid adver-  
sum te : vade prius reconciliari  
fratri tuo, & tunc offeres munus  
tuum. 381.

Ego autem dico vobis: diligite ini-

micos vestros, & benefacite his,  
qui oderunt vos. 210.

44. Orate pro persequentibus, & ca-  
lumniantibus vos. 214.

44. Diligite inimicos vestros. 210.

46. Si enim diligitis eos, qui vos dili-  
gunt, nunc & ethnici hoc faci-  
unt? 96.

Cap. 6. 20. Thesaurizate vobis thesau-  
ros in celo. 432.

24. Nemo potest duobus dominis ser-  
vire, aut enim unum odio habe-  
bit, & alterum diliget. 231.

Cap. 8. 2. Volo : mundare. 174.

2. Domine, si vis, potes me mundare.  
174. 487.

3. Et confestim mundata est lepra  
ejus. 174.

10. Non inveni tantam fidem in Is-  
rael. 210.

11. Dico vobis, quod multi ab Orien-  
te, & Occidente venient. 494.

24. Ipse vero dormiebat. 109.

Cap. 10. 9. Nolite possidere aurum, ne-  
que argentum, neque pecuniam in  
zonis vestris. 416.

14. Quicumque non receperint vos,  
neque audierint sermones vestros,  
exeuntes foras de domo, vel civi-  
tate, excutite pulverem de pedi-  
bus vestris in testimonium illis.  
536.

15. Amen dico vobis, tolerabilius erit  
terra Sodomorū, & Gomorrhœorum,  
quam illi civitati. 537.

36. Inimici hominis domestici ejus. 226.

Cap. 11. 4. Euntes renuntiate Joanni  
quæ audistis, & vidistis : Cæci  
vident, &c. 518.

27. Omnia mihi tradita sunt à Patre  
meo. 375. Na Cap.

- Cap. 12. 40. *In corde terra.* 422.
- Cap. 13. 44. *Thesauro abscondito in agro.* 401.
- Cap. 16. 13. *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* 333.
15. 16. *Vos autem quem me esse dicitis?* 125.  
*Tu es Christus filius Dei vivi.* 125.
16. *Tu es Christus filius Dei vivi.* 333.
17. *Caro, & sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in Calis est.* 334.
18. *Super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam.* 522.
19. *Tibi dabo claves Regni Calorum.* 106. 522.
19. *Et porta inferi non pravalebunt adversus eam.* 522.
19. *Tibi dabo claves regni Calorum, & quodcumque ligaveris erit ligatum, & quodcumque solveris erit solutum.* 107.
- Cap. 17. 2. *Resplenduit facies ejus sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* 179. 443.
4. *Bonum est nos hic esse.* 125. 181.
5. *Hic est filius meus dilectus.* 188.
- Cap. 19. 27. *Ecce nos reliquimus omnis quid ergo erit nobis?* 125. 484.
- Cap. 20. 28. *Non veni ministrari, sed ministrare.* 481. 529.
- Cap. 21. 43. *Auferetur a vobis Regnum Dei, & dabitur genti facienti fructus ejus.* 547.
- Cap. 23. 32. *Implete mensuram patrum vestrorum.* 28.
- Cap. 24. 27. *Sicut fulgur exit ab Oriente, & parat usque ad Occidentem.* 516.
- Cap. 25. 1. *Simile est Regnum Calorum decem virginibus.* 287.
1. *Exierunt obviam sponso, & sponsa.* 287.
5. *Quinque autem ex eis erant frigida, & quinque prudentes.* 253.
5. 6. *Dormitaverunt omnes, & dormierunt.* 253.
5. *Media autem nocte.* 253.
9. *Ne forte non sufficiat nobis, & vobis.* 264. 274.
6. *Clamor factus est, ecce sponsus venit.* 266.
7. *Tunc surrexerunt omnes virginis illa.* 287.  
*Ornaverunt lampades suas.* 287.
7. *Date nobis de oleo vestro.* 287. 288.
8. *Quia lampades nostra extinguitur.* 266. 285.
9. *Nobis, & vobis.* 286.
9. *Ite potius ad vendentes.* 288.
10. *Dum autem irent emergere.* 289.
10. *Dum autem irent emergere, & sponso.* 273. 290.
13. *Quia nescitis diem, neque horam.* 285. 394.
13. *Vigilate, quia nescitis diem, & horam.* 252. 257.
11. *Novissime vero veniunt & vocatae Virgines, dicentes, Domine Domine, aperi nobis.* 289.
12. *Nescio vos.* 289.
10. *Clausus est janua.* 290.
34. *Venit Benedictus.* 208.
- Cap. 26. 12. *Mittens hac unguentum corpus meum ad sepeliendum.* 271.
24. *Bonum erat ei si natus non fuisset homo ille.* 337.

1. Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte. 109.

3. Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego numquam scandalizabor. 19.

5. Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo. 19.

7. Si possibile est. 364.

9. Venit ad discipulos suos. 389.

10. Venerunt duo falsi testes. 308.

27. 5. Hic est filius meus dilectus. 188.

16. Barabbas, id est filius Patris, 370.

3. Confidit in Deo liberet nunc si vult eum. 114.

7. Vt quid dereliquisti me? 391.

28. 20. Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi. 348.

Ex Evang. D. Marc.

1. 31. Apprehensa manu ejus. 123.

6. 47. Erat navis in medio mari. 110.

Et ipse solus erat in terra. 346.

7. 33. 34. Apprehendens eum de turba seorsum, misit digitos suos in auriculas ejus, & expuens, tetigit linguam ejus, & suspiciens in calum ingemuit, & ait illi: E-

pheta, quod est adaperire. 414.

Bene omnia fecit, & surdos fecit audire, & mutos loqui. 514.

8. 24. Video homines velut arbores ambulantes. 310.

9. 5. Non enim sciebat quid diceret, erant enim timore exterriti. 188.

Si quid potes, adjuva nos. 486.

14. 36. Pater omnia tibi possibilia

sunt, transfer calicem hunc a me. 364.

Cap. 16. 1. Emerunt aromata, ut venientes ungerent Iesum. 271.

1. 2. Emerunt aromata. 398.

Veniunt ad monumentum. 397.

Ex Evang. D. Luc.

Cap. 1. 29. Benedicta tu inter mulieres 61.

31. 32. Ecce concipias in utero, & paries filium, hic erit magnus & filius Altissimi vocabitur. 46.

32. Filius Altissimi vocabitur. 339.

32. Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus, & regnabit in domo Iacob in aeternum. 141.

35. Ideoque & quod nascetur ex te sanctum, vocabitur filius Dei. 140.

38. Ne timeas Maria: fiat mihi secundum verbum tuum. 61.

78. Visitavit nos oriens ex alto. 340.

Cap. 2. 9. Claritas circumfulsit illos. ibi. 10. Evangelizo vobis gaudium magnum, quia natus est vobis hodie Salvator. ibi. 15. Transeamus usque Bethlehchem. 511.

11. Natus est vobis hodie Salvator. 505.

24. Par turturum, aut duos pullos columbarum. 530.

Cap. 4. 38. Introivit Iesus in domum Simonis. 122.

38. Socrus autem Simonis tenebatur magnis febris. 122.

39. Stans super illam. 123.

42. Detinebant illam ne discederet ab eis, quia & alijs civitatibus oportet me evangelizare regnum Dei. 345.

Cap. 5. 4. Duc in altum. 110.

- Cap. 6. 22. Et dixerint omne malum  
adversus vos, mentientes. 312.
27. Beati eritis, cum vos oderint ho-  
mines, & cum separaverint vos,  
& expraverint, & ejecerint  
nomen vestrum, tanquam malum  
propter Filium hominis: gaudete,  
& exultate: ecce enim merces ve-  
stra multa est in Cælo. 537.
- Cap. 7. 47. Quoniam dilexit multum.  
377. 486.
- Cap. 9. 31. Et loquebantur de excessu,  
quem completurus erat in Ieru-  
salem. 442.
- Cap. 10. 27. Diliges Dominum Deum  
tuum ex toto corde tuo, & proximi-  
um tuum sicut te ipsum. 211.
29. Et quis est meus proximus? 22.
40. Domine, non est tibi cura? 437.
40. Sedens secus pedes Domini. 437.
40. Quæstis, & ait. 437.
40. Reliquit me solam. 437.
42. Maria optimam partem elegit.  
435.
- Cap. 14. 26. Qui non odit patrem suum,  
& matrem, & uxorem, & filios,  
& fratres, & sorores, adhuc au-  
tem & animam suam, non potest  
meus esse discipulus. 78.
- Cap. 15. 5. Imponit in humeros suos  
gaudens. 547.
18. Pater peccavi in calum, & co-  
ram te. 297.
- Cap. 16. 26. Inter nos, & vos, chaos  
magnum firmatum est, 324.
- Cap. 17. 21. Regnum Dei intra vos est.  
176.
- Cap. 22. 32. Ego autem rogavi pro te.  
109.
32. Ego autem rogavi pro te, ut non

- deficiat fides tua, & tu aliquan-  
do conversus confirma fratres  
tuos. 109.
35. 36. Quando misi vos sine sacco  
& pera, numquid aliquid desu-  
vobis? 416.
- At illi dixerunt: nihil. 416.
- Sed nunc qui habet sacculum, to-  
lat similiter & peram. 416.
41. Et ipse avulsus est ab eis. 351.
41. Avulsus est ab eis. 389.
42. Transfer. 364.
42. Non mea, sed tua voluntas fu-  
457.
- Cap. 23. 25. Iesum vero tradidisti volun-  
tati eorum. 19.
42. Domine, memento mei cum ve-  
neris in Regnum tuum. 121.
42. Hodie mecum eris in Paradiso.  
121.
- Cap. 24. 11. Visa sunt sicut deliramen-  
tum. 397.
17. Qui sunt hi sermones, quos co-  
feris ad invicem, & estis tristes?  
396. 397.
21. Nos autem sperabamus, quia ipse  
esset redempturus Israël. 397.
23. Non invento corpore ejus. 397.
29. Quoniam advesperascit. 397.
22. Mulieres ex nostris terruerunt  
nos. 272.
25. O stulti, & tardi corde ad creden-  
dum. 451.
34. Surrexit Dominus vere, & a-  
paruit Simoni. 125.
- Ex Evang. D. Ioann.
- Cap. 1. 1. Et verbum erat apud Deum.  
68.
1. In principio erat verbum. 342.
14. Verbum caro factum est. 342.

4. Vidimus gloriam ejus; gloriam quasi venienti à Patre, plenum gratia, & veritatis. 141.  
 4. Verbum caro factum est, & habitavit in nobis. 342.  
 9. Agnus qui tollis peccata mundi, 352.  
 3. Rabbi, ubi habitas? 204.  
 9. Venite, & videte. 204.  
 7. Ecce vere Israelite in quo dolus non est. 185.  
 2. 19. 21. Solvite templum hoc, & in tribus diebus excitabo illud: Ille autem dicebat de templo corporis sui. 308.  
 3. 16. Sic. Deus dilexit mundum, ut filium suum unigenitum daret. 359.  
 4. 18. Quinque viros habuisti, & hunc quem habes non est tuus vir. 102.  
 5. 6. Hic est Iesus, qui venit per aquam, & sanguinem: non in aqua solum, sed in aqua, & sanguine. 165.  
 5. Qui scit fratrem suum peccare peccatum, non ad mortem petat, & dabitur ei vita peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem, non pro illo dico ut roget quis. 34.  
 6. 32. Non Moyses dedit vobis panem de Calo, sed Pater meus dat vobis panem de Calo verum. 371.  
 7. Qui manducat meam carnem, in me manet, & ego in illo. 379.  
 6. Caro mea vere est cibus. 343.  
 3. Numquid & vos vultis abire? 125.

69. Domine, ad quem ibimus? Verba vita aeterna habes. 125.  
 Cap. 8. 11. Iam amplius noli peccare. 2.  
 Nec ego te condemnabo. 3  
 50. Ego honorifico Patrem meum. 304.  
 44. Vos ex patre Diabolo estis. 305.  
 46. Ero similis vobis mendax. 292.  
 48. Samaritanus es, & Daemonium habes. 293.  
 48. Ego honorifico Patrem meum, & vos inhonorastis me. 294.  
 55. Si dixerò quia non scio eum, ero similis vobis mendax. 291.  
 57. Quinquaginta annos nondum habes, & Abraham vidisti? 292.  
 58. Antequam Abraham fieret ego sum. 292.  
 Cap. 10. 11. 12. Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis: mercenarius autem, &c. 515.  
 Cap. 11. 15. Lazarus mortuus est, ut credatis quoniam non eram ibi. 346.  
 21. Domine si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus. 346.  
 Cap. 12. 25. Qui amat animam suam, perdet eam, & qui odit animam suam, in vitam aeternam custodit eam. 98.  
 Cap. 13. 1. Suos qui erant in mundo, in finem dilexit. 359.  
 2. Et cana facta. 319.  
 2. 5. Et cana facta, capit lavare pedes discipulorum. 323.  
 2. Ante diem festum Pascha sciens Iesus quia venit hora ejus. Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. 256, 318.  
 357.  
 3. Sciens

3. *Sciens quia à Deo exiuit, & ad Deum vadit.* 256. 319. 359.
4. *Ponit vestimenta sua, & capit lavare pedes discipulorum.* 256.
2. *Cum Diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Indas.* 337. 393.
3. 5. *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus; capit lavare pedes discipulorum.* 375.
6. 8. *Domine, tu mihi lavas pedes? Non lavabis mihi pedes in aternum.* 328.
7. *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea.* 332.
13. *Vos vocatis me Magister, & Domine, & benedicitis, sum etenim* 329.
33. *Filioli, adhuc modicum vobiscum sum.* 389.
- Cap. 14. 3. *Vt cognoscat mundus, quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.* 360 394.
10. *Ego in Patre, & Pater in me est.* 68. 379.
12. *Maiora faciet, quia ad Patrem vado.* 127.
28. *Quia Pater maior me est.* 359. 392.
31. *Vt cognoscat mundus, quia diligo Patrem, & sicut mandatum dedit mihi Pater; sic facio.* 382.
31. *Surgite, eamus hinc.* 382.
- Cap. 15. 1. *Pater meus Agricola est.* 388.
4. *Manete in me, & ego in vobis.* 344.
20. *Non est servus maior Domino suo, si me persecuti sunt, & vos* 329.
50. *Ego sum vitis, vos palmites.* 388.
- Cap. 16. 7. *Expedit vobis, ut ego vadam, si enim non abiero, Paraclitus non veniet ad vos, si autem abiero, mittam eum ad vos.* 384.
15. *Omnia quaecumque habet Pater, mea sunt.* 375.
16. *Iterum modicum, & videbitis me, quia vado ad Patrem.* 385.
17. *Quid est hoc quod dicit nobis modicum, & quia vado ad Patrem? Nescimus quid loquitur.* 385.
27. *Ipse Pater amat vos, quia vos me amastis.* 182.
28. *Exivi à Patre. & veni in mundum, & iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem.* 344. 375.
- Cap. 17. 7. *Omnia que dedisti mihi abs te sunt.* 375.
- Cap. 18. 5. *Ego sum.* 133.
11. *Calicem quem dedit mihi Pater, non vis ut bibam illum?* 362.
- Cap. 19. 19. *Rex Iudeorum.* 220.
20. *Hebraicè, Gracè, & Latine.* 127.
27. *Ecce filius tuus, ecce Mater tua.* 344.
36. *Os non comminuetis ex eo.* 115.
- Cap. 20. 15. *Mulier quid ploras?* 392.
17. *Ascendo ad Patrem meum, & Patrem vestrum, nondum enim ascendo ad Patrem.* 387.
- Cap. 21. 16. *Pasce agnos meos, pasce oves meas.* 129.
22. *Sic cum volo manere.* 302.

Ex Act. Apoft.

1. 26. *Cecidit fors ſuper Ma-  
thiam.* 126.  
4. 35. *Afferebant pretia eorum ,  
que vendebant , & penebant ante  
pedes Apoſtolorum.* 106. 376.  
7. 2. 3. *Deus gloria apparuit Pa-  
tri noſtro Abraha , & dixit ad  
illum; exi de terra tua , & de cog-  
natione tua , & veni in terram ,  
quam monſtravero tibi.* 207.  
9. 15. *Vas electionis eſt mihi iſte,  
ut portet nomen meum coram gen-  
tibus.* 524.  
*Dum pertranſiret univerſos.*  
128.  
12. 2. *Occidit autem fratrem Io-  
annis, Iacobum , gladio.* 114.  
*Vinctus catenis duabus.* 106.  
*In ipſa nocte erat Petrus dormi-  
ens.* 109.  
*Ceciderunt catena de manibus  
eius.* 108.  
16. 19. *Spes quaſtus eorum.* 535.  
Ex Epift. D. Paul. ad Rom.  
7. 24. *Quis me liberabit de cor-  
pore mortis huius ?* 74.  
8. 32. *Proprio filio ſuo non peper-  
cit , ſed pro nobis tradit illum.*  
366.  
39. *Neque altitudo , neque pro-  
fundum poterit nos ſeparare à  
charitate Chriſti.* 334.  
10. 12. *Dives in omnes , qui invo-  
cant illum.* 487.  
13. 4. *Non enim ſine cauſa gla-  
dium portat.* 224.  
Epift. D. Paul. ad Corinth. I.  
2. 9. *Oculus non vidit , que præ-  
paravit Deus ijs , qui diligunt il-*

lum. 193.

9. *Oculus non vidit , neque in cor ho-  
minis aſcendit.* 194.  
Cap. 10. 4. *Petra autem erat Chriſtus.*  
61.  
Cap. 11. 24. *Gratias agens fregit.* 72.  
25. *Hic calix novum teſtamentum  
eſt in meo ſanguine.* 344.  
*Ad Corinth. 2.*  
Cap. 12. 4. *Raptus eſt in Paradifum ,  
& audivit arcana verba , qua non  
licet homini loqui.* 201.  
Ex Epift. D. Paul. ad Galat.  
Cap. 2. 20. *Vivit vero in me Chriſtus.*  
74.  
Ex Epift. D. Paul. ad Ephes.  
Cap. 4. 8. *Aſcendens in altum , dedit  
dona hominibus.* 384.  
Cap. 4. 8. 9. *Aſcendens in altum capti-  
vam duxit captivitatem : quod  
autem aſcendit , quid eſt niſi quia  
deſcendit primum in inferiores  
partes terræ.* 427.  
Ex Epift. D. Paul. ad Philip.  
Cap. 1. 23. *Deſiderium habens diſſolvi.  
& eſſe cum Chriſto.* 74.  
Cap. 2. 6. 7. *Qui cum in forma Dei eſſet,  
non rapinam arbitratus eſt eſſe ſe  
equalem Deo , ſed ſemetipſum  
exinanivit formam ſervi acci-  
piens , in ſimilitudinem hominum  
factus , & habitum inventus ut ho-  
mo.* 328.  
6. *Non rapinam arbitratus eſt eſſe ſe  
equalem Deo , ſed ſemetipſum  
exinanivit formam ſervi acci-  
piens.* 331.  
7. *Formam ſervi accipiens.* 481.  
8. *Factus obediens uſque ad mortem.*  
456.

Ex

- Ex Epist. D. Paul. ad Colloff.  
 Cap. 2. 9. *Quia in ipse habitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.* 330.  
 Ex Epist. D. Paul. ad Theſſal.  
 Cap. 2. 15. 16. *Qui Dominum occiderunt Iesum, & non persecuti sunt, prohibentes nos gentibus laqui, ut silva fiant, ut impleant peccata sua semper.* 42.  
 Ex Epist. D. Paul. ad Timoth.  
 Cap. 1. 2. 25. *Salvabitur autem mulier per generationem filiorum.* 408.  
 Ex Epist. D. Paul. ad Tit.  
 Cap. 1. 12. *Cretenses semper mendaces, ventres pigri.* 298.  
 Ex Epist. D. Paul. ad Hebr.  
 Cap. 1. 3. *Splendor gloria, & figura substantia.* 188.  
 5. *Filius meus es tu, ego hodie genui te.* 391.  
 Cap. 2. 16. *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abraba apprehendit.* 326.  
 Cap. 7. 3. *Sine patre, sine matre, sine genealogia.* 354.  
 Ex Epist. D. Iacob.  
 Cap. 4. 4. *Adulteri, nescitis quia amicitia huius mundi inimica est Dei.* 94.  
 Cap. 5. 5. *Argentum vestrum aruginavit.* 417.  
 Ex Epist. D. Petr. 1.  
 Cap. 1. 1. *Petrus Apostolus electis advenis dispensationes.* 129.  
 18. *Scientes quod non corruptilibus auro, vel argenti redempti estis, sed pretioso sanguine quasi agni immaculati Christi.* 427.  
 22. *Animas vestras castificantes in obedientia charitatis.* 427.  
 Ex Epist. D. Petr. 2.  
 Cap. 1. 14. 15. *Certus quod velox est depositio tabernaculi mei, secundum quod & Dominus noster Iesus Christus significavit mihi: dabit autem operam, & frequens habere vos post obitum meum.* 130.  
 Cap. 3. 10. *Adveniet dies Domini ut supra.* 435.  
 Ex Epist. 1. D. Ioann.  
 Cap. 5. 16. *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, peccat: & dabitur ei vita peccati non ad mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico, ut nescit quis.* 54.  
 Ex Lib. Apoc.  
 Cap. 1. 4. 5. *Gratia vobis, & pax ab eo qui est, & qui erat, & qui venturus est, & a septem spiritibus, qui in conspectu throni eius sunt: & a Iesu Christo, qui est testis fidelis, primogenitus mortuorum, Princeps regum terra.* 464.  
 8. *Ego sum Alpha, & Omega, principium, & finis.* 53.  
 Cap. 3. 20. *Ego sto ad ostium, & pulsumus.* 289.  
 Cap. 4. 8. *Et requiem non habebant advenientes, sanctus, sanctus, sanctus.* 148.  
 Cap. 5. 14. *Et quatuor animalia dicebant, amen.* 237.  
 Cap. 6. 2. *Et ecce equus albus, & qui sedebat super illum, habebat arcum, & data est es corona, & exivit vincens, ut vinceret.* 358.  
 8. *Et ecce equus, & qui sedebat super eum nomen illi mors.* 438.



*Vsq̄uequò Domine, non vindicas sanguinem nostrum? 548.*

12. 4. *Et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset, filium ejus devoraret. 505.*

14. 5. *In ore eorum non est inventum mendacium. 185.*

19. 16. *Rex Regum, & Dominus dominantium. 215.*

20. 1. *Habente claritatem Dei, & lumen ejus simile lapidis pretioso, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystalum. 190.*

21. 2. *Vidi Civitatem Jerusalem novam descendentem de Cælo, à Deo paratam sicut sponsam ornata[m] viro suo. 189.*

2. *Et vidi cælum novum, & terram novam: primum enim cælum, & prima terra abiit, & ma-*

*re jam non est. 497.*

4. *Mors ultra non erit, neque luctus neque clamor, neque dolor erit ultra. 192.*

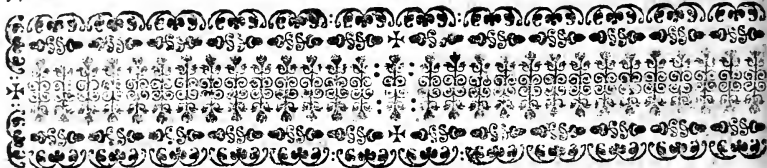
18. 21. *Ipsa vero civitas aurum mûdum simile vitæ mundo, & plateæ civitatis aurum perlucidum, tanquam vitrum perlucidum. 191.*

21. *Et singula porta erant ex singulis margaritis. 191.*

24. *Et ambulabunt gentes in lumine ejus, & Reges terra offerent gloriam suam, & honorem in illam. 498.*

Cap. 22. 1. 2. *Fluvium aquæ vitæ splendidum tanquam crystalum procedentem de sede Dei, & agni. In medio plateæ ejus, & ex utraque parte fluminis lignum vitæ. 192.*





# I N D I C E

Das cousas mais notaveis.

*Os Numeros significação as Paginas.*

## A

*Abraham.*

O Sacrificio de Abraham mais foy temor, que Amor de Deos. Pagina. 260. 261.

*Acaam.* admiravelacção de mulher. 275.

*Acafo.* Muitas vezes o que parece acafo, he providencia divina. 248. Bem pôde a mesma coufa ser acafo. & mais eleição. 455.

*Adam.* Por que peccou Adam, tendo-lhe Deos cominado a morte, se peccasse. 7. Ainda que Adam não peccasse, havia de encarnar Deos. 340.

*Adulterio.* Na Adultera, que Christo livrou, se nos representa o Juizo sacramental, a que fomos chamados pela Quaresma. 2. Os ruins amigos podem chama-se adulteros. 94. Como pôde haver adulterio entre dous sujeitos sómente,

se para haver adulterio são necessários tres. 95.

*Adulaçõ* Os Aduladores são os maiores inimigos dos Reys. 22. Onde morão estes inimigos dos Reys. *Ibid.* Adulaçõens são maiores, tanto mais se devem temer aduladores. 227. São comparados aduladores às Andorinhas, Ha inimigos que perseguem, inimigos que adulaõ. *Ibid.* Mais deve temer a lingua do adulador. que todas as armas do perseguidor. 228. As guardas dos Palacios não podem evitar as entradas da lizonja. *Ibid.* A quantos Reys destruiu a lizonja. 229. Os aduladores servem a dous Senhores: Rey, & ao seu interesse. 231. E servem aos Reys porque lhes servem servillos. 232. Aduladores dos Reys, tambem pescão como Andorinhas: com que redes: & que coufas pescão 233. Os aduladores dos Reys, & de Palacio muitas vezes

ch

horaõ o mēsmo que louvaõ. 235.  
A que cousas sãõ comparados os  
aduladores. 236. & 237. Sempre  
lizem os Amens aos sujeitos adu-  
lados. *Ibid.* Mais val offender cõ  
verdade, que agradar com a li-  
sonja. *Ibid.* & 238. Não se distin-  
gue o adulator, do ty-anno. 242.  
Ser adulator, he ser inimigo. 244.  
Como devem ser tratados os adu-  
adores. *Ibid.* Como se hãõ de ha-  
ver os Reys com os aduladores.  
246.

Quam terriveis sãõ os Ays de  
Deos. 38. O que significam effes  
Ays de Deos. 39. Depois de Deos  
deixar a Alma, segue-se ainda o Ay  
de Deos. *Ibid.*

mas. Como se amigãõ as Almas  
com o Demonio. 11. O que diz o  
peccado à sua Alma quando quer  
peccar. 16. Nam trata de confes-  
sar na hora da morte para a Alma  
de salvar. 25. Em que consiste dei-  
xar Deos huma Alma. 39. O que  
fazem os Demenios à Alma deixa-  
la de Deos. 40. O amor com que  
a Alma ama a Deos, nasce do amor  
com que Deos ama a Alma. 82.  
Huma Alma não pôde amar outra,  
em que ambas se amem. 84. Co-  
mo se verifica, que quem ama a  
sua Alma, a perde. 98. Como se  
põde dizer, que os Santos Auto-  
res da Igreja por alumiarẽ o mun-  
do, & conservarem a Fẽ, & Reli-  
giãõ, estimãrãõ a Alma. 154. 155.  
& 156. Quando faz a nossa Alma  
o que basta, & quando faz o que  
põeja para se salvar. 268. até 278.

Que Almas foraõ as que Christo  
tirou dos Infernos, aonde descẽo.  
424. & 425. Com que facilidade  
podemos livrar as Almas do Infe-  
rno inferior. 430. O que devem fa-  
zer os que tem por officio levar  
Almas a Christo. 516. Quam pre-  
ciosa he a açãõ de buscar Almas  
para Christo. 518. Quanto im-  
porta a applicaçãõ dos meyo-  
necessarios para a salvaçãõ das Al-  
mas 545. & 546. Quanto peza a  
importancia da salvaçãõ de huma  
Alma. 547.

*Ambiçãõ.* Condenou Seneca a ambi-  
çãõ de Alexandre. 73.

*Amor.* Amor, & odio sãõ os dous  
mais poderosos affectos da vontade  
humana. 76. Como se ha de sa-  
ber amar, & saber aborrecer. 77.  
Mais difficuloso he amar a quem  
nos aborrece, do que aborrecer a  
quem nos ama. 79. Por outra par-  
te parece, que mais difficuloso he  
aborrecer a quem nos ama, que  
amar a quem nos aborrece. 80.  
Nam corresponder com o Amor hũ  
coraçãõ que he amado, he o mais  
arduo preccito da Ley de Deos. 82.  
O Amor com que a Alma ama a  
Deos, nasce do Amor com q Deos  
ama a Alma. *Ibid.* Confirma-se esta  
verdade. 83. Que ha de fazer quẽ  
quizer ser amado. *Ibid.* Nam ha  
Amor taõ forte, que se não renda  
a outro Amor. 84. O mais certo  
motivo de ser amado, he anticipar  
o Amor. 85. Amores da pedra  
Imã com o ferro. 86. Parece que  
não he impossivel ao coraçãõ hu-  
mano

mano não corresponder cõ Amor, quando he amado. 87. Razão em contrário deste parecer. *Ibid.* Amar, & não ser amado, he o mayor tormento: ser amado, & não amar, he o mayor injustiça. 88. Ha dous generos de amar, & dous de aborrecer, assim como ha dous generos de inimigos. 90. Que successo teve o Amor em huma occasião com a morte. *Ibid.* Em se não amar a quem nos não ama, & aborrecer a quem nos aborrece, fica muito facil a vontade humana o desembarçar-se das mayores tres difficuldades, que no mesmo tempo a combatem. 91. Como pôde o Amor ser verdadeiro odio. 95. Odio perfeito, he verdadeiro Amor. 97. Melhor he odio, que nos salva, do que o Amor que nos condena. 98. Como o Amor nos q̄ parece mais fino, he falso. 99. 100. & 101. Como he o Amor Inferno sem redempção. 102. Com duas vontades suas paga o Divino Amante huma nossa. 103. Só com amar o summo bem podemos ser Santos. 176. A cousa mais opposta ao Amor, he a Magestade. 213. & 216. O Amor dos aduladores não está no por isso, se não no porque. 232. Qual he a diffinição do Amor. 245. Não deixa de amar a seus inimigos, quem lhes evita as occasiões de obrarem mal. *Ibid.* Toda a santidade deste mundo mais he temor, que Amor. 260. Se não houvera Inferno, poucos haveria q̄ amassem a Deos. 262. O Amor

acreditase no superfluo. 271. Quem ama mais que muito, não se contenta com o que basta, nem com o que sobeja, ainda sobe mais assim. 272. Como ama Deos a hús mães & a outros menos. 322. Mayores finezas foraõ as do Amor de Christo no dia, em que se sacramentou do que as do dia da Encarnação. 223. & ulterius. Mayor fineza do Amor de Christo fuy o lavar os pès aos Discipulos, do que o fazerse homem. 327. até 337. & 34 até 355. O Amor de Deos quando compete em amar, vence para tornar a vencer. 358. Chamar se aõ objecto amado, he final de mayor Amor. 372. & 373.

*Amigos.* Depois que a sincera amizade se desce de sua dignidade, não ha verdadeiros amigos. 93. Quas amizades são as dos ruins amigos. 94. São os ruins amigos muito mayores inimigos que o mayor. *Ibid.* Como pôde haver adulterio entre dous amigos somente, se para o haver ha de aver tres suggestos. 95.

*Anjo.* Como nos ensinam os Anjos que grãde cousa he ser Santos. 148. Todo o bem, & felicidade dos Anjos, he ser Santos. 149. Que mysterio havia na descida, & subida dos Anjos na escada, que vio Jacob. 325. Como se entende haver feito Deos ao homem pouco menor que os Anjos. 326. & 327.

*Animal.* Qual he o Animal mais venenoso. 242. Que Animal fingido he o que se chama Chimera. 306.

nos. Os mais fugeitos annos à morte são os mais seguros. 440.

*Ignorância.* Como pintavaõ os Anjos ao Amor, & ao odio. 90. Que Divindades acõmodavaõ os Antios em diferentes Ilhas do mundo. 294.

*Alte.* O mayor appetite do homem, e desejar ser. 136.

*Artes.* Não se fez o homem para vir a aprender as artes, & sciencias do mundo, 142. & 143.

*Arrependimento.* O proposito do arrependimento facilita ao peccado. 5.

15. O peccado primeiro fez cõsciecia do arrependimento futuro, & não pecca sem receyo. 16. Não se arrependimento o que se ajunta com a resolução do peccado. 19.

*Chillogos.* Acontecço aos Profetas com o Ceo lá de cima, o mesmo q̃ os Astrologos com este Ceo cá de baixo. 199.

*Contributo.* A santidade de Deos, he o attributo com que mais engrandecemos. 137. até 144. E com q̃ mais o louvaõ os Anjos. 148. Se os deos por impossivel não fora Santos, todos os outros seus attributos crecêraõ de sua mayor perfeicção. 149. Santa Theresa amou a Deos com hum attributo menos.

52. Deos deve ser amado por todos os seus attributos. *Ibid.* Quando amizermos amar a Deos, havemos de tirar lhe hum attributo, & quando quizermos amar, havemos de tirar outro. 263.

## B

*Bem.*

**C**rescem os desejos pela medida da dilagaõ do bem desejado. 63. até 66. Quanto o bem desejado està mais vizinho; tanto he mayor o desejo. 65. Que effeitos causa o bem na mesma vontade em diversos tempos. 66. O bem visto, faz as eternidades breves. 70. Todos os bens que Deos tem, he fazer Santos. 140. A Virgem Maria de todos os bens naturaes, & sobrenaturaes, só tomou, o que era Santo. 145. Todo o bẽ, & felicidade dos Anjos, he serem Santos. 149. Sõ a graça he o verdadeiro bem. 150. Sõ com amar o summo bem podemos ser Santos. 176. Como se deve não só peccar, mas ainda fazer bem aos inimigos. 224. Qual he o bem, cu mal que os aduladores fazem aos Reys. 233. Milhor he que o mentiroso diga mal de nõs, do que bem. 312.

*Bemaventurança.* Hum só cousa, & muito facil basta para hir gozar da Bemaventurança. 169. Sõ com offerecermos a Deos o Caliz de nesso Salvador, he podemos pegar a gloria, q̃ nos dà da Bemaventurança. 184. Qual ha de ser o resplandor dos corpos da Bemaventurança. 187. Descriçãõ da agilidade dos Bemaventurados. 190. até 192. He mais a gloria dos Bemaventurados, que tudo o que os cuvidos tem cuvido. 196. Nas figuras, & Colij. 162.

semelhanças q̄ se têm feito desde o principio do mundo para se nos representar a Bemaventurança : fica ella disfigurada, e desluzida. 197. até 200. Só São Paulo poderia prègar da Gloria. 201.

*Boca.* Que perigo correm as palavras desde a boca até os ouvidos. 362. E ainda o perigo he mayor, quando os homens as ouvem com os coraçõens. 303. Ninguem entrou pelos dous estreitos da boca, & ouvidos humanos, que não se arriscasse nelles. 305. Até as palavras sahidas pela boca de Christo o experimentarão. 306. Muitas vezes entrando pelos ouvidos duas verdades, sae pela boca huma mêtira. 306.

## C

*Cabeça.* **N**A Igreja não pôde haver duas Cabeças 115. Como se representou em São Pedro a pedrada q̄ David empregou na cabeça do Gigante. 127.

*Cadeas.* As Chaves, que deu Christo a São Pedro, são cadeas para atar, & não para ser atado. 107. Porque razão dormia São Pedro no mesmo tempo em q̄ das Cadeas havia de sair a morrer. 108. 109. & 110. Parece que faltou a providencia de Christo em livrar a S. Pedro das Cadeas de Herodes, & não das de Nero. 112. Mas não foy assim. 123. As mesmas Cadeas de São Pedro provarão a unidade da providencia de Christo, & de São

Pedro. 116.

*Chaves.* Que rigorosa foy a providencia das Chaves do Ceo entregues a Elias. 120. Não podia assim a providencia das mesmas chaves entregues a São Pedro; porque. 121. Para se levarê Almo a Christo, tão necessarias são chaves, que abrem as portas do Ceo, como as que fechoão as portas do Inferno. 522.

*Caminho.* Que desiguaes são os caminhos da morte. 439.

*Coaridade.* Está muito seguro o que se arrisca pela Charidade. 274. 275. Os perigos tomados por charidade, são remedios. p. 280. Quem se mete nos perigos pela charidade, nenhum risco corre. 281.

*Castigos.* A dilacão do castigo facilita o peccado. 5. O que dirão os homens quando confiados na dilacão do castigo se animão a continuar no peccado. 7. Como castigou Deus a muitos o que havia soffrido a sua paciencia. 9. Como devem temer o castigo aquelles, q̄ não perdoam a seus inimigos. 218. & 219. Como devião ser castigados os adúlteros. 244. As riquezas das minas são muitas vezes castigos de Deus. 405. Deos humas vezes castiga com castigos manifestos, outras vezes com castigos escondidos. 406. Abrir minas, & vir castigos do Ceo tudo vem junto. 406. & 407. Porque razão criou Deus as riquezas das minas para danosos castigos. 414.

*Catholicos.* Os Catholicos peccão f

mente contra ametade de Deos, da outra ametade não fazem só: & como. 14.

O mayor milagre de São Pedro, foy o não ser milagroso em sua casa. 123. E desta providencia de São Pedro em sua casa, se prova a sua grande providencia para com a Igreja. 124.

Que rigorosa foy a providencia das chaves do Ceo entregues a São Pedro, & como não podia ser assim entregues a São Pedro. 120. & 121. Para hir ao Ceo não he necessario fazer tudo o que fizeram os Santos.

128: Huma só cousa he necessaria para hir ao Ceo: & qual he. 169.

O Ceo, & o merecimento delle, está dentro de nós. 176. Tudo o que se encarece do Ceo, posto que

que se quer dizer seja verdade, o que se diz, he mentira. 180. &

181. Com mais verdade se explica a grandeza da Gloria pelo q não

no Ceo, do que pelo que nella

está. 192. Como he evidente q no Ceo não ha ouro, nem pedras preciosas: 193. O Ceo pode se pintar muito rico, mas não com a sua ferrosura. 194. Mais he o que Deos

está aparelhado no Ceo para os desaventurados, que tudo o que

ouvidos ouvirão. 196. As figuras, & semelhanças, que se tem do Ceo desde o principio do mundo, são para o disfigurar, &

desluzir. 197. até 200. São S. Paulo poderá pregar do Ceo. 201.

As apparencias do Ceo inferior, são

mentiras que se vêm. 203. Qual o mais adequado meyo para sabermos o que he o Ceo. 204. Ainda que o caminho do Ceo fora mais difficuloso do que he, se devia emprender, ainda sem primeiro ser visto. 206. Como se pôde ganhar o Ceo, ainda que se usem disprimores com elle. 208. Pôde temer, que não he criado para o Ceo, que faz pouco por hir a elle. *Ibid.* Cõ os olhos no Ceo, na terra, & no Evangelho se deve pregar nas Festas dos Santos. 251. Quaes deviam ser nossas obras, ainda que tivessemos o Ceo seguro. 258. Assim como o Ceo com huma virtude influe outra virtude, assim o clima com hum vicio influa outro vicio. 297. Quam prodigiosa cousa foy descer do Ceo Deos. 324. até 327. Qual he o Ceo, & a terra Nova, q Deos disse por Isaías, que havia de criar. 497. até 499.

*Christo.* Christo desde o instante de sua conceição foy Varão perfectissimo. 50. Porque disse Christo a São Ioaõ Evangelista na primeira visãõ de seu Apocalypse, que era Alpha, & Omega. 53. E porque lhe não disse, que era Alpha, & Omioron. 54. Que differença achava São Paulo de estar Christo nelle, ou elle com Christo. 74. Ha huns inimigos, que Christo nos manda amar, & outros, que nos manda aborrecer. 89. Queixa-se Christo de nós desprezarmos o seu Amor. 104. As chaves, que deu Christo a São Pedro, são cadeas para

para atar, & não para ser atado. 107. A Igreja segura na providencia de São Pedro, & São Pedro na providencia de Christo. 108. 109. & 110. E isto ainda depois que Christo subio ao Ceo, & São Pedro ficou na terra. 111. Porque quiz Christo, que São Pedro morresse na Cruz, & não à espada. 114. & 115. Porque encomendou Christo a São Pedro duas vezes os cordeiros, & huma só as ovelhas, 129. só por Christo nos prometer o Ceo se devia emprender, ainda que o seu caminho fora mais difficultoso do que he. 206. Porque quiz Christo na Cruz o titulo de Rey dos Iudêus, sendo q̄ elles lhe tirarão a vida. 220. Mayores foram os extremos do Amor de Christo, no dia que se sacramentou, do que os do dia da Encarnação. 223. & ulterios. Mayor fineza foy do Amor de Christo o lavar os pês aos Discipulos, do q̄ o fazerse homem. 327. até 337. & 341. até 355. Em que parte do mundo não está Christo commo. 346. No dia, em que Christo se sacramentou, parece que amou mais aos homens, do que a seu Eterno Padre. 362. & ulterios. Quaes são as Minas de Christo. 422. até 428. Como nasceu Christo com estrella de perseguido em todo o mundo. 504. & 505. O que devem fazer os que tem por officio levar Almas a Christo. 516. Quam precioso he a acção de buscar Almas para Christo. 518.

*Chimera.* Quê cousa he Chimera. 306.

*Cidade.* Descricção da Cidade Gloria. 109. até 192. Porque converteo a Cidade de Ninive a breve pregaçãõ de Ionas. 218.

*Ciencia.* Porque não veyo Deo tirar os erros, & ignorancia, q̄ ha nas sciencias do mundo. 14. Como se ouve Christo na vida na morte, não obstante ter a sciencia da salvaçãõ, & a sciencia da hora em que havia de morrer. 29. & 257.

*Circulo.* A figura mais capaz, & mais perfeita de quantas inventou a natureza, & conhece a Geometria, o Circulo. 45. O que em sy contém os mayores quatro circulos, se podem conhecer. *Ibid.* O Misterio da Encarnação foy hum circulo. 53. Os desejos de Maria Expectaçãõ do Parto, fizeraõ hum circulo, que comprehendẽo o Eterno. 56. No Sacramento está immêsidade de Deos encerrada em hum circulo. 71.

*Combate.* Tres violencias com que a vontade humana he juntamente combatida. 88. O Amor Divino quando combate em amar, não contenta com huma só coroa: coroa-se, para se tornar a coroar. 33. Nas batalhas de menor a mayor o igual he vencer. 392.

*Condenação.* Tanto que se enche a medida destinada de nossos peccados com o ultimo, segue sem remedio a condenação. 31. Engana-se os condenados, q̄ ainda estã nel.



nesta vida, em cuidarem que poderão desatarse do ultimo peccado porque hão de ser condemnados. 40. Qual he a razão porque se condemnão tantos. 265. Condenaraõle as cinco Virgens nefcias do Evangelho, porque o oleo, que lhes bastava, não bastou. 266.

*Confessor.* Porque dizem alguns, que para se hir ao Ceo basta haver Confessor. 24. Não basta haver Confessor, & diabeiro para hir ao Ceo. 25. Não basta haver Confessor na hora da morte para a Alma se salvar. *Ibid.*

*Confissão.* No Tribunal da Confissão nós mesmos somos os Reos, & os accusadores. 2. Que temeridade he debaixo do pretexto da Confissão precipitar-se a peccar. 20. He muito prompto, & facil o remedio da Confissão. *Ibid.* Como a Confissão cura dos peccados com palavras. 21. Na Confissão não só se ratifica a Ley de Deos; mas nós mesmos nos pomos outra Ley de novo. 22. A Confissão verdadeira ha de levar consigo ao confessado; & como. 23. A quem peccou em confiança da Confissão, justamente lhe vem a saltar. 23. Os peccados já confessados, & perdoados, tambem entram na conta para encher a medida. 41.

*Confiança.* A Confiança na Misericordia Divina facilita a continuação do peccado. 10. Não nos haçamos fiar do proposito, & arrependimento, que se ajunhaõ com a resolução do peccado. 19. Como

he enganada a confiança do remedio da Confissão. 23.

*Conformidade.* O mais perfeito modo de eleição, he eleger por conformidade. 456.

*Contratos.* Qual seja a razão de estado do Demonio nos seus contratos, & dos homens. 17.

*Coração.* Nam corresponder com Amor hum coração, que he amado, he o mais arduo preceito da Ley de Deos. 82. O coração humano não se rende, senão a seu igual. 85. Até hum coração de ferro, se fosse amado, havia de amar. 86. Parece que nam he impossivel ao coração humano nam corresponder com Amor, quando he amado. 87. Razão em contrario deste parecer. *Ibid.* Para ser Santo, basta só a limpeza do coração. 169. Mais facilmente se pôde conseguir a limpeza do coração, que a do corpo. 174. & 175. Tambem os corações ouvem: & como. 303. E cada hum ouve conforme tem o coração. 303. Se o coração he forma de Diabo, tudo o que entra pelo ouvido he diabolico. 304. O primeiro movel do mundo pequeno, que he o homem, he o coração. 386. & 387. Qual he a obrigação do Coração. 472. & 473. Deos mede pelos coraçoes os merecimentos des que o servem. 485.

*Cruz.* Porque quiz a Providencia Divina, que Seõ Pedro não morresse à espada, senão na Cruz. 114. & 115.

## D

*David.* **P**ensamento de David para tirar os peccados do mundo. 5. Porque razão lhe pareciaõ annos os dias antigos. 65. Profetiza David a figura da Hostia confagrada em hum sacrificio, que offereceo a Deos. 77. Que conceito fez David da Gloria, quando nella foy arrebatado. 181. Porque chamou David paga de Deos a elle feita, ao extasi em que lhe mostrou a Gloria, que lhe havia de dar. 183.

*Deos.* Só Deos sabe livrar a huns pelos processos dos outros. 2. Meyo para se observarem as Leys de Deos. 6. Padece Deos em sua mesma paciencia. 7. Deos puxa no cabo pelo capital do peccado, & pelos redditos. 8. Como se enganaõ os homens com a paciencia, & soffrimento de Deos. *Ibid.* Deos quanto mais dilata, menos perde. 9. Como Deos se diz multiplicado em sua misericordia para perdoar peccados. 10. Quam perto estam em Deos a sua misericordia da sua justiça. 12. A misericordia, & a justiça de Deos, de tal maneira são Deos, que a mesma justiça he misericordia, & a misericordia justiça. 13. De que maneira partem os Catholicos a Deos pelo meyo, confessando, que he juntamente misericordioso, & justo. 14. &c. Deos destina certa medida de peccados a cada hum. 27. A primeira cousa, que

apparece em Juizo, he a medida, que Deos tem destinado aos peccados. 29. Ninguem se pôde queixar de Deos, por condenar a huns com menos peccados que outros. 33. Cometido o ultimo peccado dos q̄ Deos destina a cada hum, nem Deos o ha de perdoar, nem o peccador se converte. 34. O que faz Deos, tanto que se enche a medida dos peccados. 36. Quam terriveis são os Ays de Deos. 38. E que significaõ esses Ays de Deos. 39. Em que consiste deixar Deos huma Alma. *Ibid.* Distingue a perfeicam de Deos pela figura do Circulo. 45. Que cousa he a immensidade de Deos. 47. & 48. Tem circumferencia a imensidade de Deos no ventre de Maria. 49. até 54. Deos dilata o tempo com a dilacãm do desejo, & viceversa. 62. Deos antes do mundo estava só, & mais acompanhado. 69. E porque. *Ibid.* Como Deos se queixa de desprezado de nós. 104. Pela vontade dos homens conseguiu Deos a mayor obra de sua providencia. 119. Qual he o mayor attributo que mais engrandece o ser de Deos. 137. até 144. Se Deos por impossivel não forã Santo, todos os outros seus attributos carecẽrã de sua mayor perfeicãm. 149. De que maneira nesta vida pôde Deos pagar com a Gloria a nossos merecimentos. 183. E como nós lhe podemos pagar essa mesma Gloria. 184. Com hum só unico lugar da Escritura se dà a Deos o titulo de Deos da Gloria: &

& qual he. 207. De que maneira nos obriga Deos a amar a nossos inimigos. 215. Sò aos inimigos de Deos fomos obrigados a amar. 216. Como se ha de amar a Deos por todos seus attributos. 262. Por nenhum attributo he Deos mais amado, que pelo de sua justiça. *Ibid.* Quando quizermos temer a Deos, havemos de lhe tirar hum attributo. 263. Como se pôde pagar a Deos servindoo. 273. Meter nos perigos por amor de Deos, he livrar delles. 278. & 279. Como ama Deos a hums mais, & a outros menos. 322. Quão prodigiosa cousa foi descer do Ceo Deos. 323. até 327. Fazerse Deos homem, não foy humildade: & porque. 334. Quam grande fineza foy a do Amor de Deos o fazerse homem. 338. até 341. Como facilitou Deos o impossivel de estarem dous corpos no mesmo lugar. 343. Que differença vay do Amor de Deos encarnado ao de Deos sacramentado. 346. Assim como Deos na Encarnação foy Emmanuel, assim tambem foy Emmanuel no Sacramento. 348. Tambem Deos no Sacramento encarnou, & em todos os homens. 349. até 353. Antes de Deos criar o mundo, & encarnar Christo, podia haver Sacramento: & como. 553. O Amor de Deos, quando compete em amar, vence para tornar a vencer. 358. No dia da Encarnação parece, que amou Deos mais aos homens, que a seu Filho. 360. até 371. Quaes são os escon-

didos de Deos. 404. O Amor de Deos para commuico tem duas Eternidades. E o nosso para com elle tem huma só. 451. Que differença ha entre o servir a Deos, & aos homens. 483. até 489. Porque agradao mais a Deos as Estrellas da manhãa, que as da noite. 515. *Demonio.* Quatro motivos inventou o Demonio para adormentadores do esquecimento. 4. Como se amigão as Almas com o Demonio. 11. Qual he a razao de estado do Demonio nos seus contratos com os homens. 17. O Demonio poem o delicto no parto, & a dor na conceição; às aveças do que faz a natureza. *Ibid.* O que fazem os Demonios à Alma deixada de Deos. 41. Em o Demonio nos tirar o ser Santos, nos veyo a tirar o ser. 136. Divisão dos membros do Demonio, como foy fingida pelos Alémaens. 294. *Desprezo.* Quanto assentado está o desprezo do peccado na confiança da Misericordia Divina. 10. Como se queixa Deos de desprezado de nós. 104. *Dezejo.* Os desejos de Maria na Expectação do Parto, fizeram hum circulo, que comprehendeo o eterno. 56. São muito parecidos o desejo, & a eternidade. *Ibid.* Ainda que estes desejos de Maria começãrao, & acabãrao; bem se podem dizer eternos: & porque. *Ibid.* & 57. Os OO dos desejos de Maria no tempo da Expectação de seu Parto, erão como os OO das

cifras da Arithmetica. 59. Como se haõ de contar estes dezejõs de Maria. 60. A cada hum destes dezejõs de Maria correspondia novo augmento de graça, & successivamente mayor Amor do Filho, & mais intenso dezejo. 60. & 61. Quaes foraõ os effeitos da uniam dos OO destes dezejõs de Maria com o circulo do tempo, em que os reve. 61. Hum sò dia de ardente, & ancioso dezejo, he igual a todo o tempo da vida humana. 62. Porque chamou Jacob dezejo ao Messias. 63. E porque lhe chama dezejo dos montes. *Ibid.* Crescem os dezejõs pela medida da dilataçãõ do bem dezejado. 63. atè 66. Quanto o bem dezejado estã mais vizinho, tanto he mayor o dezejo. 65. A mais poderosa inclinaçãõ dos homens, he dezejar ser. 136. Sõ huma cousa devem dezejar os homens: & qual he. *Ibid.* Muitas vezes estã a felicidade em se nam achar o que se dezeja. 431.

*Desertos.* Quaes foraõ os Santos antigos do deserto. 156. & 157.

*Dias.* Muitas vezes os homens acabãõ os dias da vida, que ainda haviaõ de ser mais, sò, por que encherãõ o numero dos peccados. 18. E os que não acabaõ a vida com o ultimo peccado, sò lhes servem os dias que vivem, deixados da mãõ de Deos, para mayor Inferno. *Ibid.* Que Santos saõ os que se celebraõ no dia de Todos os Santos. 135. Como se multiplicaõ os dias depois da morte. 450.

*Difficuldade.* Quaes foraõ as duas mayores difficuldades do Apostolado de Christo. 125.

*Dinheiro.* Não basta haver Confessor, & dinheiro para hir ao Ceo. 25. Quam pernicioso he o uso do dinheiro. 415 & 416.

*Discriçãõ.* Queixas da discriçãõ contra a morte. 443. A discriçãõ verdadeira não consiste em saber dizer, senãõ em saber morrer. 454.

*Dividas.* Obrigase Deos como devedor nosso, quando fazemos o que elle nos manda. 483. E ainda tambem, quando nam fazemos o que nos manda fazer. *Ibid.*

## E

*Ecco.* OS aduladores dos Reys saõ comparados ao ecco. 236. Tudo o que entra pelo ouvido, faz ecco no coraçãõ. 304. E conforme estã o coraçãõ, assim se formãõ os eccos. *Ibid.*

*Eleiçãõ.* Bem pòde a mesma cousa ser caso, & mais eleiçãõ. 455. O mais perfeito modo de eleiçãõ, he eleger por conformidade. 456. Os que se elegem para povoadores das Conquistas Catholicas, devem ser ao longe o que promettem ao perto. 539.

*Encarnaçãõ.* A mayor maravilha do mysterio da Encarnaçãõ, he chegar nelle Deos a estar cercado. 50. O Mysterio da Encarnaçãõ foy hum circulo. 53. A dous extremos se reduz o Amor de Christo no

Myste-

**Myfterio da Encarnação.** 322. E quam grãdes forão estes extremos. 323. até 327. Quanta differença vay de estar Deos cõnosco na Encarnação, & no Sacramento. 345. Assim como Deos na Encarnação foy Emmanuel, foy tambem Emmanuel no Sacramento. 348. Tambem Deos pelo Sacramento encarnou em todos os homens. 349. até 358. Antes de Christo encarnar, & Deos criar o mundo, podia haver Sacramento: & como. 353. No dia da Encarnação parece, que amou mais Deos aos homens, que a feu Filho. 360. até 371.

**engano.** Qual he o engano, que leva a todos ao Inferno. 18. Como he enganosa a confiança da Confissam. 23. Enganão-se os que hão de ser condenados em cuidarem, que se poderã desfatar do ultimo peccado, que os ha de condenar. 40. Como he engano cuidar que ha Amor. 99. 100. & 101. De duas cousas, as mais claras que ha no mundo, se formou hum grande engano. 309. E para não haver engano, basta qualquer luz. 310.

**entendimento.** Bastava só o entendimento para ser aborrecido o Amor desordenado. 99. O entendimento he o mayor inimigo da vida. 444 & 445.

**Esphera.** De que figuras consta a Esphera celeste. 199.

**Escuritura.** Nas Escrituras sagradas não ha palavra que seja superflua: & o repãro em contrario, que se faz com a mesma Escuritura. 46. &

47. A ignofancia da fraze Hebræa, faz não entender o verdadeiro sentido das Escrituras. 338. Como se hão de entender nas Escrituras as varias applicções, q Deos fez. 339. **Esperança.** Muitas vezes está a nossa perdição em succederem as cousas, como esperamos. 399.

**Espirito Santo.** Assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para espartadores da memoria, assim o Demonio nos dà outros quatro para adormentadores do esquecimento. 4. Como fez São Pedro vir o Espirito Santo antes de vir. 126. Porque se chama só a terceira Pessoa da Santissima Trindade Espirito Santo. 144.

**Estado.** Tem o Demonio sua razão de estado nos seus contratos com os homens. 17. Qual he o estado da impenitencia final. 40. Não ha estado em que não haja Santos. 171. até 173.

**Estrella.** Como são Estrellas os Prêgadores Missionarios. 509. até 520.

**Eternidade.** Os desejos de Maria na Expectação do Parto fizeraõ hum circulo, que comprehendeo o Eterno. 56. A eternidade, & o desejo são muito parecidos. *Ibid* Bem se podem dizer eternos os desejos da Expectação do Parto de Maria, ainda que começaraõ, & acabaraõ. *Ibid.* & 57. Como se faz eterna a idade cortada. 449. Quanto se corta à vida, tanto se acrescenta à Eternidade. 451. O Amor de Deos para cõnosco tem duas Eternidades: &

& o nosso parã com elle tem huma  
*Ibid.*

*Eva.* He a imaginação como a ser-  
pente de Eva: & porque. 299.

## F

*Fabula.* **F**ingiraõ os Alemaens em  
huma fabula huma divisaõ  
de membros do Demonio. 294.

*Facilidade.* Facilitase o homem a  
peccar pela dilataçõ do castigo. 5.  
A confiança na Misericordia Di-  
vina, facilita a continuação do pec-  
cado. 10. O proposito do arrepen-  
dimento facilita a multiplicar os  
peccados. 15. A facilidade do re-  
medio faz naõ temer o peccar. 20.  
Porque razãõ tem a Hostia con-  
sagrada figura circular, & naõ  
quadrada. 71. & 72. Com que fa-  
cilidade podemos todos ter a lim-  
peza do coraçãõ. 175. & 174.

*Falsidade.* Para levantar testimunhos  
falsos naõ he necessario mudar, nem  
diminuir, nem accrescêiar palavras.  
308. De duas cousas as mais cla-  
ras que ha no mundo, se formou  
huma falsidade. 310. Como pôde  
haver falsos testimunhos, sem ha-  
ver quem os levante. 313.

*Fé.* Saõ Pedro confirmou os outros  
Apostolos na Fé da Resurreiçam.  
126. Nenhuma cousa pôde humi-  
lhar a Fé, senãõ a vista. 182.

*Felicidade.* Naõ pôde haver summa  
felicidade sem companhia. 68. Co-  
mo o Amor nos que parece  
mais fino, he falso. 99. 100. &  
101.

## Indice

*Fermosura.* Saõ Joãõ Evangelista po-  
de pintarnos a Cidade da Gloria,  
rica, mas naõ fermosa. 194. A  
fermosura da Gloria naõ se expli-  
ca pela comparaçãõ de Rio de de-  
licias: nem de Convite de sobera-  
nos manjares: nem da grandeza  
dos Reynos: nem do dia das vo-  
das: nem do gosto dos Lavrado-  
res no dia da messe, ou dos Sol-  
dados com a gloria dos despojos.  
198. & 199. Queixase a gente-  
za, ou fermosura contra a morte.  
441. De que maneira o morrer  
naõ he perder a fermosura. 452.  
Mais inimigos tem a fermosura,  
que a vida. 453.

*Ferro.* Atê hum coraçãõ de ferro, se  
fosse amado, havia de amar. 86.  
Amores da pedra Iman com o fer-  
ro. *Ibid.*

*Ferida.* As feridas dos peccados, cura  
a Confissãõ com palavras: & co-  
mo. 21.

*Figura.* O circulo he a mais perfeita  
figura de quantas inventou a na-  
tureza, & conhece a Geometria.  
45. A figura do desejo he o O, af-  
fim como o he tambem da eterni-  
dade. 56. Quaes forãõ as figuras  
com que os Profetas nos represen-  
taraõ a Gloria. 197. De que fi-  
guras se compoem a Esphera cele-  
ste. 199. No Cameleãõ, sombra,  
espelho, & ecco saõ figurados os  
aduladores. 236. Também saõ figuras  
suas os quatro Animaes do Apoca-  
lypse, que cercavaõ o Trono do  
Cordeiro. 237.

*Filho.* Dezejaya a Virgem Maria go-  
zar

zár a seu Filho ao modo com que o Padre Eterno o goza. 68. Quaes são os filhos dos homens na fraze da Escritura. 239. Quantas mentiras calumniarão os Fariseos em húa occasião ao Filho de Deos. 292. & 293. A mentira he filha primogenita do ocio. 299. O Eterno Padre por Amor dos homens, tirou as culpas dos homens, para as pôr em seu Filho. 361. & 362. E para assentar ao homem na Cadeira da Gloria, deu ao Filho a beber o Calix. 363. & 364. O Amor do Eterno Padre em sacrificar seu Filho, não teve nada de temor. 366. Parece que o Eterno Padre, dos homens era Pay, & do Filho não. 267. Caso admiravel do amor de hum pay a seu filho. 368. Onde se vio huma representação da sentença do Eterno Padre, em que disse: Mostra meu Filho, para que o homem viva. 369. Em certa maneira podendo haver ciumes em Deos, es poderia ter seu Filho à vista do muito que seu Pay amou os homens. 370. & 371. Como foy Christo Filho prodigo. 378. Quaes forão os Filozofos antigos. 155. A baixeza de servo não he injuria da natureza, senão da fortuna. 329.

G

atios. **O** Que sentiaõ os Gentios da Ley dos Chris-

tãos. 22. E o que Santo. Agustinho disse aos Gentios sobre a mesma Ley. *Ibid.* Tambem entre os Gentios havia Santos por seu modo. 240. E para ser Santo do modo que os havia entre os Gentios, não são necessarios milagres. *Ibid.* Sentença de hum Gentio sobre as riquezas das Minas. Quem são os que melhor que os Gentios comem gente. 535 Quaes são os remedios principaes, para se converterem os Gentios. 538. até 548.

*Gentileza.* Queixas da gentileza contra a morte. 441. De que maneira o morrer não he perder a gentileza. 452.

*Gloria.* Tudo o que se diz da Gloria; postoque no que se quer dizer se ja verdade, no que se diz he mentira. 180. & 181. Só com Deos mostrar a David a Gloria, que lhe havia de dar, disse David que Deos lhe pagou. 183. Só com offerecermos a Deos o Calix de nosso Salvador, lhe podemos pagar a Gloria, que nos ha de dar. 184. Todo o homem, quando falla da Gloria, mente: & como se entende isto. 186. Como se pôde dizer, que os Evangelistas mentiraõ no que disseraõ da Gloria. 187. até 195. Em que sentido se pôde tambem dizer, que os Profetas mentiraõ no que disseraõ da Gloria. 196. até 200. A mayor grandeza da Gloria, he não se poder fallar sem se mentir. 202. Qual he o mais adequado meyo para sabermos a pouca semelhança que tem de verdade quanto della cá

ca se diz , & se ouve. 205. Em hum só unico lugar da Escritura se dá a Deos o titulo de Deos da Gloria : & qual he. 207. Tambem he conveniencia não offender a Deos por interesse da Gloria. 208. Os que fazem pouco pela Gloria, só pôdem temer que não são criados para ella. 208. & 209.

*Governador.* Os que governaõ, nam são o espelho da Republica: a Republica he o espelho dos que governaõ. 541.

*Graça.* A cada hum dos desejos da Mãe de Deos na Expectação de seu Parto, correspondia novo aumento de graça. 60. E como. 61. Na graça consiste a grandeza do Filho Unigenito do Eterno Padre. 141. Só a Graça he verdadeiro bem. 150. Qual deve ser a Graça, com que os Prêgadores são obrigados a prègar. 250. Falta a Graça de Deos na morte, porque não ouve boas obras na vida. 267. Para salvar, não só basta a graça da morte, he necessario a graça da vida; que he a que sobeja. *Id.* Nas Cortes não basta só a graça dos Principes, senão tambem a dos que lhe assistem. 464. Para hum homem se conservar na graça dos Principes, ha de andar ás aveças. 467.

## H

*Hereges.* **N**Am só os Hereges, mas tambem os Catholicos tem achado invenção pa-

ra dividit em Deos a misericordia da justiça, sendo ambas entre si inseparaveis. 14. Ouve Hereges, os quaes se podião chamar amicissimos inimigos da Carne. 93. Quaes foraõ os Hereges antigos. 155. Porque razão permitiria a Justiça Divina, que os Hereges do Norte dominaßem algumas Conquistas da Christandade. 532.

*Hyperbole.* A hyperbole serve para se chegar a verdade por meyo da mentira. p. 202. & 203.

*Homens.* Porque causa he ordinario nos homens o peccar, & ter peccado, & tornar a peccar. 4. Facilitase o homem a peccar pela dilacão do castigo. 5. O que dizem os homens, quando confiados na dilacão do castigo, se animaõ a continuar no peccado. 7. Porque se animaõ os homens a peccar depois de ter peccado. 8. Tem os homens huma terceira, com a qual o Demonio lhes rende, & trez as suas Almas a si. 11. Não haõ os homens de confiar, & estar seguros, que sempre a Misericordia Divina lhes ha de perdoar. 12. Os homens primeiro tem dor dos peccados, & depois os cometem. 16. Qual he o conceito que os homens fazem com a morte, & com o Inferno. *Ibid.* Como se guarda no Inferno o pacto, que os homens fazem com elle. 18. Efficaz meyo para nenhum homem se atrever a peccar. 26. até 40. Não ha cousa mais a'heya do ser de homem, que não responder com Amor a quem o amou primeiro. 83. Da in-



inconstancia das mulheres, trazem  
 os homẽs a sua. 101. O mayor  
 petto do homem, he dezejar ser.  
 36. Que cousa somente veyo en-  
 ar aos homẽs o Filho de Deos.  
 42. Como nos dizem os homẽs  
 ue cousa he ser Santos. 151. atẽ  
 67. Em que sentido se deve to-  
 ar o Texto de David, quãdo diz,  
 do o homem mente. 185. Todos  
 os homẽs vivem com duas igno-  
 rancias: & quaes sãõ. 255. Quan-  
 to se fez Deos homem, & quando  
 se fez servo. 329. Fazerse Deos  
 homem, não foy humildade: &  
 porque. 334. Porque não disse S.  
 Joãõ, que o Verbo Divino se fize-  
 ra homem, senãõ carne: & porque  
 disse, que habitou em nós, & não  
 omnesco. 342. No dia, em que  
 Christo se sacramentou, parece q̃  
 se tornou mais aos homẽs, do que a  
 seu Eterno Padre. 372. & ulterius.  
 O ouro, & prata, sãõ a pedra de  
 toque dos homẽs. 414. Triste he a  
 condiçãõ de haver hum homẽ de  
 servir a outro homẽ sendo iguaes.  
 462. & 463. Quam natural he ao  
 homem o espirito de mandar ho-  
 mens. 467. & 468. Mayor servi-  
 çãõ he mandar homẽs, que ser-  
 villos. 469. O homẽ não he mun-  
 do piqueno, he mundo grãde. 470.  
 & 471. Que pago costumaõ dar os  
 homẽs a quem bem os soube ser-  
 vir. 475. atẽ 477. E qual he o  
 pago dos homẽs a quem bem os  
 soube mandar. 478. ate 481. Que  
 differença vay do servir a Deos a  
 servir homẽs. 483. atẽ 489.

*Honra*. Quanto zela Deos a nossa hõ-  
 ra. 301. Com deus Infernos a de-  
 fende. *Ibid.*

*Hostia*. Porque razãõ tem a Hostia  
 consagrada figura circular, & não  
 quadrada. 71. & 72.

*Humildade*. Fazerse Deos homem;  
 não foy humildade: & porq̃. 334.  
 Quam grande foy a humildade de  
 Christo lavando os pês a Judas.  
 337.

## I

*Igreja*. **A** Igreja segurase na pro-  
 videncia de São Pedro  
 & São Pedro na providencia de  
 Christo. 108. 190. & 110. E isto  
 ainda depois que Christo subio ao  
 Ceo, & ficou São Pedro na terra.  
 111. Na Igreja não pôde haver  
 duas cabeças. 115. Da pouca pro-  
 videncia de São Pedro em sua ca-  
 sa, se prova a sua grande providen-  
 cia para com a Igreja. 124.

*Idade*. Queixas da idade cõtra a mor-  
 te. 438. Bem se pôde eternizar a  
 idade, depois de cortada. 449.

*Ignorancia*. Porque quiz Deos que  
 vivessesmos cõ a ignorancia da mor-  
 te; & com a ignorancia da prede-  
 stinaçãõ. 255. Como somos igno-  
 rantes na materia da salvaçãõ. 287.  
 atẽ 289. A ignorancia da fraze  
 Hebrã, faz não entender o ver-  
 dadeiro sentido das Escrituras.  
 338.

*Impenitencia*. Qual he o estado da  
 impenitencia final. 49.

*Immensidade.* Que cõusa he a immensidade de Deos. 47. & 48. Tem circumferencia a immensidade de Deos no ventre de Maria. 49. até 54. No Ventre de Maria ouve hum immenso mayor que outro immenso. 51. Tambem no Sacramento tem a immensidade de Deos circumferencia. 71.

*Inimigos.* Amar aos inimigos he o mais difficiloso documento, que ha nas Escrituras sagradas. 77. Mas esta doutrina padece hũa grãde instancia. 78. Ha dous generos de inimigos: & quaes são. 89. De que maneira aborrecendo, & não amando aos inimigos, os amamos. 91. O ruim amigo assim como he inimigo de si mesmo, o he tambem de seu amigo. 94. Se são os Reys obrigados a amar a seus inimigos: & como parece que o não são. 211. até 214. Mas he certo que sim. 215. até 220. Quaes são os inimigos dos Reys. 121. Ha inimigos por inimizade, & inimigos por hostilidade. *Ibid.* Não deixão os Reys de ser Christãos por fazerem guerra a seus inimigos. 222. Como erradamente sentio o cõrario Tertuliano. *Ibid.* Como devẽ os Reys não só perdoar, mas ainda fazer bem a seus inimigos. 224. Não ha distincão entre adulator, & inimigo. 244. Quaes são os proprios inimigos dos Reys. 225. até 243. Ha inimigos, que perseguem, & inimigos, que adulaõ. 227. Qual he o mayor inimigo da vida. 444. Mais inimigos tem a fermosura, q

a vida. 453.

*Inferno.* Qual he o pacto, & cõceito que os homens fazem cõ a morte, & com o Inferno. 16. Como guarda no Inferno o pacto, que os homens fazem com elle. 18. Como he o Amor hum Inferno sem redempçaõ. 102. Se não ouver Inferno, poucos haveria que amassem a Deos. 262. Qual he a razã por que vão tantos ao Inferno. 266. Com dous Infernos zela Deos nossa honra. 301. Até ao Inferno vão os homens desenterrar riquezas de minas. 423. Com que facilidade podemos livrar as Almas do Inferno inferior. 430. Para se livrarem Almas a Christo, não necessarias são as chaves, que abrem o Ceo, como as que fechaõ ao Inferno. 522.

*Interesse.* Onde ha occasiõ de interesse, não ha confederaçaõ que dure. 402. & 403.

*Ira.* A ira de Deos he meyo para se observar a sua Ley. 6. A ira de Deos não he de cada dia. 7.

*Juizo.* A primeira coufa que apparece em Juizo, he a medida, que Deos tem destinado aos peccados. 29. Se não ouvera Inferno, nem Paraiso, bastava só o entendimento, & juizo para ser aborrecido o Amor desordenado. 99. Porque prohibe Deos com pena de peccado mortal o juizo temerario. 301.

*Juramento.* Sempre se faz o juramento por aquillo que mais se venera. 139. Como Deos observou isto mesmo. *Ibid.*

ca. Quãnto são entre si a me-  
 a cousa, a misericórdia, & a ju-  
 ça em Deos. 12. Amar, & não  
 amado he o mayor tormento,  
 amado, & não amar he a ma-  
 or injustiça. 88. Que Ministros  
 Justiça ouve Santos, 171. Os  
 eys são, & podem ser Juizes em  
 usas proprias. 223. Por nenhum  
 tributo he Deos mais amado, que  
 clo de sua justiça. 262.

L

**M**Eyo para se obser-  
 varem as Leys de  
 eos. 6. O que sentiaõ os Gen-  
 os da Ley dos Christãos: & o q̃  
 bre ella lhe disse Santo Agusti-  
 no. 22. Como na Confissão nos  
 omos a nós mesmos outra Ley de  
 ovo. *Ibid.* A Ley de Deos se difi-  
 culta os preceitos, facilita os re-  
 edios. 89. Cuidaõ os Reys que  
 õ izentos das Leys da charidade.  
 11. & 212. Como se entêde a Ley  
 e Deos, quando diz, que quem  
 na o perigo cahira nelle. 276.  
 a. Nas Escrituras sagradas não  
 a palavra, nem syllaba, nê ainda  
 tra, que seja superflua: & o repa-  
 o em contrario que se fez com a  
 mesma Escritura. 46. & 47.  
 peza. Com que facilidade pode-  
 os ter todos a limpeza de cora-  
 ão. 173. & 174.  
 ua. Mais se ha de temer a lingua  
 o adulador, que todas as armas do  
 perseguidor. 228. A imaginação

faz parecer que a lingua he a que  
 cuida as mentiras. 300. As linguas  
 não haviaõ de mentir a todos, se  
 as imaginaçoens não mentissem a  
 cada hum. 302. Quando se não  
 entendem as linguas estranhas, os  
 que fallão são mudos, & os que  
 ouvem são surdos. 513.

*Louvor.* A mayor felicidade dos Reys  
 he nascerem no signo de serê lou-  
 vados. 233. Que perniciosos são  
 aos Reys os louvores dos adula-  
 res. 234. Muitas vezes estes adu-  
 ladores aquillo mesmo que lou-  
 vão, choraõ. 235.

M

*Mal.* **Q**ual he o mayor mal de  
 todos os males. 1. O  
 peccado futuro he o mais perigoso  
 mal. *Ibid.* Qual he o bem, ou mal  
 que os aduladores fazem aos Reys.  
 233. Adular, he querer mal.  
 244. Os aduladores a si se fazem  
 o mayor mal. 245. Evitar a estes o  
 mal da emulação, he amálos. *Ibid.*  
 Nada nos afronta quem diz mal de  
 nós, mentindo. 312.

*Magestade.* A cousa mais opposta ao  
 Amor, he a Magestade. 213. &  
 214.

*Maranhão.* Vicios da lingua applica-  
 dos ao Maranhão. 295. Arê o Sol  
 no Maranhão mente. 296. Por-  
 que causa o Maranhão influe tanta  
 mentira. 297.

*Maria.* No Venire de Maria tem cir-  
 cumferencias a immenidade de  
 Deos.

Deos. 49. até 54. No Ventre de Maria se fez hum immenso mayor que outro immenso. 51. Os desejos de Maria na Expectação do Parto, fizeraõ hum Circulo, que comprehendeo o Eterno. 56. Ainda que estes desejos começáraõ. & acabáraõ, bem se pôdem dizer eternos: & porque. *Ibid.* & 57. Como podiaõ os desejos de Maria fazer eternos os poucos mezes da Expectação do Parto. 58. Os OO dos desejos de Maria nos mezes da Expectação do Parto, eraõ como os OO das cifras da Arithmetica. 59. Como se haõ de contarestes desejos de Maria. 60. A cada hum destes desejos de Maria correspondia novo aumento de graça, & successivamente mayor amor do filho, & mais intenso desejo. 60. & 61. Quaes foraõ os efeitos da uniaõ destes OO dos desejos de Maria com o circulo do tempo em que os teve. 61. Foraõ fazer eterno o tempo de nove mezes. 62. até 66. Carecia Maria do mesmo bem que tinha em si. 67. Dezejava Maria gozar a seu Filho ao modo que o Padre Eterno o goza. 68. A Virgem Maria de todos os seus attributos naturaes, & sobrenaturaes, só tomou o que era Santo. 145. A quaes cousas preferio Maria o ser Santa. 146. O dia da Assumpção da Virgem Maria, he o melhor dia para morrer. 435.

*Mathematicos.* Aconteção aos Profetas com o Ceo lá de cima, o mes-

mõ que aos Mathematicos cõ o Ceo cá de baixo. 199.

*Medida.* Tem Deos destinado cada medida aos peccados de cada homem. 27. até 42. Crescem os desejos pela medida da dilacão do bem desejado. 63. até 66.

*Meyo.* Efficaz meyo para ninguem se atrever a peccar mais. 26. até 40. Os efeitos da providencia na vida se haõ de medir pela diversidade dos meyos, senão pela unidade dos fins. 113. Porque meyos se conservãõ os homens nas casas do Rey. 466. & 467.

*Memoria.* Assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para despertadores da memoria, assim o Demônio nos dá outros quatro para adormitadores do esquecimento. 4.

*Mentira.* Como se pôde chamar Domingo das mentiras o segundo Domingo da Quaresma. 180. & 181. Em que sentido se deve tomar o Texto de David, quando diz, que todo o homem mente. 185. Em que sentido não cometem culpa os que fallando da Gloria, mentem. 186. Como se divide a mentira. *Ib.* Como se pôde dizer dos Evangelistas que mētiraõ no que disseraõ da Gloria. 187. até 195. Em que sentido se pôde dizer que mētiraõ os Profetas no que disseraõ da Gloria. 196. até 204. Em nenhum caso he licito o mentir. 201. A mētira material não he culpavel. 202. Usar aleuã vez da mentira para persuadir a verdade, não encontra a ver-

adeira retórica. *Ibid.* & 203. Há mentiras que se vem *lb.* De quaes modos se pôde mentir. 292. Em que sentido disse hum discreto, q̃ vê os Ceos mentiaõ. 295. Atê o sol mente no Maranhão. 296. Por que causa o Maranhão influe mēira. 297. Os mentirofos dizem as cousas ainda antes de as saberem. 298. A mentira he filha primogēita do ocio. 299. Fez a imaginaçãõ parecer, que a mesma lingua e que imagina as mentiras. 300. As linguas não haviãõ de mentir a todos, se as imaginaçõens não n̄ efflem a cada hum. 302. Muitas vezes entrando pelos ouvidos duas verdades, sae pela boca hũa mentira. 306. Os mentirofos fazem de duas verdades partidas, hũa mentira inteira. 317. Ainda dizendo se que se ouviu, & ouvir o que se disse, pôde haver mentira. *Ibid.* & 308. Para se mentir, não he necessario mudar, nem diminuir, nem acrescentar as palavras. 308. Ainda depois de se dizer o que se viu, e mente. 309. Atê de dia mentem os olhos. *Ibid.* Nada importa que se diga mal de nós com mentira. 311. Nos erros pequenos fazem as mentiras mais dãnc, que nos grandes. 315.

*merecimento.* O Cec, & o merecimento d'elle, está dentro de nós 176. O que merecem aquelles, q̃ perdeoã a seus inimigos. 216. 217. & 218. Deos só faz caso do merecimento q̃ que o servimos, & não do nascimento dos que o servem. 484.

Deos mede pelos coraçõens o merecimento dos que o servem. 485.

*Milagre.* Qual foy o mayor milagre de S. Pedro. 123. Não são necessarios milagres para haver Santos como os que veneravaõ os Gentios. 240. Como fazem os Prêgadores Missionarios milagre de dar falla aos mudos, & ouvidos aos surdos 514.

*Misericordia.* A confiança da misericordia facilita ao peccado. 10. A misericordia, & a justiça em Deos está muito perto hũa da outra: & quando são entre si a mesma causa. 12. & 13. Como dividem os homens em Deos a misericordia da justiça.

*Montes.* Porque se chamaõ Montes os Patriarchas, & Profetas 64.

*Morte.* Que concerto he, & que pacto o que fazem os homens com a morte, & com o Inferno. 16. Havendo Confessor na hora da morte pôde saltar a salvaçãõ. 25. Qual he o peccado, que leva sem remedio à morte eterna. 34. E para isso basta tambem o peccado mortal, ainda que seja menos grave q̃ outros. 42. Que successo teve o Amor cõ a morte em huma occasiãõ. 90. O Amor desta vida he hũa morte, pela qual sempre se vai ao Inferno. 102. Porque teve S. Pedro morte de Cruz, & S. Paulo com a espada. 115. O mayor defeito das mayores riquezas he, que não evitaõ a morte. 192. Para salvar não basta morrer bem, he necessario viver bẽ. 265. As mortes de alguns Profetas, & dos Apóstoles. 152. As

mortes de muitos gloriosos Martyres. 153. 154. Porque quiz Deos que vivessemos incertos da morte. 255. Como se ouve Christo na vida, & na morte, ainda sabendo a certeza da salvaçãõ, & a hora em q̄ havia de morrer. 256. & 257. Ainda que basta para salvar a graça da morte, he necessario a graça da vida, que he a que sobeja. 267. O dia da Assumpçãõ da Virgem Maria, he o melhor dia para morrer. 435. Os casos da vida, & da morte, são os mayores motivos de admiraçãõ. 437. Desigualdades da morte. 438. Os mais fugeitos annos à morte, são os mais seguros. 440. Como appareçeo a morte ao Profeta Amós. *Ibid.* De que maneira o morrer não he perder a fermózura. 452. Que admiraveis transformações de fermózura faz a morte debaixo da terra. *Ibid.* A discriçãõ verdadeira não consiste em saber dizer, senão em saber morrer. 454.

*Mulher.* Da inconstancia das mulheres, tirãõ os homens a sua. 101. Admiravel aççãõ de mulher. 275.

*Mundo.* Efficaz meyo para se tirarem os peccados do mundo. 6. Em quanto não houve no mundo odio, foy a idade dourada. 412. & 413. O homem não he mundo pequeno, he mundo grande. 470. & 471.

*Motivos.* Motivos para não peccar mais, nem ter peccado já mais. 3. 4. Motivos que facilitãõ ao peccado, são quatro: & quaes são. 5. 10. 15. & 20. O mais certo motivo de

ser amado, he anticipar o Amor.

**N** Natureza. **A** Natureza poem

deleite na cõceiçãõ & a dor no parto, & o Demonio às aveças, poem o deleite no parto & a dor na conceiçãõ. 17. De que maneira he muito natural à vinda de humana o vencer as tres mayores difficuldades, com que no mesmo tempo he combatida. 91.

*Necessidade.* Quando havemos misericordia a Deos, nunca deixa de ser noo. E quando se serve de nós, fomos com grande honra seus. 488.

*Noite.* Mais agradaõ a Deos as Estrelas da manhã, que as da noite: porque. 515.

*Nome.* Quam grande signifiçaõ na terceira Pessoa da Santissima Trindade o nome de Santo. 144.

*Novidade.* Que cousa nova, & inédita he a que Deos criou sobre terra. 49.

*Novissimos.* Os novissimos do homem são o remedio para não peccar. O que diz o Demonio para não aproveitar o homem do remedio dos novissimos. 5.

**O** *Obras.* **F** Alta a graça de Deos na morte, porque faltãõ as boas obras na vida. 170. Ha mais de tres modos de se tirar por palavra, por pensamento, por obra. 292. A obra, que se não defende por quem a fez, perde-se. 523. até 527.

*Occasiãõ.* A occasiãõ porque he ordinari

não ão ſe Homens o peccar, ter  
 ccado, & tornar a peccar. 4.  
 idade. Onde o clima influe ccio-  
 lade, nasce a n' eſira. 297. & 298.  
 O Amor, & o odio ſã os deus  
 mais poderofos affectos da natu-  
 za humana. 76. Como ſe ha de  
 ber amar, & ſaber aborrecer. 77.  
 Mais difficuloſo he amar a quem  
 os aborece, do que aborrecer a  
 quem nos ama. 79. Por outra par-  
 parece que mais difficuloſo he  
 aborrecer a quem nos ama, do que  
 amar a quem nos aborrece 80. Que  
 ria o odio, ſe tocalle as armas cõ  
 Amor. 90. De que maneira abor-  
 cendo aos inimigos, os amamos.  
 r. Em que ſétido ſe ha de ter odio  
 os Reys. 92. Não ſe encontra o  
 recito de amar os pays, cõ o con-  
 lho de os aborrecer. 93. Como  
 õde o Amor ſer verdadeiro odio.  
 5. Odio perfeito, he verdadeiro  
 amor. 97. Melhor he odio que nos  
 olva, do q' Amor q' nos perde. 98.  
 nſa. Cada peccado que cometer-  
 os he hum peccado, & duas of-  
 enſas. 207. Melhor he offender  
 om a verdade, que agradecer com  
 lizonja. 237.  
 cios. Que Santos ouve nos offic-  
 s mechanicos. 173.  
 os. A verdadeira providencia que  
 oda he olhos, não ſe contenta cõ  
 er informada ſõmente, ſenaõ com  
 er. 128. Nenhũa couſa pôde hu-  
 milhar a Fé, ſenaõ a viſta. 182. Ha  
 mentiras que ſe vem. 203. Nas Fe-  
 tas dos Santos ha de pregarſe com  
 os olhos no Ceo, na terra, & no

Evangelho. 251. Ainda depois de  
 ſe dizer o que ſe vio, ſe mente. 309.  
 Até de dia mentem os olhos. *Ibid.*  
 Nam baſta qualquer luz pera ſe  
 não enganarem os olhos. 310.  
 Qualquer leve impedimento na  
 viſta faz eſcurecer a n' ayoſ verda-  
 de. 311. De que cruſas ſe affom-  
 brou Jaco b, quando vio a myſterio-  
 ſa eſcada do Ceo à terra. 325.  
 Oração. Qual he o peccado pelo  
 qual ſe não deve de orar como in-  
 capaz de remedio, & de perdaõ.  
 34. Admiravel modo de orar de S.  
 Simeõ Eſtelita. 158.  
 Ovelhas. Porque razão encomendou  
 Chriſto a São Pedro duas vezes os  
 cordeiros, & huma ſõ vez as ove-  
 lhas. 129. O que ſõ apaſcenta, &  
 não defende as ſuas ovelhas, não  
 he Paſtor, he Mercenario. 524  
 ate 527.  
 Ouvidos. Quanto prejuizo correm as  
 palavras deſde a boca até os ouvi-  
 dos. 302. E o meſmo ſuccede quã-  
 do os he mens cuvem com os co-  
 rraçoens. 303. Cada hum ouve cõ-  
 forme o ſeu corraçoõ. 304. Se o co-  
 rraçoõ he ſanto, tudo o que entra  
 pelo ouvido he ſanto; & ſe o co-  
 rraçoõ he de Diabo, tudo o que en-  
 tra pelos ouvidos he diabolico. *Ib.*  
 Até nas palavras ſahidas da boca  
 de Chriſto, ſe veriſicon iſto. 305.  
 Muitas vezes entraõ pelos ouvidos  
 duas verdades, & ſae pela boca l'ũa  
 mentira. 306. Bem ſe pôde dizer o  
 que ſe ouvio, & ouvir o que ſe diſ-  
 ſe, & com tudo iſto mentirſe. 308.

## P

*Paga.* **N** Os fomos os que avalliamos os nossos serviços, que fazemos, para elle no los paga. 484.

*Pays.* Em que sentido se ha de ter odio aos pays. 92. Não se encontra o preceito de amar os pays, com o conselho de os aborrecer. 93. O Eterno Padre por amor dos homẽs, tirou as culpas dos homẽs para as pôr em seu Filho. 361. & 362. E para assentar ao homem na cadeira da Gloria, deu a beber o Calix ao Filho. 363. & 364. O Amor do Eterno Padre em sacrificar seu Filho, não teve nada de temor. 366. Parece, q̃ o Eterno Padre, dos homẽs era Pay, & de seu Filho não. 367. Caso admiravel do amor de hum pay a seu filho. 368. Onde se vio hũa representaçõ da sentença do Eterno Padre, em que disse: Morra meu Filho, para que o homem viva. 369. Em certa maneira, poderá haver ciumes em Deus, os poderia ter seu Filho à vista do muito, que seu Pay amou aos homẽs. 370. & 371. Como se pôde dizer, que parece que Christo fez mais estimaçõ dos pès dos homẽs, que das dadas de seu Eterno Padre. 376. & 377. Para q̃ o Amor do Padre prevalecesse em Christo ao Amor dos homẽs, não só empenhou o Padre as razões, & os poderes, mas sobornou o mesmo Amor. 383.

*Palavra.* Como cura a Confissãõ com

palavras. 21. Não só havemos de levar à Confissãõ as palavras, para a Confissãõ ser Cõfissãõ, havemos de levãlas cõnosco, como ellas não haõ de levar cõnfigo. 23. Cõ tres palavras se vencem tres difficuldades medonhas, que combatem a vontade humana. 89. As palavras de aduladores sãõ redes, com que peccãõ para comer. 232. & 233. Que perigo correm as palavras desde a boca até os ouvidos. 302. Até nas palavras de Christo se experimentou este perigo. 304. Para se metter, não he necessario mudar, nem diminuir, nem acrescentar as palavras. 308.

*Palacio.* Os mayores inimigos dos Reys, vivem, & morãõ nos Palacios. 226. As guardas dos Palacios não pôdem evitar as entradas da lizonja. 228. Os Palacios só da verdade não sãõ abundantes. 229. Se vem a dous Senhores os q̃ servem aos Reys nos Palacios. 231. Quãto sãõ as Aranhas dos Palacios. 232. Os aduladores dos Palacios muitas vezes choraõ, o mesmo que lothãõ. 235. Como desculpaõ os Palacianos os delictos dos Reys. 238. 239. He o Palacio a santificaçãõ dos Reys. 241. & 242.

*Paraíso.* O Amor desta vida he humo morte, pela qual nunca se vae paraíso. 102. Se o Amor tiver paraíso, como havia elle de ser? Como pelo Amor podemos ter paraíso aqui, outro no Ceo. 103. Porque abriu Christo a porta do paraíso ao Ladrão; & a não matou



deu abrir por S. Pedro que tinha as chaves do Ceo. 121.

*Flor.* Qual he a obrigação do bom Pastor. 524 até 527.

*Peccado.* O mayor mal de todos os males he o peccado. 1. O peccado futuro he o peyor, & o mais perigoso mal. *Ibid.* Que motivos batavao para não peccar mais, nem ter peccado já mais. 3. 4. A causa porque he ordinario nos homens o peccar. 4. São quatro os motivos que facilitão ao peccado. 5. Pêlameço de David para tirar os peccados do mundo. *Ibid.* O que dizê os homens, quando confiados na dilacão do castigo se animão a cõtinuar no primeiro. 7. Porq̃ peccou Adam, tendo lhe Deos continuado a morte se peccasse. *Ibid.* Porque se animão os homens a peccar depois de ter peccado. 8. Deos no cabo pouxa pelo capital do peccado, & mais pelos redditos. *Ibid.* Como se enganao os homens com a paciencia, & sofrimento de Deos. *Ibid.* Quando concebe, & pare o peccador o peccado. pag. 15. E de q̃ maneira primeiro concebe a dor do peccado, & depois o pare. 16. Como cura dos peccados a Confissãõ com palavras. 21. Efficaz meyo para ninguem se atrever a peccar mais. 26. até 40. Tê Deos determinado certa medida aos peccados de cada hum. 27. E não só a cada Cidade, ou Reyno, mas tambem, & mais para se temer aos peccados de cada hum. 31. Tanto que se enche esta medida com o ultimo peccado, segue-se sem remedio a con-

denaçãõ. *Ibid.* Não he alheya da Justia Divina esta medida decretada aos peccados de cada hum. 32. Nê tambem que a medida dos peccados seja mayor para huns, que para outros. 33. O peccado, que acaba de encher esta medida, he peccado sem remedio, & sem perdãõ. 36. Muitas vezes os homens acabaõ a vida, q̃ havia de ser mayor, só por q̃ acabaõ de encher o numero dos peccados. 38. Os condenados, que ainda são vivos, não se poderaõ desfatar do ultimo peccado, que os ha de condenar. 40. Os peccados já perdoados, tambem entraõ na conta para encher a medida. 41. O peccado mortal, que for menos grave que outros, tambem pôde ser o ultimo para a medida dos peccados se encher. 42. Cõ que sentido não peccaõ os que fallando da Gloria, mentem. 186. Cada peccado, que cometemos, he hum peccado, & duas offensas. 207. Como disculpaõ os Palacianos os peccados dos Reys. 238. & 239.

*Pedra.* Amores da pedra Iman com o ferro. 86. De que pedras preciosas vio S. Joã Evangelista fabricados os fundamêtos da Cidade da Gloria. 191. Como he evidente, que no Ceo não ha ouro, nem pedras preciosas. 193.

*Perigo.* Muitas vezes os remedios naufragados podem socorrer perigos. 249. Está muito seguro tudo o que se arrisca pela charidade. 274. & 275. Huma coufa he entrar no perigo amando o perigo & outra coufa he entrar nelle amãdo

Rr a Deus,

a Deos. 276. Meter nos perigos por amor de Deos, he livrar delles. 278. & 279. Os perigos tomados por charidade, são remedios. 280. De muitos perigos nos livrao as faltas de riquezas. 401. 402. 403. Quam grande perigo ha no mandar homens. 481.

*Porta.* De que maneira a Confissão abre huma porta, & fecha outra. 22 Porque abriu Christo a porta do Paraiso ao Ladrão, & não a mandou abrir por S. Pedro, que tinha as chaves do Ceo. 121.

*Perseguição.* Ha inimigos que perseguê, & inimigos que adulaõ. 227. Mais se ha de temer a lizonja do adulator, que todas as armas do perseguidor. 228. Como nasceu Christo com estrella de perseguido em todo o mundo. 504. & 503.

*Perdaõ.* Parece que Deos se multiplica em sua misericordia para perdoar peccados. 10. Porque razao não devem os homens acrescentar os peccados, confiados no perdaõ. 12. O ultimo peccado de cada hum de nós, he peccado sem remedio, & sem perdaõ. 34. O peccado já perdoado, tambem se deve temer. 41. O que merecem aquelles, que perdoão a seus inimigos. 216. 217. & 218. O preceito de perdoar injurias ainda obriga mais agora, do q̄ em outros tempos. 220.

*Perda.* As obras, que se não defendê por quem as fez, perdemse. 523. até. 527.

*Prêgador.* Que fructo fez a prêgação de Jonas em Ninive: & porq̄ 250.

Qual deve ser a graça com que os Prêgadores são cbrigados a prêgar. 251. Com os olhos no Ceo na terra, & no Evangelho, devem prêgar os Prêgadores nas Festas dos Santos. *Ibid.* & 252. Com os Prêgadores os Prêgadores Missionarios. 509. até 520. Porq̄ razao lãção fóra de algũas terras os Prêgadores do Evangelho. 534. Com os Prêgadores Missionarios haõ o querer dizer a verdade, & sabelo dizer. 542. até 544.

*Premio.* Como tem certo o premio aquelles que perdoão a seus inimigos. 218.

*Presença.* A presença para ser presença, ha de ter algũa cousa de ausencia. 66. Que differença achamos S. Paulo de estar Christo nelle, e elle com Christo. 74.

*Preceitos.* Tres preceitos encontrados com que a vontade se vé combatida. 88. Como a Ley de Deo facilita os remedios destes preceitos. 89. A cõsideração de ser Deo que nos manda amar aos inimigos, nos obriga a guardar este preceito. 215.

*Providência.* A Providência Divina governa os subditos por meyo dos superiores, & os superiores per si mesmo 108. Parece q̄ faltou a providência de Christo em livrar a S. Pedro das cadeas de Herodes, e não das Nero. 112. Mas não foy assim. 113. Os effectos da providencia não haõ de medir pela diversidade dos meynos, senão pela unidade dos fins. 113. As mesmas Cadeas de S.

tro provaõ a unidade da providência de Christo, & de S. Pedro. 116. Difiinição da providencia. 117. O Reino da Providencia Divina he pela minha vontade conteguir a sua. 119. Da pouca providencia de São Pedro em sua casa, se prova a sua grande providencia para cõ a Igreja. 124. Como ha de ser a providencia universal, à initação de S. Pedro. 125. A verdadeira providencia não se contenta com mandar, senão com hir. 128. A providencia de S. Pedro não acabou com a sua morte: & como. 130. & 131. Muitas vezes o que parece acaso, he Providencia Divina. 248. *Proposito.* O proposito da emenda facilita aos homés a multiplicar peccados. 15. Os propositos de não peccar, ainda feitos em graça, são pouco seguros, & os que se fazem peccando, nenhũa firmeza tem. 19. *prudencia* Como foraõ necias as cinco Virgens prudentes do Evangelho, & como foraõ prudentes as cinco necias. 252. até 254. Em que mais se mostrãõ necias as prudentes. 264. *pureza.* Quaes foraõ os Santos, que mais padecêrãõ pela virtude da pureza. 157. Que fizeraõ as Santas Virgês em defença da pureza. 163. Dous casos mais singulares desta materia. 166. Havendo pureza de coração, ou fahem, ou sobejem todas as mais cousas, basta para ser Santo. 170.

**Q**uaresma. **P**ela Quaresma fomos chamados a Juizo sacramental. 2. Como se pôde chamar o Domingo das mentiras, o segundo Domingo da Quaresma. 180.

**R**egra. **Q**ual he a regra certa para se conhecer o verdadeiro sentido de qualquer Texto. 182.

*Reys.* Que Reys ouve Santos. 170. Que Santos ouve nos Palacios dos Reys. 171. Parece q os Reys não são obrigados a amar a seus inimigos. 211. até 214. Porém he certo que os Reys são obrigados a esse Amor. 215. até 220. Quaes são os inimigos dos Reys. 221. Não deixãõ os Reys de serê Christãos por fazerê guerra a seus inimigos. 222. Como Tertulliano erradamente sentio o contrario. *Ibid.* Qual he a mayor authoridade dos Reys. 223. Como devem os Reys não só peccar, mas fazer bem a seus inimigos. 224. Cuidãrãõ os Sabios antigos, que em diferentes partes do mundo reynavaõ diferentes Deuses. 294. Quasi todos, proprios inimigos dos Reys. 225. até 243. A quantos Reys destruyo a lizonja. 229. Servem a dous Senhores os que servem aos Reys nos Palacios. 231. Os aduladores dos Palacios, servem aos Reys, porq lhes serve o serviloz. 232. A mayor fatalidade dos Reys, he nascerem

no fignão de serem louvados. 233. E que louvaõ estes aduladores aos Reys, naõ havendo de os louvar. 234. Os aduladores dos Reys são comparados ao Camelaõ, à somba, ao espelho, & ao ecco, & aos quatro animaes do Apocalypse, q̄ cercavaõ o Trono do Cordeiro. 236 & 237. He desgraça dos Reys naõ haver quẽ lhes diga as verdades. 238. Como desculpaõ os aduladores os peccados dos Reys. *Ib.* Nos Palacios são os Reys santificados. 241. & 242. Como se haõ de haver os Reys com os aduladores. 246. Nas Cortes naõ basta só ter a graça dos Principes supremos, senaõ tambem a dos que lhe assistem. 464. Os çapatos dos Reys naõ pizaõ, coroaõ. 465. Porque meyo se conservaõ os homẽs nas Cortes dos Reys. 466. & 467. De que maneira os Reys se desvellaõ, quando os vassallos dormẽ. 473. Os Reys pòdem dispir a purpura, mas naõ os cuidados. 474. O defcanço dos Reys ainda he a servidaõ mais triste. 475. Quam pouco mōtaõ os serviços feitos aos Reys, por serẽ mortaes. 489. Porque razaõ foraõ só tres os Reys, que vieraõ adorar a Christo em Belem. 493. Como devia ser temido o nome de Rey. 540.

*Remedio.* A facilidade do remedio facilita ao peccado. 5. 20. He muito grande, & facil o remedio da Confissãõ. 20. Tanto que se enche a medida destinada de nossos peccados, segue-se sem remedio a condemnaçãõ. 31. Qual he o peccado in-

capaz de remedio; & de perdaõ. 34. A Ley de Deos se difficulta o preceitos, facilita os remedios. 89. Bem pòdem às vezes os remedios naufragados, socorrer perigos. 249. Muitas vezes està o nosso remedio em naõ termos o successo que peritendemos. 400.

*Razaõ.* Tem o Demonio sua razaõ de estado nos seus contratos com o homens. 17.

*Republica.* Os que governaõ, naõ são o espelho da Republica: a Republica he o espelho dos que governaõ. 541.

*Risco.* Estã muito seguro o que se arrisca pela charidade. 274. & 275. Os riscos tomados por charidade são remedios. 280. Nenhum risco corre quem pela charidade se arrisca. 281.

*Riqueza.* As riquezas das Minas trazem consigo muitos trabalhos o mesticos. 404. Muitas vezes as de Deos para castigo. 405. Quam intoleraveis são os trabalhos, cõ que se buscaõ as riquezas das minas. 407. 408. & 409. Quaes são as verdadeiras riquezas das minas, q̄ se devem buscar. 422. & 423.

*Sacramento.*

**S** Immenfidade de Deos tem circumferencia no Sacramento. 71. Por q̄ razaõ tem a Hostia consagrada figura circular, & naõ quadrada. 71. & 72. Mayores finezas foraõ a do Amor de Christo, quando se sacramentou, do q̄ as do dia da Encarnaçãõ. 223. até 337. & 341. até

5. No Sacramento facilitou os o impossivel de estarem dous pos no mesmo lugar. 343. Que ferença vay do Amor de Deos carnado ao de Deos sacramenta- 346. Assim como Deos na Encarnação foy Emmanuel, assim também foy Emmanuel no Sacramento. 348. Tambem Deos no Sacramento carnou, & em todos os homens. 349. até 353. Antes de encarnar Christo, & Deos criar o mundo por haver Sacramento: & como. 353. Mais finezas foram as do Amor de Christo no dia em q se sacramentou, do q as do dia da Encarnação. 353. & ulterius. Do Mysterio da Eucharistia, mayor amor se argue quanto Sacramento, que em tanto sacrificio. 378. A uniaõ de Christo com os homens no Sacramento excede a uniaõ. que Christo tem com seu Eterno Padre, naõ em tanto uniaõ, senaõ em quanto amorosa. 379. E o Sacramento em tanto sacrificio, tambem se ordeou á mayor uniaõ de Christo com os homens, que com o Padre. 380. No dia em q Christo se sacramentou, o primeiro do amor dos homens naõ tem exêplo. 390. & 391. *maõ. Que minas foram as q des-cribriõ Salamaõ. 418. E de quanto amor foram as riquezas de Salamaõ. 419.*  
*ação. Naõ basta haver Cõfessor na hora da morte para haver salvação. 25. Por beneficios de odio perito, se consegue a salvação. 98. Mas deviam ser nossas obras, ainda q foubessemos a certeza de nossa*

salvação. 258. Nas materias da salvação o que basta, naõ basta, só o que sobeja he bastante 264. até 268. Quando faz a Alma o que basta, & quando faz o que sobeja para se salvar. 268. até 272. Como somos nefcios na materia de nossa salvação, 287. até 289. Qual he a salvação, de que goza só a mulher, & naõ o homem pela salvação de seus filhos. 468. Mais pena a importância da salvação de huma Alma, do que hum Imperio. 547.

*Santos. Que Santos são os q se celebrão na Festa de Todos os Santos. 135. Os homẽs sãõ devem dezejar ser Santos. 139. Todos os Santos que ha, se reduzem a quatro Classes. 137. Mais se qualifica o ser divino pelo attributo de São, que pelo de verdadeiro. 139. Todos os bẽs q Deos tem, he fazer Santos. 140. O Filho de Deos naõ veyo ao mundo ensinar aos homens, mais que a ser Santos. 142. Quão grande significação he na terceira Pessoa da Santissima Trindade o nome de Santo. 144. Como nos diz a Virgẽ Maria quão grãde coufa he sermos Santos. 145. 146. & 147. Como nos dizem os Anjos o mesmo com seu exemplo. 148. Huma só coufa he necessaria para sermos Santos. 151. até 167. Para chegar a ser Santo, he necessario muito menos do que fizeram os Santos para o serem. 168. Que Reys houve Santos. 170. E que Dignidades Ecclesiasticas tambem o foram. *Ibid.* Em todo o estado pôde haver Santos. 171. até 173. Porque faltaõ os Santos, por isso falta quem*

quem diga as verdades aos Reys. 239. Tãbem entre os Genticos havia Santos por seu modo. 240. Nos Palacios faõ os Reys santificados. 241. & 242.

*Semelhança.* Semelhanças da Gloria que mais desluzem, do que a daõ a conhecer. 197. até 200. Só depois de a gozarmos no Ceo, saberemos quam pouca semelhança tem de verdade quanto della cá se dizia, & se ouvia. 205.

*Servo.* Quando se fez Deos servo. 329. De que maneira os servos dominaõ a seus Senhores 466. Mayor servi daõ he mandar homens, que servilos. 469. Quem serve, tem alguma hora de descanso; & que manda, nenhũa. 471. Que pago costumaõ dar os homens a quem bem os serve. 475. até 477. Que grande pẽçaõ he a do servir. 481.

*Sol.* He engano dizer, que o Sol se poem. 472.

*Soldado.* Que Soldados ouve Santos. 172.

*Sono.* Que imprudencia he dormir, quando se deve vigiar. 252. até 254. De q̃ maneira os Reys vigiaõ, quando os vassallos dormem. 472.

*Sofrimento.* Dã occasiã o sofrimento de Deos a que se perca o temor de sua justiça. 7. O sofrimẽto de Deos quanto mais dilata o castigo, menos perdoa. 9.

*Superiores.* A Providencia Divina governa os subditos, por meyo dos superiores, & aos superiores immediatamẽte por si mesmo. 108. Que serve tem algũa hora de descanso: & quem manda, nenhũa. 471.

Como deve velar quem governa. 473. O descanso dos que tem encargo de mandar, ainda he se daõ mais triste. 474. & 475. Que he o pago dos homens a que bõ soube mandar. 478 até 481. Quando começou o mandar, entã se meçãraõ a encurtar as vidas. 481.

*Superfluidade.* O Amor acreditaõ superfluo. 271. Quem ama muito, não se contenta com o basta, nem com o que sobeja, ai sobe mais a fima a fazer o superfluo. 272.

T

*Templo.* Quem pecca em contra daõ do Téplo de Deos, não lhe val o Templo. 24.

*Temor.* Toda a santidade deste mundo bem considerado, he temor. 266 até 261. Quando quizermos temer a Deos, havemos de lhe tirar he attributo. 263.

*Terra.* Quando se perde a terra desta, entã se navega felizmente. Desde a terra até o Ceo se ve aprazada a morte da mayor belleza. 472. Que admiraveis transformações de fermofura faz a morte debaõ da terra. 452. Qual he o Ceo, & Terra Nova, que Deos disse por Ifaias, que havia de criar. 497. 499.

*Tyrannia.* Não se distingue o tyranno do adulador. 242. & 243. Os vassallos de Herodes foraõ mais tyrannos do que elle: & porque. 244.

*Tormento.* Amar, & não ser amado, o mayor tormento, ser amado, & não amar, he a mayor injustiça. 8.

mentos que padecerão muitos  
 tos Martyres 153, & 154.

figuração. Quaes foraõ as causas  
 que Christo se transfigurou tão  
 brioso. 180. Os resplandores da  
 transfiguração de Christo, tãbem  
 anarãõ da sua Divindade. 118.  
*nal.* De que maneira fomos pre-  
 ados no Tribunal da Cõfissão. 2.  
*ade.* Porque se chama só a ter-  
 ra Pessoa da Santissima Trinda-  
 do Espirito São. 144. Quam grãde  
 significação he na terceira Pessoa  
 da Santissima Trindade o nome de  
 Santo. 144. **V**

**O** Que disse Zeufis famoso  
 Pintor a hum seu disci-  
 pulo, quando lhe apresentou hum  
 retrato de Venus. 194.

*ade.* Mais se qualifica o ser divi-  
 no pelo attributo de Santo, do que  
 pelo de verdadeiro. 139. Qual he a  
 regra certa para se conhecer o ver-  
 dadeiro sentido de qualquer Tex-  
 to. 182. Em q se distingue a men-  
 tra da verdade. 186. Que mentis-  
 seguirãõ os Mathematicos no  
 Ceo, para nos ensinarem a verdade  
 o que nelle passa. 199. & 200.  
 Usar algũa vez da mêtira para per-  
 suadir a verdade, não encontra a  
 verdadeira reitorica. 202. & 203.  
 Sõ depois de estarmos no Ceo,  
 saberemos quam pouca seme-  
 hança tem de verdade o que delle  
 se diz, & se ouve. 205. Os Pa-  
 cios sã de verdade não sã abun-  
 dantes. 229. He desgraça dos Reys  
 não haver quem lhes diga as ver-  
 dades. 238. De duas verdades par-

tidas fazem os mentirosos hũa nã  
 tira inteira. 317. Qualquer leve  
 impedimento na vista, fez escuri-  
 cer a mais clara verdade. 211.  
 Quem ha de dizer a verdade, deve  
 saber dizela. 542. até 544.

*Vicios.* Acomodação de diversos vi-  
 cios, conforme hũa fingida repa-  
 ração dos membros do Demonio.  
 294. Vicios da lingua applicados  
 ao Maranhão. 295. Assim como o  
 Ceo com hũa virtude influe outra  
 virtude, assim o clima com hum vi-  
 cio influe outro vicio. 297.

*Vida.* Deos pôde limitar a vida certõ  
 numero de dias sem injuria do ho-  
 mem. 38. Muitas vezes os homẽs,  
 q ainda haviãõ de viver mais an-  
 nos, só porque encherãõ cá o nu-  
 mero dos peccados, acabaõ os dias  
 da vida sem remedio. 38. E quando  
 se não acaba a vida nos homẽs cõ  
 o ultimo peccado, que lhe ench e a  
 medida, nem por isso ficaõ, de me-  
 lhor condição. *1b.* Hum só dia de  
 ardente, & ardõso dezejo he igual  
 a todo o tẽpo da vida humana. 62.  
 Os ruins amigos tiraõ a vida da  
 Alma muitas vezes. 94. A vida e-  
 terna deq õde do odio perfeito. 98.  
 O amor desta vida he hũa morte,  
 pela qual sempre se vay ao Inferno.  
 102. Porque quiz Christo na Cruz  
 chamar-se Rey de Judẽos, sendo q  
 esses lhe tiraraõ a vida. 220. Para  
 a salvação não basta a boa morte,  
 sem a boa vida. 265. Falta a erça  
 de Deos na morte, por que faltãõ  
 as boas obras na vida. 267. Os ca-  
 sos da vida, & da morte sã os  
 mayores motivos de admiraçõ. 437.  
 Qual

Qual he o mayor inimigo da vida. 444. Quanto se corta a vida, tanto se acrescenta à Eternidade 451. Mais inimigos tem a fermosura, q̃ a vida. 453. Começarão-se a encurtar as vidas, quãdo começou o servir, & o mandar. 481. Ainda que não demos a vida por Deos, dânos por ella a eterna, se a empregamos em seu serviço. 487.

*Vingança.* Como desagrada a Deos a vingança dos inimigos. 218. & 219.

*Virgem.* No ventre virginal de Maria tem circunferencia a immensidade de Deos. 49. até 54. Que influencia recebem os que nascê debaixo do signo da Virgem. 55. Que extremos fizeram as Santas Virgês por serem Santas. 159. até 162. E o que fizeram por defenderê a pureza. 163. até 166. Santas Virgês conservárao a pureza no estado do matrimonio. 166. Como foraõ nescias as cinco Virgens prudentes do Evangelho, & como foraõ prudentes as cinco nescias. 252. até 254. Em que mais se mostraram nescias as prudentes. 264. 274. & 284. Quantas vezes foraõ as nescias mais prudentes do que nós somos. 287. até 289.

*União.* O Amor essencialmente he união. 84. A união para ser perfeita, ha de ser reciproca. 343. &

344. A união de Christo cõ os mêm no Sacramêto, excede a união que Christo tem com seu Eterno Padre em quanto amorola. 379. O Sacramento em quanto sacrificio, tambem se ordenou à união de Christo com os homẽs que com o Padre. 380. Quanto importa a união dos homẽs com Deos. 388.

*Vontade.* Quaes são os dous mais derosos affectos da vontade. 76. Vontade de cada hum, he a ley vontade alheya. 85. Tres violências com que a vontade humana he tamente combatida. 88. Com dous vontades tuas paga o Divino castigo huma nossa. 103. O fino da Providencia Divina, he pela misericordia a vontade conseguir a sua. 119. Homens, a quem servimos, pôde pouco, & quer em menos: & Deos pôde tudo, & sempre quer. 486.

Z

*Zeusis.* O Que a conteceo a hum discipulo de Zeusis o famoso Pintor da Antiguidade. 119.

*Zelo.* Como tinha São Pedro zelo & providencia universal. 124. 125. Quanto zela Deos a nossa putação. 301.

*Zodiaco.* Christo do Zodiaco do Cõmõ governa a Igreja. 111.

LAVS DEO.



U. S. Census of Commerce and Manufactures 1892

Commerce and Manufactures of the United States in 1892

and the four Branches of the Manufacturing Industry

in view of the fact that the census of 1892 is the first  
which has been taken since the census of 1880, and  
which is the only one of the kind which has been  
taken in the forty years of our history. - 25 -



CA679

V6575

3-4

